



**AMIGO  
DE INFÂNCIA**

DONNA TARTT

  
COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

(DONNA TARTT)

# O amigo de infância

*Tradução*

Celso Nogueira



*Para Neal*

*O conhecimento mais tênue que pode ser obtido das coisas mais elevadas é mais desejável que o conhecimento mais garantido obtido das coisas menores.*

Santo Tomás de Aquino, *Summa theologiae* I, 1, 5 AD 1

*Senhoras e senhores, estou agora preso com uma algema que exigiu cinco anos de dedicação de um mecânico inglês. Não sei se me livrarei dela ou não, mas posso lhes garantir que farei o possível.*

Harry Houdini, Hipódromo de Londres,  
Dia de São Patrício, 1904

# Sumário

## Prólogo

1. A morte do gato
2. O pássaro-preto
3. O salão de bilhar
4. A Missão
5. As luvas vermelhas
6. O funeral
7. A torre

## Agradecimentos

## Prólogo

Durante o resto da vida Charlotte Cleve sentiria culpa pela morte do filho, pois decidira comemorar o Dia das Mães com um jantar às seis da tarde no lugar do almoço de meio-dia depois da igreja, como os Cleve costumavam fazer. Os mais velhos manifestaram sua contrariedade com a novidade; embora a princípio isso tivesse a ver com o medo da inovação, Charlotte sentia que deveria ter dado ouvidos à onda de resmungos, tratava-se de um augúrio sutil mas terrível, antecipando os fatos iminentes; um alerta que, não obstante seu caráter obscuro e difuso, talvez fosse o máximo que alguém poderia esperar receber nesta vida.

Apesar de os Cleve, quando se reuniam, adorarem repassar até os eventos mais singelos de sua história familiar — repetindo palavra por palavra, numa narrativa estilizada pontilhada de interrupções retóricas, os pedidos de casamento ocorridos havia uma centena de anos ou as últimas frases no leito de morte —, os eventos daquele terrível Dia das Mães nunca eram mencionados. A questão não era discutida nem mesmo nas conversas íntimas, quando duas pessoas faziam longas viagens de automóvel ou se encontravam na cozinha, atacadas pela insônia no meio da noite. Isso era incomum, pois graças a essas discussões familiares os Cleve encontravam sentido no mundo. Até os desastres mais cruéis e imprevisos — a morte de um dos priminhos de Charlotte em um incêndio; o acidente de caça no qual o tio de Charlotte falecera, quando ela ainda cursava o primário — eram constantemente recriados no seio da família. A voz suave da avó e o tom severo da mãe se fundiam

harmoniosamente com o barítono do avô e o tagarelar das tias, e os cacos ornamentais improvisados pelos solistas mais ousados, avidamente apropriados e ampliados pelo coro, eram sintetizados num esforço grupal até que todos chegavam a uma única canção; ela, então, era memorizada e entoada pela família inteira, sempre e tanto que erodia as recordações e acabava por tomar o lugar da verdade: o bombeiro revoltado, que fracassou em seu esforço de ressuscitar o corpo mirrado, ganhou lágrimas doces, solidárias; o cão de caça que passou várias semanas deprimido, sem entender a ausência do dono, assumiu o papel de Queenie nas lendas familiares, que, trespassada pela dor, percorria a casa sem parar à procura do dono querido e uivava a noite inteira no canil, inconsolável; ela latia alegre, dando as boas-vindas ao fantasma sempre que ele se aproximava do quintal, um fantasma que apenas a cadela era capaz de ver. “Os cachorros enxergam coisas invisíveis para nós”, entoava sempre Tat, tia de Charlotte, no momento oportuno da narrativa. Era meio mística e incluía por sua conta a parte do fantasma.

Robin, não: ah, o adorado Robs. Transcorridos mais de dez anos, sua morte continuava sendo uma agonia; ninguém se detinha nos detalhes; o horror não podia ser consertado nem alterado por nenhum dos recursos narrativos conhecidos pelos Cleve. E— como essa amnésia proposital impedira que a morte de Robin fosse traduzida no carinhoso vernáculo familiar ancestral, capaz de transformar os mistérios mais tenebrosos em formas suaves e compreensivas — a lembrança dos eventos daquele dia tinha um aspecto caótico, fragmentado, como reluzentes cacos de um espelho de pesadelo que flamejava com o perfume das glicínias, o estalar dos varais, um raio de sol na primavera, antes de a tormenta cair.

Por vezes tais lampejos vívidos da memória assemelhavam-se a fragmentos de um sonho ruim, como se nada daquilo tivesse acontecido. Entretanto, sob vários ângulos, parecia ser a única coisa real que ocorrera na vida de Charlotte.

A única narrativa que ela conseguiu impor ao conjunto desconexo de imagens era a do ritual, imutável desde sua infância: o ambiente das reuniões familiares. Mesmo isso, porém, pouco ajudava. Os procedimentos haviam sido desprezados naquele ano, as regras da casa descumpridas. Todos os indícios, olhando para trás agora, haviam insinuado o desastre. O jantar não se realizara na casa de seu avô, como de costume, mas na dela. Buquês de orquídeas asiáticas em vez das rosas habituais. Croquetes de frango — todos adoravam, Ida Rhew sabia fazê-los bem, os Cleve os degustavam nos jantares de aniversário e na véspera do Natal — jamais haviam sido servidos num Dia das Mães; nunca se comia nada, pelo que todos lembravam, exceto vagem, polenta e presunto.

Tarde primaveril, luminosa e tempestuosa; nuvens baixas, escuras e luz dourada, dentes-de-leão e lírios pontilhando o quintal. Ar denso, perfumado, a insinuar a chuva. Risos e conversas dentro de casa, a voz lamurienta de Libby, a tia velha de Charlotte, por um momento soou aguda e melancólica acima de todas: “Por que, Adelaide, eu nunca fiz nada disso, Adelaide, por que nunca fiz isso em minha vida?”. Todos os Cleve gostavam de provocar tia Libby. Solteirona, sentia medo de tudo, de cachorros e trovoadas e bolos de frutas feito com rum, de abelhas. De negros, policiais. Uma rajada de vento agitou as roupas no varal e achatou o mato alto no terreno baldio do outro lado da rua. A porta de tela se fechou ruidosamente. Robin correu para fora, gargalhando por causa de uma pergunta que sua mãe lhe fizera (De que lado fica a asa da xícara? Do lado de fora), descendo os degraus de dois em dois.

No mínimo, deveria haver alguém lá fora tomando conta do bebê. Harriet tinha menos de um ano na época, era uma criança de cabelo preto, quieta, pesada, que nunca chorava. Estava na calçada na frente da casa, dentro do berço portátil de balanço. A irmã Allison, de quatro anos, brincava calmamente com Weenie, o gato de Robin, nos degraus. Ao contrário de Robin, que na idade dela ria muito e falava sem parar com sua vozinha grave, rolando no chão de tanto gargalhar de suas próprias

tiradas, Allison era retraída e nervosa, e chorava quando alguém tentava ensinar-lhe o abc; a avó das crianças (que não tinha a menor paciência com quem se comportava assim), pouca atenção lhe dava.

Tia Tat estivera lá fora um pouco antes, brincando com o bebê. A própria Charlotte, indo e vindo entre a cozinha e a sala de jantar, pusera a cabeça para fora um par de vezes — mas não vigiava atentamente, pois Ida Rhew, a governanta (que resolvera adiantar o serviço e começar a lavar a roupa antes da segunda-feira), entrava e saía da casa para pendurar as peças no varal. Isso dera a Charlotte uma falsa sensação de segurança, pois normalmente ao lavar a roupa, às segundas, Ida ficava ao alcance de um chamado — fosse no quintal ou no telheiro dos fundos, onde ficava a máquina de lavar —, o que tornava perfeitamente seguro deixar os pequenos lá fora. Mas Ida estava muito atrapalhada naquele dia, fatalmente atrapalhada, tendo que atender visitas, cuidar do bebê e da comida no forno; além disso, estava de mau humor, porque normalmente ela ia para casa à uma aos domingos, e agora seu marido, Charley T., precisaria se virar sozinho no jantar, enquanto ela, Ida Rhew, perderia o culto na igreja. Ela insistira em levar o rádio para a cozinha, assim poderia pelo menos ouvir o programa gospel de Clarksdale. Circulava pela cozinha emburrada, de uniforme: vestido preto e avental branco. Deixara o volume do programa gospel no máximo de propósito, servia chá gelado em copos altos, enquanto a roupa no varal tremulava, contorcia-se e agitava os braços ao vento, desesperada com a chuva iminente.

A avó de Robin também saíra na varanda em algum momento; disso tinham certeza, pois tirara uma foto. Não havia muitos homens na família Cleve e as atividades mais árduas, como podar árvores, fazer consertos na casa, levar os velhos de carro ao supermercado ou à igreja, por exemplo, sobravam em geral para ela. Assumia tudo com muita disposição e com uma segurança destemida que assombrava as tímidas irmãs. Nenhuma delas sabia sequer dirigir um carro; tia Libby, coitadinha, sentia tanto medo de eletrodomésticos e aparelhos mecânicos de todos os tipos que

chorava só de pensar na possibilidade de acender o forno ou trocar uma lâmpada queimada. Embora a máquina fotográfica as atraísse, sentiam certo receio dela também, e admiravam a coragem da irmã em operar aquele instrumento masculino que precisava ser carregado e apontado como uma arma de fogo. “Vejam como Edith faz”, cochichavam, vendo-a enrolar o filme ou ajustar o foco com ar profissional. “Edith sabe fazer de tudo.”

A sabedoria familiar reconhecia que Edith, apesar de sua competência e iniciativa nos campos mais diversos, não era muito dotada para cuidar de crianças. Orgulhosa e impaciente, seus modos não estimulavam o aconchego; Charlotte, sua única filha, sempre procurava as tias (principalmente Libby) em busca de conforto, afeto e apoio. Embora Harriet, a caçulinha, ainda demonstrasse pouca predileção por alguém, Allison ficava apavorada com os esforços ríspidos da avó em arrancá-la de seu silêncio, e chorava quando a levavam para dormir na avó. Mas, ah, como a mãe de Charlotte amava Robin, e como ele retribuía esse amor intensamente... Ela — uma senhora ativa de meia-idade — brincava de bola com Robin no jardim, capturava cobras e aranhas no mato para que ele se divertisse; ensinava canções jocosas que aprendera com os soldados quando servira na Segunda Guerra Mundial como enfermeira:

*Conheci Peg, uma moça terna  
a quem só faltava uma perna*

Ela as entoava e ele a acompanhava com sua vozinha rouca, maviosa.

*EdieEdieEdieEdieEdie!* Até o pai e as irmãs a chamavam de Edith, mas ele a apelidara de Edie quando ainda nem falava direito e corria impulsivamente pelo gramado, gritando animado. Certa feita, quando Robin tinha uns quatro anos, ele a chamara de *minha velha*, a sério. “Coitadinha da minha velha”, dissera, compenetrado como uma coruja, acariciando a testa dela com a mãozinha sardenta. Charlotte jamais

sonharia em tratar com tamanha descontração sua mãe ferina e ríspida, muito menos quando ela estava de cama por causa de uma dor de cabeça. Mas Edie se divertira muito com o incidente, que se tornou uma das histórias favoritas dela. Seu cabelo já estava grisalho na época em que ele nasceu, mas na juventude fora tão ruivo acobreado quanto o do próprio Robin: *Para meu Robin ruivo* ou *Meu Robinho ruivo*, escrevia nas etiquetas dos presentes de aniversário e Natal. *Com carinho, de sua velha.*

*EdieEdieEdieEdieEdie!* Ele tinha nove anos e o chamado já se consagrara na vida familiar, era uma saudação tradicional, uma espécie de canção de amor dele para ela; e ele cruzou o jardim como sempre, quando ela surgiu no terraço na derradeira tarde em que o viu.

“Venha dar um beijo na sua velha”, ordenou. Embora ele normalmente gostasse que tirassem fotos suas, de vez em quando mostrava-se mais arredo — saía um borrão de cabeça avermelhada, com cotovelos e joelhos em desabalada carreira —, e quando viu a câmera pendurada no pescoço de Edie, ele fugiu soluçando de tanto rir.

“Volte aqui, seu moleque”, ela chamou, e num momento de súbita inspiração ergueu a máquina e o fotografou. Foi a última imagem que guardou dele. Fora de foco. Um trecho plano do gramado em ligeira diagonal, com a cerca branca e a touceira de gardênia reluzente no fundo, na beirada do terraço. Céu nublado, ar pesado de chuva, tons inquietos de ardósia e azul-escuro, nuvens densas alternadas com raios de sol. No canto da foto, a figura borrada de Robin, de costas para quem vê, correndo pelo gramado úmido ao encontro da morte, que o aguardava — quase visível — no canto escuro sob a nissa negra.

Dias depois, quando estava deitada no quarto fechado, um pensamento perpassou a mente de Charlotte, entorpecida pelas pílulas. Quando Robin ia a algum lugar — a escola, a casa de um amigo, passar a tarde com Edie —, sempre fora importante para ele se despedir, com seu jeito terno e

geralmente rebuscado, cerimonioso. Ela guardava uma centena de lembranças dos recadinhos que ele deixava, dos beijos atirados através da janela, da mãozinha acenando pelo vidro traseiro dos carros ao partir: *tchau! tchau!* Quando ele era bebê, aprendera a dizer *tchau* muito antes de *oi*; era seu modo de saudar as pessoas, bem como de se despedir. Soara como uma crueldade adicional não ter havido nem um *tchau* daquela última vez. Estava tão ocupada que não se recordava claramente das derradeiras palavras trocadas com Robin nem de quando o vira pela última vez, e o que mais precisava era de algo concreto, de uma lembrança final, ínfima que fosse, que segurasse a mão dela e a acompanhasse — cega agora, cambaleante — pelo repentino deserto da existência, que se estendia à sua frente daquele momento até o fim da vida. Meio louca de dor e de insônia, ela falava com Libby sem parar (coube a tia Libby ajudá-la a superar aquele período, Libby com suas roupas frescas e gelatinas, Libby com sua disposição para passar noites e mais noites em claro, Libby que nunca saía do seu lado, Libby que a salvou); pois nem o marido nem ninguém foi capaz de lhe oferecer o menor consolo; e embora sua mãe (que aos de fora parecia estar “aceitando bem as coisas”) não tivesse modificado os hábitos nem a aparência, continuando a executar bravamente as tarefas cotidianas, Edie nunca mais seria a mesma. O sofrimento a empedernira. Era terrível vê-la daquele jeito. “Saia dessa cama, Charlotte”, rosnava, abrindo as janelas; “Tome um café, escove o cabelo, você não pode ficar largada aí para sempre”; e mesmo Libby, doce e inocente, tremia com a frieza penetrante dos olhos de Edie quando ela virava o rosto da janela para observar a filha prostrada no quarto escuro: feroz, impiedosa como Arcturo.

“A vida continua.” Era uma das frases favoritas de Edie. Pura mentira. Naqueles dias Charlotte ainda acordava drogada e delirante para arrumar o filho morto para a escola, levantava-se da cama cinco ou seis vezes por noite chamando seu nome. E algumas vezes, por um momento, acreditava que Robin estava no andar de cima e que tudo não passara de um

pesadelo. Mas quando seus olhos se acostumavam à escuridão e ela via os restos de seu desespero (lenços de papel, frascos de remédio, pétalas de flores mortas), voltava a chorar — soluçava até sentir as costelas doloridas —, pois Robin não estava lá em cima nem em nenhum lugar do qual pudesse retornar.

Ele prendia cartas de baralho nos raios da bicicleta. Embora ela não tivesse se dado conta disso quando ele ainda vivia, graças ao ruído controlava as idas e vindas do menino. Alguma criança da vizinhança tinha uma bicicleta que fazia um barulho igualzinho, e sempre que o ouvia ao longe seu coração disparava por um momento sublime, inacreditável, maravilhosamente cruel.

Teria ele chamado o nome dela? Pensar nos últimos momentos dele arrasava sua alma, no entanto não conseguia pensar em outra coisa. Quanto tempo? Sofrera muito? Passava o dia inteiro no quarto, olhando para o teto, até que as sombras cobriam tudo e ela continuava acordada, fitando o mostrador luminoso do relógio na escuridão.

“Não ajuda em nada você passar o dia na cama chorando”, Edie dizia, ríspida. “Seria muito melhor se vestisse uma roupa bonita, arrumasse o cabelo e saísse um pouco.”

Nos sonhos ele se mostrava evasivo e distante, ocultando algo. Ela ansiava por uma palavra dele, mas ele nunca a olhava nos olhos, nunca dizia nada. Nos piores dias, Libby sussurrava algo para ela repetidamente, algo que era incapaz de compreender. *Ele não foi feito para ficar conosco, querida. Não podíamos ficar com ele. Tivemos sorte de poder tê-lo conosco por algum tempo.*

E foi essa a idéia que veio à mente de Charlotte, através da névoa dos remédios para dormir, naquela manhã abafada, no quarto fechado. Soube que Libby lhe dissera a verdade. E que, por algum motivo misterioso, desde que era apenas um bebê Robin passara a vida inteira tentando se despedir dela.

\* \* \*

Edie foi a última pessoa a vê-lo. Ninguém tinha certeza de nada depois disso. Enquanto a família conversava na sala — silêncios maiores agora, todos olhando em volta ansiosos, esperando o sinal para sentar à mesa —, Charlotte estava de quatro no chão, revirando o bufê da sala de jantar em busca dos guardanapos de linho (ao entrar, vira a mesa posta com guardanapos comuns de algodão; Ida — tipicamente — alegou jamais ter ouvido falar nos outros, disse que os guardanapos de piquenique tinham sido os únicos que encontrara). Charlotte tinha acabado de achar os guardanapos de festa, e estava a ponto de chamar Ida (*Está vendo? Exatamente onde eu disse que estariam*) quando pressentiu algo errado.

O bebê. Pensou primeiro na menininha, instintivamente. Levantou-se num pulo, deixou os guardanapos caídos no tapete e correu para o terraço.

Mas Harriet estava bem. Presa no berço de balanço, encarou a mãe com seus olhos grandes e sérios. Allison, sentada na calçada, chupava o dedo. Movia-se para a frente e para trás, zumbindo feito uma vespa — aparentemente tranqüila, mas Charlotte percebeu que havia chorado.

O que foi?, Charlotte perguntou. Você se machucou?

Mas Allison, sem tirar o polegar da boca, fez que não com a cabeça.

Com o canto do olho, Charlotte percebeu um leve movimento na ponta do quintal — Robin? Mas quando olhou para lá não avistou ninguém.

Tem certeza?, disse a Allison. O gato não arranhou você?

Allison fez que não. Charlotte ajoelhou-se e a examinou rapidamente; nada de galos ou arranhões. O gato sumira.

Ainda inquieta, Charlotte beijou a testa de Allison e a levou para dentro de casa (“Por que não vai ver o que Ida está fazendo na cozinha, meu bem?”) e saiu novamente para pegar o bebê. Já sentira lampejos de pânico antes, em geral no meio da noite. Tais devaneios, freqüentes quando um dos filhos tinha menos de seis meses, faziam com que pulasse da cama e

trocasse o sono profundo pela vigília ao lado do berço. Mas Allison não se machucara e o bebê seguia bem... Ela entrou na sala e entregou Harriet aos cuidados da tia Adelaide, recolheu os guardanapos sobre o tapete e — ainda meio sonâmbula, sem entender por quê — seguiu na direção da cozinha para pegar o pote de pêssegos do bebê.

O marido, Dix, avisara que não chegaria a tempo de jantar. Passaria o dia caçando patos. Melhor assim. Quando Dix não estava no banco, saía para caçar ou visitar a mãe. Ela abriu as portas da cozinha e arrastou uma banquetta para subir e apanhar os pêssegos do bebê no alto do armário. Ida Rhew, abaixada, tirava uma assadeira de pãezinhos do forno. *Deus nunca muda.*

O programa religioso. Era uma coisa que atormentava Charlotte, embora ela nunca tivesse comentado isso com ninguém. Se Ida não tivesse ligado o rádio tão alto, talvez alguém pudesse ter ouvido ruídos estranhos no quintal, pudesse ter percebido que algo estava errado. Contudo (virando a cabeça na cama, tentando incessantemente repassar os eventos até uma provável Causa Inicial), fora ela quem obrigara Ida a trabalhar num domingo, apesar de sua crença. *Respeitarás os dias santos.* Jeová, no Velho Testamento, fulminava as pessoas por muito menos.

Os pães estão quase prontos, Ida Rhew disse, abaixando-se para checar o forno novamente.

Ida, pode deixar por minha conta. Vai chover daqui a pouco. Por que não tira as roupas do varal e chama Robin para jantar?

Quando Ida — emburrada e tensa — voltou com um monte de camisas brancas, disse: Ele não quer vir.

Diga-lhe para entrar imediatamente.

Não sei onde ele se meteu. Já chamei várias vezes.

Talvez esteja do outro lado da rua.

Ida pôs as camisas no cesto de roupas para passar. A porta de tela se fechou com estrondo. *Robin*, Charlotte a ouviu gritar. *Venha já para dentro, senão vai ver só.*

Depois, mais alto: *Robin!*

Mas Robin não apareceu.

Ah, meu Deus do céu, Charlotte exclamou, enxugando as mãos no pano de prato antes de ir para o quintal.

Assim que saiu, ela percebeu, com um desconforto que era mais irritação do que qualquer outra coisa, que não fazia a menor idéia de onde deveria procurá-lo. A bicicleta continuava encostada no parapeito do terraço. Ele sabia muito bem que não podia se afastar muito na hora das refeições, principalmente quando tinham visitas.

*Robin!*, gritou. Por que se escondia? Nenhuma criança da idade dele residia nas proximidades, e embora esporadicamente meninos de rua — negros e brancos — caminhassem da beira do rio até a calçada larga à sombra dos carvalhos da George Street, ela não via nenhum deles naquele momento. Os menores davam dó, com pés sujos e joelhos esfolados; embora Ida Rhew os espantasse do quintal com rudeza, Charlotte, nos dias de bom humor, oferecia-lhes copos ou jarros de limonada. Mas depois que cresciam — treze ou catorze anos — ela preferia se refugiar dentro de casa e deixar que Ida os expulsasse com toda a sua rispidez. Eles atiravam pedras nos cachorros com estilingue, furtavam objetos das varandas das casas, falavam nomes feios e corriam pela calçada até tarde da noite.

Ida disse: uns moleques passaram correndo pela rua faz um tempinho.

Quando Ida dizia moleques queria dizer brancos. Ida odiava as crianças brancas mais pobres e as culpava, com uma ferocidade unilateral, por todos os problemas do quintal, mesmo aqueles que Charlotte percebia serem impossíveis de atribuir a elas.

Robin foi com eles?, Charlotte disse.

Não.

Onde estão agora?

Mandei-os embora.

Para que lado correram?

Na direção do depósito.

A sra. Fountain, uma vizinha idosa que residia ao lado, saiu de cardigã branco e óculos coloridos para ver o que estava acontecendo. A seu lado estava o poodle decrépito Mickey, com quem compartilhava uma semelhança cômica: nariz pontudo, cachos grisalhos duros, queixo erguido em permanente ar de desconfiança.

Muito bem, gritou animada. Estão dando uma festona aí, é?

Só para a família, Charlotte gritou de volta, observando o horizonte atrás da Natchez Street, onde os trilhos do trem se estendiam na planície até bem longe. Ela deveria ter convidado a sra. Fountain para jantar. Era viúva, seu único filho morrera na Guerra da Coréia, mas ela era rabugenta e se metia na vida de todos. O sr. Fountain possuía uma lavanderia para lavagem a seco e morrera relativamente jovem, e as pessoas zombavam, dizendo que ela o matara de tanto falar.

Algum problema?, a sra. Fountain perguntou.

A senhora por acaso viu Robin?

Não. Fiquei lá em cima limpando o sótão a tarde inteira. Sei que tudo aqui parece estar uma tremenda bagunça. Está vendo quanto lixo consegui tirar? O lixeiro só passa na terça, odeio deixar tudo isso na rua, assim, mas não tinha outro jeito. Onde Robin se meteu? Não conseguem encontrá-lo?

Aposto que não foi muito longe, Charlotte disse, seguindo até a calçada para olhar a rua. Está na hora do jantar.

E vai trovoar, Ida Rhew disse, olhando para cima.

Acha que ele pode ter caído no laguinho?, arriscou a sra. Fountain, ansiosa. Sempre temi que uma criança pudesse cair lá dentro.

O laguinho não tem nem meio metro de profundidade, Charlotte disse, mas assim mesmo virou a cabeça para o fundo do quintal.

Edie saíra no terraço. O que está havendo?, indagou.

Ele não está lá atrás, Ida Rhew gritou. Já verifiquei.

Quando Charlotte passou pela janela aberta da cozinha, na lateral da casa, ouviu o programa de rádio de Ida:

*Suave e ternamente Jesus nos chama  
Chama a ti e a mim também  
Por nós Ele espera nos portais...*

O quintal, nos fundos, estava deserto. A porta do barracão de ferramentas, entreaberta: nada lá dentro. Uma camada de espuma verde compacta flutuava no laguinho, imóvel. Quando Charlotte ergueu os olhos, um raio faiscou entre as nuvens negras.

A sra. Fountain o viu primeiro. O grito paralisou Charlotte na hora. Ela deu meia-volta e correu, depressa, muito depressa, mas não o suficiente — o trovão rugiu ao longe, tudo se iluminou de modo incomum sob o céu tempestuoso, o solo parecia querer devorá-la enquanto o salto do sapato afundava na terra barrenta, o coro gospel ainda cantava ao longe e um súbito vento forte, frio, antecipando a chuva iminente, soprou por entre os galhos do carvalho com um som de asas gigantescas, o mato se agitou feito um mar verde revoltado, enquanto ela avançava tropeçando, cega, aterrorizada, ao encontro do que sabia — pois o grito da sra. Fountain revelara tudo — que seria a coisa mais terrível.

Onde Ida estava quando ela chegou lá? Onde estava Edie? Só se recordava da sra. Fountain, a mão apertando com força o Kleenex amarrotado contra a boca, os olhos arregalados atrás dos óculos. A sra. Fountain e o poodle a latir e — vindo de lugar nenhum, de algum lugar, de todos os lados ao mesmo tempo — o vibrato apavorante e intenso dos uivos de Edie.

Ele estava pendurado pelo pescoço com um pedaço de corda, suspenso num galho baixo da nissa negra que havia perto da cerca viva de alfeneiro crescida demais, entre a casa de Charlotte e a da sra. Fountain; e estava morto. A ponta dos tênis frouxos pendia a uns quinze centímetros da grama. O gato, Weenie, escarrapachado sobre um galho, golpeava com a pata destra o cabelo cor de cobre de Robin, que brilhava e esvoaçava na brisa e era a única coisa nele que ainda mantinha a cor normal.

*Venha para casa, entoava o rádio, melodioso:*

*Venha para casa...*

*Quem estiver desamparado, que venha para casa*

A fumaça preta saía pela janela da cozinha. Os croquetes de frango queimavam no forno. Eram um dos pratos favoritos da família, mas depois daquele dia ninguém mais foi capaz de tocar num deles de novo.

# 1. A morte do gato

Transcorridos doze anos desde a morte de Robin, não se sabia nada mais a respeito de como ele terminara enforcado numa árvore em seu próprio quintal do que no dia em que ocorrera a tragédia.

Os moradores da cidade ainda discutiam a morte. Costumavam se referir ao caso como “o acidente”, embora os fatos (debatidos nos encontros de bridge, no barbeiro, nos ranchos de pesca, nas salas de espera dos médicos e no salão de banquete do Country Club) insinuassem outra coisa. Sem dúvida era difícil imaginar que um menino de nove anos pudesse se enforcar por acaso ou azar. Todos conheciam os detalhes que ensejavam tanta especulação e debate. Robin fora enforcado com um fio — incomum — que alguns eletricitistas usavam, e não se conhecia sua origem, nem como Robin o conseguira. Era um fio grosso, resistente, e o investigador de Memphis dissera ao delegado da cidade (atualmente aposentado) que, em sua opinião, um menino como Robin seria incapaz de dar aqueles nós sozinho. O cabo fora amarrado na árvore com nós simples, amadores, mas se isso indicava inexperiência ou pressa do assassino ninguém sabia. E as marcas no corpo (segundo o pediatra de Robin, que conversara com o legista estadual, que por sua vez analisara o relatório do clínico local) sugeriam que Robin não morrera de fratura no pescoço, e sim por estrangulamento. Algumas pessoas achavam que ele fora estrangulado onde o penduraram; outras sustentavam que havia sido estrangulado no solo e depois pendurado na árvore.

Na opinião da cidade e da família de Robin, pouca dúvida restava de que Robin fora vítima de algum tipo de violência. De que tipo, exatamente, ou por parte de quem, permanecia uma incógnita, que deixava todos perplexos. Em duas ocasiões, desde os anos 1920, senhoras de famílias proeminentes haviam sido assassinadas pelos maridos ciumentos, mas esses escândalos antigos envolviam pessoas havia muito falecidas. De tempos em tempos um negro era morto em Alexandria, mas (como muitos brancos faziam questão de ressaltar) esses homicídios em geral eram cometidos por outros negros, por motivos próprios dos negros. Matar uma criança era inaceitável — apavorava todos, ricos e pobres, negros e brancos —, e ninguém imaginava quem poderia ter feito isso, nem o motivo.

Comentou-se na vizinhança a presença de um Andarilho Misterioso, e anos após a morte de Robin alguns moradores ainda afirmavam vê-lo. Seria, a julgar pelos relatos, um sujeito enorme, mas fora isso as descrições divergiam. Branco, diziam uns; negro, afirmavam outros. Exibia às vezes traços marcantes dramáticos, como um dedo a menos, uma deformação no pé ou uma cicatriz enorme numa das faces. Seria um assassino profissional que estrangulara o filho de um senador do Texas e o jogara aos porcos, para que o devorassem; um ex-palhaço de rodeio que atraía crianças para a morte com truques sedutores; um doente mental psicopata procurado em onze estados, que fugira de um hospício em Whitfield. Embora os pais das crianças de Alexandria as alertassem a respeito do tal homem, e embora sua figura imensa fosse vista mancando pela George Street no Dia das Bruxas, o Andarilho seguia sendo uma figura indefinível. Todos os mendigos, andarilhos e abelhudos num raio de cento e cinquenta quilômetros foram detidos para interrogatório após a morte do filhinho dos Cleve, mas os investigadores não descobriram nada. Ninguém gostava da idéia de que um assassino andava por aí impune, e o medo persistia. Em particular o temor de que ele ainda rondasse a vizinhança, observando, de algum carro estacionado em local discreto, as crianças brincarem.

Os moradores da cidade faziam especulações do gênero. A família de Robin nunca discutia a questão. Nunca.

Mas a família de Robin falava muito de Robin. Contavam casos do tempo em que era bebê, aventuras no jardim-de-infância e no pré-primário, todos os episódios meigos e inconseqüentes dos quais ele participara, todas as palavras que pronunciara. As tias velhas recordavam detalhes triviais aos montes: seus brinquedos e suas roupas, quais professoras ele adorava ou odiava, brincadeiras favoritas, sonhos que contara, coisas com as quais implicava ou que desejava e as que apreciava mais. Parte das lembranças era exata, parte não. Não havia como comprovar boa parcela dos casos, mas quando os Cleve fechavam questão em torno de um item subjetivo, ele se tornava — automática e irrevogavelmente — a verdade, sem que nenhum membro da família se desse conta da alquimia coletiva que se operava simbolicamente.

As circunstâncias misteriosas e contraditórias ligadas à morte de Robin não estavam sujeitas a essa alquimia. Por mais forte que fosse o instinto revisionista dos Cleve, não havia enredo capaz de unificar os fragmentos, nenhuma lógica a ser inferida, nenhuma lição derivada de uma percepção tardia, nem moral para encerrar a história. O próprio Robin, ou o que lembravam dele, era tudo que tinham; e a minuciosa descrição que faziam do caráter dele — dolorosamente ornamentada ao longo dos anos — constituía a obra-prima da família. Como ele fora um menino encantador e cativante, e como seus caprichos e excentricidades eram precisamente a razão pela qual o adoravam, nas reconstituições a vivacidade impulsiva do Robin vivo surgia em situações claras, dolorosas, e então ele parecia estar descendo a rua de bicicleta, passando por alguém, debruçado para a frente, pedalando com força até fazer a bicicleta balançar um pouco — uma criança caprichosa, animada, viva. Mas essa limpidez era enganosa, emprestando uma verossimilhança traiçoeira ao que constituía em grande parte um conjunto imaginário, fabuloso mas estranhamente despersonalizado, como costuma ocorrer com as vidas dos santos.

“Como Robin teria adorado isso!”, as tias costumavam dizer com ternura. “Como Robin teria rido!” Na verdade, Robin havia sido uma criança leviana, volúvel — retraída em momentos inesperados, quase histérica em outros —, e quando estava vivo essa imprevisibilidade era grande parte de seu charme. Mas as irmãs menores, que não chegaram a conhecê-lo de verdade, cresceram com a certeza de saber a cor predileta do irmão morto (vermelho); seu livro favorito (*The wind in the willows*) e seu personagem mais querido (sr. Toad); seu sabor de sorvete preferido (chocolate) e o time de beisebol pelo qual torcia (Cardinals), além de milhares de outras coisas que elas — como crianças vivazes que preferiam chocolate numa semana e pêsego na seguinte — não sabiam com segurança nem a respeito de si mesmas. Conseqüentemente, o relacionamento com o irmão morto se caracterizava por uma intimidade intensa, no qual a personalidade do menino, forte, brilhante, imutável, brilhava sempre igual contra o fundo de indecisão e indefinição de suas próprias personalidades e das personalidades das pessoas que elas conheciam; cresceram acreditando que isso se devia a um dom da natureza, a uma incandescência angelical própria de Robin, e não ao fato de ele estar morto.

Quando cresceram, as irmãs mais novas de Robin tornaram-se muito diferentes dele, e muito diferentes uma da outra.

Allison estava com dezesseis anos. A menina miúda feito um ratinho que tinha facilidade para se machucar e para se queimar ao sol e que chorava por qualquer motivo ao crescer tornara-se, inesperadamente, a mais bonita: pernas longas, cabelo castanho arruivado, olhos castanho-claros aquosos. Sua graça se encontrava na ambigüidade. Voz mansa, modos lânguidos, expressão distraída e sonhadora; Edie, a avó — que valorizava a vitalidade e a energia — a considerava uma decepção. O esplendor de Allison era delicado e sutil, como a grama florida em junho,

e consistia apenas em um frescor juvenil que (ninguém sabia melhor do que Edie) seria a primeira característica a sumir. Ela devaneava; ela suspirava sem parar; seu modo de andar era esquisito — arrastava os pés, com os dedos virados para dentro — e falava de um jeito estranho. Mesmo assim era bonita em sua palidez tímida, e os meninos da classe começaram a telefonar para ela. Edie a observava (olhos baixos, rubor nas faces) com o fone entre o ombro e a orelha, esfregando a ponta do sapato no chão, para a frente e para trás, enquanto gaguejava de constrangimento.

Uma pena, Edie comentava em voz alta, que uma moça tão *bonita* (*bonita*, no tom empregado por Edie, insinuava *fraqueza* e *anemia*) se portasse de maneira tão desajeitada. Allison precisava tirar o cabelo da frente do olho, Allison deveria jogar os ombros para trás, manter-se ereta e confiante, em vez de corcunda. Allison precisava sorrir mais, falar para fora, interessar-se por alguma coisa, fazer perguntas a respeito das coisas de que as pessoas gostavam, pensar em algo interessante para dizer. Tais conselhos, embora bem-intencionados, eram freqüentemente dados em público, e com tanta impaciência que Allison saía da sala chorando.

“Ela que chore”, Edie proclamava com veemência no silêncio constrangedor que acompanhava sua performance. “Alguém precisa ensinar bons modos a ela. Se eu não pegasse no pé dela como faço, essa menina não estaria na décima série, garanto.”

Era verdade. Embora Allison nunca tivesse repetido de ano, chegara bem perto disso várias vezes, principalmente no curso primário. *Ausente*, dizia o campo destinado a Comportamento nos boletins de Allison. *Lenta*. *Pouco asseada*. *Preguiçosa*. “Bem, acho melhor você se esforçar mais um pouquinho”, Charlotte comentava desinteressada, quando Allison voltava para casa com uma seqüência de Cs e Ds.

Apesar de nem Allison nem a mãe dela darem importância às notas baixas, isso incomodava Edie profundamente. Ela ia à escola para reuniões com os professores; torturava Allison com listas de livros para ler e resumos da matéria e problemas de divisão complicados; corrigia os

trabalhos escolares e os projetos de ciência de Allison com lápis vermelho mesmo depois de ela estar no colegial.

Não adiantava lembrar a Edie que Robin tampouco fora um bom aluno. “Tinha espírito”, retrucava irritada. “Logo demonstraria mais interesse pelos estudos.” E isso era o máximo que admitia em relação ao verdadeiro problema, pois — como todos os Cleve conheciam — se Allison fosse agitada como o irmão, Edie a perdoaria por todos os Cs e Ds do boletim.

Enquanto a morte de Robin, nos anos seguintes, serviu para amargar Edie, Charlotte descambou para uma indiferença que entorpecia e descoloria todos os aspectos da vida; até seu incentivo a Allison era ineficaz e insincero. Nesse ponto, assemelhava-se a Dixon, o marido. Ele cuidava bem da família em termos financeiros, mas nunca se preocupava nem encorajara as filhas. Sua negligência não era pessoal; sendo um homem de opiniões firmes, manifestava sem pudor a crença na inferioridade das meninas, com bom humor e descontração. (Nenhuma filha dele, adorava repetir, herdaria um centavo sequer.)

Dix nunca passou muito tempo em casa, e depois da tragédia praticamente sumiu. Vinha de uma família que Edie considerava arrivista (o pai tinha uma loja de canos e materiais para encanadores) e se casara com Charlotte — atraído pela fama e pelo nome da família — pensando que ela tivesse muito dinheiro. O casamento nunca fora feliz (serões até altas horas da noite no banco, noitadas de pôquer, caçadas e pescarias, futebol e golfe, tudo servia de desculpa para ele sumir no fim de semana), e sua presença tornou-se ainda mais rara após a morte de Robin. Para ele, o melhor seria esquecer logo tudo; não suportava as salas silenciosas, aquele ambiente de desleixo, tristeza e prostração. Ligava a televisão no máximo quando chegava, perambulava pela casa num estado de contínua frustração, batendo palmas, abrindo janelas e dizendo coisas como “Ânimo!” e “Já está na hora de levantar, sabia?” e “Somos uma família!”. Que seus esforços não fossem apreciados o surpreendia. Depois de algum

tempo, vendo que seus comentários não afastavam o clima trágico familiar, perdeu o interesse e — após inevitáveis e freqüentes fins de semana de ausência — impulsivamente aceitou um cargo bem pago numa agência do banco situada em outra cidade. E fez com que isso soasse como um sacrifício altruísta pela família. Mas todo mundo que conhecia Dix sabia que ele não se mudara para o Tennessee por causa da família. Dix queria uma vida animada, com Cadillacs e jogatina e futebol, com boates em New Orleans e férias na Flórida; queria bebida e risadas, uma esposa de cabelo sempre bem penteado e casa impecável, pronta para servir uma bandeja de canapés quando lhe fosse ordenado.

Mas a família de Dix não era animada nem risonha. A mulher e as filhas eram reclusas excêntricas, melancólicas. Pior: em consequência do que havia acontecido, as pessoas passaram a vê-los todos, Dix inclusive, como gente suspeita. Os amigos os evitavam. Outros casais não os convidavam para sair; conhecidos deixaram de telefonar. Foi inevitável. As pessoas não gostavam de conviver com a morte ou com coisas ruins. E por tudo isso Dix sentiu-se estimulado a trocar a família por uma sala ampla revestida de madeira e por uma vida social espalhafatosa em Nashville, sem o menor sentimento de culpa.

Embora Allison irritasse Edie, as tias a adoravam, considerando meigas e até poéticas muitas das características que tanto frustravam Edie. Na opinião delas, Allison não só era a Bonitinha como também a Graciosa — paciente, obediente, carinhosa com animais, idosos e crianças — virtudes que, na opinião das tias, superavam em muito as boas notas ou a loquacidade.

As tias a defendiam lealmente. *Depois de tudo que essa menina passou*, Tat retrucou a Edie, certa vez, com agressividade. Foi o que bastou para calar Edie, pelo menos por algum tempo. Pois ninguém podia esquecer que Allison e o bebê eram os únicos no quintal naquele dia terrível; e

embora Allison tivesse apenas quatro anos, não restava dúvida de que vira algo, talvez algo tão terrível que a desequilibrara um pouco.

Após o ocorrido ela havia sido interrogada implacavelmente pela família e pela polícia. Vira alguém no quintal, um adulto, um homem? Mas Allison — embora, inexplicavelmente, tivesse passado a urinar na cama e a acordar no meio da noite aterrorizada — recusou-se a dizer sim ou não. Ela chupava o polegar, abraçava o cachorrinho de pelúcia com mais força e se negava até a dizer seu nome ou sua idade. Ninguém — nem mesmo Libby, a mais gentil e paciente das tias velhas — conseguiu arrancar uma única palavra da menina.

Allison não se lembrava do irmão nem se recordava de fatos relacionados a sua morte. Quando pequena, ficava às vezes acordada depois que todos tinham ido dormir, de olhos arregalados fixos nas sombras do teto, conduzindo a mente até o ponto mais distante possível, mas a busca era infrutífera, não conseguia descobrir nada. A doçura cotidiana de sua vida anterior continuava lá — terraço, laguinho, gatinho, canteiros floridos, tudo pacato, luminoso, imutável —, mas se recuasse a mente o bastante invariavelmente chegava a um ponto estranho, no qual o quintal estava vazio, a casa abandonada, cheia de ecos, com sinais de uma partida recente (roupas penduradas no varal, louça do almoço ainda por lavar), mas a família inteira sumia, ia não sabia para onde, e o gato alaranjado de Robin — ainda um filhote que não se tornara o animal preguiçoso e forte do futuro — parecia estranho, de olhos vagos, arisco, correndo pelo quintal para subir na árvore, com medo dela, como se fosse uma estranha. Embora reconhecesse perfeitamente o local onde os eventos ocorreram — George Street, número 363, a casa onde passara a vida inteira —, ela, Allison, não se reconhecia: não era bebê nem criança pequena, apenas um olhar, um par de olhos que percorriam os locais familiares e os analisavam sem personalidade, corpo, idade ou história, como se recordasse eventos ocorridos antes de seu nascimento.

Allison não pensava em nada disso conscientemente, mas de maneira vaga, indistinta. Quando era menor, não refletia sobre o significado dessas impressões despersonalizadas, e quando cresceu um pouco deixou-as de lado. Pensava pouco no passado, e nisso diferia significativamente da família, que não pensava noutra coisa.

Ninguém na família entendia. Não teriam conseguido compreender, nem que ela tentasse explicar. Para mentes como as deles, sempre cercadas de lembranças, para quem o presente e o futuro existiam apenas como projetos impalpáveis, tal visão de mundo era inimaginável. A memória — frágil, milagrosa, luminosa — constituía para eles a centelha da própria vida, e quase todas as frases começavam com um apelo similar: “Lembra-se daquela cambraia verde?”. A mãe e as tias insistiam. “Das rosinhas em cacho? Das tortinhas de limão? Lembra-se daquela Páscoa deliciosa, quando esfriou demais e Harriet era pequenina, você procurou os ovinhos na neve e fez um coelho de Páscoa de neve enorme, no jardim de Adelaide?”

“Sim, claro”, Allison mentia. “Claro que me lembro.” A seu modo, recordava-se. Ouvira as histórias tantas vezes que as decorara, poderia repeti-las se quisesse, por vezes incluindo um detalhe ou outro esquecido pelo narrador: que (por exemplo) ela e Harriet usaram os botões rosados que caíram das macieiras depois da nevasca para fazer o nariz e as orelhas do coelhinho de neve. As histórias eram tão familiares quanto os casos de infância da mãe ou os contos dos livros. Mas nenhuma parecia ter relação direta com ela.

Na verdade — e isto ela jamais admitiu aos outros —, Allison não se lembrava de muita coisa. Não tinha recordações claras do jardim-de-infância ou do primeiro ano, ou de qualquer evento ocorrido antes de seus oito anos. Isso a envergonhava profundamente e a levava a tentar (em geral, com sucesso) a ocultar sua condição. A irmã menor, Harriet, alegava recordar-se de eventos que aconteceram quando tinha um ano de idade.

Embora na época da morte de Robin tivesse menos de seis meses, Harriet dizia lembrar-se dele; Allison e o resto da família Cleve acreditavam que provavelmente era mesmo verdade. De vez em quando Harriet fornecia detalhes factuais obscuros mas assustadoramente precisos — sobre condições do tempo, roupas, cardápios de festas de aniversário feitas antes de seus dois anos — de fazer cair o queixo de qualquer um.

Mas Allison não se lembrava de nada a respeito de Robin. Isso era indesculpável. Quando ele morreu ela tinha quase cinco anos. Tampouco recordava-se do período imediatamente posterior à morte do irmão. Sabia de tudo a respeito, em minúcias — as lágrimas, o cachorrinho de pelúcia, seus silêncios; o detetive de Memphis — um sujeito enorme com cara de camelo e cabelo prematuramente branco chamado Snowy Olivet — que lhe mostrara fotos de sua filha Celia e lhe dera barras de Almond Joy de uma caixa grande que mantinha no carro; ele lhe mostrara outras fotos também, de homens negros e brancos de cabelo escovinha e pálpebras pesadas, enquanto Allison estava sentada na poltrona namoradeira de veludo azul na casa de Tattycorum — ela passou um tempo com Tat, e o bebê também, a mãe delas continuava de cama. As lágrimas escorriam pelo rosto dela, que comia Almond Joy e se recusava a pronunciar uma única palavra. Ela sabia de tudo isso não porque se lembrasse, mas por ouvir sua tia Tat contar muitas vezes, sentada na poltrona perto do aquecedor a gás, quando Allison a visitava depois da aula nas tardes de inverno, mantendo os olhos castanhos em tom de xerez fixos num ponto do outro lado da sala, a voz saudosa, ritmada, firme, como se contasse uma história sobre alguém que não estava presente.

Eddie, perspicaz, não se mostrava tão tolerante ou compreensiva. As histórias que escolhia contar a Allison com frequência possuíam um caráter alegórico peculiar.

“A irmã de minha mãe”, Eddie começava a relatar quando levava Allison para casa depois da aula de piano, sem tirar os olhos da rua, mantendo o nariz aquilino e bem desenhado para o alto, feito um bico, “a irmã de

minha mãe conheceu um rapaz chamado Randall Scofield, cuja família faleceu num furacão. Ele voltou da escola e sabe o que ele viu? A casa fora destruída completamente, e os negros que trabalhavam para eles haviam retirado os corpos do pai, da mãe e dos três irmãos menores das ruínas. Estavam estendidos lado a lado, feito um xilofone. Um dos irmãos perdera o braço, a mãe tinha uma maçaneta de porta enterrada na testa. Então, sabe o que aconteceu com o menino? Ele *ficou mudo*. Não disse uma só palavra durante sete anos. Meu pai contava que ele costumava levar consigo uma pilha de cartões de camisa usados na lavanderia e um lápis, para escrever tudo que desejava dizer às pessoas. O dono da lavanderia o presenteava com os cartões, periodicamente.”

Edie gostava de contar aquela história. E havia variações, crianças que haviam ficado temporariamente cegas, ou arrancado a língua a dentadas, ou perdido os sentidos ao terem se defrontado com cenas sangrentas terríveis. Elas continham um tom levemente acusador que Allison nunca conseguia entender direito.

Allison passava a maior parte do tempo sozinha. Ouvia discos. Fazia colagens com fotos recortadas de revistas, e velas toscas usando giz de cera. Desenhava bailarinas e cavalos e ratinhos nas margens do caderno de geometria. Na hora do almoço, sentava-se com um grupo de meninas bem populares, embora raramente saísse com elas fora da escola. Na aparência, fazia parte da turma: usava boas roupas, tinha pele clara, vivia numa casa grande e bem localizada; embora não fosse brilhante nem animada, tampouco despertava antipatia.

“Você poderia ser muito popular, se quisesse”, Edie dizia, conhecedora de todos os truques da conduta social, mesmo na décima série. “A menina mais admirada da classe. Se você tentasse, claro.”

Allison não pretendia tentar. Não queria que os colegas fossem cruéis nem que zombassem dela. Desde que não a perturbassem, vivia contente. E — exceto por Edie — ninguém a incomodava muito. Dormia demais. Ia para a escola a pé, sozinha. Parava para brincar com os cachorros que

encontrava pelo caminho. De noite, sonhava com um céu amarelo e com uma coisa branca, parecida com um lençol, tremulando no ar, e isso a perturbava muito, mas apagava o sonho da mente assim que acordava.

Allison passava bastante tempo com as tias-avós após as aulas e nos fins de semana. Enfiava linha na agulha e lia para elas quando sentiam a vista cansada, subia na escada para apanhar objetos em prateleiras altas empoeiradas, ouvia histórias sobre colegas de escola falecidas e recitais de piano de sessenta anos atrás. Por vezes, depois da escola, preparava doces — de leite, maria-mole, caramelo — para que elas levassem aos bazares da igreja. Sabia esfriá-los no mármore, usava termômetro como um farmacêutico meticuloso, seguindo a receita passo a passo, rasando os ingredientes na xícara com uma espátula. As tias — elas próprias infantis, de faces coradas, cabelos encaracolados, sempre animadinhas — participavam de tudo excitadas, adoravam as atividades na cozinha, chamavam umas às outras pelos apelidos de quando eram crianças.

Uma cozinheira de mão cheia, as tias entoavam em coro. Como você é linda. Um anjo vindo sempre aqui nos visitar. Que moça perfeita. Que doçura. Que beleza.

Harriet, o bebê, não era nenhuma doçura, nenhuma beleza. Harriet era esperta.

Desde o instante em que principiou a falar, Harriet tornou-se uma presença ligeiramente perturbadora no lar dos Cleve. Encrenqueira no parquinho, agressiva com os amiguinhos, discutia com Edie, tirava livros sobre Gêngis Khan na biblioteca e dava dor de cabeça à mãe. Tinha agora doze anos e cursava a sétima série. Embora fosse uma das melhores alunas, as professoras nunca souberam lidar bem com ela. Telefonavam muitas vezes para a mãe, ou para Edie — qualquer um que conhecesse um pouco os Cleve sabia que era melhor falar com ela logo de uma vez; Edie era autoritária e ativa, a pessoa que detinha mais poder na família e a mais

disposta a agir. Mas a própria Edie não sabia direito como lidar com Harriet. A menina não era exatamente desobediente ou rebelde, mas arrogante, e conseguia irritar praticamente todos os adultos com os quais mantinha contato.

Harriet nada tinha da fragilidade sonhadora da irmã. Vigorosa, forte, parecia um pequeno texugo de rosto redondo, nariz pontudo, cabelo preto curto e boca fina, resoluta. Falava alto e depressa, num tom agudo, engolindo sílabas em frases curtas, o que para uma menina do Mississippi soava estranho, a ponto de muita gente perguntar onde diacho ela havia aprendido aquele sotaque ianque. Seu olhar era límpido, penetrante, similar ao de Edie. A semelhança entre ela e a avó chamava a atenção e não passava despercebida: entretanto, da beleza rústica e enérgica da avó a neta herdara apenas a rispidez um tanto incômoda. Chester, o jardineiro, as apelidara secretamente de a águia e seu filhote.

Para Chester, e para Ida Rhew, Harriet era uma fonte de espanto e exasperação. Desde o momento em que aprendera a falar, passara a segui-los enquanto se dedicavam às tarefas domésticas, interrogando-os a cada passo. Ida ganhava bem? Chester sabia o pai-nosso de cor? Então ela queria ouvir. Por outro lado, os divertia, semeando discórdia entre os Cleve, habitualmente pacíficos. Mais de uma vez dera origem a desentendimentos capazes de provocar tempestades: contou a Adelaide que Edie e Tat nunca guardavam as fronhas que Adelaide bordava para elas, e que as davam de presente para outras pessoas; revelou a Libby que seus pickles com endro, longe de serem um disputado acepipe, como ela imaginava, eram simplesmente impossíveis de comer, e o sucesso entre familiares e vizinhos se devia a sua curiosa eficácia como herbicida. “Sabe aquele pedaço do quintal onde não cresce nada?”, Harriet explicou. “Atrás do terraço, nos fundos? Então, Tatty jogou um vidro de pickles lá há seis anos, e nunca mais o mato nasceu ali.” Harriet insistiu na idéia de engarrafar os pickles e vendê-los como herbicida. Libby ficaria milionária.

Tia Libby levou três ou quatro dias para deixar de choramingar por causa disso. No caso das fronhas de Adelaide, foi ainda pior. Ao contrário de Libby, ela guardava ressentimento; passou duas semanas sem falar com Edie e Tat, ignorando friamente as conciliadoras tortas e bolos deixados em sua varanda, que acabavam devorados pelos cachorros da vizinhança. Libby, incomodada com a discórdia (culpa nenhuma lhe cabia, ela fora a única irmã suficientemente leal para conservar e usar as fronhas de Adelaide, apesar de medonhas), corria de lá para cá, tentando fazer as pazes. Estava quase conseguindo quando Harriet enfureceu Adelaide novamente contando que Edie nem se dava o trabalho de desembulhar os presentes de Adelaide, apenas removia o cartão e punha outro antes de enviá-los para instituições de caridade, principalmente, algumas das quais cuidavam de negros. O incidente fora tão desastroso que até agora, anos depois, qualquer menção a ele provocava uma reação magoada e agressiva de Adelaide, que nos aniversários e no Natal fazia questão de comprar para as irmãs presentes ostensivamente vistosos — uma garrafa de Shalimar, por exemplo, ou uma camisola da Smith's de Memphis —, dos quais quase sempre se esquecia de retirar a etiqueta com o preço. “Eu mesma prefiro fazer os presentes que vou dar”, explicava em voz alta às convidadas do clube de bridge ou a Chester no jardim, para que as irmãs, humilhadas, a ouvissem no exato momento em que abriam os presentes extravagantes e indesejados. “Tem outro valor. *Mostra consideração*. Mas, para certas pessoas, a única coisa que importa é o quanto a gente gastou. Não acham que um presente tenha algum valor se não vier direto da loja.”

“Gosto das coisas que você faz, Adelaide”, Harriet sempre dizia. E gostava mesmo. Embora inúteis para ela, adorava os aventais, fronhas, toalhas de mesa, ela atacava a coleção de linhos bordados de Adelaide e enchia as gavetas de seu quarto. Não se importava com o tecido, apreciava os motivos: holandesas, bules de café dançando, mexicanos de sombrero cochilando. Ela os cobiçava a ponto de furtá-los dos armários alheios, e ficou extremamente irritada por Edie doar as fronhas a instituições de

caridade (“Não seja ridícula, Harriet. Que diacho  *você* faria com aquelas coisas?”), pois queria ficar com elas.

“Sei que  *você* gosta dos meus bordados”, Adelaide murmurava, voz trêmula de autocomiseração, abaixando-se para dar um beijo teatral em Harriet, enquanto Tat e Edie trocavam olhares pelas costas dela. “Um dia, depois que eu me for,  *você* ficará contente por ter guardado essas coisas.”

“Essa menina”, Chester comentou com Ida, “adora provocar uma briga.”

Edie, que tampouco se inibia em criar casos, descobriu na neta caçula uma concorrente à altura. Apesar, ou talvez por causa disso, elas apreciavam a companhia uma da outra, e Harriet passava bastante tempo na casa da avó. Edie vivia reclamando da teimosia e falta de modos de Harriet, resmungando que a menina vivia no meio do caminho, mas apesar de Harriet ser irritante Edie a considerava uma companheira mais agradável que Allison, que pouco tinha a dizer. Apreciava as visitas de Harriet, mesmo sem jamais admitir isso, e sentia sua falta nas tardes em que a neta não aparecia.

Embora as tias gostassem de Harriet, ela não era uma garota meiga como a irmã, e sua altivez as incomodava. Era muito direta. Não compreendia sutilezas e atitudes diplomáticas, e nisso se parecia com Edie mais do que esta se dava conta.

Em vão, as tias tentaram ensiná-la a ser dócil. “ *Você* não  *entende* , menina, que é melhor comer o bolo de frutas, mesmo que não goste, do que ferir os sentimentos de quem o preparou?”

“Mas eu não gosto de bolo de frutas.”

“Sei que  *você* não gosta, Harriet. Por isso o escolhi como exemplo.”

“Mas bolo de frutas é horrível. Não conheço ninguém que goste. E, se eu disser que gosto, ela vai continuar me oferecendo.”

“Sei disso, querida, mas não faz mal. O importante é que uma pessoa dedicou-se a preparar algo para  *você* , e seria de bom-tom comer tudo, mesmo que não queira.”

“A Bíblia diz para não mentir.”

“Isso é diferente. É só uma mentirinha. A Bíblia fala de outros tipos de mentira.”

“A Bíblia não especifica mentirinhas ou mentironas. Fala em mentiras apenas.”

“Creda em mim, Harriet. É verdade que Jesus nos diz para não mentir, mas isso não significa que você deva ser rude com quem a recebe.”

“Jesus não diz nada a respeito disso. Ele diz que mentir é pecado. Ele disse que o Demônio mente, que ele é o príncipe dos mentirosos.”

“Mas Jesus também diz para amar o próximo, não diz?”, retrucou Libby, inspirada, assumindo o posto de Tat, cujos argumentos tinham se esgotado. “Isso não inclui alguém que fez um bolo para você? Sua anfitriã também é próxima.”

“Correto”, Tat concordou, animada. “Mas ninguém está dizendo que seu próximo é somente seu vizinho. Amar ao Próximo significa que você deve comer o que lhe dão e ficar contente com isso.”

“Não entendo como amar ao próximo inclui dizer que eu gosto de bolo de frutas. Eu não gosto.”

Ninguém, nem mesmo Edie, sabia como lidar com aquele pedantismo obstinado. A discussão podia durar horas. Não adiantava falar até ficar verde de raiva. Os argumentos de Harriet exasperavam todos, pois continham um embasamento relativamente sólido nas Sagradas Escrituras, por mais absurdos que fossem. Nada disso impressionava Edie. Ela praticava a caridade e atividades missionárias, cantava no coro da igreja, mas não acreditava na Bíblia ao pé da letra, no fundo não considerava que cada palavra fosse mais verdadeira que seus ditados favoritos: por exemplo, tudo que acontecia tinha seu lado bom. Ou que, na verdade, os negros eram exatamente iguais aos brancos. Mas as tias — Libby, em particular — sentiam-se perturbadas se refletissem demais sobre as declarações de Harriet. Seus sofismas inspiravam-se fortemente na Bíblia, desafiando porém o bom senso e tudo que se considerava correto.

“Talvez”, Libby comentou incomodada, depois que Harriet foi para casa jantar, “talvez o Senhor não veja diferença entre uma mentirinha e uma mentira. É bem possível que sejamos todas ruins aos olhos Dele.”

“Ora, Libby.”

“E precisemos que uma criança nos mostre isso.”

“Eu prefiro ir para o inferno”, disse Edie com rispidez — estivera ausente durante o diálogo crucial — “do que sair pela cidade dizendo a todos exatamente o que penso a respeito deles.”

“Edith!”, gritaram as irmãs em uníssono.

“Edith, você não pode estar falando sério!”

“Claro que estou. E tampouco gostaria de saber a opinião que todos têm de mim nesta cidade.”

“Nem consigo imaginar o que você possa ter feito, Edith”, retrucou Adelaide, sempre moralista, “para levar as pessoas a ter uma opinião tão negativa a seu respeito.”

Odean, a empregada de Libby — que fingia ser meio surda —, escutava tudo da cozinha, impassível, enquanto esquentava creme de galinha e biscoitos salgados para o jantar da patroa idosa. Não costumava acontecer nada muito excitante na casa de Libby, e as conversas tornavam-se bem mais calorosas quando Harriet visitava a tia.

Ao contrário de Allison — a quem as outras crianças aceitavam sem pensar e nem saber direito por quê —, Harriet era uma menininha autoritária, tida como antipática. Seus amigos não eram distantes ou esporádicos, como os de Allison. Em geral, eram meninos mais novos que ela, fanáticos devotos capazes de atravessar meia cidade pedalando depois da escola para vê-la. Ela brincava de Cruzadas com eles, e de Joana D’Arc; vestia os meninos com lençóis e representava passagens do Novo Testamento, nas quais ela própria assumia o papel de Jesus. A Última Ceia era seu trecho favorito. Sentados todos de um só lado da mesa de piquenique, à la Leonardo, sob a parreira da pérgola situada no quintal de Harriet, todos aguardavam ansiosos o momento no qual — após a

realização da Última Ceia com biscoitos Ritz e Fanta Uva no cardápio — ela encarava um por um, ao longo da mesa, fixando os olhos implacáveis em cada menino por alguns segundos. “E um de vocês”, proclamava com uma calma que os excitava, “um de vocês irá me trair esta noite.”

“Não! Não!”, gritavam animados — inclusive Hely, o menino que fazia o papel de Judas. Hely era o favorito de Harriet e representava não somente Judas, como todos os apóstolos importantes: João, Lucas e Pedro. “Jamais, Senhor!”

Depois, havia a cena do Monte das Oliveiras, encenada na sombra da nissa negra do quintal de Harriet. Ali Jesus, representado por Harriet, era detido pelos romanos — uma prisão violenta, mais agressiva do que relatavam os Evangelhos —, o que gerava muita excitação; mas os meninos adoravam o Monte das Oliveiras porque a cena ocorria debaixo da árvore na qual o irmão dela fora assassinado. O crime ocorrera antes do nascimento da maioria deles, mas todos conheciam a história, haviam montado o relato a partir dos fragmentos entreouvados nas conversas entre seus pais ou nas narrativas deturpadas dos irmãos mais velhos, sussurradas nos quartos escuros, e a árvore lançara sobre a imaginação deles uma sombra atraente e misteriosa desde a primeira vez em que as babás paravam na esquina da George Street para segurar suas mãos e mostrar a eles, ainda pequeninos, com muita cautela, entre sussurros, o local onde tudo acontecera.

Muitos se perguntavam por que a árvore permanecia no local. Todos achavam que deveria ser cortada — não só por causa de Robin, mas porque ela começara a morrer em cima, galhos pelados cinzentos como ossos se projetavam melancólicos acima das folhas negras, como se um raio os houvesse fulminado. No outono a árvore tingia-se de vermelhos exuberantes, por alguns dias ficava bonita, até que perdia as folhas abruptamente. Quando retornavam, as folhas eram reluzentes, coriáceas, escuras, quase negras. Faziam tanta sombra que a grama não crescia direito ali; ademais, a árvore era muito grande, situada muito próxima da

casa; em caso de ventania, disse um especialista a Charlotte, ela corria o risco de acordar com a árvore no meio do quarto (“Isso sem falar no menino”, comentara com o colega depois de entrar no caminhão e bater a porta. “Como essa pobre mulher consegue acordar todos os dias, olhar pela janela e ver aquilo ali?”). A sra. Fountain chegara a se oferecer para financiar a remoção da árvore, citando diplomaticamente o perigo que representava para sua própria residência. Um fato extraordinário, pois a sra. Fountain era tão sovina que lavava o papel-alumínio e o enrolava novamente para usar. Mas Charlotte fez que não com a cabeça. “Obrigada, senhora Fountain, não precisa”, disse num tom de voz tão indefinido que a sra. Fountain pensou ter sido mal compreendida.

“Estou dizendo”, a sra. Fountain insistiu, em um tom mais agudo, “que vou pagar o serviço! Será um prazer! Minha casa também corre riscos, se vier um furacão e...”

“Não, obrigada.”

Ela não olhava para a sra. Fountain — nem para a árvore, onde a casinha do filho morto apodrecia pateticamente, apoiada numa forquilha. Olhava para o outro lado da rua, para lá do terreno baldio onde a flor-de-cuco e o mato cresciam alto, na direção da área onde os trilhos dos trens cortavam os bairros negros, com seus telhados enferrujados.

“Sabe”, a sra. Fountain prosseguiu, mudando o tom de voz, “sabe, Charlotte, você pensa que eu não sei, mas sei muito bem o que é perder um filho. Contudo, foi a vontade de Deus e você tem de aceitar isso.” Encorajada pelo silêncio de Charlotte, ela continuou: “Além disso, ele não era seu único filho. Pelo menos você tem outros. No meu caso, meu pobre Lysie — era tudo que *eu* tinha. Não passo um dia sem pensar no momento que me contaram que seu avião havia sido abatido. Estávamos arrumando a casa para o Natal. Subi na escada, de roupão e casaco, para atar um raminho de visco no candelabro, quando ouvi alguém bater na porta da frente. Porter, que Deus o tenha — isso aconteceu depois de seu primeiro ataque do coração, mas antes do segundo...”

Sua voz tremeu e ela olhou para Charlotte. Mas Charlotte não estava mais lá. Dera as costas para a sra. Fountain e caminhava em direção à casa.

Isso ocorrera vários anos antes, e a árvore ainda permanecia lá, com a casa de madeira de Robin apodrecendo no alto. A sra. Fountain, quando encontrava Charlotte, não se mostrava mais tão amigável. “Ela não dá a menor atenção às duas filhas”, comentava com as outras mulheres no salão da sra. Neely, enquanto cortava o cabelo. “E a casa vive cheia de lixo. Quando a gente olha pela janela, vê pilhas de jornais que quase batem no teto.”

“Fico pensando”, disse a sra. Neely, com seu jeito de raposa velha, trocando olhares com a sra. Fountain pelo espelho, ao estender o braço para pegar o laquê, “se ela não anda bebendo mais do que devia.”

“Isso não me surpreenderia nem um pouco”, a sra. Fountain comentou.

Como a sra. Fountain vivia gritando com as crianças, de sua varanda, elas fugiam correndo e contavam histórias a seu respeito: que ela raptava (e comia) meninos pequenos; que seu canteiro de rosas premiadas era adubado com ossos humanos em pó. A proximidade com a casa mal-assombrada da sra. Fountain tornava a encenação da prisão de Jesus no quintal de Harriet muito mais emocionante. Embora os meninos tentassem assustar uns aos outros com histórias a respeito da casa da sra. Fountain, não faziam isso em relação à árvore. Vários aspectos a tornavam ameaçadora: a sombra escura — a poucos passos do gramado iluminado, mas imensamente distante — era assustadora até para quem desconhecia a história. Nenhum deles precisava comentar o que acontecera ali, pois a árvore não permitia que esquecessem. Ela tinha sua própria projeção sombria.

Por causa da morte de Robin, Allison sofrera muito com as brincadeiras cruéis nos primeiros anos de escola (“*Mamãe, mamãe, posso ir lá fora brincar com meu irmão?*” “*Claro que não. Você já o desenterrou três vezes esta semana.*”). Ela suportava as provocações em silêncio, submissa.

Ninguém soube dizer quanto nem por quanto tempo, até que uma professora atenta descobriu o que ocorria e acabou com as provocações.

Mas Harriet — talvez por causa de sua personalidade agressiva, ou quem sabe por ter colegas muito novos para se lembrarem do assassinato — escapara dessa perseguição. A tragédia de sua família lhe dava um encanto macabro que os meninos consideravam irresistível. Ela falava com frequência no irmão morto, com uma obstinação bizarra, intensa, insinuando não só que conhecera Robin como também que ele ainda estava vivo. De vez em quando, os meninos se davam conta de que olhavam para a nuca de Harriet ou para seu perfil. Era como se ela *fosse* Robin: uma criança como eles, ressuscitada do túmulo, que entretanto sabia coisas ignoradas pelos demais. Por trás dos olhos de Harriet percebiam o olhar do irmão morto graças ao mistério do sangue compartilhado. A bem da verdade, embora nenhum deles soubesse disso, havia pouca semelhança entre Harriet e o irmão, mesmo nas fotografias: divertido, rápido, ágil, esguio como um peixinho, ele era muito diferente de Harriet, rabugenta, arrogante, desprovida de senso de humor, atarracada. Era a força de sua personalidade que os atraía e cativava, não a dele.

Aos meninos escapava qualquer ironia, qualquer vínculo entre a tragédia que encenavam na penumbra, debaixo da nissa negra, e a desgraça ocorrida ali doze anos antes. Hely tinha as mãos cheias, pois como Judas Iscariotes ele entregara Harriet aos romanos, mas (como Pedro) cortara a orelha do centurião ao defendê-la. Contente e nervoso, ele contava os trinta amendoins cozidos pelos quais trairia seu Salvador, enquanto os outros meninos o empurravam e cutucavam, molhando seus lábios com um pouco de Fanta Uva. Para trair Harriet ele precisava beijá-la na face. Certa vez — estimulado pelos outros apóstolos — ele a beijara na boca. A ferocidade com que ela limpava os lábios — um movimento de repulsa, as costas da mão percorrendo a boca — o emocionara mais do que o beijo em si.

As figuras de Harriet e seus discípulos, envoltas em mantos, criavam uma atmosfera macabra na vizinhança. Por vezes, ao olhar pela janela em cima da pia, Ida Rhew assustava-se com a estranha procissão infantil percorrendo solene o gramado. Ela não via Hely segurando os amendoins enquanto caminhava, nem o tênis verde sob o manto, nem ouvia os outros apóstolos reclamarem baixinho por não poderem levar suas pistolas de rolha para defender Jesus. A fileira de figuras miúdas envoltas em tecido branco, lençóis que arrastavam pela grama, despertava nela a mesma curiosidade e espanto que sentiria caso tivesse sido uma lavadeira na Palestina, os braços enfiados até os cotovelos numa tina de água suja de poço, parando no crepúsculo da Páscoa para limpar a testa com as costas da mão e olhar por um instante, intrigada, as treze figuras encapuzadas caminhando pela estrada poeirenta, subindo em direção ao Monte das Oliveiras — a importância da missão era patente pelo passo lento delas, solene, mas sua natureza inimaginável: um funeral talvez? Uma extrema-unção, um julgamento, uma celebração religiosa? Algo perturbador, fosse o que fosse; suficiente para atrair sua atenção por um momento, embora só lhe restasse retornar ao trabalho sem saber que a pequena procissão rumava para um desfecho suficientemente grandioso para mudar a história.

“Por que você sempre vai brincar debaixo daquela árvore medonha?”, ela perguntou a Harriet quando a menina entrou em casa.

“Porque é o lugar mais escuro do quintal”, respondeu Harriet.

Desde pequena, ela se interessava por arqueologia: túmulos indígenas, ruínas de cidades, relíquias enterradas. Isso começou com a curiosidade em relação aos dinossauros, que logo se ampliou. O que interessava a Harriet, e isso se tornou claro quando ela cresceu o bastante para articular o pensamento, não eram os dinossauros em si — os brontossauros de longas caudas dos desenhos animados de sábado, que se deixavam montar

ou que baixavam docilmente o pescoço para que servisse de escorregador às crianças, nem mesmo tiranossauros urrando e pterodáctilos pavorosos. Ela se interessava pelo que deixara de existir.

“Mas como podemos *saber*”, perguntara a Edie — que não agüentava mais ouvir a palavra *dinossauro* — “qual era sua verdadeira aparência?”

“As pessoas encontraram os ossos deles.”

“Mas, Edie, se eu encontrasse os seus ossos, eu por acaso saberia como você era?”

Edie — ocupada descascando pêssegos — não respondeu.

“Olhe aqui, Edie. Veja. Diz que só encontraram um osso da perna.” Ela subiu num banquinho e estendeu a mão para mostrar o livro. “E fizeram um desenho do dinossauro inteiro.”

“Você não conhece aquela canção, Harriet?”, Libby interrompeu, debruçando-se sobre o balcão da cozinha, onde descaroçava os pêssegos. Com sua voz trêmula entoou: “*O osso do joelho está ligado ao osso da perna... O osso da perna está ligado ao...*”.

“Mas como eles podiam saber qual era sua verdadeira aparência? Como sabiam que era verde? Eles desenharam um dinossauro verde. Olhe aqui. *Veja, Edie.*”

“Estou vendo”, Edie respondeu contrariada, sem olhar.

“Não está, não!”

“Já vi tudo que eu queria ver.”

Quando Harriet cresceu um pouco, lá por seus nove ou dez anos, a fixação transferiu-se para a arqueologia. E ela encontrou em tia Tat uma interlocutora interessada no assunto, embora confusa. Tat lecionara latim por trinta anos no colégio local; aposentada, passara a se interessar pelos enigmas da Antigüidade, muitos dos quais, acreditava, estavam relacionados com a Atlântida. Os atlantes, explicou, haviam construído as pirâmides e os monólitos da ilha da Páscoa. Os conhecimentos dos atlantes eram responsáveis pelas trepanações nos crânios encontrados nos Andes e pelas pilhas elétricas modernas achadas nas tumbas dos faraós. As

estantes de sua casa estava cheias de livros pseudocientíficos dos anos 1890, que herdara do pai culto porém ingênuo, um juiz respeitado que passara os últimos anos da vida tentando escapar do quarto onde o haviam trancado de pijama. A biblioteca, deixada para a segunda filha mais nova — Theodora, apelidada por ele de Tattycorum, logo abreviado para Tat —, continha obras como *A controvérsia antediluviana*, *Outros mundos além do nosso* e *Mu: fato ou ficção?*

As irmãs de Tat não estimulavam especulações do gênero, Adelaide e Libby as consideravam coisa do demo; para Edie, eram só besteira. “Mas se houve mesmo um lugar como Atlanta”, Libby dizia, franzindo a testa inocente, “por que não é mencionado na Bíblia?”

“Porque ainda não havia sido construída”, Edie respondeu com certa crueldade. “Atlanta é a capital da Geórgia. Sherman a incendiou na Guerra da Secessão.”

“Edith, não seja desagradável...”

“Os atlantes”, Tat replicou, “eram os ancestrais dos antigos egípcios.”

“Bem, veja só no que está metida. Os antigos egípcios não eram cristãos. Eles adoravam gatos e cachorros e outros bichos.”

“Eles *não podiam* ser cristãos, Adelaide. Cristo ainda não havia nascido.”

“Talvez não, mas Moisés e os outros pelo menos seguiam os Dez Mandamentos. E eles não adoravam gatos e cachorros.”

“Os atlantes”, Tat disse com altivez, ignorando as risadas das irmãs, “os *atlantes* conheciam muitas coisas que os cientistas modernos adorariam saber hoje em dia. Papai estudou a Atlântida e ele era um bom cristão, e tinha mais instrução do que todas nós juntas aqui nesta sala.”

“Papai”, Edie resmungou, “*papai* costumava me arrancar da cama no meio da noite e dizer que o Kaiser Guilherme estava atacando e que precisávamos esconder a prataria dentro do poço.”

“Edith!”

“Edith, não seja injusta. Ele estava doente naquela época. Depois de tudo que ele fez por nós!”

“Não estou afirmando que papai não era um bom sujeito, Tatty. Só quis dizer que quem cuidou dele fui eu.”

“Papai sempre *me* reconheceu”, disse Adelaide imediatamente. Sendo a caçula e, na sua opinião, a filha predileta, jamais perdia a chance de lembrar isso às irmãs. “Ele sempre me reconheceu, até o fim. No dia de sua morte pegou em minha mão e falou: ‘Addie, querida, o que fizeram comigo?’. Não sei por que eu era a única que ele reconhecia. Muito curioso.”

Harriet divertia-se imensamente olhando os livros de Tat, que não incluíam apenas as obras sobre a Atlântida mas também textos consagrados como o Gibbon e a *História* de Ridpath, além de livros de bolso, romances históricos com imagens coloridas de gladiadores na capa.

“Veja bem, esses não são livros de história”, Tat explicou. “Apenas romances leves passados na Antigüidade. Contudo, são muito interessantes e instrutivos. Eu costumava emprestá-los aos alunos do colegial para interessá-los pela época dos romanos. Dificilmente se poderia fazer isso com o tipo de livro escrito atualmente, mas esses romances eram decentes, muito diferentes das porcarias que publicam hoje.” Ela passou o dedo ossudo — os nós proeminentes indicavam artrite — pela fileira de lombadas idênticas. “*H. Montgomery Storm*. Pelo que me recordo, ele escrevia romances passados na época da Regência também, sob pseudônimo feminino, mas não consigo me lembrar qual era.”

Harriet não se interessava por histórias de gladiadores. Eram apenas romances açucarados em cenários romanos, e ela desprezava narrativas amorosas de qualquer espécie. Seu favorito, entre os livros de Tat, era o volumoso *Herculano e Pompéia: as cidades esquecidas*, que continha fotos coloridas.

Tat também gostava de olhar esse livro com Harriet. Elas se acomodavam no sofá de veludo e viravam as páginas juntas, atentas aos

delicados murais das vilas destruídas, às padarias perfeitamente preservadas, com pão e tudo, sob cinco metros de cinzas, aos corpos sem rosto de romanos mortos e ainda contorcidos nas posturas eloqüentes de seu sofrimento final, havia dois mil anos, nas ruas calçadas de pedra também cobertas pela chuva de cinzas quentes.

“Não entendo por que essas pessoas ficaram lá, por que não tiveram o bom senso de ir embora antes”, Tat disse. “Creio que elas não conheciam bem a força dos vulcões naquela época. Além disso, acho que foi similar à passagem do furacão Camille pelo Golfo. Muita gente insensata não saiu quando evacuaram a cidade e ficou bebendo no hotel Buena Vista, como se estivessem todos numa festa. Bem, fique sabendo, Harriet, que passaram três semanas recolhendo cadáveres enroscados nas árvores depois que a água baixou. E do Buena Vista não sobrou um único tijolo em cima do outro. Você não se lembra do Buena Vista, doçura. Nos copos para água deles havia peixinhos desenhados.” Ela virou a página. “Olhe. Está vendo a figura do cachorrinho morto? Ele ainda conserva um biscoito na boca. Li certa vez uma linda história que alguém escreveu sobre este cãozinho. No conto, ele pertencia a um menino pobre de Pompéia que o adorava, e ele morreu tentando encontrar comida para seu dono, que estava fugindo de Pompéia. Não é triste? Claro, ninguém sabe ao certo o que ocorreu, mas provavelmente aconteceu isso mesmo. Não concorda?”

“Talvez o cachorro quisesse o biscoito para si mesmo.”

“Duvido muito. Aposto que comida seria a última coisa a passar pela cabeça do pobrezinho ao ver aquele monte de gente correndo, gritando, enquanto as cinzas quentes caíam por toda parte.”

Embora do ponto de vista do interesse humano Tat compartilhasse o interesse de Harriet pela cidade soterrada, não compreendia o fascínio que os aspectos menos dramáticos e menos impressionantes das ruínas exerciam sobre a menina: utensílios domésticos quebrados, fragmentos de potes, pedaços retorcidos de um metal desconhecido. Com certeza, ela

não percebia que a obsessão de Harriet por fragmentos tinha a ver com sua história familiar.

Os Cleve, a exemplo de muitas famílias tradicionais do Mississippi, haviam sido bem mais ricos. Assim como na destruição de Pompéia, restaram apenas traços da abastança passada, e eles gostavam de contar, no seio familiar, histórias a respeito da fortuna perdida. Algumas eram até verdadeiras. Os ianques haviam mesmo roubado parte das jóias e da prataria dos Cleve, embora o conjunto não constituísse o imenso tesouro descrito pelas irmãs; o juiz Cleve perdera muito dinheiro na crise de 29; e ele, no tempo da senilidade, investira o restante em projetos desastrosos, enfiando quase tudo que tinha num golpe que prometia desenvolver o Carro do Futuro, um automóvel voador. O juiz, descobrimos desesperadas as filhas, após sua morte, era um dos principais acionistas da companhia fraudulenta.

Por isso a mansão, que pertencia à família Cleve desde sua construção, em 1809, precisou ser vendida às pressas para pagar as dívidas do juiz. As irmãs ainda lamentavam o fato. Elas haviam crescido na casa, assim como o próprio juiz, a mãe dele e seus avós. Pior: a pessoa a quem venderam a mansão a revendeu a um sujeito que a transformou em um asilo de idosos, e depois que a licença de funcionamento do asilo foi cassada, em um cortiço. Três anos após a morte de Robin, um incêndio a destruiu completamente. “A casa sobreviveu à Guerra da Secessão”, disse Edie amargurada, “mas os negros acabaram ficando com ela, no final das contas.”

A bem da verdade, fora o juiz Cleve quem destruíra a casa, não “os negros”. Ele não havia cuidado da manutenção durante quase setenta anos, nem sua mãe, nos quarenta anos anteriores. Quando faleceu, o piso estava apodrecendo, os alicerces roídos pelos cupins, a estrutura inteira à beira do colapso. Mas as irmãs ainda falavam do lindo papel de parede pintado à mão — azul-pastel com rosas — que viera da França; das cornijas de lareira em mármore esculpido com um serafim e do

espetacular candelabro pendurado no teto, todo de cristal da Boêmia; das escadarias gêmeas especialmente projetadas para as festas mistas, uma para os rapazes, outra para as moças; e de uma parede que dividia o andar superior ao meio, para que rapazes travessos não se esgueirassem para os quartos das moças no meio da noite. Eles estavam praticamente esquecidos na época da morte do juiz: na escada dos rapazes, no lado norte, não descia ninguém havia cinquenta anos, as festas terminaram e ela estava tão bamba que se tornou imprestável; a sala de jantar queimara praticamente inteira após um acidente com uma lamparina a parafina carregada pelo juiz senil; o assoalho bambeava, o telhado estava cheio de goteiras, os degraus do terraço, nos fundos, desabaram em 1947 com o peso de um sujeito da companhia de gás que subia para fazer a leitura do relógio; e o famoso papel de parede pintado à mão descolava da parede em várias partes da casa, embolorado.

A casa, ironicamente, recebera o nome de Tribulation. O avô do juiz a batizara assim, alegando que a construção quase o matara. Nada restou além das chaminés gêmeas e de um muro de tijolos musguntos — os tijolos haviam sido assentados artisticamente, formando motivos parecidos com espinhas de peixe — que contornava a entrada, onde cinco azulejos trincados, em azul de Delft já desbotado, exibiam as letras C L E V E.

Para Harriet, aqueles cinco azulejos holandeses constituíam a relíquia fascinante de uma civilização perdida, muito mais que qualquer cachorro com um biscoito na boca. Para ela, o azul-claro de aquarela representava o azul da fortuna, da memória, da Europa, do paraíso; e a mansão Tribulation que ela deduzia a partir deles reluzia com a fosforescência e o esplendor de um sonho.

Em seus devaneios, o irmão morto circulava feito um príncipe pelos salões do palácio perdido. A casa fora vendida quando ele tinha apenas seis semanas de vida, mas Robin escorregava pelo corrimão de mogno da escada (uma vez, Adelaide lhe contou, quase se chocou com a cristaleira cheia de porcelana situada ao pé da escada), jogava dominó sobre o tapete

persa enquanto o serafim de mármore o observava, com as asas abertas e os olhos meigos de pálpebras pesadas. Ele havia dormido deitado sobre as patas do urso que seu tio-avô abatera e transformara em tapete e vira a flecha terminada em penas de gaio desbotadas disparada por um índio Natchez contra o trisavô durante um ataque de madrugada, em 1812, e que permanecia incrustada no ponto exato da parede da sala onde havia acertado.

Fora os azulejos holandeses, restavam poucos objetos verdadeiros de Tribulation. A maior parte dos tapetes e móveis e todas as peças decorativas — o serafim de mármore, o candelabro — haviam sido guardadas em caixas com a indicação Diversos e vendidas a um antiquário de Greenwood, que pagou apenas metade de seu valor. A famosa flecha se desfizera nas mãos de Edie quando ela tentou arrancá-la da parede no dia da mudança, e a ponta minúscula desafiou todos os esforços de arrancá-la do reboco com uma faca pontiaguda. O tapete de urso, roído pelas traças, acabou indo para o lixo, de onde algumas crianças negras — fascinadas — o resgataram e arrastaram pelas patas para sua casa, pelas ruas enlameadas.

Como então reconstruir aquele colosso extinto? Que fósseis restavam, que pistas ela poderia seguir? Os alicerces ainda estavam lá, nos arrabaldes da cidade, ela não sabia exatamente onde, mas isso no fundo pouco importava; certa feita, numa tarde de inverno, há muito tempo, a levaram para ver o local. Para uma criança pequena, deu a impressão de ter sustentado uma estrutura muito maior do que uma casa, praticamente cabia ali uma cidade; ela se recordava de Edie (de calça cáqui, como se fosse um rapaz) saltando de um cômodo a outro, excitada, soltando ar esbranquiçado ao respirar, mostrando onde ficava a sala, o salão de jantar, a biblioteca — embora tudo isso fosse obscuro, comparado com a lembrança terrível, terrível, de Libby com seu casaco vermelho chorando copiosamente, a estender a mão enluvada para que Edie a levasse pelo bosque gelado de volta ao carro, enquanto Harriet as seguia.

Uns poucos objetos haviam sido salvos do final de Tribulation — peças de linho, pratos com monogramas, um imponente armário de pau-rosa, vasos, relógios de porcelana, cadeiras da mesa de jantar estavam espalhados em sua casa e nas residências das tias: fragmentos isolados, aqui um osso da perna, ali uma vértebra, cinzas a partir dos quais Harriet foi refazendo a imponência que jamais conhecera. E esses artigos resgatados irradiavam seu brilho morno, uma luz ancestral toda própria: a prata era mais pesada, os bordados mais suntuosos, o cristal mais delicado e a porcelana mais fina, de um azul inimitável. Contudo, o mais eloqüente eram as histórias que lhe contavam — continham detalhes minuciosos que Harriet embelezava ainda mais em seu mito obsessivo do palacete encantado, do castelo de fadas que nunca existira. Ela mantinha, num grau singular e inquietante, a estreiteza de visão que permitia a todos os Cleve esquecer o que não queriam recordar e exagerar ou de algum modo edulcorar o que não conseguiam esquecer; ao reconstruir a estrutura da monstruosidade extinta que representava a fortuna da família, ela não se dava conta de que alguns ossos eram fictícios; que outros pertenciam a animais diferentes; que grande parte dos ossos maiores e mais impressionantes nem chegavam a ser ossos, eram apenas imitações de gesso. (O famoso candelabro, por exemplo, não viera da Boêmia coisa nenhuma; nem sequer era de cristal; a mãe do juiz o adquirira da Montgomery Ward.) Tampouco percebia que, constantemente, no decorrer de seus esforços, ela se deparava com certos fragmentos empoeirados que, caso fossem examinados com atenção, revelariam a verdadeira e decepcionante condição da estrutura. Tribulation, grandiosa, imponente e opulenta, que ela reconstruía com minúcias em sua mente, não era a réplica de uma casa que existira de fato, mas sim uma quimera, um castelo de conto de fadas.

Harriet dedicava dias inteiros ao estudo do álbum de fotos antigas na casa de Edie (que, diferentemente de Tribulation, era um chalé de dois quartos construído nos anos 1940). Lá estava Libby, magra e tímida, cabelo

preso atrás, parecendo solteirona e sem graça já aos dezoito anos: havia algo da mãe de Harriet (e de Allison) em seus olhos e boca. Ao lado, Edie, com seu jeito altivo — aos nove anos, sobrancelhas cerradas tempestuosas, com uma expressão que imitava a sisudez de seu pai, o juiz, posicionado atrás dela. Tat, estranha, de cara redonda, sentada numa cadeira de vime, com a figura desfocada de um gato no colo, estava irreconhecível. Adelaide, ainda um bebê, que sobreviveria a três maridos, ria para a câmera. Era a mais formosa das três, e algo nela também lembrava Allison, embora um toque de petulância já assomasse nos cantos da boca. Nos degraus da casa condenada que se erguia ao fundo, estavam os azulejos com as letras C L E V E: mal se podia distingui-las, mesmo olhando com atenção, mas eram a única coisa da foto que permanecera imutável.

As fotografias prediletas de Harriet eram as que mostravam o irmão. Edie removera a maioria; como sentiam muita dificuldade em olhar para elas, saíram do álbum e foram guardadas separadamente, no closet do quarto de Edie, dentro de uma caixa de chocolate em forma de coração. Quando Harriet as encontrou, por acaso, aos oito anos, considerou-as uma descoberta arqueológica equivalente à tumba de Tutancâmon.

Edie não desconfiava que Harriet descobrira aquelas fotos, uma de suas principais razões para passar tanto tempo na casa da avó. Harriet, equipada com lanterna, examinava cada uma delas sentada dentro do closet bolorento de Edie, atrás de saias e vestidos domingueiros; por vezes, guardava a caixa na mala da Barbie com a qual brincava e levava as fotos para examiná-las no barracão de ferramentas de Edie, onde a avó — aliviada quando a neta largava um pouco do seu pé — deixava que ela se divertisse em paz. Em diversas ocasiões havia levado as fotos para casa, devolvendo-as no dia seguinte. Uma noite, depois que a mãe foi para a cama, ela as mostrara a Allison. “Olhe”, disse. “Este é o nosso irmão.”

Allison, com uma expressão assustada no rosto, arregalou os olhos para a caixa aberta que Harriet pusera em seu colo.

“Vá em frente. Pode olhar. Você aparece em várias fotos.”

“Não quero.” Allison fechou a tampa com força e devolveu a caixa a Harriet.

As fotos eram instantâneos coloridos: polaróides desbotadas com bordas rosadas, pegajosas e rasgadas nos pontos em que estiveram presas no álbum. Havia impressões digitais, como se alguém as tivesse manipulado com frequência. Algumas fotos continham números carimbados em preto no verso, pois haviam sido catalogadas para uso na investigação policial; nelas as marcas de dedos abundavam.

Harriet nunca se cansava de olhá-las. Os tons eram azulados, fantasmagóricos; o tempo tornara as cores ainda mais estranhas e difusas. Insinuavam um mundo diáfano, autônomo, irrecuperável. Lá estava Robin, dormindo ao lado de Weenie, seu gatinho alaranjado; correndo pela varanda enorme e colunada de Tribulation, gargalhando, gritando algo para a câmera; fazendo bolhas de sabão com uma tigela e canudinho. Depois aparecia sério, de pijama listado; no uniforme de escoteiro — joelhos para trás, contente consigo mesmo; em outra, quando era pequeno, usava o traje da peça do jardim-de-infância — *O homem de bolo de gengibre* — na qual fazia o papel de um corvo voraz. A roupa que usara era famosa. Libby gastara semanas para costurá-la: malha preta com meia cor de laranja, coberta dos pulsos até as axilas e das axilas até a coxa com penas de veludo preto felpudo. No nariz prenderam um cone de cartolina laranja que servia de bico. Fizera tanto sucesso que Robin a usara por dois anos seguidos no Dia das Bruxas, assim como as irmãs. Charlotte ainda recebia telefonemas de mães das redondezas pedindo a fantasia emprestada para seus filhos.

Eddie dedicara um rolo inteiro de filme à noite da apresentação da peça: várias fotos de Robin correndo animado pela casa, abanando os braços como se batesse asas, deixando para trás algumas penas no carpete imenso e puído. Uma asa negra cobria o pescoço de Libby, acanhada, a autora enrubescida do traje. Com seus amiguinhos Alex (o padeiro, de capa e

touca branca) e Pemberton, agressivo, no papel de Homem de Bolo de Gengibre, o rosto miúdo roxo de raiva com o traje indecente. Robin de novo, impaciente, agitado, seguro pela mãe, que ajoelhada tentava passar o pente em seu cabelo. A mulher jovial da foto era indubitavelmente a mãe de Harriet, mas uma mãe que ela não havia conhecido: animada, charmosa, cheia de vida.

As imagens encantavam Harriet. Mais do que tudo, ela queria escapar do mundo que conhecia e mergulhar naquela luminosidade azulada e clara onde seu irmão estava vivo e a linda mansão ainda existia e todos eram felizes. Robin e Edie no salão imenso, sombrio, os dois de quatro no chão, brincando com um jogo de tabuleiro — não conseguia distinguir qual, tinha peças reluzentes e uma roda colorida que girava. Depois, lá estavam eles outra vez, Robin de costas para a máquina fotográfica, jogando para Edie uma bola vermelha grande, e Edie revirando os olhos comicamente enquanto pulava para segurá-la. Havia uma cena de aniversário na qual ele apagava as velas do bolo — nove velas, a derradeira festa de aniversário que teria — com Edie e Allison por cima de seu ombro, para ajudá-lo a soprar, rostos sorridentes brilhando na penumbra. Um Natal delirante: pinheiros e brocados, presentes empilhados debaixo da árvore, o aparador reluzindo com a poncheira de cristal, travessas de cristal cheias de doces e laranjas, bolos polvilhados de açúcar sobre travessas de prata, o serafim da lareira enfeitado com azevinho e todos rindo sob a luz do candelabro que se refletia nos espelhos altos. No fundo, na mesa de Natal, Harriet conseguia identificar os pratos famosos: decorados com fitas vermelhas e sinos folhados a ouro. Eles se quebraram na mudança, culpa dos empacotadores descuidados, e nada restou do jogo, exceto um par de pires e uma molheira, mas na foto aparecia o serviço completo, glorioso, celestial, impecável.

Harriet nascera antes do Natal, em meio a uma tempestade de neve, a mais forte já registrada no Mississippi. Na caixa em forma de coração havia uma foto da nevasca: o caminho ladeado de carvalhos e coberto de

gelo de uma Tribulation brilhante, com Bounce, o terrier de Adelaide que já falecera fazia muito tempo, correndo pelo passeio louco de excitação em direção à dona que o fotografava, flagrado para sempre com a boca entreaberta para latir — as pernas finas desfocadas, flocos de neve flutuando em torno dele —, ávido por chegar à dona querida. Ao longe, a porta de entrada de Tribulation estava aberta e Robin, carregando no colo a irmã Allison, tímida, saíra para acenar alegremente. Saudava Adelaide — que tirava a foto — e Edie, que ajudava a mãe a descer do carro; e olhava para a irmã caçula Harriet, o bebê que via pela primeira vez, chegando em casa do hospital naquela véspera de Natal luminosa de neve.

Harriet vira neve apenas duas vezes, mas desde pequena sabia que nascera durante uma nevasca. A cada véspera de Natal (Natais menores, mais melancólicos, celebrados em torno do aquecedor a gás da casinha abafada de Libby de pé-direito baixo, tomando eggnog), Libby, Tat e Adelaide contavam a mesma história, narrando como entraram todas no carro de Edie e foram até o hospital em Vicksburg para buscar Harriet, apesar de toda aquela neve.

“Você foi o melhor presente de Natal que já tivemos”, diziam. “Robin ficou tão excitado! Na noite anterior ele mal conseguiu dormir, atormentou sua avó até as quatro da madrugada, impedindo que ela dormisse. E quando a viu pela primeira vez de perto, quando a trouxemos para dentro, ele ficou em silêncio por um minuto e depois disse: ‘Mãe, acho que você escolheu o bebê mais bonito que tinha lá.’”

“Harriet foi um bebê tão bem-comportado”, comentou a mãe de Harriet, pensativa, sentada ao lado do aquecedor, abraçada aos joelhos. Como no dia do aniversário de nascimento de Robin e também no de sua morte, o Natal era particularmente sofrido para ela, e todos sabiam disso.

“Eu era boazinha?”

“Sim, doçura, um anjo.” Verdade. Harriet nunca chorava e não deu trabalho para ninguém, até aprender a falar.

A foto preferida de Harriet na caixa de coração, que ela examinava repetidamente com a lanterna, era a que a mostrava junto com Robin e Allison na sala de estar de Tribulation, ao lado da árvore de Natal. Era a única foto, pelo que sabia, que mostrava os três juntos; era a única foto sua tirada no solar da família. Em nada indicava a série de desgraças que logo se abateria sobre eles. O juiz morreria em um mês, Tribulation seria perdida para sempre e Robin faleceria na primavera seguinte, mas obviamente ninguém sabia disso naquele momento; era Natal, havia uma criança nova em casa, todos estavam felizes e acreditavam que continuariam felizes para sempre.

Na foto, Allison (séria, de vestido comprido branco) estava descalça ao lado de Robin, que segurava Harriet, o bebê — a fisionomia dele misturava excitação e deslumbramento, como se Harriet fosse um brinquedo novo muito desejado, com o qual ainda não sabia lidar direito. A árvore de Natal brilhava atrás deles; espiando tudo, no canto da foto, estavam Weenie, o gato de Robin, e Bounce, intrigado com a cena, como os animais reunidos para testemunhar o milagre no estábulo. Acima deles, o serafim de mármore sorria. A luminosidade da foto era irregular, sentimental, insinuando os desastres. Até o terrier Bounce morreria antes do Natal seguinte.

Após a morte de Robin, a Primeira Igreja Batista arrecadou dinheiro para uma doação em sua homenagem — um marmeleiro japonês ou quem sabe almofadas novas para os bancos da igreja —, mas o valor superou todas as expectativas. Um dos seis vitrais da igreja — que representavam cenas da vida de Jesus Cristo — se quebrara quando um galho da árvore vizinha caiu durante uma tempestade no inverno. Desde então, havia ali um buraco tapado com madeira compensada. O pastor, até o momento desanimado pelo custo do conserto, acabou sugerindo que o dinheiro fosse usado para encomendar um novo vitral.

Uma parcela considerável da arrecadação tinha vindo dos próprios alunos da escola. Eles bateram de porta em porta, organizaram rifas e fizeram bolo para vender. Um amigo de Robin, Pemberton Hull (que representara o Homem de Bolo de Gengibre na peça infantil na qual Robin fora o Pássaro Preto), levantara quase duzentos dólares para a homenagem ao colega morto, uma fortuna que Pem, apesar de seus nove anos, alegava ter obtido quebrando seu cofrinho de porco. Na verdade, surrupiara o dinheiro da bolsa da mãe. (Também tentara doar a aliança de casamento dela, dez colheres de prata e um prendedor de gravata da maçonaria cuja origem ninguém foi capaz de determinar; engastado com diamantes, evidentemente valia um bom dinheiro.) Contudo, mesmo sem donativos tão generosos, o total reunido pelos colegas de Robin foi impressionante; eles sugeriram que o vitral, em vez de repetir a cena anterior, das bodas de Canaã, apresentasse um tema em homenagem não apenas a Robin mas também às crianças que tanto haviam se dedicado à empreitada.

A nova janela — inaugurada para a boquiaberta congregação da Primeira Igreja Batista um ano e meio depois — mostrava um Jesus alegre, de olhos azuis, sentado numa pedra debaixo da oliveira e conversando com um menino de cabelo ruivo e boné de beisebol cuja semelhança com Robin era inegável.

#### QUE VENHAM A MIM AS CRIANCINHAS

dizia a inscrição abaixo da cena, e na placa de bronze ao pé da janela lia-se:

Em memória do querido Robin Cleve Dufresnes  
De seus colegas da Escola de Alexandria, Mississippi  
“Pois delas será o Reino dos Céus”

Harriet, a vida inteira, vira o irmão brilhando na mesma constelação do arcanjo Gabriel, de São João Batista, de Maria e José e, claro, do próprio Cristo. O sol do meio-dia passava através de sua figura translúcida, e os traços puros de seu rosto (nariz arrebitado, sorriso de duende) brilhavam com a mesma claridade abençoada. Era uma luminosidade ainda mais radiante por ser infantil, mais sensível do que a de João Batista e a de outros; contudo, em seu rostinho havia a mesma serena indiferença da eternidade, como um segredo compartilhado por todos os santos.

O que acontecera exatamente no Calvário ou no túmulo? Como a carne ascendia das profundezas e da dor naquele caleidoscópio da ressurreição? Harriet não sabia. Mas Robin sim, e seu rosto irradiava o conhecimento do segredo.

A própria passagem de Cristo — apropriadamente — era descrita como um Mistério, contudo as pessoas pareciam profundamente desinteressadas em ir até o fundo do caso. O que a Bíblia queria dizer exatamente quando afirmava que Jesus ressuscitou do reino dos mortos? Teria ele retornado apenas em espírito, como uma espécie de fantasma insatisfatório? Seguramente não, de acordo com a Bíblia: Tomás, incrédulo, tocara com seu dedo um dos buracos feitos pelos cravos em Sua palma; Ele fora visto, em carne e osso, no caminho de Emaús; Ele chegara a tomar lanche na casa de um discípulo. Mas, se de fato Ele retornara dos mortos com Seu corpo terreno, onde estava agora? E, se Ele amava a todos tanto quanto alegava, por que todo mundo tinha de morrer, afinal?

Quando Harriet tinha sete ou oito anos, fora a uma biblioteca no centro e pedira livros de magia. Quando voltou para casa, enfureceu-se ao descobrir que continham apenas truques de mágica: como fazer uma bolinha desaparecer de dentro da xícara, como tirar moedas da orelha das pessoas. Na janela oposta em que estavam Jesus e seu irmão, Lázaro voltava à vida. Harriet leu várias vezes a história de Lázaro na Bíblia, mas o relato não esclarecia as questões mais básicas. O que Lázaro disse a Jesus e a suas irmãs sobre a semana passada no túmulo? Ele ainda fedia? Foi

capaz de voltar para casa e retomar a vida normal, com as irmãs, ou os vizinhos tinham medo dele, e quem sabe o obrigaram a ir embora, morar sozinho feito o monstro de Frankenstein? Harriet não podia deixar de pensar que, se estivesse lá, teria tido muito mais comentários a fazer sobre o assunto do que são Lucas.

Talvez tudo não passasse de uma história. Talvez nem o próprio Jesus tenha voltado dos mortos, embora todos afirmassem que Ele o fez; mas, se Ele foi realmente capaz de rolar a pedra e sair vivo do túmulo, por que isso não acontecia com seu irmão, que ela via todos os domingos brilhando ao lado de Jesus?

Essa era a maior obsessão de Harriet, a origem de todas as outras. Pois o que ela queria — mais do que Tribulation, mais do que qualquer outra coisa — era ter seu irmão de volta. Depois disso, o que mais queria era descobrir quem o matara.

Numa manhã de sexta-feira de maio, doze anos após o assassinato de Robin, Harriet estava sentada à mesa da cozinha de Edie, lendo o diário da última expedição do Capitão Scott à Antártida. Apoiava o livro aberto entre o cotovelo e o prato no qual comia ovo mexido com torrada. Ela e Allison freqüentemente tomavam café-da-manhã na casa de Edie, antes de irem para a escola. Ida Rhew, que sempre cozinhava, só chegava depois das oito, e a mãe, que pouco comia em qualquer refeição, considerava desjejum um cigarro e eventualmente uma garrafa de Pepsi.

Naquela manhã, porém, elas não iriam à escola, embora fosse dia de semana; as férias de verão estavam começando. Edie, parada na frente do fogão, usava um avental de bolinhas sobre o vestido, preparando um ovo mexido para si também. Não aprovava o fato de Harriet ler à mesa, mas achava melhor deixá-la à vontade do que se dar o trabalho de corrigi-la a cada cinco minutos.

O ovo ficou pronto. Ela apagou o fogo e foi até o armário pegar um prato. Ao fazê-lo, foi obrigada a pular por cima do corpo da outra neta, que estava deitada no piso de linóleo da cozinha, soluçando monotonamente.

Edie, ignorando o choro, pulou cuidadosamente por cima do corpo estendido de Allison na volta, para colocar o ovo no prato. Depois contornou a mesa da cozinha, evitando tropeçar em Allison no caminho, e sentou-se na frente de Harriet, concentrada no livro, para comer em silêncio. Estava velha demais para essas coisas. Levantara às cinco da manhã, não agüentava mais aquelas crianças.

O problema era o gato das meninas, estendido sobre uma toalha, na caixa de papelão próxima à cabeça de Allison. Uma semana antes ele começara a recusar os alimentos. Depois passou a miar quando o tocavam. Elas o levaram à casa de Edie para que a avó o examinasse.

Edie era boa para tratar de animais e costumava pensar que teria dado uma ótima veterinária, ou mesmo médica, se as mulheres tivessem tido oportunidade de estudar na sua época. Ela curara todos os tipos de cães e gatinhos, cuidara de passarinhos caídos do ninho, limpava as feridas e tratara de ossos fraturados de diversos animais. As crianças sabiam disso — não apenas seus netos, mas todas as crianças das redondezas — e lhe levavam seus mascotes doentes, bem como qualquer bicho da rua ou do mato que encontrassem.

Embora gostasse de animais, Edie não era sentimental no que dizia respeito a eles. Nem, deixara bem claro às meninas, fazia milagres. Após um rápido exame do gato — que realmente estava prostrado, mas não aparentava doença alguma — ela se levantou, limpando as mãos na saia, e encarou as meninas, que a olhavam ansiosas.

“Qual a idade do gato, afinal?”, perguntou a elas.

“Dezesseis anos e meio”, Harriet respondeu.

Edie abaixou-se para acariciar o pobre bichano, cujo olhar era de dar dó. Ela gostava muito daquele gato. Pertencera a Robin. Ele o encontrara deitado na calçada quente num dia de verão — meio morto, mal

conseguia abrir os olhos — e o levava para a avó com cuidado, nas mãos em concha. Edie teve um trabalhão danado para salvá-lo. Um monte de vermes havia feito um buraco em uma das ancas do gato, e ela ainda se lembrava da calma e da quietude dele enquanto lavava a ferida numa bacia rasa com água morna, e também da água cor-de-rosa que restara, quando acabou.

“Edie, ele vai ficar bom, não vai?”, Allison indagou, sempre a ponto de chorar. O gato era seu melhor amigo. Depois que Robin morreu, afeiçoara-se a ela; seguia Allison por toda parte, levava-lhe presentes, que havia roubado ou matado (passarinhos mortos, coisas tiradas do lixo; certa vez — misteriosamente — um pacote fechado de biscoitos doces). Desde que Allison começara a freqüentar a escola, ele arranhava a porta dos fundos todas as tardes, às duas e quarenta e cinco, pedindo para sair. Depois andava até a esquina e a esperava.

Allison, por sua vez, dedicava mais afeto ao gato do que a qualquer outra criatura viva, inclusive os membros de sua família. Conversava com ele constantemente, dava-lhe pedacinhos de frango e presunto de seu próprio prato, permitia que dormisse com a barriga sobre seu pescoço durante a noite.

“Provavelmente comeu algo que não lhe fez muito bem”, Harriet disse.

“Vamos ver”, disse Edie.

Os dias seguintes, todavia, confirmaram suas suspeitas. O gato não sofria de doença alguma. Envelhecera, só isso. Ela lhe ofereceu atum e deu leite com conta-gotas, mas o gato fechava os olhos e cuspiu o leite junto com uma espuma nojenta, por entre os dentes. Na manhã anterior, enquanto as meninas ainda estavam na escola, ela entrou na cozinha e viu o gato se contorcer inteiro, num espasmo prolongado. Ela o enrolou numa toalha e o levou ao veterinário.

Quando as meninas passaram em sua casa naquela tarde, contou-lhes: “Lamento, mas não pude fazer nada. Levei o gato ao doutor Clark, hoje de manhã. Ele disse que será preciso dar um remédio para ele descansar”.

Harriet — surpreendentemente, pois era capaz de armar escândalos monumentais quando queria — recebeu a notícia com relativa tranqüilidade. “Coitadinho do Weenie”, disse, agachando-se ao lado da caixa do gato. “Pobre gatinho.” E acariciou as costas do animal que arfava. Gostava do gato quase tanto quanto Allison, embora ele não lhe desse a menor atenção.

Allison, no entanto, empalideceu. “Como assim, um remédio para ele descansar?”

“Você entendeu muito bem.”

“Não vai fazer isso. Não permitirei.”

“O veterinário sugeriu, ele disse que era o único jeito. Não podemos fazer nada”, Edie retrucou, ríspida.

“Não deixarei que você o mate.”

“E o que pretende fazer? Prolongar o sofrimento do coitado?”

Allison, com os lábios trêmulos, ajoelhou-se ao lado da caixa do gato e irrompeu num choro histérico.

Isso tudo havia acontecido às três horas da tarde anterior. Desde então, Allison não saíra mais do lado do gato. Recusara o jantar, bem como o travesseiro e o cobertor; passara a noite inteira deitada no chão frio, chorando e gemendo. Edie passou meia hora sentada na cozinha junto com ela, pronunciando um sermão duro a respeito da morte, todos os seres do mundo morriam um dia, e Allison precisava aprender a aceitar o fato. Mas Allison só chorou com mais força; finalmente, Edie desistiu e foi para o quarto, fechando a porta para iniciar a leitura de um livro de Agatha Christie.

Por volta da meia-noite, como indicava o despertador de Edie na mesinha-de-cabeceira, a choradeira tinha parado. Agora ela estava chorando de novo. Edie tomou um gole de chá. Harriet se concentrara profundamente nas aventuras do Capitão Scott. Do outro lado da mesa, o café da manhã de Allison continuava intocado.

“Allison”, disse Edie.

Allison não respondeu. Suas costas tremiam.

“Allison, levante-se e tome seu café”, ordenou a avó pela terceira vez.

“Estou sem fome”, foi a resposta, entre soluços.

“Olhe aqui”, Edie insistiu. “Estou cheia disso. Você já é bem grandinha para agir assim. Vai parar de chorar e levantar do chão *imediatamente*, para tomar o café-da-manhã. E vamos logo. Está esfriando.”

A resposta veio na forma de um uivo angustiado.

“Ai, meu Deus”, Edie suspirou, virando-se para o seu prato. “Faça o que quiser. Imagino o que não diriam seus professores na escola, se a vissem esperneando no chão feito um bebezão.”

“Escutem só”, Harriet disse subitamente. E começou a ler o livro em tom pedante: “Nota-se que o fim de Titus Oates aproxima-se. O que ele ou nós vamos fazer, só Deus sabe. Discutimos o caso durante o café-da-manhã: ele é um sujeito excelente e corajoso, compreende a situação, mas...”.

“Harriet, nenhuma de nós está interessada no Capitão Scott no momento”, disse Edie. Sua paciência se esgotara.

“Só estou dizendo que Scott e seus homens eram corajosos. Eles mantiveram o moral alto. Mesmo quando foram apanhados pela tempestade e perceberam que todos iam morrer.” Ela prosseguiu, erguendo a voz: “Estamos muito perto do fim, mas não pretendemos, não vamos desanimar...”.

“Bem, a morte sem dúvida faz parte da vida”, Edie comentou, resignada.

“Os homens de Scott adoravam seus cães e cavalos, mas as coisas ficaram tão ruins que foi preciso matar todos a tiros. Ouça isto, Allison, eles tiveram de *comer* os animais.” Voltou algumas páginas e abaixou a cabeça para ler de novo. “Pobres coitados! Portaram-se de modo admirável, levando-se em conta as circunstâncias em que se encontravam, isso torna ainda mais difícil sacrificá-los para que...”

“Diga para ela parar!”, Allison gritou deitada no chão, tapando os ouvidos com as mãos.

“Cale a boca, Harriet”, disse Edie.

“Mas...”

“Nem mais uma palavra”, disse enérgica. “Allison, saia do chão. Chorar não vai salvar o gato.”

“Sou a única aqui que gosta de Weenie. Ninguém mais liga para ele.”

“Allison. *Allison*.” Edie estendeu o braço para pegar a faca da manteiga. “Um dia seu irmão me trouxe um sapo cuja perna fora arrancada pelo cortador de grama.”

A altura dos uivos que partiram do chão quando Edie falou isso lhe deu a impressão de que sua cabeça ia se partir ao meio, mas ela continuou passando manteiga na torrada — que já estava dura e fria — e insistiu: “Robin queria que eu cuidasse dele. Mas eu nada podia fazer. Não tinha como ajudar o bichinho, a não ser abreviando seu sofrimento. Robin não entendia que o gesto mais misericordioso é matar a pobre criatura, quando ela está sofrendo demais. Não houve meio de fazê-lo compreender que o sapo estaria melhor morto do que sofrendo dores terríveis. Claro, ele era muito mais novo do que você”.

Aquele breve solilóquio não provocou nenhuma reação na pessoa visada, mas quando Edie ergueu os olhos percebeu, com certa irritação, que Harriet a encarava, boquiaberta.

“Como você o matou, Edie?”

“Do modo mais piedoso que eu conhecia”, Edie respondeu, contrariada. Ela havia cortado a cabeça do sapo com uma enxada — e, para piorar tudo, fizera isso impensadamente na frente de Robin, algo que lamentava —, mas não pretendia revelar tais detalhes.

“Você pisou nele?”

“Ninguém dá atenção para mim”, Allison gritou de repente. “A senhora Fountain envenenou Weenie. Tenho certeza. Ela disse que ia matar meu

gato. Ele andava pelo jardim da casa dela e deixava marcas de pegada no pára-brisa do carro.”

Eddie suspirou. Elas já haviam discutido isso antes. “Antipatizo com Grace Fountain tanto quanto você, ela é uma velha malvada e mete o nariz em tudo. Mas não acredito que tenha envenenado o gato.”

“Tenho certeza. Odeio aquela mulher.”

“Não adianta nada pensar assim.”

“Ela tem razão, Allison”, Harriet intrometeu-se, firme. “Não acredito que a senhora Fountain tenha matado Weenie.”

“O que você quer dizer?”, perguntou Eddie, voltando-se para Harriet, desconfiada daquele súbito endosso a sua posição.

“Aposto que eu teria percebido, se ela o envenenasse.”

“E como poderia perceber uma coisa dessas?”

“Não se preocupe, Allison. Ela não envenenou o gato. Mas, se tivesse feito isso”, Harriet concluiu, voltando ao livro, “ia se arrepender amargamente.”

Eddie, que não tinha nenhuma intenção de deixar morrer o assunto, ia falar quando Allison começou a chorar ainda mais alto.

“Não me importa quem o matou”, disse entre soluços, coçando os olhos com as mãos fechadas. “Por que Weenie tem que morrer? Por que aquelas pessoas todas morreram congeladas? *Por que tudo tem que ser tão horrível o tempo inteiro?*”

“Porque o mundo é assim mesmo”, disse Eddie.

“Então o mundo me dá nojo.”

“Allison, agora chega.”

“Não chega. Sempre vou pensar assim.”

“Bem, trata-se de uma atitude tipicamente adolescente”, Eddie comentou. “Odiar o mundo. Achar que ninguém se importa.”

“Eu vou odiar o mundo pelo resto da vida. Nunca vou parar de odiar.”

“Scott e seus companheiros foram muito bravos, Allison”, Harriet falou. “Mesmo quando estavam para morrer. Ouça isto: ‘Estamos numa

condição desesperadora, com os pés congelados etc. Sem combustível e muito longe de qualquer alimento, mas faria bem a seu espírito estar conosco em nossa barraca, ouvindo as canções e as conversas animadas...’.”

Edie levantou-se. “Está decidido. Vou levar o gato para o doutor Clark. Vocês esperam aqui.” Apática, começou a recolher os pratos, ignorando a nova série de uivos que partiam do chão, a seus pés.

“Não, Edie”, Harriet disse, afastando a cadeira. Ela se levantou e aproximou-se da caixa de papelão. “Pobre Weenie”, disse, acariciando o gato trêmulo. “Coitadinho. Por favor, não o leve agora, Edie.”

Os olhos do velho gato estavam semicerrados de dor. Debilmente, ele batia a cauda na lateral da caixa.

Allison, quase sufocando de tanto soluçar, passou os braços em volta da caixa e encostou o rosto na cabeça do gato. “Não, Weenie”, disse. “Não, não.”

Edie abaixou-se e, com surpreendente gentileza, tirou o gato de perto dela. Quando o ergueu, cuidadosa, ele soltou um gemido delicado, quase humano; a boca num ricto que expunha os dentes amarelados e o rosto grisalho pareciam de um homem velho, paciente e cansado de tanto sofrer.

Edie o acariciou com ternura atrás da orelha. “Passe-me a toalha, Harriet”, disse.

Allison tentou falar, mas chorava tanto que não conseguiu.

“Por favor, Edie, não faça isso”, Harriet implorou. Ela também chorava. “Por favor, ainda nem me despedi dele.”

Edie abaixou-se e apanhou ela mesma a toalha, depois se levantou. “Diga-lhe adeus então”, falou impaciente. “O gato vai embora agora, e não voltará tão cedo.”

Uma hora depois, Harriet encontrava-se no terraço nos fundos da casa de Edie, ainda de olhos vermelhos, recortando a imagem de um babuíno

do volume B da *Compton's Encyclopedia*. Depois que o velho Oldsmobile azul de Edie se afastou da casa, ela também deitou-se no chão da cozinha, ao lado da caixa vazia, para chorar tão desesperadamente quanto a irmã. Depois que as lágrimas secaram, ela se levantou e foi até o quarto da avó, pegou um alfinete comum de um porta-alfinetes em forma de tomate e se divertiu durante um bom tempo riscando ODEIO EDIE em letras miúdas, no pé da cama de Edie. Mas a atividade acabou por frustrá-la e enquanto ainda estava deitada no tapete, ao pé da cama, uma idéia mais divertida veio-lhe à mente. Após cortar o rosto do babuíno da enciclopédia, pretendia colá-lo em cima da cara de Edie, no retrato da família. Tentou interessar Allison no projeto, mas a irmã, com o rosto virado para baixo, ao lado da caixa vazia, recusou-se a se levantar dali.

O portão do quintal, nos fundos da casa de Edie, abriu-se rangendo e Hely Hull entrou correndo, sem fechá-lo. Tinha onze anos, um a menos que Harriet, e usava o cabelo cor de areia comprido até o ombro, para imitar seu irmão mais velho, Pemberton. “Harriet”, chamou, subindo os degraus do terraço. “Oi, Harriet”, disse, mas parou ao escutar os soluços seguidos que vinham da cozinha. Quando Harriet ergueu os olhos, notou que ela também chorara.

“Ah, não”, falou em tom de desespero. “Eles vão obrigá-la a ir para o acampamento, não é?”

O Acampamento Lake de Selby era o maior terror de Hely — e de Harriet. Haviam sido forçados a passar parte do verão anterior nesse acampamento para crianças cristãs. Meninos e meninas (segregados, instalados em extremidades opostas do lago) passavam quatro horas por dia estudando a Bíblia e o resto do tempo trançando cordas e atuando nas peças ridículas e humilhantes que os monitores escreviam. No grupo dos meninos, todos insistiam em mudar a pronúncia do nome de Hely — não diziam “Healy”, como seria correto, mas “Helly”, para humilhá-lo dizendo que rimava com “Nelly”. Pior: ele foi agarrado à força e cortaram-lhe o cabelo, o que divertiu muito o resto dos meninos acampados. Embora

Harriet tenha, de sua parte, adorado as aulas de Bíblia — principalmente por lhe darem uma platéia cativa, que facilmente se chocava com suas opiniões heterodoxas sobre as Escrituras —, sua estada foi tão sofrida quanto a de Hely: levantar às cinco, apagar a luz do dormitório às oito, nem um momento sequer para si, nenhum livro fora a Bíblia, “disciplina à moda antiga” em doses cavalares (palmatória, humilhação em público) para forçar o cumprimento das regras. Ao final de seis semanas, ela, Hely e outros meninos da igreja batista estavam sentados apáticos, olhando pela janela do ônibus da paróquia, silenciosos em suas camisetas verdes do Acampamento Lake de Selby, totalmente traumatizados.

“Diga a sua mãe que você vai se matar”, Hely sugeriu, afogueado. Um grupo grande de colegas da escola partira no dia anterior, arrastando os pés resignados na marcha forçada até o ônibus escolar verde espalhafatoso, como se estivessem indo direto para o inferno, e não para um acampamento de verão. “Eu disse que ia me matar, se me obrigassem a voltar lá. Falei que ia me deitar na estrada até um carro passar por cima de mim.”

“O problema não é esse.” Sucinta, Harriet contou a história do gato.

“Então você não vai para o acampamento?”

“Não, se puder evitar”, Harriet disse. Ela vigiara o carteiro durante várias semanas, atenta à chegada dos formulários de inscrição; quando chegaram, pegou-os, picou tudo e jogou os pedacinhos no lixo. Mas o perigo ainda não passara. Edie, a verdadeira ameaça (sua mãe, distraída, nem percebeu que os formulários não haviam chegado), já comprara uma mochila nova e um par de tênis para Harriet, além de pedir a lista de materiais.

Hely pegou a foto do babuíno e a examinou. “O que pretende fazer com isso?”

“Com isso?” Ela explicou.

“Talvez seja melhor usar outro animal”, Hely sugeriu. Ele odiava Edie, que sempre zombava dele por causa do cabelo, fingindo achar que ele era

menina. “Podia ser um hipopótamo. Ou um porco.”

“Acho que está bom demais.”

Ele debruçou-se por cima do ombro dela, comendo os amendoins cozidos que levava no bolso, observando Harriet colar a cara feroz do babuíno em cima do rosto de Edie, encaixando-o bem para que o cabelo o emoldurasse direito. Mostrando os dentes, encarava agressivamente o observador, enquanto o avô de Harriet, de perfil, observava enlevado a noiva simiesca. Embaixo da fotografia estava escrito, com a caligrafia de Edie:

Edith e Hayward

Ocean Springs, Mississippi

11 de junho de 1935.

Vou mesmo. Vocês vão se arrepender *amargamente*, seus moleques.”

## 2. O pássaro-preto

Por volta das dez horas, algumas noites depois, enquanto a mãe e a irmã dormiam no andar de cima, Harriet girou cautelosamente a chave da porta do armário das armas. Velhas e malconservadas, foram recebidas pelo pai de Harriet como herança de um tio colecionador. Harriet quase nada sabia do misterioso tio Clyde, só sua profissão (engenheiro), seu temperamento (“azedo”, dizia Adelaide, fechando a cara; haviam sido colegas no colegial) e seu fim (desastre de avião no mar, ao largo da costa da Flórida). Uma vez que o consideraram “desaparecido” (todos preferiam essa palavra), Harriet nunca pensou no tio Clyde como um defunto. Sempre que citavam seu nome, imaginava vagamente um sujeito barbado, maltrapilho, como Ben Gunn de *A ilha do tesouro*, vivendo solitário numa ilhota deserta e desolada qualquer, usando trapos e relógio de pulso corroído pela maresia.

Delicadamente, com a palma da mão segurando o vidro para evitar que balançasse, Harriet puxou a porta grudada do velho armário de armas. Com um estalo, ela se abriu. Na prateleira superior ficava uma caixa com pistolas antigas — um par para duelo, encastoadas em prata e madreperla, curiosas Derringers de dez centímetros. Logo abaixo, alinhadas em ordem cronológica para a esquerda, havia armas maiores: uma Kentucky de pederneira; um rifle Plains assustador, de cinco quilos; um fuzil de carregar pela boca enferrujado, que diziam ter sido usado na Guerra da Secessão. Das armas mais novas, a mais impressionante era uma espingarda, a Winchester da Primeira Guerra Mundial.

O pai de Harriet, proprietário da coleção, era um sujeito distante e desagradável. As pessoas comentavam muito o fato de ele residir em Nashville, pois ele e a mãe de Harriet continuavam casados. Embora não tivesse a menor idéia de como esse arranjo fora possível (exceto, vagamente, que se relacionava com o trabalho do pai), Harriet pouco se importava, uma vez que ele morava fora de casa desde que ela era muito pequena. Um cheque chegava todos os meses, para as despesas domésticas; ele aparecia no Natal e no Dia de Ação de Graças, passava uma temporada no outono, a caminho do acampamento de caça no Delta. Para Harriet, a situação parecia perfeitamente razoável, pois convinha a todos: à mãe, a quem restava pouquíssima energia (passava a maior parte do dia na cama), e ao pai, a quem pelo jeito sobrava energia, mas do pior tipo. Ele fazia tudo depressa: falava, comia e — exceto quando tinha nas mãos um copo de bebida — era incapaz de ficar quieto sentado. Em público, mostrava-se sempre brincalhão, as pessoas o consideravam divertido, mas na intimidade seu humor imprevisível não era tão agradável assim, e o jeito impulsivo de dizer a primeira coisa que lhe vinha à mente com frequência magoava os familiares.

Pior: o pai de Harriet sempre tinha razão, mesmo quando estava errado. Transformava tudo em polêmica para impor sua opinião. Embora assumisse uma postura inflexível, adorava discutir; até quando estava de bom humor (recostado na poltrona vendo televisão distraidamente, com um coquetel na mão), gostava de provocar Harriet, espicaçá-la, só para mostrar quem mandava ali. “Meninas inteligentes não são populares”, afirmava. Ou: “Não adianta estudar, você vai crescer, casar-se e pronto”. Como declarações do gênero enfureciam Harriet — ele as considerava a mais pura verdade — e ela se recusava a aceitá-las, o pai comia. Por vezes, ele dava uma surra de cinta em Harriet — por retrucar — enquanto Allison observava de olhos arregalados, fixos, e a mãe se refugiava no quarto. Em outras ocasiões, como castigo, destinava a Harriet tarefas duras, impraticáveis (cortar a grama com o cortador de empurrar, limpar

o sótão inteiro sozinha), que ela simplesmente se recusava a fazer. “Anda logo!”, Ida Rhew a empurrava pela porta do sótão, com ar preocupado, depois que o pai havia descido as escadas pisando duro. “Acho melhor obedecer, senão ele vai bater em você de novo quando voltar!”

Mas Harriet — enterrada no meio das pilhas de jornais e revistas velhas — não cedia. Ele poderia espancá-la o quanto quisesse; tudo bem. Era uma questão de princípio. E o que poderia acontecer a Harriet assustava Ida tanto que ela costumava deixar seu próprio serviço de lado, subir e fazer tudo sozinha.

Como o pai era tão encenqueiro e autoritário, além de eternamente insatisfeito, Harriet achava ótimo que não morasse com eles. Nunca o inusitado do arranjo atraía sua atenção, nem ela se dera conta de que as pessoas o consideravam estranho, até certa tarde, quando cursava a quarta série e o ônibus escolar quebrou numa estradinha rural. Harriet viajava ao lado de uma menina tagarela chamada Christy Dooley, uma dentuça que usava poncho branco de crochê todos os dias para ir à escola. Era filha de um policial, embora nada em seu ar de camundongo branco, nem nos modos nervosos, indicasse isso. Entre goles de sopa de legumes velha que tomava direto da garrafa térmica, ela falava sem parar, divulgando vários segredos (sobre professores e pais de alunos) que ouvira em casa. Harriet olhava pela janela, desconsolada, esperando a chegada do mecânico para consertar o ônibus, quando se deu conta, assustada, de que Christy falava a respeito de sua mãe e de seu pai.

Harriet virou-se para encará-la. Ora, *todo mundo* já sabe, Christy murmurou, escondendo-se sob o poncho (ela sempre ocupava mais lugar do que lhe cabia). Harriet por acaso não sabia o motivo de seu pai morar em outra cidade?

“Ele trabalha lá”, Harriet disse. Essa explicação nunca lhe parecera inadequada. Mas Christy soltou um suspiro satisfeito, de gente grande, e depois contou a Harriet a verdadeira história. Em resumo: o pai de Harriet quis ir embora após a morte de Robin — para outra cidade, começar uma

“nova vida”. Os olhos de Christy se arregalaram para enfatizar o tom maldoso. “Mas *ela* não queria ir junto.” Não parecia que Christy mencionava sua mãe, e sim uma personagem de história de terror. “*Ela* disse que ia ficar aqui *para sempre*.”

Harriet — que, de todo modo, já estava irritada por estar viajando ao lado de Christy — afastou-se bem dela e passou a olhar pela janela.

“Você ficou chateada?”, Christy disse, ferina.

“Não.”

“Qual é o problema então?”

“Você está com bafo de sopa.”

Nos anos anteriores, Harriet ouvira outros comentários, tanto de crianças quanto de adultos, no sentido de que havia algo “esquisito” em sua casa, mas considerou-os ridículos. O modo de vida de sua família era prático — até engenhoso. O emprego do pai em Nashville pagava as contas, mas ninguém gostava de suas visitas; ele não ia com a cara de Edie e das tias; todos se revoltavam com o modo grosseiro e duro como tratava a mãe de Harriet. No ano anterior ele a obrigara a acompanhá-lo a uma festa de Natal, atormentando-a até que ela (esfregando os ombros através das mangas finas da camisola e piscando muito) disse que sim. Mas, quando chegou a hora de se arrumar, ela sentou na frente da penteadeira de roupão de banho e encarou seu reflexo no espelho, sem passar batom nem tirar os grampos do cabelo. Quando Allison entrou mansamente para ver como ela estava, alegou enxaqueca. Depois se trancou no banheiro e abriu a torneira até que o pai de Harriet (trêmulo, com o rosto afogueado de raiva) começou a esmurrar a porta com os punhos cerrados. Foi uma véspera de Natal terrível, Harriet e Allison sentaram rígidas na sala, ao lado da árvore, enquanto a vitrola despejava canções natalinas (alternadamente melodiosas e entusiásticas) no volume máximo, insuficiente porém para sufocar a gritaria no andar superior. Foi um alívio quando o pai de Harriet subiu no carro com a mala e a sacola cheia de

presentes, no início da tarde do dia de Natal, para retornar ao Tennessee. A família suspirou e voltou a sua modorra costumeira.

A casa de Harriet era sonolenta — por causa da atitude de todos, menos de Harriet, sempre alerta e agitada por natureza. Quando era a única pessoa acordada na noite escura, como ocorria com frequência na casa silenciosa, o tédio que se abatia sobre ela era tão denso, entorpecedor e atordoante que por vezes não conseguia fazer nada, exceto olhar para a janela ou a parede, como se estivesse dopada. A mãe passava a maior parte do tempo trancada no quarto; depois que Allison ia para a cama — cedo, em geral por volta das nove da noite —, Harriet ficava sozinha: tomava leite direto da embalagem, perambulava pelos cômodos só de meias, desviando das pilhas altas de jornais espalhadas por todos os lados. A mãe de Harriet, desde a morte de Robin, adquirira uma incapacidade peculiar de jogar coisas fora, e o lixo que lotara o porão e o sótão invadia aos poucos o resto da casa.

De vez em quando Harriet até que gostava de ficar sozinha acordada. Acendia luzes, ligava a televisão ou o toca-discos, telefonava para o serviço de orações ou passava trotes nos vizinhos. Comia o que houvesse na geladeira; subia nas prateleiras mais altas e vasculhava armários que ninguém deveria abrir; pulava no sofá até as molas rangerem, e com as almofadas construía no chão fortes e botes salva-vidas. Chegou a tirar os uniformes do colegial da mãe do guarda-roupa (suéteres em tons pastel roídos de traças, luvas até o cotovelo de todas as cores, um vestido de formatura azul-claro que — em Harriet — arrastava um palmo no chão). Aquilo era perigoso; a mãe de Harriet odiava que mexessem em suas roupas, embora jamais as usasse; mas Harriet, cuidadosa, guardava tudo do jeito que encontrara. Se a mãe alguma vez notou algo estranho, jamais comentou.

Nenhuma das armas estava carregada. A única munição existente no armário era uma caixa de cartuchos calibre doze. Harriet, que tinha apenas uma vaga idéia da diferença entre um rifle e uma espingarda de

caça, tirou os cartuchos da caixa e desenhou com eles estrelas raiadas em cima do tapete. Uma das armas maiores tinha dispositivo para fixação de baioneta, muito interessante, mas ela preferia a Winchester com mira telescópica. Apagou a luz e encostou o cano no parapeito da janela da sala de estar, semicerrando os olhos para espiar pela luneta da mira — viu carros estacionados, calçadas brilhantes sob a luz das lâmpadas e aspersores sibilando enquanto regavam os viçosos jardins desertos. O forte estava sendo atacado; ela manteria seu posto, a vida de todos dependia disso.

As sinetas de vento tilintaram na varanda da sra. Fountain. Do outro lado do gramado alto, ao final do cano oleoso da espingarda, ela podia ver a árvore na qual seu irmão morrera. A brisa soprava nas folhas reluzentes, lançando sombras líquidas sobre a grama.

Por vezes, quando Harriet percorria a casa sombria tarde da noite, ela sentia que o irmão morto estava a seu lado, em silêncio, solidário, íntimo. Ela escutava seus passos no assoalho que rangia, sentia que ele brincava com a cortina esvoaçante ou na moldura da porta que se abria sozinha. Ocasionalmente, ele se mostrava travesso: escondia um livro ou chocolate dela, devolvendo-os ao lugar de origem quando ela não estava olhando. Harriet apreciava sua companhia. Costumava imaginar que era sempre noite lá onde ele vivia, qualquer que fosse o lugar, e que ele ficava sozinho quando ela não estava ali: vagando solitário, balançando as pernas numa sala de espera cheia de relógios tiquetaqueando.

*Estou aqui*, ela dizia com seus botões, *de sentinela*. Sentiu a intensa força da presença do irmão quando se aproximou da janela com a arma. Doze anos haviam transcorrido desde a morte dele, e muita coisa mudara ou desabara desde então, mas a vista da janela da sala de estar não havia mudado. Até a árvore continuava lá.

Os braços de Harriet doíam. Cautelosamente, colocou o rifle no chão, aos pés da poltrona, e foi até a cozinha apanhar um picolé. De volta à sala, tomou o sorvete na frente da janela, no escuro, sem pressa. Depois jogou o

palito em cima de uma pilha de jornais e retomou sua posição com o rifle. Os picolés eram de uva, seus favoritos. Havia mais no freezer, ninguém poderia impedi-la de chupar a caixa inteira, mas era difícil tomar picolé e ao mesmo tempo manter o rifle na posição correta.

Apontou com a arma para o céu escuro, seguindo um pássaro noturno por entre as nuvens enluaradas. Alguém bateu a porta de um carro. Mais que depressa, ela virou o cano na direção do som e focalizou a sra. Fountain — voltando tarde para casa do ensaio do coral, percorrendo a calçada na frente de sua casa, iluminada pelas luzes da rua — distraída, ignorando inteiramente que um brinco reluzia por entre os cabelos de Harriet. Apagou a luz do terraço, acendeu a da cozinha. A silhueta da sra. Fountain, de ombros arqueados e cara de cabra, passou pela cortina diáfana, como uma marionete de teatro de sombras.

“Bang”, Harriet murmurou. Um toque, um movimento do indicador bastaria para mandar a sra. Fountain para onde ela deveria estar — na companhia do Demo. Ficaria perfeita lá — chifres no meio da permanente e um rabo pontudo saindo do vestido. Empurrando o carrinho de compras nas profundezas do inferno.

Um carro se aproximava. Ela deixou a sra. Fountain de lado e o acompanhou, aumentado e sacolejante, pela mira — adolescentes, vidros abaixados, correndo demais — até as luzes vermelhas traseiras sumirem quando dobraram a esquina e desapareceram.

Ao voltar de novo a atenção para a sra. Fountain, notou uma janela enevoada passar pela lente e, ao se deter ali, surpreendeu-se com a deliciosa visão da sala de jantar dos Godfrey, que moravam do outro lado da rua. Os Godfrey eram saudáveis e animados, quarentões sem filhos, sociáveis, membros ativos da igreja batista. Ver os dois acordados, andando pela casa, era reconfortante. A sra. Godfrey estava em pé, servindo sorvete amarelado em tigelas. O sr. Godfrey, sentado à mesa, mantinha-se de costas para Harriet. Os dois estavam sozinhos, toalha de renda, luminária rosada acesa no canto, baixa; tudo claro e íntimo, até as tigelas de sorvete

dos Godfrey, decoradas com desenhos de folhas de uva, e os grampos no cabelo da sra. Godfrey.

A Winchester servia como binóculo, câmara, instrumento para ver as coisas. Ela encostou o queixo na coronha, que era lisa e muito fresca.

Robin, com certeza, a observava durante essas vigílias, e ela também a ele. Sentia quando ele respirava em suas costas: quieto, sociável, contente com sua companhia. Mas as sombras e os rangidos da casa por vezes a assustavam.

Inquieta, com dor no braço por causa do peso da arma, Harriet se ajeitou na poltrona. Ocasionalmente, em noites como aquela, ela fumava um cigarro da mãe. Nos piores momentos não conseguia nem ler, e as letras dos livros — até da *Ilha do tesouro* e de *Raptado*, que ela adorava e que jamais a entediavam — transformavam-se numa espécie de caligrafia chinesa maluca: ilegível, incompreensível, uma coceira que não conseguia coçar. Uma vez, desvairada de frustração, quebrara um bibelô de porcelana pertencente a sua mãe: um gatinho. Depois, em pânico (pois a mãe gostava muito da peça, que possuía desde menina), embrulhou os pedaços numa toalha de papel e guardou tudo em uma caixa de cereal matinal vazia, pondo a caixa bem no fundo da lata de lixo. Ocorrera havia dois anos. Pelo que Harriet sabia, a mãe ainda não dera pela falta do gatinho no armário de bibelôs. Mas sempre que Harriet pensava nisso, e principalmente quando batia a tentação de aprontar algo do gênero outra vez (quebrar uma xícara, cortar uma toalha de mesa com a tesoura), era tomada por uma náusea e a cabeça pesava. Mas poderia tocar fogo na casa, se quisesse; não haveria ninguém acordado para impedi-la.

Uma nuvem cor de ferrugem cobria parcialmente a lua. Ela apontou de novo o rifle para a janela dos Godfrey. A sra. Godfrey também tomava sorvete. Falava com o marido entre as colheradas preguiçosas, com uma expressão fria, contrariada. O sr. Godfrey apoiara os dois cotovelos na toalha de renda. Só conseguia ver a parte de trás de sua cabeça calva —

sem cabelo nenhum na coroa — e não dava para saber se dialogava com a sra. Godfrey, nem se prestava atenção nela.

De repente, ele se levantou, se espreguiçou e saiu. A sra. Godfrey, sozinha à mesa, disse algo. Enquanto tomava as últimas colheradas de sorvete, virou a cabeça um pouquinho, como se tentasse escutar melhor o que o sr. Godfrey dizia no cômodo vizinho; depois levantou-se também e seguiu na direção da porta, ajeitando a saia com as costas da mão. Então a imagem escureceu. A única luz acesa na rua era a deles. A sra. Fountain apagara a sua havia muito tempo.

Harriet consultou o relógio sobre a lareira. Passava das onze e ela precisava se levantar às nove para ir à escola dominical.

Não tinha nada a temer — as luzes brilhavam na rua tranqüila —, mas a casa estava silenciosa demais e Harriet um tanto inquieta. Embora o assassino tivesse invadido a casa em plena luz do dia, ela o temia mais à noite. Quando ele aparecia em seus pesadelos, sempre estava escuro: uma brisa gelada soprava na casa, as cortinas esvoaçavam, todas as janelas e portas estavam abertas, ela corria de um lado para outro, fechando as janelas, trancando as portas, enquanto a mãe permanecia despreocupada no sofá, passando creme no rosto, sem mexer um dedo para ajudá-la; nunca dava tempo de impedir que o vidro fosse quebrado e a mão enluvada surgisse para abrir o trinco. Harriet às vezes via a porta se abrir, mas sempre acordava antes de ver um rosto.

De quatro no chão, ela recolheu os cartuchos. Com cuidado, guardou-os na caixa; limpou as marcas de dedos na arma e a recolocou no lugar, depois trancou o armário e pôs a chave de volta na caixa de couro vermelho sobre a escrivaninha do pai, onde costumava ficar: junto com o cortador de unhas, abotoaduras sem par e dois dados numa bolsinha de couro verde, além de um monte de caixas de fósforos desbotadas de boates de Memphis, Miami e Nova Orleans.

Ela se despiu sem fazer barulho, no andar superior, e sem acender a luz. Na cama ao lado, Allison dormia feito uma pedra, com a cara enterrada

no travesseiro. A luz da lua formava desenhos móveis nas colchas, que mudavam e ganhavam vida quando o vento sibilava entre as árvores. Havia um monte de bichos de pelúcia sobre a cama, em volta dela, como num bote salva-vidas — um elefante de patchwork, um cachorro malhado de preto e branco sem um olho, um carneirinho preto fofo e um canguru de veludo vermelho, além da família inteira de ursinhos — e suas formas inocentes a envolviam num aconchego morno, sombrio, como se fossem criaturas saídas dos sonhos de Allison.

“Muito bem, meninos e meninas”, disse o sr. Dial. Seu olhar frio, cinza cetáceo, percorreu a classe da escola dominical de Harriet e Hely, que — em conseqüência do entusiasmo do sr. Dial pelo Acampamento Lake de Selby e da indesejada defesa do local perante os pais dos alunos — estava pela metade. “Gostaria que meditassem por um minuto a respeito de Moisés. Por que Moisés se dedicou tanto a conduzir os filhos de Israel até a Terra Prometida?”

Silêncio. O olhar de vendedor do sr. Dial avaliou o reduzido grupo de rostos desinteressados. A igreja — sem saber o que fazer com o novo ônibus escolar — iniciara um programa de recrutamento, recolhendo crianças brancas pobres do campo para encher com elas as salas frias da próspera Primeira Igreja Batista durante as aulas da escola dominical. Furtivas, de cara suja, usando trajes impróprios para ir à igreja, não tiravam os olhos do chão. Só o enorme Curtis Ratliff, retardado e bem mais velho que o resto da turma, arregalava os olhos para o sr. Dial, com a boca aberta de admiração.

“Certo, vamos ver outro exemplo”, o sr. Dial insistiu. “E quanto a João Batista? Por que ele se mostrou tão determinado em ir para o meio do mato, preparando assim o caminho para a vinda de Cristo?”

Pura perda de tempo tentar ensinar algo àqueles pequenos Ratliff, Scurlee e Odum de olhos remelentos e faces encovadas, cujas mães

cheiravam cola e cujos pais tatuados só pensavam em fornicar. Davam dó. Na véspera, o sr. Dial fora obrigado a mandar Ralph, seu genro — e funcionário da Dial Chevrolet —, caçar os Scurlee para recuperar um Oldsmobile Cutlass novo. A velha história se repetia: os pobres coitados passeavam em carros último tipo mascarando tabaco e tomando cerveja, sem se importar com os seis meses de atraso na prestação. Outro Scurlee e dois Odum receberiam visitas de Ralph na segunda-feira de manhã, embora ainda não soubessem disso.

O olhar do sr. Dial pousou em Harriet — a sobrinha da srta. Libby Cleve — e no amiguinho dela, filho dos Hull. Eram tradicionais de Alexandria, viviam num bairro decente: as famílias freqüentavam o Country Club e pagavam as prestações dos carros mais ou menos no prazo.

“Hely”, disse o sr. Dial.

Hely, abrindo os olhos, consultou assustado a apostila da escola dominical, que dobrara até formar um quadradinho minúsculo.

O sr. Dial sorriu. Seus dentes miúdos, olhos afastados e testa proeminente — junto com o hábito de olhar a classe de perfil — davam-lhe o vago aspecto de um golfinho hostil. “Poderia nos dizer por que João Batista foi para o meio do mato chorando?”

Hely tremeu. “Porque Jesus mandou.”

“Não *exatamente!*”, disse o sr. Dial, esfregando as mãos. “Vamos todos refletir a respeito da situação de João Batista por um minuto. Sabem por que ele citou as palavras do profeta Isaías aqui” — seus dedos percorreram a página — “no versículo 23?”

“Ele cumpria a vontade de Deus?”, arriscou uma vozinha na primeira fila.

Vinha de Annabel Arnold, que trazia as mãos enluvadas decorosamente cruzadas sobre a Bíblia fechada com zíper em seu colo.

“*Muito bem!*”, disse o sr. Dial. Annabel vinha de uma ótima família — uma família *cristã* exemplar, diferente de gente como os Hull, que

tomavam coquetéis no Country Club. Annabel, admirável na batuta da fanfarra, ajudara a atrair um jovem colega judeu para Cristo. Na terça-feira à noite ela participara do campeonato regional de batuta de fanfarra, no colégio, evento em que a Dial Chevrolet apareceu como um dos principais patrocinadores.

O sr. Dial, notando que Harriet pretendia falar, retomou depressa a palavra. “Ouviram o que Annabel disse, meninos e meninas?”, acrescentou, entusiasmado. “João Batista estava cumprindo a vontade de Deus. E por que fez isso? Porque...”, disse o sr. Dial, virando a cabeça para contemplar a classe com o outro olho, “porque João Batista *tinha uma meta!*”

Silêncio.

“Por que é tão importante ter metas na vida, meninos e meninas?” Enquanto aguardava uma resposta, ele ajeitava e empilhava algumas folhas de papel em cima da mesa, para que o rubi de seu enorme anel de formatura refletisse a luz com esplendor. “Vamos pensar a respeito, certo? Sem objetivos, não temos motivação, certo? Sem metas, não prosperamos financeiramente! Sem metas, não conseguimos realizar o que Cristo destinou a nós enquanto cristãos e membros da comunidade!”

Harriet, ele percebeu alarmado, o encarava agressivamente.

“Muito bem!” O sr. Dial bateu palmas. “Um objetivo nos leva a concentrar a atenção no que importa! É fundamental para todos nós, não importa a idade, estabelecer metas anuais, semanais e até diárias, caso contrário não teremos a força de vontade necessária para tirar o traseiro da frente da televisão e ganharmos a vida quando chegarmos à idade adulta.”

Enquanto falava, começou a distribuir folhas de papel e canetas coloridas. Não faria mal algum tentar inculcar um pouco de ética naqueles filhotes de Ratliff e Odum. Sem dúvida não recebiam nada do gênero em casa, onde a maioria vivia de papo para o ar, sustentada pelo governo. O exercício que pretendia propor a eles fora experimentado pelo próprio sr. Dial, que o considerara um paradigma de motivação, durante

um encontro de vendedores cristãos em Lynchburg, na Virgínia, no verão anterior.

“Certo, agora gostaria que todos anotassem uma meta para o próximo verão”, disse o sr. Dial. Formou um campanário com as mãos e tocou os lábios cerrados com os indicadores. “Pode ser um projeto, um objetivo pessoal ou financeiro... ou um modo de ajudar a família, a comunidade ou o Senhor. Não precisam assinar o nome, se não quiserem — apenas desenhem um símbolo que represente quem vocês são, na parte inferior.”

Muitas cabeças sonolentas se ergueram em pânico.

“Nada muito complicado! Por exemplo”, disse o sr. Dial, esfregando as mãos, “podem desenhar uma bola de futebol, se gostarem de esportes! Ou um rosto feliz, se gostam de ver as pessoas sorrir!”

Sentou-se novamente; e uma vez que as crianças já não olhavam para ele, e sim para as folhas de papel, seu sorriso amplo de dentes miúdos azedou nas beiras. Não adiantava desperdiçar energia com Ratliffs, Odums e quejandos: era inútil tentar ensinar algo a eles. Examinou os rostinhos apatetados, as bocas que mordiscavam as extremidades das canetas. Em poucos anos aqueles infelizes exigiriam muito esforço do sr. Dial e de Ralph, na hora de retomar a posse dos veículos, como ocorria atualmente com os irmãos e primos deles.

Hely esticou o pescoço e tentou ver o que Harriet havia escrito no papel dela. “Ei”, sussurrou. Como seu símbolo pessoal, ele havia obedientemente desenhado uma bola de futebol. Depois passou a maior parte dos dez minutos seguintes num silêncio modorrento.

“Chega de conversa aí atrás”, disse o sr. Dial.

Com um suspiro extravagante, ele se levantou e recolheu os trabalhos das crianças. “*Muito* bem”, falou, colocando as folhas sobre a mesa. “Todos em fila, para apanhar uma folha. Nada disso!”, ele gritou, quando

várias crianças se ergueram num salto. “Não *corram* feito macacos. Devagar, um de cada vez.”

Sem entusiasmo, os alunos andaram até a mesa, arrastando os pés. De volta a seu lugar, Harriet esforçou-se para abrir a folha que lhe coube, dobrada com força até ficar do tamanho de um selo postal.

Ouviu de Hely, inesperadamente, um riso debochado. Ele mostrou o papel que havia apanhado a Harriet. Sob um desenho enigmático (uma mancha sem cabeça, com pernas finas, parte mobília, parte inseto, numa tentativa de desenhar um animal, objeto ou máquina que Harriet não conseguia identificar), com uma assinatura rabiscada no papel em ângulo oblíquo. *Minha meta*, Harriet leu, com dificuldade, *é que meu pai mim leve pra Opry.*

“Vamos logo”, o sr. Dial ordenou na frente. “Qualquer um pode começar, não importa quem.”

Harriet conseguiu finalmente abrir sua folha. A caligrafia era de Annabel Arnold: rebuscada e redonda, com enfeites minuciosos no G e no Y.

*minha meta!*

*minha meta é dizer uma prece a cada dia, pedindo a Deus  
que mande uma nova empregada para fazer o serviço da casa!!!*

Harriet leu, atônita. No final da página, dois Bs maiúsculos, encostados de modo a formar uma borboleta idiota.

“Harriet”, disse o sr. Dial subitamente, “vamos começar por você.”

Com o máximo de isenção possível, para transmitir seu desprezo, Harriet leu o texto em voz alta.

“Muito bem, trata-se de uma meta notável”, disse o sr. Dial animado. “Um apelo à oração, e também uma meta concreta. Temos aí uma jovem cristã que pensa nos outros e na comunidade — tem alguém achando graça nisso aí no fundo?”

Os risos debochados cessaram.

Elevando a voz, o sr. Dial perguntou: “Harriet, o que esta meta revela a respeito da pessoa que a redigiu?”.

Hely tocou o joelho de Harriet. Ocultando a mão com a perna, apontou o polegar para baixo, num gesto que significava: *caso perdido*.

“Há uma simbologia?”

“Como assim, senhor?”, Harriet disse.

“Há um símbolo na folha, escolhido pelo autor para representá-lo, ou representá-la?”

“Um inseto.”

“Um *inseto*?”

“É uma borboleta”, Annabel disse em voz baixa, mas o sr. Dial não ouviu.

“Que tipo de inseto?”, indagou.

“Não tenho certeza, mas parece que tem um ferrão.”

Hely esticou o pescoço para ver. “Nossa”, ele gritou, fingindo medo. “O que é isso?”

“Passe a folha para cá”, ordenou o sr. Dial, autoritário.

“Quem seria capaz de desenhar uma coisa dessas?”, Hely disse, olhando em volta da sala, assustado.

“É uma *borboleta*”, Annabel repetiu, desta vez em voz alta.

O sr. Dial levantou-se para pegar o papel, e depois — de repente, assustando a todos — Curtis Ratliff emitiu um som gutural gorgolejante. Apontando para a mesa, começou a pular excitado em seu lugar.

“O meu”, falou. “Vê o meu.”

O sr. Dial parou, surpreso. Sempre temera aquilo, que o normalmente dócil Curtis um dia sofresse um ataque ou agisse de forma violenta.

Ele abandonou seu posto rapidamente e correu para a primeira fileira. “Algum problema, Curtis?”, disse, abaixando-se, em tom confidencial audível pela classe inteira. “Quer ir ao banheiro?”

Curtis gorgolejava, a face afogueada. Pulava sem parar na carteira escolar, que gemia — já era pequena demais para ele — com tanta intensidade que o sr. Dial recuou, encolhendo-se.

Curtis apontou com o dedo. “Vê o meu”, gritou. Inesperadamente, saltou da carteira — o sr. Dial abriu caminho, com um gemido baixo, humilhante — e pegou uma folha de papel amassada em cima da mesa do professor.

Depois, com muito cuidado, ele a desamassou e a entregou ao sr. Dial. Apontou para o papel, depois para si. “Meu”, disse, radiante.

“Entendi”, o sr. Dial falou. Do fundo da sala vinham cochichos e risos zombeteiros. “Certo, Curtis. Este é o *seu* trabalho.” O sr. Dial o removera intencionalmente do restante dos desenhos. Embora Curtis sempre exigisse papel e lápis — e chorava quando eles lhe eram negados —, não conseguia escrever nem desenhar nada.

“Meu”, Curtis disse, apontando para o peito com o polegar.

“Certo”, o sr. Dial falou, cauteloso. “Esta é a *sua* meta, Curtis. Isso mesmo, muito bem.”

Ele colocou a folha sobre a mesa. Curtis a apanhou outra vez e a ofereceu ao professor, sorrindo ansiosamente.

“Certo, *muito obrigado*, Curtis”, o sr. Dial disse, e apontou para a carteira vazia. “Curtis, agora você já pode sentar. Eu vou...”

“Uuuu.”

“Curtis, se você não voltar a seu lugar, não posso...”

“Vê o meu!”, Curtis uivou. Horrorizado, o sr. Dial viu que ele estava pulando sem parar. “Vê o meu! Vê o meu! Vê o meu!”

O sr. Dial — desconcertado — olhou a folha amassada que tinha nas mãos. Não havia nada escrito ali, apenas rabiscos, como os de um bebê.

Curtis piscou para ele, meigo, e aproximou-se um passo. Para um mongolóide, tinha cílios muito longos. “Meu”, disse.

“Fico tentando imaginar qual seria a meta de Curtis”, Harriet comentou pensativa enquanto caminhava de volta para casa ao lado de Hely. Seu sapato baixo de couro grosso rangia na calçada. Chovera durante a noite, restos de grama cortada e folhas dos arbustos sujavam o passeio úmido.

“Quer dizer”, Harriet prosseguiu, “acha que Curtis tem algum objetivo?”

“*Minha* meta era ver Curtis chutar a bunda do senhor Dial.”

Eles entraram na George Street, onde nozes-pecãs e hamamélis exibiam uma densa folhagem escura e as abelhas zumbiam aos montes em volta dos pés de murta-crepe, jasmim-confederado e rosa cacheada. O perfume rançoso e embriagante das magnólias sufocava tanto quanto o próprio calor, forte o bastante para dar dor de cabeça. Harriet não disse nada. Caminhava de cabeça baixa, mãos nas costas, imersa em pensamentos.

Num esforço para retomar a conversa, sociável, Hely virou a cabeça para trás e soltou seu guincho mais caprichado de golfinho.

“*Ele se chama Flipper, Flipper*”, cantou com empolgação. “*Mais rápido que o raio...*”

Harriet resmungou algo e ensaiou um sorriso. Por causa da risada similar a um guincho e da testa proeminente, *Flipper* era o apelido do sr. Dial.

“O que você escreveu?”, Hely perguntou a ela. Tirara o casaco domingueiro, que odiava, e o girava no ar. “Foi você quem fez aquela bola preta.”

“Fui.”

Hely exultou. Por gestos enigmáticos e imprevisíveis como aquele, ele adorava Harriet. Ninguém entendia a razão das atitudes dela, nem por que eram tão sensacionais, mas sem dúvida eram sensacionais. A bola preta com certeza perturbara o sr. Dial, principalmente após a cena com Curtis. Ele piscou e se confundiu todo quando um menino lá no fundo ergueu uma folha em branco, exceto por uma bolinha preta incompreensível no

meio. “Alguém está querendo bancar o engraçadinho”, fuzilou, após um exame meticuloso, e passou imediatamente ao próximo aluno, pois a bola preta *era* incômoda — por quê? Não passava de uma bolinha feita a lápis. Mesmo assim, a turma inteira calou-se no momento macabro em que o menino ergueu a folha para mostrá-la a todos. Era a marca registrada de Harriet: a capacidade de assustar as pessoas sem que elas compreendessem a razão.

Ele bateu no ombro dela. “Quer saber de uma coisa? Seria engraçado se tivesse escrito cu. Rá-rá!” Hely sempre sugeria travessuras aos outros; não tinha coragem de fazer nada ele mesmo. “Em letras bem miúdas, difíceis de ler.”

“A bolinha preta está em *A ilha do tesouro*”, Harriet explicou. “Os piratas entregavam uma mensagem assim quando iam matar uma pessoa, apenas uma folha de papel com uma bolinha preta no meio.”

De volta para casa, Harriet foi para o quarto e pegou o caderno que escondia debaixo das calcinhas, na gaveta da cômoda. Depois deitou-se no outro lado da cama de Allison, onde ninguém podia vê-la da porta, embora a chance de a perturbarem fosse remota. Allison e a mãe estavam na igreja. Harriet deveria ter ido ao encontro delas, de Edie e das tias, mas sua mãe não notaria ou não daria importância a sua ausência.

Harriet antipatizava com o sr. Dial; não obstante, o exercício na escola dominical dera-lhe o que pensar. A bem da verdade, fora incapaz de definir quais eram suas metas — para aquele dia, para o verão, para o resto da vida — e isso a incomodava, pois por alguma razão o problema não saía de sua cabeça, misturado com o recente e incômodo gato morto no barracão.

Harriet gostava de se propor provas físicas difíceis (certa vez, tentara sobreviver comendo apenas dezoito amendoins por dia, a ração dos Confederados no final da guerra), que em geral incluíam sofrimento sem resultados práticos. O único objetivo em que conseguia pensar — dos

mais modestos — era ganhar o primeiro prêmio no concurso de leitura de verão da biblioteca pública. Harriet se inscrevia anualmente, desde os seis anos — vencera duas vezes —, mas agora que crescera e passara a ler romances de verdade, não tinha mais chance. No ano anterior o prêmio fora dado a uma menina negra, magra e alta que ia duas ou três vezes por dia pegar pilhas enormes de livros infantis, como Dr. Seuss, George Curioso e *Abram caminho para os patinhos*. Harriet ficou atrás dela na fila uma vez, com *Ivanhoé*, um Algernon Blackwood e *Mitos e lendas do Japão*, furiosa. Até a sra. Fawcett, a bibliotecária, erguera uma sobancelha para deixar bem claro como *ela* se sentia a respeito do caso.

Harriet abriu o caderno, presente de Hely. Era apenas um caderno espiral comum, com um desenho de um buggy na praia na capa que não apreciava muito. Mas gostava do caderno, por causa do papel pautado cor de laranja. Hely tentara usá-lo na aula de geografia da sra. Criswell, havia dois anos, mas fora informado de que nem o carro esportivo nem o papel laranja eram adequados para atividades escolares. Na primeira página do caderno (em caneta hidrográfica, também considerada imprópria e confiscada pela sra. Criswell) havia meia página de anotações dispersas de Hely.

*Geografia Mundial Duncan Hely Hull*

*Alexandria Academy 4 de setembro*

*Os dois continentes que formam uma massa de terra contínua*

*Europa e Ásia*

*A metade da terra acima do equador é chamada Setentrional.*

*Por que precisamos de unidades de medidas?*

*Se uma teoria é capaz de explicar a maior parte dos fenômenos naturais?*

*Há quatro partes num Mapa.*

Harriet examinou as anotações com desprezo afetado. Pensara muitas vezes em arrancar a página, mas com o tempo ela passou a fazer parte da personalidade do caderno; melhor deixá-la ali, em paz.

Virou a página para consultar suas próprias anotações, feitas a lápis. Em geral, listas. Elaborava listas de livros que havia lido, livros que pretendia ler, poemas que sabia de cor; listas dos presentes recebidos no aniversário e no Natal, e de quem; listas de lugares visitados (nenhum muito exótico) e de lugares que desejava conhecer (ilha da Páscoa, Antártida, Machu Picchu, Nepal). Havia listas de pessoas admiráveis: Napoleão e Nathan Bedford Forrest, Gêngis Khan e Lawrence da Arábia, Alexandre, o Grande e Harry Houdini e Joana D'Arc. Uma página inteira de lamúrias por dividir o quarto com Allison. Havia listas de palavras — em latim e inglês — e um alfabeto cirílico inútil, que copiara com o máximo de capricho de uma enciclopédia, certa tarde, por falta de coisa melhor para fazer. Havia também muitas cartas que Harriet escrevera mas não mandara a várias pessoas de quem não gostava. Uma para a sra. Fountain, outra para a odiada professora da quinta série, sra. Beebe. Uma para o sr. Dial também. Na tentativa de matar dois coelhos com uma cajadada, escrevera com caligrafia caprichada, cheia de rococós, imitando Annabel Arnold:

*Caro sr. Dial* (começava assim)

*Sou uma jovem que o senhor conhece bem e que o admira em segredo há algum tempo. Estou tão envolvida com sua pessoa que nem consigo mais dormir. Sei que sou muito nova, e também sei da existência da sra. Dial, mas talvez possamos marcar um encontro no final da tarde, atrás da Dial Chevrolet. Rezei ao escrever esta carta, e o Senhor me mostrou que a resposta é o Amor. Escreverei novamente em breve. Por favor, não permita que*

*ninguém veja esta carta. P. S. Creio que sabe quem sou. Com amor, de sua Admiradora secreta!*

No final Harriet havia colado uma foto de Annabel Arnold, recortada de um jornal, ao lado da cabeçona ictérica do sr. Dial que encontrara nas Páginas Amarelas — os olhos esbugalhados transbordando entusiasmo, a cabeça no meio de uma coroa de estrelas desenhadas, acima das quais letras negras garrafais anunciavam com estardalhaço:

ONDE A QUALIDADE VEM EM PRIMEIRO LUGAR!  
A MENOR PRESTAÇÃO INICIAL!

Olhar o anúncio deu a Harriet a idéia de enviar ao sr. Dial uma nota ameaçadora, com erros de ortografia e letra de fôrma, supostamente escrita por Curtis Ratliff. Mas, pensando melhor, ela concluiu que seria injusto fazer isso com Curtis. Não desejava mal a ele, especialmente depois do ataque contra o sr. Dial.

Virou a página e numa folha laranja imaculada escreveu:

*Metas para o verão*  
*Harriet Cleve Dufresnes*

Inquieta, examinou o texto. Como a filha do lenhador no início de um conto de fadas, um desejo misterioso tomou conta de sua mente, uma vontade de viajar para longe e fazer coisas importantes; embora não soubesse exatamente o que queria fazer, sabia que era algo grandioso, obscuro e extremamente difícil.

Virou várias páginas, até chegar à lista de pessoas que admirava: preponderavam generais, soldados, exploradores, todos homens de ação. Quando Joana D'Arc comandou exércitos, era pouco mais velha que Harriet. Apesar disso, no Natal anterior, o pai de Harriet a insultara, presenteando-a com um jogo para meninas chamado *O que serei?*. Era um

jogo frívolo demais, projetado para oferecer opções de carreira, mas, não importava o modo como se jogava, só havia quatro futuros possíveis: professora, bailarina, mãe e enfermeira.

O possível, conforme apresentado em seu livro didático sobre saúde (uma progressão matemática de namoro, “carreira”, casamento e filhos), não interessava a Harriet. Dos heróis de sua lista, considerava Sherlock Holmes o maior de todos, e ele nem era uma pessoa de verdade. Depois vinha Harry Houdini, o mestre do impossível; mais importante, para Harriet, o mestre da *fuga*. Nenhuma cadeia do mundo o prendia: escapara de camisas-de-força, de baús trancados e jogados em rios turbulentos, de caixões enterrados a sete palmos.

E como ele conseguia tudo isso? *Não sentia medo*; santa Joana galopava com os anjos a seu lado, mas Houdini dominara o medo sozinho. Nada de ajuda divina no caso dele; aprendera por sua conta, e do modo mais difícil, como controlar o pânico, o horror de sufocar ou se afogar no escuro. Algemado num baú no fundo do rio, seu coração não batia mais forte de pavor, nunca cedia ao terror das correntes, da escuridão, da água gelada; se perdesse a cabeça por um instante, se a tarefa terrível que tinha pela frente o assustasse — rodopiando nas águas revoltas, de cabeça para baixo —, ele jamais sairia da água com vida.

Um programa de treinamento. Esse era o segredo de Houdini. Ele mergulhava diariamente em tanques de água gelada, nadava distâncias enormes debaixo d’água, prendia o fôlego durante três minutos. Embora os tanques de água fria fossem impossíveis, nadar e prender a respiração poderiam ser tentados.

Ela ouviu o ruído da chegada da mãe e da irmã, que abriam a porta da frente, a voz lamurienta da irmã ininteligível. Rapidamente, escondeu o caderno e desceu.

“Não diga Ódio, meu bem”, Charlotte disse distraída, dirigindo-se a Allison. As três estavam sentadas na sala de jantar, usando os vestidos de domingo, comendo a galinha que Ida preparara para o almoço.

Allison, com o cabelo caindo no rosto, mastigava de olhos fixos no prato a rodela de limão que tirara do chá gelado. Embora cortasse a comida com energia, e a movesse de um lado para outro no prato, formando pilhas pouco apetitosas (um hábito que deixava Edie furiosa), no final pouco comia.

“Não vejo por que Allison não pode dizer Ódio, mãe”, observou Harriet. “Ódio é uma palavra perfeitamente normal.”

“Não é delicado.”

“Está escrito Ódio na Bíblia. O Senhor odiava isso, o Senhor odiava aquilo. Está em praticamente todas as páginas.”

“Bem, você não deve dizer isso.”

“Tudo bem, então”, explodiu Allison. “Eu *detesto* a senhora Biggs.” A sra. Biggs era a professora de Allison na escola dominical.

Charlotte, em seu torpor farmacêutico, ficou ligeiramente surpresa. Allison em geral se comportava como uma menina tímida, cordial. Aquela conversa maluca de odiar pessoas era o tipo de atitude que se poderia esperar de Harriet.

“Mas, Allison”, ela disse, “a senhora Biggs é tão gentil. E muito amiga de sua tia Adelaide.”

Allison — esfregando o garfo distraidamente no prato desarranjado — insistiu: “Mesmo assim eu a odeio”.

“Não existe motivo para odiar uma pessoa, meu bem, só porque ela se recusou a fazer uma prece pelo gato morto na escola dominical.”

“Por que não? Ela nos fez rezar para Sissy e Annabel Arnold ganharem o concurso de baliza.”

Harriet disse: “O senhor Dial nos obrigou a rezar por isso também. É por causa do pai delas, o diácono”.

Com cuidado, Allison equilibrou a fatia de limão na borda do prato. “Tomara que deixem cair um daqueles bastões com fogo na ponta”, disse. “Tomara que pegue fogo no ginásio inteiro.”

“Meninas, por favor”, Charlotte disse desanimada, no silêncio que pairava. Sua mente — apenas em parte envolvida com o caso do gato, da igreja e do concurso de balizas — já desviava para outro assunto. “Vocês já foram ao Centro de Saúde para tomar vacina contra tifo?”

Como nenhuma das duas respondeu, ela disse: “Muito bem, então não se esqueçam de ir até lá para serem vacinadas na segunda-feira de manhã bem cedo. Aproveitem para tomar a vacina contra tétano também. Vocês vivem nadando em lagoas sujas e correndo descalças por aí no verão...”

Ela deixou a frase no ar, distraída, e voltou a comer. Harriet e Allison permaneceram em silêncio. Nenhuma delas jamais nadara numa lagoa na vida. A mãe pensava em sua própria infância e a misturava com o presente — algo cada vez mais freqüente —, e nenhuma das duas filhas sabia como responder, quando isso ocorria.

Ainda usando o vestido domingueiro estampado de margaridas que pusera de manhã cedo, Harriet desceu a escada no escuro, de soquetes brancas encardidas na sola. Nove e meia da noite, e tanto a mãe quanto Allison já estavam na cama havia meia hora.

A sonolência de Allison — ao contrário do torpor da mãe — era natural, não precisava de narcóticos. Quando dormia sentia-se mais feliz, com a cabeça enterrada no travesseiro; ansiava pela hora de ir para a cama o dia inteiro, e assim que escurecia o suficiente ia se deitar. Mas Edie, que raramente dormia mais do que seis horas por noite, incomodava-se com todo o tempo ocioso que se passava na cama na casa de Harriet. Charlotte tomava tranqüilizantes desde a morte de Robin, e não adiantava falar com ela a respeito disso, mas Allison era um caso à parte. Supondo a possibilidade de mononucleose ou de encefalite, obrigara a neta a ir ao

médico e fazer exame de sangue várias vezes, embora o resultado fosse sempre negativo. “Ela está na adolescência”, o médico explicou a Edie. “Adolescentes precisam de muito sono.”

“Mas dezesseis horas!”, Edie protestou, exasperada. Sabia muito bem que o médico não acreditava nela. Suspeitava também — com razão — que ele dava as receitas para os remédios que deixavam Charlotte grogue a maior parte do tempo.

“Não importa que ela tenha dezessete anos”, o dr. Breedlove disse, sentado com uma perna coberta de branco sobre a mesa atulhada de papéis, encarando Edie com expressão intrigada, clínica. “Se a menina quer dormir, não a impeça.”

“Mas como alguém *agüenta* dormir tanto tempo?”, Harriet perguntara à irmã certa vez, curiosa.

Allison deu de ombros.

“Não dá tédio?”

“Só fico entediada quando estou de pé.”

Harriet entendia bem. Seu próprio tédio era tão atordoante que por vezes sentia náuseas e tontura, como se tivesse cheirado clorofórmio. No momento, porém, estava excitada com a possibilidade de passar horas sozinha, e ao entrar na sala não foi até o armário de armas, mas sim à escrivaninha do pai.

Havia muitas coisas interessantes na mesa do pai (moedas de ouro, certidões de nascimento, itens que ela não deveria tocar). Após remexer nas fotos e na caixa de cheques compensados, ela finalmente encontrou o que procurava: um cronômetro ordinário, de plástico preto — brinde de uma financeira — com mostrador digital vermelho.

Ela se acomodou no sofá, tomou fôlego e apertou o botão. Houdini praticara prender a respiração por vários minutos: um truque que tornara possíveis muitos de seus feitos. Agora ela ia ver por quanto tempo conseguiria prender o fôlego antes de desmaiar.

Dez. Vinte segundos. Trinta. Tomou consciência do sangue latejando com mais força nas têmporas.

Trinta e cinco. Quarenta. Os olhos de Harriet lacrimejaram, o coração disparou. Aos quarenta e cinco, um espasmo agitou seu pulmão e ela foi obrigada a tapar o nariz com uma das mãos e a manter a boca fechada com a outra.

Cinqüenta e oito. Cinqüenta e nove. Seus olhos perderam o foco, ela não conseguia ficar parada, levantou-se e começou a caminhar em círculos, frenética, soltando uma das mãos para se abanar, fitando seguidamente os objetos que a rodeavam — mesa, porta, sapatos de domingo sobre o tapete cinza — enquanto a sala inteira latejava e o papel de parede balançava como se um terremoto estivesse começando.

Sessenta segundos. Sessenta e cinco. As listas cor-de-rosa das cortinas escureceram, até ficarem cor de sangue, e a luz da luminária lançava longos tentáculos iridescentes que iam e vinham, flutuando conforme a maré invisível, até que eles também começaram a escurecer, pretejando das bordas em direção ao centro que ainda brilhava limpidamente. De repente, ela ouviu um zumbido de vespa perto da orelha, embora talvez não fosse vespa, talvez viesse de dentro dela; a sala girava e ela não conseguiu mais manter o nariz tapado, a mão tremia e desobedecia a suas ordens; sofregamente, agoniada, ela respirou fundo e soltou o corpo no sofá, viu uma chuva de fagulhas e acionou o botão do cronômetro com o polegar.

Por um longo tempo ficou prostrada, ofegante, enquanto as luzinhas faiscantes sumiam aos poucos do teto.

Um martelo de vidro percutia, com um retinir cristalino, na base do crânio. Os pensamentos se reorganizaram e se desenvolveram em complexos ornamentos de ouropel, flutuando ao redor de sua cabeça.

Quando as fagulhas cessaram e ela finalmente conseguiu se sentar — tonta, segurando o encosto do sofá —, consultou o cronômetro. Um minuto e dezesseis segundos.

Bastante tempo, mais do que esperava numa primeira tentativa, mas Harriet sentia-se meio esquisita. Os olhos doíam, parecia até que todos os componentes de sua cabeça haviam sido sacudidos e prensados juntos, de modo a mesclar audição com visão e visão com paladar, e no meio de tudo os pensamentos se embaralhavam como num quebra-cabeça em que as peças não se encaixavam.

Ela tentou levantar. Foi como ficar de pé numa canoa. Sentou de novo. Ecos, sinos tétricos.

Ora, ninguém disse que seria fácil. Se prender a respiração durante três minutos fosse fácil, todos no mundo fariam isso, não apenas Houdini.

Permaneceu sentada durante alguns minutos, respirando com força, como aprendera na aula de natação. Quando melhorou um pouco, tomou fôlego e acionou novamente o cronômetro.

Decidira dessa vez não olhar os números que marcavam seu desempenho, mas concentrar-se em outra coisa. Ver os números só piorava tudo.

À medida que seu desconforto crescia e o coração batia mais forte, sentiu agulhadas na cabeça, frias e repentinas como pingos de chuva. Os olhos ardiam. Fechou-os. Na rubra escuridão caía uma chuva de cinzas espetacular. Um baú preto fechado com correntes batia nas pedras soltas do fundo do rio, arrastado pela força da água, *tump, tump, tump, tum* — dentro, algo pesado mas leve, um corpo —, e sua mão subiu para tapar o nariz, como se algo cheirasse mal. Mesmo assim o baú seguia rolando sobre as pedras cobertas de musgo, uma orquestra tocava em algum lugar, num teatro luxuoso iluminado por candelabros, Harriet ouviu a voz de soprano de Edie se erguendo acima dos violinos: *“Muitos corações valentes dormem nas profundezas. Cuidado, marujo: tome muito cuidado, marujo”*.

Não, não era Edie, era um tenor: um tenor com cabelo preto reluzente de brilhantina e mão enluvada pressionada contra o smoking na altura do peito, o rosto empoado, branco como giz, sob os refletores, olhos e lábios escuros como um ator de filme mudo. Parou na frente da cortina de

veludo enfeitada com franjas, que lentamente se abriu — entre aplausos — para revelar, no centro do palco, um enorme bloco de gelo com uma figura congelada encolhida no meio.

Surpresa. A orquestra alvoroçada, composta majoritariamente de pingüins, acelerou o ritmo. A platéia estava lotada de ursos-polares, muitos dos quais usavam gorro de Papai Noel. Chegaram atrasados e brigavam por lugares. No meio de tudo a sra. Godfrey, de olhos vidrados, tomava sorvete sentada, numa tigela decorada com arlequins.

As luzes baixaram subitamente. O tenor fez uma mesura e retirou-se de cena. Um dos ursos-polares esticou o pescoço no balcão e, atirando o gorro de Papai Noel para o alto, rugiu: “Viva o Capitão Scott!”.

Seguiu-se uma comoção ensurdecidora quando Scott, olhos azuis, casaco de pele duro de banha de baleia, coberto de gelo, deu um passo à frente no palco, espanando a neve da roupa para erguer a mão enluvada e saudar o público. Atrás dele, o pequeno Bowers — de esqui — soltou um assobio grave, ilusório, avançando de olhos semicerrados para a área iluminada, erguendo o braço para proteger o rosto crestado. O dr. Wilson — sem gorro nem luva, com guarnições de ferro na bota — correu e o ultrapassou, rumo à frente do palco, deixando atrás de si pegadas de neve que se dissolviam instantaneamente em poças sob os refletores. Ignorando os aplausos entusiásticos, ele passou a mão no bloco de gelo e fez várias anotações num caderno com capa de couro. Quando fechou o caderno a platéia emudeceu.

“Condições críticas, Capitão”, disse, e seu hálito era branco. “Ventos soprando de nor-noroeste, ao que tudo indica há uma diferença de origem entre a porção superior e a inferior do iceberg, mostrando que houve acúmulo de camada após camada de neves sazonais.”

“Então precisamos iniciar o resgate imediatamente”, disse o Capitão Scott. “Osman! *Esh to*”, ordenou impaciente ao cão do trenó, que latiu e começou a pular em volta dele. “Picaretas para gelo, tenente Bowers.”

Bowers não se mostrou nada surpreso ao descobrir que seus bastões de esqui transformaram-se em picaretas para gelo nas mãos enluvadas. Atirou um deles com destreza para o capitão, do outro lado do palco, em meio a uma ovação entusiástica plena de urros e gritos e palmas de barbatanas. Despindo os pesados casacos de pele, os dois passaram a golpear o bloco congelado enquanto a orquestra de pingüins atacava novamente e o dr. Wilson prosseguia com seus interessantes comentários científicos sobre a natureza do gelo. A neve começava a cair de leve do proscênio. No canto do palco, o tenor da brilhantina ajudava Ponting, o fotógrafo da expedição, a montar o tripé.

“Pobre coitado”, disse o Capitão Scott, entre um golpe e outro da picareta — ele e Bowers não estavam conseguindo muita coisa, de todo modo —, “está no fim da linha pelo jeito.”

“Mais depressa, Capitão.”

“Força, pessoal”, incentivou um urso-polar na galeria.

“Estamos nas mãos de Deus e, a não ser que Ele interfira, estamos perdidos”, disse o dr. Wilson, sombrio. O suor gotejava de suas têmporas e os refletores do palco brilhavam como discos brancos nas lentes de seus óculos antiquados, miúdos. “Todos de mãos postas para rezarmos o pai-nosso e o credo.”

Nem todos sabiam o pai-nosso. Alguns pingüins cantaram *Daisy, Daisy, me dê uma resposta*; outros, com as nadadeiras no peito, recitaram os Dez Mandamentos, enquanto no palco — de cabeça para baixo, com os tornozelos presos por uma grossa corrente — surgiu uma forma humana, com camisa-de-força e algemas, usando terno. Um sussurro percorreu a platéia quando — agitando-se, retorcendo o corpo, com o rosto afogueado — ele se livrou da camisa-de-força e a tirou por cima da cabeça. Com os dentes, começou a lidar com as algemas; num instante caíram com estardalhaço no assoalho, e depois — virando e soltando os pés habilmente — ele se livrou da corrente que o mantinha suspenso a três metros do solo e saltou, pousando com os braços abertos, numa saudação

olímpica com uma cartola que surgiu do nada. Uma revoada de pombas rosadas começou a circular pelo teatro, para delírio do público.

“Creio que os métodos convencionais não funcionarão aqui, senhores”, disse o recém-chegado aos exploradores atônitos, arregaçando as mangas do fraque e parando, por um instante, para sorrir animado durante o espoucar do flash da câmera. “Quase morri em duas oportunidades, tentando realizar este feito — uma vez no Cirkus Beketow de Copenhague e outra no teatro Apollo de Nurembergue.” Do ar ele tirou um maçarico adornado com pedras preciosas, do qual saía uma chama azulada de um metro de comprimento, e depois uma pistola, que disparou para cima, soltando um jato de fumaça. “Assistentes, por favor!”

Cinco chineses vestindo trajes e gorriños escarlates, com tranças enormes descendo pelas costas, correram com machadinhas e serras.

Houdini atirou a pistola para a platéia — que, para delírio dos pingüins, durante o trajeto se transformou em salmão, antes de cair no meio deles — e pegou a picareta das mãos do Capitão Scott. Com a mão esquerda, ergueu-a bem alto, enquanto o maçarico soltava fogo na direita. “Gostaria de lembrar ao público”, gritou, “que o elemento em questão foi privado do oxigênio vital durante quatro mil e seiscentos e sessenta e cinco dias, doze horas, vinte e sete minutos e trinta e nove segundos, e que um resgate desta magnitude nunca foi tentado num palco dos Estados Unidos.” Jogou a picareta de volta para o Capitão Scott e, levantando a mão para acariciar o gato cor de laranja aninhado em seu ombro, virou a cabeça na direção do pingüim regente. “Música, maestro, por favor.”

Os chineses — sob a orientação animada de Bowers, que se despira até a cintura e trabalhava com eles, lado a lado — golpeavam o bloco de forma ritmada, na batida da música. Houdini avançava com o maçarico na mão, teatralmente. Uma poça imensa se formou no palco: os pingüins músicos, satisfeitos, chafurdavam na água gelada que caía no fosso da orquestra. O Capitão Scott, na lateral esquerda do palco, fazia o possível para conter seu cão de trenó, Osman — que perdera o controle ao ver o

gato de Houdini —, e gritava furioso na direção da coxa, pedindo a Meares que o ajudasse.

A figura misteriosa no bloco maciço de gelo encontrava-se agora a apenas quinze centímetros da chama do maçarico e dos machados dos chineses.

“Coragem”, rugiu um urso-polar na platéia.

Outro urso se levantou. Tinha nas patas enormes, que mais pareciam luvas de beisebol, uma pomba que se debatia em vão. Arrancou sua cabeça com uma dentada e a cuspiu, ensangüentada.

Harriet não entendia direito o que acontecia no palco, embora lhe parecesse muito importante. Impaciente, levantou-se na ponta dos pés, mas os pingüins — saltitando e tagarelado, subindo uns nos ombros dos outros — eram maiores do que ela. Muitos abandonaram as poltronas e seguiram na direção do palco, em fila, cambaleando com os bicos apontando para o teto, revelando nos olhos grandes muita consternação. Tentando avançar no meio deles, levou um empurrão por trás, bem forte, e ao cair acabou com a boca cheia de penas gordurosas.

Um grito triunfal de Houdini foi ouvido subitamente. “Senhoras e senhores!”, exclamou. “Nós conseguimos!”

A multidão invadiu o palco. Harriet, no meio da confusão, percebeu os relâmpagos da velha câmara de Ponting e um destacamento policial que chegava, com algemas e cassetetes e pistolas.

“Por aqui, guardas!”, Houdini disse, dando um passo à frente para fazer um gesto largo.

Ao mesmo tempo, inesperadamente, todas as cabeças se voltaram para Harriet. Só o *tic tic tic* do gelo derretido pingando no poço da orquestra quebrava o silêncio terrível. Todos a encaravam: o Capitão Scott, Bowers, atônito, Houdini, com suas sobrancelhas negras cerradas numa expressão de basilisco. Os pingüins, de perfil, sem piscar, esticaram o pescoço simultaneamente, fixando-a com um olhar amarelado.

Alguém tentava lhe entregar algo. *Depende de você, meu bem...*

Harriet sentou-se no sofá da sala, assustada.

“Então, Harriet”, disse Edie rispidamente, quando Harriet entrou pela porta dos fundos, atrasada para o café-da-manhã, “por onde andou? Não foi à igreja ontem.”

Ela desatou o avental, sem comentar o silêncio de Harriet nem o vestido estampado com margaridas, amarrotado. Edie estava inusitadamente bem-humorada, bem-vestida, de conjunto azul-marinho e sapato baixo da mesma cor.

“Eu já ia começar a comer, cansei de esperar você”, disse ao sentar-se para tomar café e comer torrada. “Allison não vem? Tenho um compromisso.”

“Que tipo de compromisso?”

“Na igreja. Suas tias e eu vamos participar de uma excursão.”

Aquilo era novidade, tirou Harriet de seu sonambulismo. Edie e suas tias nunca iam a lugar algum. Libby mal cruzara a divisa do estado do Mississippi; ela e as irmãs passavam dias deprimidas e apavoradas quando precisavam se afastar uns poucos quilômetros de casa. A água tinha um gosto esquisito, resmungavam; não conseguiam dormir em outras camas; tinham receio de ter esquecido a cafeteira ligada, preocupavam-se com os vasos de plantas e os gatos, temiam um incêndio ou que alguém entrasse nas casas ou que o Fim do Mundo chegasse enquanto estivessem fora. Seriam forçadas a usar o toalete em postos de gasolina — banheiros imundos, repletos de doenças. As pessoas de restaurantes estranhos ignoravam que Libby precisava seguir uma dieta sem sal. E se o carro quebrasse? E se alguém passasse mal?

“Vamos em agosto”, Edie informou. “Para Charleston. Numa excursão a lugares históricos.”

“Você vai dirigindo?” Embora Edie se recusasse a admitir, sua visão já não era a mesma, e ela atravessava sinais vermelhos, virava à esquerda na

contra-mão, freava repentinamente para virar a cabeça e conversar com as irmãs — que, ocupadas com suas bolsas cheias de lenços de papel e balas de hortelã, assim como Edie ignoravam que seu anjo da guarda estava exausto de manter as asas abertas para proteger o Oldsmobile e evitar colisões fatais a cada minuto.

“Todas as senhoras do nosso grupo da igreja vão participar”, disse Edie, mastigando ruidosamente a torrada. “Roy Dial, da concessionária Chevrolet, vai emprestar um ônibus. E ceder o motorista. Não me importaria em ir de carro, se as pessoas se comportassem com um mínimo de lucidez nas vias expressas.”

“E Libby concordou em ir?”

“Com certeza. Por que não? A senhora Hatfield Keene e a senhora Nelson McLemore, bem como as outras amigas, também irão.”

“Addie também? E Tat?”

“Sem dúvida.”

“E elas *querem* ir? Ninguém as obrigou?”

“Suas tias e eu não somos mais crianças.”

“Sabe, Edie”, Harriet disse de repente, engolindo um bocado de biscoito, “será que você poderia me dar noventa dólares?”

“*Noventa dólares?*”, disse Edie, subitamente agressiva. “Claro que não. Mas por que cargas d’água você quer noventa dólares?”

“Mamãe deixou atrasar a mensalidade do Country Club.”

“E o que poderia interessá-la no Country Club?”

“Quero nadar neste verão.”

“Peça ao filho dos Hull para levá-la como convidada.”

“Ele não pode. Só pode levar um convidado cinco vezes. E eu quero ir lá muito mais.”

“Não vejo sentido em dar noventa dólares ao Country Club só para usar a piscina”, disse Edie. “Você pode nadar em Lake de Selby à vontade.”

Harriet não disse nada.

“Interessante. O acampamento está demorando para começar este ano. Sou capaz de jurar que a primeira turma já deveria ter ido.”

“Acho que ainda é cedo.”

“Por favor, me lembre”, disse Edie, “de telefonar para lá hoje à tarde. Não sei o que há de errado com aquele pessoal. Será que o filho dos Hull vai para lá?”

“Dá licença?”

“Você não me disse o que vai fazer hoje.”

“Vou para a biblioteca me inscrever no concurso de leitura. Quero ganhar outra vez.” Agora, pensou, não era o momento apropriado para explicar seu verdadeiro objetivo no verão, pois o Acampamento de Selby se intrometera na conversa.

“Bem, aposto que se sairá muito bem”, disse Edie levantando-se para levar a xícara de café até a pia.

“Posso fazer uma pergunta, Edie?”

“Depende.”

“Meu irmão foi assassinado, não é verdade?”

Os olhos de Edie perderam o foco. Ela largou a xícara.

“Quem foi, na sua opinião?”

O olhar de Edie se perdeu no infinito por um instante, depois — num átimo — fixou-se ferozmente em Harriet. Após um momento constrangedor (no qual Harriet praticamente viu fumaça saindo da avó, como ela fosse uma pilha de gravetos secos acesos com um fósforo), ela levou a xícara até a pia. Sua cintura parecia muito fina e os ombros bem largos e militares, naquele conjunto azul-marinho.

“Pegue suas coisas”, disse com rudeza, de costas.

Harriet não soube o que dizer. Ela não tinha levado coisa nenhuma.

Após o sufocante percurso em silêncio no carro da avó, Harriet perdeu a vontade de ir à biblioteca. Ela olhou o tempo inteiro para o estofamento,

mexendo em um pedaço de revestimento solto no encosto. Mas Edie a aguardou de cara feia, na frente do prédio, e Harriet não teve escolha senão galgar os degraus (rígida, consciente de estar sendo vigiada) e abrir as portas de vidro.

A biblioteca parecia deserta. Sozinha no balcão da frente, a sra. Fawcett separava as devoluções noturnas e tomava uma xícara de café. Era uma mulher miúda, magra feito um passarinho, de cabelo grisalho, braços brancos venosos (usava pulseira de cobre para a artrite) e olhos aguçados demais, próximos demais ao nariz parecido com um bico. As crianças em geral a temiam, mas não Harriet, que adorava a biblioteca e tudo que havia lá.

“Bom dia, Harriet”, a sra. Fawcett disse. “Veio se inscrever no concurso de leitura?” Ela apanhou um cartaz na prateleira, sob o balcão. “Já conhece as regras, não é?”

A bibliotecária entregou a Harriet um mapa dos Estados Unidos, que Harriet examinou com mais atenção do que o necessário. *Eu não preciso me preocupar*, disse a si mesma, *a sra. Fawcett não sabe de nada*. Não era fácil Harriet se deixar magoar — não por Edie, pelo menos, que sempre tinha uma palavra desagradável na ponta da língua —, mas o tratamento silencioso no automóvel a enervara.

“Este ano vamos usar o mapa dos Estados Unidos”, a sra. Fawcett explicou. “A cada quatro livros retirados você recebe um adesivo no formato de um estado, para colar no mapa. Quer que eu o pendure para você?”

“Obrigada, eu mesma posso fazer isso”, Harriet disse.

Ela foi até a parede dos fundos, onde ficava o quadro de avisos. O concurso de leitura começara no sábado, dois dias atrás. Sete ou oito mapas já estavam pendurados na parede; a maioria, em branco, mas um dos mapas exibia três adesivos. Como alguém poderia ter lido doze livros desde sábado?

“Quem é Lasharon Odum?”, perguntou à sra. Fawcett, quando esta retornou ao balcão com os quatros livros escolhidos.

A sra. Fawcett debruçou-se sobre o balcão e, apontando silenciosamente para a sala de leitura infantil, mostrou uma figura miúda de cabelo desgrenhado, usando camiseta encardida e calça justa demais para seu tamanho. Encarapitada numa cadeira, lia atentamente, com os olhos arregalados, respiração entrecortada, lábios entreabertos.

“Ela fica lá, sentadinha”, sussurrou a sra. Fawcett. “Coitada. Todas as manhãs, desde a semana passada, eu a encontro esperando nos degraus de acesso quando chego para abrir a biblioteca. Ela entra e se acomoda ali, quieta como um ratinho, até as seis horas, quando fechamos. Se está realmente lendo os livros ou só fingindo, é difícil dizer. Mas parece que ela lê muito para alguém da sua idade.”

“Senhora Fawcett”, Harriet disse, “eu poderia ir até a sala onde ficam os jornais?”

A sra. Fawcett demonstrou surpresa. “Os jornais não podem ser retirados da biblioteca.”

“Sei disso. Preciso fazer uma pesquisa.”

A sra. Fawcett encarou Harriet por cima dos óculos, agradavelmente surpresa pela solicitação tão madura. “Sabe que publicações deseja consultar?”, perguntou.

“Sim, os jornais locais. No máximo, algum jornal de Memphis e Jackson.” Ela hesitou, temia despertar a curiosidade da sra. Fawcett se mencionasse a época da morte de Robin.

“Bem”, a sra. Fawcett disse, “na verdade eu não deveria permitir que entrasse lá, mas você é uma menina cuidadosa, e creio que não haverá problema.”

Harriet preferiu ir pelo caminho mais longo, evitando assim passar na frente da casa de Hely; ele a convidara para pescar. Parou em casa para

deixar os livros que havia retirado, ao meio-dia e meia. Allison — sonolenta, afogueada, ainda de pijama — estava sentada à mesa, na sala de jantar, comendo desanimada um sanduíche de tomate.

“Quer tomate, Harriet?”, Ida Rhew gritou da cozinha. “Ou prefere frango?”

“Tomate, por favor”, Harriet disse, sentando-se ao lado da irmã.

“Vou ao Country Club à tarde, para me inscrever na piscina. Quer ir comigo?”

Allison fez que não com a cabeça.

“Quer que eu a inscreva então?”

“Tanto faz.”

“Weenie não gostaria que você agisse assim”, Harriet disse. “Ele gostaria que você fosse feliz e tocasse a vida para a frente.”

“Nunca mais serei feliz”, Allison disse, deixando o sanduíche de lado. As lágrimas escorreram pelos cantos dos olhos melancólicos, cor de chocolate. “Preferia morrer.”

“Allison?”, Harriet disse.

Ela não respondeu.

“Você sabe quem matou Robin?”

Allison começou a mexer na casca do pão de seu sanduíche. Tirou um pedacinho; formou com ele uma bola, usando o polegar e o indicador.

“Você estava no quintal quando tudo aconteceu”, Harriet disse, observando a irmã atentamente. “Li isso no jornal lá na biblioteca. Afirmaram que você ficou lá fora o tempo inteiro.”

“Você também.”

“Sim, mas eu era um bebê. Você tinha quatro anos.”

Allison arrancou outro pedaço da casca do pão e o comeu lentamente, sem olhar para Harriet.

“Quatro anos é bastante. Eu me lembro praticamente de tudo que me aconteceu quando eu tinha quatro anos.”

Naquele momento, Ida Rhew entrou com o prato de Harriet. As duas meninas se calaram. Assim que a empregada voltou para a cozinha, Allison disse: “Por favor, me deixe em paz, Harriet”.

“Você *deve* se lembrar de alguma coisa”, Harriet insistiu, mantendo os olhos fixos em Allison. “É muito importante. Pense bem.”

Allison espetou uma fatia de tomate com o garfo e delicadamente mordiscou uma pontinha.

“Tive um sonho na noite passada.”

Allison ergueu a vista, atônita.

Harriet — que não deixara de notar o súbito interesse da parte de Allison — contou com detalhes o sonho da noite anterior.

“Creio que o sonho significa alguma coisa”, ela disse. “Um sinal. Acho que minha missão é descobrir quem matou Robin.”

Ela terminou de comer o sanduíche. Allison continuou a fitá-la. Edie — Harriet sabia — enganava-se ao acreditar que Allison fosse estúpida; apenas era muito difícil saber o que estava pensando, e conversar com ela exigia muita cautela, para não assustá-la.

“Quero que você me ajude”, Harriet disse. “Weenie ia querer que me ajudasse, aposto. Ele adorava Robin. Era o gatinho de Robin.”

“Não posso”, Allison disse, empurrando a cadeira para trás. “Preciso ir. Está na hora de *Sombras tenebrosas*.”

“Espere um pouco”, Harriet pediu. “Preciso de um favor. Faria uma coisa para mim?”

“O quê?”

“Tentaria se recordar dos sonhos que tem à noite, anotar tudo e me mostrar de manhã?”

Allison a encarou, inexpressiva.

“Você dorme o tempo todo. Deve sonhar. Muitas vezes, as pessoas se lembram nos sonhos de coisas que não conseguem recordar quando estão acordadas.”

“Allison”, Ida chamou da cozinha. “Está na hora do seu programa.” Ela e Allison eram obcecadas por *Sombras tenebrosas*. No verão, o viam juntas todos os dias.

“Quer assistir com a gente?”, Allison perguntou a Harriet. “Está ótimo. Agora eles voltaram ao passado. Para explicar como Barnabas tornou-se um vampiro.”

“Quando eu voltar para casa você me conta tudo. Preciso ir ao Country Club e inscrever nós duas para usar a piscina. Tudo bem? Se eu a inscrever, irá nadar comigo de vez em quando?”

“Quando vai começar seu acampamento, por falar nisso? Você não vai neste verão?”

“Vamos logo”, Ida Rhew disse, entrando na sala com seu almoço na mão, um sanduíche de frango desfiado. No verão anterior, Allison a viciara em *Sombras tenebrosas*. Ida passara a acompanhar a série com ela, no início meio desconfiada — depois, durante o período das aulas, Ida o via diariamente e sentava-se com Allison assim que a menina voltava da escola, para contar tudo que havia acontecido.

Deitada no piso frio do banheiro, com a porta trancada e uma caneta-tinteiro posicionada acima do talão de cheques do pai, Harriet concentrou-se por um momento antes de começar a escrever. Sabia imitar bem a caligrafia da mãe, e a do pai melhor ainda; no caso dele, porém, não podia hesitar um instante ao fazer os garranchos resolutos, assim que a pena tocasse o papel ela precisava ir em frente, sem pensar em nada, caso contrário a escrita sairia esquisita, suspeita. Edie escrevia de modo mais elaborado: à moda antiga, com letras retas, equilibradas em sua extravagância. As maiúsculas detalhadas eram difíceis de copiar com fluência, de modo que Harriet era obrigada a trabalhar lentamente, parando a todo momento para conferir o resultado com a amostra da caligrafia de Edie. Obtinha um texto passável, que de maneira geral

enganava as pessoas, embora nem sempre isso acontecesse. E nunca enganara Edie.

A caneta de Harriet parou sobre a linha do cheque. O tema macabro de *Sombras tenebrosas* penetrava através da porta do banheiro, distante.

Pague por este cheque a quantia de: *Cento e oitenta dólares a Alexandria Country Club*, escreveu com a letra impetuosa e desleixada do pai. Depois vinha a parte mais fácil, imitar a assinatura grande de banqueiro. Ela soltou um suspiro longo e examinou o serviço: bem-feitinho. Era uma conta local, com cheque pagável no banco da cidade, de modo que o extrato viria para a casa de Harriet, e não para Nashville; quando o cheque compensado voltasse, ela o retiraria do envelope e o queimaria, ninguém descobriria o golpe. Até então, desde que tomara coragem para fazer aquilo, Harriet apropriara-se de mais de quinhentos dólares da conta do pai (em pequenas quantias de cada vez). Ele lhe devia isso, pensava; se não fosse pelo medo de secar a fonte, teria limpado a conta com o maior prazer.

“Os Dufresnes”, dizia tia Tat, “são uma gente muito *fria*. Sempre foram frios. Tampouco considero que sejam muito refinados.”

Harriet concordava com ela. Seus tios Dufresnes eram todos parecidos com seu pai: caçadores de cervos, atletas, falastrões de cabelo tingido de preto, imitações de várias idades do modelo Elvis, com barriga proeminente e botinas. Não liam livros; contavam piadas sujas; nas maneiras e nas preferências, distavam apenas uma geração dos caipiras. Vira sua avó Dufresnes apenas uma vez: uma senhora rabugenta que usava colares de plástico rosa e calça justa. Residia num condomínio privado na Flórida, em seu apartamento havia portas envidraçadas de correr e papel de parede com girafas prateadas. Harriet certa vez passara uma semana com ela — e quase enlouqueceu de tédio, pois vovó Dufresnes não tinha cartão de biblioteca, não tinha livros, exceto pela biografia do sujeito que fundou a rede Hilton de hotéis e por uma brochura chamada *Um olhar texano sobre LBJ*. Livrara-se da miséria rural da comarca de Tallahatchie

graças aos filhos, que lhe compraram o apartamento num condomínio para aposentados. Todos os anos ela mandava uma caixa de grapefruit para a casa de Harriet no Natal. Raramente recebiam notícias dela.

Embora Harriet notasse o ressentimento de Edie e das tias por seu pai, não fazia idéia de quanta amargura havia ali. Ele nunca fora um marido ou pai atencioso, resmungavam, nem mesmo quando Robin ainda estava vivo. Era um crime o modo como ignorava as filhas. Era um crime o modo como ignorava a esposa — principalmente após a morte do filho. Ele simplesmente mergulhou no trabalho, nem mesmo pediu licença no banco, e partiu para uma excursão de caça no Canadá pouco mais de um mês após o enterro do menino. Não surpreendia que Charlotte tivesse perdido um pouco do juízo, com um marido desgraçado assim.

“Seria melhor”, disse Edie certa vez, revoltada, “se ele assumisse tudo de uma vez e se divorciasse dela. Charlotte ainda é jovem. E aquele rapaz simpático dos Willory acabou de comprar uma propriedade em Glenwild — vem do Delta, tem dinheiro...”

“Bem”, Adelaide murmurou, “Dixon não deixa faltar nada...”

“Estou dizendo que ela pode arranjar alguém bem melhor.”

“O que eu estou dizendo, Edith, é que considero melhor um pássaro na mão do que dois voando. Não sei o que seria de Charlotte e das filhas, coitadinhas, se Dix não tivesse um bom salário.”

“Está bem”, disse Edie, “vamos deixar para lá.”

“Eu me perguntou, às vezes”, Libby murmurou, timidamente, “se agimos corretamente ao não insistir para que Charlotte mudasse para Dallas.”

O assunto foi muito comentado pouco depois da morte de Robin. O banco havia oferecido uma promoção a Dix, se ele aceitasse a mudança para o Texas. Anos depois, ele tentou convencer a família inteira a ir morar numa cidadezinha do Nebraska. Em vez de convencer Charlotte e as meninas a aceitarem, as tias entraram em pânico nas duas ocasiões;

Adelaide, Libby e até Ida Rhew passaram semanas chorando só de pensar na idéia.

Harriet assoprou a assinatura do pai, embora a tinta já estivesse seca. A mãe soltava cheques daquela conta o tempo inteiro — usava o dinheiro para pagar as contas da casa — e, como Harriet logo descobrira, não controlava o saldo. Teria pago as mensalidades do Country Club sem problemas, se Harriet pedisse; mas a ameaça do Acampamento Lake de Selby continuava a pairar sobre sua cabeça como uma nuvem negra, e Harriet não pretendia correr o risco de fazer com que ela se lembrasse dos formulários que não chegaram, caso falasse na piscina do Country Club.

Ela pegou a bicicleta e foi para o Country Club. O escritório estava fechado. Todo mundo almoçava no salão. Ela seguiu pelo corredor até a loja, onde encontrou Pemberton, o irmão mais velho de Hely, fumando um cigarro atrás do balcão, enquanto lia uma revista sobre equipamentos de som.

“Posso deixar este cheque com você?”, ela perguntou. Gostava de Pemberton. Tinha a mesma idade de Robin, fora amigo de seu irmão. Agora, aos vinte e um, era sossegado, meio beatnik, muita gente comentava que a mãe cometera um erro ao dissuadir o pai de mandá-lo para o colégio militar, quando ainda daria tempo de discipliná-lo. Pem fora muito popular no colegial, sua foto estava em praticamente todas as páginas do álbum de formatura, mas era preguiçoso e não durou muito na Vanderbilt, nem na Ole Miss, nem na Delta State. Agora, morava com os pais. Usava cabelo mais comprido que o de Hely; no verão, trabalhava como salva-vidas no Country Club, no inverno cuidava do carro e ouvia música no último volume.

“Oi, Harriet”, Pemberton disse. Provavelmente ele se sentia solitário, Harriet pensou, largado ali na loja. Vestia camiseta puída, calção xadrez e sapatos de golfe sem meias; no balcão, perto de seu cotovelo, estavam os

restos de um hambúrguer com batata frita sobre um prato com o logotipo do Country Club. “Venha até aqui me ajudar a escolher um som para o carro.”

“Não sei nada a respeito de equipamentos de som para carros. Só queria deixar o cheque com você.”

Pem prendeu o cabelo atrás da orelha com a mão enorme, ossuda, depois pegou o cheque e o examinou. Tinha ossos longos, jeito tranqüilo, era bem mais alto que Hely; o cabelo comprido louro vivia desgrenhado, mais escuro nas pontas e claro no alto. Parecia-se um pouco com Hely, embora fosse mais bonito. Tinha dentes meio tortos, mas de um jeito que o tornava mais simpático do que se fossem alinhados perfeitamente.

“Tudo bem, pode deixar o cheque comigo”, disse depois de algum tempo. “Mas não sei direito o que fazer com ele. Não me contaram que seu pai estava na cidade.”

“Ele não está.”

Pemberton, erguendo uma sobancelha, mostrou a data.

“Ele o mandou pelo correio”, Harriet explicou.

“E onde anda o grande Dixie, por falar nisso? Não o vejo há séculos.”

Harriet deu de ombros. Embora não gostasse do pai, evitava falar mal dele ou encorajar fofocas.

“Bem, quando encontrá-lo, peça para ele mandar um cheque para mim também. Ando louco para comprar um som deste aqui.” Empurrou a revista até o outro lado do balcão e mostrou a foto a ela.

Harriet examinou os diversos modelos. “Para mim, parecem todos iguais.”

“Nada disso, meu bem. Os Blaupunkts são o máximo. Está vendo? Inteirinho preto, com botão de sintonia preto também. E olhe como é pequeno em comparação com os Pioneers.”

“Compre esse, então.”

“Vou comprar, quando seu pai me mandar trezentos dólares.” Ele deu a última tragada no cigarro e apagou a ponta no prato, que chiou. “E aí,

onde se meteu o cretino do meu irmão?”

“Sei lá.”

Pemberton debruçou-se, arqueando os ombros para dizer em tom confidencial: “Por que você deixa ele ficar no seu pé?”.

Harriet olhou para os restos do lanche de Pem: batata frita gelada, cigarro amassado numa poça de ketchup, ainda chiando.

“Ele não lhe dá nos nervos?”, Pemberton disse. “Como você consegue obrigá-lo a se vestir de mulher?”

Harriet o encarou, surpresa.

“Sabe, com as roupas de cama de Martha.” Martha era a mãe de Pem e Hely. “Ele adora. Sempre o vejo sair correndo de casa com uma fronha ou uma toalha na cabeça. Ele diz que você o obriga.”

“Eu não.”

“Deixe de onda, *Harriet*.” Ele pronunciou o nome como se o achasse meio ridículo. “Passo de carro por sua casa e de vez em quando vejo sete ou oito meninos cobertos com lençóis, correndo pelo quintal. Ricky Ashmore apelidou vocês de Ku Klux Klan mirim, mas acho que você se diverte é fazendo eles se vestirem de mulher.”

“É uma brincadeira”, Harriet disse, desanimada. A insistência dele a incomodava. As encenações da Bíblia pertenciam ao passado. “Eu queria conversar com você. Sobre meu irmão.”

Foi a vez de Pemberton se sentir desconfortável. Ele pegou a revista e passou a folheá-la, simulando um profundo interesse.

“Você sabe quem o matou?”

“*Bem*”, Pemberton disse, malicioso, deixando de lado a revista. “Vou lhe contar uma coisa, se você prometer não dizer nada a ninguém. Sabe aquela velha vizinha de vocês, a senhora Fountain?”

Harriet o olhava com tamanho desprezo que ele caiu na gargalhada.

“O que foi?”, ele disse. “Não acredita na história que corre sobre a senhora Fountain e as pessoas que ela enterrou debaixo da casa?” Anos antes, Pem apavorara o irmão Hely, dizendo que haviam visto ossos

humanos nos canteiros de flores da sra. Fountain. E que a velha mandara empalhar o marido morto e o mantinha numa cadeira de balanço, para lhe fazer companhia à noite.

“Então não faz idéia de quem o matou, né?”

“Nenhuma”, Pemberton retrucou secamente. Ainda se lembrava de quando a mãe entrou em seu quarto (estava montando um aeroplano; gozado, essas coisas nunca mais saem da cabeça da gente) e o chamou na sala, para contar que Robin havia morrido. Foi a única vez em que a viu chorar. Pem não chorou: tinha nove anos apenas, não entendeu nada, voltou para o seu quarto, fechou a porta e — apesar de todo o mal-estar — continuou trabalhando no Sopwith Camel; ainda se lembrava do modo como a cola se acumulou nas juntas, ficou uma porcaria, ele acabou jogando fora o avião, sem terminar de montá-lo.

“Você não deveria sair por aí brincando com essas coisas”, disse a Harriet.

“Não estou brincando. Falo sério”, Harriet retrucou com firmeza. Não foi a primeira vez que Pemberton pensou no quanto ela era diferente de Robin, tão diferente que nem pareciam parentes. Talvez fosse o cabelo escuro que a tornasse tão séria, mas, ao contrário de Robin, havia algo de imponente naquela menina: rosto impassível, pomposa, sempre séria. Em Allison se notava um traço tênue da personalidade de Robin (agora, no colegial, ela começava a chamar a atenção; Pem virara a cabeça para olhá-la quando passava na rua, outro dia, sem se dar conta de quem era), mas Harriet não era doce nem animada, estava na cara. Harriet era jogo duro.

“Acho que você anda lendo Nancy Drew demais, menina”, ele disse. “Tudo aconteceu antes de Hely nascer.” Ele fingiu dar uma tacada de golfe com um taco invisível. “Três ou quatro trens paravam aqui naquele tempo, e havia muitos vagabundos perto dos trilhos.”

“Talvez o assassino ainda esteja por aqui.”

“Se isso for verdade, por que ninguém conseguiu pegá-lo?”

“Sabe se aconteceu algo esquisito antes do crime?”

Pem fez um gesto nervoso, descartando a idéia. “Quer dizer, algo macabro?”

“Não, apenas anormal.”

“Veja bem, não estamos no cinema. Ninguém viu um tarado monstruoso andando por aí e simplesmente se esqueceu de contar.” Ele suspirou. Na escola, por vários anos, a brincadeira favorita no recreio era encenar o assassinato de Robin, um jogo que foi passando de turma para turma e mudando ano após ano. Ainda era popular nas primeiras séries. Mas, na versão da hora do recreio, o criminoso era apanhado e punido. As crianças formavam um círculo perto do balanço, surrando o vilão invisível que jazia prostrado no meio delas.

“Durante um bom tempo”, ele disse bem alto, “policiais e pastores vinham conversar conosco quase todos os dias. Os meninos na escola se gabavam de saber quem tinha sido, alguns até de que eram os autores. Só para chamar a atenção.”

Harriet o encarava atenta.

“Moleques adoram isso. Danny Ratliff — minha nossa. Ele vivia contando vantagem, alegando ter feito coisas que nunca fez, como atirar no joelho de alguém ou jogar uma cascavel no carro de uma senhora idosa. Você não acreditaria nas besteiras que ouvi o sujeito dizer no bilhar...” Pemberton fez uma pausa. Conhecia Danny Ratliff desde menino: fraco, de andar trôpego, espaçoso, pródigo em ameaças e bravatas. Embora a imagem estivesse clara em sua mente, não sabia como transmiti-la a Harriet.

“Ele — Danny é pirado, sabe”, disse.

“E onde posso achar esse tal de Danny?”

“Uau. Você não pode se meter com Danny Ratliff. Ele acaba de sair da cadeia.”

“Por quê?”

“Briga de faca, algo assim. Não me lembro. Todos os Ratliff entram e saem da penitenciária a todo momento, por assalto a mão armada ou

homicídio, com exceção do caçula, o moleque retardado. E Hely me disse que ele apavorou o senhor Dial outro dia, quebrou a cara dele.”

Harriet se revoltou. “Isso não é verdade. Curtis não encostou um dedo nele.”

Pemberton riu. “Lamento saber disso. Nunca conheci alguém que merecesse tanto uma surra quanto o senhor Dial.”

“Você ainda não me disse onde encontrar esse Danny.”

Pemberton suspirou. “Veja bem, Harriet”, disse, “Danny Ratliff tem mais ou menos a minha idade. A morte de Robin aconteceu quando estávamos na quarta série.”

“Talvez tenha sido um menino o criminoso. Talvez por isso nunca tenham conseguido identificá-lo.”

“Não sei por que você se acha tão genial, capaz de descobrir o que ninguém conseguiu até hoje.”

“Disse que ele frequenta o bilhar?”

“Sim, e a Black Door Tavern. Mas estou avisando, Harriet, ele não teve nada a ver com aquela história, e mesmo que tivesse seria melhor deixar o sujeito em paz. São vários irmãos, todos meio doidos.”

“Doidos?”

“Mas nem tanto. Bom... um deles é pregador — provavelmente já o viu, fica na beira da estrada gritando sobre Arrependimento. E o irmão mais velho, Farish, passou uma temporada no hospital psiquiátrico em Whitfield.”

“Por quê?”

“Porque levou uma pancada da cabeça, com uma pá ou algo parecido. Não me lembro. Todos eles já foram presos mais de uma vez. Por roubo de carros”, acrescentou, quando viu que Harriet o encarava. “Por invasão de domicílio. Nada do que está pensando. Se eles tivessem algo a ver com a morte de Robin, a polícia já teria descoberto isso há anos.”

Ele pegou o cheque de Harriet, que ainda estava sobre o balcão. “Tudo bem, né, menina? Este cheque paga a sua parte e a de Allison também?”

“Isso mesmo.”

“E onde ela está agora?”

“Em casa.”

“O que está fazendo?”, Pem perguntou, apoiando-se nos cotovelos.

“Vendo *Sombras tenebrosas*.”

“Acha que ela virá nadar aqui neste verão?”

“Se quiser.”

“Ela tem namorado?”

“Alguns rapazes telefonam para ela.”

“É mesmo?”, Pemberton disse. “Quem, por exemplo?”

“Ela não gosta de falar com eles.”

“Por que não?”

“Sei lá.”

“Acha que ela conversaria comigo, se eu telefonasse?”

Abruptamente, Harriet disse: “Adivinhe o que vou fazer neste verão?”.

“Não sei.”

“Vou nadar de uma ponta a outra da piscina por baixo d’água.”

Pemberton — que já se cansara de conversar com ela — ergueu os olhos. “E depois?”, indagou. “Vai sair na capa da *Rolling Stone*?”

“Sei que vou conseguir. Ontem à noite preendi o fôlego por quase dois minutos.”

“Esqueça, menina”, Pemberton disse, sem acreditar numa só palavra. “Vai se afogar. E me obrigar a tirar você da piscina.”

Harriet passou a tarde lendo, na varanda. Ida lavava roupa, como sempre fazia nas tardes de segunda-feira; a mãe e a irmã dormiam. Aproximava-se do final de *As minas do rei Salomão* quando Allison, descalça e bocejando, saiu ainda tonta com um vestido estampado com flores que mais parecia da mãe. Com um suspiro, deitou-se na poltrona de balanço estofada e usou o dedão do pé para pegar impulso.

Harriet largou o livro imediatamente e sentou-se ao lado da irmã.

“Sonhou muito durante a sesta?”, indagou.

“Não me lembro.”

“Se não se lembra, deve ter sonhado.”

Allison não respondeu. Harriet contou até quinze e — mais devagar desta vez — repetiu a questão, o mais delicadamente possível.

“Não sonhei nada.”

“Pensei que você tinha dito que não se lembrava.”

“Não me lembro.”

“Oi”, gritou uma voz anasalada intrometida, lá fora na calçada.

Allison ergueu-se, apoiada nos cotovelos. Harriet — extremamente irritada com a interrupção — virou-se e viu Lasharon Odum, a menina impertinente que a sra. Fawcett lhe mostrara na biblioteca. Levava pela mão uma criatura de cabelos claros e de sexo indeterminado que usava camisa curta, insuficiente para cobrir a barriga inteira, e um bebê de fralda e calça plástica encaixado no lado oposto da cintura. Como animais selvagens, temerosos de uma aproximação maior, eles ficaram lá longe, observando as irmãs com um olhar fixo que parecia reluzir prateado em seus rostos crestados.

“Oi, tudo bem?”, Allison disse, levantando-se devagar para ir cumprimentá-los, cautelosa. Apesar de tímida, Allison adorava crianças — fossem negras ou brancas, e quanto menores, melhor. Com frequência conversava com os meninos de rua maltrapilhos que perambulavam por ali, vindos dos barracos da beira do rio, embora Ida Rhew tivesse proibido que falasse com aquelas crianças imundas. “Você não vai achar graça quando pegar piolho ou verminose”, disse.

As crianças observavam Allison ansiosas, mas mantiveram sua posição até que ela se aproximasse. Allison acariciou a cabeça do bebê. “Qual é o nome dele?”, perguntou.

Lasharon Odum não respondeu. Olhava para lá de Allison, para Harriet. Embora pequena, havia algo de maduro e furtivo em sua

fisionomia. Os olhos eram cinzentos, primitivos, atentos, como os de um filhote de lobo. “Vi você na biblioteca”, disse.

Harriet, impassível, enfrentou seu olhar, sem responder nada. Não se interessava por crianças e bebês, concordando com Ida em que não tinham nada que invadir o jardim sem ser convidadas.

“Meu nome é Allison”, a irmã disse. “Qual é o seu?”

Lasharon olhou para baixo, incomodada.

“São seus irmãos? Como se chamam, hem?”, ela perguntou, agachando-se para ver melhor o rosto do menor, que segurava um livro da biblioteca pela capa, de forma que as páginas arrastavam-se pela calçada. “Não vai me dizer seu nome?”

“Vai, Randy”, instigou a menina, cutucando o bebê.

“Randy? É o seu nome?”

“Diga que sim, Randy.” Ela ajeitou o bebê. “Vamos. Diga que você é o Randy e ele o Rusty”, falou, dirigindo-se ao menor com uma voz aguda, agressiva.

“Randy e Rusty?”

*Peste e Porco, isso sim*, pensou Harriet.

Mal ocultando sua impaciência, ela ficou batendo o pé até Allison descobrir, paciente, a idade de Lasharon, e cumprimentá-la por cuidar tão bem dos irmãos.

“Posso ver o livro que você pegou na biblioteca?”, Allison disse ao menininho chamado Randy. “Hem?” Estendeu o braço, mas ele, retraído, se afastou um pouco, fazendo cara de choro.

“Não é para ele”, Lasharon disse. A voz, embora anasalada, aguda, era também cristalina e firme. “É para mim.”

“Sobre o que é?”

“Sobre o touro Ferdinando.”

“Eu me lembro do Ferdinando. Um touro bondoso que preferia sentir o perfume das flores a lutar, não é mesmo?”

“Você é bonita, moça”, Randy disparou, falando pela primeira vez. Excitado, balançava os braços para lá e para cá, esfregando as páginas do livro na calçada.

“Acho melhor não fazer isso com um livro da biblioteca”, Allison alertou.

Randy, enrubescido, deixou cair o livro.

“Pode ir pegando”, a irmã disse, erguendo a mão como se fosse estapeá-lo.

Randy encolheu-se e, consciente de que Allison o observava, deu um passo para trás e começou a rebolar de modo lascivo, estranho, como um adulto dançando.

“Por que *ela* não fala nada?”, Lasharon indagou, apontando para Harriet, que os olhava da varanda.

Atônita, Allison olhou para Harriet.

“Você é a mãe dela?”

*Gentinha*, pensou Harriet, sentindo o rosto em brasa.

Divertia-se com Allison, que gaguejava para negar, quando de repente Randy exagerou na dança lasciva, num esforço para atrair novamente a atenção geral.

“O homem roubou o carro do Papi”, disse. “O homem da igreja Badista.”

Ele riu, desviando do tapa da irmã, e se mostrava disposto a prosseguir quando Ida Rhew surgiu inesperadamente na porta da casa, fechando a porta de tela atrás de si para correr na direção das crianças, batendo palmas como se quisesse afugentar pássaros de um milharal.

“Podem ir dando o fora daqui”, gritou. “Rua!”

Num instante eles sumiram, com bebê e tudo. Ida Rhew parou na calçada, erguendo o braço num gesto ameaçador. “Não me apareçam mais por aqui”, gritou para os fugitivos. “Senão vou chamar a polícia.”

“Ida!”, Allison protestou.

“Não me desautorize!”

“Mas eles são apenas criancinhas! Não estavam fazendo nada de mais.”

“Não, e nem vão fazer”, Ida Rhew disse, mantendo o olhar fixo neles por alguns minutos, antes de esfregar as mãos e se virar para voltar à casa. O *touro Ferdinando* ficara jogado na calçada, onde as crianças o deixaram cair. Ela se abaixou teatralmente para apanhar o livro e o ergueu segurando uma das pontas entre o polegar e o indicador, como se estivesse contaminado. Mantendo o braço estendido, seguiu na direção da lata de lixo no canto do quintal, soltando um suspiro.

“Mas Ida!”, Allison disse. “Esse livro pertence à biblioteca!”

“Não me interessa de onde veio”, Ida Rhew disse, sem se virar. “É sujo. Não quero que toquem nisto.”

Charlotte, com aspecto ansioso e sonolento, pôs a cara para fora pelo vão da porta da frente. “O que houve?”, perguntou.

“Eram só *criancinhas*, mamãe. Não estavam incomodando ninguém.”

“Ah, que pena”, Charlotte disse, apertando mais o cinto do robe na cintura. “Eu estava querendo fazer uma limpeza no quarto de vocês e dar a eles um saco de brinquedos, quando passassem por aqui.”

“Mamãe!”, Harriet gritou.

“Ora, vocês não brincam mais de boneca”, retrucou a mãe, serena.

“Mas são minhas. Quero guardá-las!” A fazendinha de Harriet... as bonecas Dancerina e Chrissy, que ela não queria mas pediu assim mesmo, pois suas colegas de classe tinham uma... a família de ratinhos de peruca cacheada e trajes franceses antigos, que Harriet vira na vitrine de uma loja muito, muito cara em Nova Orleans; por eles ela pedira, exigira, chorara, emudecera e recusara o jantar, até que finalmente Libby, Adelaide e Tat saíram do hotel Pontchartrain e fizeram uma vaquinha para adquirir os bonecos. O Natal dos Ratinhos: o mais feliz da vida de Harriet. Nunca um brinquedo a encantara tanto, exultou ao abrir a caixa vermelha elegante, cheia de papel de seda. Como a mãe de Harriet era capaz de guardar todos os jornais velhos em casa — armando um escândalo se Ida jogasse uma

única folha fora — e ter coragem de dar os ratinhos de Harriet para crianças imundas da rua?

Pois foi exatamente o que aconteceu. Em outubro a família de ratinhos sumiu de cima da cômoda de Harriet. Após uma busca histérica, ela os localizou no sótão, jogados numa caixa com outros brinquedos velhos. A mãe, quando interrogada, admitiu ter removido alguns itens com os quais Harriet não brincava mais, para doá-los a crianças carentes. Mas não percebera que Harriet gostava tanto dos ratinhos, ou teria pedido primeiro permissão a ela antes de pegá-los. (“Sei que foi presente de suas tias, mas Adelaide, ou uma das outras, não lhe deu a boneca Dancerina também? E você não a quer mais.”) Harriet duvidava de que a mãe sequer se recordasse do incidente, uma suspeita confirmada por seu olhar atônito.

“Será que você não entende?”, Harriet gritou, desesperada. “Eu quero ficar com os meus brinquedos!”

“Não seja egoísta, querida.”

“Mas eles são meus!”

“Não posso acreditar que você seja capaz de negar àquelas pobres criancinhas coisas com as quais deixou de brincar há muito tempo”, Charlotte disse, piscando muito, confusa. “Viu como elas ficaram contentes quando ganharam os brinquedos de Robin...”

“Robin *está morto!*”

“Se você der alguma coisa para aquela molecada”, Ida Rhew comentou furiosa, reaparecendo na lateral da casa, limpando a boca com as costas da mão, “vão jogar fora ou quebrar antes de chegarem em casa.”

Depois que Ida Rhew foi embora para a casa dela, Allison pegou *O touro Ferdinando* na lata de lixo e o levou para a varanda. Ao crepúsculo, examinou o livro. Caíra sobre o pó de café e exibia manchas marrons no canto das páginas. Ela o limpou o quanto pôde com uma toalha de papel, depois pegou uma nota de dez dólares da caixa de jóias e a colocou entre a

capa e a primeira página. Dez dólares, considerou, pagariam com folga o prejuízo. Quando a sra. Fawcett visse o estado em que se encontrava o livro, exigiria ressarcimento ou excluiria a possibilidade de novos empréstimos. E criancinhas carentes como aquelas não poderiam arcar com o valor da multa.

Apoiando o queixo nas mãos, sentou-se nos degraus. Se Weenie não tivesse morrido, estaria ronronando a seu lado, com as orelhas achatadas na cabeça e o rabo enrolado feito um gancho em seu tornozelo, com os olhos ligeiramente cerrados fitando o gramado escuro, atento ao mundo noturno inquieto das criaturas invisíveis a ela: marcas de caracóis e teias de aranha, moscas de asas vítreas, besouros e ratos do campo, toda a população de criaturinhas que se moviam sibilando, zumbindo ou em silêncio. Seu mundinho, sentia, era seu verdadeiro lar, a escuridão secreta dos corações batendo rapidamente nos seres mudos.

As nuvens esfiapadas passavam rápido pela lua cheia. A nissa negra farfalhava com a brisa, suas folhas mais baixas brilhavam pálidas nas trevas.

Allison não se lembrava de praticamente nada que ocorrera nos dias seguintes à morte de Robin, mas de uma coisa estranha ela se recordava: subira na árvore o mais alto possível, e saltara lá do alto, repetidamente. A queda lhe tirava o fôlego. Assim que se recuperava do choque, sacudia a poeira, trepava de novo e pulava. *Tump*. E outra vez, e outra. Sonhara que estava fazendo a mesma coisa, exceto que, no sonho, ela não caía no chão. Um vento morno a apanhava quando se aproximava do gramado e a erguia, ela voava, as pontas dos pés descalços roçavam no topo das árvores. Descia rapidamente do céu, como uma andorinha, num vôo rasante que chegava a cinco metros da grama, para subir novamente, girando e ganhando altura até alcançar o espaço desimpedido. Mas ela era pequena na época, não entendia a diferença entre os sonhos e a vida, por isso continuava saltando da árvore. Esperava, caso pulasse muitas vezes, que o vento morno de seus sonhos soprasse e a levasse embora para o céu. Mas,

claro, isso nunca ocorreu. Encarapitada num galho alto, ouvia os gritos de Ida Rhew no terraço, via Ida correr em sua direção em pânico. E Allison sorria antes de dar o passo decisivo, ouvindo deliciada o uivo de terror de Ida, que lhe provocava um frio no estômago durante a queda. Ela pulou tantas vezes que fraturou ossos dos pés; por milagre não quebrou o pescoço.

O ar noturno quente estimulava os pálidos botões de gardênia a exalar uma fragrância rica, morna, embriagante. Allison bocejou. Como poderia ter certeza absoluta de que estava acordada ou dormindo? Nos sonhos, a gente pensa que está acordada, embora não esteja. E, embora Allison acreditasse que estava acordada, sentada descalça na varanda com um livro da biblioteca manchado de café nos degraus a seu lado, isso não garantia que não estivesse lá em cima, na cama, sonhando tudo: varanda, gardênias, livro.

Repetidamente, durante o dia, ela perambulava pela casa ou pelos corredores frios e anti-sépticos do colégio, com os livros nos braços, pensando: Estou acordada ou dormindo? Como vim parar aqui?

Com frequência, quando se assustava e via que estava na aula de biologia (por exemplo), vendo insetos espetados nos alfinetes e o sr. Peel, ruivo, discorrendo sobre a divisão celular, ela sabia se estava sonhando ou não fazendo um retrospecto das lembranças. Como vim parar aqui?, pensava, confusa. O que comera no café? Edie a trouxera de carro para o colégio, houve uma sucessão de eventos que a conduziram finalmente até aquelas paredes revestidas de madeira escura, àquela aula matinal? Ou estava em outro lugar havia apenas um momento — numa estrada de terra erma, no jardim de casa, sob um céu amarelo no qual brilhava uma forma branca parecida com um lençol?

Ela concentrava a atenção no caso, até concluir que não estava sonhando. O relógio na parede marcava nove e quinze, era mesmo o horário da aula de biologia; sentavam-se todos em ordem alfabética, Maggie Dalton na frente de Richard Echols; a placa de isopor cheia de

insetos espetados continuava pendurada na parede dos fundos — com a mariposa enorme no meio — entre um cartaz do esqueleto felino e outro do sistema nervoso central.

Contudo, às vezes — geralmente em casa —, Allison notava, perturbada, falhas e defeitos mínimos na trama da realidade, para os quais não encontrava explicação lógica. As rosas eram da cor errada: vermelhas em vez de brancas. O varal não estava onde deveria ficar, mas no lugar antigo, antes de uma tempestade o derrubar, cinco anos atrás. O interruptor do abajur era ligeiramente diferente ou estava na posição errada. Nas fotos ou telas da família surgiam figuras misteriosas em segundo plano, que jamais notara. Reflexos apavorantes no espelho da sala, atrás da doce cena familiar. Uma mão acenando de uma janela aberta.

*Que nada*, a mãe ou Ida diziam quando Allison mencionava essas coisas. *Não seja ridícula, isso sempre foi assim.*

Assim como? Ela não sabia. Dormindo ou acordada, via o mundo como um jogo ardiloso: cenários mutantes, ecos e vazios, luzes refletidas. Tudo sempre escorrendo como o sal entre dedos entorpecidos.

Pemberton Hull dirigia seu Cadillac azul-claro 62 conversível de volta do Country Club para casa. O chassi precisava de alinhamento, o radiador vazava e era um inferno conseguir peças, precisava encomendá-las a um desmanche no Texas e esperar duas semanas até que chegassem. Mesmo assim, o carro era seu xodó, seu bebê, seu único verdadeiro amor, e cada centavo ganho no Country Club ele gastava em gasolina ou nos consertos, quando o carro quebrava. Ao dobrar a esquina da George Street os faróis iluminaram a figura miúda de Allison Dufresnes, sentada nos degraus da entrada, sozinha.

Ele estacionou na frente da casa. Quantos anos teria? Quinze? Dezessete? Isca para cadeia, provavelmente, mas ele tinha um fraco por

meninas distraídas, sonhadoras, de braços magros e cabelos caindo por cima dos olhos.

“Oi”, disse, dirigindo-se a ela.

Ela não se mostrou surpresa, apenas ergueu a cabeça, em seu devaneio, de um jeito tão etéreo que lhe arrepiou a nuca.

“Esperando alguém?”

“Não, só esperando.”

*Caramba*, pensou Pem.

“Vou até o drive-in. Quer ir comigo?”

Ele esperava que ela dissesse Não ou Não Posso ou Preciso Pedir Licença Para Mamãe, mas em vez disso ela afastou os cabelos cor de bronze da frente dos olhos, tilintando a pulseira e disse (um pouco demorada; gostava disso nela: o atraso pacato, arrastado, dissonante): “Por quê?”

“Como assim por quê?”

Ela só deu de ombros. Pem ficou intrigado. Havia um... distanciamento em Allison, não sabia descrevê-lo direito, ela arrastava os pés ao caminhar, seu cabelo era diferente do cabelo das outras moças e as roupas ligeiramente equivocadas (como o vestido florido que usava no momento, mais apropriado a uma velha), no entanto havia algo naquela desengonçada que o alucinava, talvez o ar perdido, remoto. Cenários românticos (carro, rádio, beira do rio) surgiram fragmentados em sua mente.

“Vamos”, insistiu. “Trago você de volta antes das dez.”

Harriet, deitada na cama, devorava um pedaço de bolo e escrevia no caderno quando um carro parou ruidosamente sob sua janela aberta. Ela olhou para fora bem a tempo de ver a irmã, cabelos ao vento, partir em alta velocidade no conversível de Pemberton.

Ajoelhando-se no parapeito, esticou o pescoço para lá das cortinas de organdi amarelo, sentindo o gosto amarelo e seco do bolo na boca, e olhou

para a rua. Estava surpresa. Allison nunca ia a lugar nenhum, exceto à casa das tias, a poucas quadras dali, ou, no máximo, ao armazém.

Dez minutos se passaram, depois quinze. Harriet sentiu uma pontada de ciúmes. O que, afinal, eles teriam para dizer um ao outro? Pemberton não se interessaria por alguém como Allison, impossível.

Enquanto olhava para o terraço iluminado (balanço vazio, *O touro Ferdinando* largado no degrau de cima), ela ouviu farfalhar as azáleas que ladeavam o quintal. Então, para seu espanto, surgiu uma figura humana, e Harriet percebeu que Lasharon Odum entrava sorrateiramente no quintal.

Harriet não imaginou que a menina tivesse voltado para buscar o livro. Algo no modo como Lasharon arqueava os ombros a enfureceu. Sem pensar, atirou o que restava do bolo pela janela.

Lasharon gritou. De repente, as moitas atrás dela se agitaram. Momentos depois, uma sombra afastou-se do quintal de Harriet e desceu correndo a rua iluminada, seguida a certa distância por outra, menor, incapaz de correr tanto.

Ajoelhada no parapeito da janela, Harriet manteve a cabeça para fora, observando por algum tempo o trecho iluminado da calçada de onde os pequenos Odum haviam sumido. A noite estava quieta como uma igreja. Nem uma folha se mexia, os gatos não miavam; a lua brilhava e refletia na calçada como uma poça. Até os sinos de vento na varanda da sra. Fountain estavam calados.

Depois de um tempo, irritada e entediada, ela abandonou seu posto. Concentrou-se no caderno novamente e quase já tinha esquecido que deveria estar esperando o retorno de Allison, ofendida, quando ouviu o som da porta do carro sendo batida na frente da casa.

Ela correu para a janela e, discretamente, puxou a cortina. Allison, parada na rua ao lado do motorista do Cadillac azul, brincava distraída com a pulseira e dizia algo incompreensível.

Pemberton caiu na gargalhada. Seu cabelo brilhava, dourado como o de Cinderela, sob a luz da rua, comprido a ponto de cobrir-lhe o rosto, de

modo que só a ponta fina do nariz aparecia, dando a ele um ar feminino. “Não acredite nisso, amor”, disse.

*Amor?* O que aquilo significava? Harriet fechou a cortina e escondeu o caderno debaixo da cama, enquanto Allison contornava o carro e seguia em direção à porta da casa, os joelhos vermelhos sob a luz lasciva da lanterna traseira do Cadillac.

A porta da frente se fechou. O carro de Pem afastou-se, barulhento. Allison subiu a escada — ainda descalça, saíra de carro sem sapatos — e entrou no quarto. Sem cumprimentar Harriet, seguiu direto para a penteadeira e olhou para seu reflexo no espelho, séria, com o nariz a poucos centímetros do vidro. Depois sentou-se na beirada da cama e calmamente limpou as pedrinhas grudadas na sola amarelada do pé.

“Aonde você foi?”, Harriet disse.

Allison, tirando o vestido por cima da cabeça, emitiu um som ambíguo.

“Vi quando saiu de carro. Aonde você foi?”, insistiu, quando viu que a irmã não ia responder.

“Não sei.”

“Não sabe aonde foi?”, Harriet falou, encarando Allison, que continuava fitando distraída sua imagem no espelho, enquanto vestia a calça do pijama. “Divertiu-se bastante?”

Allison — evitando cautelosamente o olhar de Harriet — abotoou a blusa do pijama e começou a ajeitar os bichinhos de pelúcia em torno de si. Eles precisavam ficar posicionados de um modo específico, em torno do corpo, antes que dormisse. Em seguida, cobriu a cabeça com as cobertas.

“Allison?”

“O que foi?”, ela perguntou, com a voz abafada, após um momento.

“Lembra do que conversamos?”

“Não.”

“Claro que lembra. Sobre anotar seus sonhos.”

Percebendo que não receberia resposta alguma, Harriet falou mais alto: “Deixei uma folha de papel ao lado de sua cama. E um lápis. Está

vendo?”.

“Não.”

“Quero que veja. *Olhe, Allison.*”

Allison tirou a cabeça para fora das cobertas apenas o bastante para ver a folha arrancada do caderno espiral sob o abajur de cabeceira. No alto estava escrito, com a caligrafia de Harriet: *Sonhos. Allison Dufresnes. 12 de junho.*

“Obrigada, Harriet”, ela disse, sonolenta. E, antes que Harriet pudesse pronunciar outra palavra, puxou as cobertas e virou de cara para a parede.

Harriet passou um tempo fitando as costas da irmã, depois apanhou seu caderno embaixo da cama. Naquele dia ela havia tomado notas sobre as notícias do jornal local, em grande parte novidade para ela: a descoberta do corpo; os esforços para ressuscitar seu irmão (Edie, pelo que constava, o retirara da árvore usando a tesoura de podar, e ficara tentando reanimar o corpo até a chegada da ambulância); o colapso nervoso e a internação da mãe no hospital; os comentários do delegado (“nenhuma pista”; “frustrante”) nas semanas seguintes. Ela também havia escrito tudo de que se lembrava das declarações de Pem — fossem ou não importantes. E, quanto mais escrevia, mais lhe voltavam à mente detalhes aleatórios entreouvados aqui e ali ao longo dos anos. Robin falecera poucas semanas antes das férias de verão na escola. Chovera naquele dia. Ocorreram diversos furtos na vizinhança na época, como ferramentas roubadas dos barracões: alguma relação? O corpo de Robin fora encontrado no quintal no momento exato em que o culto vespertino na igreja batista terminava, e uma das primeiras pessoas que parou para ajudar foi o dr. Adair — idoso pediatra aposentado, mais de oitenta anos — que por acaso passava de carro por ali com a família, a caminho de casa. Seu pai estava no campo de caça; e o pastor precisou pegar o carro e ir até lá dar a notícia.

*Mesmo que eu não descubra quem o matou, pensou, pelo menos saberei como tudo aconteceu.*

Ela também levantou o nome do primeiro suspeito. O próprio ato de escrevê-lo a levou a perceber como seria fácil esquecer, como era importante registrar tudo, cada detalhe, no papel.

Teve uma idéia de repente. Onde ele morava? Ela pulou da cama e correu para consultar a lista telefônica, na mesa da sala da frente. Quando localizou o nome — *Danny Ratliff* — sentiu um calafrio percorrer a espinha.

Não havia um endereço, apenas *Rt 260*. Harriet, depois de morder o lábio, indecisa, discou o número e levou um susto quando atenderam no primeiro toque (barulho de televisão no máximo ao fundo). Um homem rosnou: “Alô?”.

Com um golpe forte — como se fechasse a tampa sobre o demônio — Harriet bateu o fone no gancho, usando as duas mãos.

“Vi meu irmão tentando beijar a sua irmã ontem à noite”, Hely disse a Harriet quando se acomodaram nos degraus de acesso aos fundos da casa de Edie. Hely passara lá para vê-la, depois do café da manhã.

“Onde?”

“Perto do rio. Eu estava pescando.” Hely vivia perambulando pela margem do rio com a vara de pescar e um balde horrendo cheio de minhocas. Ninguém nunca o acompanhava. Ninguém queria as bremas e os outros peixinhos ordinários que ele fígava, de modo que geralmente os soltava. Sentado sozinho no escuro — preferia pescar de noite, quando as rãs coaxavam e a luz lançava uma faixa larga e prateada na água —, acalentava sua fantasia predileta: ele e Harriet vivendo como adultos numa cabana à margem do rio. A idéia o entretinha por muitas horas. Rostos sujos, folhas no cabelo. Acenderiam fogueiras. Pegariam rãs e tartarugas. Os olhos de Harriet brilhavam ferozes quando o fitaram subitamente, no escuro, como se pertencessem a um felino selvagem.

Ele tremeu. “Uma pena que você não foi ontem à noite”, disse. “Vi uma coruja.”

“O que Allison estava fazendo?”, Harriet indagou, incrédula. “Não foi *pescar*.”

“Claro que não.” Ele confidenciou, aproximando-se um pouco mais: “Ouvi o carro de Pem parar na margem. Conheço o barulho que faz” — habilidoso, imitou o ruído com lábios cerrados: *uap, uap, uap, uap!* — “dá para escutar a um quilômetro, logo percebi que era ele, pensei que minha mãe tivesse pedido para ir me buscar, por isso recolhi a tralha e subi. Mas ele não procurava por mim.” Hely riu, soltou uma gargalhada curta que soou tão sofisticada que resolveu repeti-la momentos depois, ficando ainda mais satisfeito com o resultado.

“Qual é a graça?”

“*Bom*” — ele não conseguiu resistir ao aceno para uma terceira exibição da nova risada sofisticada — “Allison estava lá, ao lado de Pem, que estendeu o braço pelo encosto e aproximou-se...” (ele passou o braço em volta do ombro de Harriet, para mostrar como fora) “assim”. Em seguida, soltou um estalo forte com a língua úmida, e Harriet, irritada, afastou-se.

“Ela também o beijou?”

“Pelo jeito ela não estava dando muita importância a nada. Eu cheguei *muito* perto deles, sem que percebessem”, disse, orgulhoso. “Pensei em jogar uma minhoca dentro do carro, mas Pem ia me matar de pancada.”

Ele ofereceu a Harriet um amendoim tirado do bolso, que ela recusou.

“O que foi? Isto não é *veneno*.”

“Não gosto de amendoim.”

“Ótimo, sobra mais para mim”, disse, jogando o amendoim em sua própria boca. “Venha pescar comigo hoje.”

“Não, obrigada.”

“Descobri um banco de areia no meio dos juncos. Tem uma trilha que dá lá direto. Você vai adorar. Areia branquinha, como na Flórida.”

“Não.” O pai de Harriet costumava falar no mesmo tom irritante, garantindo que ela ia “adorar” isso ou aquilo (futebol, quadrilha, piquenique da igreja), coisas que ela sabia que detestaria, sem sombra de dúvida.

“Qual é o problema com você, Harriet?” Hely se ressentia por ela nunca fazer o que ele queria. Tinha vontade de caminhar a seu lado pela trilha estreita no meio do mato alto, segurando sua mão enquanto fumavam cigarros como gente grande, arranhando as pernas nuas e sujas de lama. Na chuva fina, quando a espuma branca se formava no meio dos juncos.

Adelaide, tia-avó de Harriet, era uma dona de casa incansável. Ao contrário das irmãs — cujas casas minúsculas eram atulhadas até o teto de livros, armários de bibelôs e tralhas, vasos de gerânios formados a partir das sementes e samambaias de metro destruídas pelos gatos —, Adelaide não tinha jardim nem animais domésticos, odiava cozinhar e sentia pavor mortal do que chamava de “bagunça”. Reclamava por não poder pagar uma empregada, o que enfurecia Tat e Edie, pois os cheques mensais das três pensões de Adelaide (cortesias de três maridos mortos) lhe davam uma renda bem superior à delas. A bem da verdade, ela gostava de fazer a limpeza (a infância na decadente Tribulation lhe inculcava o horror à desordem), e raramente se sentia mais feliz do que nos momentos dedicados a lavar cortinas, passar roupa ou fazer a faxina na casinha despojada que cheirava a desinfetante, tendo nas mãos um trapo e um lustra-móveis em spray, odor limão.

Quando Harriet passava por lá, costumava encontrar Adelaide passando aspirador no tapete ou limpando os armários da cozinha. Mas Adelaide agora estava no sofá da sala: brincos de pérola, cabelo cuidadosamente tingido de louro, recém-escovado, meias de náilon nas pernas cruzadas. Sempre fora a mais bonita das irmãs, e era a mais nova, tinha sessenta e cinco anos. Ao contrário da tímida Libby, da autoritária Edith ou da

nervosa e temerosa Tat, havia em Adelaide um discreto ar sedutor, um toque rústico de viúva alegre, e um quarto marido não era uma impossibilidade, caso o homem certo (um cavalheiro garboso e maduro de paletó esporte, dono de poços de petróleo ou de um haras) surgisse inesperadamente em Alexandria e se encantasse com ela.

Adelaide folheava a edição de junho da revista *Town and Country* que acabara de chegar. Consultava no momento a seção de Casamentos. “Qual dos *dois* você acha que tem dinheiro?”, perguntou a Harriet, mostrando-lhe a foto de um rapaz de cabelo escuro e olhos embaçados, fundos, em pé ao lado de uma loura exuberante de saia tão curta e aberta que mais parecia um filhote de dinossauro.

“O sujeito dá a impressão de que vai vomitar.”

“Não entendo por que tanto alvoroço em torno das *louras*. As louras se divertem mais e outras bobagens. Creio que isso é estimulado pela televisão. A maioria das louras *naturais* têm fisionomia banal e são insípidas e desajeitadas, a não ser que usem muita maquiagem para esconder seus defeitos. Veja esta pobre moça. E *esta*. Tem roupa de ovelha.”

“Queria falar com você a respeito de Robin”, Harriet disse, não vendo sentido em fazer rodeios antes de entrar no assunto.

“O que foi que você disse, meu bem?”, Adelaide retrucou, examinando a foto de um baile de caridade. Um rapaz esguio de gravata preta — rosto fino, confiante, imaculado — quase caía para trás de rir, com as mãos nas costas de uma morena magra de vestido comprido rosa-claro e luvas da mesma cor até o cotovelo.

“*Robin, Addie.*”

“Ora, querida”, Adelaide disse tristonha, erguendo os olhos do rapaz garboso da foto. “Se Robin ainda estivesse entre nós, hoje estaria colecionando moças como se fossem borboletas. Quando ele ainda era pequenino... tão *divertido*, alegre, chegava a cair para trás de tanto rir. Gostava de se aproximar de mim furtivamente, me abraçar e mordiscar

minha orelha. Adorável. Como um periquito chamado Billy Boy que Edith teve quando éramos crianças...”

Adelaide deixou a frase solta no ar, novamente atraída pelo sorriso do ianque bem-sucedido. *Segundanista da universidade*, dizia a legenda. Robin, caso estivesse vivo, teria mais ou menos a idade dele agora. Sentiu um tremor de indignação. Que direito tinha aquele F. Dudley Willard, ou quem quer que fosse, de estar vivo e rindo no Plaza Hotel, enquanto a orquestra tocava no Palm Court e a moça chique de vestido de cetim olhava para ele e ria embevecida? Os maridos de Adelaide haviam falecido, consecutivamente, na Segunda Guerra Mundial, num tiro acidental durante a temporada de caça e depois de ataque cardíaco; ela dera à luz dois meninos, natimortos, no primeiro casamento, e tivera uma filha no segundo, falecida com dezoito meses, intoxicada por fumaça, quando o lampião do velho apartamento da Third Street pegou fogo no meio da noite — machadadas dos bombeiros, baldes d’água, cruel. Contudo (momento após momento de dor, passo a passo), a gente supera tudo. Agora, quando pensava nos gêmeos natimortos, lembrava-se de seus traços delicados e formas perfeitas, dos olhos fechados tranqüilos, como se dormissem. De todas as tragédias de sua vida (e sofrera mais do que seria justo), nada durara e causara tanta amargura quanto o assassinato de Robin, daquela ferida jamais sarara, ela crescera, infeccionara e a molestava cada vez mais com o passar do tempo.

Harriet observou a expressão distante da tia; pigarreou. “Bem, eu vim aqui para perguntar isso a você, Adelaide”, disse.

“Sempre me perguntava se o cabelo dele ficaria mais escuro quando crescesse”, Adelaide disse, estendendo o braço para afastar a revista e examiná-la por cima dos óculos de leitura. “O cabelo de Edith era vermelho, quando pequena, mas não tão ruivo quanto o dele. Vermelho de verdade, e não alaranjado.” *Uma tragédia*, pensou. Lá estavam aqueles jovens ianques mimados, divertindo-se no Plaza Hotel, enquanto seu sobrinho, superior a eles em todos os aspectos, jazia debaixo da terra.

Robin nunca tivera a oportunidade de tocar uma garota. Com carinho, Adelaide lembrou-se de seus três casamentos ardentes e dos beijos roubados de sua juventude ferosa.

“O que eu queria perguntar era se você tem alguma idéia de quem...”

“Ele ia partir o coração das moças quando crescesse, meu bem. Qualquer Chi O ou Tri Delta do Mississippi daria tudo para entrar com ele no baile de debutantes de Greenwood. Não que eu dê muita importância a essa história de debutar, a saias rodadas e ternos pretos e panelinhas...”

*Toc toc toc:* uma sombra na porta de tela. “Addie?”

“Quem é?”, Adelaide perguntou, levantando-se. “Edith?”

“Querida”, Tattycorum disse, arregalando os olhos sem sequer cumprimentar Harriet, antes de jogar a bolsa de couro em cima da poltrona, “você acredita que o vigarista do Roy Dial, da concessionária Chevrolet, quer cobrar de cada uma das sócias do Clube das Senhoras sessenta dólares para nos levar até Charleston, na excursão da igreja? Naquele ônibus escolar caindo aos pedaços.”

“*Sessenta dólares!*”, Adelaide gritou. “Ele prometeu emprestar o ônibus. Disse que seria grátis.”

“Ele sustenta que é mesmo grátis. Alega que os sessenta dólares são para a *gasolina.*”

“Dá para comprar gasolina suficiente para nos levar até a China comunista!”

“Bem, Eugenie Monmouth ficou de ligar para o pastor e reclamar.”

Adelaide ergueu os olhos. “Acho melhor *Edith* telefonar.”

“Aposto que fará isso mesmo, assim que souber. Sabe o que Emma Caradine disse? ‘Ele só está pensando em lucrar muito com isso.’”

“Sem sombra de dúvida. Deveria ter um pouco de vergonha na cara. Principalmente se levamos em conta que Eugenie, Liza, Susie Lee e outras estão vivendo de pensão...”

“Se fossem dez dólares, eu até entenderia.”

“E Roy Dial é considerado um diácono exemplar. *Sessenta dólares*”, repetiu Adelaide. Ela se levantou, pegou caderno e lápis e fez o cálculo. “Minha nossa, vou precisar de um mapa rodoviário”, falou. “Quantas mulheres na excursão?”

“Vinte e cinco, creio, pois a senhora Taylor desistiu e a senhora Newman McLemore caiu e fraturou o fêmur, coitada — oi, Harriet, minha doçura!”, disse Tat, virando-se para beijá-la. “Sua avó já lhe contou? As senhoras da nossa igreja vão fazer uma excursão. Jardins históricos da Carolina. Estou tão animada!”

“Não sei se vou querer ir, caso tenha de pagar essa taxa exorbitante a *Roy Dial*.”

“Ele deveria se envergonhar. Só pensa em dinheiro. E tem uma mansão enorme em Oak Lawn, além de um monte de carros novos e Winnebagos e barcos e outras coisas...”

“Queria fazer uma pergunta”, Harriet interrompeu, desesperada. “É importante. Sobre a morte de Robin.”

Addie e Tat pararam de falar na hora. Adelaide ergueu os olhos do mapa rodoviário. A postura inesperada delas era tão contraditória que Harriet sentiu um arrepio de medo.

“Vocês estavam em casa quando tudo aconteceu”, ela disse, quebrando o silêncio constrangedor, proferindo as palavras um pouco precipitadamente. “Ouviram alguma coisa?”

As duas senhoras trocaram olhares pensativos por um instante, como se mentalmente combinassem o que declarar. Tatty tomou fôlego e respondeu: “Não. Ninguém ouviu nada. Quer saber o que eu acho?”, disse, quando Harriet tentou encaixar outra pergunta. “Acho que este não é um assunto apropriado para você levantar assim, sem mais nem menos.”

“Mas eu...”

“Não andou incomodando sua mãe ou sua avó com perguntas, não é?”

Adelaide disse, severa: “Eu também não penso que este seja um assunto adequado a nossas conversas. Na verdade”, acrescentou, antes que Harriet

objetasse, “acho que já está mais do que na hora de você ir para casa, Harriet”.

Hely, ofuscado pelo sol, sentou-se suando na beira do riacho, no meio do mato fechado, observando a bóia branca e vermelha de sua linha de pesca balançar na água barrenta. Libertara as minhocas, pois acreditava que se animaria ao ver os vermes no chão, formando um monte repulsivo, a se retorcerem ou penetrarem no solo. Mas ele não se deu conta de que as minhocas, fora do balde, se acomodaram placidamente a seus pés. Foi revoltante. Tirou um pé do tênis, olhou para a sola forrada de fragmentos anelídeos e o passou na água.

Havia dúzias de meninas mais atraentes e gentis que Harriet na escola. Mas nenhuma tão esperta ou intrépida. Melancólico, repassou as qualidades dela. Sabia imitar a letra alheia — até dos professores — e redigir recados em estilo adulto, explicando ausências, como uma falsária profissional; preparava bombas com vinagre e bicarbonato, imitava vozes ao telefone. Adorava fogos de artifício — ao contrário da maioria das meninas, que não toleravam a explosão de uma bombinha. Levava uma suspensão por convencer um menino a ingerir uma colherada de pimenta calabresa em pó. Dois anos antes, provocara pânico ao espalhar que o refeitório no porão da escola, odiado por todos, era um portal do inferno. Se a gente apagasse a luz, a face de Satã aparecia na parede. Um grupo de meninas desceu ao porão, rindo incredulamente. Elas apagaram a luz e voltaram correndo, atarantadas, gritando alucinadas de terror. Os alunos começaram a alegar que estavam doentes, pediam para tomar lanche em casa, faziam qualquer coisa para não ir mais ao porão. Após vários dias de tensão crescente, a sra. Miley reuniu as crianças — junto com a sra. Kennedy, a idosa e severa professora da sexta série — e obrigou todos a descerem até o refeitório vazio (as meninas e os meninos se amontoavam

atrás dela, assustados) e apagou a luz. “Pronto”, disse com desprezo na voz. “Estão vendo como vinham bancando os idiotas?”

No fundo, com sua vozinha fina, incorrigível, mas de algum modo mais firme que a da professora, Harriet disse: “Ele está ali. Eu estou vendo”.

“Olhem!”, um menino gritou. “Estão vendo?”

Gritos abafados e correria. Pois, sem sombra de dúvida, depois que os olhos se acostumavam à escuridão, um brilho esverdeado macabro (até a sra. Kennedy tremeu, confusa) surgia no canto superior esquerdo da sala, e se a gente prestasse bem atenção, era um rosto diabólico, com olhos enviesados e um lenço amarrado na boca.

Toda a comoção por causa do Refeitório do Demônio (pais telefonaram para a escola, exigindo uma reunião com o diretor, os pastores locais entraram na dança também, tanto da igreja batista quanto da ciência cristã, proferindo sermões desconcertantes e combativos intitulados “Fora, demônio” e “Satã em nossas escolas?”) foi obra de Harriet, resultado de sua mente implacável, criativa, satírica. Harriet! Apesar de miúda, era temida na hora do recreio, e se destacava nas brigas. Certa vez, quando Fay Gardner andou falando mal dela, Harriet calmamente enfiou a mão por baixo da carteira e tirou o imenso alfinete de segurança que lhe prendia a saia. Passou o dia inteiro esperando uma chance; à tarde, quando Fay distribuía um texto impresso, ela agiu, rápida como um raio, atingindo as costas da mão de Fay. Foi a única vez que Hely viu o diretor bater numa menina. Três vezes, com a palmatória. E ela não chorou. *Não foi nada*, disse friamente, quando ele a elogiou, no caminho da escola para casa.

O que poderia fazer para que ela o amasse? Gostaria de saber algo inédito e interessante para lhe contar, um fato incrível ou um segredo precioso, coisas realmente capazes de impressioná-la. Ou que ela ficasse presa numa casa em chamas, fosse perseguida por assaltantes, permitindo que ele bancasse o herói e a salvasse.

Fora de bicicleta até um riacho remoto, tão pequeno que nem tinha nome. Abaixo, na margem do regato, havia um grupo de meninos negros um pouco mais velhos do que ele e, adiante, vários senhores negros idosos de calça cáqui enrolada até o tornozelo. Um deles — com balde de isopor e sombrero enorme bordado em verde, com os dizeres *Lembrança do México* — aproximou-se de Hely cautelosamente. “Bom dia”, disse.

“Oi”, Hely respondeu, desinteressado.

“Por que jogou as minhocas fora?”

Ele não tinha uma resposta. “Deixei cair gasolina nelas”, disse afinal.

“Isso não faz mal a elas. Os peixes as comerão, de todo modo. Basta lavá-las bem.”

“Está certo.”

“Posso ajudá-lo. Vamos lavar as minhocas ali, onde a água é rasa.”

“Pode ficar com elas, se quiser.”

O velho riu secamente, abaixou-se e começou a encher seu balde. Hely sentiu-se humilhado. Continuou sentado, olhando para a linha na água, nem uma beliscada, mastigando lentamente os amendoins que tirava de um saquinho plástico no bolso, fingindo ignorar a cena.

O que poderia fazer para que ela o amasse e sentisse sua falta, quando não estivesse lá? Talvez comprar-lhe um presente. Mas não fazia a menor idéia do que ela desejava e não tinha um tostão. Adoraria saber construir um foguete ou um robô, saber atirar facas e outros números de circo, ou ter uma moto e dar um show como Evel Knievel.

Em seu devaneio, fixou o olhar na outra margem do rio, onde uma senhora negra idosa pescava. Certa tarde, durante um passeio, Pemberton lhe ensinara a trocar as marchas no Cadillac. Ele se imaginou viajando ao lado de Harriet na Rodovia 51, com a capota abaixada. Tudo bem, tinha apenas onze anos, mas no Mississippi a gente podia tirar carteira de motorista com quinze, e na Louisiana a idade era treze. Passaria por um menino de treze facilmente, se fosse necessário.

Organizaria um piquenique com pickles e sanduíche de geléia. Talvez conseguisse pegar um pouco de uísque no bar de sua mãe ou um frasco de Dr. Tichenor's — um anti-séptico, sabor medonho, mas tinha setenta por cento de álcool. Iriam de carro até Memphis, visitariam os museus e veriam ossos de dinossauros e cabeças reduzidas. Ela apreciava atividades educativas. Depois seguiriam para o centro, entrariam no hotel Peabody e veriam os patos andando no saguão. Pulariam em cima da cama numa suíte de luxo, pediriam camarão e filé ao serviço de quarto, assistiriam televisão a noite inteira. Ninguém poderia impedi-los de entrar na banheira, se quisessem. Sem roupa. Seu rosto esquentou. Com quantos anos a gente podia se casar? Se conseguisse convencer a polícia rodoviária que tinha quinze, com certeza enganaria um juiz de paz. Já se via sentado, esperando a vez numa varanda precária na comarca de De Soto: Harriet naquele conjunto de shorts e blusa vermelha xadrez que ela tinha, e ele com a camiseta velha da Harley-Davidson que fora de Pem, tão desbotada que mal dava para ler o slogan *Ride hard die free*. A mãozinha de Harriet, quente, nas mãos dele. “Agora pode beijar a noiva.” A mulher do juiz serviria limonada em seguida. Estariam casados para sempre e poderiam viajar de carro, comer os peixes que ele pescaria e levar uma vida divertida. Seus pais e a família inteira morreriam de preocupação. Seria fantástico.

Ele foi arrancado de seu devaneio por um estampido estrondoso — seguido de um ruído na água e de risos altos, histéricos. Na margem oposta, uma confusão — a senhora negra largou a vara de pescar e cobriu o rosto com as mãos, quando um jato de água suja a atingiu.

Depois outro. E mais um. A risada apavorante doía nos ouvidos, vinda de uma ponte de madeira sobre o riacho. Hely, atônito, protegeu a vista do sol e viu dois homens desfocados. O maior (muito maior) não passava de uma sombra disforme, retorcida pelas gargalhadas, e Hely conseguiu ver direito apenas as mãos que seguravam o parapeito: sujas e imensas, cheias de anéis de prata grandes. A silhueta miúda (chapéu de caubói, cabelo

comprido) usava as duas mãos para segurar a pistola cromada e mirar na água. Atirou de novo, um senhor pulou para trás, um pouco adiante, quando a bala fez a água subir num jato esbranquiçado, perto de sua linha de pesca.

Na ponte, o grandalhão ajeitou sua cabeleira leonina e riu, grosseiro. Hely identificou na silhueta uma barba desgrenhada.

Os meninos negros haviam abandonado as varas de pescar e corriam pela margem, a velha mancava apressadamente atrás deles, segurando a saia erguida com uma das mãos enquanto mantinha o outro braço estendido. Chorava.

“Vai logo, tia.”

A arma disparou novamente, o tiro ecoou no matagal e fragmentos de terra e pedra caíram na água. Agora o sujeito estava atirando para todos os lados. Hely continuou escondido, petrificado. Uma bala passou assobiando e ergueu uma nuvem de poeira ao lado do tronco onde um dos velhos negros se escondera. Hely largou a vara e virou-se para fugir — escorregou, quase caiu —, correndo o mais depressa que pôde para o meio do mato.

Escondeu-se sob uma moita de amoras e não conseguiu conter um grito de dor, quando os espinhos arranharam suas pernas nuas. Outro disparo, e ele ficou imaginando se os racistas perceberiam, de longe, que ele era branco. E se isso faria alguma diferença.

Harriet, debruçada sobre o caderno, ouviu um uivo longo através da janela aberta e logo os gritos de Allison no jardim. “Harriet! Harriet! Venha logo!”

Harriet levantou-se num pulo, escondeu o caderno sob a cama e desceu correndo. Saiu pela frente e viu Allison parada na calçada, chorando, com o cabelo cobrindo-lhe o rosto. Harriet estava a meio caminho, na calçada, quando sentiu que o cimento estava quente demais para seus pés

descalços. Torta, desequilibrada, pulando num pé só, ela voltou para varanda.

“Venha logo!”

“Preciso pôr o sapato.”

“O que está havendo?”, Ida Rhew gritou da janela da cozinha. “Qual o motivo da confusão aí fora?”

Harriet subiu a escada e voltou de sandália. Antes que pudesse perguntar o que estava acontecendo, Allison, soluçando, estendeu o braço e segurou a mão de Harriet, arrastando-a pela rua. “Vamos *logo*, vamos.”

Tropeçando (era difícil correr de sandália), Harriet seguiu Allison o mais rápido que pôde. A irmã parou, continuava chorando, e apontou com a mão livre para um vulto que batia as asas e piava no meio da rua.

Harriet precisou de alguns segundos para identificar a figura: um pássaro-preto cuja asa grudara no asfalto quente e mole. A asa livre batia freneticamente. Horrorizada, Harriet viu o fundo da garganta da criatura, que piava desesperada, esticando para fora a língua azulada.

“Faça alguma coisa!”, Allison gritou.

Harriet não sabia o que fazer. Aproximou-se da ave, mas recuou assustada quando ela bateu a asa e piou mais alto.

A sra. Fountain saiu no terraço lateral. “Deixem o bicho em paz”, disse com sua voz aguda por trás da tela. “Não adianta.”

Harriet — seu coração batia com força nas costelas — segurou o pássaro, mantendo a cabeça o mais possível distante dele, como se pegasse em brasas fumegantes. Sentia medo de tocá-lo, e quando a ponta da asa roçou seu pulso recolheu a mão, contra a vontade.

Allison gritou: “Consegue soltá-lo?”.

“Não sei”, Harriet disse, tentando manter a calma. Deu a volta por trás do pássaro, pensando que ele se acalmaria se não a visse, mas só conseguiu fazer com que piasse e se agitasse ainda mais. As penas voavam no meio da confusão, e Harriet, nauseada, viu escorrer um filete do que parecia ser pasta de dentes vermelha.

Tremendo, ajoelhou-se no asfalto quente. “Pare de se mexer”, sussurrou, estendendo as duas mãos na direção da criatura. “Quieto, não tenha medo...”, mas, apavorado, o pássaro batia a asa e exibia todo o seu pavor nos olhos negros brilhantes. Ela enfiou a mão por baixo dele e, segurando a asa presa com o máximo de firmeza possível — apesar de a outra, livre, bater com força em seu rosto —, ergueu o pássaro. Ouviu-se um lamento terrível, e Harriet, abrindo os olhos, viu que arrancara a asa do corpo da ave. Ela ficou agarrada ao asfalto, grotesca, estendida, com um osso a brilhar azulado na parte rompida.

“Acho melhor largar isso”, ouviu a sra. Fountain alertar. “Vai bicar você.”

A asa se desprendera totalmente, Harriet verificou, surpresa, enquanto o pássaro se debatia em suas mãos sujas de piche. Restara apenas um buraco sangrando vermelho onde a asa estivera.

“Ponha a ave no chão”, insistiu a sra. Fountain. “Você vai pegar raiva. Eles vão dar injeções na sua barriga.”

“Depressa, Harriet”, Allison disse, puxando a irmã pela manga, “rápido, vamos levá-lo para Edie”, mas a ave sofreu um espasmo e desfaleceu em suas mãos ensangüentadas, largando a cabeça reluzente. O brilho das penas — verde-escuro sobre preto — permanecia igual, mas o medo e a dor nos olhos límpidos haviam cedido lugar a uma incredulidade fixa, o horror da morte incompreensível.

“Vamos logo, Harriet”, Allison gritou. “Ele está morrendo. Está morrendo.”

“Já morreu”, Harriet ouviu o som de sua voz.

“Aonde você pensa que vai?”, Ida Rhew disse para Hely, que tinha entrado correndo pela porta dos fundos, passado pelo fogão, onde Ida suava, mexendo o creme para o pudim de banana, atravessado o restante

da cozinha e subido a escada para o quarto de Harriet, deixando a porta de tela bater estrepitosamente atrás dele.

Ele entrou no quarto de Harriet sem bater. Viu-a deitada na cama, e seu pulso — já acelerado — disparou com a visão do braço por trás da cabeça, expondo a brancura da axila. As solas dos pés estavam escuras, sujas. Usava pijama, embora fosse apenas três e meia da tarde; shorts e blusa jaziam sobre o tapete, sujos de uma substância escura pegajosa.

Hely os chutou para o lado e sentou aos pés da cama, ofegante. “Harriet!” Mal conseguia falar, de tão excitado. “Atiraram em mim! Uns caras dispararam contra mim!”

“Atiraram?” Harriet, sonolenta, virou-se para falar com ele. As molas da cama rangeram. “Com quê?”

“Pistola. Bem, eles *quase* atiraram em mim. Eu estava na margem do riacho, sabe, e de repente, *pum*, foi água para todo lado...” Frenético, ele fez um gesto largo com o braço, no ar.

“Por que alguém atiraria em você?”

“*Não estou brincando*, Harriet. Uma das balas passou perto da minha cabeça. Entrei debaixo de uma moita espinhenta para me safar. Olhe as minhas pernas. Eu...”

Ele parou de falar, consternado. Apoiada nos cotovelos, ela o examinava: seu olhar, embora atento, não demonstrava compaixão ou mesmo surpresa. Tarde demais, ele percebeu seu erro: conquistar sua admiração era difícil, mas apelar para sua piedade não o levaria a lugar nenhum.

Ele se levantou e aproximou-se da porta. “Joguei pedras neles”, disse, ousado. “Gritei também. E eles fugiram.”

“Com que estavam atirando? Uma espingarda de pressão?”

“*Não*”, Hely disse, após uma pausa de surpresa: como poderia transmitir a ela a importância do evento, o perigo? “Era uma *pistola de verdade*, Harriet. Balas reais. Negros correndo para todos os lados...” Estendeu o

braço, lutando contra a dificuldade de fazê-la compreender a cena, o sol forte, os ecos dos tiros, as gargalhadas e o pânico...

“Por que não foi comigo?”, ele se queixou. “Eu *implorei* que fosse...”

“Se estavam atirando com uma arma de verdade, creio que foi estupidez sua jogar pedras.”

“*Não!* A questão não é essa...”

“Foi exatamente o que você disse.”

Hely tomou fôlego e, depois, sentiu um cansaço repentino, um desânimo total. As molas rangeram quando se sentou de novo. “Quer pelo menos saber quem era?”, disse. “Foi tão sinistro, Harriet. Foi... foi *sinistro*.”

“Claro que eu quero saber quem era”, Harriet disse, mas não parecia ansiosa ou preocupada. “Quem? Algum menino?”

“*Não*”, Hely retrucou, contrariado. “Adultos. Gente grande. Queriam acertar as bóias das linhas de pesca.”

“Por que atiraram em você?”

“Eles estavam atirando em *todo mundo*. Não foi só em mim. Eles eram...”

Ele parou de falar quando Harriet se levantou. Hely se deu conta de que ela estava de pijama, com as mãos pretas, manchadas como a roupa sobre o tapete.

“Ei, cara. O que é essa sujeira toda?”, perguntou, solidário. “Você se meteu em alguma encrenca?”

“Arranquei a asa de um pássaro sem querer.”

“Nossa. Como foi?”, perguntou Hely, esquecendo-se de suas próprias aventuras por um momento.

“Ele ficou preso no piche. Teria morrido lá de qualquer maneira, ou um gato o pegaria.”

“Um pássaro *vivo*?”

“Eu tentei salvá-lo.”

“E suas roupas?”

Ela o encarou sem entender.

“As manchas não vão sair. É piche. Ida vai dar uma surra em você.”

“Não me importo.”

“Olha ali. E ali. Manchou o tapete inteiro.”

Por alguns instantes o único ruído no quarto era o do ventilador.

“Minha mãe tem um livro em casa que ensina a tirar as manchas mais difíceis”, Hely disse, baixando o tom da voz. “Eu o consultei uma vez, quando esqueci um chocolate em cima da poltrona e ele derreteu.”

“Conseguiu tirar a mancha?”

“Não tudo, mas ela teria me matado se visse. Vou levar sua roupa para casa.”

“Aposto que no livro não tem como tirar mancha de piche.”

“Então eu jogo tudo fora”, Hely disse, satisfeito por ter finalmente conseguido atrair a sua atenção. “Você não seria louca de jogar na sua própria lata de lixo.” Ele deu a volta até o outro lado da cama. “Me ajude a puxar a cama, para ninguém ver a mancha do tapete.”

Odean, a empregada de Libby, excêntrica em suas idas e vindas, abandonara a cozinha de Libby no meio da elaboração de uma massa de torta. Harriet entrou e viu a mesa polvilhada com farinha de trigo, as cascas das maçãs na pia e retalhos de massa. No canto oposto — miúda e frágil —, Libby tomava sentada uma xícara de chá fraco, que parecia imensa em suas mãos frágeis e salpicadas de manchas. Debruçada, resolvia as palavras cruzadas do jornal.

“Ah, estou tão contente por você ter vindo me visitar, querida”, disse, sem censurar Harriet pela chegada intempestiva nem criticá-la por sair de casa com a blusa do pijama e calça jeans, com as mãos manchadas de preto, como Edie faria imediatamente. Distraída, apontou a cadeira a seu lado. “O *Commercial Appeal* arranjou um novo autor de palavras cruzadas, mas ele arranja palavras muito difíceis. Termos em francês arcaico,

científicos, uma loucura.” Ela mostrou quadrinhos apagados com a ponta rombuda do lápis. “*Elemento metálico*’. Sei que começa com T, pois Torá é certamente o nome dos primeiros cinco livros das Escrituras para os hebreus, mas não conheço nenhum metal que comece com T. E você?”

Harriet refletiu por um momento. “Pode passar para a próxima. Titânio encaixa, tem sete letras. Se fossem dez, seria tungstênio.”

“Querida, você é tão inteligente. Nunca ouvi falar neles.”

“Vamos em frente”, Harriet disse. “Sete letras, vertical. Juiz ou mediador. Só pode ser árbitro. O T de titânio confirma.”

“Minha nossa! Como eles ensinam bem as crianças nas escolas de hoje! Quando éramos meninas não aprendíamos uma vírgula sequer a respeito desses metais horríveis. Só aritmética e história da Europa.”

Juntas, elas atacaram as palavras cruzadas — chegaram a uma de cinco letras, Mulher de Moral Duvidosa, começando com V e pararam, pois Odean finalmente retornou e começou a bater panelas na cozinha, provocando estardalhaço, o que as obrigou a se refugiarem no quarto de Libby.

Libby, a mais idosa das irmãs Cleve, foi a única que nunca se casou. De todo modo, todas tinham jeito e vocação de solteironas (exceto a três-vezes-casada Adelaide). Edie divorciara-se. Ninguém se atrevia a mencionar a misteriosa união que produzira a mãe de Harriet, embora a menina atormentasse as tias, ansiosa por informações a respeito. Exceto por algumas fotografias antigas (queixo retraído, cabelo claro, boca fina sorridente) e frases interessantes entreouvidas (“... queda para a bebida... seu pior inimigo era ele mesmo...”), só sabia do avô materno que ele passara um bom tempo internado num hospital no Alabama, onde falecera anos antes. Quando mais nova, Harriet imaginara (lendo *Heidi*) que poderia tornar-se a promotora da reconciliação familiar, se lhe permitissem ir ao hospital visitá-lo. Pois Heidi não encantara o amargurado avô suíço nos Alpes e o trouxera “de volta à vida”?

“Só me faltava essa! Nem pensar”, Edie disparou, puxando com força a linha torcida no avesso da roupa que costurava.

Tat teve mais sorte, passou dezenove anos satisfeita, num casamento rotineiro com o dono de uma serraria — Pinkerton Lamb, conhecido na região como sr. Pink —, que morrera de repente de embolia no serviço, antes de Harriet e Allison nascerem. O cortês e avantajado sr. Pink (bem mais velho que Tat, um sujeito animado e vistoso, sempre de polainas e paletó Norfolk) não havia sido capaz de lhe dar um filho; chegaram a discutir uma adoção, mas a idéia não prosperou. Tat não se incomodou nem com a falta de filhos nem com a viuvez: a bem da verdade, praticamente se esquecera do casamento, e chegava a demonstrar surpresa quando alguém citava o fato.

Libby — a solteirona legítima — era nove anos mais velha que Edie, onze anos mais velha que Tat e dezessete anos mais velha que Adelaide. Pálida, tinha seios miúdos e desde menina era míope. Nunca ostentara a beleza das irmãs mais novas, todavia a verdadeira razão para jamais ter se casado era o egoísmo do juiz Cleve — cuja esposa exausta morrera ao dar à luz Adelaide —, que a obrigara a ficar em casa para cuidar dele e das três irmãs menores. Ao explorar o pendor altruísta de Libby e amedrontar os poucos pretendentes que apareceram, conseguiu mantê-la em Tribulation como empregada sem remuneração, cuidando da casa e das crianças, cozinhando e fazendo companhia a ele até sua morte, quando Libby já ia completar setenta anos. Deixou uma montanha de dívidas, e Libby praticamente na miséria.

A culpa atormentava suas irmãs, como se a provação de Libby tivesse sido obra delas, e não do pai. “Lamentável”, Edie costumava dizer. “Dezessete anos, e papai a obrigou a criar duas crianças e um bebê.” Mas Libby aceitara o sacrifício de bom grado, sem ressentimentos. Adorava o pai severo, carrancudo e ingrato, e considerava um privilégio ficar em casa cuidando dos irmãos órfãos de mãe, pelos quais demonstrava um amor incomensurável, generoso. Nunca pensava em si, e por sua generosidade,

paciência e inalterável bom humor as irmãs menores (que não compartilhavam sua natureza cordial) passaram a considerar Libby uma espécie de santa, ou a pessoa mais próxima da santidade que poderia existir. Na juventude, fora insípida e comum (embora exibisse um encanto inigualável ao sorrir); agora, aos oitenta e dois, com suas pantufas de cetim, colchas de cetim rosa e cardigãs de angorá com debruns rosados, adquirira um quê infantil adorável, acentuado pelos imensos olhos azuis e pelo cabelo branco sedoso.

Penetrar no dormitório aconchegante de Libby equivalia a mergulhar num mundo submarino cordial, com venezianas de madeira e paredes pintadas de azul-claro. Lá fora, sob o sol implacável, as casas, quintais e árvores esmaecidos pareciam hostis; calçadas brilhantes de piche a fizeram lembrar do pássaro-preto, da incompreensão apavorada em seus olhos luminosos. O quarto de Libby servia como refúgio para o mundo exterior: calor, poeira, crueldade. As cores e texturas não haviam mudado desde a infância de Harriet: assoalhos de tábua escura, fosca, colcha de chenile com borlas e cortinas empoeiradas de organdi, compoteira de cristal onde Libby guardava seus grampos de cabelo. Sobre a cornija da lareira havia um peso de papel de vidro aquamarino ovalado — com bolhas no meio, filtrava a luz do sol como se fosse água — que mudava de cor durante o dia, como uma criatura viva. Brilhava pela manhã, até atingir o apogeu da luminosidade lá pelas dez horas, quando começava a embaçar até chegar ao jade na hora do almoço. Desde a mais tenra infância, Harriet passava horas a fio deitada no chão, acompanhando o facho da luz refletida no vidro, que batia no alto e ia baixando, lançando o brilho listado aqui e ali, na parede azul-esverdeada. O tapete estampado com trepadeiras floridas servia de tabuleiro ou campo de batalha imaginário. Passara ali incontáveis tardes, de quatro, movendo exércitos de brinquedo pelos tortuosos caminhos esverdeados. Sobre a cornija da lareira, dominando todo o cenário, havia uma foto antiga e escurecida de Tribulation, cujas

colunas brancas erguiam-se fantasmagóricas contra o fundo escuro de sempre-vivas.

Juntas, elas terminaram as palavras cruzadas. Harriet empoleirou-se no braço da poltrona estofada de chintz de Libby. O relógio com mostrador de porcelana tiquetaqueava suavemente em cima da lareira, o mesmo velho tique-taque cordial e confortável que Harriet ouvira a vida inteira. O quarto azul era um paraíso, com seus odores agradáveis de gatos, cedro e tecido empoeirado, de raízes de vetiver em sachês e pós Limes de Buras, além de sais de banho roxos que Libby usava desde que Harriet a conhecia. Todas as senhoras idosas apreciavam as raízes de vetiver, em sachês, pois afugentavam as traças das roupas; e embora desde pequena o odor antiquado fosse familiar a Harriet, ainda continha um resquício de mistério, algo triste e estrangeiro, como florestas outonais ou fumaça de chaminé; era o cheiro dos antigos armários escuros das fazendas, de Tribulation, do passado remoto.

“Última!”, Libby exclamou. “A *arte de manter a paz*. A terceira letra é *c*, e temos *ão* no final.” *Tap, tap, tap*, ela contou os espaços com o lápis.

“*Conciliação?*”

“Pode ser. Espere... o C está no lugar errado.”

Silenciosamente, elas refletiram.

“Já sei!”, Libby gritou. “*Pacificação.*” Com cuidado, escreveu as letras com o lápis rombudo. “Prontinho”, disse contente, tirando os óculos. “Muito obrigada, Harriet.”

“De nada”, Harriet respondeu, cortês; não pôde evitar um certo ressentimento por Libby ter descoberto a última palavra.

“Não sei por que me excito tanto com essas bobagens. Mas acho que ajudam a manter a mente alerta. Contudo, na maioria das vezes eu resolvo pouco mais da metade.”

“Libby...”

“Vamos ver se eu adivinho o que você está querendo, querida. Por que não vai ver se a torta de Odean já saiu do forno?”

“Libby, por que ninguém me conta *nada* sobre a morte de Robin?”

Libby deixou o jornal de lado.

“Aconteceu algo estranho pouco antes?”

“Estranho? Como assim, querida? O que quer dizer com isso?”

“Qualquer coisa...” Harriet procurou a definição exata. “Uma pista.”

“Não sei de nenhuma pista”, Libby disse, após uma pausa inusitadamente longa. “Mas, se quer ouvir uma história estranha, saiba que uma das coisas mais estranhas que me sucederam na vida se deu uns três dias antes da morte de Robin. Já ouviu falar no chapéu de homem que encontrei em meu quarto?”

“Claro”, Harriet respondeu, decepcionada. Ouvira a história do chapéu de homem em cima da cama de Libby a vida inteira.

“Todo mundo pensou que eu estivesse louca! Um chapéu preto, masculino! Tamanho oito! Um Stetson! Belo chapéu, devo admitir, em bom estado, sem suor na faixa interna. E apareceu ali, nos pés da cama, em plena luz do dia.”

“Você quer dizer que não viu quando ele apareceu”, Harriet comentou, entediada. Ouvira o caso do chapéu centenas de vezes. Ninguém o considerava misterioso, exceto Libby.

“Querida, às duas da tarde de uma quarta-feira...”

“Alguém entrou na casa e o deixou lá.”

“Não, impossível, ninguém conseguiria. Teríamos visto ou ouvido algo. Odean e eu passamos a tarde inteira em casa. Eu havia acabado de me mudar de Tribulation, após a morte de papai — e Odean entrou no quarto dois minutos antes, para guardar a roupa de cama lavada. Não havia chapéu algum naquele momento.”

“Quem sabe Odean o tenha posto lá.”

“Odean não colocou o chapéu lá. Pode perguntar a ela.”

“Bem, alguém se esgueirou e fez isso”, Harriet disse, impaciente. “Você e Odean simplesmente não perceberam.” Odean — normalmente reservada — adorava contar e recontar o Mistério do Chapéu Preto tanto

quanto Libby, e as histórias combinavam (embora distintas em termos de estilo, a de Odean mais misteriosa, pontuada por meneios da cabeça e silêncios prolongados).

“Estou dizendo, meu bem”, Libby prosseguiu, debruçando-se para a frente, na poltrona, animada. “Odean circulava pela casa com a roupa lavada e passada, eu estava na sala, falando com sua avó pelo telefone, e a porta do quarto escancarada, totalmente à vista. E não adianta dizer que foi pela janela”, Libby antecipou-se a Harriet, “pois as janelas estavam fechadas e trancadas, inclusive as folhas externas, de proteção contra tempestades. Ninguém poderia ter entrado naquele quarto sem que Odean e eu víssemos.”

“Alguém pregou uma peça em vocês”, Harriet disse. Era o consenso entre Edie e as outras tias; Edie levava Libby às lágrimas mais de uma vez (e Odean a fechar a cara, emburrada e furiosa), ao insinuar maliciosamente que Libby e Odean andaram bebendo o sherry de cozinhar.

“E qual seria a graça de uma brincadeira dessas?” Ela começava a ficar irritada. “Pôr um chapéu masculino preto nos pés da minha cama? Era um chapéu muito *caro*. Eu o levei para a loja do centro, disseram-se que ninguém vendia chapéus daquele tipo, nem ali nem em outro lugar, no caminho até Memphis. E, por incrível que pareça, três dias depois de eu encontrar o chapéu, Robin veio a falecer.”

Harriet ficou quieta, ponderando a questão. “Mas o que isso teve a ver com Robin?”

“Querida, o mundo está cheio de eventos que escapam à nossa compreensão.”

“Por que um chapéu?”, Harriet disse, após uma pausa. “Por que o deixariam em sua casa? Não vejo ligação alguma.”

“Então tenho outra história para você. Quando eu ainda residia em Tribulation”, Libby disse, cruzando as mãos, “havia uma moça muito gentil chamada Viola Gibbs, professora do maternal, no centro. Calculo

que tivesse vinte e tantos anos. Bem, certo dia, a senhora Gibbs estava entrando em casa, pela porta dos fundos, quando o marido e os filhos disseram que ela deu um salto para trás e começou a estapear o ar, como se alguém a atacasse. Logo em seguida caiu no chão da cozinha, morta.”

“Provavelmente uma aranha a picou.”

“Ninguém morre assim de repente de picada de aranha.”

“Então sofreu um ataque do coração.”

“Não, era muito jovem. Nunca ficara doente na vida, não tinha alergia a picada de abelha, não foi aneurisma, nada do gênero. Ela simplesmente caiu dura, sem motivo algum deste mundo, na frente do marido e dos filhos.”

“Parece envenenamento. Vai ver foi o marido.”

“Ele não faria uma coisa dessas. Mas isso não é o mais estranho da história, querida.” Educadamente, Libby aguardou até garantir a atenção de Harriet. “Sabe, Viola Gibbs tinha uma irmã gêmea. A parte mais curiosa da história é que um ano antes — *exatamente* — a irmã estava saindo da piscina, em Miami, na Flórida”, disse Libby, tamborilando na mesa, “quando de repente seu rosto foi tomado por *uma expressão de horror*. As testemunhas disseram isso, uma expressão de horror. Diversas pessoas presenciaram a cena. Então ela começou a gritar e a agitar os braços, estapeando o ar. E em seguida caiu no chão, morta.”

“Por quê?”, Harriet perguntou após uma pausa, confusa.

“Ninguém sabe.”

“Eu não consigo entender.”

“Ninguém consegue.”

“As pessoas não são atacadas por entes invisíveis.”

“Aqueles irmãos foram. As duas irmãs *gêmeas*. Com um ano de intervalo exatamente.”

“Sei de um caso bem parecido, de Sherlock Holmes. *A aventura da faixa malhada*.”

“Sim, eu conheço o conto, Harriet. Mas esse caso foi diferente.”

“Por quê? Acha que o demônio estava atrás delas?”

“Só estou dizendo que muitos fatos deste mundo escapam à nossa compreensão, doçura. E há ligações entre eles que não conseguimos perceber.”

“Acha que o demônio matou Robin? Ou um fantasma?”

“Meu bem”, Libby disse, estendendo a mão para pegar os óculos, perturbada, “o que está havendo lá nos fundos?”

Havia de fato uma gritaria e uma agitação. Odean ergueu a voz, exaltada. Harriet seguiu Libby até a cozinha e encontrou, sentada à mesa, uma senhora negra idosa, corpulenta, de rosto manchado e rugas profundas, soluçando com as mãos na cara. Atrás dela, visivelmente perturbada, Odean despejava leite num copo cheio de gelo. “Esta é a minha tia”, disse, sem encarar Libby. “Ela está muito nervosa, mas num minuto ficará boa.”

“O que a assustou? Acha melhor chamar o médico?”

“Não precisa. Não se machucou, só levou um susto. Uns brancos atiraram nela perto do riacho.”

“Atiraram com armas? Mas que diacho...”

“Tome um pouco de leite”, Odean disse à tia, que arfava de um modo assustador.

“Um cálice de Madeira cairia melhor”, Libby disse, aproximando-se da porta dos fundos. “Aqui em casa não tem, mas posso pedir a Adelaide, que mora perto.”

“Não precisa”, disse a velha. “Não tomo álcool.”

“Mas...”

“Por favor, senhora. Uísque, não.”

“Mas Madeira não é uísque. É só... Ai”, Libby suspirou, voltando-se para Odean, sem saber o que fazer.

“Ela vai melhorar num minuto.”

“O que houve?”, Libby indagou, levando a mão ao pescoço e olhando ansiosa para as duas mulheres.

“Eu não estava mexendo com ninguém...”

“Mas por que...”

“Ela disse”, Odean explicou a Libby, “que dois sujeitos brancos subiram na ponte e começaram a atirar em todo mundo, com revólveres.”

“Alguém se feriu? Vamos chamar a polícia?”, Libby disse, alarmada.

A tia de Odean soltou um gemido de desespero, e até Harriet ficou nervosa.

“Qual é o problema, afinal?”, Libby falou, alto, com o rosto afogueado, quase histérica.

“Por favor, senhora. Nada de polícia.”

“Por que não?”

“Meu Deus. Tenho medo da polícia.”

“Ela disse que foram os irmãos Ratliff”, Odean explicou. “Que saíram faz pouco da prisão.”

“*Ratliff?*”, questionou Harriet; e, apesar da confusão na cozinha, as três mulheres olharam para ela, que havia falado com uma voz inesperadamente alta e esquisita.

“Ida, o que você sabe a respeito de uma família chamada Ratliff?”, Harriet perguntou no dia seguinte.

“Que eles são terríveis”, Ida respondeu, sombria, torcendo um pano de prato.

Ela colocou o pano em cima do fogão. Harriet, sentada no parapeito largo da janela aberta, observava distraidamente a empregada limpar os restos de gordura de ovos com bacon da frigideira, murmurando e balançando a cabeça como num transe hipnótico. Aqueles devaneios, comuns em Ida quando ela se dedicava a tarefas repetitivas — debulhar ervilha, bater tapetes, preparar glacê de bolo — eram familiares a Harriet desde a infância e tão repousantes quanto olhar uma árvore balançando na brisa; mas também eram um sinal inequívoco de que Ida queria ficar

sozinha. Caso a incomodassem nessas ocasiões, virava uma fera. Harriet já a ouvira responder atravessado para Charlotte e até para Edie, quando uma delas escolhia um momento impróprio para questioná-la a respeito de um evento trivial. Contudo, às vezes — principalmente se Harriet fazia uma pergunta difícil, profunda ou referente a um segredo —, ela respondia com franqueza serena, oracular, como se estivesse hipnotizada.

Harriet ajeitou-se e ergueu um joelho até encostá-lo no queixo. “O que sabe a respeito deles?”, insistiu, mexendo na tira da sandália, compenetrada. “Dos Ratliff.”

“Não há nada para *saber*. Veja por si mesma. Eles andaram por aqui outro dia, invadiram o quintal.”

“Aqui?”, Harriet disse após um momento de perplexidade.

“Sim. Bem ali... pois é, foi isso mesmo”, Ida Rhew ponderou em tom grave, quase a cantarolar, como se falasse sozinha. “Foi como se um bando de cabras entrasse na casa da sua mãe para zoar. Aposto que você também ficou com pena deles... ‘Olha que gracinha. Que bonitinho.’ Daqui a pouco vão querer cuidar deles, brincar com eles. ‘Pode entrar, dona Cabra, vem comer açúcar na minha mãozinha. Dona Cabra, como você tá suja, vem tomar banho. Coitadinha da dona Cabra.’ E, quando se der conta”, ela disse, serena, sem dar importância à tentativa de interrupção de Harriet, “quando se der conta do quanto eles são ruins e malvados, não conseguirá mais afugentá-los nem a cacetadas. Eles vão arrancar as roupas do varal, pisar nos canteiros, pular e gritar e aprontar a noite inteira... O que não comerem vão pisotear e largar na lama. ‘Vamos lá! Queremos mais!’ Pensa que ficarão satisfeitos? Nunca. Se quer mesmo saber”, Ida disse, fixando os olhos avermelhados em Harriet, “eu preferia lidar com um bando de cabras do que com os filhos dos Ratliff, que ficam rondando por aqui o dia inteiro, pedindo e *exigindo* tudo.”

“Mas Ida...”

“Uns nojentos! Imundos!” Com um esgar de revolta, Ida Rhew torceu o pano de prato. “E não vai demorar eles vão *exigir, exigir, exigir*. ‘Me dá

isso. Compra aquilo.”

“Aqueles crianças não eram Ratliff, Ida. As que vieram aqui outro dia.”

“Acho melhor tomar cuidado”, Ida Rhew disse, resignada, retomando seu serviço. “Sua mãe atija essa gatinha, dá roupas pra um, brinquedos pra outro, atende todo mundo que bate na porta. Daqui a pouco, não vão se dar o trabalho de pedir, vão logo entrando e pegando.”

“Ida, aquelas crianças eram da família Odum. As que vieram aqui.”

“Mesma coisa. Nenhum deles sabe a diferença entre o que é certo e o que é errado. E se você fosse um desses Odum” — ela fez uma pausa para dobrar o pano de prato — “e sua mãe e seu pai nunca pegassem no pesado, ensinassem pra você que tudo bem roubar, odiar, furtar e pegar as coisas dos outros? Hem? Você ia aprender a roubar e enganar. É isso mesmo. Eles acham que não tem nada de mais fazer isso.”

“Mas...”

“Sei muito bem que tem gente de cor ruim também. Tem negros ruins, tem brancos ruins... E sei também que *eu* não tenho tempo para perder com esses Odum, e não tenho tempo para perder com gente que só sabe crescer o olho nas coisas dos outros e que fica pensando num jeito de pegar tudo. Ah, não. Eu, se não comprar com o dinheiro que ganho trabalhando”, Ida disse, revoltada, erguendo a mão úmida, “e não puder ter, então não quero. Prefiro passar sem.”

“Ida, não me importo com os Odum.”

“Você não deveria se importar com nenhum deles.”

“E não me importo mesmo.”

“Fico feliz em saber.”

“Só queria saber mais sobre os *Ratliff*. O que você...”

“Bem, sei que eles jogaram pedras na neta da minha irmã quando ela estava indo para a escola primária”, Ida disse, seca. “O que acha disso? Jogaram tijolos e gritaram *Pretinha* e *Volta pro mato*, *preta* para a coitadinha da criança.”

Harriet, assustada, não disse nada. Sem erguer os olhos, continuou lidando com a tira da sandália. A palavra *negro* — principalmente quando proferida por Ida — a fazia corar.

“Tijolos.” Ida meneou a cabeça. “Daquela ala nova que estavam construindo na escola. Aposto que se acharam o máximo fazendo isso, mas eu acho que não está certo *ninguém* atirar tijolos numa criança pequena. Me mostra onde está escrito na Bíblia *Dê uma tijolada no próximo*. Hem? Pode procurar o dia inteiro, não vai encontrar isso em lugar nenhum.”

Harriet, muito constrangida, bocejou para disfarçar o mal-estar e a tensão. Ela e Hely freqüentavam a Alexandria Academy, assim como quase todas as crianças brancas da região. Até os Odum, os Ratliff e os Scurlee seriam capazes de morrer de fome para evitar que os filhos freqüentassem a escola pública. Seguramente, famílias como a de Harriet (e a de Hely) jamais tolerariam que alguém atirasse pedras em crianças, negras ou brancas (“ou roxas”, como Edie sempre dizia, quando a cor da pele se tornava tema da discussão). Mesmo assim, Harriet freqüentava a escola só para brancos.

“Aqueles sujeitos se dizem pregadores. Mas lá fora ficam xingando uma pobre criança de Macaca e Bicho do Mato. Nunca vou aceitar que gente grande maltrate os pequeninos”, Ida Rhew proclamou, severa. “Está na Bíblia. *Vinde a mim as criancinhas...*”

“Eles não foram presos?”

Ida Rhew sorriu ironicamente.

“Nessa hora a polícia fica do lado dos criminosos, e não da vítima.”

Harriet pensou naquela declaração. Nada acontecera aos Ratliff, pelo que sabia, por atirarem nas pessoas à margem do riacho. Pelo jeito, aquela gente podia fazer o que bem entendesse, sem ser incomodada.

“Mas é contra a lei atirar pedras nos outros”, ela disse em voz alta.

“Não faz a menor diferença. A polícia não mexeu um dedo para pegar os Ratliff quando eles puseram fogo na Igreja Batista Missionária, certo? Você ainda era um bebê. Quando o doutor King esteve na nossa cidade.

Eles passaram de carro e jogaram uma garrafa de uísque com um pano pegando fogo na ponta, pela janela da igreja.”

Harriet, que já ouvira falar naquele incêndio na igreja, e em outros, nas cidadezinhas do Mississippi, os confundia mentalmente. Mas nunca lhe haviam dito que os Ratliff haviam sido os autores. Pela lógica (segundo Edie), negros e brancos pobres não se odiavam como antigamente, pois tinham muito em comum — a pobreza, principalmente. Mas a brancos miseráveis como os Ratliff só restavam os negros para espezinhar. Não suportavam a idéia de que os negros eram semelhantes a eles, e em muitos casos mais prósperos e respeitáveis. “Um negro pobre pelo menos pode usar como desculpa as condições em que nasceu”, Edie dizia. “Mas um branco pobre não pode usar nada como desculpa, exceto sua própria falta de caráter. Claro, isso *ninguém* quer fazer. Significa assumir a responsabilidade por sua indolência e comportamento condenável. Não, o sujeito prefere sair por aí fazendo cruzeiros de fogo e culpando os negros por tudo, em vez de se esforçar para estudar ou melhorar de vida de algum jeito.”

Ida Rhew, mergulhada em suas reflexões, continuou a lustrar a tampa do fogão que não precisava de mais lustro. “Sim senhora, isso é verdade”, disse. “Aqueles vagabundos mataram Etta Coffey, como se tivessem enfiado uma faca no peito dela.” Ela manteve os lábios cerrados com força por um momento, enquanto polia os queimadores cromados do fogão, descrevendo círculos pequenos, regulares. “Coitada da Etta, um exemplo, rezava todas as noites. Minha mãe disse que via a luz acesa até tarde na casa de Etta, chegou a fazer meu pai se levantar e ir até ver o que estava acontecendo, perguntar se Etta estava bem ou se precisava de ajuda para se levantar. Ela gritava *não, obrigada*, explicando que Jesus e ela ainda tinham muita coisa para tratar!”

“Uma vez Edie me disse...”

“Sim, senhora. Etta está sentada à direita de Deus Pai. E minha mãe, meu pai e meu irmão Cuff, coitado, que morreu de câncer. O menino

Robin também está lá no céu, junto com eles. Deus guarda lugar para todos os Seus filhos. Com certeza.”

“Mas Edie disse que dona Etta não morreu no *incêndio*. Falou que ela sofreu um ataque do coração.”

“*Edie disse, é?*”

Ninguém contradizia Ida quando ela usava aquele tom de voz. Harriet olhou para as unhas.

“Então ela *não morreu no incêndio, é?* Hum!” Ida torceu o pano de prato molhado e o bateu na pia. “Ela morreu por causa da fumaça, certo? E por causa daquela gente toda gritando e empurrando e brigando para sair, certo? Ela era *velha*, a dona Coffey. E muito fraquinha, não podia comer carne de veado, não conseguia mais tirar um peixe do anzol. Aí chegaram aqueles brancos malvados, jogando tochas pelas janelas...”

“A igreja queimou inteira?”

“Queimou uma boa parte.”

“Edie falou...”

“Edie estava lá?”

Sua voz era terrível. Harriet não ousou pronunciar mais uma palavra sequer. Ida a encarou por muito tempo, depois ergueu a barra da saia e baixou a meia grossa, cor-de-carne, até a altura do joelho, uma meia muito mais clara do que a pele de Ida, que era bem escura. Acima do náilon opaco enrolado havia uma faixa de dez centímetros de pele crestada: rosa como uma salsicha crua, brilhante e lisa em alguns trechos, áspera e repuxada em outros, repulsiva na cor e na textura, contrastando com o tom castanho do joelho de Ida.

“Vai ver Edie não acha que isso seja uma queimadura.”

Harriet não soube o que dizer.

“Só sei que senti um calor gostoso.”

“Ainda dói?”

“Já doeu muito.”

“E agora?”

“Parou. De vez em quando coça, só isso. Bom”, ela disse olhando para a meia, ao desenrolá-la novamente. “Não me incomoda muito. Aqueles malandros queriam me matar.”

“Foi uma queimadura de terceiro grau?”

“Terceiro, quarto e quinto.” Ida riu de novo, desta vez ironicamente. “Só sei que doeu muito, passei seis semanas sem dormir. Mas a Edie acha que a queimadura só conta se a gente perder as duas pernas torradas. A polícia deve pensar a mesma coisa, pois nunca vão punir quem cometeu aquele crime.”

“Deveriam.”

“Quem disse?”

“A lei. Para isso existe a lei.”

“Há uma lei para os fracos e outra para os fortes.”

Com mais certeza do que sentia, Harriet falou: “Não senhora. A lei é igual para todos”.

“Então por que eles continuam andando soltos por aí?”

“Acho bom você contar isso para Edie”, Harriet disse, após uma pausa, ainda confusa. “Se não contar, eu conto.”

“*Para Edie?*” A boca de Ida Rhew se entreabriu num esgar, como se a idéia fosse quase divertida. Ia falar, mas reconsiderou.

*Como é?*, Harriet pensou, sentindo o coração gelar. *Então Edie sabe?*

Seu choque e sua revolta com a idéia eram perfeitamente visíveis, como se uma folha da janela tivesse sido aberta em seu rosto. O rosto de Ida desanuviou um pouco — é isso mesmo, Harriet pensou. *Ela já contou para Edie, minha avó sabe de tudo.*

Ida Rhew, subitamente, resolveu retornar à limpeza do fogão. “E por que você acha que eu devia incomodar a *Edie* com esse caso nojento, Harriet?”, ela disse, de costas, num tom inconvincente de gracejo excessivamente amigável. “Ela é uma senhora idosa. O que pensa que pode fazer? Pisar no calo deles?” Ela riu; embora o riso fosse caloroso,

inegavelmente cordial, não convenceu Harriet. “Bater na cabeça deles com a bolsa preta?”

“Ela deveria chamar a polícia.” Seria possível que Edie, tendo sabido de tudo isso, não tivesse chamado a polícia? “Quem fez isso precisava ir para a cadeia.”

“Cadeia?” Para surpresa de Harriet, Ida caiu na gargalhada. “Deus te proteja, menina. Eles *adoram* a cadeia. Ar condicionado no verão, broa de milho e ervilha grátis. E tempo de sobra para não fazer nada e se divertir com os outros malandros.”

“Os Ratliff foram os autores? Tem certeza?”

Ida ergue os olhos para o céu. “Eles se gabaram do feito para a cidade inteira.”

Harriet sentiu vontade de chorar. Como era possível que tivessem se safado? “E eles atiraram os tijolos também?”

“Sim, senhora. Um horror. Todos adultos. E o sujeito que se diz pregador — ele não *atirou* nada, só ficou gritando e sacudindo a Bíblia e incentivando os outros.”

“Tem um Ratliff da mesma idade de Robin”, Harriet disse, observando Ida atentamente. “Pemberton me falou a respeito dele.”

Ida calou-se. Torceu o pano de prato e foi pôr os pratos limpos para secar.

“Deve ter uns vinte anos agora.” Pela idade, pode ser um dos responsáveis pelo tiroteio na ponte do riacho, Harriet concluiu.

Ida, com um suspiro, ergueu a pesada frigideira de ferro que havia secado e a guardou no armário. A cozinha era de longe o cômodo mais limpo da casa; Ida erguera ali uma pequena fortaleza de asseio, longe dos jornais empilhados no resto da casa, juntando poeira. A mãe de Harriet não deixava ninguém jogar os jornais velhos fora — uma regra tão antiga quanto inviolável, que nem mesmo Harriet questionava —, mas, em consequência de um acordo tácito entre elas, não os guardava nunca na cozinha, área sob controle de Ida.

“O nome dele é Danny”, Harriet disse. “Danny Ratliff. O sujeito da idade de Robin.”

Ida espiou por cima do ombro. “E o que deu em você, para se interessar pelos Ratliff assim de repente?”

“Lembra-se dele? Danny Ratliff?”

“Claro que sim.” Ida fez uma careta ao ficar na ponta dos pés para guardar uma tigela de cereal matinal. “Lembro-me dele como se fosse ontem.”

Harriet esforçou-se para manter uma expressão neutra na face. “Ele freqüentava nossa casa? Quando Robin era vivo?”

“Sim, senhora. Um moleque boca-suja nojento. Impossível de expulsar daqui. Batia nos paus da varanda com o taco de beisebol, andava pelo quintal depois que escurecia, uma vez roubou a bicicleta de Robin. Conte para sua mãe, coitada. Cansei de falar, mas ela não mexeu um dedo. *Carente*, disse. *Carente* uma ova.”

Ela abriu a gaveta e — ruidosamente, sacudindo os talheres — começou a guardar as colheres secas. “Ninguém dava a menor importância ao que eu dizia. Cansei de falar com sua mãe. Sempre dizia que o menino dos Ratliff não prestava. Vivia batendo em Robin. Dizia palavrão e soltava bomba e vivia aprontando. Um dia alguém ia se machucar. Eu sabia, tinha certeza, mas ninguém ligava. Quem tomava conta de Robin todos os dias? Quem sempre olhava pela janela para ver se ele estava bem?” Ela apontou para a janela em cima da pia, mostrando o quintal verdejante sob a luz do final da tarde. “Enquanto ele ficava lá, brincando com os soldadinhos ou com o gato?” Triste, ela balançou a cabeça e fechou a gaveta dos talheres. “Seu irmão era um menino de ouro. Andava por aí descalço, feito um besouro, e de vez em quando me atormentava. Mas sempre pedia desculpas. Costumava vir por trás e me abraçar, dizendo ‘Estou tão sozinho, Ida’. E eu o alertava para não brincar com os malandros. Eu falava, insistia, mas ele se sentia sozinho e sua mãe

não via nada de mais, por isso de vez em quando ele brincava com os moleques.”

“Danny Ratliff batia em Robin? Aqui, no quintal de casa?”

“Isso mesmo. Dizia palavrão e roubava também.” Ida tirou o avental e o pendurou no gancho. “Eu o expulsei do quintal, e dez minutos depois sua mãe encontrou Robin pendurado naquele galho de árvore lá fora, coitadinho.”

“Você tem de entender, a polícia não faz *nada* contra gente como ele”, Harriet disse; e ela começou a falar da igreja novamente, e da perna de Ida, e da senhora idosa que havia morrido no incêndio, mas Hely cansara de ouvir a história. Excitava-se, porém, com a idéia de haver um perigoso bandido à solta, e com a sensação de ser um herói. Embora se sentisse aliviado por escapar do acampamento da igreja, o verão até o momento fora calmo demais. Capturar um assassino prometia mais diversão do que bancar o ator em peças improvisadas, ou fugir de casa, ou qualquer outra atividade que sonhara realizar ao lado de Harriet no decorrer da estação.

Estavam no barracão de ferramentas, no quintal de Harriet, onde os dois se refugiavam para conversar em particular desde o jardim-de-infância. Abafado, o local cheirava a pó e gasolina. Da parede pendiam rolos enormes de mangueira preta; uma floresta pontuda de armações para tomateiros se erguia por trás do cortador de grama, seus esqueletos exagerados e fantasmagóricos, por causa das teias de aranha e dos trechos de sombra e luz formados pelos buracos no teto de zinco enferrujado, fachos feito adagas que se cruzavam na penumbra, tão cheias de pó que pareciam sólidas, como se um pó amarelo fosse se depositar nos dedos quando alguém pusesse a mão ali. O calor e a penumbra só faziam ampliar a atmosfera de excitação e segredo do barracão. Chester guardava maços de cigarros Kool no local, bem como litros de uísque Kentucky Tavern, em esconderijos que mudava de tempos em tempos. Quando Hely

e Harriet eram mais novos, divertiam-se despejando água nos cigarros (uma vez, num repente de crueldade, Hely urinara nos cigarros) e esvaziando as garrafas de uísque, que enchiam novamente com chá. Chester nunca os delatou, pois não tinha autorização para manter cigarros ou uísque ali.

Harriet já contara a Hely tudo que ele precisava saber, mas estava tão agitada após a conversa com Ida que continuava andando de um lado para outro, repetindo trechos. “Ela sabia que foi Danny Ratliff. Ela *sabia*. Disse a si mesma que foi ele, e eu nem cheguei a lhe contar as coisas que seu irmão me disse. Pem falou que ele se gabava de ter feito outras coisas também, muito feias...”

“Por que não pomos açúcar no tanque do carro dele? Isso acaba completamente com o motor.”

Ela fechou a cara, furiosa, o que quase o ofendeu; achava a idéia excelente.

“Ou então vamos escrever uma carta para a polícia, sem assinar nossos nomes.”

“E de que adiantaria isso?”

“Se eu contar para o meu pai, aposto que ele vai chamar a polícia.”

Harriet suspirou, exasperada. Não compartilhava a idolatria de Hely pelo pai, que era diretor do colégio.

“Vamos ver então qual é sua *grande idéia*”, Hely disse, sarcástico.

Harriet mordeu o lábio inferior. “Pretendo matá-lo”, disse.

A dureza e a tranquilidade com que pronunciou a frase gelaram o coração de Hely. “Posso ajudar?”, retrucou de imediato.

“Não.”

“Você não pode matá-lo sozinha!”

“Por que não?”

O olhar da menina o assustou. Por um momento, foi incapaz de pensar num bom motivo. “Porque ele é adulto”, disse finalmente. “Vai dar um pé na sua bunda.”

“Certo, mas aposto que sou mais esperta que ele.”

“Por favor, deixe-me ajudar. Como pretende fazer isso?”, ele disse, tocando o pé dela com a ponta do tênis. “Tem uma arma?”

“Meu pai tem.”

“Aqueles espingardas velhas? Você nem consegue levantar aquelas coisas.”

“*Claro que consigo.*”

“Talvez, mas... puxa vida, não precisa ficar brava”, ele disse, vendo Harriet mais carrancuda. “Não consigo atirar com uma espingarda, e peso quase cinquenta quilos. O coice ia me jogar no chão, talvez até arrancar um olho. Se você encostar o olho na mira, o coice arranca o olho da órbita.”

“Onde aprendeu isso?”, Harriet perguntou após uma pausa pensativa.

“Nos escoteiros.” A bem da verdade, não aprendera aquilo com os escoteiros; não sabia exatamente onde descobrira tal coisa, mas tinha quase certeza de que era verdade.

“Eu não teria parado de freqüentar as bandeirantes, se soubesse que ensinavam essas coisas.”

“Eles ensinam um monte de besteira também. Atravessar a rua e ser gentil.”

“E se usarmos um revólver?”

“Um revólver seria melhor”, Hely disse, olhando discretamente para o outro lado, a fim de esconder seu contentamento.

“Sabe atirar?”

“*Claro que sim.*” Hely jamais havia posto as mãos numa arma na vida — seu pai não costumava caçar nem permitia que os filhos caçassem —, mas tinha uma pistola de pressão. Estava a ponto de contar que sua mãe tinha um revólver pequeno na mesa-de-cabeceira, quando Harriet disse: “É difícil?”.

“Atirar? Para mim, não”, Hely respondeu. “Não se preocupe. Posso atirar nele para você.”

“Não. Eu mesma quero fazer isso.”

“Tudo bem, então eu ensino você”, Hely disse. “Serei seu professor. Vamos começar *hoje*.”

“Onde?”

“Como assim?”

“Não podemos praticar tiro aqui no quintal.”

“Isso mesmo, docinho, você não pode”, disse a voz jovial de uma sombra que surgiu subitamente na porta do barracão.

Hely e Harriet — apavorados com o susto — ergueram os olhos e receberam em cheio o clarão de um flash de Polaroid.

“*Mamãe!*”, Hely gritou, tapando o rosto com as mãos antes de recuar um passo e tropeçar na lata de gasolina.

A câmera expeliu a foto com um clique e um ronco prolongado.

“Não fiquem bravos, crianças, foi brincadeira”, disse a mãe de Hely, numa voz jocosa que deixava claro que não dava a mínima se os dois iam ficar bravos ou não. “Ida Rhew disse que vocês deviam estar por aqui. Minduim...” (a mãe de Hely o chamava de Minduim sempre; ele odiava o apelido), “você por acaso esqueceu que hoje é aniversário do papai? Quero que todos estejam em casa quando ele voltar do jogo de golfe, para fazermos uma linda surpresa.”

“Não gosto que você venha atrás de mim assim, de fininho!”

“Está bem, deixa para lá. Acabei de sair para comprar um rolo de filme, e vocês dois estavam uma gracinha. Espero que a foto saia boa...” Ela examinou a imagem, assoprando o papel com seus lábios grossos, com batom rosado. Embora a mãe de Hely regulasse com a de Harriet, trajava-se e comportava-se como se fosse muito mais jovem. Usava sombra azul e tinha a pele bronzeada, sardenta, de tanto desfilar de biquíni no quintal de Hely (“feito uma adolescente!”, Edie comentara), além de cortar o cabelo bem curto, como as moças do colegial.

“*Chega!*”, Hely gritou. Sua mãe o envergonhava. Os meninos na escola o provocavam, dizendo que ela usava saia curta demais.

A mãe de Hely riu. “Sei que não gosta de bolo com glacê branco, Hely, mas o aniversário é do seu pai. Mas adivinhe o que eu comprei?” A mãe de Hely sempre se dirigia a ele com aquele tom insultante, infantil, como se ele ainda estivesse no jardim-de-infância. “Sabe o que achei na padaria? Bolinhos de chocolate. Que tal? Vamos logo. Você precisa tomar banho e vestir uma roupa limpa... Harriet, lamento informar, benzinho, mas Ida Rhew pediu para avisar que está na hora de você entrar para jantar.”

“Harriet pode jantar conosco?”

“Hoje não, Minduim”, ela disse, airoso, piscando para Harriet. “Você compreende, não é?”

Harriet — ofendida com o tratamento condescendente da mulher — encarou-a sem dizer nada. Não via razão para ser mais educada com a mãe de Hely do que ele.

“Claro que você compreende, não é, Harriet? Vamos convidá-la para um churrasco na próxima vez. Podemos grelhar hambúrgueres no quintal. Além disso, se Harriet fosse, não haveria bolinho de chocolate para ela.”

“Um bolinho?”, Hely uivou. “Você só comprou um bolinho?”

“Minduim, não seja esganado que é feio.”

“Um não dá para nada!”

“Um bolinho dá e sobra para um menino desobediente como você... Olhem, ficou uma graça.”

Ela se abaixou para mostrar a polaróide a eles — ainda desbotada, mas nítida o bastante para dar uma idéia. “Será que vai melhorar?”, ela disse. “Vocês dois parecem um casal de marcianinhos.”

Era verdade, pareciam mesmo. Os olhos de Hely e Harriet brilhavam, redondos e vermelhos, como os olhos de criaturas noturnas surpreendidas inesperadamente pelos faróis de um carro; e seus rostos, deformados pelo susto, exibiam um tom esverdeado, por causa do flash.

### 3. O salão de bilhar

Antes de ir para casa, à noite, Ida costumava deixar um prato delicioso para o jantar: ensopado de forno, frango frito, pudim ou bolo de frutas. Naquela noite, porém, sobre o balcão havia apenas sobras que ela queria dispensar: fatias de presunto desbotadas e pegajosas, por terem ficado guardadas muito tempo, e purê de batata frio.

Harriet enfureceu-se. Abriu o guarda-comida e examinou as prateleiras obsessivamente arrumadas com vidros grandes de farinha e açúcar, ervilha partida e farinha de milho, macarrão e arroz. A mãe de Harriet dificilmente comia mais do que algumas colheradas do que houvesse no jantar, muitas vezes contentava-se com um pouco de sorvete ou biscoitos cream-cracker. Allison preparava ovos mexidos, mas Harriet enjoara de tanto comer ovo.

Nuvens de cansaço pairavam sobre sua cabeça. Puxou um fio de espaguete para mordiscar. O sabor de farinha era familiar — parecia massa de torta — e detonou uma inesperada série de cenas do jardim-de-infância... piso verde de cerâmica, blocos de madeira pintados para parecer tijolos, janelas altas demais, que ela não conseguia alcançar para ver o que havia lá fora...

Perdida em pensamentos, mastigando um pedacinho de espaguete cru — franzindo a testa de um modo severo que destacava sua semelhança com Edie e o juiz Cleve —, Harriet puxou uma cadeira até a geladeira, manobrando-a cuidadosamente para evitar que uma das pilhas de jornais desabasse. Acabrunhada, subiu na cadeira e vasculhou os pacotes do

freezer. Mas não havia nada aproveitável no congelador tampouco: só uma embalagem do sorvete de hortelã pavoroso que sua mãe adorava (no verão, passava dias seguidos só à base desse sorvete), soterrada sob uma avalanche de pacotes embrulhados em papel de alumínio. O conceito de Comida Pronta era inaceitável e revoltante para Ida Rhew, que fazia as compras. Considerava os pratos prontos inadequados, embora os adquirisse esporadicamente, quando estavam em promoção. Considerava salgadinhos e similares uma moda passageira, influenciada pela televisão. (“Salgadinho? Para que comer salgadinho, se vai jantar daqui a pouco?”)

“Reclame”, Hely murmurou quando Harriet — irritada — voltou para encontrá-lo no terraço do quintal. “Ela tem de fazer o que sua mãe manda.”

“Eu sei.” A mãe de Hely despedira Roberta quando Hely contou que ela o agredira com uma escova de cabelo; depois dispensara Ruby, porque ela não permitia que Hely assistisse *A Feiticeira*.

“Reclame.” Hely cutucou o pé dela com a ponta do tênis.

“Depois.” Mas ela só disse isso para encerrar o assunto. Harriet e Allison nunca se queixavam de Ida, e mais de uma vez — mesmo quando Harriet ficava sentida com Ida por causa de alguma injustiça —, ela mentia e assumia a culpa, sem nunca acusar Ida. O fato era que as coisas funcionavam de modo diferente na casa de Harriet e na de Hely. Assim como Pemberton antes dele, Hely orgulhava-se de ser impossível e de a mãe só conseguir segurar uma empregada por um ano, dois no máximo. Pem e ele afugentaram quase uma dúzia. Para Hely pouco importava quem ele encontraria vendo tevê em casa ao voltar da escola. Podia ser Roberta, Ramona, Shirley, Ruby ou Essie Lee. Mas Ida ocupava um lugar central no universo de Harriet: querida, rabugenta, insubstituível, com suas mãos enormes e jeitosas, com seus grandes olhos saltados e um sorriso que era como o primeiro sorriso que Harriet vira no mundo. Harriet sofria ao ver que sua mãe muitas vezes tratava Ida de modo leviano, como se ela estivesse apenas de passagem em suas vidas, sem que

houvesse um vínculo forte entre elas. Às vezes a mãe de Harriet tinha crises de histeria e circulava pela cozinha chorando, dizendo coisas que não queria (embora sempre se desculpasse depois), mencionando a possibilidade de Ida ser demitida (ou, mais provavelmente, magoar-se e ir embora, pois Ida sempre reclamava de que a mãe de Harriet lhe pagava muito pouco), o que assustava tanto Harriet que ela nem conseguia pensar no assunto.

No meio dos pacotes embrulhados em papel de alumínio, Harriet viu um picolé de uva. Com dificuldade, despreendeu-o do congelador, pensando com inveja no freezer separado que havia na casa de Hely, sempre cheio de sorvetes e pizzas congeladas, tortas de frango e todos os tipos de comidas prontas imagináveis...

Ela pegou o picolé e foi para fora — sem se dar o trabalho de levar a cadeira de volta ao lugar de onde a tirara —, e se deitou no banco de balanço, lendo *O livro da selva*. Aos poucos, a cor do dia esvaiu-se. Os tons exuberantes de verde do quintal deram lugar ao lavanda, e quando o lavanda foi trocado pelo roxo quase negro os grilos começaram a cantar e alguns vaga-lumes piscaram tímidos no meio do mato alto, perto da cerca da sra. Fountain.

Harriet, distraída, deixou o picolé escorregar por entre os dedos e cair no chão. Permanecera imóvel por meia hora ou mais. A base do crânio se apoiava no braço de madeira do balanço, num ângulo muito desconfortável, mas ela continuava imóvel assim mesmo, exceto quando aproximava o livro do nariz, mais e mais.

Logo escureceu de vez, impossibilitando a leitura. Harriet sentiu a cabeça coçar e uma pressão intensa nas órbitas, mas ficou onde estava, apesar da dor na nuca. Conhecia praticamente de cor certas passagens de *O livro da selva*: as lições de Mowgli com Bagheera e Baloo; o ataque com Kaa ao Bandar-log. Mais adiante, os trechos menos aventureiros, quando Mowgli se sente insatisfeito com a vida na selva — que ela costumava pular. Não apreciava livros infantis nos quais as crianças cresciam, pois

“crescer” significava (na vida e nos livros) um rápido e inexplicável definhamento da personalidade; de repente, sem mais nem menos, os heróis e heroínas abandonavam uma vida emocionante, casavam, tinham filhos e no geral passavam a viver contentes no meio do rebanho.

Alguém grelhava filés na churrasqueira. O cheiro estava ótimo. O pescoço de Harriet doía para valer, mesmo assim ela se esforçou para ler a página escura, curiosamente relutante em levantar-se para acender a luz. Sua atenção abandonou as palavras e ela divagou sem propósito — distraída, percorrendo com os olhos o topo da sebe próxima, parecida com um pedaço de lã preta roída — até que a dor no pescoço a forçou de volta à narrativa.

No meio da mata havia uma cidade em ruínas: templos desabados, tanques e terraços cobertos de trepadeiras, quartos abandonados cheios de ouro e jóias para os quais ninguém, Mowgli inclusive, dava a menor importância. No meio das ruínas viviam as serpentes que Kaa, o píton, chamava desdenhosamente de O Povo Venenoso. Enquanto lia, Harriet viu a selva de Mowgli se mesclar sutilmente com a escuridão úmida, meio tropical, de seu próprio jardim, infectando-o com uma sensação apavorante, selvagem, sombria: rãs coaxando, pássaros piando no alto das árvores cobertas de parasitas. Mowgli era menino; mas era lobo também. E ela era ela mesma — Harriet —, embora parcialmente fosse outra pessoa.

Asas negras planaram acima de sua cabeça. Vácuo. Os pensamentos de Harriet afundaram, esvaindo-se no silêncio. Subitamente, não sabia mais quanto tempo passara no banco de balanço. Por que não estava na cama? Seria mais tarde do que calculara? A escuridão toldou sua mente... negra brisa... *frio...*

Ela agitou os braços e desferiu golpes violentos no ar, desabando no vazio sem distinguir o lado de baixo do de cima, enquanto o banco rangia, até que num recanto profundo da mente ela se deu conta de que o *bang* escutado resultara do baque do livro da biblioteca no piso.

Harriet parou de se debater e agitar os braços. O vaivém impetuoso do banco diminuiu até quase cessar, as tábuas do teto do terraço reduziram seu movimento, parando após algum tempo. Na imobilidade vítrea ela começou a refletir. Se não tivesse ajudado, o pássaro morreria de qualquer maneira, mas isso não alterava o fato de que ela o matara.

O livro da biblioteca estava caído, aberto, no assoalho de tábua. Ela debruçou-se para pegá-lo. Um carro virou a esquina e desceu a George Street; quando os faróis bateram no terraço, a ilustração da Naja Branca iluminou-se, como uma placa de estrada brilhando repentinamente na noite, sobre a legenda:

*Eles vieram buscar o tesouro há muitos anos. Eu falei com eles na escuridão, e eles permaneceram imóveis.*

Harriet virou de volta e ficou de costas por um alguns minutos; levantou-se desengonçada e espreguiçou-se, erguendo os braços acima da cabeça. Depois entrou em casa, ofuscada pelo excesso de luz na sala, onde Allison, sozinha, sentada à mesa de jantar, comia purê de batata frio numa tigela branca.

*Ó pequena, fique quietinha, pois eu sou a Morte.* Outra naja dissera isso, em outra obra de Kipling. As najas das histórias eram implacáveis, mas se expressavam maravilhosamente, como reis perversos do Velho Testamento.

Harriet passou pela sala e seguiu para a cozinha, pegou o gancho do telefone na parede e discou o número da casa de Hely. Quatro toques. Cinco. Alguém atendeu. Ruídos ao fundo. “Não, você fica melhor sem”, a mãe de Hely disse a alguém, e depois, no telefone: “Alô?”.

“Aqui é Harriet. Posso falar com Hely, por favor?”

“*Harriet!* Mas é claro, meu docinho...” Ela largou o fone. Os olhos de Harriet, ainda ofuscados pela luz excessiva, piscaram para a cadeira da sala de jantar, que continuava na frente da geladeira. Os epítetos carinhosos

usados pela mãe de Hely e seu jeito meigo sempre pegavam Harriet desprevenida: *docinho* não era o tipo de palavra usado pelas pessoas, quando se dirigiam a Harriet.

Confusão: uma cadeira arrastada. O riso debochado de Pemberton. O gemido irritado de Hely se fez ouvir, agudo.

Uma porta bateu. “Oi!” Voz rude, mas excitada. “Harriet?”

Ela apoiou o fone entre o ouvido e o ombro e virou o rosto na direção da parede. “Hely, se tentássemos, acha que conseguiríamos capturar uma cobra venenosa?”

Seguiu-se um silêncio de assombro, durante o qual Harriet se animou, percebendo que ele havia entendido exatamente aonde ela queria chegar.

“*Copperhead?* *Cottonmouth?*” Qual é a mais peçonhenta?”

Algumas horas haviam se passado e eles estavam sentados nos degraus dos fundos da casa de Harriet, no escuro. Hely quase enlouquecera de ansiedade esperando a festa de aniversário terminar para que pudesse sair para encontrá-la. Sua mãe — desconfiada da falta de apetite de Hely — precipitara-se ao concluir que ele estava constipado e o interrogara interminavelmente, querendo saber detalhes de suas intimidades no banheiro, oferecendo-lhe laxantes. Acabou subindo com o pai, relutante, após o beijo de boa-noite, deixando Hely debaixo das cobertas de olhos arregalados, tenso, por mais de meia hora, aceso como se tivesse tomado um galão de Coca-Cola ou visto o novo filme de James Bond, ou fosse véspera de Natal.

Sair furtivamente de casa — na ponta dos pés, descendo a escada para abrir com cautela a porta dos fundos que rangia, um pouquinho de cada vez — o excitou ainda mais. Após o frio do quarto com ar-condicionado, sentia o ar noturno pesado e quente; o cabelo colava na nuca e ele demorava a recuperar o fôlego. Harriet, no degrau de baixo, sentada com

os joelhos encostados no queixo, mordiscava uma coxa de frango fria que ele lhe trouxera de casa.

“Qual a diferença entre uma *copperhead* e uma *cottonmouth*?”, ela perguntou. Os lábios, ao luar, brilhavam de leve com a gordura do frango.

“Pensei que fossem a mesma coisa”, Hely disse, delirando de prazer.

“Mas são diferentes. *Cottonmouth* e *water moccasin* é que são o mesmo tipo de cobra.”

“Uma *water moccasin* ataca a pessoa, se lhe der na telha”, Hely disse, repetindo excitado a frase pronunciada por Pemberton horas antes, quando Hely o consultou. Hely morria de medo de cobras e não gostava nem de olhar as ilustrações na enciclopédia. “São muito agressivas.”

“Elas ficam na água o tempo inteiro?”

“E uma *copperhead* tem cerca de sessenta centímetros de comprimento, é muito fina e muito *vermelha*”, disse Hely, recitando informações passadas por Pemberton, pois não sabia responder à pergunta de Harriet. “Elas não gostam de água.”

“Acha que é mais fácil de capturar?”

“Com certeza”, Hely concordou, embora não fizesse a menor idéia. Sempre que Hely encontrava uma cobra, sabia — com certeza absoluta, independentemente de tamanho ou cor, pelo formato redondo ou triangular da cabeça — se era venenosa ou não, mas seus conhecimentos terminavam aí. A vida inteira chamara todas as serpentes peçonhentas de *moccasin*, e qualquer víbora avistada em terra firme era, para ele, uma *water moccasin*, uma serpente aquática que não estava na água naquele momento.

Harriet jogou longe o osso do frango e, depois de limpar as mãos na perna exposta, abriu o guardanapo de papel e começou a comer o pedaço de bolo de aniversário que Hely lhe trouxera. Nenhum dos dois falou por um bom tempo. Mesmo durante o dia um ar de negligência e abandono anuviava o quintal de Harriet, que parecia descuidado e mais frio que os outros quintais da George Street. De noite, quando o mato crescido e

emaranhado escurecia, formando uma massa compacta, o local praticamente pulsava de tanta vida oculta. No Mississippi as cobras abundavam. Durante a infância inteira, Hely e Harriet escutaram histórias de pescadores picados por *cottonmouths* enroscadas nos remos ou caídas dos galhos mais baixos das árvores em cima das canoas; de encanadores, dedetizadores e carvoeiros atacados nos porões das casas; de esquiadores aquáticos que passavam sob ninhos de *moccasins* submersos, caíam e afundavam, reaparecendo com os olhos vidrados, vermelhos, tão inchados que flutuavam sobre as marolas provocadas pela lancha como se fossem bóias infantis. Os dois sabiam que não deviam andar pelo mato no verão sem usar botas e calça comprida grossa, nem virar pedras ou pisar em troncos caídos sem antes olhar embaixo. Evitavam o capim alto e o mato fechado, bem como brejos, galerias pluviais, tocas e buracos suspeitos. Hely pensou, com certo desconforto, nas recomendações insistentes de sua mãe, para evitar o mato alto, o laguinho abandonado e a pilha de madeira podre do quintal de Harriet. *Não é culpa dela*, dizia, *mas a mãe não mantém o quintal limpo como deveria; ai de você se eu souber que andou descalço por lá...*

“Tem um ninho de cobras — pequenas e vermelhas, como você descreveu — debaixo da cerca viva. Chester disse que são venenosas. No inverno passado, quando o solo congelou, encontrei um monte de cobras enroladas feito uma bola, assim” — ela desenhou um círculo no ar. “Cobertas de gelo.”

“Quem tem medo de cobras mortas?”

“Elas não estavam mortas. Chester disse que iam viver quando descongelassem.”

“Uau!”

“Ele pôs fogo na bola inteirinha.” A cena ficou marcada na memória de Harriet, vívida até demais. Ainda via, mentalmente, Chester de bota de cano alto, despejando gasolina no quintal gelado, mantendo a lata longe do corpo. Depois que jogou o fósforo, a chama saiu alaranjada, surreal,

numa bola que não produzia calor nem luz contra o fundo verde-escuro da sebe. Mesmo de longe as cobras davam a impressão de se retorcer, de terem voltado à vida súbita e terrivelmente. Uma delas separou a cabeça do novelo e começou a se movimentar às cegas, de um lado para outro, como o limpador de pára-brisa do carro. Ao queimar produziam estalos medonhos, um dos piores barulhos que Harriet jamais ouvira. Pelo resto do inverno e durante a maior parte da primavera, a pilha de cinzas engorduradas e vértebras enegrecidas ficou lá, no meio do quintal.

Distraidamente, ela pegou um pedaço do bolo, mas o largou de volta. “Serpentes como essas”, disse, “segundo Chester, não vão nunca embora. Podemos ficar livres delas por um tempo, com um esforço gigantesco, mas se estiverem acostumadas a viver num local, mais cedo ou mais tarde acabam voltando.”

Hely pensou nas inúmeras vezes em que varara a sebe para cortar caminho. Sem sapato. Em voz alta, disse: “Conhece o Parque dos Répteis, na estrada velha? Perto da Floresta Petrificada? Que também é posto de gasolina? O dono é um velho horrendo, de lábio leporino.”

Harriet virou-se para encará-lo. “Você foi lá?”

“Fui.”

“Quer dizer, sua mãe *parou* lá para abastecer, né?”

“Claro que não”, Hely disse, meio constrangido. “Fui com Pem. Quando voltávamos do jogo.” Nem o próprio Pem se mostrou entusiasmado com a idéia de parar no Parque dos Répteis. Mas estavam quase sem gasolina.

“Nunca conheci alguém que realmente esteve lá.”

“O sujeito é *pavoroso*. As tatuagens de serpentes cobrem praticamente os dois braços dele.” Não lhe faltavam cicatrizes, fora picado várias vezes, Hely concluiu ao ver as marcas, enquanto o sujeito enchia o tanque. Não tinha dentes nem dentadura, o que dava a seu sorriso um toque ofídico, horrível. Pior de tudo, levava uma jibóia enrolada do pescoço: *quer fazer*

*um agrado nela, menino?*, dissera, debruçando-se sobre o carro e fixando os olhos embaçados em Hely.

“Como é o Parque dos Répteis?”

“Fede. Cheira a peixe. Pus a mão na jibóia”, acrescentou. Teve medo de não pôr; talvez o homem jogasse a cobra nele, se demonstrasse receio. “Era fria. Como o banco do carro no inverno.”

“Quantas cobras ele tem?”

“Puxa vida, sei lá. As serpentes ficam em aquários, enchem uma parede inteira. Além disso, há milhares de cobras soltas dentro de um cercado, na parte batizada de Rancho das Cascavéis. E tem outro prédio no fundo, com pichações e desenhos cobrindo as paredes laterais.”

“O que as impede de fugir?”

“Sei lá. Não se movimentavam muito. Pareciam meio doentes.”

“Eu não quero uma cobra doente.”

Um pensamento estranho incomodou Hely. E se o irmão de Harriet não tivesse morrido quando ela era pequena? Se estivesse vivo, provavelmente seria que nem Pemberton: provocaria a irmã, mexeria nas coisas dela. Harriet não o amaria tanto.

Ele prendeu o cabelo com uma das mãos e abanou a nuca com a outra. “Prefiro uma cobra lerda do que uma rápida, que persegue a gente”, ele disse, zombeteiro. “Vi um programa na tevê sobre mambas negras. Sabia que elas têm mais de três metros de comprimento? Elas ficam de pé, sobem dois metros e correm atrás das pessoas a trinta quilômetros por hora com a boca escancarada, e quando alcançam a gente”, disse, levantando a voz para impressionar Harriet, “elas dão o bote e acertam bem na cara.”

“Ele tem uma assim?”

“Ele tem todos os tipos de cobra que existem no mundo. Além disso, esqueci de dizer, são tão venenosas que a pessoa morre em dez segundos. Não adianta ir atrás do soro antiofídico. Não dá tempo.”

O silêncio de Harriet era incômodo. De cabelo preto e braços em torno do joelho, parecia um piratinha chinês.

“Sabe do que precisamos?”, ela disse depois de muito tempo. “Precisamos de um carro.”

“Isso mesmo!”, Hely disse, animado, após uma pausa curta de surpresa e arrependimento por ter se gabado de saber dirigir.

Olhou para ela de soslaio, depois apoiou o corpo nas mãos espalmadas e mirou as estrelas. Odiava ter de dizer *Não posso* ou *Não sei* a Harriet. Já a vira pular do telhado, atacar meninos muito maiores, chutar e morder enfermeiras durante a campanha de vacina quántupla na escola.

Sem saber o que dizer, esfregou os olhos. Sonolento, desconfortável — sentia calor e coceira, tudo indicava que teria pesadelos. Pensou no couro de cascavel que vira pendurado numa cerca, no Parque dos Répteis: avermelhado, musculoso, cheio de veias azuladas.

“Harriet”, disse alto, “não seria mais fácil chamar a polícia?”

“Seria bem mais fácil”, ela concordou de imediato, e ele sentiu uma onda de afeto pela amiga. Grande Harriet: bastava estalar os dedos para mudar de assunto, sem mais nem menos, e ela permanecia atenta, cúmplice.

“Então, creio que é a melhor coisa a fazer. Podemos ligar do telefone público da prefeitura e dizer que sabemos quem matou seu irmão. Consigo imitar uma velha com perfeição.”

Harriet o encarou como se ele fosse maluco.

“E por que eu deveria deixar que *outras pessoas* o punissem?”

A expressão no rosto dela o intimidou. Hely olhou para o outro lado. Sua vista se fixou no guardanapo de papel engordurado no degrau, com o bolo parcialmente comido em cima. A bem da verdade, ele faria qualquer coisa que ela pedisse, fosse o que fosse, e ambos sabiam disso.

A *copperhead* era pequena, media pouco mais de trinta centímetros, a menor das cinco que Hely e Harriet haviam encontrado naquela manhã, durante a busca que durou uma hora. Estava deitada, imóvel, em S, no

meio do mato baixo que havia nascido entre os montes de areia de construção, perto do final da ruela sem saída em Oak Lawn Estates, um condomínio um pouco adiante do Country Club.

Todas as casas de Oak Lawn tinham menos de sete anos: imitação do estilo Tudor, caipira chique e moderno, além de um par de casas coloniais de araque, de tijolo vermelho-vivo e colunas ornamentais nas fachadas. Embora imensas e caras, transmitiam uma impressão inamistosa, hostil, talvez por serem tão recentes. No fundo do condomínio, onde Hely e Harriet estacionaram as bicicletas, muitas casas ainda estavam sendo construídas em terrenos vazios, desmatados, algumas nos alicerces, outras exibindo esqueletos de pinho novo amarelado na frente do céu azul intenso, rodeados de materiais diversos: madeira, sacos de cimento, placas de gesso e isolantes térmicos.

Ao contrário da George Street, sombreada, do final do século XIX, havia poucas árvores, grandes ou pequenas, e nada de calçadas. Todos os vestígios de vegetação haviam sido removidos pelas motosserras e máquinas de terraplenagem: carvalhos antigos que, segundo um botânico da universidade estadual que tentara salvá-los, já existiam quando La Salle desceu o rio Mississippi em 1682. A maior parte da camada de solo que sustentava as raízes fora arrastada para o riacho e depois rio abaixo. As elevações foram eliminadas e usadas para aterrar as áreas mais baixas. Quase nada brotava na terra pobre e fedorenta que restara. O mato crescia em alguns trechos esparsos; as magnólias e os cornisos trazidos de caminhão definhavam rapidamente, em pouco tempo só restavam as hastes mortas apontando nos círculos de terra vegetal e pedras decorativas. As áreas de terra argilosa — vermelha como Marte, cobertas de areia e pó — começavam onde terminava o asfalto, tão preto e novo que parecia pegajoso. Atrás do condomínio, para o sul, havia um pântano fétido, que subia e inundava os terrenos durante a primavera.

As casas de Oak Lawn Estates pertenciam basicamente a recém-chegados: especuladores, políticos e corretores imobiliários, casais

recentes que fugiam das origens como meeiros na serra ou nas matas. Como se detestassem sua procedência rural, pavimentavam metodicamente todas as superfícies e arrancavam a vegetação nativa.

Mas a própria Oak Lawn se encarregara da vingança por ter sido tão impiedosamente terraplenada. Os terrenos eram pantanosos, cheios de mosquitos. Nos buracos cavados no chão, a água suja minava imediatamente. O esgoto voltava quando chovia — a famosa lama negra que saía pelos ralos das casas novíssimas, que pingava das torneiras e das duchas modernas. Como a terra foi sendo levada pela enxurrada, caminhões e mais caminhões de areia precisavam aterrar os buracos, para evitar que as casas desabassem na primavera; e nenhum obstáculo impedia cobras e tartarugas de se afastarem o quanto quisessem das margens do rio.

E Oak Lawn Estates era um lugar infestado de cobras — enormes e miúdas, venenosas ou não, cobras que gostavam de lama, cobras que preferiam água e cobras que apreciavam um banho de sol sobre as pedras. Nos dias quentes o fedor de cobra parecia sair do próprio chão, assim como a água escura brotava para preencher as pegadas na terra devastada. Ida Rhew comparava o cheiro de cobra ao das vísceras dos peixes — carpas, bagres das lagoas do brejo ou dos canais, peixes que se alimentavam de detritos. Edie, quando fazia uma cova para plantar azáleas ou roseiras, principalmente durante as atividades cívicas do Clube de Jardinagem nas proximidades da Via Interestadual, alegava saber quando a pá se aproximava de um ninho de cobras ao sentir um cheiro parecido com o de batata podre. Harriet também conhecia de sobra o fedor das cobras, mais forte na Casa dos Répteis do zoológico de Memphis e nas cobras apavoradas presas em jarros de vidro no laboratório de biologia, mas também perceptível, acre e nauseabundo, nas lagoas rasas e nas margens dos riachos, nas galerias e lodaçais em agosto, e até mesmo — esporadicamente, no verão, após um aguaceiro — em seu próprio quintal.

A calça jeans e a camisa de manga comprida de Harriet estavam encharcadas de suor. Como praticamente não havia árvores no bairro nem no charco próximo, ela usava chapéu de palha para evitar o risco de insolação, mas o sol castigava seu corpo, claro e feroz como a ira de Deus. Sentia fraqueza devido ao calor e à preocupação. Mantivera uma postura estóica a manhã inteira, enquanto Hely — orgulhoso demais para usar chapéu, arriscava-se a sofrer queimaduras sérias — não parava de saltitar, falando de um filme de James Bond que tinha a ver com quadrilhas de traficantes, previsões do futuro e serpentes tropicais mortíferas. No trajeto de bicicleta ele a chateara com uma história do piloto de acrobacias Evel Knievel e com um desenho que passava aos sábados de manhã chamado *Wheelie and the chopper bunch*.

“Você precisava ter visto”, estava dizendo, ajeitando repetitivamente, por nervosismo, as mechas de cabelo que lhe caíam no rosto, “puxa, cara, James Bond *queimou a cobra inteira*. Ele tinha um frasco de desodorante ou algo assim. Quando viu a cobra pelo espelho, virou *assim* e aproximou o charuto da lata, *puf*, o fogo atravessou o quarto, zunindo...”

Ele cambaleou para trás — cerrando os lábios — enquanto Harriet estudava a *copperhead* sonolenta e tentava deduzir qual seria o melhor procedimento. Eles saíram para caçar equipados com a espingardinha de pressão de Hely, dois galhos cortados na forquilha, um guia de répteis e anfíbios do sudeste dos Estados Unidos, a luva de jardinagem de Chester, um torniquete, um canivete e moedas para telefonar, caso um dos dois fosse picado, além da lancheira velha de lata de Allison (*Campus Queen*, ilustrada com animadoras de torcida de rabo-de-cavalo e concorrentes a um título de beleza usando tiaras), em cuja tampa, com dificuldade, Harriet fizera alguns furos com a chave de fenda. O plano era aproximar-se furtivamente da cobra — de preferência esperar que ela desse o bote, para depois atacar, antes que se recuperasse — e prendê-la com a forquilha logo acima da cabeça. Depois a pegariam com cuidado, perto da cabeça

(bem perto, para evitar que ela se virasse para picá-los), jogariam a serpente dentro da lancheira e a fechariam.

Mas na prática a teoria é outra. As primeiras serpentes encontradas — três *copperheads* jovens, cor de ferrugem, reluzentes, tomando banho de sol enroscadas umas nas outras sobre uma laje de concreto — os assustaram demais, e não tiveram coragem de se aproximar. Hely jogou um pedaço de tijolo no meio delas. Duas fugiram correndo, em direções opostas; a remanescente, enfurecida, começou a dar botes no tijolo, insistentemente, e depois no ar e em qualquer coisa que chamasse sua atenção.

As duas crianças se apavoraram. Rodearam a cobra, temerosas, com as forquilhas nos braços estendidos, e avançaram rapidamente sobre ela, só para recuar com a mesma rapidez quando a cobra se virou para reagir — deu um bote para um lado, outro para a frente, ameaçando os dois simultaneamente. Harriet ficou com tanto medo que pensou que fosse desmaiar. Hely desferiu um golpe, mas errou; a cobra saltou em cima dele e Harriet, com um grito abafado, prendeu a cabeça dela com a forquilha, pressionando-a contra o solo. Imediatamente, com uma violência impressionante, ela passou a agitar o corpo como se possuída pelo demônio. Harriet, atônita e enojada, saltou para trás, evitando que o rabo da cobra atingisse sua perna; com um movimento brusco, o animal se livrou da forquilha e avançou para Hely, que recuou dançando e gritando como se tivesse sido empalado por uma lança de ferro, enquanto corria para o mato ralo.

Uma curiosidade a respeito de Oak Lawn Estates: se uma criança — ou qualquer pessoa — gritasse tão alto e insistentemente como Hely, na George Street, a sra. Fountain, a sra. Godfrey, Ida Rhew e mais meia dúzia de donas de casa saíam correndo no ato para ver o que era (“Crianças! Deixem a cobra em paz! Já chega!”). Falariam sério, sem dar chance para contestação, e, depois de entrar, ficariam espiando pela janela da cozinha só para garantir obediência. Mas as coisas eram diferentes em Oak Lawn

Estates. As casas possuíam um isolamento acústico incrível, como bunkers ou mausoléus. As pessoas não se conheciam. Ali em Oak Lawn alguém podia gritar até morrer, um malfeitor podia estrangular quem quisesse com um pedaço de arame farpado, ninguém sairia para ver o que era. No silêncio profundo, abafado, a gargalhada maníaca de uma comédia televisiva saía, apavorante, de uma casa próxima: parecia uma sede de fazenda se erguendo defensivamente no terreno desolado, para lá dos esqueletos de pinheiro. Janelas escuras. Um Buick novo reluzente parado na vaga, em cima do aterro de areia.

“Ann Kendall? *Venha já para baixo!*” Aplausos delirantes da platéia.

Quem residia naquela casa?, Harriet pensou, confusa, protegendo os olhos com uma das mãos. Um pai bêbado que não foi trabalhar? A esposa desleixada, como as jovens mães para quem Allison trabalhava de vez em quando como babá, deitada numa sala escura com a tevê ligada e a roupa suja empilhada na lavanderia, intacta?

“Não suporto *The price is right*”, Hely disse, recuando enquanto prestava muita atenção no chão, gemendo, nervoso. “Eles dão carros e dinheiro em *Tattletales*.”

“Gosto de *Jeopardy*.”

Hely não a escutava. Enérgico, golpeava o mato com a forquilha. “*From Russia with love...*”, cantarolou, e repetiu, pois não se lembrava do resto da letra: “*From Russia with LOVE...*”

Não tardaram a localizar a quarta cobra, uma *moccasin*: amarelo-bílis, lustrosa, do comprimento da *copperhead*, porém mais grossa que o braço de Harriet. Hely — que, apesar de apreensivo, insistia em liderar a expedição — quase pisou nela. Como uma mola, a serpente atacou num salto, errando a perna dele; Hely, com os reflexos desenvolvidos após a primeira experiência, pulou para trás e prendeu a cabeça dela com a forquilha, num golpe certo. “Rá!”, gritou.

Harriet riu alto; com mãos trêmulas, ela se atrapalhou com o fecho da lancheira Campus Queen. Aquela cobra era mais lenta, menos ligeira.

Surpresa, movia o corpo grosso — amarelo, revoltante — de um lado para outro no chão. Mas ela era muito maior que a *copperhead*; caberia na lancheira Campus Queen? Hely também ria alto, de tão nervoso, histericamente, e se abaixou para apanhá-la com a mão aberta.

“Na cabeça!”, Harriet gritou, deixando cair a lancheira estrepitosamente.

Hely pulou para trás e largou a forquilha. A *moccasin* continuou quieta. Depois, com suavidade, ergueu a cabeça e mirou os dois com as pupilas em forma de fenda, por um longo momento, friamente, antes de abrir a boca (pavorosamente branca por dentro) e avançar contra eles.

Harriet e Hely se viraram e correram, tropeçando um no outro — com medo de caírem numa vala, mas assustados demais para olhar para baixo —, enquanto o mato estalava sob os tênis e o cheiro do capim pisado subia no calor do dia como se fosse o próprio odor do medo.

Uma vala cheia de água suja, riscada pelo nado dos girinos, os impedia de chegar ao asfalto. As laterais de concreto eram escorregadias, cobertas de musgo, e a vala larga demais para ser superada num único salto. Escorregaram até o fundo dela (o cheiro de esgoto e peixe podre provocou neles um tremendo acesso de tosse), caíram sobre as mãos e escalaram o outro lado. Quando saíram e ergueram-se com lágrimas escorrendo pelo rosto, olharam para trás e viram somente a trilha deixada no mato ralo com florzinhas amarelas e os tons pastel melancólicos da lancheira abandonada na pressa.

Ofegantes, inflamados, exaustos, cambaleavam como bêbados. Embora percebessem que estavam a ponto de desmaiar, não consideravam o chão nem seguro nem confortável o bastante, e não viam onde sentar. Um girino grande, já com toquinhos de pernas, saltou da vala e ficou se retorcendo na beira da estrada. Seus pulos e a pele lisa raspando no asfalto provocaram um novo acesso de tosse em Harriet.

Deixando de lado a etiqueta costumeira do primeiro grau — que os mantinha distantes meio metro, rigidamente, exceto quando trocavam

socos e empurrões —, eles se agarraram um ao outro para não perderem o equilíbrio: Harriet despreocupada com a possibilidade de parecer covarde, Hely sem se dar conta da chance de beijá-la ou de pregar-lhe um susto. As calças jeans dos dois — manchadas, cheias de limo — pesavam, desconfortáveis, cheirando a água suja do fosso. Hely abaixou-se e deu a impressão de que ia vomitar, pelos ruídos emitidos.

“Você está bem?”, Harriet disse — e sentiu náuseas quando viu na manga dele a gosma esverdeada das entranhas de um girino esmagado.

Hely — engasgando sem parar, como um gato que tenta regurgitar uma bola de pêlo — deu de ombros e quis voltar para pegar a forquilha e a lancheira.

Harriet segurou as costas de sua camisa ensopada de suor. “Espere um pouco”, conseguiu dizer.

Eles descansaram sentados nas bicicletas — Hely na Sting-Ray com guidão alto e banco comprido, Harriet na Western Flyer que fora de Robin — ofegantes e silenciosos. Assim que o coração passou a bater mais devagar e eles tomaram um pouco da água morna com gosto de plástico do cantil de Hely, retornaram ao campo de batalha, desta vez portando a espingarda de pressão de Hely.

O silêncio assustado de Hely deu lugar a bravatas teatrais. Falando alto, com gestos dramáticos, gabava-se de como ia capturar a *moccasin* aquática e do que faria com ela depois que a pegasse: tiro na cabeça, giro no ar, como se fosse um chicote, para depois cortá-la ao meio e passar em cima dos pedaços com a bicicleta. Seu rosto vermelho ornava com a respiração rápida, ansiosa; de quando em quando, ele disparava um tiro no mato e parava para rearmar a espingarda de pressão, com um gesto violento, colocando em seguida outro projétil.

Eles haviam contornado a vala e seguiam no rumo das casas em construção, de onde seria mais fácil fugir para a estrada, se fossem atacados novamente. A cabeça de Harriet doía, as mãos estavam frias e meladas. Hely — com a espingardinha de pressão balançando no ombro

— andava de um lado para outro, socando o ar, ignorando que no mato ralo, a um metro de seu pé, descansava discretamente, quase em linha reta, o que o guia *Répteis e anfíbios do sudeste dos Estados Unidos* chamaria de *copperhead* “ainda jovem”.

“E a maleta soltava gás lacrimogêneo quando alguém a abria, tá? E dava tiros e saía uma faca pela lateral...”

Harriet sentia a cabeça pesada. Queria ganhar um dólar cada vez que ouvisse Hely falar na maleta de *Moscou contra 007*, que dava tiros e esguichava gás.

Ela fechou os olhos e disse: “Sabe, você pegou a outra cobra muito longe da cabeça. Ela ia picar você”.

“Cala a boca!”, Hely gritou após uma pausa enfurecida. “Foi culpa sua! Eu ia pegar a cobra! Se você não...”

“Cuidado. Atrás de você!”

“*Moccasin?*” Ele se agachou e examinou o terreno em volta. “Onde? Mostre a filha-da-mãe!”

“Ali”, Harriet disse, dando um passo para a frente, exasperada, para mostrar a cobra. “Bem ali.” A cabeça triangular se levantou — expondo a parte inferior clara da mandíbula — e depois se abaixou, como para se ajeitar.

“Ah, é um filhote”, Hely disse, desapontado, aproximando-se para ver melhor.

“Não interessa... Ui!”, ela disse, dando um passo lateral desajeitado, quando a *copperhead* lançou-se na direção de sua canela como uma fita vermelha.

Uma chuva de amendoins se derramou e depois, por cima de seu ombro, voou o saco plástico onde eles estavam, indo cair no chão. Harriet tremia, desequilibrara-se e pulava num pé só, perdendo a noção do paradeiro da serpente por um instante, quando a *copperhead* deu outro bote.

Um tiro da espingarda de pressão acertou seu tênis, sem furá-lo; outro a pegou na perna e ela gritou, enquanto outros disparos levantavam poeira em volta. A cobra se excitara, atacando sem parar apesar dos tiros; mirava sempre no pé dela, dando saltos seguidos.

Tonta, meio delirante, ela correu para o asfalto. Esfregou a manga no rosto (bolhas transparentes latejavam na frente de seus olhos ofuscados pelo sol, subindo e descendo, como amebas gigantes numa gota de água parada), e assim que sua visão clareou percebeu que a *copperhead* erguera a cabeça e a examinava, sem surpresa nem emoção, a pouco mais de um metro de distância.

Hely, em seu nervosismo, fizera com que a espingarda de pressão encencasse. Gritando frases sem sentido, largou-a e correu para pegar a forquilha.

“Espere um pouco.” Com esforço ela se libertou do olhar frio da serpente, cristalino como sinos de igreja. *O que está havendo comigo?*, pensou, debilitada, cambaleando para o meio da estrada. *Insolação?*

“Minha nossa.” A voz de Hely, vinda não se sabe de onde. “Harriet?”

“Espere.” Sem saber direito o que fazia (os joelhos bambeavam, desobedientes, como se pertencessem a uma marionete que não sabia conduzir), ela recuou mais um passo e depois sentou-se no asfalto quente.

“Está tudo bem, mina?”

“Me deixa em paz”, Harriet disse.

O sol brilhava vermelho através das pálpebras fechadas. Uma imagem fixa na retina mostrava os olhos da cobra, em negativo maligno: negro na íris, amarelo na pupila em forma de fenda. Ela respirava pela boca, e o fedor do esgoto na calça ensopada era tão forte, naquele calor, que podia sentir seu gosto; de repente, deu-se conta de que não estava segura sentada; tentou se levantar, mas o chão fugiu de seus pés...

“Harriet!” Ouviu a voz de Hely muito distante. “O que foi? Está me assustando.”

Ela piscou; a luz clara ardeu como suco de limão esguichado em seus olhos, era horrível sentir tanto calor, ficar tão ofuscada, sem controle sobre os braços e as pernas...

Quando recuperou a consciência, estava deitada de costas. O céu exibia um azul sem nuvens ou consideração. O tempo parecia ter saltado minutos, como se ela tivesse cochilado e acordado em seguida. Uma presença obscurecia sua visão. Em pânico, protegeu o rosto com os dois braços, mas a figura escura apenas se moveu para o lado e aproximou-se, insistente.

“Calma, Harriet, é apenas água.” Ela ouviu as palavras ecoarem no fundo da mente, mas não captou seu sentido. Depois — inesperadamente — uma coisa fria tocou o canto de sua boca; Harriet afastou-se, gritando o mais alto que conseguia.

“Vocês dois enlouqueceram?”, Pemberton disse. “Andando de bicicleta neste bairro horroroso? Deve estar mais de quarenta graus.”

Harriet, deitada no banco traseiro do Cadillac de Pem, observava o céu passar sobre sua cabeça, para lá do emaranhado dos galhos das árvores. A vegetação indicava que haviam deixado o deserto de Oak Lawn para trás e estavam de volta à velha County Line Road.

Ela fechou os olhos. A música alta, rock, saía dos alto-falantes; trechos de sombra — esporádicos, trêmulos — passavam e balançavam no vermelho das pálpebras cerradas.

“As quadras estão vazias”, disse Pem, gritando para vencer o vento e a música. “Não tem ninguém na piscina também. Todo mundo entrou na sede do clube para ver *One life to live*.”

A moeda para o telefone de emergência fora útil, no final das contas. Hely — heroicamente, pois o calor e o pânico o atingiram tanto quanto a Harriet — subira na bicicleta e, apesar das câibras nas pernas e da fraqueza, pedalara quase um quilômetro para chegar ao telefone público

no estacionamento do Jiffy Qwik-Mart. Mas Harriet, que esperou no inferno da ruela sem saída infestada de cobras, assando no asfalto quente por quase quarenta minutos, estava afogueada e tonta demais para sentir gratidão.

Ela se ergueu um pouco, o bastante para ver o cabelo de Pemberton — quebradiço e embaraçado por causa dos produtos químicos da piscina — esvoaçar para trás como um estandarte amarelo esfarrapado. Mesmo no banco traseiro, sentia seu odor acre e inconfundivelmente adulto, composto de suor pungente e masculino, mascarado parcialmente pela loção bronzeadora de coco, pelo cigarro e por alguma coisa que lembrava incenso.

“Por que se deram o trabalho de ir até Oak Lawn? Conhecem alguém lá?”

“Não”, respondeu Hely, com o laconismo ranzinza que empregava ao tratar com o irmão.

“O que você foram fazer lá, afinal?”

“Caçar cobras para... *Ai*”, Hely gritou, erguendo a mão, quando Harriet agarrou e puxou seu cabelo.

“Bom, se é para catar cobra, não tem lugar melhor”, Pemberton retrucou, distraído. “Wayne, o cara que cuida da manutenção do Country Club, me contou que durante a escavação do buraco para a piscina de uma madame de lá, o pessoal matou cinco dúzias de cobras. Só num quintal.”

“Cobras venenosas?”

“Sei lá. Eu não moraria naquele lugar infernal nem por um milhão de dólares”, Pemberton comentou, movendo a cabeça com altivez e desprezo. “O tal do Wayne disse que um especialista em cobras encontrou *trezentas* vivendo debaixo de uma casa lá. *Uma única casa*. Quando houver uma enchente grande demais para ser contida com sacos de areia pela Defesa Civil, as madames todas vão ser comidas vivas pelas serpentes.”

“Peguei uma *moccasin*”, Hely disse, orgulhoso.

“Claro. E o que fez com ela?”

“Soltei depois.”

“Com certeza.” Pemberton o olhou de lado. “A cobra foi atrás de você?”

“Não.” Hely se ajeitou no banco, desconfortável.

“Tá, por mim tudo bem, não sei se a cobra ficou com mais medo de você do que você dela. Mas a *moccasin* é traiçoeira. Vai atrás da pessoa. Uma vez uma *moccasin* enorme, macho, nos atacou no lago Oktobeha. Eu estava com Tink Pittmon. Sabe, a gente nem passou perto dela, a cobra veio nadando atrás de nós, no meio do lago.” Pem fez um movimento sinuoso com a mão. “A gente só via, na água, a boca branca aberta. Depois *pam, pam*, ela bateu com a cabeça no casco de alumínio do bote, como um bate-estacas. As pessoas que estavam no cais viram tudo.”

“E o que vocês fizeram?”, Harriet perguntou, já sentada e debruçada sobre o banco dianteiro.

“Opa, já acordou, princesa? Pensei que ia precisar levar você ao pronto-socorro.” O rosto de Pem, no espelho retrovisor, a pegou de surpresa: lábios brancos como giz, protetor solar branco no nariz, pele bronzeada, que de tão escura lembrava os rostos crestados pelo frio dos membros da expedição polar de Scott.

“Quer dizer que você gostam de caçar cobras, é?”, ele perguntou para o reflexo de Harriet.

“Não”, Harriet respondeu, simultaneamente desafiadora e ressabiada com o tom irônico do rapaz. E encostou novamente no banco traseiro.

“Não precisa se envergonhar.”

“Quem disse que eu estou envergonhada?”

Pem riu. “Você é fogo, Harriet”, ele disse. “Gosto de seu jeito. De todo modo, é loucura querer pegar cobras com aquelas forquilhas. Precisam de um pedaço de cano de alumínio e um fio de varal, para fazer um laço. Depois basta passar o laço pela cabeça da cobra e puxar o fio com força. Assim, ela fica presa. Depois podem levá-la num vidro para a Feira de Ciências e impressionar *todo mundo*.” Subitamente, com um movimento rápido, ele socou a cabeça de Hely com o punho direito. “Não é?”

“*Cala a boca!*”, Hely gritou, esfregando a orelha dolorida. Pem gostava de contar a história do casulo de borboleta que Hely levou para a Feira de Ciências da escola. Passou seis semanas cuidando do casulo, lendo livros, tomando notas, mantendo a temperatura adequada. Enfim, Hely fez tudo que era possível, e acabou levando o casulo como estava para a Feira — numa caixa de jóias elegante, em cima de um pedaço de algodão. Lá, descobriram que não se tratava de uma crisálida, e sim de um cocô seco de gato.

“Talvez você tenha *imaginado* que era uma *moccasin*”, Pemberton disse, rindo, elevando a voz acima da torrente de insultos que Hely despejou sobre ele. “Talvez não fosse exatamente uma serpente. Um cocô de cachorro bem grande, na grama alta, sem dúvida poderia ser facilmente confundido com...”

“... com você”, Hely gritou, desferindo vários socos no ombro do irmão.

\* \* \*

“Já falei para *mudar de assunto*”, Hely insistiu pela décima vez.

Harriet e ele estavam na parte mais funda da piscina, agarrados à borda. As sombras da tarde se alongavam. Cinco ou seis crianças menores — ignorando a mãe gorda que, andando de um lado para outro, pedia a elas para saírem — gritavam e jogavam água umas nas outras, na parte mais rasa. Perto do bar, um grupo de moças do colegial, usando biquíni, conversavam e riam nas espreguiçadeiras, com toalhas nos ombros. Pemberton estava de folga. Hely quase nunca nadava no turno de Pemberton como salva-vidas, pois Pem o atormentava, gritando insultos e ordens absurdas do alto de sua cadeira (do tipo “É proibido correr em volta da piscina!”, quando Hely não estava correndo, só andando depressa). Por isso, Hely sempre verificava a escala de serviço do irmão, colada na geladeira, antes de ir para o clube. Isso o contrariava muito, pois no verão queria ir todos os dias à piscina.

“Estúpido”, resmungou, pensando em Pem. Ainda não se conformara por Pem ter mencionado o cocô de gato da Feira de Ciências.

Harriet o encarou com um ar desconfiado. O cabelo dela grudara no crânio, liso e reluzente; a face recebia fachos de luz cruzados, trêmulos, que lhe davam um ar horroroso. Hely passara a tarde irritado com ela; sem perceber, sua irritação dera lugar ao embaraço e ao desconforto, que se transformara em ressentimento. Agora, sentia voltar a raiva por Harriet também ter rido do cocô de gato, assim como o professor, os juízes e todos os presentes à Feira de Ciências. Ficava louco de raiva só de recordar a cena.

Ela continuava a encará-lo. Hely arregalou os olhos para a amiga. “O que está olhando?”, disse.

Harriet afastou-se da beira da piscina e — para se exhibir — deu um salto de costas. *Grande coisa*, Hely pensou. Logo ela ia querer disputar quem ficava mais tempo debaixo d’água, uma brincadeira que Hely detestava, pois ela era melhor que ele.

Quando Harriet se aproximou novamente, Hely fingiu não perceber que ela estava chateada. Descontraído, jogou água nela e conseguiu acertar um jato bem no olho.

“*Estou tomando conta de meu cachorro Rover que morreu*”, cantou, num tom meloso que ela odiava:

*Eu não havia percebido antes  
Que falta uma perna  
Que uma perna caiu...*

“Então não precisa ir comigo amanhã. Prefiro ir sozinha.”

“*Uma perna está espalhada no gramado...*”, Hely cantou, ignorando-a, fazendo um ar de embevecido enquanto erguia os olhos para o céu.

“Não faz diferença se você vai ou não.”

“Pelo menos eu não deito no chão chorando que nem um bebê gordo.” Ele piscou, batendo várias vezes as pestanas. “Ai, *Hely*, socorro, socorro!”, gritou com voz fina que atraiu a atenção das moças do colegial, na outra ponta da piscina. Elas começaram a rir.

Um jato d’água atingiu seu rosto.

Ele a molhou de novo, com um gesto rápido, e conseguiu desviar do revide. “Harriet, ei, Harriet”, disse com voz infantil. Sentia um prazer inédito por ter conseguido perturbá-la. “Vamos brincar de cavalinho? Eu serei o cavaleiro e você pode ser você mesma.”

Triunfante, ele se afastou — evitando a retaliação — e nadou para o meio da piscina, ágil, espalhando muita água. Tinha bolhas no rosto, por causa das queimaduras de sol, e os produtos químicos da piscina ardiavam em seu rosto como ácido. Mas tomara cinco Coca-Colas naquela tarde (três ao chegar em casa, exausto e dolorido; outras duas com gelo picado e canudinho listado, no bar ao lado da piscina), e seus ouvidos latejavam. O açúcar que corria em suas veias o animara e estimulara. Sentia-se o máximo. Antes, com frequência a rispidez de Harriet o intimidara. Embora a expedição de caça às cobras o tivesse abalado e confundido temporariamente, o desmaio de Harriet o enchera de coragem.

Ele mergulhou e subiu à superfície cuspiendo e jogando água. Quando piscou para interromper o ardor nos olhos e pôde ver novamente, percebeu que Harriet não estava mais na piscina. Ele a viu, ao longe, andando depressa na direção do vestiário feminino, de cabeça baixa, deixando pegadas molhadas no piso de concreto.

“Harriet!”, gritou sem pensar, engolindo água com o descuido; esquecer-se de que ali não dava pé.

O céu estava azul plúmbeo, o ar da tarde pesado na luz difusa. Já na calçada, Harriet ouviu os gritos distantes e baixos das crianças menores, ainda na parte rasa da piscina. A brisa suave provocou arrepios em seus

braços e pernas. Ela fechou bem a toalha e apertou o passo para chegar logo em casa.

Um carro lotado de garotas do colegial fez a curva. Eram as garotas que comandavam todos os clubes e ganhavam todos os concursos da turma de Allison no colegial: Lisa Leavitt, a baixinha; Pam McCormick, a de rabo-de-cavalo preto; Ginger Herbert, vencedora do Concurso de Beleza; Sissy Arnold, que não era tão bonita quanto as outras, só popular. Seus rostos — como os das estrelas de cinema universalmente adoradas pelas séries anteriores — sorriam em praticamente todas as páginas do álbum escolar. Lá estavam, triunfais, no campo de futebol iluminado pelos holofotes amarelados, de uniforme e baliza, liderando a torcida; usando luvas e longos nos bailes; nos carros alegóricos carnavalescos, excitadas de rir (Melindrosas) ou recostadas languidamente na traseira de uma carroça na primavera (Caipiras) — e, apesar da mudança no guarda-roupa, de atlético para informal para social, eram iguais àquelas bonecas cujos sorriso e penteado nunca mudam.

Nenhuma delas sequer olhou para Harriet. Ela fixou os olhos na calçada — enquanto as outras seguiam adiante, em alta velocidade, deixando para trás a trilha sonora de música pop agitada —, sentindo o rosto queimar por uma vergonha incompreensível e furiosa. Se Hely estivesse caminhando a seu lado, elas provavelmente reduziriam a velocidade para dar um alô, pois tanto Lisa quanto Pam gostavam de Pemberton. Mas elas provavelmente nem sabiam quem era Harriet, embora estudassem com Allison desde o jardim-de-infância. Numa colagem na cama de Allison havia fotos alegres da pré-escola, na qual Allison brincava com Pam McCormick e Lisa Leavitt; de Allison e Ginger Herbert — rindo, nariz vermelho, a melhor amiga — de mãos dadas, no quintal da casa de alguém, no inverno. Cartões da primeira série, caprichados, escritos a lápis: “2 Abraços 2 Beijos para Você. Com carinho, Ginger”. Relacionar essa afeição com a Allison e a Ginger atuais (usando luvas e batom, no vestido de chiffon, sob o arco de flores artificiais) era

inconcebível. Allison, embora tão bonita quanto qualquer uma delas (e muito mais bonita que Sissy Arnold, com seus dentes compridos e tortos e corpo de doninha), acabara se transformando de amiga e companheira das princesinhas numa entidade inexistente, que só era lembrada quando se esquecia de fazer a lição. O mesmo ocorrera com sua mãe. Apesar de socialmente ativa quando moça, popular, membro de fraternidade e eleita A Mais Elegante de sua turma no colegial, também tinha um monte de amigos que não a procuravam mais. Os Thornton e os Bowmont — que costumavam jogar cartas com os pais de Harriet semanalmente e que dividiam casas de praia com eles na costa do Golfo — não apareciam nem quando o pai de Harriet estava na cidade. Notava-se um esforço artificial em sua simpatia, quando encontravam a mãe de Harriet na igreja, os maridos excessivamente calorosos, as mulheres beirando a histeria nos agudos exagerados, mas ninguém olhava a mãe de Harriet nos olhos. Ginger e as outras moças, no ônibus escolar, tratavam Allison de maneira semelhante: tom alegre, cordial, mas olhos distantes, como se Allison fosse portadora de uma doença infecciosa.

Harriet (olhos fixos na calçada) foi arrancada de seus pensamentos por um ruído gutural. Curtis Ratliff, o retardado que perambulava incansável pelas ruas de Alexandria durante o verão, esguichando água com sua pistola, nos gatos e carros que passavam, avançava em sua direção, atravessando a rua desajeitadamente. Quando percebeu que ela o olhava, um sorriso encheu seu rosto achatado.

“Hat!”, ele disse, acenando com os dois braços — o corpo inteiro se remexeu com o esforço —, e começou a pular animado, com os pés juntos, como se apagando uma fogueira. “Tudo bem? Tudo bem?”

“Oi, Jacaré”, ela disse para alegrá-lo. Curtis passara por uma longa fase na qual todos e tudo que via eram *jacaré*: a professora, o sapato, o ônibus escolar.

“Tudo bem? Tudo bem, Hat?” Ele não ia parar enquanto não recebesse a resposta.

“Oi, Curtis. Estou bem, obrigada.” Embora Curtis não fosse surdo, ouvia com certa dificuldade, e o interlocutor precisava se lembrar disso e falar alto.

O sorriso de Curtis cresceu ainda mais. Seu corpo flácido, os modos infantis, delicados, lembravam o Mole de *The wind in the willows*.

“Gosto de bolo”, ele disse.

“Curtis, não acha melhor sair do meio da rua?”

Curtis parou e enfiou a mão na boca. “Ah, é!”, gritou, e novamente: “Ah, é!”. Depois atravessou a rua pulando, como se saltasse sobre uma vala —, até chegar ao meio-fio e parar ao lado de Harriet. “Ah, é!”, disse, antes que o ataque de riso o fizesse levar as mãos ao rosto.

“Desculpe, você está no caminho”, Harriet disse.

Pelos dedos entreabertos, Curtis a espiou. Encarava-a com tanta intensidade que seus olhos quase se fechavam.

“Cobras mordem”, ele disse inesperadamente.

Harriet levou um susto e tanto. Em parte por causa de sua dificuldade para ouvir, Curtis não falava de modo muito claro. Sem dúvida entendera errado, ele devia ter dito outra coisa: *Cor da moda? Cardamomo? Cordas cortem?*

Mas, antes que ela pudesse perguntar, Curtis soltou um suspiro pesado, como se fosse um profissional, e guardou a pistola d’água na calça jeans nova, dura. Depois pegou a mão dela e a apertou com a sua, grande, flácida, pegajosa.

“Mordem!”, disse, animado. Ele apontou para si e para a casa do outro lado, depois deu meia-volta e saiu correndo pela rua, enquanto Harriet — enervada — continuou andando, depois de puxar a toalha com mais força em volta do ombro.

Embora Harriet não soubesse, cobras venenosas também eram o tema das discussões a menos de dez metros de onde ela estava: o apartamento

alugado em que fora convertido o segundo andar do casarão naquela rua, uma das diversas propriedades de Roy Dial em Alexandria.

O sobrado não tinha nada de especial: branco, com uma escada externa lateral que permitia acesso independente ao andar superior. O sr. Dial mandara fazer a escada e bloqueara a interna, transformando a residência em duas unidades, para aluguel. Antes que ele a comprasse e dividisse, a casa pertencera a uma senhora batista já idosa, chamada Annie Mary Alford, contadora aposentada da serraria local. Depois que ela caiu no estacionamento da igreja certa tarde e quebrou o quadril, o sr. Dial, gentilmente (como empresário cristão, interessava-se pelos idosos e enfermos, especialmente os abastados que não tinham parentes para aconselhá-los), fazia questão absoluta de visitar Annie Mary todos os dias, oferecendo-lhe sopa enlatada, passeios de carro, material evangélico de leitura, frutas da estação e seus serviços imparciais como agente imobiliário e procurador.

Como o sr. Dial contribuía com seu dízimo, depositando-o religiosamente na conta bancária da Primeira Igreja Batista, sentia que isso justificava seus métodos. Afinal de contas, não levava conforto e solidariedade cristã àquelas vidas vazias? Por vezes, as “senhoras” (como costumava chamá-las) deixavam suas propriedades para o sr. Dial, como herança, de tão gratas que ficavam com as atenções e as cordialidades dele. Mas a srta. Annie Mary — talvez por ter trabalhado quarenta e cinco anos como contadora — era desconfiada tanto por natureza quanto por formação, e após sua morte ele descobriu, chocado, que ela — em sua opinião, de modo fraudulento — havia chamado um advogado de Memphis sem seu conhecimento e feito um testamento que negava totalmente o acordo informal escrito pelo sr. Dial, discretamente, enquanto acariciava sua mão no leito do hospital.

Como não era nenhuma pechincha, dificilmente o sr. Dial teria adquirido a casa de Annie Mary após sua morte, se não estivesse acostumado, durante a fase final da doença, a se considerar dono dela.

Depois de converter a parte de cima e a de baixo em dois apartamentos, cortar a noqueira-pecã e as roseiras (árvores e plantas davam despesas de manutenção), ele alugou o térreo quase que imediatamente para dois jovens missionários mórmons. Já fazia quase dez anos, e os mórmons continuavam lá — apesar do retumbante fracasso de sua doutrinação, pois não haviam conseguido converter um único cidadão de Alexandria para sua religião poligâmica.

Os rapazes mórmons acreditavam que todos os que não eram mórmons iam para o inferno (“Não vai faltar espaço para vocês lá em cima!”, o sr. Dial zombava quando aparecia, no primeiro dia do mês, para receber o aluguel; sempre repetia a mesma brincadeira quando ia lá). Mas os rapazes eram asseados, educados e não diziam a palavra “inferno” se não fossem provocados. Eles também se abstinham do álcool e dos derivados do tabaco, além de pagar o aluguel em dia. O andar superior era mais problemático. Como o sr. Dial recusara-se a investir na construção de uma nova cozinha, o lugar se tornou praticamente impossível de alugar, exceto se aceitasse negros. Em dez anos, o andar superior abrigara um estúdio fotográfico, a sede das Bandeirantes, uma pré-escola, uma sala de troféus e uma família imensa de imigrantes do Leste europeu, os quais, assim que o sr. Dial virou as costas, recolheram todos os amigos e parentes e quase puseram fogo na casa ao cozinharem em um fogareiro.

Era neste apartamento de cima que Eugene Ratliff estava agora — na sala da frente, onde o linóleo e o papel de parede ainda estavam queimados devido ao acidente com o fogareiro. Passava nervosamente a mão no cabelo (que usava penteado para trás, com muita brilhantina, no estilo malandro ultrapassado de sua juventude) e, pela janela, olhava para o irmão retardado, que acabara de sair de casa e estava atormentando uma menina de cabelo preto na rua. No chão, atrás dele, havia uma dúzia de caixas de dinamite cheias de cobras venenosas: cascavéis de vários tipos, *cottonmouths*, *copperheads* e — numa caixa só para ela — uma verdadeira naja trazida da Índia.

Pendurado na parede, cobrindo um trecho queimado, estava o cartaz feito à mão pelo próprio Eugene, que o senhorio o obrigara a retirar da frente do imóvel:

*Com a ajuda do Senhor: Defendendo e Disseminando a Religião Protestante e a obediência a todas as Leis Civis. Senhor Bêbado, Senhor Traficante, Senhor Jogador, Senhor Comunista, Senhor Destruidor de Lares e todos os que Desobedecem a Lei: o Senhor Jesus tem seu Número e há mil Olhos em cima de vocês. Melhor mudarem de profissão antes do Juízo Final de Cristo. Romanos 7:4. Este Ministério defende fervorosamente a Vida Decente e a Santidade de Nossos Lares.*

Logo abaixo havia um adesivo da bandeira norte-americana com os dizeres:

*Os Judeus e seus domínios, que são o Anticristo, roubaram nosso óleo e nossas Propriedades. Revelações 18:3. Rev. 18:11-15. Jesus unirá. Rev. 19:17.*

O hóspede de Eugene — um jovem de vinte e dois ou vinte e três anos, fibroso, de olhos arregalados e modos caipiras desengonçados, com orelhas de abano — aproximou-se de Eugene, que continuava ao lado da janela. Ele fizera o possível para pentear para trás o cabelo curto e encaracolado, mas os tufo rebeldes pipocavam pela cabeça inteira.

“Foi por inocentes como ele que Cristo derramou Seu sangue”, comentou. Seu sorriso era o sorriso frio dos fanáticos abençoados, irradiando esperança ou idiotia, dependendo da visão do espectador.

“Que Deus seja bendito”, Eugene falou mecanicamente. Eugene considerava serpentes desagradáveis, fossem peçonhentas ou não, mas por algum motivo imaginava que as cobras nas caixas espalhadas pelo chão haviam tido seu veneno removido ou se tornado inofensivas por outros meios. Caso contrário, como o pastor caipira visitante conseguia beijar

cascavéis na boca e enfiá-las pela camisa, e girá-las no ar nas igrejas de teto de zinco, como contavam? Eugene nunca vira cobras em serviços religiosos (a bem da verdade, amestradores de cobras eram raridade até nos cafundós do Kentucky, na região das minas de carvão de onde seu hóspede saíra). Contudo, ele vira muitos fiéis falando línguas estrangeiras que desconheciam, sofrendo convulsões e ataques no chão. Testemunhara a expulsão de demônios dos corpos, com um golpe certo na testa da vítima, e espíritos impuros vomitados com golfadas de sangue. Vira com os próprios olhos as curas das mãos milagrosas, que faziam com que os aleijados andassem e os cegos enxergassem. E, certa noite, num culto Pentecostal na beira do rio, perto de Pickens, no Mississippi, vira uma pastora negra chamada Cecil Dale McAllister trazer de volta do mundo dos mortos uma mulher gorda num conjunto de calça verde.

Eugene aceitava a legitimidade de tais fenômenos, assim como ele e seus irmãos aceitavam a ostentação e as rixas da Federação Mundial de Luta Livre profissional, sem dar importância ao fato de muitas lutas serem arranjadas. Sem dúvida muitos que realizavam milagres em nome do Senhor eram farsantes; legiões de salafários e golpistas viviam de tocaia, sempre em busca de novas formas de explorar seus semelhantes, e o próprio Jesus pronunciou-se contra eles — mesmo assim, se apenas cinco por cento dos ditos milagres de Cristo testemunhados por Eugene fossem genuínos, não seriam esses cinco por cento o bastante em matéria de milagres? A devoção que Eugene sentia por seu Criador era verbal, inabalável e movida pelo terror. Não restava dúvida quanto ao poder de Cristo para aliviar o fardo dos encarcerados, dos opressores e oprimidos, dos bêbados, dos amargurados, dos miseráveis. Mas a lealdade que Ele exigia era absoluta, pois Seus mecanismos de vingança eram mais rápidos que Seus mecanismos de misericórdia.

Eugene era um ministro da Palavra Divina, embora não fosse filiado a nenhuma igreja específica. Pregava a todos os ouvidos que se dispusessem a escutá-lo, como haviam feito os profetas e João Batista. Embora a fé

fosse abundante em Eugene, o Senhor não o abençoara com carisma ou dons oratórios; por vezes, os obstáculos contra os quais pelejava (no seio da própria família, inclusive) pareciam insuperáveis. Ser forçado a pregar a Palavra Divina em galpões abandonados e na beira da estrada era labutar sem descanso entre os perversos deste mundo.

O pregador montanhês não fora idéia de Eugene. Seus irmãos Farish e Danny haviam organizado a visita (“para ajudá-lo no ministério”) com tantas conversas a meia-voz e cochichos na cozinha que Eugene ficou desconfiado. Eugene não conhecia o visitante. Seu nome era Loyal Reese, era irmão mais novo de Dolphus Reese, um criminoso cruel do Kentucky que trabalhara na lavanderia da penitenciária Parchmann com Eugene, quando Farish e Eugene cumpriam pena por dois roubos de automóveis no final dos anos 1960. Dolphus não ia sair de lá nunca mais. Fora condenado à prisão perpétua mais noventa e nove anos, por formação de quadrilha e dois assassinatos em primeiro grau, crimes que ele negava, alegando que tudo havia sido armação.

Dolphus e Farish, irmão de Eugene, eram amigos por afinidade — ainda mantinham contato, e Eugene tinha a impressão de que Farish, agora do lado de fora, ajudava Dolphus em alguma jogada dele na cadeia. Dolphus media quase dois metros, sabia dirigir um carro como Junior Johnson e era capaz de matar um homem só com as mãos, de meia dúzia de modos diferentes (ele garantia). Mas, ao contrário de Farish, sempre emburrado e quieto, Dolphus falava pelos cotovelos. Era a ovelha negra de uma família de três gerações de pregadores. Eugene adorava ouvir Dolphus contar — acima do ruído ensurdecedor das imensas máquinas de lavar industriais da lavanderia da prisão — as histórias de sua infância no Kentucky: entoava hinos nas esquinas dos vilarejos montanhosos na região das minas de carvão, durante tempestades de neve, no Natal; viajava num ônibus escolar caindo aos pedaços, que seu pai usava para disseminar a fé e no qual a família inteira passava meses a fio — comendo carne enlatada na própria lata, dormindo em sacos de milho empilhados no chão,

enquanto as cascavéis sibilavam nas gaiolas. Iam de cidade em cidade, sempre fugindo da polícia, promovendo reencontros com a natureza e reuniões à meia-noite para orar sob a luz de tochas de gasolina. Os seis filhos batiam palmas, dançavam e tocavam percussão, enquanto a mãe dedilhava a guitarra Sears-Roebuck e o pai bebia estricnina de um vidro de conservas com as cobras enroladas nos braços, no pescoço, em volta da cintura, como se fossem cintos vivos — os corpos escamados ondulando para cima no embalo da música, como se quisessem subir no ar, enquanto ele pregava em idiomas estranhos batendo o pé e sacudindo-se todo. Eles cantavam sem parar, louvando o poder do Deus Vivo, Suas maravilhas e Seus milagres, bem como o terror e o êxtase de Seu amor terrível, terrível.

O visitante — Loyal Reese — era o caçula da família, o bebê do qual Eugene ouvira falar na lavanderia do presídio, o que dormia desde o nascimento no meio das cascavéis. Ele manipulava serpentes desde os doze anos; parecia inocente como um carneirinho, com sua orelha enorme de caipira e cabelo empastado para trás, despejando beatitude de seus olhos castanhos vidrados. Pelo que Eugene sabia, ninguém da família de Dolphus (exceto Dolphus) tivera problemas com a polícia por outros motivos que não fossem suas práticas religiosas peculiares. Mas Eugene se convencera de que seus próprios irmãos, dissimulados e mal-intencionados (envolvidos com narcóticos, os dois), tinham algum motivo inconfessável para promover a visita do irmão caçula de Dolphus — algum outro motivo, além de atormentar e incomodar Eugene, claro. Seus irmãos adoravam criar problemas para Eugene, mas eram indolentes, e convidar o jovem Reese para vir com seus répteis seria esforço demais para uma simples brincadeira de mau gosto. O jovem Reese propriamente dito, orelhudo e cheio de espinhas, parecia acima de qualquer suspeita: intensamente incensado pela esperança e por sua vocação, surpreendeu-se só um pouquinho com a recepção cautelosa de Eugene.

Da janela, Eugene observava o irmão menor, Curtis, andando desajeitado pela rua. Não pedira companhia, e a presença de répteis

enjaulados silvando na Missão o perturbava. Imaginara que ficariam trancados no porta-malas do carro ou num galpão qualquer, jamais que se hospedariam em sua sala. Eugene ficou olhando, de queixo caído, enquanto as caixas forradas de encerado eram carregadas escada acima com esforço.

“Por que você não me avisou que não tiraram o veneno desses bichos?”, disse abruptamente.

O irmão caçula de Dolphus surpreendeu-se. “Isso não estaria de acordo com as Escrituras”, disse. Seu sotaque montanhês era forte como o de Dolphus, mas lhe faltava a cordialidade fingida do jogador e a violência latente. “Lido com os Sinais, aceito as serpentes como Deus as fez.”

Eugene disse secamente: “Eu poderia ter sido picado”.

“Não se estiver abençoado por Deus, meu irmão!”

Ele virou o rosto e Eugene sofreu um baque com o impacto súbito de seu olhar.

“Leia os Atos dos Profetas, meu Irmão! O Evangelho segundo Marcos! Trata-se de uma vitória sobre o Demo aqui, nos últimos dias, exatamente como foi dito nos tempos bíblicos... *E os sinais acompanharão aqueles que crêem: eles viverão com as serpentes, e se beberem um veneno mortal...*”

“Esses bichos são perigosos.”

“A mão de Deus fez as serpentes, Irmão, assim como fez os carneirinhos.”

Eugene não respondeu. Ele havia convidado o inocente Curtis para esperar a seu lado a chegada de Reese. Curtis era ótima companhia, cordial como um cachorrinho, aflito, sempre disposto a defender os entes queridos quando acreditava que corriam perigo, mesmo sendo inútil. Eugene pensou em assustá-lo, fingindo ter sido picado.

Mas quem levou a pior foi Eugene. Agora sentia vergonha de ter pensado na travessura, principalmente porque Curtis demonstrou muita piedade e preocupação com o grito aterrorizado que Eugene soltou quando uma cascavel armou o bote e o atacou, atingindo apenas a tela de

proteção. Mas ela esguichou veneno sobre a mão de Eugene. Curtis perguntou, solícito: “Picou? Picou?”.

“A marca em sua face, meu Irmão?”

“O que tem ela?”, Eugene retrucou, plenamente consciente da medonha cicatriz vermelha de queimadura em seu rosto. Não precisava que um estranho a mencionasse.

“Não é por aceitar os Sinais?”

“Acidente”, Eugene respondeu lacônico. A cicatriz resultara da aplicação de uma mistura de lixívia e Crisco, conhecida na gíria dos presos como creme angolano. Um bandido ordinário e traiçoeiro chamado Weems — de Cascilla, Mississippi, condenado por tentativa de homicídio — atirara a substância na cara de Eugene durante uma disputa por um maço de cigarros. Durante a convalescença da queimadura, o Senhor aparecera a Eugene na escuridão da noite e o instruíra sobre sua missão neste mundo; Eugene saíra da enfermaria com a visão recuperada e disposto a perdoar o agressor; mas Weems estava morto. Outro detento cortara sua garganta com uma lâmina de barbear presa na ponta de uma escova de dentes — um ato que serviu para reforçar a nova fé de Eugene nos desígnios da Providência.

“Todos nós que O amamos”, Loyal disse, “ostentamos Suas marcas.” E ergueu as mãos, marcadas e enrugadas por cicatrizes. Um dedo — quase todo preto — tinha a ponta horripelantemente inchada, e de outro restara apenas um toco.

“Eis a questão”, Loyal disse. “Precisamos estar dispostos a morrer por Ele, assim como Ele morreu por nós. E, quando manipulamos a mortífera serpente em Seu nome, mostramos nosso amor por Ele, assim como Ele o mostrou por você e por mim.”

Eugene comoveu-se. Obviamente, o rapaz era sincero — nada de ardis, ele vivia conforme sua crença, oferecendo a vida a Cristo como os mártires de antigamente. Naquele momento, foram perturbados por batidas na porta, uma série intensa e rápida: *toc toc toc toc*.

Eugene fez um movimento com a cabeça para o visitante, que desviou a vista. Por alguns instantes, permaneceram em silêncio; ouviam-se apenas os silvos e o ruído dos chocalhos nas caixas de dinamite — um som pavoroso, tão delicado que Eugene não o notara antes.

*Toc toc toc toc.* Batidas insistentes, nervosas e arrogantes — só podia ser Roy Dial. Eugene havia pago o aluguel em dia, mas Dial — um senhorio nato, irresistivelmente empenhado em intrometer-se — vivia rondando o local, usando diversos pretextos.

O jovem Reese segurou o braço de Eugene. “Um delegado da comarca de Franklin tem mandado de prisão contra mim”, disse ao ouvido de Eugene. Seu hálito lembrava feno. “Meu pai e cinco outros foram detidos lá, na noite de anteontem, por Perturbar a Paz.”

Eugene ergueu a mão para tranquilizá-lo, mas o sr. Dial girou a maçaneta com violência. “Olá! Tem alguém em casa?” *Toc toc toc toc.* Um momento de silêncio e depois, para seu horror, Eugene ouviu o ruído da chave mestra na fechadura.

Ele correu para a saída dos fundos no instante em que o pega-ladrão impediu que a porta fosse aberta.

“Eugene? Tem alguém aí?”, o sr. Dial perguntou, forçando a porta.

“Desculpe-me, senhor Dial, mas agora estou ocupado”, Eugene respondeu, com a voz melíflua que reservava aos cobradores e agentes da lei.

“Eugene! Por favor, meu caro! Sei que está ocupado, mas gostaria de trocar uma palavrinha com você.” Ponta de sapato preto na fresta da porta. “Tudo bem? Só um minutinho.”

Eugene foi até a entrada principal e aproximou a orelha da porta. “Pois não, em que posso ajudá-lo?”

“*Eugene.*” O trinco balançou de novo. “Só um segundo e já vou embora.”

*Ele devia ser pregador também,* pensou Eugene, contrariado. Limpou a boca com as costas da mão e disse em voz alta, no tom mais amigável e

cordial possível: “Lamento profundamente, mas o senhor veio numa hora complicada, senhor Dial! Estou no meio de meus estudos bíblicos!”.

Seguiu-se um momento de silêncio. Depois, a voz do sr. Dial soou novamente: “Tudo bem. Mas, Eugene, você não pode deixar aquele monte de lixo na calçada antes das cinco da tarde. Se eu receber uma multa, você será o responsável”.

“Senhor Dial”, Eugene disse, olhando fixamente para a geladeira de isopor no chão da cozinha, “lamento informar que o lixo lá fora pertence aos mórmons.”

“Não me interessa a quem pertence. O Departamento Sanitário não permite que se ponha o lixo para fora antes das cinco.”

Eugene consultou o relógio. *Cinco para as cinco, seu batista do demo.* “Tudo bem. Vou ficar de olho.”

“Obrigado! Realmente fico grato se puder ajudar nesse aspecto. Eugene, por acaso Jimmy Dale Ratliff é seu primo?”

Após uma pausa desanimada, Eugene respondeu: “Em segundo grau”.

“Estou com dificuldades para localizar o telefone dele. Pode me passar o número?”

“Jimmy Dale e a família não têm telefone em casa.”

“Se encontrar com ele, Eugene, por favor peça-lhe que passe em meu escritório, está bem? Precisamos conversar sobre um detalhe referente ao financiamento do veículo dele.”

No silêncio que se seguiu, Eugene meditou a respeito da expulsão dos vendilhões do templo por Jesus, virando suas mesas e impedindo o comércio em local sagrado. Gado e animais de tração eram sua mercadoria — os carros e os caminhões dos tempos bíblicos.

“Posso contar com você?”

“Com toda a certeza, senhor Dial!”

Eugene acompanhou os passos do sr. Dial na escada — lentamente no início, com uma parada no meio do caminho antes de retomar a descida, mais apressados. Depois, esgueirou-se até a janela. O sr. Dial não seguiu

diretamente para seu veículo (um Chevy Impala com placa da concessionária); parou e permaneceu vários minutos na frente da casa, fora da linha de visão de Eugene — provavelmente inspecionava a picape de Loyal, também Chevrolet; talvez apenas bisbilhotasse a vida dos mórmons, coitados. Gostava deles, mas os atormentava impiedosamente, provocando-os com passagens das Escrituras, interrogando-os a respeito da Vida Eterna e de outros temas.

Só quando o Chevy foi ligado (com dificuldade, fazendo um barulho estranho para um carro tão novo) Eugene retornou ao visitante, a quem encontrou apoiado num joelho, rezando concentradamente, a tremer, com o polegar e o indicador pressionados contra a órbita dos olhos, como um atleta de Cristo antes de um jogo de futebol.

Eugene, constrangido, ficou dividido entre interromper o sujeito ou unir-se a ele. Discretamente, foi até a geladeira de isopor e apanhou um pedaço morno de queijo esférico suado — e cortou para si uma fatia grande com o canivete. Sem biscoito, ele o devorou avidamente, de ombros curvados e de costas para a porta do aposento onde o hóspede continuava ajoelhado no meio das caixas de dinamite, pensando que deveria ter posto cortinas na Missão. Nunca isso lhe parecera necessário, pois encontrava-se no andar superior, e, embora seu quintal fosse limpo, as árvores da vizinhança obstruíam a visão alheia. De todo modo, um pouco mais de privacidade seria recomendável, enquanto as serpentes estivessem sob sua custódia.

Ida Rhew enfiou a cabeça pelo vão da porta do quarto de Harriet com uma pilha de toalhas nas mãos. “Você por acaso está cortando as figuras do livro?”, disse ao ver a tesoura sobre o tapete.

“Não, senhora”, Harriet respondeu. Pela janela aberta entrava o zumbido das serras: cortavam as árvores, uma por uma. Ampliar era prioridade para os dirigentes da igreja batista: novos aposentos para o

pastor, mais estacionamento, um centro para a juventude. Logo não restaria uma única árvore no terreno.

“Acho bom não fazer isso.”

“Sim, senhora.”

“E para que a tesoura então?” Beligerante, ela apontou para o chão. “Pode ir guardando”, disse. “Agora.”

Obediente, Harriet foi até a cômoda, guardou a tesoura na gaveta e a fechou. Ida fungou e afastou-se arrastando os pés. Harriet, sentada no chão ao pé da cama, esperou; assim que deixou de ouvir os passos de Ida, abriu a gaveta e pegou a tesoura de novo.

Harriet tinha sete anuários da Alexandria Academy, desde a primeira série. Pemberton terminara o primeiro curso dois anos antes. Página após página, ela examinou o capítulo dos formandos, estudando cada foto. Lá estava Pemberton em todas as cenas: piqueniques das equipes de golfe e tênis; de calça xadrez, debruçado sobre a mesa da sala de estudos; de traje a rigor com os colegas formandos, tendo ao fundo faixas brilhantes de pano branco. Sua testa brilhava e o rosto transmitia um ar de animação rósea: parecia embriagado. Diane Leavitt — irmã mais velha de Lisa Leavitt — estava de luvas e de braço dado com ele, e embora sorrisse parecia chocada por Angie Stanhope, e não ela, ter sido proclamada Rainha da Formatura.

Depois, os retratos individuais dos formandos. Smokings, espinhas, pérolas. Moças interioranas de queixo grande, desengonçadas na frente do fotógrafo. Angie Stanhope, vistosa, vencedora de tudo naquele ano. Casara-se assim que terminou o colegial, agora parecia muito cansada, envelhecida e barriguda, quando Harriet a via no armazém. De Danny Ratliff, porém, nem sinal. Teria repetido de ano? Desistido? Ela virou a página, para as fotos dos formandos quando eram pequenos (Diane Leavitt falando pelo telefone de plástico; Pem chorando, de fralda molhada, cambaleando ao lado da piscina infantil), e assustou-se ao ver que fitava a foto de seu irmão morto.

Sim, Robin: lá estava ele, numa página só para si, frágil e sardento e radiante, usando um chapéu de palha enorme que parecia pertencer a Chester. Ria — não como quem ri de algo engraçado, mas docemente, como se adorasse a pessoa que empunhava a máquina fotográfica. ROBIN, SENTIMOS SAUDADES DE VOCÊ!!!, dizia a legenda. Logo abaixo todos os alunos da turma haviam assinado seus nomes.

Ela examinou a foto por um longo tempo. Nunca soube como era a voz de Robin, mas amara seu rosto a vida inteira, acompanhara suas mudanças com carinho, por meio de uma série de instantâneos desbotados: momentos cotidianos, milagres da luz comum. Que aparência teria, crescido? Não havia meio de saber. A julgar pela foto, Pemberton fora um bebê muito feio — ombros largos, pernas tortas, sem pescoço. Nada indicava que se tornaria um rapaz tão bonito.

Não constava nenhum Danny Ratliff na classe de Pem no ano anterior (embora Pem estivesse lá novamente), mas ao percorrer com o dedo a lista de alunos, em ordem alfabética, após a foto de Pemberton, ela topou repentinamente com o nome: *Danny Ratliff*.

Seus olhos saltaram para a coluna oposta. Em vez de foto, havia apenas uma caricatura de um adolescente com os cotovelos sobre a mesa, olhando uma folha com os dizeres: “Vexame Final”. Sob o desenho, em letra de forma: OCUPADO DEMAIS — FOTO NÃO DISPONÍVEL.

Então ele havia repetido pelo menos um ano. Teria largado a escola na décima série?

Quando ela recuou mais um ano, finalmente o localizou: um menino de franja enorme cobrindo a testa e as sobrancelhas — bonito, mas ameaçador, como um artista pop problemático. Dava a impressão de ser muito velho para a nona série. Os olhos estavam meio encobertos pela franja comprida, o que lhe dava um ar misterioso, maldoso; entreabriu os lábios de maneira insolente, como se pretendesse cuspir um chiclete ou um caroço.

Ela estudou a foto por muito tempo. Depois, cuidadosamente, recortou-a com a tesoura e a guardou no caderno alaranjado.

“Harriet, venha já até aqui.” Era a voz de Ida, ao pé da escada.

“Sim, senhora?”, Harriet disse, apressando-se para terminar o serviço.

“Quem andou furando essa lancheira?”

Hely não a procurou naquela tarde, nem à noite. Na manhã seguinte — chuvosa — tampouco apareceu, por isso Harriet resolveu ir até a casa de Edie ver se ela tinha feito café-da-manhã.

“Um pastor!”, Edie dizia. “Tentando tirar proveito de viúvas e senhoras aposentadas com uma excursão da igreja!” Ela estava usando blusa cáqui e calça jeans, pois pretendia passar o dia trabalhando no Cemitério Confederado com as senhoras do Clube de Jardinagem. “Bem, ele me disse” (ela cerrou os lábios para imitar a voz do sr. Dial), “mas a Greyhound cobraria oitenta dólares de cada uma’. Greyhound! ‘Bem’, eu falei, ‘não me surpreende nem um pouco! Pelo que sei, a Greyhound continua sendo uma empresa voltada para o lucro!’.”

Ela estava lendo o jornal por cima dos óculos quando disse isso: a voz majestosa chegava a intimidar. Não dera importância ao silêncio da neta, o que levava Harriet a um recolhimento ainda mais emburrado e teimoso. Ela se concentrou na torrada que mordiscava. Decepcionara-se com Edie por causa da conversa com Ida — ainda mais porque Edie sempre escrevia cartas a deputados e senadores, promovia abaixo-assinados para salvar monumentos históricos e espécies ameaçadas de extinção. Será que o bem-estar de Ida não era tão importante quanto um marreco qualquer do Mississippi, que despertava nela uma disposição tão intensa?

“Claro que eu nem cheguei a mencionar isto”, disse Edie, fungando imperial, como se quisesse dizer *Sorte dele que não falei nada*, enquanto pegava o jornal para arrumá-lo. “Mas nunca perdoei Roy Dial pelo que fez quando papai comprou seu último carro. Papai ficou muito confuso no

final. Daria na mesma se Roy Dial tivesse derrubado nosso pai na calçada e roubado a carteira do bolso dele.”

Harriet se deu conta de que fitava a porta dos fundos com muita atenção, e resolveu retornar ao café-da-manhã. Se Hely fosse à casa dela e não a encontrasse, iria procurá-la ali, e isso às vezes criava constrangimentos, pois Edie adorava brincar com Harriet a respeito de Hely, murmurando comentários sobre namoradas e romances, cantarolando músicas melosas. Harriet suportava brincadeiras de qualquer tipo, mas não tolerava que a provocassem por causa dos meninos. Edie fingia não saber disso e observava o resultado de suas provocações (lágrimas, negativas veementes) com assombro teatral. “Parece-me que a sensibilidade dessa dama é extremada!”, dizia, zombeteira, num tom irônico que Harriet detestava. Ou, mais severa, “Você deve gostar muito desse menino, para ficar tão incomodada quando falamos nele”.

“Creio”, disse Edie, arrancando Harriet de seu devaneio, “que eles deveriam oferecer merenda quente na escola, mas não dar nem um centavo aos pais.” Ela comentava uma reportagem do jornal. Um pouco antes falara no canal do Panamá, como era insano devolvê-lo assim, sem mais nem menos.

“Acho melhor ver os falecimentos”, disse. “Era o que papai costumava dizer: ‘Acho melhor consultar os obituários primeiro, para saber se morreu algum conhecido’.”

Ela virou a página do jornal. “Gostaria que essa chuva parasse”, disse, olhando pela janela, sempre ignorando Harriet. “Há muito serviço a fazer lá fora — o barracão precisa ser limpado, e os vasos desinfetados —, mas sou capaz de apostar que as pessoas vão acordar, ver que o tempo está horrível...”

Como se programado, o telefone tocou.

“Eu já sabia”, disse Edie, batendo palmas ao se erguer da mesa. “O primeiro cancelamento do dia.”

Harriet voltou para casa a pé, na garoa, de cabeça baixa, protegida pelo guarda-chuva gigante de Edie com o qual costumava brincar de Mary Poppins quando era menor. A chuva gorgolejava nas sarjetas; hastes compridas de lírios alaranjados, fustigadas pela chuva, debruçavam-se avidamente sobre a calçada, como se fossem gritar com ela. Torcia para que Hely surgisse correndo no meio das poças, com sua capa de chuva amarela; decidira ignorá-lo se aparecesse, mas as ruas fumegantes estavam vazias: nem gente, nem carros.

Como não havia ninguém para impedi-la de brincar na chuva, saltava ostensivamente de poça em poça. Será que Hely e ela iam ficar sem se falar? O maior período que ficaram sem se falar ocorrera na quarta série. Discutiram na escola, durante o recesso de inverno, em fevereiro, quando o granizo batia nas janelas e as crianças estavam agitadas por permanecer trancadas durante três dias, sem ir ao parquinho. A classe, superlotada, fedia; a suor e pó de giz e a leite azedo também, mas principalmente a urina. O carpete que cobria o piso todo cheirava a urina; nos dias úmidos o odor embrulhava o estômago de qualquer um, muitas crianças tapavam o nariz ou simulavam náuseas; até a professora, a sra. Miley, percorria a classe com uma lata de desodorizador de ambiente Glade Floral Bouquet, que espargia com movimentos firmes, decididos, de modo que uma garoa desodorante permanente caía sobre a cabeça das crianças, que voltavam para casa com cheiro de penteadeira de quarto de velha.

A sra. Miley não deveria deixar a classe sozinha, mas como não gostava do cheiro de urina costumava ir ao corredor bater papo com a professora da quinta série, a sra. Rideout. Sempre deixava um aluno como responsável pela classe, e naquela ocasião escolhera Harriet.

Ficar “responsável” não era fácil. Enquanto Harriet, à porta, verificava se a sra. Miley ia voltar logo, os outros alunos — que não precisavam se preocupar com nada, exceto retornar a tempo a seus lugares — corriam pela sala abafada e fedorenta: riam, gritavam, brincavam de pegador e

jogavam damas, faziam bolas de papel com as folhas dos cadernos e as atiravam na cara dos outros. Hely e um menino chamado Greg DeLoach se divertiam tentando acertar Harriet na nuca com bolas de papel, enquanto ela vigiava. Nenhum dos dois se preocupava com a possibilidade de ser delatado. As pessoas temiam tanto a sra. Miley que ninguém entregava ninguém. Mas Harriet estava num mau humor terrível, porque precisava ir ao banheiro e porque odiava Greg DeLoach, que limpava o nariz com o dedo e comia a meleca. Quando Hely brincava com Greg, a personalidade do colega o infectava como uma doença contagiosa. Juntos, atiravam bolinhas de papel mascado e gritavam insultos a Harriet, e uivavam caso ela se aproximasse dos dois.

Por isso, quando a sra. Miley retornou, ela se queixou de Greg e Hely. Para reforçar sua causa, disse que Greg a chamara de vaca. No passado, Greg realmente xingara Harriet de vaca (uma vez chegou a usar um palavrão misterioso que soava como “vaca-maga”), mas nessa ocasião específica ele não a insultara, exceto pelo Gorda. Hely foi obrigado a decorar cinquenta palavras extras do vocabulário e Greg, além das palavras, recebeu nove golpes de palmatória (uma para cada letra de “vaca” e “gorda”) da rígida sra. Kennedy, grande como um homem e eterna encarregada da palmatória no primeiro grau.

O principal motivo de Hely passar tanto tempo furioso com Harriet foi ter precisado de três semanas para memorizar palavras suficientes para obter média na prova escrita. Harriet se conformara estoicamente, sem muito sofrimento, com a vida sem Hely, que era a vida cotidiana anterior, apenas mais solitária; mas, dois dias depois da prova, lá estava ele na porta dos fundos da amiga, convidando-a para passear de bicicleta. Em geral, após as rusgas, cabia a Hely reatar, fosse culpa dele ou não, pois tinha memória mais curta, além de ser o primeiro a entrar em pânico quando se via com uma hora sem nada para fazer e ninguém para brincar.

Harriet sacudiu o guarda-chuva e o deixou no terraço do fundo. Entrou, passou pela cozinha e seguiu pelo corredor. Ida Rhew saiu da sala e

obstruiu a passagem antes que ela pudesse subir a escada para o quarto.

“Espere um pouco!”, disse. “Você e eu ainda não conversamos sobre a lancheira. Sei que foi você quem encheu ela de buracos.”

Harriet balançou a cabeça. Embora sentisse a tentação de manter a negativa, não tinha energia para uma mentira convincente.

“Você por acaso vai querer me convencer de que alguém entrou em casa e aprontou aquilo?”

“É a lancheira de Allison.”

“Você sabe muito bem que sua irmã não ia encher a lancheira de buracos”, Ida gritou na beira da escada, enquanto ela subia. “Se pensa que vai me enrolar, está muito enganada.”

*Vamos ligá-lo...*

*Vamos levar a força até você...*

Hely, desanimado, de pernas cruzadas, assistia televisão no chão, com meia tigela de Giggle Pops no colo e os robôs Rock'em Sock'em — um dos quais avariado, com o cotovelo rompido — largados no chão a seu lado. Além deles, de cara no chão, havia um GI Joe que servira de árbitro.

A *Companhia Elétrica* era um programa educacional, mas pelo menos não chegava a ser tão estúpido quanto *Mister Rogers*. Ele levou à boca, distraidamente, outra colher cheia de Giggle Pops — estavam moles, naquela altura, o corante esverdeara o leite, mas os minimarshmallows continuavam da cor de cascalho de aquário. A mãe, minutos antes, havia descido e enfiado a cabeça na sala de tevê para perguntar se ele queria ajudá-la a fazer biscoitos; e ele ficara bravo quando sua recusa desdenhosa a magoou. *Tudo bem*, ela havia dito, sem perder o prumo, *como preferir*.

Não: jamais lhe daria o gostinho de demonstrar interesse. Cozinhar era coisa de menina. Se a mãe realmente o amasse, o levaria ao boliche.

Comeu outra colherada de Giggle Pops. O açúcar saíra inteiro e o gosto perdera toda a graça.

Na casa de Harriet, o dia se arrastava. Ninguém dava sinal de ter notado a ausência de Hely — exceto, surpreendentemente, a mãe de Harriet, que talvez não percebesse nem um furacão passando e arrancando o telhado da casa. “Cadê o pequeno Price?”, perguntou a Harriet, da varanda, naquela tarde. Ela chamava Hely de pequeno Price porque esse era o sobrenome de solteira da mãe dele.

“Sei lá”, Harriet respondeu secamente antes de subir. Mas em pouco tempo entediou-se — andava da cama até a janela, sentava-se para ver a chuva bater na vidraça — e não tardou a descer de novo.

Depois de perambular sem rumo por algum tempo, e de ser expulsa da cozinha, ela finalmente acomodou-se num canto do chão do corredor, onde as tábuas eram bem lisas, para brincar com a bolinha. Enquanto jogava, marcava o ritmo da bola com uma canção repetitiva, hipnótica, em contraponto com a música monótona entoada por Ida na cozinha:

*Daniel viu a pedra rolando da montanha.*

*Daniel viu a pedra rolando da montanha.*

*Daniel viu a pedra rolando da montanha.*

A bolinha era uma perereca feita de um plástico rígido que pulava mais alto que borracha. Se batesse numa determinada cabeça de prego um pouco proeminente, ricocheteava num ângulo inesperado. E aquela determinada cabeça de prego mais alta — preta, torta para o lado, lembrando o chapéu-sampana de um chinês —, até mesmo aquela cabeça de prego era um pequeno objeto inocente e cordial no qual Harriet prestava atenção, um ponto agradavelmente fixo no caos do tempo. Quantas vezes Harriet pisara naquele prego com os pés descalços? Fora entortado a golpes de martelo, perto da cabeça, não havia arestas afiadas o bastante para cortar, embora certa vez, quando ela tinha cerca de quatro

anos e escorregava sentada pelo assoalho, o prego enganchara em sua calcinha e a rasgara: calcinha azul, parte de um conjunto da Kiddie Korner, bordada com letras rosadas, uma para cada dia da semana.

Três, seis, nove, faltava mais uma. A cabeça do prego era constante: não mudara desde sua tenra infância. Não: permanecera lá, descansando silenciosamente no canto escuro atrás da porta, enquanto o resto do mundo destrambelhava. Mesmo a Kiddie Korner — onde as roupas de Harriet eram adquiridas até recentemente — fechara as portas. A sra. Rice, miúda, empoadada de rosa — uma figura permanente no início da vida de Harriet, com seus óculos pretos grandes e bracelete grosso de ouro —, a vendera e fora para um asilo. Harriet não gostava de passar na frente da loja vazia, embora sempre protegesse a vista com a mão e parasse para espiar pela vitrine, quando andava por ali. Alguém removera as cortinas dos trilhos, e as prateleiras estavam vazias. Havia jornais espalhados pelo chão e manequins infantis fantasmagóricos — bronzeados, nus, com cortes de cabelo antiquados — olhando fixamente para um lugar ou outro, na penumbra vazia.

*Jesus era a pedra, rolando da montanha  
Jesus era a pedra, rolando da montanha  
Jesus era a pedra, rolando da montanha  
Arrasando o reino deste mundo.*

Quatro. Cinco. Era a campeã americana de bolinha. Era a campeã do mundo. Com um entusiasmo só um pouco forçado, ela gritava os pontos, torcia por si mesma, pulava para comemorar seu desempenho, animada. Por um tempo, a agitação passou por divertimento. Todavia, por mais que tentasse se distrair, não conseguia esquecer que ninguém se importava se ela estava se divertindo ou não.

Danny Ratliff acordou da sesta com o pé esquerdo. Dormira pouco nas últimas semanas, desde que o irmão mais velho, Farish, montara o laboratório de metanfetamina no galpão de taxidermia, atrás do trailer da avó. Farish não era químico, mas conseguia produzir uma anfetamina razoável, e a jogada dava muito lucro. Juntando as drogas, os cheques da pensão por invalidez e as cabeças de cervo que empalhava para os caçadores locais, Farish ganhava cinco vezes mais do que nos velhos tempos em que arrombava casas e furtava baterias de veículos. Agora ele não queria mais saber daquelas atividades. Desde que saíra do hospício, Farish recusava-se a usar seus talentos consideráveis, exceto na condição de consultor. Embora tivesse ensinado aos irmãos tudo que eles sabiam, não participava mais das saídas; recusava-se a ouvir detalhes específicos dos golpes e até mesmo a acompanhá-los no carro. Mesmo sendo muito mais capacitado do que os irmãos em arrombamento, ligação direta, reconhecimento tático e esquema de fuga, bem como qualquer outro aspecto da profissão, sua nova política de não-envolvimento acabava sendo proveitosa para todos, no final das contas. Farish era um mestre, muito mais útil em casa do que atrás das grades.

O detalhe genial do laboratório de metanfetamina era o serviço de taxidermia (que Farish tocava, irregularmente, havia vinte anos), que lhe dava acesso a produtos químicos difíceis de obter de outro modo; ademais, o fedor do empalhamento ajudava imensamente a disfarçar o cheiro de urina de gato peculiar da produção de metanfetamina. Os Ratliff viviam no meio do mato, a uma boa distância da rodovia, mas mesmo assim o cheiro os denunciaria logo, e muitos laboratórios (Farish contou) haviam sido fechados por causa de vizinhos abelhudos ou do vento soprando na direção errada, direto até a janela de uma viatura policial que passava pela estrada.

A chuva cessara; o sol brilhava por entre as cortinas. Danny fechou os olhos para evitar a luz e rolou pelas molas que rangiam, enterrando a cara no travesseiro. Seu trailer — um dos dois atrás do trailer maior onde

morava a avó — ficava a uns cinquenta metros do laboratório de metanfetamina, mas o fedor da droga e o da taxidermia, juntos, o sufocavam; Danny viva a ponto de vomitar. A mistura de mijo de gato, formaldeído, carne podre e morte penetrara praticamente em tudo: roupas e mobília, água e ar, xícaras e pratos de plástico da avó. O irmão fedia tanto que se tornara quase impossível chegar a menos de dois metros dele, e em várias ocasiões Danny sentira, horrorizado, o mesmo cheiro, atenuado, em seu próprio suor.

Permaneceu deitado, com o coração batendo forte. Passara várias semanas ligado, praticamente sem parar, sem dormir exceto por cochilos esporádicos. Céu azul, música agitada no rádio, longas noites de velocidade que se desenrolavam intermináveis na direção de um ponto imaginário no infinito enquanto ele mantinha o pé no fundo do acelerador e as varava, noite após noite, vendo clarear e escurecer e clarear de novo, como se atravessasse tempestades de verão num trecho longo e reto da rodovia. Não ia a lugar algum, só ia depressa. Certas pessoas (mas não Danny) viajavam tão depressa e longe e alucinadas, atravessando manhãs de trevas rilhando os dentes, ouvindo o canto dos pássaros antes do amanhecer, que *puf*: piravam. Permanentemente afetadas, de olhos arregalados, tremendo e se mexendo de todas as maneiras: convencidas de que os vermes estavam comendo a medula de seus ossos, que as namoradas as traíam, que o governo as vigiava pela televisão e que os cachorros transmitiam mensagens em código Morse. Danny vira um pirado no fim da linha (K. C. Rockingham, já falecido) se espetar com uma agulha de costura até os braços parecerem ter sido mergulhados numa fritadeira até a altura do cotovelo. Vermes minúsculos haviam penetrado na pele, alegou. Durante duas longas semanas, num estado próximo ao êxtase, ele passara vinte e quatro horas por dia sentado na frente da televisão furando a carne dos braços, gritando “Peguei” e “Arrá!” para os vermes imaginários. Farish passara perto de uivar de demência em uma ou duas oportunidades (durante um incidente particularmente

preocupante, ele brandiu um ferro de lareira ameaçadoramente, gritando absurdos sobre John F. Kennedy) e Danny não tinha a menor intenção de atingir aquele estado.

Não: estava bem, numa boa, só suava feito um tigre, sentia calor demais e alguma irritação. Um tique fazia com que uma das pálpebras tremesse sem parar. Ruídos, por menores que fossem, abalavam seus nervos. Em geral, porém, ele sofria por ter os mesmos pesadelos todas as noites, e eles já duravam uma semana naquela altura. Pareciam aguardá-lo, atentos ao momento em que fechasse os olhos. Quando deitava na cama e dormia, inquieto, eles avançavam e o agarravam pelos tornozelos e o levavam embora com uma velocidade assustadora.

Ele se deitou de costas e olhou para a moça de maiô do cartaz pendurado no forro. Como numa ressaca brava, resquícios do sonho ainda o perturbavam, próximos e venenosos. Por mais terríveis que fossem, ele nunca conseguia se lembrar dos detalhes ao acordar, nem de qualquer pessoa ou situação (embora houvesse sempre pelo menos uma outra pessoa), só que o arrastavam assustado para um vazio sufocante: debatiasse, aterrorizado, entre asas negras. Não parece tão ruim assim contando, mas para ele era o mais terrível pesadelo que já sofrera.

Moscas pretas revoavam na rosca comida pela metade — seu almoço — em cima da mesa-de-cabeceira. Alçaram vôo zumbindo quando Danny se levantou e as espantou, enfurecido, por algum tempo. Mas logo voltaram à rosca.

Como seus irmãos Mike e Ricky Lee iam passar um tempo na cadeia, Danny tinha o trailer só para si. Mas ele era velho, de teto baixo, e embora Danny o mantivesse absolutamente limpo, com os vidros lavados, sem um único prato na pia, estava caindo aos pedaços e era úmido. O ventilador elétrico virava de um lado para outro, fazendo com que as cortinas finas esvoaçassem. Do bolso da camisa de denim, pendurada numa cadeira, ele pegou a lata de rapé que não continha tabaco, mas trinta gramas de metanfetamina em pó.

Ele cheirou uma carreira gorda nas costas da mão. Ardeu gostoso, pegou de leve no fundo da garganta e fez seus olhos lacrimejarem. Quase instantaneamente, o mal-estar desapareceu: as cores se firmaram, o nervosismo passou, a vida não parecia mais tão ruim. Rápido, com mãos trêmulas, ele bateu mais uma rapa e cheirou antes mesmo que a primeira dose fizesse a cabeça de vez.

Puxa vida: uma semana no interior. Arco-íris e estrelas cintilantes. De repente, sentiu-se genial, descansado, por cima de tudo. Danny fez a cama, esticada feito um tambor, esvaziou o cinzeiro e o lavou na pia, jogou no lixo a lata de Coca e os restos da rosquinha. Na mesa de cabeceira havia um quebra-cabeça pela metade (paisagem em tons pastel, árvores e cachoeira no inverno), que servira para distraí-lo nas muitas noites em claro. Seria legal se dedicar a isso por um tempo? Claro. O quebra-cabeça. Mas sua atenção foi logo atraída pelo problema da fiação elétrica. Os cabos estavam emaranhados, passando em volta do ventilador, subindo pelas paredes, estendidos pelo chão em várias direções. Rádio-relógio, televisão, torradeira, um monte de aparelhos. Espantou a mosca que rondava sua cabeça. Precisava dar um jeito na fiação, arrumar melhor os cabos. Na distante televisão do trailer da avó, a voz de um locutor da Federação Mundial de Luta Livre vencida a neblina e proclamava com clareza: “Doutor Morte está *v-v-voando* no ringue...”.

“Sai do meu pé”, Danny gritou sem se dar conta. Quando voltou a si, havia matado duas moscas e examinava seus restos mortais na aba de seu chapéu de caubói. Não se lembrava de ter pego o chapéu e nem sequer sabia que estava no quarto.

“De onde você veio?”, perguntou ao chapéu. Esquisito. As moscas — agora mais agitadas — zumbiam em torno de sua cabeça, mas era o chapéu que intrigava Danny naquele momento. Por que estaria ali? Ele o deixara no carro; tinha certeza. Atirou-o em cima da cama — subitamente, temia tocá-lo — e notou algo de estranho no ângulo em que caíra sobre as cobertas esticadas, como se estivesse vivo, o que o enervou.

*Foda-se*, Danny pensou. Estendeu o pescoço, ajeitou a calça jeans e saiu. Encontrou o irmão, Farish, recostado numa espreguiçadeira de alumínio na frente do trailer da avó, limpando a sujeira debaixo das unhas com um canivete. Em torno dele distribuía-se vários passatempos: uma pedra de amolar; uma chave de fenda e um rádio transistorizado parcialmente desmontado; um livro de bolso com suástica na capa. No chão mesmo, no meio de toda aquela tranqueira, estava sentado o irmão caçula, Curtis, com as pernas grossas abertas em V, acariciando um gatinho sujo que levava junto ao queixo, enquanto cantarolava. Curtis nascera quando a mãe, que bebia muito, tinha quarenta e seis anos — e embora o pai (outro bêbado, já falecido) amaldiçoasse o nascimento de Curtis em altos brados, o menino era uma doce criatura, adorava bolo, música de gaita e o Natal. Exceto pelo fato de ser desajeitado e lento, não tinha nenhuma imperfeição além da surdez parcial, que o levava a ver televisão com o som alto demais.

Farish, com os dentes cerrados, balançava a cabeça para Danny, sem erguer a vista. Também estava muito ligado. O agasalho marrom (uniforme da United Parcel com um buraco no peito, pois o logotipo fora arrancado) aberto até quase a cintura deixava à mostra uma parte do tórax peludo. Inverno ou verão, Farish não usava outra coisa fora aqueles agasalhos marrons, a não ser que tivesse de comparecer a uma audiência ou a um funeral. Ele os comprava de segunda mão, por dúzia, do Parcel Service. Anos antes, Farish trabalhara para o Correio, embora não num caminhão, como entregador de encomendas, e sim como carteiro, a pé. De acordo com ele, não existia modo mais discreto de avaliar bairros abastados, saber quem estava ou não na cidade, quem deixava a janela destrancada ou os jornais empilhados no fim de semana. Também sabia se havia cães de guarda capazes de complicar o acesso. Essas atividades paralelas custaram a Farish o emprego, e teria sido mandado para Leavenworth se o promotor distrital tivesse conseguido provar que Farish cometera os arrombamentos ocorridos em sua área de atuação.

Sempre que alguém na Black Door Tavern zombava de Farish por causa do uniforme da UPS ou perguntava o motivo daquela escolha, Farish respondia, exasperado, que trabalhara no Correio. Mas essa não era a razão, pois Farish remoía um amargo ressentimento contra o governo federal e, acima de tudo, contra o Correio. Danny suspeitava que o verdadeiro motivo para Farish gostar dos uniformes era que usara um traje similar no hospital psiquiátrico (outra história), mas esse não era o tipo de assunto que Danny ou qualquer outra pessoa pudesse mencionar impunemente a Farish.

Ele estava quase entrando no trailer maior quando Farish colocou o encosto da espreguiçadeira na posição horizontal e fechou o canivete. Seu joelho acompanhava o ritmo da música. Farish tinha um olho cego — branco, leitoso —, e mesmo depois de tantos anos Danny ficava nervoso quando Farish o fixava nele, como naquele momento.

“Gum e Eugene acabaram de ter uma conversinha lá dentro sobre a televisão”, disse. Gum era a avó deles — mãe de seu pai. “Eugene acha que Gum não devia assistir novela.”

Enquanto ele falava, os dois irmãos olhavam para o outro lado da clareira, na direção da mata silenciosa, sem se encarar — Farish largado na cadeira, Danny em pé a seu lado, como se fossem passageiros num trem lotado. A avó deles adorava novelas. O mato alto crescia em volta de um carro abandonado; no meio das ervas daninhas um carrinho de mão jazia emborcado.

“Eugene diz que não são cristãos. Tá!”, Farish disse, dando um tapa no joelho que fez Danny pular. “Na luta livre ele não vê nada de errado. Nem no futebol. O que a luta livre tem de cristão?”

Exceto por Curtis — que gostava de tudo no mundo, até das vespas e abelhas e das folhas que caíam das árvores —, os Ratliff mantinham um relacionamento tenso com Eugene. Ele era o segundo irmão; ensinara a Farish o ofício familiar (crimes diversos) após a morte do pai. Nisso foi eficiente, embora não muito dedicado ou criativo, mas depois — quando

cumpria pena por furto de automóveis na penitenciária Parchman no final dos anos 1960 — ele teve uma visão que o instruiu a crer em Jesus e a exaltar Seu nome. Depois disso, o relacionamento de Eugene com o resto da família estremeceu. Ele se recusava a sujar as mãos fazendo o que considerava obra do Diabo, embora — como Gum costumava lembrar, estridente — aceitasse de bom grado a comida e o teto fornecidos pela obra do Diabo.

Eugene não se importava. Ele despejava as Escrituras em cima deles, discutia com a avó sem cessar, e em geral dava nos nervos de todos. Herdara o mau humor do pai (embora, felizmente, não seu temperamento violento); mesmo nos velhos tempos, quando Eugene furtava carros e passava a noite embriagado, não chegava a ser um companheiro divertido, mas agora, apesar de não guardar ressentimento nem se importar com os insultos, sendo basicamente um sujeito decente, seu proselitismo matava os outros de tédio.

“O que Eugene está fazendo aqui, afinal?”, Danny perguntou. “Pensei que ele ia ficar na missão com o cara das cobras.”

Farish riu — um riso agudo de escárnio. “Aposto que Eugene vai deixar a missão por conta de Loyal enquanto as cobras estiverem por lá.” Eugene acertara ao suspeitar de motivos ímpios para a visita de Loyal Reese, distantes da fé e da solidariedade cristã, pois tudo fora engendrado por Dolphus, o irmão de Loyal, de sua cela na penitenciária. As remessas de anfetamina do laboratório de Farish haviam cessado quando o traficante a serviço de Dolphus fora detido por um antigo delito em fevereiro. Danny se oferecera para levar a droga até Kentucky pessoalmente, mas Dolphus não queria que ninguém entrasse em seu território para fazer a distribuição (cautela compreensível para quem se encontra atrás das grades), e além disso qual a necessidade de contratar alguém, se Loyal, seu irmão menor, podia fazer o serviço de graça? Loyal, claro, estava no escuro — pois era um devoto e não cooperaria conscientemente com os planos feitos na cadeia por Dolphus. Ele pretendia comparecer a um “encontro”

religioso no leste do Tennessee; passara em Alexandria para fazer um favor a Dolphus, cujo melhor amigo (Eugene) precisava de ajuda para se firmar no ramo evangélico. Loyal só sabia isso. Mas quando, inocentemente, retornasse ao Kentucky, levaria junto com os répteis um certo número de pacotes reforçados, que Farish esconderia no compartimento do motor da picape.

“Não consigo entender”, Danny disse, com os olhos fixos no pinheiral que se erguia escuro em torno da pequena clareira emporcalhada onde viviam, “como eles conseguem manipular as cobras. Não são mordidos?”

“Toda hora”, Farish disse, virando a cabeça agressivamente. “Pergunte ao Eugene. Ele vai contar coisas que você preferia não saber.” Farish balançava sem parar a bota de motoqueiro. “Se você mexe com cobras e não leva uma picada, isso é um milagre. E se leva uma picada é um milagre também.”

“Picada de cobra não é milagre coisa nenhuma.”

“Claro que é, se em vez de ir ao médico você rolar no chão e gritar o nome de Jesus. Desde que continue vivo.”

“E se morrer?”

“Outro milagre. Chamado ao céu por ter recebido a Revelação.”

Danny riu, irônico. “Puxa vida”, disse, cruzando os braços sobre o peito. “Se tem milagre a dar com pau, qual é a graça?” O céu assumira um tom forte de azul por cima dos pinheiros, refletindo o azul nas poças d’água do chão, e ele se sentia ótimo, doidão. Pensou em pegar o carro e dar um pulo no Black Door ou ir até o reservatório.

“Eles podem achar um ninho cheio de milagres se entrarem no mato e começarem a virar umas pedras”, Farish disse emburrado.

Danny riu, retrucando: “Sabe o que seria um milagre? Eugene pegar uma cobra com as mãos”. A pregação de Eugene não rendia muito; apesar de seu fervor religioso, suas palavras soavam ocas, cansativas. Afora Curtis — que corria até o meio para ser salvo sempre que possível —, Eugene ainda não convertera uma alma sequer, pelo que Danny sabia.

“Se quer saber minha opinião, nunca veremos Eugene pegar numa cobra. Ele é incapaz de colocar uma minhoca no anzol. Bom, e aí, meu”, Farish perguntou, olhos fixos nos pinheiros da borda da clareira, balançando a cabeça como quem quer mudar de assunto, “o que achou daquela cascavel branca que andou por aqui ontem?”

Ele se referia à metanfetamina, ao lote que acabara de produzir. Ou, pelo menos, Danny *achou* que era isso. Com freqüência lutava para descobrir sobre o que Farish falava, principalmente quando o irmão estava bêbado ou drogado.

“Que tal?”, Farish insistiu, olhando para Danny desconfiado, piscando de leve, num movimento quase imperceptível da pálpebra.

“Nada mal”, Danny disse, preocupado, erguendo a cabeça para olhar disfarçadamente na direção oposta. Farish costumava explodir quando alguém ousava confundir suas palavras, embora na maior parte do tempo as pessoas não fizessem a menor idéia do que ele tentava dizer.

“*Nada mal.*” O olhar de Farish antecipava tanto bom humor quanto violência. Ele balançou a cabeça. “Puro pó. Eu devia jogar você pela janela. Quebrei a cabeça para purificar o produto na semana passada, cheirava a puro iodo. Filtrei tudo no álcool com remédio para frieira e outros lances, mas o bagulho continuava tão melado que não dava para aspirar pelo nariz. Mas uma coisa eu posso afirmar com certeza”, resmungou, largando o corpo na espreguiçadeira, cujos braços agarrou com força, como se aguardasse a decolagem, “um lote desses, cara, por mais que você misture...” De repente, ele se levantou num salto e gritou: “Eu falei para *tirar essa coisa de perto de mim!*”.

Tapas, gritos entrecortados; Danny saiu de lado e, com o canto do olho, viu o gatinho voar longe. Curtis, encolhendo-se todo numa bola de medo e pesar, levou o punho fechado ao olho e correu desajeitado para apanhar o gato. Era o último da ninhada, pois os pastores alemães de Farish tinham dado cabo do resto.

“Eu avisei”, Farish disse, assumindo uma postura ameaçadora, “eu avisei para ele nunca deixar o gato se aproximar de mim.”

“Sei”, Danny comentou, desviando a vista.

As noites eram sempre calmas demais na casa de Harriet. Os relógios tiquetaqueavam muito alto; fora do círculo luminoso dos abajures sobre as mesas, os cômodos pareciam escuros e cavernosos e o teto, de tão alto, sumia em sombras infinitas. No outono e no inverno, quando o sol se punha às cinco da tarde, piorava; mas ficar acordada e contar apenas com a companhia de Allison era, de certo modo, pior do que ficar sozinha. Deitada na outra ponta do sofá, a irmã de cara azulada pelo reflexo da tevê descansava os pés no colo de Harriet.

Distraída, Harriet examinava os pés de Allison — úmidos e rosados como um presunto, surpreendentemente limpos, uma vez que Allison andava descalça o dia inteiro. Não admirava que Allison e Weenie tivessem se entendido tão bem. Weenie fora mais humano que felino e Allison era mais felina que humana, sempre absorta em sua própria vida, ignorando os outros na maior parte do tempo, embora se sentisse perfeitamente à vontade em se aninhar em Harriet quando queria, a ponto de pôr os pés no colo da irmã sem nem pedir licença.

Os pés de Allison pesavam. Subitamente, ela os mexeu com violência. Harriet ergueu a vista e percebeu que os olhos fechados de Allison se mexiam de leve. Sonhava. Rapidamente, Harriet agarrou-lhe um dedo e o torceu. Allison gemeu e puxou o pé em direção ao corpo, feito uma cegonha.

“Com que estava sonhando?”, Harriet perguntou.

Allison — com a face marcada pelo relevo do forro do sofá — virou os olhos semicerrados e fitou a irmã como se não a reconhecesse... *Minha nossa*, pensou Harriet, com distanciamento clínico, observando a confusão da irmã, *parece que ela está vendo outra pessoa, além de mim.*

Allison cobriu o rosto com as duas mãos. Permaneceu deitada por um momento, imóvel, depois levantou-se. Rosto inchado, pálpebras pesadas, inescrutáveis.

“Você estava *sonhando*”, Harriet insistiu, observando-a atentamente.

Allison bocejou. Depois, espreguiçando-se, seguiu na direção da escada, cambaleando de tanto sono.

“Espere!”, Harriet gritou. “O que você andou sonhando? Vamos, me conte.”

“Não posso.”

“Como assim, não pode? Ou não quer?”

Allison virou-se para encará-la — com uma expressão estranha, Harriet pensou.

“Não quero que aquilo aconteça”, ela disse, iniciando a subida da escada.

“O que você não quer que aconteça?”

“O que acabei de sonhar.”

“O que foi? Tinha a ver com Robin?”

Allison parou no primeiro degrau e virou a cabeça. “Não”, explicou. “Tinha a ver com você.”

“Foram apenas cinquenta e nove segundos”, Harriet declarou friamente, enquanto Pemberton engasgava e tossia.

Pem agarrou a borda da piscina e limpou os olhos com o antebraço. “Uma ova!”, disse, entre tossidas. Seu rosto arroxeadado adquirira um tom semelhante ao do tênis de Harriet. “Você contou muito devagar.”

Harriet, com um suspiro longo, furioso, expeliu todo o ar dos pulmões. Inspirou com força e expirou uma dúzia de vezes, até a cabeça começar a girar, e após sugar todo o ar possível mergulhou e começou a nadar.

Cruzar a piscina foi fácil, na ida. No caminho de volta, no frio dos fachos de luz azul tigrados, tudo ficou mais espesso, em câmera lenta — o

braço de um menino que boiava ali perto, branco como o de um cadáver; a perna de outro, com bolhinhas de ar presas aos pêlos, rolando em seguida para cima, espumando, enquanto o sangue latejava intenso nas têmporas, batendo e voltando, batendo e voltando com mais força ainda, como ondas do mar quebrando na praia. Lá em cima — difícil imaginar — a vida prosseguia com suas cores brilhantes, altas temperaturas e velocidades. Crianças gritavam quando os pés tocavam o piso quente, outros passavam toalhas meio molhadas nas costas, chupando picolés azulados, da cor da água da piscina. Bomb Pops, eles se chamavam, eram a sensação daquele verão, a última moda. Pingüins tremiam no freezer do bar da piscina. Lábios azulados... línguas azuladas... tremores, tremores e dentes batendo, *frio...*

Ela irrompeu na superfície com um estardalhaço ensurdecedor, como se rompesse um vidro; ali era raso, mas não o suficiente para permitir que ficasse de pé; saltitou na pontinha dos pés, engasgada como Pemberton, que a observava com interesse e pulou na piscina para ajudá-la.

Antes que se desse conta do que estava acontecendo, foi agarrada por trás com habilidade, de repente sentiu a orelha encostar no peito dele e viu a parte interna dos dentes, amarelada de nicotina. Seu odor pungente — adulto, incomum, e não muito agradável para Harriet — suplantava até os produtos químicos usados no tratamento da água.

Harriet escapou dos braços dele, e os dois se separaram. Pemberton, de costas, deu uma braçada vigorosa que espalhou muita água. Harriet nadou para a borda e saiu, orgulhosa em seu maiô listado de amarelo e preto que parecia uma fantasia de abelha (Libby comentara).

“O que foi? Não gosta de ser salva?”

Seu tom de voz era arrogante mas afetuoso, como se falasse com um gatinho que o arranhara. Harriet fez uma careta e jogou água no rosto dele.

Pem mergulhou. “O que foi?”, perguntou, provocador. Tinha perfeita noção — até irritava — do quanto era belo, com seu sorriso arrogante e

cabelo dourado flutuando atrás de si na água azul, como o alegre tritão da edição ilustrada de Tennyson de Edie:

*Quem seria  
Um intrépido tritão  
Sentado solitário  
Cantando solitário  
No fundo do mar  
Com uma coroa de ouro?*

“Hã?” Pemberton soltou o tornozelo de Harriet e jogou água nela, suavemente, depois balançou a cabeça para borrifá-la. “Cadê meu dinheiro?”

“Que dinheiro?”, Harriet perguntou, atônita.

“Eu a ensinei a fazer hiperventilação, não foi? Como eles ensinam os mergulhadores naqueles cursos caríssimos.”

“Certo, mas foi só isso. Eu treino prender o fôlego diariamente.”

Pem recuou, bancando o ofendido. “Tínhamos combinado, Harriet.”

“Não combinamos nada!”, Harriet retrucou, furiosa. Não suportava ser provocada.

Pem riu gostoso. “Deixa pra lá. Eu é que deveria pagar você pela lição. Sabe...” Ele enfiou a cabeça na água e a tirou em seguida. “Sua irmã ainda está chateada por causa do gato?”

“Acho que sim. Por quê?”, Harriet perguntou, desconfiada. O interesse de Pem por Allison não fazia sentido para ela.

“Ela devia arranjar um cachorro. Cães aprendem truques, e a gente não consegue ensinar nada a um gato. Eles cagam e andam pra todo mundo.”

“Ela também.”

Pemberton riu. “Certo. Então acho que um cachorrinho é exatamente o que ela precisa”, disse. “Há um aviso na sede do clube, anunciando a venda de filhotes de chow-chow.”

“Ela prefere gatos.”

“Já teve um cachorro?”

“Não.”

“Então ela não sabe o que está perdendo. Os gatos dão a impressão de que estão ligados, mas só ficam largados, olhando tudo.”

“Não no caso de Weenie. Ele era um gênio.”

“Aposto que sim.”

“Sério. Entendia tudo que falávamos. E tentava *conversar com a gente*. Allison passava muito tempo ensinando o Weenie. Ele fazia o possível, mas sua boca era muito diferente, não conseguia emitir os sons corretos.”

“Devia ser meio difícil mesmo”, Pemberton disse, virando para boiar de costas. Seus olhos eram do mesmo azul-claro da piscina.

“Mas ele aprendeu várias palavras.”

“É? Quais?”

“Nariz, por exemplo.”

“*Nariz?* Mas que palavra maluca para ensinar a um gato”, Pemberton disse, distraído, olhando para o céu enquanto seu cabelo louro se espalhava feito um leque pela superfície da água.

“Ela quis começar pelo nome das coisas, objetos para os quais podia apontar. Como a senhorita Sullivan com Helen Keller. Ela tocava o nariz de Weenie e dizia: ‘Nariz! Este é o seu nariz! Você tem *nariz!*’. Depois, encostava o dedo no próprio nariz e fazia de novo. Insistia mil vezes.”

“Acho que ela não tinha muito o que fazer.”

“Para dizer a verdade, não tinha mesmo. Passavam a tarde inteira lá, sentados. E, depois de um tempo, bastava Allison tocar o nariz para Weenie erguer a patinha e tocar o nariz dele também. *Juro por Deus*”, ela disse, notando a expressão incrédula de Pemberton. “Sério mesmo, ele miava de um jeito diferente, como se tentasse dizer ‘nariz’.”

Pemberton virou e ficou de barriga para baixo, depois subiu espalhando água. “Sem essa.”

“É verdade. Pergunte a Allison.”

Pemberton fez ar de entediado. “Só porque ele fazia um barulho...”

“Não era um barulho qualquer.” Ela limpou a garganta e tentou imitar o som do gato.

“E você espera que eu acredite?”

“Ela gravou tudo! Allison fez várias fitas com ele! Uma boa parte soa como miados comuns, sem nada de mais. Contudo, se prestar atenção em certos momentos, perceberá que ele consegue pronunciar várias palavras.”

“Harriet, você está me gozando.”

“É a pura verdade. Pergunte a Ida Rhew. E ele sabia as horas também. Todos os dias, às duas e quarenta e cinco em ponto, ele arranhava a porta dos fundos, pedindo a Ida que o deixasse sair para encontrar Allison no ponto de ônibus.”

Pemberton enfiou a cabeça na água para ajeitar o cabelo, depois assoou o nariz ruidosamente, para limpar os ouvidos. “Por que Ida Rhew não vai com a minha cara?”, perguntou, descontraído.

“Sei lá.”

“Ela nunca gostou de mim. Sempre me tratava mal, quando eu ia lá brincar com Robin, desde a época do jardim-de-infância. Ela cortava uma vara da sebe do fundo e ia bater na minha bunda, quando eu estava no quintal.”

“Ela também não gosta de Hely.”

Pemberton espirrou e limpou o nariz com as costas da mão. “O que houve entre você e Hely afinal? Ele não é mais seu namoradinho?”

Harriet ficou horrorizada. “Ele nunca foi meu namorado.”

“Não é o que ele anda dizendo por aí.”

Harriet esforçou-se para manter a boca fechada. Hely dizia coisas que não queria, quando Pemberton o provocava e ele perdia a cabeça. Mas ela não ia cair nessa.

A mãe de Hely, Martha Price Hull, fora colega da mãe de Harriet no colégio, e ganhara fama de mimar demais os filhos. Adorava-os alucinadamente, permitia que fizessem tudo que queriam, sem dar a menor importância à opinião do pai; embora fosse cedo demais para saber o efeito disso em Hely, muitos consideravam que essa indulgência levara ao desempenho pífio de Pemberton. Todos comentavam o modo informal de Martha Price educar os filhos. Avós e sogras, quando doutrinavam mães jovens, sempre a citavam e a seus filhos como exemplos negativos, alertando para o prejuízo que causariam se permitissem que um de seus filhos passasse três anos inteiros alimentando-se exclusivamente de torta de chocolate, sem comer mais nada, como ela generosamente aceitara que Pemberton fizesse. Dos quatro aos sete anos Pemberton só comera torta de chocolate. Para completar (insistiam, desoladas), era um tipo especial de torta de chocolate, que exigia leite condensado e outros ingredientes caros. Martha Price, a dedicada, era obrigada a se levantar às seis da manhã para assá-las. As tias ainda comentavam o dia em que Pem — convidado de Robin — recusara-se a comer na casa de Libby, esmurrando a mesa (“como o rei Henrique VIII”) e exigindo torta de chocolate. (“Podem imaginar? *‘Minha mãe só me dá torta de chocolate.’* Eu lhe daria uma bela surra, isso sim.”) Apenas por milagre Pemberton chegara à idade adulta com todos os dentes na boca; mas sua falta de iniciativa e desemprego crônicos podiam ser facilmente explicados, todos sabiam, pelas catástrofes da infância.

Especulava-se frequentemente que o pai de Pem devia considerar o filho mais velho um constrangimento de amargar, uma vez que, na condição de diretor da Alexandria Academy, sua tarefa era disciplinar os jovens. O sr. Hull não se encaixava na figura típica de diretor de colégios particulares como o Alexandria, geralmente ex-atletas que se impunham aos gritos; nem mesmo servia como técnico esportivo: lecionava ciências para os calouros do colegial e passava o resto do tempo em sua sala, com a porta fechada, lendo livros sobre engenharia aeronáutica. Embora o sr. Hull

comandasse a escola com mão de ferro e os alunos morressem de medo de seus silêncios, a esposa o desautorizava em casa. Ele encontrava muita dificuldade para impor respeito aos filhos — Pemberton, em particular, sempre zombando e fazendo caretas e chifrinhos por trás da cabeça do pai quando tiravam fotos em família. Os pais sentiam pena do sr. Hull; estava claro para todos que só uma porretada na cabeça, forte o bastante para deixá-lo desacordado, faria o filho calar a boca; apesar de seus gritos com Pemberton em cerimônias públicas incomodarem os presentes, Pem mesmo, aparentemente, pouco se importava com isso e continuava a provocar o pai com suas brincadeiras insolentes e respostas atravessadas.

Muito embora Martha Hull não se preocupasse com o fato de seus filhos viverem passeando pela cidade com o cabelo pelo ombro, beberem vinho no jantar ou comerem sobremesa no café-da-manhã, havia algumas regras indiscutíveis na casa dos Hull. Pemberton, apesar de seus vinte anos, não podia fumar na presença da mãe; e Hely, obviamente, em lugar algum. Rock-'n'-roll no último volume no hi-fi doméstico, nem pensar. Mas, quando os pais saíam, Pemberton e os amigos despejavam The Who e Rolling Stones pela vizinhança inteira, assustando Charlotte e provocando a ira tempestuosa de Edie, além de queixas da sra. Fountain. Os pais já não conseguiam impedir Pemberton de ir aonde quer que fosse, mas Hely estava proibido de pisar em Pine Hill (uma área suspeita da cidade, cheia de lojas de penhores e bares com toca-discos automáticos), bem como no Salão de Bilhar.

E era exatamente no Salão de Bilhar que Hely — ainda magoado com Harriet — estava naquele momento. Deixara a bicicleta na rua, num beco perto da prefeitura, para evitar que o pai ou a mãe a vissem, caso passassem por ali de carro. Lentamente, saboreava as batatas fritas sabor churrasco — vendidas junto com cigarros e chicletes num balcão imundo — enquanto folheava os gibis da estante perto da porta.

Embora o Salão de Bilhar se localizasse a poucas quadras da prefeitura e não pudesse vender bebidas alcoólicas, era considerado o local mais

turbulento de Alexandria, pior até que o Black Door ou o Esquire Lounge de Pine Hill. Comentava-se que havia tráfico de drogas no Salão de Bilhar; que se jogava a dinheiro; que ali ocorriam inúmeros tiroteios, brigas de faca e incêndios inexplicáveis. Mal iluminado por lâmpadas fluorescentes trêmulas penduradas no forro de plástico, com paredes de blocos pintadas de um verde-penitenciária, costumava ficar vazio durante a tarde. Das seis mesas, só duas estavam ocupadas, e dois rapazes caipiras, cabelo empastado com brilhantina e camisas jeans com botões de pressão, jogavam fliperama no fundo, calados.

Embora a atmosfera depravada e sufocante do bilhar combinasse com o desespero de Hely, ele não sabia jogar e tinha medo de se aproximar das mesas para assistir a uma partida. Sentia-se, porém, participante só por ficar na porta sem ser notado, mordiscando as batatas chips e respirando o mesmo ar perigoso de corrupção.

Os gibis atraíam Hely ao Salão de Bilhar. Ali encontrava a melhor seleção da cidade. A banca da drogaria tinha Riquinho, Betty e Verônica; a mercearia Big Star, todos esses e mais o Super-Homem (numa estante inconvenientemente situada ao lado da máquina de assar frango, impedindo Hely de folhear as revistinhas por muito tempo, pois acabaria literalmente com o traseiro assado). Mas o Salão de Bilhar tinha Sargento Rock e gibis sobre a Segunda Guerra Mundial, além de *G. I. Combat* (soldados de verdade matando japas) e Rima, a Rainha das Selvas, que usava maiô de pele de onça; melhor que tudo era a imensa variedade de histórias de terror (lobisomens, enterrados-vivos, cadáveres putrefatos que saíam do cemitério babando e arrastando os pés), todas consideradas extremamente interessantes por Hely: *Mistérios macabros* e *Casa dos segredos*, *Hora do pesadelo* e *Memórias do espectro*, além dos *Contos proibidos da mansão tenebrosa...* Até descobri-las ali, desconhecia a existência de um material de leitura tão interessante e disponível para que ele, Hely, o adquirisse em sua própria cidade. Certa tarde, porém, quando foi obrigado a ficar até depois de encerradas as aulas, descobrira numa

carteira escolar vazia um exemplar de *Os segredos da casa sinistra*. Na capa havia uma moça aleijada numa casa abandonada apavorante, gritando e tentando freneticamente fugir de uma naja gigante, na cadeira de rodas. Na história, a menina deficiente parecia em meio a convulsões terríveis, espumando pela boca. E não faltavam vampiros, olhos arrancados, fratricídios. Hely ficou deslumbrado. Leu tudo de ponta a ponta cinco ou seis vezes, até decorar todas as histórias — “Companheira de satã”, “Venha dormir no meu caixão” e “Agência de viagens Transilvânia”. Sem sombra de dúvida, era a melhor revista em quadrinhos que já vira; acreditou que se tratava de uma edição única, uma maravilha da natureza, inacessível. Ficou fora de si ao ver um colega de escola chamado Benny Landreth ler um gibi similar chamado *Magia negra*, na capa do qual uma múmia estrangulava um arqueólogo. Implorou a Benny — que estava um ano na frente — para lhe vender a revista. Benny, por maldade, recusou-se. Hely insistiu, ofereceu dois dólares, e depois três, só para ler a revista por um minuto, apenas um minuto.

“Vá ao Salão de Bilhar e compre uma para você”, Benny disse, enquanto enrolava a revista para bater na cabeça de Hely com ela.

Isso ocorreu três anos antes. Agora, as revistas de horror possibilitavam a Hely enfrentar os momentos mais difíceis da vida: catapora, viagens entediadas de carro, o Acampamento Lake de Selby. Por causa de seus recursos limitados e da proibição rigorosa de ir ao bilhar, as expedições de compra ocorriam com pouca frequência, uma vez por mês no máximo, e por isso mesmo eram ansiosamente aguardadas. O gordo do caixa parecia não se importar com o tempo que Hely passava folheando as revistas; a bem da verdade, nem sequer notava a presença do menino, para alegria de Hely, que podia passar horas folheando os gibis e fazer a melhor escolha possível.

Ele fora até lá para tirar Harriet da cabeça, mas após a aquisição das batatinhas só lhe restavam trinta e cinco centavos, e as revistas custavam vinte centavos cada uma. Contrariado, lia uma história da *Mansão*

*tenebrosa* chamada “O demônio bate à porta” (“AARRRGGGHH !!!... — Eu — Eu — LIBERTEI UM ESPÍRITO DO MAL... QUE ASSOMBRARÁ A REGIÃO ATE O ALVORECER!!!!!!”), mas seus olhos se desviavam para a propaganda do programa de musculação de Charles Atlas na página oposta. “Olhe para você de verdade, honestamente. Você possui a tensão dinâmica que as mulheres admiram? Ou é um fracote magrelo, debilitado, quase moribundo com seus cinqüenta quilos?”

Hely não sabia exatamente quanto pesava, mas cinqüenta quilos lhe pareciam um exagero. Taciturno, passou para “Anterior” — um espantalho apenas — e pensou se deveria pedir informações ou se era outra vigarice como o X-Ray Spex que ele encomendara depois de ver um anúncio em *Mistério fantástico*. O X-Ray Spex, segundo a propaganda, permitia ver através de paredes, carne e roupas femininas. Custara um dólar e noventa e oito centavos, mais trinta e cinco centavos de remessa, demorara séculos para chegar e quando finalmente veio não passava de duas lâminas de plástico com duas ilustrações em cartolina: a primeira era um desenho de uma mão com os ossos à mostra e a segunda era uma secretária gostosa de vestido transparente e biquíni preto por baixo.

Uma sombra passou por Hely. Ao se virar, viu dois sujeitos meio de costas, que tinham se afastado das mesas de sinuca para conversar reservadamente, perto da estante de gibis. Hely reconheceu um deles: Catfish de Bienville, um dos maiores proprietários de cortiços, espécie de celebridade local; usava um penteado afro enorme com cabelo avermelhado, circulava num Gran Torino feito sob encomenda, de janelas pintadas. Hely o via sempre no bilhar e nas tardes de verão conversando com o pessoal na frente do lava-rápido. Apesar de os traços lembrarem um negro, ele não era escuro; tinha olhos azuis e pele sardenta, branca como a de Hely. Mas o que mais chamava a atenção na cidade eram suas roupas: camisas de seda, calças boca-de-sino, fivelas de cinto do tamanho de um prato de sobremesa. Diziam que comprava os cintos na Lansky Brothers, em Memphis, onde, se dizia, Elvis costumava fazer suas compras. Agora

— apesar de todo o calor — vestia paletó de veludo vermelho, calça branca e sapatos do tipo plataforma de couro vermelho.

Quem havia falado, porém, não fora Catfish, mas o outro, um sujeito rijo, subnutrido, de unhas roídas. Mal saíra da adolescência, não era nem muito alto nem muito asseado, em seu rosto destacavam-se as maçãs proeminentes, emolduradas pelo cabelo liso de hippie repartido no meio. Sua frieza desleixada e agressiva lembrava um cantor de rock; andava fazendo pose, como se fosse alguém importante, mesmo estando na cara que não era.

“Onde ele arranjou dinheiro para jogar?”, Catfish murmurou para o outro.

“Pensão por invalidez, calculo”, disse o jovem hippie levantando os olhos. Seus olhos impressionavam de tão azuis, quase prateados. Fitava as pessoas de um modo intenso, firme.

Pelo jeito, falavam de Carl Odum, um pobre coitado que brincava com as bolas do outro lado do salão, desafiando qualquer um a jogar e a apostar o quanto quisesse. Carl — viúvo, com nove ou dez filhos esqueléticos ainda pequenos — mal completara trinta anos, mas aparentava o dobro: rosto e pescoço enrugados e crestados de sol, olhos aguados e cor-de-rosa nas bordas. Perdera vários dedos num acidente na firma embaladora de ovos, pouco depois da morte da mulher. Agora, embriagado, gabava-se de poder derrotar qualquer um, com ou sem dedos. “Eis minha ponte”, dizia, mostrando a mão mutilada. “Não preciso mais do que isso.” A sujeira realçava as linhas da palma e as unhas dos dois únicos dedos restantes, o polegar e o indicador.

Odum dirigia suas bravatas a um sujeito que estava a seu lado na mesa de bilhar: um grandalhão de barba que mais parecia um urso. Ele vestia agasalho marrom com um buraco no peito, onde deveria constar o nome da marca. Não prestava a menor atenção a Odum: os olhos mantinham-se fixos na mesa. Cabelo escuro comprido com mechas grisalhas caindo nos ombros. Era muito grande, meio desengonçado nos ombros, como se os

braços não se encaixassem direito no corpo, pois pendiam contraídos, com os cotovelos ligeiramente curvados e as palmas viradas para a frente, como ficam as patas dianteiras de um urso quando ele resolve se levantar, apoiado nas traseiras. Hely não conseguia tirar os olhos dele. A barba preta desgrenhada e o casaco marrom lhe davam a aparência de um ditador sul-americano demente.

“Qualquer jogo que se possa jogar numa mesa de bilhar”, Odum afirmava, “é minha segunda natureza, por assim dizer.”

“Certo, algumas pessoas são mesmo privilegiadas”, disse o gigante de marrom, num tom grave mas não de todo desagradável. Ao dizer isso, ergueu os olhos, e Hely viu, assustado, que um deles era de apavorar: esbranquiçado, fosco, meio virado para a lateral da cabeça.

Bem mais próximo — a poucos metros do ponto onde Hely se encontrava —, o hippie com jeito de bandido afastou o cabelo da cara e disse a Catfish, enfático: “Vinte paus por partida. Para cada uma que ele perder”. Com a outra mão, hábil, tirou um cigarro do maço com um movimento vistoso, similar ao arremesso de dados. Hely notou, atento, que apesar do gesto bem treinado e esperto suas mãos tremiam como as de um velho. Em seguida ele se aproximou e murmurou algo no ouvido de Catfish.

Catfish riu alto. “Perder? Nem pensar”, disse. Com um movimento felino, até gracioso, girou o corpo e seguiu para as máquinas de fliperama no fundo do salão.

O jovem hippie acendeu o cigarro e percorreu o salão com a vista. Seus olhos claros prateados contrastavam com a face queimada de sol e provocaram em Hely um arrepio de medo quando passaram por ele sem vê-lo: alucinados, cheios de luz, lembravam a Hely imagens antigas dos jovens soldados confederados.

Do outro lado do salão, ao lado da mesa de bilhar, o barbudo de agasalho marrom só tinha um olho bom — mas ele brilhava com a mesma intensidade prateada. Hely estudou os dois, erguendo a vista

discretamente por trás do gibí, e notou uma leve semelhança entre eles, talvez por algum parentesco. Embora bem diferentes à primeira vista (o barbudo, mais velho, era muito maior que o jovem), compartilhavam o mesmo cabelo escuro comprido e a pele queimada de sol, o mesmo olhar fixo e pescoço duro, uma semelhança no modo de falar com a boca meio fechada, como se procurassem esconder os dentes podres.

“Quanto pretende arrancar dele?”, Catfish perguntou ao voltar para perto do companheiro.

O rapaz riu, e o estardalhaço da risada quase fez Hely deixar cair a revista em quadrinhos. Tivera tempo suficiente de se acostumar com aquela gargalhada aguda escarnekedora; ecoara em seus ouvidos por muito tempo, na ponte sobre o riacho, enquanto ele corria pelo meio do mato e os tiros ricocheteavam na margem.

Era ele. Sem o chapéu de caubói, por isso Hely não o reconhecera de imediato. Quando o sangue voltou a corar sua face, enterrou a cara no gibí, furioso, fitando a moça que soluçava e agarrava o ombro de Johnny Peril (“*Johnny! Aquela figura de cera se mexeu!*”)

“Odum não joga mal, Danny”, disse Catfish mansamente. “Com dedo ou sem dedo.”

“Bem, ele pode derrotar Farish quando está sóbrio. Mas não depois de beber.”

Duas lâmpadas se acenderam na cabeça de Hely. *Danny? Farish?* Levar tiros de uns brancos racistas era excitante, mas descobrir que os atiradores eram os Ratliff dava uma outra dimensão ao ocorrido. Mal podia esperar para chegar em casa e contar tudo a Harriet. Aquele abominável homem barbado seria mesmo o famigerado Farish Ratliff? Hely só ouvira falar num Farish na vida — de Alexandria ou de qualquer outro lugar.

Com dificuldade, Hely esforçou-se para fixar a vista no gibí. Nunca tinha visto Farish Ratliff de perto — só de longe, passando de carro em alta velocidade, ou em alguma foto desfocada no jornal local. Mas desde pequeno ouvia histórias a respeito dele. Farish Ratliff fora em certa época

o bandido mais temido de Alexandria, comandando uma quadrilha familiar que cometia todos os tipos de furtos e contravenções possíveis. Além disso, redigira e distribuía uma série de panfletos educacionais durante vários anos, com títulos como “Seu dinheiro ou sua vida” (protesto contra o Imposto de Renda), “Orgulho rebelde: resposta aos críticos” e “Minha filha, não!”. Tudo isso se encerrara, porém, após o incidente com a máquina de terraplenagem, alguns anos antes.

Hely não sabia por que Farish decidira roubar uma máquina daquelas. O jornal havia relatado que um encarregado dera por falta do equipamento na obra atrás da Party Ice Company, e logo em seguida Farish tinha sido visto a toda velocidade na rodovia, dirigindo o veículo. Ele não parou quando a polícia mandou, e sim deu meia-volta e ergueu a lâmina para se defender. Depois, quando a polícia abriu fogo, ele atravessou um pasto, arrancando a cerca de arame farpado e provocando um estouro da boiada que pastava lá. Acabou atolando a máquina de terraplenagem numa vala. Quando os policiais cruzaram o pasto e se aproximaram gritando para Farish sair do volante e pôr as mãos para cima, foram obrigados a parar, atônitos, pois viram a silhueta distante de Farish, em cima da máquina, levar uma pistola calibre vinte e dois à testa e disparar. O jornal publicou a foto de um guarda chamado Jackie Sparks, genuinamente abalado, perto do corpo caído, gritando com o pessoal da ambulância.

Embora o roubo da máquina fosse um mistério, o mais intrigante era por que Farish teria dado um tiro na própria cabeça. Algumas pessoas argumentaram que ele temia voltar para a cadeia, mas outros refutaram a idéia, alegando que a prisão não era nada para alguém como Farish, um crime menor não renderia mais do que um ou dois anos de pena. O ferimento provocado pela bala foi grave, Farish quase morreu. Virou notícia novamente ao acordar pedindo purê de batata, embora os médicos achassem que passaria a vida em estado vegetativo. Recebeu alta do hospital, oficialmente cego do olho direito, e o mandaram para um

manicômio rural em Whitfield, por insanidade, medida provavelmente justificada.

Desde que deixou o hospital psiquiátrico, Farish se revelou um novo homem, sob vários aspectos. Não era só o olho. As pessoas diziam que havia parado de beber; pelo que se sabia, não arrombava mais postos de gasolina fechados nem furtava carros e motosserras das garagens (embora os irmãos mais novos tivessem herdado o ofício e dado continuidade aos negócios da família). Sua militância racista também deixou de ser prioridade. Ele não ficava mais na frente da escola pública distribuindo panfletos caseiros contra a integração racial. Dedicava-se à taxidermia, e seus cheques por incapacidade e os ganhos com o empalhamento das cabeças de cervos e peixes para caçadores e pescadores locais o tornaram um cidadão que vivia dentro da lei — ou pelo menos era o que se imaginava.

E ali estava ele, Farish Ratliff em carne e osso — pela segunda vez na mesma semana, se Hely contasse o episódio da ponte. Os únicos Ratliff que Hely tinha visto na área da cidade em que circulava eram Curtis (que perambulava à vontade por Alexandria, esguichando água com sua pistola de brinquedo nos carros que passavam) e o Irmão Eugene, um pregador religioso indefinido. O tal de Eugene era visto ocasionalmente na praça central ou, com mais freqüência, no calor abafado do acostamento da rodovia gritando sobre Pentecostes enquanto acenava com o punho cerrado para os motoristas. Farish não batia bem da cabeça desde que tentara se matar com um tiro, mas Eugene (Hely ouvira seu pai comentar) era doido varrido. Comia terra dos jardins e caía na calçada estrebuchando quando tinha um ataque e ouvia a voz de Deus nos trovões.

Catfish conversava discretamente com um grupo de meia-idade na mesa ao lado da de Odum. Um deles — um obeso de camisa amarela e olhos suínos desconfiados, como uvas passas mergulhadas na massa — olhou na direção de Farish e Odum para depois, com ar condescendente, aproximar-se da mesa pelo outro lado e encaçapar uma bola de valor

baixo. Sem olhar para Catfish, levou a mão ao bolso traseiro, cautelosamente. Segundos depois um dos três espectadores parados atrás dele fez o mesmo.

“Ei”, Danny Ratliff disse a Odum, do outro lado do salão. “Espere um pouco. Agora vamos jogar a dinheiro. A próxima partida é com ele.”

Farish pigarreou alto, como se fosse vomitar, e mudou o pé de apoio.

“Coitado do Farish, só sobrou um olho nele”, Catfish disse, aproximando-se para dar um tapinha nas costas de Farish.

“Fica na sua”, Farish disse, ameaçador, com um movimento nervoso da cabeça que não foi mera encenação.

Catfish, suavemente, debruçou-se sobre a mesa e estendeu a mão a Odum. “Meu nome é Catfish de Bienville”, declarou.

Irritado, Odum o descartou com um gesto. “Sei quem você é.”

Farish inseriu algumas moedas no orifício e bateu com força. As bolas se soltaram e caíram.

“Já ganhei desse ceguinho mais de uma vez. Aceito jogar com qualquer um aqui que possa ver”, Odum disse, cambaleando ao recuar. Estabilizou o corpo quando apoiou o taco no assoalho. “Por que não se afasta e pára de me atrapalhar?”, disse agressivamente a Catfish, que se posicionara bem atrás dele. “É isso aí, você mesmo...”

Catfish aproximou-se ainda mais para murmurar algo em seu ouvido. Lentamente, as sobrancelhas brancas do louro Odum se juntaram numa expressão de incredulidade.

“Não quer jogar a dinheiro, Odum?”, Farish disse, irônico, após uma pausa curta, antes de se abaixar para apanhar as bolas. “Você virou diácono da igreja batista?”

“Que nada”, Odum disse. A cobiça instilada em sua mente pela proposta de Catfish já começava a fazer efeito no rosto queimado de sol, perceptível como uma nuvem no céu azul.

“Papai”, disse uma vozinha na porta do salão.

Era Lasharon Odum. Seu quadril magro jogado de lado indicava, para repulsa de Hely, uma postura que procurava imitar os adultos. Encaixado de lado, ia um bebê tão imundo quanto ela, os dois com a boca manchada de cor de laranja por causa de um picolé ou de uma Fanta Laranja.

“Vejam só quem chegou”, Catfish disse, pomposo.

“Pai, você disse que ia voltar quando o ponteiro maior chegasse no três.”

“Cem dólares”, Farish disse no silêncio que se seguiu. “É pegar ou largar.”

Odum passou giz no taco e ergueu a manga de uma camisa imaginária. Depois disse abruptamente, sem olhar para a filha: “Papai ainda não pode ir embora, querida. Pegue estas moedas para vocês. Vão comprar um gibi”.

“Papai, você disse para eu...”

“Já falei para *ir andando*. Sua vez”, falou a Farish.

“Errei.”

“Eu vi”, Odum disse, erguendo a mão. “Pode jogar de novo. Eu deixo.”

Farish debruçou-se, apoiando o corpo na mesa. Fitou o taco com o olho bom — e direto para Hely — e parecia que apontava uma arma, tamanha a frieza.

*Crac.* As bolas se espalharam. Odum seguiu para o canto oposto e estudou a mesa por algum tempo. Depois esticou o pescoço e o girou de lado, antes de se abaixar para dar a tacada.

Catfish se misturou aos homens que haviam largado as máquinas de fliperama e as mesas adjacentes para ver a partida. Discretamente, sussurrou algo ao sujeito de camisa amarela, bem no momento em que Odum deu uma tacada exibicionista, embocando duas bolas, e não apenas uma.

Vivas e aplausos. Catfish deslizou para o lado de Danny, em meio ao intenso debate entre os espectadores. “Odum vai passar o dia na mesa”, ele murmurou, “se eles continuarem jogando pelo sistema de morte súbita pela bola oito.”

“Farish também é bom, depois que se aquece.”

Odum encaçapou outra bola difícil — uma tacada delicada, uma carambola bem-sucedida. Mais aplausos.

“Quem são aqueles caras?”, Danny perguntou. “A dupla jogando fliperama.”

“Não me interessa”, Catfish disse, olhando despreocupado por cima do ombro e da cabeça de Hely, enquanto enfiava a mão no bolso do relógio de seu colete de couro para pegar um objeto de metal no formato de T, como o usado no golfe. No instante em que seus dedos se fechavam em torno dele, Hely viu que era uma pequena estátua de bronze de uma mulher nua usando salto alto e cabelo afro.

“Por que não? Quem são eles?”

“Só dois crentes de boa índole”, Catfish disse, enquanto Odum punha uma bola fácil na caçapa do meio. Sorrateiro, com a mão meio para dentro e meio para fora do bolso do colete, desenroscou a cabeça da mulher e a guardou no bolso do paletó com um toque do polegar. “O outro grupo”, disse ao olhar de relance para o sujeito de camisa amarela e seus amigos gordos, “está de passagem, eles são do Texas.” Catfish olhou para eles novamente, virou-se como se fosse espirrar, ergueu o frasco em forma de corpo feminino e cheirou um pouco, disfarçadamente. “Trabalham num barco camaroeiro”, explicou, limpando o nariz na manga do paletó. Seus olhos desviaram para o lado da estante de revistas em quadrinhos, inexpressivos, por cima da cabeça de Hely, enquanto ele passava o frasco para Danny.

Danny cheirou, fazendo barulho e tapando uma das narinas. Seus olhos lacrimejaram. “Minha Nossa Senhora”, disse.

Odum acertou outra tacada. Enquanto os tripulantes do barco camaroeiro davam vivas, Farish olhou para a mesa, apoiando o taco horizontalmente atrás do pescoço, preso pelos cotovelos, com as mãos para baixo, soltas.

Catfish recuou com um passo de dança cômico. De repente, parecia animado. “Senhor Farish”, disse alegremente, dirigindo-se aos presentes —

seu tom de voz imitava um comediante negro muito popular na televisão — “está tomando pé da situação.”

Hely estava excitado e confuso, parecia que a cabeça ia explodir. O significado do frasco lhe escapara, mas não o modo de Catfish falar e seus movimentos suspeitos. Embora Hely não soubesse exatamente o que se passava, sabia que jogavam a dinheiro e que isso era contra a lei. Assim como era proibido disparar com o revólver de cima da ponte, mesmo que ninguém fosse atingido. Sua orelha queimava; sempre ficava vermelha quando ele se excitava, e esperava que ninguém notasse o fato. Discretamente, devolveu a revista para a estante e pegou outra — *Os segredos da casa sinistra*. Um esqueleto, sentado no banco das testemunhas, apontava o braço descarnado aos presentes no tribunal, enquanto um advogado fantasma declarava: “E agora minha testemunha — que também foi a **VÍTIMA** — indicará...”

“**O HOMEM QUE O MATOU!!!**”

“Vamos lá, joga logo!”, Odum gritou inesperadamente, pouco antes de a bola oito cruzar o pano verde, bater na tabela e cair na caçapa do canto oposto.

No pandemônio que se seguiu, Odum pegou uma garrafinha de uísque no bolso traseiro e deu um gole demorado. “Quero ver os cem dólares, Ratliff.”

“Está na mão. Mas quero revanche”, Farish disse enquanto as bolas caíam na gaveta e ele as organizava novamente. “Quem ganhar leva tudo.”

Odum deu de ombros, baixou o taco — de nariz franzido e lábio superior arreganhado, mostrando os dentes separados — e deu uma tacada tão violenta que não só deixou a bola branca girando no ponto onde atingiu as bolas agrupadas como mandou a bola preta direto para a caçapa do canto.

Os tripulantes do barco camaroeiro bateram palmas e gritaram. Davam a impressão de que estavam a fim de se divertir. Catfish aproximou-se

animado — passo gingado, queixo erguido — para conversar sobre finanças.

“Você nunca perdeu dinheiro tão depressa!”, Danny gritou do outro lado do salão.

Hely percebeu que Lasharon Odum estava parada bem atrás dele — não porque a menina tivesse dito algo, mas porque o bebê, resfriado, respirava com dificuldade, de um modo que dava nojo. “Fique longe de mim”, ele resmungou, dando um passo para o lado.

Timidamente, ela o acompanhou e parou a seu lado. “Me empresta vinte e cinco centavos.”

O desamparo melífluo da voz dela o revoltou ainda mais que as fungadas do bebê. Deliberadamente, deu-lhe as costas. Farish — sob o olhar interessado dos tripulantes do camaroeiro — ajeitava as bolas mais uma vez.

Odum segurou a mandíbula com as duas mãos e estalou o pescoço para a direita e depois para a esquerda. “Ainda não ficou satisfeito?”

“Ora, vejam só”, Catfish exclamou, ao lado do toca-discos automático, tamborilando com os dedos enquanto cantava. “*Baby what I say.*”

“O que é essa droga aí na vitrola?”, Farish rosnou, largando as bolas com violência.

Catfish, provocador, mexia os quadris magros. “Relaxa, Farish.”

“Some”, Hely disse a Lasharon, que se aproximara mais dele e quase o tocava. “Não quero sentir seu bafo fedido.”

Ele estava tão incomodado com a proximidade da menina que disse isso mais alto do que pretendia. Gelou quando o olhar desfocado de Odum voltou-se vagamente em sua direção. Farish ergueu a cabeça também, e o olho bom fixou-se em Hely como uma faca atirada.

Odum respirou fundo e apoiou o taco na mesa, cambaleante. “Está vendo aquela menina ali?”, disse melodramaticamente para Farish e os demais presentes. “Me corta o coração dizer isso, mas ela trabalha feito uma mulher adulta.”

Catfish e Danny Ratliff trocaram um olhar rápido de preocupação.

“Quero saber. Onde vocês encontrariam uma menina boazinha como ela, que toma conta da casa e dos irmãos menores, bota a comida na mesa e cuida de tudo, e faz tudo que seu pobre pai precisa?”

*Eu não comeria nada que ela pusesse na mesa*, Hely pensou.

“Os jovens de hoje andam cheios de vontades”, Farish disse em tom neutro. “Melhor se fossem como seus filhos e ajudassem um pouco.”

“Quando eu e meus irmãos éramos pequenos, não tínhamos nem geladeira”, Odum disse com voz trêmula. Estava ficando emotivo. “Passávamos o verão inteiro colhendo algodão no campo...”

“Também colhi algodão até dizer chega.”

“... e minha mãe, se você quer saber, *ela trabalhava na roça feito um negro*. Eu não podia ir para a escola! Meu pai e minha mãe precisavam de mim em casa! Nunca tivemos nada, mas se eu tivesse dinheiro compraria tudo que pudesse para aquelas crianças ali. Elas sabem que o papai preferia dar tudo a elas do que gastar com ele. Não é? Vocês não sabem?”

Seu olhar desfocado passou de Lasharon para o bebê e depois para Hely. “Eu perguntei se vocês não sabem disso”, repetiu num tom mais alto e menos agradável.

Encarava Hely agressivamente. O menino ficou chocado. *Minha nossa, será que o cara está tão bêbado que não percebe que eu não sou filho dele?* Hely o encarou também, de boca aberta.

“Sim, papai”, Lasharon sussurrou, quase inaudível.

Os olhos avermelhados de Odum relaxaram e pararam na filha, vagos; e o tremor úmido de autocomiseração de seus lábios deixou Hely mais nervoso do que qualquer outra ocorrência daquela tarde.

“Ouviram isso? Ouviram o que a menina disse? Vem cá dar um abraço gostoso no papai”, ele disse, limpando uma lágrima com as costas da mão.

Lasharon ajeitou o bebê no quadril e aproximou-se do pai lentamente. Algo na postura possessiva do abraço de Odum e o desânimo conformado

com que a menina o aceitou — parecia um vira-lata miserável recebendo carinho do dono — enojaram Hely e também o assustaram bastante.

“Essa menina *adora* o papai, não é mesmo?” Ele a apertou contra o peito com os olhos cheios de lágrimas.

Hely ficou satisfeito ao ver que Catfish e Danny Ratliff estavam tão enojados com o sentimentalismo de Odum quanto ele.

“*Ela* sabe que o pai é um pé-rapado! *Ela* não precisa de brinquedos de monte, nem de doces e roupas caras!”

“E por que precisaria?”, Farish disse abruptamente.

Odum — embriagado pelo som da própria voz — virou-se sem entender direito, franzindo a sobrancelha.

“É isso aí mesmo. Por que ela deveria ter tantos luxos? Por que qualquer um de seus filhos deveria ter isso tudo? Não tínhamos nada quando éramos crianças, certo?”

Uma onda de compreensão lentamente inundou o rosto de Odum.

“Não, cara!” Ele gritou, excitado.

“A gente tinha vergonha de ser pobre? Alguém se achava bom demais para pegar no pesado? Então, o que era bom para nós tá de bom tamanho para ela, certo?”

“Isso mesmo!”

“Quem *disse* que os filhos dever ser melhores que os pais, quando crescem? O governo federal, sabia? E por que você acha que o governo mete o bedelho na casa de um sujeito, distribui vales de alimentação, vacinas e educação à vontade numa bandeja de prata? Vou lhe dizer por quê. Assim eles podem fazer lavagem cerebral nas crianças, para elas pensarem que *têm* mais do que os pais, e desprezarem suas origens e renegarem sua própria gente, o sangue de seu sangue. Não sei como foi com você, mas meu pai nunca me deu nada de graça.”

Murmúrios de aprovação de todos os presentes.

“Nem pra mim”, Odum disse, balançando a cabeça pesaroso. “Meu pai e minha mãe nunca me deram nada. Tive de trabalhar para conseguir

tudo. Tudo que tenho.”

Farish apontou para Lasharon e para o bebê. “Então, me diga uma coisa: por que *ela* precisa ter o que *nós* não tivemos?”

“Tem razão. Esta é a vontade de Deus. Agora deixe o papai sossegado, querida”, Odum disse à filha, que puxava insistentemente a perna da calça dele.

“Papai, vamos embora, por favor.”

“O papai ainda não pode ir, querida.”

“Mas, papai, você disse para lembrar que a loja da Chevrolet fecha às seis.”

Catfish, com uma expressão de boa vontade fingida, aproximou-se para conversar com os tripulantes do camaroeiro. Um deles acabara de consultar o relógio. Naquele momento, porém, Odum enfiou a mão no bolso da frente da calça jeans imunda e sacou o maior maço de dinheiro que Hely já vira na vida.

Com isso ele obteve a atenção imediata de todos os presentes. Odum jogou o maço de dinheiro em cima da mesa de bilhar.

“Isso é o que sobrou do meu seguro”, disse, mostrando o dinheiro com uma melancolia embriagada. “Por causa desta mão aqui. Vão até a concessionária Chevrolet e paguem aquele filho-da-mãe do Roy Dial. Ele pegou meu carro bem na frente da minha...”

“É assim que eles agem”, Farish disse, compenetrado. “Os miseráveis do Imposto de Renda, da financeira, da delegacia. Eles entram na casa da gente e levam tudo que têm vontade de levar...”

“No entanto”, Odum disse, erguendo a voz, “eu vou lá agora mesmo para pegar meu carro de volta. Com isto.”

“Bem, não é da minha conta, mas você não devia desperdiçar todo esse dinheiro num *carro*.”

“Como é?”, Odum perguntou, beligerante, cambaleando um passo para trás. O dinheiro brilhava esverdeado no círculo de luz amarela.

Farish ergueu a mão suja. “Só estou dizendo que você vai comprar seu veículo *à vista*, de um safado ordinário como o Dial, e não só o Dial vai roubar você no preço como o governo federal e o estadual vão entrar na fila para morder o deles. Já cansei de alertar todo mundo contra os impostos sobre as vendas. Eles são *inconstitucionais*. Posso mostrar a quem quiser o capítulo da Constituição deste país onde consta isso.”

“Vamos embora, pai”, Lasharon disse debilmente, puxando a perna da calça de Odum. “Papai, por favor, vamos embora.”

Odum recolhia o dinheiro. Aparentemente, ele não dera importância aos argumentos de Farish. “Não, senhor.” Ofegava. “Aquele sujeito não pode tirar o que me pertence! Estou indo direto para a Dial Chevrolet esfregar isto na cara dele...” Odum bateu com o maço de dinheiro na mesa. “Quero meu carro de volta, seu filho-da-mãe.” Com dificuldade, guardou as notas no bolso direito da calça jeans e tirou uma moeda do esquerdo. “Mas, primeiro, vou arrancar mais seiscentos dólares de você, ganhando outra vez pela bola preta.”

Danny Ratliff, que andava em volta da máquina de Coca-Cola sem parar, suspirou audivelmente.

“É uma aposta alta”, Farish disse, impassível. “Posso começar?”

“Como quiser”, Odum disse, com um gesto magnânimo e embriagado.

Farish, com o rosto absolutamente inexpressivo, levou a mão ao bolso traseiro e apanhou uma carteira preta grande, presa por uma corrente ao passador do cinto. Com um profissionalismo de caixa de banco, contou seiscentos dólares em notas de vinte e as colocou sobre a mesa.

“Você carrega um bocado de dinheiro, meu amigo”, Odum disse.

“Amigo?”, Farish riu, rude. “Só tenho dois amigos. Meus dois *melhores amigos*.” Ele mostrou a carteira — ainda gorda de tanto dinheiro — para que todos a vissem. “Estão vendo? Eis aqui meu melhor amigo, sempre me acompanha, no bolso de trás. E tenho outro amigo, que está sempre comigo também. E meu outro amigo é uma pistola calibre vinte-e-dois.”

“Papai”, Lasharon tentou ainda, puxando novamente a perna da calça do pai. “Por favor.”

“O que  *você*  está olhando tanto, merdinha?”

Hely deu um pulo. Danny Ratliff, a um metro de distância, o olhava de cima para baixo com olhos arregalados.

“Então? Vê se responde quando falo com  *você* , merdinha.”

Todos olharam para ele — Catfish, Odum, Farish, os tripulantes do barco camaroeiro e o gordão do caixa.

Como se de muito longe, uma vozinha ecoou do outro lado do salão. Lasharon Odum disse, em seu tom agudo: “Ele está olhando os gibis enquanto me espera”.

“É verdade? É isso mesmo?”

Hely — petrificado demais para falar — fez que sim com a cabeça.

“Como  *você*  se chama?” Hely virou-se para encarar Farish Ratliff, cujo único olho o perfurava feito uma broca de furadeira elétrica, do outro lado do salão.

“Hely Hull”, disse Hely sem pensar, levando em seguida a mão à boca, assustado.

Farish riu, cruel. “Essa é a idéia, garoto”, ele disse, passando o cubo de giz azul no taco, mantendo o olho bom em cima de Hely. “Nunca diga a verdade sem que o obriguem a fazer isso.”

“Eu sei muito bem quem é esse merdinha”, Danny Ratliff disse ao irmão mais velho, apontando para Hely. “Falou que se chama Hull?”

“Sim, senhor”, Hely respondeu, desesperado.

Danny riu, maldoso. “Sim,  *senhor* . Ora, ora, vejam só. Não me chame de senhor, seu merdinha...”

“Tudo bem, o menino é educado”, Farish disse, agressivo. “Seu nome é Hull então?”

“Sim, senhor.”

“Ele é parente daquele cara que anda por aí de Cadillac conversível”, Danny disse a Farish.

“Pai”, Lasharon Odum falou, rompendo o silêncio. “Pai, eu posso ir com o Rusty olhar as revistinhas?”

Odum deu um tapinha em seu traseiro. “Vá em frente, querida. Vá ver os gibis.” Ele se virou para Farish, com a voz empastada, batendo o taco no chão para chamar a atenção do outro. “Vamos jogar esta partida logo de uma vez, que depois preciso ir embora.”

Mas Farish — para profundo alívio de Hely — já principiara a arrumar as bolas, após um olhar demorado em sua direção.

Hely concentrou cada grama de sua atenção na revista. As letras latejavam um pouco, conforme seu coração batia forte. *Não olhe para cima*, pensou, *nem por um segundo*. As mãos tremiam, o rosto queimava tanto que o rubor ia atrair a atenção de todos que se encontravam no salão, imaginou. Como um incêndio.

Farish deu a primeira tacada, estrondosa, tão barulhenta que Hely se encolheu. Uma bola caiu na caçapa, seguida por outra, quatro ou cinco segundos depois.

Os tripulantes do barco fizeram silêncio. Alguém fumava um charuto, o cheiro deu dor de cabeça em Hely, assim como as letras de forma feitas à mão nos balões.

Um demorado silêncio. *Bang*. Mais silêncio. Muito discretamente, muito mesmo, Hely esgueirou-se na direção da porta.

*Bang, bang*. O ar parado praticamente vibrava com a tensão.

“Minha nossa!”, alguém gritou. “E disseram que o filho-da-mãe não enxergava direito!”

Confusão. Hely passava pelo caixa, já se aproximando da porta, quando uma mão estendida o agarrou pela gola da camisa. Quando se deu conta, olhava para a face do careca do caixa. Horrorizado, viu que ainda estava segurando *Os segredos da casa sinistra*, sem ter pago. Enfiou a mão no bolso da calça curta, freneticamente. Mas o caixa não se interessava por ele — nem sequer olhava para o menino, embora o segurasse com firmeza pela gola. Só lhe interessava o que acontecia na mesa de bilhar.

Hely colocou as moedas sobre o balcão e — assim que o careca largou sua camisa — disparou porta afora. O sol da tarde feriu seus olhos acostumados à penumbra do salão de bilhar. Correu pela calçada tão ofuscado que mal conseguia ver para onde ia.

Não havia pedestres por perto — final da tarde já — nem muitos veículos estacionados. A bicicleta... onde estaria? Passou correndo pelo Correio, pelo Templo da Maçonaria e seguiu pela Main Street até se lembrar que a deixara lá longe, na ruela atrás da prefeitura.

Deu meia-volta e continuou a correr, ofegando. O beco era escorregadio por causa do limo, e muito escuro. Certa vez, quando era menor, Hely tinha entrado ali sem prestar atenção no caminho e tropeçado na forma escura de um mendigo deitado no chão, que ocupava metade da largura do beco (uma pilha de trapos fedorentos), indo cair de cara em cima do sujeito, que se sentou praguejando e o agarrou pelo tornozelo. Hely gritou como se tivessem despejado gasolina em cima dele e riscado um fósforo. No esforço supremo para se livrar do aperto, perdera um pé de sapato.

Agora, porém, Hely sentia tamanho pavor que não se importaria caso tropeçasse em alguém. Correu pela viela — deslizando no cimento cheio de limo — e pegou a bicicleta. Não havia espaço suficiente para sair pedalando, mal dava para virá-la. Ele agarrou a bicicleta pelo guidão e a virou até conseguir pôr a roda da frente no sentido da saída, depois a empurrou. Viu, apavorado, que Lasharon Odum e o bebê estavam parados na calçada, à sua espera.

Hely gelou. Languidamente, ela ajeitou a criança nos quadris e o encarou. Ele não fazia a menor idéia do que ela queria e temia dizer qualquer coisa, por isso ficou parado, olhando de volta para ela com o coração disparado.

Após uma pausa que pareceu durar séculos, ela mudou o bebê de lado e disse: “Me dá aquela revistinha”.

Sem dizer palavra, Hely levou a mão ao bolso traseiro e tirou o gubi para entregá-lo à menina. Calmamente, sem o menor gesto de gratidão, ela

estendeu o braço para pegá-lo. Mas, antes que o fizesse, o bebê ergueu os braços e puxou a revista, segurando-a com as mãozinhas sujas. Com um olhar solene, aproximou-a do rosto e depois, sem saber como proceder, tentou enfiá-la na boca manchada de laranja.

Hely ficou indignado; uma coisa era querer ler o gibi, outra muito diferente era deixar que o bebê o mascasse. Lasharon não deu sinal de que pretendia pegar a revista. Em vez disso, fez uma careta para o bebê e o jogou para o alto, carinhosamente — como se fosse uma criança limpa e atraente, em vez de ranhenta e imunda.

“Por que papai chorou?”, ela disse, imitando voz de criança e olhando fixamente para o rostinho do irmão pequeno. “Por que papai estava chorando lá dentro, hem?”

“Troque de roupa imediatamente”, Ida Rhew disse a Harriet. “Você está pingando água no assoalho.”

“Não estou, não. Sequei no caminho de casa.”

“Vá trocar de roupa, de todo modo.”

No quarto, Harriet tirou o maiô e vestiu shorts cáqui e a única camiseta limpa que restara: branca, com um rosto amarelo sorridente estampado no peito. Ela detestava aquela camiseta sorridente, presente de aniversário do pai. Por mais ridícula que fosse, o pai devia ter achado que combinava com ela, e isso era mais ofensivo para Harriet do que a camiseta propriamente dita.

Embora Harriet não soubesse, a camiseta com o rosto amarelo sorridente (e os prendedores de cabelo com o símbolo da paz, outro presente colorido e impróprio que o pai lhe mandara de aniversário) não havia sido escolhida por ele, e sim pela amante, em Nashville; se não fosse por ela (que se chamava Kay), Harriet e Allison jamais ganhariam presentes de aniversário. Kay era herdeira de uma pequena fábrica de refrigerantes, ligeiramente obesa, com voz doce, sorriso frouxo e vários

problemas mentais. Bebia um pouco além da conta; ela e o pai de Harriet embebedavam-se freqüentemente nos bares e choravam de pena das filhas, coitadinhas, presas à mãe maluca no Mississippi.

Todo mundo na cidade sabia da história da amante de Dix em Nashville, exceto a esposa e o resto da família. Ninguém tinha coragem de contar a Edie nem era maldoso o bastante para dizer às outras. Os colegas de Dix no banco sabiam de tudo e desaprovavam sua atitude — pois esporadicamente ele aparecia com a amante nos eventos promovidos pelo banco. A cunhada de Roy Dial, que residia em Nashville, contara ao casal Dial que os pombinhos viviam sob o mesmo teto, num apartamento. Embora o sr. Dial (verdade seja dita) tenha guardado segredo, a sra. Dial se encarregou de espalhar a notícia por toda a Alexandria. Até Hely sabia. Ele ouvira a mãe comentar o fato, quando tinha nove ou dez anos. Quando a pressionou, ela admitiu e fez com que jurasse jamais contar a Harriet; ele cumpriu a promessa.

Jamais ocorreu a Hely desobedecer à mãe. Embora tivesse guardado segredo — o único segredo de verdade que ocultou da amiga —, não lhe parecia que Harriet fosse se incomodar muito caso lhe revelassem a verdade. Quanto a isso, tinha razão. Ninguém daria importância ao caso, exceto Edie — por orgulho ferido; por mais que Edie resmungasse a respeito de as netas crescerem sem pai, nem ela nem ninguém sequer insinuava que a volta de Dix poderia reparar a falha.

Harriet estava de péssimo humor, tão irritada que apreciou, perversamente, a ironia da camiseta com o sorriso. A expressão satisfeita fez Harriet se lembrar do pai — embora houvesse pouco motivo para o pai de Harriet ficar alegre ou esperar contentamento de Harriet. Não era à toa que Edie o desprezava. Dava para perceber isso até pelo modo como pronunciava o nome dele: *Dixon*; Dix, jamais.

Com o nariz escorrendo e o olho ardendo por causa dos produtos químicos da piscina, ela se sentou à janela e olhou para o jardim na frente da casa, vendo as árvores viçosas em pleno verão. Seus membros pesavam,

exaustos de tanto nadar, e uma sombra triste tomara conta do quarto, como ocorria sempre que Harriet permanecia muito tempo quieta, sentada. Quando era menor, por vezes recitava seu endereço, como o veria um visitante do espaço sideral. Harriet Cleve Dufresnes, 363, George Street, Alexandria, Mississippi, Estados Unidos da América, Planeta Terra, Via Láctea... e a força da imensidão, de ser engolida pelo imenso negror do universo — apenas um grãozinho no meio do açúcar branco que se espalhava infinitamente —, por vezes a fazia se sentir como se estivesse sufocando.

Ela espirrou com força, espalhando muco. Apertou o nariz, os olhos lacrimejaram, levantou a cabeça e desceu correndo para pegar um Kleenex. O telefone tocava; mal conseguia enxergar aonde ia. Ida estava ao lado da mesinha do telefone, no pé da escada, e antes que Harriet se desse conta do que se passava, Ida disse “Ela está aqui” e lhe entregou o aparelho.

“Harriet, preste atenção, Danny Ratliff está no Salão de Bilhar agora, ele e o irmão. Foram eles que atiraram em mim, na ponte.”

“Espere”, Harriet disse, completamente desorientada. Com esforço, reprimiu o espirro seguinte.

“Eu o vi, Harriet. É de dar medo. Danny e seu irmão diabólico também.”

E ele começou a falar sobre assaltos e espingardas e roubos e jogatina; gradualmente, o sentido do que dizia foi ficando claro para Harriet. Deslumbrada, ouviu atentamente, esquecida da vontade de espirrar. O nariz ainda escorria e, desajeitadamente, ela se virou e tentou limpá-lo na manga curta da camiseta, com um giro de cabeça similar ao que Weenie, seu gato, dava no tapete quando algo incomodava seu olho.

“Harriet?”, Hely disse, interrompendo a narrativa no meio. De tão ansioso para contar o que acontecera, esquecer-se de que não estavam falando um com o outro.

“Estou ouvindo.”

Um curto silêncio se seguiu, no qual Harriet se deu conta de que a televisão tagarelava cordialmente na casa de Hely.

“A que horas você saiu do Salão de Bilhar?”, ela perguntou.

“Faz uns quinze minutos.”

“Acha que ainda estão por lá?”

“Pode ser. Pelo jeito, ia sair briga. Os caras do barco estavam furiosos.”

Harriet espirrou. “Quero vê-lo. Vou até lá de bicicleta agora mesmo.”

“Uau. Nem pensar”, Hely disse, alarmado. Mas ela já havia desligado.

Não houve briga. Pelo menos não o que Danny chamaria de briga. Por um momento, houve a impressão de que Odum relutava em pagar. Mas Farish apanhara uma cadeira e o golpeará com força. No chão, passou a socá-lo metodicamente (enquanto os filhos se encolhiam perto da porta), de modo que em pouco tempo Odum estava chorando e implorando a Farish que pegasse o dinheiro. O problema real eram os tripulantes do barco camaroeiro, que poderiam provocar a maior confusão, se quisessem. Contudo, apesar de todos os desaforos que o gordo de camisa amarela disse, os outros apenas resmungaram e riram nervosos, de raiva. Estavam de folga e tinham dinheiro para torrar, afinal.

Aos apelos desesperados de Odum, Farish reagiu com absoluta impassividade. *Mate ou morra* era seu lema, e tudo que pudesse tomar de alguém, considerava sua propriedade legítima. Enquanto Odum ia e vinha, cambaleando, implorando a ele que pensasse em seus filhos, a expressão divertida e atenta de Farish lembrava a Danny o modo como os pastores alemães gêmeos de Farish se comportavam quando iam matar, ou acabavam de matar um gato: alertas, eficientes, alegres. *Sem ressentimentos, gatinho. Espero que tenha mais sorte na próxima vez.*

Danny admirava a atitude pragmática de Farish, embora lhe faltasse estômago para tanto. Acendeu um cigarro, apesar do gosto ruim na boca provocado pelo excesso de fumo.

“Relaxe”, Catfish disse, esgueirando-se para o lado de Odum e colocando a mão em seu ombro. O bom humor de Catfish era inesgotável; sempre se mostrava animado, e não conseguia compreender por que as pessoas ficavam tão agitadas, acontecesse o que acontecesse.

Com um urro meio demente, mais de autocomiseração que de ameaça, Odum recuou e disse: “Tire a mão de mim, negro”.

Catfish não se abalou. “Qualquer um que sabe jogar como você, meu caro, não tem dificuldade de recuperar o que perdeu. No futuro, se desejar, poderá me encontrar no Esquire Lounge, para combinar uma bela jogada.”

Odum encostou na parede de bloco. “Meu carro”, disse. Seus olhos estavam vermelhos e a boca ensangüentada.

Inesperadamente, uma lembrança ruim da infância voltou à mente de Danny: fotos de mulheres nuas escondidas dentro de uma revista de caça e pesca que seu pai deixara no gabinete do banheiro. Excitado, mas com uma excitação nauseante, o preto e rosa entre as pernas da mulher se misturava com o cervo sangrando com uma flechada no olho numa página e com um peixe fígado na outra. Tudo isso — o cervo moribundo com as patas dianteiras dobradas, o peixe de boca aberta — se mesclava com a lembrança do esforço ansioso de seu pesadelo.

“Chega”, disse em voz alta.

“Chega do quê?”, Catfish perguntou, distraído, procurando o frasco no bolso do paletó.

“O barulho em meu ouvido. Não pára nunca.”

Catfish cheirou um pouco e passou o frasco para Danny. “Não deixe que isso o incomode. Ei, Odum”, chamou, dirigindo-se ao outro lado do salão. “Deus ama quem sabe perder.”

“Uau”, Danny disse, tapando uma narina. As lágrimas escorreram pelo rosto. O gosto frio de desinfetante, no fundo da garganta, fazia com que se sentisse limpo: tudo retornava à superfície novamente, tudo reluzia na água brilhante que passava feito uma torrente por cima do redemoinho das

coisas que o revoltavam: miséria, sujeira e podridão, intestinos azuis cheios de merda.

Ele devolveu o frasco a Catfish. Um vento fresco desanuviou sua mente. O espírito reinante no salão contaminado por restos de bebida e fuligem ganhou tons claros, nítidos e cômicos de repente. Com um *ping* melodioso e agudo, ele se deu conta de que Odum, chorando com aquelas roupas de caipira e com aquela cabeçona de abóbora, parecia direitinho com o Hortelino. Catfish, alto e magro, encostado na toca-discos automático, era o próprio Pernalonga saindo da toca. Pés enormes, dentes da frente enormes, até o modo como segurava o cigarro. Pernalonga segurava a cenoura daquele jeito, feito um charuto, com a mesma afetação.

Sentindo-se magnânimo, grato e leve, Danny puxou o maço de notas do bolso e tirou uma de vinte. Tinha mais um cento delas, bem ali na mão. “Dê isso a ele, para os filhos, cara”, disse, passando o dinheiro a Catfish. “Vou andando.”

“Para onde?”

“Só andando”, Danny disse, distraído.

Ele andou sem pressa até o carro. Era noite de sábado, as ruas estavam desertas e uma noite clara de verão o saudava, cheia de estrelas e de um vento morno. O céu noturno coalhava-se de neon. O carro era uma beleza: um Trans Am bronze com teto solar, escapamentos laterais e ar-condicionado. Danny acabara de lavar e encerar a picape, a luz refletia com tanta intensidade na lataria que o carro mais parecia uma nave espacial pronta para decolar.

Uma das crianças de Odum, razoavelmente limpa, para um filho de Odum, e de cabelos pretos — talvez ela tivesse uma mãe diferente —, estava sentada do outro lado da rua, na frente da loja de ferragens. Lia um livro enquanto esperava que o pai saísse, arrasado. De repente, ele se deu conta de que ela o observava; não movera um músculo, mas seus olhos desviaram da página e se fixaram nele, aliás, já estavam fixos nele, do jeito

que acontecia às vezes com a metanfetamina quando a gente via uma placa na rua e continuava a vê-la por duas horas; aquilo o desconcertou, como o chapéu de caubói em cima da cama, pouco antes. A anfeta afetava mesmo a noção de tempo (*por isso se chamava anfeta!*, pensou, num acesso de riso provocado por seu senso de humor: *a anfeta afeta e deixa a gente fanho!*), ela estica o tempo como um elástico, puxa e solta, e de vez em quando Danny sentia que o mundo inteiro olhava para ele, até os gatos e as vacas e as fotos das revistas; tinha a impressão de que uma eternidade se passara, as nuvens voavam no alto como num filme acelerado enquanto a menina o encarava sem piscar — seus olhos, de um verde assustador, eram semelhantes aos de um jaguar do inferno, aos olhos do próprio demônio.

Que nada, ela não olhava para ele coisa nenhuma. Lia o livro, como se não tivesse feito outra coisa até então. As lojas fecharam, os carros sumiram das ruas, longas sombras e calçadas escuras davam ao lugar um aspecto de pesadelo. Danny voltou para certa manhã da semana anterior, quando tinha ido ao White Kitchen após ver o sol nascer no reservatório: garçonetes, guarda, leiteiro e carteiro, todos viraram a cabeça para observá-lo quando abriu a porta e entrou, descontraído, fingindo que as pessoas só haviam sido atraídas pelo som da sineta. Mas sabia muito bem qual era a deles, olhos fixos nele, olhos por tudo quanto era lado, brilhando esverdeados como um satanás de neon. Passara setenta e duas horas acordado, naquela altura sentia fraqueza, tontura, achava que o coração ia explodir dentro do peito como um balão cheio de água, bem ali no meio do White Kitchen, enquanto os olhos da garçonete adolescente e esquisita lançavam fochos como adagas esverdeadas em sua direção...

*Calma, calma*, disse ao coração disparado. E se a menina tivesse olhado para ele? E daí? E daí, porra? Danny passara inúmeras horas encalarodas naquele mesmo banco, esperando seu pai sair. Não era a espera que o atormentava, mas a antecipação do que Curtis e ele sofreriam depois, caso o pai tivesse perdido no jogo. Não havia razão para imaginar que Odum

procuraria descarregar sua frustração pela perda de outra maneira: o mundo era assim mesmo. “Enquanto vocês morarem na *minha* casa” — a lâmpada no teto da cozinha balançava na ponta do fio, a avó mexia o assado no forno como se os palavrões e os tapas e os gritos fossem apenas o barulho da televisão.

Danny virou-se abruptamente e enfiou a mão no bolso para pegar umas moedas e dar à menina. Seu pai agia assim esporadicamente, dava dinheiro aos filhos dos sujeitos a quem derrotava se estivesse de bom humor. De repente, a lembrança intrusa de Odum surgiu no passado — um adolescente sujo de camisa esporte de duas cores, o cabelo louro amarelado de brilhantina, agachado ao lado de Curtis, ainda pequeno, com um chiclete, dizendo a ele para não chorar...

Com um estalo atônito — um estalo audível, dava para senti-lo, como se fosse um disparo dentro da cabeça —, Danny se deu conta de que falava sozinho, que o tempo inteiro falara em voz alta, que não estivera meditando silenciosamente como imaginava. Ou será que não? As moedas ainda estavam em sua mão, mas quando ergueu o braço para atirá-las outro choque confundiu sua mente, pois a menina sumira. Banco vazio, nem sinal dela — ou melhor, nem sinal de nenhuma alma viva, nem mesmo um gato, rua acima ou rua abaixo.

“Uuuu-aaaaa-uuuuuu”, disse para si em voz baixa, suspirando.

“Mas *o que aconteceu?*”, Hely perguntou, num repente de impaciência. Os dois estavam sentados nos degraus enferrujados de um depósito de algodão abandonado, perto dos trilhos da ferrovia. Era um local pantanoso, rodeado de pinheiros raquíticos, e a lama preta fedorenta atraía moscas. As portas do galpão exibiam manchas escuras nos pontos onde, dois anos antes, Hely, Harriet e Dick Pillow, que no momento estava de férias no Acampamento de Selby, passaram vários dias jogando uma bolinha de tênis enlameada contra ela.

Harriet não respondeu. Seu silêncio obstinado começava a incomodá-lo. Agitado, ele se levantou e começou a andar de um lado para outro.

O tempo passou. Harriet não se impressionou com a movimentação ostensiva. Uma brisa suave enrugava a superfície da poça formada por marcas de pneu no barro.

Inquieto — temendo irritá-la, mas ansioso para que a amiga falasse —, ele a cutucou com o cotovelo. “Então”, disse para estimulá-la, “o que ele fez com você?”

“Nada.”

“Ainda bem. Se fizesse, eu acabava com ele.”

O pinheiral — raquítico, formado por árvores ressequidas que não serviam para a serraria — os rodeava, próximo, sufocante. A casca avermelhada descascava em várias árvores, soltando-se como pele de cobra em pedaços grandes, vermelhos e prateados. Para lá do galpão os grilos cantavam no mato alto.

“Vamos lá.” Hely se levantou e desferiu um golpe de caratê no ar, acompanhado de um chute marcial. “Conte tudo para mim.”

Perto dali, um gafanhoto estrilou. Hely olhou para cima durante o golpe: o canto do gafanhoto indicava chuva iminente, ameaça de tempestade, mas o sol brilhava forte por entre os galhos retorcidos dos pinheiros, num céu azul-claro, sufocante.

Ele exibiu mais alguns golpes de caratê, soltando grunhidos ferozes abafados: ru, ru. Mas Harriet não prestava a menor atenção.

“O que foi que houve, afinal?” ele disse, agressivo, afastando uma mecha de cabelo comprido da cara. O ar pesaroso da amiga o amedrontava e, quase em pânico, passou a suspeitar que ela formulara um plano secreto qualquer que não o incluía.

Harriet ergueu os olhos e o encarou subitamente, de um jeito que o levou a desconfiar, por um segundo, que ela fosse lhe dar um pé na bunda. Mas ela disse apenas: “Estava pensando no outono em que eu cursava a segunda série. Cavei um túmulo no quintal”.

“Um túmulo?” Hely se mostrou cético. Tentara fazer vários buracos no quintal de sua casa (abrigos subterrâneos, túneis para a China), mas nunca passara de um metro de profundidade. “Como conseguia entrar e sair do buraco?”

“Não era fundo. Só isso” — ela mostrou o tamanho, abrindo as mãos cerca de trinta centímetros —, “mas dava certinho para eu me deitar lá dentro.”

“Por que fez uma coisa dessas? Olha, Harriet!”, exclamou ao ver um besouro gigantesco no solo, com pinças e chifre, medindo cerca de cinco centímetros. “Olha só o tamanho do bicho! Cara, é o maior besouro que já vi!”

Harriet debruçou-se e olhou, sem muita curiosidade. “Grande mesmo”, disse. “Bom, você se lembra de quando fui internada no hospital, com bronquite? E perdi a festa de Halloween na escola?”

“Claro que sim”, Hely respondeu, desviando a vista do besouro e reprimindo a vontade de capturá-lo e brincar com ele.

“Fiquei doente assim. A terra estava muito fria. Eu me cobri com folhas secas e fiquei lá até escurecer, quando Ida me chamou para jantar.”

“Você sabia que uma mulher mandou instalar um telefone no túmulo dela?”, Hely disse, incapaz de resistir à tentação de esticar o pé e provocar o besouro com a ponta do tênis. “Vi no *Ripley’s believe it or not!* A gente pode ligar para o número, e o telefone toca debaixo da terra. Não é maluco?” Ele se sentou ao lado de Harriet. “Imagine só se a senhora Bohannon tivesse um telefone no caixão e ligasse para você no meio da noite e dissesse *Quero minha peruca loira. Devolva minha peruca loira...*”

“Pode parar”, Harriet disse, agressiva, vendo a mão que se aproximava sorrateiramente. A sra. Bohannon era organista na igreja; falecera em janeiro, após uma longa enfermidade. “De todo modo, enterraram a senhora Bohannon de peruca e tudo.”

“Como sabe disso?”

“Ida me contou. O cabelo dela caiu por causa do câncer.”

Eles permaneceram ali sentados, sem dizer nada, por algum tempo. Hely olhou em torno, procurando o besouro gigante. Mas, infelizmente, ele havia desaparecido. Ele arrastou o pé de um lado para outro, bateu com o calcanhar do tênis na escada, compulsivamente, fazendo com que os degraus de ferro retinisses, *bong bong bong bong...*

O que era aquela história de túmulo — do que ela estava falando? Ele lhe contava tudo. Antecipara uma sessão de mistério no barracão de ferramentas, segredos cavernosos a meia-voz, planos, vingança e suspense — e até se Harriet batesse nele já seria melhor do que nada.

Finalmente, com um suspiro exagerado, ele se levantou e se espreguiçou. “Tudo bem”, disse com ar pomposo. “Eis o plano. Que tal atirar com o estilingue até a hora do jantar? Vamos voltar para o campo de treinamento.” O “campo de treinamento” era uma área escondida no quintal de Hely, entre a horta e o barracão onde o pai guardava o cortador de grama. “Depois, daqui a um ou dois dias, passamos para o arco-e-flecha...”

“Não estou com vontade de brincar.”

“Nem eu”, Hely disse, magoado. Ele só tinha um conjunto de arco-e-flecha infantil, com ventosas azuis na ponta, e embora se sentisse humilhado com isso, era melhor do que nada.

Mas Harriet não demonstrou interesse pelos planos de Hely. Após um período de intensa reflexão, ele sugeriu — com um “Ei!” proferido para transmitir uma súbita animação — que corressem até a casa dele e fizessem o que chamava de “inventário do armamento”, mesmo sabendo que as únicas armas eram a espingarda de pressão, um canivete enferrujado e um bumerangue que nenhum dos dois sabia atirar. Quando a idéia foi descartada com um movimento de ombros, ele deu a idéia (insana, em desespero de causa, pois a indiferença de Harriet tornara-se insuportável) de que pegassem um exemplar da revista *Good Housekeeping* de sua mãe e inscrevessem Danny Ratliff no Clube do Livro do Mês.

Harriet virou a cabeça ao ouvir isso, mas no olhar que lhe lançou nada havia de animador.

“É sério.” Sentiu-se meio constrangido, mas acreditava na tática do Clube do Livro o suficiente para insistir. “É a pior coisa que podemos fazer a alguém neste mundo. Um moleque da escola aprontou uma dessa com meu pai. Se inscrevermos um monte daqueles bandidos várias vezes... Ei, sabe?”, disse, enervado com o olhar impassível de Harriet. “Por mim, tudo bem.” A terrível perspectiva de passar o dia em casa sem nada para fazer ainda pairava em sua mente, ele de bom grado tiraria a roupa e deitaria pelado no meio da rua, caso ela exigisse isso.

“Bom, estou cansada”, ela disse, irritada. “Vou passar na casa de Libby.”

“Está certo”, Hely falou, após uma pausa estóica, atônita. “Acompanho você até lá.”

Silenciosamente eles empurraram as bicicletas pela estradinha de terra, até chegarem à rua. Hely aceitava a primazia de Libby na vida de Harriet sem compreendê-la bem. Era diferente de Edie e das outras tias — gentil, maternal. No jardim-de-infância, Harriet dissera a Hely e aos outros colegas que Libby era sua mãe; e, curiosamente, ninguém — nem mesmo Hely — contestou a afirmação. Libby era velha, morava numa casa diferente de Harriet, mas Libby chegara com ela no primeiro dia, segurando sua mão; era quem levava o bolo no dia do aniversário de Harriet e ajudou a fazer as fantasias para *Cinderela* (na peça, Hely representara um ratinho solícito; Harriet era a mais nova — e a mais malvada — das irmãs invejosas). Embora Edie comparecesse à escola quando Harriet se envolvia em confusões, brigava ou respondia, nunca ocorrera a ninguém que ela fosse a mãe de Harriet: severa demais, parecia uma professora de álgebra do colegial.

Infelizmente, Libby não estava em casa. “A senhora Cleve foi ao cemitério”, disse Odean, sonolenta (demorara para atender, quando bateram na porta dos fundos). “Foi arrancar o mato dos túmulos.”

“Quer ir até lá?”, Hely perguntou a Harriet, quando chegaram à calçada. “Por mim, tudo bem.” O percurso de bicicleta até o Cemitério Confederado era exaustivo no calor, exigia atravessar a estrada e passar por bairros suspeitos, cheios de barracos cobertos de zinco, com meninos gregos e italianos e negros jogando bola juntos na rua. Havia um armazém animado, sortido, no qual um senhor idoso de dente de ouro na frente vendia biscoitos italianos duros e sorvetes italianos coloridos, além de cigarro picado por um níquel cada.

“Edie também está no cemitério. Ela é presidente do Clube de Jardinagem.”

Hely aceitou a desculpa sem contestar. Mantinha-se o mais afastado possível de Edie, e a intenção de Harriet de evitá-la não lhe pareceu nem um pouco esquisita. “Vamos até a minha casa então”, sugeriu, tirando o cabelo da frente dos olhos. “Que acha?”

“Talvez minha tia Tatty esteja em casa.”

“Por que não vamos brincar no meu terraço, ou no seu?”, Hely disse, atirando uma casca de amendoim que estava em seu bolso, com raiva, no pára-brisa de um carro estacionado. Libby, tudo bem, mas as outras duas tias eram quase tão antipáticas quanto Edie.

Tia Tat fora ao cemitério com as outras sócias do Clube de Jardinagem, mas havia pedido que a levassem de volta para casa por causa da febre do feno; seus olhos ardiam, bolhas vermelhas surgiram nas costas da mão em consequência das ervas daninhas, e ela não entendeu, a exemplo de Hely, a insistência de Harriet em brincar em sua casa naquela tarde. Abrira a porta ainda com as roupas de jardinagem sujas: bermuda e uma túnica africana do comprimento de um jaleco. Edie tinha um traje similar, presentes de um missionário batista instalado na Nigéria. As túnicas *dashiki* dos Kentes eram coloridas e frescas, as duas senhoras vestiam os exóticos presentes freqüentemente, nos eventos de jardinagem e em

passeios — ignorando o simbolismo black power que seus “cafetãs” transmitiam aos passantes curiosos. Jovens negros debruçavam-se nas janelas dos carros quando passavam e saudavam Edie e Tatty com os punhos cerrados. “Panteras grisalhas!”, gritavam, ou “Eldridge e Bobby, é isso aí!”.

Tattycorum não gostava de trabalhar ao ar livre; Edie a intimara a participar do Clube de Jardinagem, e no momento ela só pensava em tirar a bermuda e o “cafetã” para colocá-los na máquina de lavar. Queria tomar um Benadryl e um banho; queria terminar o livro para devolvê-lo no dia seguinte, o último prazo de empréstimo. Abriu a porta desanimada para as crianças, mas as cumprimentou com carinho e apenas uma pontinha de ironia. “Como pode ver, Hely, estou em trajes informais”, disse pela segunda vez, ao acompanhá-los pelo corredor que dava para a sala pequena e atulhada de estantes pesadas para livros jurídicos e para a sala de jantar escura, lotada com um imenso bufê e cristaleira de mogno, vindos de Tribulation junto com o espelho de moldura dourada manchado e tão alto que tocava no teto. Aves de rapina pintadas por Audubon os observavam do alto. Um tapete persa enorme — também de Tribulation, grande demais para qualquer cômodo da casa — cobria o assoalho, e a sobra, enrolada na extremidade, formava um monte de trinta centímetros, como um tronco aveludado a apodrecer obstinadamente no meio do caminho. “Cuidado para não tropeçar”, ela disse, estendendo a mão para ajudar uma criança de cada vez, como um chefe de escoteiros guiando os pupilos na hora de pular um tronco caído na floresta. “Harriet deve ter explicado que a tia Adelaide é a dona de casa da família. Libby cuida das crianças e Edith mantém tudo nos eixos, mas eu não sirvo para nada disso. Papai me chamava de arquivista. Sabem o que significa?”

Ela os encarou com os olhos avermelhados, jovial e empolgada. Numa das faces restava uma manchinha de terra. Hely, discretamente, desviou a vista. Temia todas as tias velhas de Harriet, com seus narizes compridos e modos sagazes, aquilinos, como um bando de bruxas.

“Não?” Tat virou o rosto e espirrou com violência. “Arquivista”, explicou, tomando ar, “é uma palavra chique para definir quem gosta de guardar tranqueiras... Harriet, meu bem, por favor, perdoe sua tia por tagarelar tanto. Não quero chatear seu acompanhante, só espero que Hely não chegue em casa e diga à linda mamãe dele que vivo na maior bagunça. Da próxima vez”, disse, baixando a voz ao ficar para trás, com Harriet, “da próxima vez, antes de vir até aqui, meu bem, é melhor telefonar antes para sua tia Tatty. E se eu não estivesse em casa?”

Deu um beijo estalado na bochecha redonda da impassível Harriet (a menina estava imunda, mas o menino nem tanto, embora usasse uma camiseta branca comprida esquisita que ia até a altura do joelho, como uma camisola de avô). Levou-os até o terraço dos fundos e correu para a cozinha, onde — tilintar de colher — preparou limonada com água da torneira e com um saquinho de refresco em pó de limão comprado na mercearia. Tattycorum usava limão de verdade e açúcar, mas atualmente as crianças detestavam limonada de verdade, comentavam as amigas de Tatty que tinham netos, nos encontros do Clube de Jardinagem.

Chamou as crianças para tomar o refresco (“Aqui somos muito informais, Hely, espero que não se importe de se servir sozinho.”) e entrou novamente em casa, ansiosa para se lavar.

No varal de Tat, que se estendia pelo quintal, perto do terraço dos fundos, havia uma colcha com quadrados grandes pretos e bege. A mesa de jogar baralho à qual estavam sentados fora colocada na frente da colcha, como um cenário, e os retângulos do tabuleiro repetiam em escala reduzida os da colcha.

“Ei, o que esta colcha lembra você?”, Hely perguntou animado, batendo o pé nas travessas das pernas da cadeira. “O jogo de xadrez em *Moscou contra 007*, não é? Sabe a primeira cena, com o tabuleiro gigante?”

“Se tocar no bispo”, Harriet alertou, “será obrigado a jogar com ele.”

“Já joguei. Aquele peão.” Ele não estava interessado em xadrez, tampouco em damas; os dois jogos lhe davam dor de cabeça. Levantou o copo de limonada, fingiu encontrar uma mensagem secreta dos russos colada no fundo, mas Harriet nem sequer percebeu sua testa franzida.

Harriet, sem perder tempo, levou o cavalo ao centro do tabuleiro.

“Parabéns, senhor”, Hely disse, batendo o copo na mesa, embora não estivesse em xeque e não houvesse nada de excepcional na jogada. “Uma jogada brilhante.” Era a frase pronunciada no jogo de xadrez do filme, e se orgulhava de lembrá-la.

Seguiram jogando. Hely capturou um peão de Harriet com seu bispo e deu um tapa na testa quando Harriet moveu o cavalo para comer o bispo. “Você não pode fazer essa jogada”, disse, mesmo sem saber se ela podia ou não; sentia muita dificuldade para entender o movimento dos cavalos, o que o prejudicava bastante, pois Harriet preferia atacar com os cavalos e fazia isso bem.

Harriet, concentrada na partida, apoiava o queixo na mão. “Creio que ele sabe quem eu sou”, disse de repente.

“Você não falou nada, espero”, Hely comentou, preocupado. Embora admirasse a ousadia dela, considerava uma péssima idéia Harriet ter ido sozinha ao Salão de Bilhar.

“Ele saiu e me encarou. Ficou lá parado, sem se mexer.”

Hely moveu um peão sem pensar, só para não ficar parado. De repente, sentiu um profundo cansaço e muita mágoa. Odiava limonada, preferia Coca, e jogar xadrez não era sua diversão predileta. Tinha um jogo de xadrez também, um belo presente do pai, mas nunca o usava, exceto quando recebia a visita de Harriet. Em geral, as peças serviam de lápides aos túmulos, nas batalhas do GI Joe.

O calor incomodava terrivelmente, mesmo com o ventilador ligado e as persianas meio abaixadas. As alergias de Tat a atormentavam, davam-lhe

dores de cabeça. O pó BC para dores de cabeça deixara um gosto amargo em sua boca. Ela virou *Mary Queen of Scots* para baixo, sobre a colcha de chenile, e fechou os olhos por um momento.

Nem um pio na varanda: as crianças brincavam calmamente. Mesmo assim, era difícil descansar, sabendo que estavam em sua casa. Preocupava-se muito com as sobrinhas largadas na George Street, porém pouco poderia fazer por elas, pensou, estendendo a mão para apanhar o copo d'água na mesinha-de-cabeceira. E Allison, de quem no fundo Tat mais gostava, entre as duas sobrinhas-netas, a preocupava mais ainda. Allison era como a mãe, Charlotte, frágil e desprotegida. Segundo a experiência de Tat, as moças gentis e suaves como Allison e a mãe sofriam as piores violências e brutalidades da vida. Harriet lembrava a avó — parecia-se tanto com ela que Tat não se sentia muito à vontade a seu lado; era um filhote de tigre, muito viva, engraçadinha por ser ainda pequena, embora a cada dia que passava, conforme crescia, perdesse algo da graça. Apesar de Harriet ainda não ter idade para cuidar de si, em breve chegaria o dia no qual ela — a exemplo de Edith — enfrentaria qualquer dificuldade em seu caminho, fosse fome, falência do banco ou uma invasão russa.

A porta do quarto rangeu. Tat falou, levando a mão ao peito: “Harriet?”.

Mas Scratch — o gato de Tatty, já muito velho — saltou para cima da cama e sentou-se, olhando para ela enquanto abanava a cauda.

“O que está fazendo aqui, Bombo?”, ele disse, ou melhor, Tatty disse por ele, cantarolando no tom agudo e insolente que as irmãs usavam desde pequenas para falar com os bichos de estimação.

“Assim você me mata de susto, Scratch”, ela respondeu com sua voz natural, baixando uma oitava.

“Sei abrir a porta direitinho, Bombo.”

“Claro.” Ela se levantou e fechou a porta. Quando se deitou novamente, o gato acomodou-se confortavelmente ao lado de seu joelho, e em pouco tempo ambos pegaram no sono.

Gum, a avó de Danny, gemia enquanto tentava inutilmente retirar do forno com as duas mãos uma fôrma de ferro fundido.

“Vó, pode deixar que eu pego”, Farish disse, levantando-se tão depressa para tirar o pão de milho do forno que derrubou a cadeira de alumínio da cozinha.

Gum empertigou-se e se afastou do forno, sorrindo para seu neto predileto. “Pode deixar, Farish, eu mesma tiro”, disse sem convicção.

Danny, sentado, olhava para a toalha de vinil xadrez desejando estar em outro lugar. A cozinha do trailer mal permitia que se movessem, de tanta tralha. O calor e o cheiro do forno a tornavam um local desagradável e abafado mesmo no inverno. Poucos minutos antes ele devaneara, pensando numa moça — não alguém real, mas uma espécie de espírito. Cabelos escuros esvoaçantes, como algas na beira de um laguinho: esverdeados ou pretos. Ela se aproximaria deliciosamente, como se fosse beijá-lo, mas em vez disso sopraria em sua boca aberta uma brisa fresca paradisíaca. A doçura da lembrança o arrepiou inteiro. Queria ficar sozinho para saborear o devaneio, pois ele estava desaparecendo rapidamente, e Danny estava desesperado para que ele retornasse.

Mas continuou ali. “Farish”, disse a avó, “odeio ter de fazer você se levantar.” Ansiosa, com as mãos juntas, olhou para o sal e o melado. Farish se ergueu e bateu com os frascos na mesa. “Não se preocupe.”

“Continue sentada, Gum”, Farish disse, severo. Repetiam aquela rotina regularmente; ocorria a cada refeição.

Com olhares melancólicos e uma relutância bem encenada, Gum mancou resmungando até a cadeira, enquanto Farish — entupido de droga, *chapado* até as orelhas — andava de um lado para o outro, entre o fogão, a mesa e a geladeira instalada do lado de fora, pondo a mesa com estardalhaço. Quando empurrou um prato cheio em sua direção, ela o afastou debilmente.

“Podem comer primeiro, meninos”, disse. “Eugene, não quer este prato?”

Farish olhou para Eugene — sentado em silêncio, com as mãos cruzadas no colo — e empurrou o prato de volta para a frente de Gum.

“Pegue... Eugene...” Com as mãos trêmulas, ela ofereceu o prato a Eugene, que recuou, relutando em aceitá-lo.

“Gum, você precisa se alimentar”, Farish rosnou. “Assim vai acabar no hospital outra vez.”

Sem dizer nada, Danny afastou o cabelo da cara e pegou um pedaço de pão de milho. Sentia calor e estava drogado demais para comer. Além disso, o fedor do laboratório — combinado com o cheiro enjoativo da banha rançosa e da cebola — bastava para lhe dar a sensação de que jamais sentiria fome novamente.

“Pois é”, Gum disse, sorrindo pensativa para a toalha de mesa, “eu adoro cozinhar para vocês.”

Danny tinha absoluta certeza de que a avó não gostava de cozinhar para os netos, como vivia dizendo. Era uma criatura miúda, emaciada, cor de couro, recurvada, tão decrepita que parecia ter cem anos, e não sua idade real — por volta de sessenta. Filha de pai cajun, francês da Louisiana, e mãe *chickasaw* pura, vivera num barraco de meeiro com piso de terra batida, sem água encanada (privações que diariamente lembrava aos netos), e aos treze anos fora dada em casamento a um caçador que comercializava peles, vinte e cinco anos mais velho que ela. Difícil imaginar sua aparência naquele tempo — em sua juventude miserável não sobrava dinheiro para bobagens como câmeras e retratos —, mas o pai de Danny (que adorava Gum apaixonadamente, mais como pretendente do que como filho) dizia que ela era uma moça linda de rosto corado e cabelo preto reluzente. Tinha apenas catorze anos quando ele nasceu; era (ele vivia repetindo) “a moça *coon* mais linda que já existiu”. Por *coon* ele queria dizer *cajun*, mas quando Danny era criança tinha ficado com a vaga impressão de que Gum era meio racum — um animal com o qual ela se

parecia, com seus olhos escuros profundos, mãos enrugadas, rosto pontudo e dentes irregulares.

Gum era miúda e parecia encolher a cada ano. Agora, restava apenas uma figurinha encovada com boca fina e afiada como navalha. Como lembrava regularmente aos netos, dera duro a vida inteira no trabalho pesado (do qual não se envergonhava, de jeito nenhum), que a envelhecera prematuramente.

Curtis — contente — devorava ruidosamente o jantar, enquanto Farish continuava a rodear Gum, oferecendo comida e serviços que ela dispensava com um gesto aflito, triste. Farish era muito ligado à avó, seu jeito frágil sempre lhe dava pena. Ela, por sua vez, enchia Farish de elogios com os mesmos modos suaves, obsequiosos e dóceis que usara para adular o falecido pai deles. Assim como os elogios despertavam o que havia de pior no pai de Danny (estimulando sua autocomiseração, atiçando os ataques de raiva, o orgulho e acima de tudo a violência), sua atitude também encorajava o lado brutal de Farish.

“Farish, não posso comer tudo isso”, murmurou (apesar de o momento para a recusa haver passado, pois todos os netos já tinham seus próprios pratos). Dê meu prato ao Irmão Eugene.”

Danny levantou os olhos e saiu da mesa irritado. Sua paciência fora abalada pela anfetamina, e o jeito da avó (recusa desanimada, tom de sofredora) lhe parecia falso, visava apenas fazer com que Farish se enfurecesse e brigasse com Eugene.

Funcionou bem. “A *ele?*”, Farish esbravejou, olhando para a outra ponta da mesa, onde Eugene devorava a comida curvado em cima do prato. O apetite de Eugene era o pomo da discórdia, motivo de discussões intermináveis, pois ele comia mais do que qualquer outro membro da família e pouco contribuía para as despesas.

Curtis — de boca cheia — estendeu a mão engordurada para pegar o pedaço de frango que a avó oferecia com a mão trêmula. Rápido como um

raio, Farish lhe deu um tapa violento, que fez a boca de Curtis se abrir. Pedacos de comida meio mastigada caíram sobre a toalha.

“Aaa... deixe que ele coma, se quiser”, Gum disse com ternura. “Curtis, você quer comer mais um pouquinho?”

“Curtis”, Danny disse, a ponto de perder a paciência; não agüentava ficar ali testemunhando o desenrolar do drama da hora do jantar pela milésima vez. “Tome. Coma o meu.” Mas Curtis — que não compreendia a natureza daquele jogo nem jamais a entenderia — sorria e estendia a mão para apanhar a coxa de frango que tremia na sua frente.

“Se ele pegar”, Farish ameaçou, olhando para cima, “juro que vou lhe dar um soco que...”

“Ei, Curtis”, Danny insistiu, “fique com o meu pedaço.”

“Ou com o meu”, disse de repente o pregador visitante, que se sentara ao lado de Eugene, do outro lado da mesa. “Tem bastante. Se o menino quiser, tudo bem.”

Eles haviam se esquecido de sua presença. Todos se voltaram para encará-lo, uma oportunidade que Danny aproveitou para se debruçar e despejar o conteúdo nojento de seu prato no de Curtis.

Curtis resmungou extasiado ao notar o presente. “Boa!”, exclamou, batendo palmas.

“Sem dúvida este jantar está muito saboroso, uma delícia mesmo”, Loyal disse, educado. Seus olhos azuis febris exibiam uma intensidade exagerada. “Sou muito grato a todos.”

Farish parou, com o pão de milho na mão. “Você não se parece nem um pouco com Dolphus.”

“Gozado, minha mãe acha que sim. Dolphus e eu somos os mais claros, puxamos o lado da família dela.”

Farish riu e passou a levar as ervilhas à boca com um pedaço de pão. Embora vivesse inegavelmente dopado, sempre conseguia dar conta do jantar quando Gum estava por perto, para não ferir seus sentimentos.

“Vou lhe dizer uma coisa, seu irmão Dolphus sabia como armar um salseiro”, comentou com a boca cheia de comida. “Lá em Parchman, quando ele mandava todo mundo dançava. E se não dançasse ele é que dançava com você. Curtis, pombas”, disse, afastando a cadeira e erguendo os olhos. “Você parece que gosta de provocar ânsia em mim. Gum, pode mandar ele tirar a mão da travessa de comida?”

“Ele não sabe comer de outro jeito”, Gum disse, levantando-se com dificuldade para puxar a travessa para fora do alcance de Curtis e depois retornar à cadeira lentamente, como se entrasse num banho gelado. Para Loyal reservou uma expressão resignada. “Infelizmente o bom Deus não perdeu muito tempo com esse aí”, disse, com um movimento de cabeça pesaroso. “Mas nós amamos nosso monstrinho, não é, Curtis?”

“Amamos”, Curtis repetiu, oferecendo à avó um pedaço de pão de milho.

“Não, Curtis, Gum não quer.”

“Deus não se equivoca”, Loyal disse. “Seus olhos estão em todos nós. Abençoado seja Aquele que faz variar o aspecto de todas as criaturas.”

“Bem, vamos torcer para Deus não estar olhando para o outro lado quando vocês lidarem com as cascavéis”, Farish disse, lançando um olhar malicioso para Eugene, que se servia de mais um copo de chá gelado.

“Seu nome é Loyal então?”

“Sim, senhor. Loyal Bright. O sobrenome vem do lado da minha mãe.”

“Bem, me explique uma coisa, Loyal, qual é a razão para trazer aqueles répteis todos para cá, se eles têm de ficar nas caixas? Quantos dias vocês vão dedicar à pregação, afinal?”

“Um dia”, Eugene disse com a boca cheia, sem erguer os olhos.

“Não posso determinar o momento do contato”, Loyal disse. “Deus nos manda sua bênção quando o deseja. A Ele pertence o Triunfo. Por vezes, somos instados a testar nossa fé.”

“Suponho que correm o risco de passar por palhaços, no meio do povo, sem pegar em cobra nenhuma.”

“Não, senhor. A serpente é uma criatura divina e cumpre a vontade de Deus. Se insistirmos em pegá-las quando for impróprio, descumprindo Seu desejo, seremos punidos.”

“Muito bem, Loyal”, Farish disse, encostando-se na cadeira, “você acha que Eugene está em dia com o Senhor? Talvez não esteja, e isso prejudique suas atividades.”

“Gostaria de esclarecer uma coisa”, Eugene disse subitamente. “Não ajuda em nada as pessoas cutucarem as cobras com varas, assoprar fumaça de cigarro e provocá-las de outras maneiras...”

“Ei, espere um pouco...”

“Farsh, vi você mexer com as cobras na caçamba da caminhonete.”

“*Farsh*”, disse Farish com voz fina, zombeteira. Eugene pronunciava algumas palavras de modo estranho.

“Não zombe de mim.”

“Agora chega”, Gum disse. “Vamos parar com isso, vocês todos.”

“Gum”, Danny disse, e repetiu com menos agressividade: “Gum”, pois sua voz soou tão alta e forte que todos à mesa se alarmaram.

“Pois não, Danny?”

“Gum, eu queria saber...” Estava tão ligado que não conseguia estabelecer uma conexão entre o que todos estavam conversando e a pergunta que lhe veio à mente. “A senhora foi escolhida para fazer parte de um júri?”

A avó dobrou um pedaço de pão de forma ao meio e o mergulhou numa poça de melado. “Fui.”

“E aí?”, Eugene disse. “Quando começa o julgamento?”

“Quarta-feira.”

“Como vai até lá, se a caminhonete quebrou?”

“*Jurada?*”, Farish disse, empertigando-se na cadeira. “Como foi que eu não fiquei sabendo?”

“Gum não quis incomodar você, Farish. Coitada...”

“A caminhonete não está quebrada”, Eugene disse. “Mas ela não conseguiria dirigir. É preciso fazer muita força para girar o volante.”

“Jurada?” Farish afastou a cadeira da mesa, furioso. “E por que resolveram convocar uma inválida? Creio que poderiam chamar um sujeito com boa saúde...”

“Não me incomoda servir”, Gum disse, em tom de mártir.

“Sei disso muito bem, mas eles bem que poderiam chamar outra pessoa. Você vai ter de passar o dia lá, sentada naquela cadeira dura, apesar da artrite...”

Gum disse, num murmúrio: “Bem, para dizer a verdade o que me preocupa é a náusea que às vezes sinto por causa do outro remédio...”

“Espero que tenha dito a eles que isso equivale a mandá-la novamente ao hospital. Arrancar uma pobre velha aleijada de sua casa...”

Diplomaticamente, Loyal o interrompeu: “E que tipo de crime foi cometido, minha senhora?”

Gum parou de comer o pão com melado. “Um negro roubou um trator.”

Farish disse: “E vão obrigá-la a ir até lá só por causa disso?”

“Bem”, Gum disse tranqüilamente, “no meu tempo não precisavam de julgamento para resolver essas bobagens.”

Como não houve resposta quando bateu, Harriet abriu um pouquinho a porta do quarto de Tat. Na penumbra, viu a tia idosa cochilando sobre a colcha branca de verão, sem óculos, de boca aberta.

“Tat?”, perguntou, insegura. O quarto cheirava a remédio, colônia Grandee, vetiver, Mentholatum e poeira. Um ventilador zumbia baixinho, lento, fazendo com que as cortinas de filó esvoaçassem para a esquerda e para a direita.

Tat continuava dormindo. O quarto estava fresco e quieto. Fotos em molduras de prata sobre a cômoda: o juiz Cleve e a bisavó de Harriet —

camafeu na gargantilha — antes da virada do século; a mãe de Harriet debutando nos anos 1950, com luvas até o cotovelo e penteado alto; uma foto oito por dez, colorida à mão, do marido de Tat ainda jovem, o sr. Pink, e uma foto que saíra no jornal muitos anos depois, do sr. Pink recebendo um prêmio da Associação Comercial. Sobre a penteadeira pesada estavam as coisas de Tat: creme Pond's, um vidro de geléia com grampos de cabelo, alfinetes, pente de baquelite, escova e um único batom — uma família humilde, simples, caprichosamente arrumada para a foto em grupo.

Harriet sentiu vontade de chorar. Jogou-se na cama.

Tat acordou assustada. “Querida... Harriet?” Com esforço, ela se ergueu e tateou atrás dos óculos. “O que houve? Cadê seu amiguinho?”

“Foi para casa. Tatty, você gosta de mim?”

“Qual é o problema? Que horas são, meu bem?”, ela disse, forçando a vista inutilmente para ver a hora no despertador. “Você andou chorando?” Ela levou a mão à testa de Harriet, para verificar se tinha febre, mas a menina estava úmida e fria. “Mas, afinal, qual é o problema?”

“Posso passar a noite aqui?”

Tat sentiu o coração apertado. “Ah, meu bem, Tatty está morta de cansaço e incomodada por causa da alergia... Por favor, diga o que houve, querida. Você está passando mal?”

“Eu não vou incomodar.”

“Querida, queridinha. Você nunca incomoda, nem Allison, mas...”

“Por que nem você, nem Libby, nem Adelaide nunca me deixam ficar para dormir?”

Tat ficou perplexa. “Ora, Harriet.” Estendeu o braço e acendeu a luz do abajur de cabeceira. “Você sabe muito bem que isso não é verdade.”

“Você nunca me convidou!”

“Está bem, Harriet. Vou pegar o calendário. Vamos escolher um dia da próxima semana, e quando você se sentir melhor...”

Ela parou de falar. A menina chorava.

“Calma, querida”, disse com certa impaciência. Embora Tat procurasse mostrar interesse quando as amigas falavam entusiasmadas dos netos, não lamentava a falta deles. As crianças a entediavam e aborreciam — um fato que se esforçava diligentemente para ocultar das sobrinhas. “Vou pegar uma toalha. Ficaré melhor quando... vamos, Harriet, levante-se.”

Ela pegou a mãozinha gorducha de Harriet e a conduziu pelo corredor escuro, até o banheiro. Abriu as duas torneiras da pia e entregou um sabonete rosado à sobrinha. “Pegue, meu bem. Lave a mão e o rosto... primeiro a mão. Agora molhe um pouco a face, vai lhe fazer bem...”

Ela umedeceu a toalha e, com gestos mecânicos, molhou o rosto de Harriet. Depois, entregou-lhe a toalha. “Vamos lá, querida. Molhe o pescoço e as axilas, está bem?”

Harriet, automaticamente, obedeceu-a. Passou a toalha no pescoço e depois a esfregou um pouco nas axilas, por baixo da camiseta.

“Ora, vamos fazer isso direito. Ida não a ensinou a se lavar?”

“Sim, senhora”, Harriet respondeu, desanimada.

“Então, por que vive tão suja, hem? Você toma banho de banheira todos os dias?”

“Sim, senhora.”

“E depois põe a cabeça debaixo da torneira para tirar todo o sabão? Não adianta nada, Harriet, se você sair do banho quente e continuar cheia de sabão. Ida Rhew sabe muito bem que precisa...”

“Não é culpa de Ida! Por que todo mundo acusa Ida?”

“Ninguém a acusou de nada. Sabe que adoro Ida, meu bem, mas creio que sua avó precisa ter uma conversinha com ela. Ida não cometeu nenhum erro, mas as pessoas de cor têm idéias diferentes... Ai, Harriet, por favor”, Tatty disse, esfregando as mãos. “Não comece outra vez...”

Eugene, algo ansioso, acompanhou Loyal na volta após o jantar. Loyal parecia de bem com a vida, pronto para um passeio noturno, mas Eugene

(que vestira o desconfortável terno de missionário após o jantar) suave e penava com o calor sufocante. Olhou seu reflexo no espelho retrovisor externo da caminhonete de Loyal e passou rapidamente o pente no cabelo grisalho ensebado. A pregação da noite anterior (numa fazenda erma, na ponta oposta da comarca) não fora exatamente um sucesso. Os curiosos que apareceram na clareira zombaram deles, atiraram tampinhas de garrafas e pedregulhos, ignoraram o prato de coleta e se levantaram para ir embora antes do final do serviço — e quem podia censurá-los? O jovem Reese — com seus olhos azuis feito uma chama de gás e o cabelo para trás, como se tivesse acabado de ver um anjo — talvez tivesse mais fé no dedo mindinho do que aquele bando inteiro de incrédulos, mas nenhuma cobra saíra da caixa, nem uminha; embora Eugene se sentisse embaraçado com isso, não se animara o bastante para pegar uma delas com as próprias mãos. Loyal lhe garantira uma recepção mais calorosa esta noite, em Boiling Spring-, mas Eugene não dava a mínima para Boiling Spring. Está certo, havia uma congregação razoável de crentes por lá, mas pertencia a outros. Em dois dias tentariam reunir uma multidão na praça — contudo, o que poderia ser uma multidão no caso deles? Afinal, o maior atrativo de sua pregação — as cobras — estava proibido por lei.

Nada disso perturbava Loyal, pelo jeito. “Aqui me encontro para realizar um trabalho divino”, dizia. “E o Senhor deseja que enfrentemos a Morte.” Na noite anterior as vaias da platéia não o incomodaram; embora Eugene temesse as cobras e soubesse que era incapaz de pegar uma nas próprias mãos, pretendia evitar outra noite de humilhação pública.

Estavam em pé no trecho cimentado que todos ali chamavam de “abrigo”, equipado com churrasqueira a gás numa ponta e cesta de basquetebol na outra. Eugene olhou para a caminhonete de Loyal, nervoso — fitou a lona que cobria as caixas de cobras empilhadas na caçamba e o adesivo que proclamava, em letras enviesadas, fanáticas: ESTE MUNDO NÃO É O MEU LAR! Curtis estava dentro de casa, em segurança, vendo televisão (se os visse partir, sairia chorando e gritando que queria ir junto),

e Eugene pensava em sugerir que subissem na picape e partissem logo, quando a porta se abriu e Gum veio arrastando os pés na direção deles.

“Salve, senhora!”, Loyal exclamou, cordial.

Eugene se afastou um pouco. Encontrava dificuldade, atualmente, em combater o profundo ressentimento contra a avó e se obrigava a insistir consigo que Gum era apenas uma senhora idosa — além do mais, doente, muito doente havia anos. Ele se recordava bem daquele dia distante, quando Farish e ele eram pequenos. O pai chegou em casa bêbado, no meio da tarde, gritando para que saíssem do trailer e fossem ao quintal, como fazia antes de surrá-los. Seu rosto estava vermelho, brilhante, e ele falava por entre os dentes. Mas não havia fúria nele; ele chorava. *Meu Deus, estou arrasado desde que soube, esta manhã. Meu Deus, tende piedade. Gum não ficará conosco por muito tempo. Um mês, dois no máximo. Os médicos disseram que o câncer já lhe devorou até os ossos!*

Isso havia sido duas décadas antes. Desde então, quatro irmãos nasceram e cresceram, saíram de casa, sofreram traumas, foram para a prisão; pai, mãe e tio faleceram, assim como a irmã recém-nascida. E Gum continuava firme. Sentenças de morte de vários médicos e funcionários do departamento de saúde haviam chegado regularmente durante toda a infância e a adolescência de Eugene, e Gum continuava a recebê-las a cada seis meses, em média. Ela mesma passou a dar a má notícia depois que o pai deles morreu. O baço crescera anormalmente, estava a ponto de estourar; o fígado, o pâncreas e a tiróide deixaram de funcionar; um câncer assim ou um câncer assado a consumia. Tantos tipos diferentes que os ossos escureceram até pretejamem feito ossos de um frango esquecido no forno. Sem dúvida, Gum estava um caco. Incapaz de matá-la, o câncer se alojara dentro dela, fizera do corpo um lar aconchegante. Acomodara-se no tórax, firmemente enraizado, projetando as pontas de seus tentáculos até atravessar a pele para formar inúmeros nervos negros. Se àquela altura alguém cortasse Gum, Eugene imaginava,

era bem capaz de não achar sangue nenhum, apenas um monte de matéria esponjosa virulenta.

“Senhora, se não se importa com minha curiosidade”, disse a visita de Eugene, “por que os rapazes a chamam de Gum?”

“Ninguém sabe, o nome simplesmente *pegou*”, intrometeu-se Farish ao sair agitado do barracão de taxidermia acompanhado por um fecho de luz que clareou o mato ralo. Ele se aproximou dela por trás e a abraçou, apertando-a como um namorado. “Quer que eu ponha você na caçamba da picape com as cobras, Gum?”

“Cai fora”, Gum disse, indiferente. Considerava indigno mostrar o quanto apreciava aquela atenção rude, mas gostava para valer; embora seu rosto não demonstrasse, os olhinhos negros brilhavam de prazer.

O visitante de Eugene olhou desconfiado para dentro do barracão, pela porta aberta. A central de taxidermia e metanfetamina não tinha janelas, e uma lâmpada solitária pendurada no teto iluminava seu interior lotado de provetas, tubos de cobre, uma série de bombas de vácuo emendadas, tubos e bicos de gás e banheiras velhas. Lembranças desagradáveis do trabalho de taxidermia — como o embrião de puma preservado em formol e uma caixa transparente para material de pesca cheia de olhos de diferentes tipos — davam ao local um ar de laboratório de Frankenstein.

“Vamos entrando, vamos entrando”, Farish disse, dando meia-volta. Largou Gum e agarrou Loyal pelo colarinho da camisa para puxá-lo até a entrada e praticamente jogá-lo dentro do laboratório.

Eugene o seguiu, ansioso. O visitante — acostumado, vai ver, a tratamento brutal semelhante por parte do irmão Dolphus — não demonstrava nervosismo, mas Eugene conhecia Farish o bastante para saber que seu bom humor era motivo mais do que suficiente para preocupação.

“Farsh”, disse com voz estridente. “Farsh.”

Lá dentro as prateleiras escurecidas exibiam fileiras de vidros cheios de produtos químicos e várias garrafas de uísque com os rótulos raspados,

cheias de um líquido escuro usado por Farish em suas atividades no laboratório. Danny, usando um par de luvas de borracha de lavar louça, remexia em algo com um utensílio pequeno, sentado em cima de um balde emborcado. Um filtro de vidro borbulhava atrás dele; uma águia de asas abertas espreitava no escuro, lá em cima, como se pretendesse mergulhar para atacá-los. Nas prateleiras havia um peixe de boca larga, montado numa placa de madeira rústica; pés de peru, cabeças de raposa, gatos domésticos — de machos adultos a filhotes minúsculos —, pica-paus, biguatingas e uma garça costurada pela metade que fedia muito.

“Vou contar um caso, Loyal. Alguém me trouxe uma *moccasin*, um macho deste tamanho, que eu mostraria a você se ainda estivesse aqui, pois acredito que era maior do que qualquer cobra aí da sua picape...”

Roendo a unha do polegar, Eugene entrou e espiou por cima do ombro de Loyal, como se visse pela primeira vez, com os olhos do outro, os gatinhos empalhados e a garça de órbitas enrugadas como conchas cauri. “Para taxidermia”, disse em voz alta, ao notar que os olhos de Loyal se detinham na fileira de garrafas de uísque.

“O Senhor nos ordenou que amássemos seu Reino, e o guardássemos, e dele cuidássemos com carinho”, Loyal disse, erguendo a vista para o ambiente, que, com as carcaças fedorentas e a penumbra, mais parecia uma sucursal do inferno. “Perdoe-me se não sei dizer se isso inclui empalhar as criaturas.”

No canto, Eugene viu uma pilha de revistas. *Hustler*. A foto da primeira capa era revoltante. Pegou Loyal pelo braço. “Vamos indo”, disse, pois não sabia como Loyal reagiria ao ver a foto, e comportamentos imprevisíveis eram imprudentes perto de Farish.

“Bem”, Farish disse, “não sou especialista, mas acho que tem razão, Loyal.” Para horror de Eugene, Farish debruçou-se sobre a bancada de alumínio e — jogando o cabelo por cima do ombro — cheirou uma carreira branca de algo que Eugene calculou ser droga, usando uma nota

de um dólar enrolada. “Desculpe, mas estou errado em supor que você é capaz de devorar um filé gordo e suculento, como meu irmão aqui?”

“O que é isso?”, Loyal perguntou.

“Remédio para dor de cabeça.”

“Farish tem problemas”, Danny intrometeu-se, solícito.

“Minha nossa”, Loyal disse a Gum, em voz baixa, quando ela entrou feito um caracol. “O sofrimento sem dúvida é um mestre severo entre seus netos.”

Farish jogou o cabelo para trás e se empertigou, fungando alto. Não se importava que ele fosse a única pessoa na casa a receber pensão por invalidez; não fazia diferença que pusessem seu infortúnio em pé de igualdade com o rosto desfigurado de Eugene, e nem mesmo com os problemas mais graves de Curtis.

“É verdade, Loyal”, Gum concordou, balançando a cabeça, pesarosa. “O bom Deus me enviou terríveis provações, como o câncer e a artrite, a diabetes do açúcar e isto aqui...” Mostrou uma ferida preta e roxa no pescoço, do tamanho de uma moeda. “Foi aqui que raspavam as veias de Gum”, disse com meiguice, entortando o pescoço para o lado, de modo a fornecer a Loyal uma visão melhor. “Foi aqui que eles enfiaram o cateto, bem aqui, está vendo...”

“A que horas vocês pretendem fazer a pregação esta noite?”, Danny perguntou, interessado, com o dedo no nariz, quando se ergueu após tomar sua dose de remédio para dor de cabeça.

“Está na hora de ir embora”, Eugene disse a Loyal. “Vamos logo.”

“E depois”, Gum falou a Loyal, “eles inseriram o tal de balão na veia do pescoço, aqui, e...”

“Gum, ele precisa ir.”

Gum riu e segurou a manga da camisa branca de Loyal com sua garra escura. Tinha adorado encontrar um ouvinte tão atento e relutava em deixá-lo partir assim tão facilmente.

Harriet voltou da casa de Tatty caminhando. A sombra das nogueiras e magnólias protegia as calçadas cobertas de pétalas esmagadas de murta; pela brisa morna vinha o som dos sinos vespertinos da Primeira Igreja Batista. As casas da Main Street eram mais imponentes do que as residências georgianas e as imitações góticas da George Street. Ali, predominavam os estilos neoclássico, italiano, vitoriano, relíquias de uma prosperidade perdida baseada no algodão. Poucas, muito poucas, ainda pertenciam aos descendentes das famílias que as construíram; algumas haviam sido adquiridas por ricos de fora. Mas também havia um número crescente de mansões decadentes, com triciclos no quintal e varais estendidos entre colunas dóricas.

Anoitecia. Um vaga-lume piscou no final da rua e, praticamente em cima de seu nariz, mais dois, em rápida seqüência, *pop pop*. No fundo, não queria voltar para casa — ainda não — e, embora a Main Street ficasse deserta e assustadora naquele trecho, tomou a decisão de caminhar mais um pouco, até o Alexandria Hotel. Todos ainda o chamavam de Alexandria Hotel, embora desde antes de Harriet vir ao mundo já não houvesse hotel nenhum ali — nem quando Edie nasceu. Durante a epidemia de febre amarela de 1879, quando a cidade apavorada foi invadida por forasteiros em pânico que fugiam de Natchez e de Nova Orleans, os moribundos foram empilhados como sardinhas na varanda e no terraço do hotel superlotado — gritando, brigando, implorando por água —, enquanto os mortos eram atirados na calçada em frente.

A cada cinco anos, em média, alguém tentava reabrir o Alexandria Hotel e usá-lo como depósito de mantimentos ou local de reunião, ou outra coisa qualquer; contudo, os projetos não vingavam. As pessoas tinham receio até de passar na frente do prédio. Na última empreitada, há poucos anos, algumas pessoas de fora tentaram abrir um salão de chá onde antes era o saguão, mas agora ele também já estava fechado.

Harriet parou na calçada. No fim da rua deserta erguia-se o hotel — uma ruína branca, imponente, indistinta no crepúsculo. Então, de repente, ela pensou ter visto um vulto se mover na janela do andar superior — algo esvoaçante, como um pano — e deu meia-volta para sair correndo com o coração disparado pela rua escura, como se um bando de fantasmas voasse atrás dela.

Harriet correu até em casa, sem parar, e entrou agitada pela porta da frente — sem fôlego, vendo manchas na frente dos olhos. Allison estava embaixo, sentada na frente da televisão.

“Mamãe está preocupada”, disse. “Suba e avise que chegou. Ah, Hely telefonou.”

Quando Harriet estava no meio da escada, a mãe desceu correndo para encontrá-la, fazendo barulho com o chinelo ao descer, *flap flap flap*. “Onde foi que você andou? Responda neste minuto!” Seu rosto afogueado reluzia; pusera por cima da camisola uma velha camisa social do pai de Harriet. Agarrou Harriet pelos ombros, sacudiu a menina e — incrível — empurrou-a contra a parede com tanta força que ela bateu a cabeça na moldura do retrato da secular soprano sueca Jenny Lind.

Harriet estava atônita. “Qual é o problema?”, perguntou, piscando de nervoso.

“Sabe por acaso o quanto estou preocupada?” A voz da mãe saiu aguda, diferente. “Fiquei *doente* imaginando onde poderia ter ido. Fora... de... mim...”

“Mãe?” Confusa, Harriet passou a mão em seu rosto. Teria bebido? Por vezes, o pai se comportava assim, quando ia passar o Dia de Ação de Graças em casa e bebia demais.

“Pensei que você tivesse morrido. Como pode...”

“O que houve?” As luzes do alto a ofuscavam, e Harriet só queria subir para seu quarto. “Eu só fui até a casa de Tat.”

“Mentira. Diga a verdade.”

“Mas fui mesmo”, Harriet retrucou, impaciente, tentando passar pela mãe. “Telefone para ela, se não acredita em mim.”

“Farei isso com certeza, mais tarde. Mas agora você vai me dizer por onde andou.”

“É melhor ligar”, Harriet disse, exasperada pelo bloqueio do caminho. “Telefone agora mesmo.”

A mãe de Harriet deu um passo em sua direção, furiosa, e Harriet, mais ágil, desceu dois degraus. Seu olhar frustrado pousou sobre o retrato da mãe em pastel (olhos vivos, bem-humorada, com capote de lã e rabo-de-cavalo vistoso), feito numa rua de Paris durante o ano que passara no exterior. Os olhos do retrato, radiante graças ao traços brancos exagerados, pareciam arregalados de pena de Harriet.

“Por que me tortura desse jeito?”

Harriet desviou a vista do retrato para o mesmo rosto, muito mais velho, cuja face algo desnaturada dava a impressão de ter sido reconstruída após um terrível acidente.

“Por quê?”, gritou a mãe. “Quer me deixar louca?”

Um arrepio de medo eriçou os cabelos da nuca de Harriet. De vez em quando sua mãe se comportava de modo anormal, ficava confusa e irritada, mas nunca chegara àquele ponto.

Allison, parada no pé da escada, levava uma das mãos ao enfeite em forma de tulipa do pilar do corrimão.

“Allison?”, Harriet perguntou, brusca. “O que houve com mamãe?”

A mãe de Harriet a estapeou. Embora não tivesse machucado muito, fez barulho. Harriet levou a mão à face e encarou a mãe, que ofegava, respirando muito depressa.

“Mãe? O que foi que eu fiz?” Estava chocada demais para chorar. “Se ficou preocupada, por que não ligou para Hely?”

“Não posso ligar para os Hull e acordar a casa inteira a esta hora da manhã!”

Allison, no pé da escada, estava tão assombrada quanto Harriet. Por alguma razão, Harriet suspeitava que a irmã estivesse por trás do mal-entendido, fosse como fosse.

“Você andou aprontando”, ela acusou. “O que disse a ela?”

Mas os olhos de Allison — arregalados, incrédulos — fixaram-se na mãe. “Mamãe?”, chamou. “Como assim, de manhã?”

Charlotte, segurando o corrimão, parecia confusa.

“Acabou de anoitecer. É terça-feira à noite.”

Charlotte parou por um momento, de olhos bem abertos e lábios ligeiramente afastados. Depois desceu a escada correndo, fazendo estardalhaço com o chinelo, e olhou para fora, pela janela perto da porta da frente.

“Ai, meu Deus”, disse, debruçando-se para fora, com as duas mãos no parapeito. Depois, destrancou a porta e foi para a varanda, ao crepúsculo.

“Minha nossa”, disse. “Você tem razão. Acordei e o relógio marcava seis e meia. Pensei que fossem seis e meia da manhã.”

Por um tempo não se ouviu som algum, exceto pelos grilos e pelas vozes rua acima. Os Godfrey tinham visita: um carro branco desconhecido estava parado na entrada e a perua deles, estacionada na rua. A fumaça da churrasqueira subia, amarelada, no quintal iluminado.

Charlotte olhou para Harriet. Suava, pálida, as pupilas tão grandes e negras que engoliam a íris, agora coroas azuis brilhando na periferia da lua durante o eclipse.

“Harriet, pensei que você tivesse passado a noite inteira fora...” Ela soluçava e falava devagar, sonolenta. “Ah, minha filha. Pensei que tivesse sido raptada ou que tivesse morrido. A mamãe teve um pesadelo. Ah, querida, desculpe-me. Bati em você.”

“Vamos entrar, mamãe. Por favor”, disse Allison em voz baixa. Seria péssimo se os Godfrey ou a sra. Fountain vissem a mãe delas chorando no terraço, de camisola.

“Harriet, venha cá. Será que posso pedir que me perdoe? Sua mãe está maluca”, disse, soluçando baixinho no cabelo de Harriet. “Lamento muito...”

Harriet, apertada contra o peito da mãe num ângulo desconfortável, tentava agüentar firme. Sentia-se sufocada. Lá em cima, como se estivesse distante, a mãe chorava e soluçava, emitindo sons abafados, como uma vítima de naufrágio atirada na praia. O tecido rosado da camisola grudava no rosto de Harriet e estava tão ampliado que nem parecia mais tecido, e sim uma trama de cabelos grossos, ásperos. Harriet fechou os olhos, presa ao peito da mãe. O rosa sumiu. Abriu os olhos: o rosa voltou. Ela experimentou piscar alternadamente, observando a ilusão de ótica surgir e sumir até que uma lágrima — inesperadamente grande — caiu no pano e se espalhou, formando uma mancha avermelhada.

De repente, a mãe a segurou pelos ombros. Seu rosto brilhava e cheirava a creme; os olhos eram negros e estranhos, como os olhos de um tubarão que Harriet vira no aquário, no Golfo.

“Você não sabe como é”, ela disse.

Novamente, Harriet se viu presa contra a camisola da mãe. *Concentre-se*, disse a si mesma. Se conseguisse pensar noutra coisa, poderia fugir dali.

Um fecho de luz enviesado surgiu no terraço. A porta da frente se abriu. “Mamãe?”, ouviu Allison dizer com voz sumida. “Por favor...”

Quando finalmente a mãe de Harriet aceitou ser conduzida pela mão de volta para dentro, Allison levou-a cuidadosamente até o sofá, a fez sentar-se com uma almofada atrás da cabeça e ligou a televisão — o tagarelar serviu para aliviar a todas, bem como a música exuberante e os diálogos despreocupados. Depois, saiu e voltou com lenços Kleenex, remédio para dor de cabeça, cigarro e cinzeiro, um copo de chá gelado e um saco de gelo que a mãe mantinha no freezer — de plástico transparente azul-piscina, na forma de uma meia máscara de arlequim do Mardi Gras — para pôr nos olhos quando tinha sinusite ou o que chamava de enxaqueca lancinante.

A mãe aceitou o Kleenex e o chá, e resmungou distraída enquanto pressionava o saco de gelo azulado contra a testa. “O que você deve estar pensando de mim?... Sinto tanta vergonha do que fiz...” A máscara de gelo não passou despercebida a Harriet, que observava a mãe, sentada na poltrona oposta. Já a vira em diversas ocasiões com o pai, nas manhãs seguintes às noites em que bebia demais, quando se sentava rigidamente à escrivaninha com a máscara azulada presa na cabeça para telefonar ou remexer em sua papelada, furioso. Mas não havia bebida no hálito da mãe. Apertada contra o peito dela, no terraço, não sentira nenhum cheiro estranho. Na verdade, a mãe não bebia — não como o pai de Harriet. De vez em quando preparava um burbom com Coca, mas acabava passando a noite com o copo na mão, até o gelo derreter todo e o guardanapo de papel em volta ensopar. Ia dormir antes de tomar o drinque inteiro.

Allison ressurgiu na porta. Olhou rapidamente para a mãe, para ter certeza de que ela não a observava, e pronunciou silenciosamente as seguintes palavras para a irmã: *Hoje é aniversário dele.*

Harriet piscou. Claro, como pôde esquecer? Normalmente era o aniversário da morte do irmão, em maio, que desequilibrava a mãe: acessos de choro, pânico inexplicáveis. Havia alguns anos ela passara tão mal que não tinha conseguido sair de casa para ir à formatura de Allison na oitava série. Mas, naquele ano, maio transcorrera sem nenhum incidente.

Allison pigarreou. “Mamãe, vou preparar seu banho”, disse. Sua voz soava estranha, autoritária e adulta. “Mas não precisa tomar banho, se não quiser.”

Harriet levantou-se para subir também, mas a mãe estendeu o braço num gesto assustado, em pânico, como se a filha estivesse a ponto de atravessar a rua na frente de um carro.

“Minhas filhas! Minhas filhas queridas!” Ela bateu nos dois lados do assento do sofá, e, apesar do rosto inchado de tanto chorar, sua voz lembrava a moça no retrato da sala, suave porém animada.

“Harriet, por que você não me explicou tudo imediatamente?”, ela disse. “Foi gostoso na casa de Tatty? Sobre o que conversaram?”

Novamente, Harriet se sentiu constrangida com a incômoda atenção da mãe. Por algum motivo, só conseguia pensar no desfile de carnaval que assistira quando era pequena, no qual um fantasma passeava tranqüilamente no escuro, pendurado numa linha de pesca, e em como—inesperadamente— ele saíra do trajeto e parara bem na sua cara. De vez em quando, ela ainda acordava de repente, de um sono profundo, vendo a figura branca voar em sua direção no quarto escuro.

“O que fizeram na casa de Tatty?”

“Jogamos xadrez.” No silêncio que se seguiu, Harriet tentou pensar em algo engraçado ou curioso para acrescentar à resposta.

A mãe passou o braço em torno de Allison, para que ela também se sentisse incluída. “E você, doçura? Já jantou?”

“E agora apresentamos o filme da semana na ABC”, disse a televisão. “*Me, Natalie*, com Patty Duke, James Farentino e Martin Balsam.”

Enquanto exibiam os créditos de abertura do filme, Harriet se levantou e começou a subir para o quarto. Mas a mãe a seguiu pela escada.

“Você ficou com raiva de sua mãe ter bancado a louca?”, perguntou, parada na porta do quarto de Harriet, desconsolada. “Por que não desce para ver o filme conosco? Só nós três?”

“Não, obrigada”, Harriet agradeceu educadamente. A mãe olhava para o tapete — perto demais do trecho manchado, Harriet percebeu, alarmada. Um pedaço da mancha era visível debaixo da cama.

“Eu...” Uma corda na garganta da mãe parecia ter arrebentado. Ela olhou de relance para os animais de pelúcia de Allison e para a pilha de livros ao lado da cama de Harriet. “Você deve me odiar”, disse com voz sumida.

Harriet ficou parada à porta. Não suportava quando a mãe bancava a melodramática daquele jeito. “Não, mamãe”, falou. “Só não estou com vontade de ver aquele filme.”

“Ah, Harriet, tive o pior sonho do mundo. Foi terrível, pois acordei e você não estava. Sabe que sua mãe adora você, não sabe?”

Harriet teve dificuldade para responder. Sentia-se entorpecida, como se estivesse debaixo d’água: sombras longas, assustadoras, luzes esverdeadas, brisa esvoaçando as cortinas.

“Não sabe que eu amo você?”

“Sei”, Harriet respondeu, mas a voz soou vaga, como se viesse de muito longe ou pertencesse a outra pessoa.

---

\* Copperhead [cabeça-de-cobre] — *Ancistrodon contortrix*, serpente venenosa da América do Norte, assim chamada por causa da cabeça avermelhada. (N. T.)

\*\* Cottonmouth [boca-de-algodão] ou Water Moccasin — *Agkistrodon piscivorus*, serpente venenosa de coloração marrom esverdeada. Tem esse nome por causa da parte interna da boca, que é esbranquiçada. (N. T.)

## 4. A Missão

Curiosamente, Harriet pensou, não passara a odiar Curtis apesar do que descobrira a respeito de sua família. Adiante — no mesmo lugar em que o encontrara antes, naquela rua —, ele caminhava pela calçada, batendo os pés, resoluto. Balançava para a frente e para trás, segurando a pistola d'água com as duas mãos enquanto o corpanzil gingava.

Uma porta de tela bateu na casa arruinada que ele vigiava, transformada em apartamentos de aluguel barato. Dois homens saíram e iniciaram a descida da escada externa, carregando uma caixa grande coberta por um encerado. O sujeito de frente para Harriet era muito jovem e desengonçado; sua testa brilhava, o cabelo era espetado e os olhos redondos exibiam um ar de espanto, como se tivesse acabado de sobreviver a uma explosão. O outro, que descia de costas, tropeçou e quase caiu de tanta pressa; não obstante o peso da caixa, a escada estreita e a precária proteção do encerado — que dava a impressão de que iria deslizar a qualquer momento e se enredar neles —, eles não pararam uma vez sequer, prosseguindo a descida com uma pressa angustiante.

Curtis, com um gemido alto, saltitou e apontou a pistola d'água para eles assim que viraram a caixa de lado e a ergueram para colocá-la na caçamba de uma picape estacionada no acesso. Havia outra lona estendida na caminhonete. O mais velho e corpulento da dupla (camisa branca, calça preta e colete preto desabotoado) a afastou com o cotovelo e depois apoiou seu lado da caixa na caçamba.

“Cuidado!”, gritou o rapaz de cabelo eriçado, quando a caixa bateu estrondosamente no piso da picape.

O outro — ainda de costas para Harriet — limpou a testa com o lenço. Usava o cabelo grisalho sujo no penteado conhecido como rabo-de-pato. Juntos, eles puxaram a lona de volta e subiram a escada mais uma vez.

Harriet observava aquela misteriosa atividade sem muita curiosidade. Hely conseguia passar horas a fio de boca aberta, olhando pessoas que trabalhavam na rua, interessava-se pelo que ocorria e atormentava os envolvidos com perguntas sobre o serviço, os equipamentos e as cargas. Mas tudo isso só entediava Harriet. Seu interesse era Curtis. Se o que Harriet ouvira dizer a vida inteira fosse verdade, os irmãos de Curtis não eram afetuosos com ele. Curtis vivia aparecendo na escola com manchas vermelhas nos braços e nas pernas, manchas de um tom peculiar, próprio de Curtis, um escarlata-vivo semelhante ao do molho de *cranberry*. As pessoas diziam que ele apenas era mais delicado do que parecia e que qualquer batida deixava nele uma marca, assim como se resfriava com mais facilidade que os outros meninos; mas mesmo assim os professores o chamavam esporadicamente para perguntar a respeito das manchas, interrogando-o sobre os machucados. Harriet, contudo, não sabia exatamente que perguntas eram essas nem quais eram as respostas de Curtis. Porém, entre as crianças difundira-se a impressão de que Curtis era maltratado em casa. Não tinha pai nem mãe, só os irmãos e uma avó decrépita que alegava ser fraca demais para cuidar do neto. Costumava aparecer na escola sem casaco em pleno inverno, e sem dinheiro ou merenda (ou então com um lanche inadequado, como um vidro de geléia, que precisava ser tirado dele). As desculpas crônicas da avó provocavam trocas de olhares incrédulos entre os professores. A Alexandria Academy, afinal de contas, era uma escola particular. Se a família de Curtis podia pagar a anuidade — mil dólares — por que não teria dinheiro para o lanche ou um agasalho?

Harriet sentia pena de Curtis — mas de longe. Por mais gentil que fosse a natureza dele, seus movimentos desajeitados deixavam as pessoas nervosas. As crianças menores o temiam; as meninas não se sentavam a seu lado no ônibus escolar, pois ele tentava tocar-lhes o cabelo, o rosto e as roupas. Embora ele ainda não a tivesse avistado, ela temeu até imaginar a reação dele quando isso ocorresse. Quase automaticamente, olhando para baixo, sentindo vergonha de si mesma, ela atravessou a rua.

A porta de tela bateu novamente e os dois homens desceram ruidosamente os degraus carregando outra caixa, tão longa, lisa e cinzenta quanto a primeira. Um Lincoln Continental dobrou a esquina. O sr. Dial passou, exibindo orgulhosamente seu perfil. Para espanto de Harriet, ele embicou o carro e parou no acesso da casa.

Tendo acomodado a última caixa na traseira da picape e depois a coberto com a lona, os dois homens começaram a subir a escada, agora num passo mais lento e tranqüilo. A porta do carro se abriu: *snic*. “Eugene?”, chamou o sr. Dial, que desceu do carro e passou por Curtis aparentemente sem vê-lo. “*Eugene*. Só um minuto!”

O sujeito de rabo grisalho empertigou-se, tenso. Quando se virou, Harriet viu — com um sobressalto de pesadelo — a marca rubra em seu rosto, como uma mancha de tinta vermelha.

“Fico contente em encontrá-lo aqui! Você é um sujeito difícil de achar, sem dúvida, Eugene”, o sr. Dial disse, subindo a escada atrás deles, sem que o convidassem. Ao rapaz magro — cujos olhos arregalados davam a impressão de que ele ia sair correndo —, estendeu a mão. “Roy Dial, da Dial Chevrolet.”

“Este — este é Loyal Reese”, disse o mais velho, visivelmente constrangido, passando o dedo na borda da marca vermelha em sua face.

“Reese?” O sr. Dial examinou o forasteiro, interessado. “Não é daqui, suponho.”

O rapaz gaguejou uma resposta; embora Harriet não conseguisse distinguir as palavras, o sotaque era claro: caipira das montanhas, falava

alto, com voz anasalada.

“Ah! É um prazer tê-lo por aqui, senhor Loyal... veio a passeio então? Lembro”, disse o sr. Dial, erguendo a palma da mão para afastar qualquer protesto, “que o contrato de aluguel é claro. Para um único morador. Não há mal nenhum em lembrar isso, Gene, para evitar mal-entendidos futuros, certo?” Dial cruzou os braços, como fazia na escola dominical freqüentada por Harriet. “Por falar nisso, o que achou da nova porta de tela que mandei instalar para você?”

Eugene forçou um sorriso e disse: “Muito boa, senhor Dial. Funciona melhor que a outra”. Apesar da marca, o sorriso indicava que se tratava de um sujeito bom, como o monstro gentil de um filme de terror.

“E o aquecedor de água?”, disse o sr. Dial, esfregando as mãos. “Agora, ficou  *muito* mais rápido esquentar a água do banho e tudo mais. Tem água quente de sobra, não é? Rá rá rá.”

“Bem, senhor Dial...”

“Eugene, se não se importa, vou direto ao assunto”, disse o sr. Dial, virando a cabeça de lado. “O interesse em manter os canais de comunicação abertos é tanto seu quanto meu, concorda?”

Eugene parecia confuso.

“Bem, nas duas últimas vezes em que passei por aqui, você me negou acesso ao imóvel que lhe aluguei. Esclareça uma coisa, Eugene”, ele disse, erguendo a mão para impedir a interrupção de Eugene, “o que está acontecendo por aqui? Podemos dar um jeito nessa situação?”

“Senhor Dial, com todo o respeito, não faço a menor idéia do que o senhor está querendo dizer.”

“Sei que não preciso lembrar, Eugene, que na condição de senhorio tenho direito de entrar no imóvel quando desejar. Então, vamos nos entender a esse respeito, certo?” Ele tentou subir a escada. O jovem Loyal Reese — parecendo mais espantado do que nunca — recuava timidamente, galgando os degraus para voltar ao apartamento.

“Sinceramente, não entendo qual é o problema, senhor Dial! Caso eu tenha feito algo errado...”

“Eugene, serei franco no que diz respeito às minhas preocupações. Recebi queixas a respeito de um odor. Quando passei aqui no outro dia, eu mesmo o senti.”

“Gostaria de entrar um minuto, senhor Dial?”

“Com toda a certeza, eu gostaria, sim, Eugene, se não se importa. Sabe como é, tenho certas responsabilidades, no que se refere aos inquilinos de minhas propriedades.”

“*Hat!*”

Harriet deu um pulo. Curtis balançava de um lado para outro, de olhos fechados, enquanto acenava para ela.

“Cego”, disse a Harriet.

O sr. Dial virou-se durante a subida. “Ah, é você, Curtis? Como vai? Cuidado”, disse em tom animado, dando um passo para o lado com ligeiro ar de nojo.

Curtis, ao ouvi-lo, virou-se e seguiu com passo de ganso pesado para o outro lado da rua, na direção de Harriet, com os braços estendidos à frente e as mãos balançando como Frankenstein.

“*M-mounstro*”, ele gaguejou. “Uuuuu, *m-mounstro*.”

Harriet apavorou-se. Mas o sr. Dial não a viu. Deu as costas, sem parar de falar: “Bem, Eugene, eu realmente gostaria que compreendesse minha posição neste caso...” E continuou subindo os degraus decidido, obrigando os dois homens a recuar nervosos.

Curtis parou na frente de Harriet. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, os olhos dele se abriram. “Amarre meu sapato”, pediu.

“Já estão amarrados, Curtis.” Era um diálogo habitual entre eles. Como Curtis não sabia atar o cadarço dos sapatos, costumava aproximar-se das crianças, no recreio, e pedir ajuda. Passou a iniciar conversas assim, quer os sapatos estivessem desamarrados, quer não.

De surpresa, Curtis estendeu o braço e segurou Harriet pelo pulso. “Te peguei”, disse, satisfeito.

Ela percebeu que Curtis a arrastava para o outro lado da rua. “Pare”, disse contrariada, tentando se livrar. “Me solte!”

Mas Curtis continuou a puxá-la. Era muito forte, Harriet foi sendo arrastada. “Chega”, disse, e deu-lhe o pontapé mais forte que conseguiu, acertando a canela.

Curtis parou. Afrouxou a mão que segurava o pulso da menina. A expressão dele oscilava entre enigmática e assustada, mas em seguida ele estendeu o braço e passou a mão na cabeça dela: grande, gorda, com os dedos estendidos, absurda como um bebê tentando acariciar um gato. “Você é forte, Hat”, ele disse.

Harriet afastou-se, esfregando o pulso. “Não faça mais isso”, disse. “Você não pode arrastar as pessoas assim.”

“Eu sou um *mounstro* bonzinho, Hat!”, Curtis disse em sua imitação de voz monstruosa. “Amigo!” Ele bateu no estômago. “Só come biscoitinho!”

Ele havia arrastado a menina até o outro lado da rua, entrando pelo acesso onde estava a picape. Com as mãos soltas pacíficas sob o queixo, na postura de monstro bonzinho, ele se aproximou da caçamba e levantou a lona. “Olhe, Hat!”

“Não quero”, Harriet retrucou, contrariada, mas quando deu as costas ouviu o ruído seco, áspero, na caçamba da picape.

Cobras. Harriet piscou, incrédula. A caminhonete estava cheia de caixas, e dentro das caixas havia cascavéis, *cottonmouths*, *copperheads*, serpentes grandes e pequenas, enroladas umas nas outras, com as bocas escamosas saindo para fora aqui e ali, como labaredas, batendo nas paredes das caixas, cabeças pontudas que recuavam, enrolavam-se e atacavam a tela, as paredes de madeira e as outras cobras, depois sossegavam e — atentas, frias — deslizavam sobre suas barrigas brancas pelo fundo da caixa, adotando uma postura em S flexível... *tic tic tic*... até baterem nas paredes da caixa e penetrarem novamente no bolo, sibilando.

“Não amigas, Hat”, ouviu Curtis dizer atrás dela, com sua voz grave. “Não pode pegar.”

As caixas tinham dobradiças e tela na tampa, além de alças dos dois lados. A maioria fora pintada de branco, preto, vermelho cor de tijolo usado em celeiros; algumas continham textos — versículos da Bíblia — em caligrafia miúda, difícil de ler, e desenhos na cabeça das tachas de latão: cruces, caveiras, estrelas-de-davi, o sol, a luz e as estrelas, além de peixes. Outras estavam enfeitadas com tampinhas de garrafa, broches, cacos de vidro e até fotografias: polaróides desbotadas de esquifes, famílias solenes, meninos caipiras olhando fixo para a câmara, segurando cascavéis acima da cabeça, num lugar escuro, onde havia fogueiras ao fundo. Uma fotografia, desbotada e fantasmagórica, mostrava uma linda moça de cabelo bem puxado para trás, olhos fechados, rosto fino e adorável voltado para o céu. Tocava as têmporas com a ponta dos dedos e tinha uma cascavel enorme enrolada na cabeça, a cauda envolvendo parcialmente seu pescoço. Acima, em letras amareladas irregulares, recortadas de jornais, lia-se a seguinte mensagem:

DURma coM JESuS

REESiE fOrd

1935-52

Atrás dela Curtis grunhiu, emitindo um som indistinto que lembrava a palavra “Terror”.

Na profusão de caixas — reluzentes, diversificadas, cheias de mensagens —, os olhos de Harriet foram atraídos por uma visão estonteante. Por um momento, mal pôde acreditar no que via. Numa caixa vertical, uma naja deslizava suavemente em sua jaula solitária. Abaixo da dobradiça, no ponto em que a tela encontrava a madeira, tachas vermelhas formavam a palavra SENHOR JESUS. Não era branca, como a naja que Mowgli

encontrou em Cold Lairs, mas negra: como Nag e sua esposa Nagaine, que o mangusto Rikki-tikki-tavi enfrentou até a morte nos jardins do bangalô enorme, em Segowlee Cantonment, pelo menino Ted.

Silêncio. O capelo da cobra estava aberto. Erguida, calma, ela encarou Harriet, o corpo oscilando silenciosamente para a frente e para trás, sem parar, suave como a respiração da menina. *Olhe e sinta medo*. Seus olhos vermelhos miúdos exibiam uma firmeza divina: ali se encontravam selvas, crueldade, revoltas e cerimônias, sabedoria. Na parte traseira do capelo aberto, ela sabia que estava a marca feita pelo grande deus Brama em todas as cobras, os anéis coloridos, postos quando a primeira cobra se levantou e abriu o capelo para proteger Brama em seu sono.

Da casa, um ruído abafado — porta fechada. Harriet olhou para cima, e pela primeira vez notou que no andar superior as janelas brilhavam, brancas e metálicas; haviam sido revestidas de papel de alumínio. Enquanto observava o detalhe, tão perturbador e macabro como as próprias cobras, Curtis juntou as pontas dos dedos e colocou o braço na frente dos olhos de Harriet. Lenta, lentamente, ele abriu a mão, num movimento semelhante ao abrir de uma boca. “M-mounstro”, sussurrou, fechando a mão: *snap, snap*. “Morde.”

Uma porta tinha se fechado lá em cima. Harriet recuou um passo, afastando-se da picape, e apurou os ouvidos. Uma voz — abafada, mas plena de desaprovação — interrompera a fala do interlocutor: o sr. Dial continuava lá, atrás das janelas protegidas pelo papel de alumínio, e pela primeira vez na vida Harriet ficou contente ao ouvir a voz dele.

De repente, Curtis agarrou seu braço outra vez e começou a puxá-la na direção da escada. Por um momento, Harriet não protestou, de tão surpresa, mas depois — ao perceber para onde estava indo — começou a se debater e a chutar e fincar o pé no chão. “Curtis, não”, gritou. “Não quero ir, por favor, pare...”

Já ia tentar morder o braço dele quando seus olhos baixaram para o imenso tênis branco.

“Curtis, ei, Curtis, seu sapato está desamarrado”, falou.

Curtis parou; levou a mão à boca. “Pu-puxa vida!” Ele parou, desarvorado, e Harriet aproveitou a chance para sair correndo — o mais rápido possível.

“Eles são do circo”, Hely disse, no tom irritante que adotava quando acreditava não haver mais nada a saber a respeito de um caso. Ele e Harriet estavam em seu quarto, com a porta fechada, sentados na cama de baixo do beliche. Quase tudo no quarto de Hely era preto e dourado, cores do New Orleans Saints, seu time de futebol americano predileto.

“Duvido muito”, Harriet disse, puxando um fio solto da colcha preta com a unha do polegar. Um som grave abafado vinha do equipamento do quarto de Pemberton, no final do corredor.

“Se você for ao Rancho das Cascavéis, verá desenhos nos muros e nas paredes.”

“Certo”, Harriet disse, relutante. Embora não soubesse pôr em palavras, as caixas que vira na caçamba da picape — com caveiras e estrelas e luas crescentes, além dos trechos mal copiados das Escrituras — pareciam muito diferentes do espalhafatoso cartaz do Rancho das Cascavéis: uma cobra verde-limão piscando o olho, enrolada numa moça sensual de biquíni.

“Bem, a quem pertencem?”, Hely perguntou enquanto lidava com uma pilha de figurinhas de chiclete. “Os mórmons, só pode ser deles, pois alugam quartos lá.”

“Duvido.” Os mórmons que viviam no térreo da casa do sr. Dial formavam uma dupla insossa. Viviam isolados, sempre só os dois; nem mesmo tinham empregos de verdade.

Hely disse: “Meu avô disse que os mórmons acreditam que vão ganhar um planetinha só para eles, quando morrerem. E também que podem ter mais de uma mulher”.

“Aqueles dois que moram na casa do senhor Dial não têm mulher nenhuma.” Certa tarde, tinham batido na porta da casa de Edie, quando Harriet estava lá. Edie os convidara a entrar, aceitou os panfletos e até lhes ofereceu limonada quando eles recusaram Coca-Cola; disse que pareciam ser bons rapazes, mas que acreditavam num monte de besteiras.

“Então vamos ligar para o senhor Dial”, Hely sugeriu inesperadamente. “Ótima idéia.”

“Vamos ligar para ele e fingir que é outra pessoa. Aí perguntamos o que está havendo por lá.”

“Você quer fingir que é quem?”

“Sei lá. Quer um?” Ele jogou um adesivo Wacky Packs para ela: um monstro verde com olhos congestionados, dirigindo um buggy. “Tenho repetido.”

“Não, obrigada.” Junto com as cortinas pretas e douradas, os adesivos colados por Hely nos vidros — Wacky Packs, STP, Harley-Davidson — praticamente impediam a luz solar de entrar no quarto; deprimente como um porão.

“É o senhorio deles”, Hely insistiu. “Vamos ligar para lá.”

“E dizer o quê?”

“Então ligue para Edie. Ela sabe tudo sobre os mórmons.”

De repente, Harriet se deu conta do motivo para tamanho interesse em telefonemas: havia um telefone novo na mesa-de-cabeceira, com fone e teclado dentro de um capacete de futebol dos Helmets.

“Se eles acham que vão viver em seu planeta particular e tudo mais”, Hely disse, apontando para o telefone, “quem pode saber até onde vão as idéias deles? Talvez as cobras tenham algo a ver com as crenças.”

Como Hely não tirava os olhos do telefone, e como não tinha a menor idéia do que fazer, Harriet pegou o aparelho e teclou o número de Edie.

“Alô?”, Edie respondeu no segundo toque.

“Edie”, Harriet disse, usando o capacete de futebol americano, “os mórmons acreditam em cobras?”

“Harriet?”

“Por exemplo, eles domesticam cobras ou... sei lá, gostam de ter um monte de cobras morando na casa deles?”

“De onde você tirou essa idéia maluca, Harriet?”

Após uma pausa confusa, Harriet disse: “Vi na tevê”.

“Na televisão”, disse Edie, incrédula. “Em que programa?”

“*National Geographic*.”

“Eu não fazia a menor idéia de que você gostava de cobras, Harriet. Lembro que saía gritando *Socorro! Socorro!* sempre que via qualquer cobrinha no quintal.”

Harriet ficou quieta, deixou passar aquele comentário irônico.

“Quando éramos jovens, costumávamos ouvir histórias sobre pregadores que se exibiam com cobras no meio do mato. Mas não eram mórmons, só caipiras do Tennessee. Por falar nisso, Harriet, já leu *Um estudo em vermelho*, de sir Arthur Conan Doyle? Ali, sim, você poderia obter muitas informações interessantes sobre a fé dos mórmons.”

“Sei disso”, Harriet disse. Edie mencionara o caso na conversa com os mórmons.

“Creio que a coleção Sherlock Holmes ficou na casa de sua tia Tat. Talvez ela até tenha um exemplar do Livro do Mórmon, numa caixa que seu pai comprou — sabe, com Confúcio, o Corão e os textos religiosos do...”

“Sim, mas onde posso ler a respeito dos pregadores que usam serpentes?”

“Perdão, não estou ouvindo direito. O que é esse eco? De onde está ligando?”

“Da casa de Hely.”

“Parece que está falando de dentro de um banheiro.”

“Este aparelho é meio diferente... Sabe, Edie”, ela disse — pois Hely agitava os braços, tentando chamar a sua atenção, “e quanto aos pregadores que usam serpentes? Onde eles ficam?”

“No meio do mato, nas montanhas, nos locais desolados desta terra, pelo que sei”, Edie respondeu, imponente.

No instante em que Harriet desligou, Hely falou, apressado: “Sabe, o andar de cima daquela casa costumava ser usado como um showroom de troféus. Acabei de me lembrar. Portanto, os mórmons ocupam apenas o térreo”.

“Quem aluga o andar de cima atualmente?”

Hely — excitado — apontou para o telefone, mas Harriet balançou a cabeça; não pretendia ligar outra vez para Edie.

“E a picape? Pegou o número da placa?”

“Minha nossa”, Harriet disse. “Não.” E se lembrou de que os mórmons não tinham carro, algo em que não pensara antes.

“Notou se o veículo é de Alexandria, pelo menos? Tente se lembrar, Harriet!”, ele exclamou, melodramático. “Você *precisa* se lembrar!”

“Bem, por que não vamos até lá espiar? Porque, se formos agora... ei, pode parar”, disse irritada, virando a cabeça para o lado, quando Hely começou a balançar um relógio imaginário na sua frente, como se pretendesse hipnotizá-la.

“Você está ficando com muuuuuuuito sono”, Hely disse, imitando o sotaque da Transilvânia. “Muuuuuuuuito sono...”

Harriet o empurrou; ele deu a volta pelo outro lado, movendo os dedos pendularmente na sua frente. “Muuuuuuuuito...”

Harriet desviou a vista. Ele insistiu, até que ela lhe deu um soco com toda a força. “Ai!”, Hely gritou. Ele cruzou os braços e sentou-se novamente na cama.

“Eu falei para parar.”

“Puxa vida, Harriet!”, ele disse, esfregando o braço, enquanto fazia uma careta de dor. “Você acertou no cotovelo!”

“Para você parar de me atormentar.”

De repente, começaram a bater furiosamente com os punhos na porta do quarto de Hely. “Hely? Quem está aí com você? Abra a porta agora

mesmo!”

“Essie!”, Hely exclamou, deitando na cama, exasperado. “Não estamos fazendo nada de errado!”

“Abra a porta! Agora!”

“Abra você mesma!”

Essie Lee, a nova empregada, entrou com estardalhaço. Era tão nova que nem sabia o nome de Harriet — embora Harriet suspeitasse de que ela só fingia não saber. Tinha por volta de quarenta e cinco anos, bem mais nova que Ida, seu rosto era bochechudo e o cabelo alisado, duro e quebradiço nas pontas.

“O que estão fazendo aqui, gritando o nome do Senhor em vão?”, ela indagou. “Brincando de porta fechada? Não quero ouvir mais nenhum grito, entenderam?”

“*Pem* fica sempre de porta fechada.”

“Mas ele não traz meninas para cá.” Essie virou-se e encarou Harriet como se ela fosse um monte de cocô de gato no tapete. “Gritando e praguejando, e sei lá mais o quê!”

“Acho melhor não falar assim da minha amiga”, Hely protestou em voz alta. “Não pode fazer isso. Vou contar para a minha mãe.”

“*Vou contar para a mamãe!*”, Essie Lee disse, imitando o choramingo de Hely antes de fechar a cara. “Pode ir correndo. Você se queixa de mim por coisas que eu nem fiz, me acusou de ter comido aquelas lascas de chocolate, quando sabia muito bem que tinha sido você mesmo. Pensa que eu não sei?”

“Fora daqui!”

Harriet, constrangida, fixou os olhos no tapete. Nunca se acostumara com os escândalos que ocorriam na casa de Hely quando os pais estavam fora, trabalhando: Hely e Pem brigando (arrombavam portas, arrancavam pôsteres da parede, roubavam a lição de casa um do outro e a picavam) ou, com mais frequência, Hely e Pem se uniam contra a nova empregada, que sempre mudava: Ruby, que comia fatias de pão de fôrma dobradas ao meio

e nunca permitia que vissem nenhum programa na televisão que estivesse passando no mesmo horário do *General Hospital*; Sister Bell, a testemunha-de-jeová; Shirley, de batom marrom e vários anéis, sempre ao telefone; a sra. Doane, uma senhora idosa obcecada por ladrões, que montava guarda na janela com uma faca de cozinha enorme na mão; Ramona, que perdeu o controle e saiu correndo atrás de Hely para bater nele com a escova de cabelo. Nenhuma delas era simpática ou gentil, mas não dava para culpá-las, pois eram forçadas a aturar Hely e Pem o dia inteiro.

“Vê se me deixa em paz, seu monstrinho”, Essie disse com desprezo na voz. Fez um gesto vago na direção das cortinas e dos adesivos na janela que escureciam o quarto. “Queria arrancar tudo isso e botar fogo...”

“*Ela ameaçou botar fogo na nossa casa!*”, Hely uivou, afogueado. “Você ouviu tudo, Harriet. Tenho uma testemunha. Ela ameaçou incendiar nossa...”

“Eu não falei nada sobre a casa. Acho melhor você não...”

“Falou, sim. Ela não falou, Harriet? Vou contar para a minha mãe”, ele choramingou, sem esperar a confirmação de Harriet, que não conseguia falar de tão atônita com a cena, “e ela vai chamar o departamento do trabalho, e dizer que você é louca, e proibir que arranje serviço na casa de outra família...”

Atrás de Essie surgiu Pem, na porta. Estendeu o lábio inferior para Hely, num muxoxo infantil, trêmulo. “*Coitadinha dela, está toda encrocada*”, disse com carinho fingido.

Foi a frase imprópria no momento mais impróprio. Essie Lee virou-se, arregalando os olhos. “Como tem o descaramento de falar comigo desse jeito?”, ela berrou.

Pemberton — cerrando as sobrancelhas — a encarou petulante.

“Sujeitinho inútil! Passa o dia todo na cama, nunca precisou trabalhar um único dia na vida! Eu preciso ganhar dinheiro. Meus filhos...”

“O que deu nela?”, Pemberton perguntou a Hely.

“Essie ameaçou botar fogo na nossa casa”, Hely disse, maldoso. “Harriet é testemunha.”

Pemberton, no corredor, mas fora da vista de todos, limpou a garganta. Por trás do ombro largo de Essie, ergueu a mão, gesticulando: *tudo bem*. Com um movimento do polegar, apontou para a escada.

Sem avisar, Hely agarrou Harriet pela mão e a arrastou para o banheiro, que ligava seu quarto ao de Pemberton, e trancou a porta atrás deles. “Depressa!”, gritou para Pemberton — que estava do outro lado, em seu quarto, tentando abrir a porta — e os dois saíram correndo do quarto de Pemberton (Harriet, no escuro, tropeçou numa raquete de tênis) e desceram a escada correndo, atrás dele.

“Essa foi demais”, Pemberton disse. Era a primeira coisa que alguém dizia após um longo intervalo. Os três estavam sentados em torno da solitária mesa de piquenique, atrás do Jumbo’s Drive-In, em uma placa de concreto próxima aos brinquedos infantis abandonados: um elefante de circo e um pato amarelo desbotado de montar, sobre molas. Eles haviam ido para lá no Cadillac — meio sem destino, os três no banco da frente — e estavam cozinhando na rua, sem capota nem ar-condicionado, quando Pemberton resolveu finalmente parar no Jumbo’s.

“Acho melhor parar na quadra de tênis e contar tudo para a mamãe”, Hely sugeriu. Ele e Pem exibiam uma inusitada cortesia mútua, embora contida, unidos na briga contra Essie.

Pemberton bebeu o último gole do milk-shake e jogou o copo no lixo. “Cara, essa foi por pouco.” A luz da tarde, refletida nos vidros laminados, esbranquiçava seu cabelo ondulado pela água da piscina. “Aquela mulher é maluca. Achei que ela podia atacar vocês, ou coisa pior.”

“Escutem”, Hely disse, empertigando-se. “A sirene.” Os três pararam para ouvir, atentos, o som distante.

“Provavelmente é o carro dos bombeiros”, Hely disse, sombrio. “Indo para nossa casa.”

“Explique melhor o que houve”, disse Pem. “Ela ficou doida assim, sem mais nem menos?”

“Totalmente maluca. Ei, me dá um cigarro”, acrescentou distraidamente, quando Pem jogou em cima da mesa um maço de Marlboro — tirado do bolso da calça jeans cortada — e começou a procurar fósforos no outro bolso.

Pem acendeu o cigarro e puxou o maço e os fósforos para fora do alcance de Hely. A fumaça fedia mais do que o normal, acre e venenosa, ali no meio do concreto fustigado pela poluição da rodovia. “Sabe, eu já imaginava”, disse, balançando a cabeça. “Bem que eu avisei a mamãe. Aquela mulher é perturbada. Provavelmente fugiu de Whitfield.”

“Não foi assim *tão* grave”, Harriet interrompeu, após ter permanecido praticamente em silêncio desde que saíram de casa.

Pem e Hely viraram para encará-la, como se ela fosse louca. “Como é?”, disse Pem.

“De que lado você está afinal?”, Hely perguntou.

“Ela não *ameaçou* botar fogo na casa.”

“Claro que ameaçou!”

“Nada disso. Ela só falou em *botar fogo*. Não disse nada a respeito da casa. Referia-se aos pôsteres, aos adesivos e às outras coisas de Hely.”

“É mesmo?”, Pemberton disse, com moderação. “Queimar os pôsteres de Hely? Então quer dizer que você acha isso normal!”

“Pensei que gostasse de mim, Harriet”, Hely disse, emburrado.

“Só estou dizendo que ela não ameaçou botar fogo na casa”, Harriet insistiu. “Ela só falou que... bem, não foi nada de mais, acho”, ela disse, enquanto Pemberton piscava para Hely, malicioso.

Hely, ostensivamente, afastou-se dela no banco da frente.

“E não foi nada de mais, mesmo”, Harriet falou, apesar de se sentir mais insegura a cada minuto. “Ela só ficou... brava.”

Pem ergueu os olhos e soprou a fumaça. “Acha mesmo, Harriet?”

“Mas... vocês estão agindo como se ela tivesse corrido atrás da gente com uma faca na mão.”

Hely fez uma careta. “Bem, quem sabe da próxima vez! Ela é bem capaz! Não vou mais ficar sozinho em casa”, repetiu, com autocomiseração. “Estou cheio de receber ameaças de morte o dia inteiro.”

A jornada através de Alexandria foi curta e não apresentou mais novidade ou diversão do que um rápido brinde. Na parte leste de Alexandria, virando depois para o sul, o rio Houma serpenteava por dois terços da cidade. Houma significava vermelho na língua *choctaw*, mas o rio era amarelo: largo, lento, como o brilho da tinta a óleo ocre esguichada do tubo. Para se chegar ao que chamavam de distrito histórico, cruzava-se o rio, ao sul, pela ponte de ferro de duas pistas que datava da administração Roosevelt. Uma avenida larga, plana, inóspita — dolorosamente calma sob o sol forte — dava na praça central, com uma estátua desconsolada do Soldado Confederado apoiado no rifle. Antigamente havia a sombra dos carvalhos, mas eles haviam sido cortados no ano anterior, ou no outro, para dar lugar a um confuso mas entusiástico aglomerado de estruturas cívicas: torre do relógio, coretos, postes de iluminação, mirante, tudo brilhando na agora minúscula praça desprovida de sombra, como brinquedos incompatíveis reunidos à força.

Na Main Street, até a Primeira Igreja Batista, as casas em geral eram grandes e velhas. Para o leste, passando a Margin e a High Street, havia os trilhos de trem, um galpão abandonado onde ficava a máquina de descaroçar algodão e os depósitos onde Hely e Harriet costumavam brincar. Adiante — no sentido da Levee Street e do rio —, só desolação: terrenos baldios, barracos com telhado de zinco e varandas bambas e quintais onde as galinhas ciscavam na lama.

No ponto mais repugnante — perto do Alexandria Hotel —, a Main Street tornava-se a Rodovia 5. A Interestadual passara ao largo de Alexandria; agora a rodovia sofria a mesma decadência das lojas da praça: armazéns e concessionárias de automóveis fechados assando sob o sol inclemente; a Checkerboard Feed Store e o antigo posto de gasolina Southland, agora fechados com tábuas (no cartaz desbotado, um gatinho preto charmoso com avental e meias brancas, batendo numa bola de algodão com a patinha). Uma curva para o norte, na County Line Road, conduzia a Oak Lawn Estates e, após uma passarela abandonada, a pastos, algodoads e sítios minúsculos, empoeirados, de meeiros pobres, penosamente instalados nas áreas de terra vermelha ressequida. A escola de Harriet e Hely — a Alexandria Academy — ficava ali, a quinze minutos de carro do centro: um prédio baixo de blocos e telhado de metal ondulado que se espalhava pelo meio de um campo limpo e empoeirado, como se fosse um hangar de aviões. Quinze quilômetros ao norte, depois da Academy, os pinheiros ocupavam totalmente o lugar dos pastos, debruçando-se dos dois lados sobre a estrada e formando uma parede escura, claustrofóbica, que seguia sem interrupção quase até a divisa com o Tennessee.

Em vez de seguir para o interior, porém, eles pararam no sinal vermelho perto do Jumbo's, onde um elefante de circo apoiado sobre as patas traseiras e de shorts desbotado pelo sol erguia as patas dianteiras para exibir uma bola de neon com os dizeres:

SORVETES  
MILK-SHAKES  
HAMBÚRGUERES

Eles deram meia-volta e seguiram para o centro da cidade novamente, passando pelo cemitério que subia o morro como um cenário teatral

(cerca de ferro preto, graciosos anjos de pedra guardando os portões a norte, sul, leste e oeste).

Quando Harriet era mais nova, no lado leste da Natchez Street só viviam brancos. Agora tanto brancos quanto negros residiam ali, na maior parte do tempo harmoniosamente. As famílias negras eram jovens e prósperas, com filhos; os brancos — como a professora de piano de Allison, a sra. Newman McLemore, amiga de Libby — em geral eram viúvas idosas sem família.

“Ei, Pem, diminua a velocidade na frente da casa dos mórmons”, Hely pediu.

Pem olhou para ele intrigado. “Para quê?”, disse, mas reduziu a velocidade assim mesmo.

Curtis não estava mais lá, nem o carro do sr. Dial. Havia uma picape no acesso, mas Harriet viu que não era a mesma. A tampa estava aberta e a caçamba vazia, exceto por uma caixa de ferramentas.

“Elas estavam ali?”, Hely perguntou, interrompendo as críticas a Essie Lee.

“Cara, o que é aquilo?”, Pemberton disse, parando o carro no meio da rua. “Eles forraram as janelas com papel de alumínio?”

“Harriet, conte-lhe o que viu. Ela disse que viu...”

“Não quero nem saber o que anda acontecendo ali. Será que estão fazendo filmes de sacanagem? Uau”, Pemberton disse enquanto estacionava o carro e protegia os olhos com a mão para ver melhor o que havia no andar superior. “*Que tipo de maluco* forra as janelas com papel de alumínio?”

“Ai meu Deus”, Hely disse e empertigou-se no banco com a cabeça virada para a frente.

“Qual é o problema?”

“Vamos, Pem, vamos *embora*.”

“O que está havendo?”

“Olhe”, Harriet disse após um momento de silencioso fascínio. Um triângulo preto apareceu na janela do meio, onde o alumínio estava sendo rasgado por dentro por uma habilidosa garra anônima.

Quando o carro se afastou, Eugene cobriu novamente o vidro com o papel de alumínio. Seus dedos tremiam, sentia uma enxaqueca lancinante. As lágrimas escorriam pela face; quando se afastou da janela, confuso com a escuridão, tropeçou numa caixa de refrigerantes. O choque provocou um ziguezague de dor no lado esquerdo do rosto.

As enxaquecas atormentavam a família Ratliff. Diziam que o avô de Eugene — “Papaw” Ratliff, falecido havia muito tempo —, quando sofreu um ataque do que chamava de “dor de cabeça maldita”, arrancou o olho de uma vaca com um pedaço de pau. O pai de Eugene, que sofria de mal similar, bateu em Danny com tanta força na véspera de um Natal distante que o menino foi se chocar de cabeça contra o freezer, quebrando um dente permanente.

A dor de cabeça viera sem avisar, ao contrário do que costumava ocorrer. As cobras já bastavam para deixar qualquer um doente, quanto mais com a ansiedade provocada pela súbita visita de Roy Dial; mas nem a polícia nem Dial viriam espioná-lo numa banheira velha escandalosa como a que parara na frente de sua casa.

Ele seguiu até o outro cômodo, onde fazia menos calor, e sentou-se à mesa de cartas com a cabeça entre as mãos. Ainda sentia o gosto do sanduíche de presunto que servira de almoço. Saboreara cada bocado, e o sabor amargo de aspirina na boca tornava a lembrança ainda mais desagradável.

As dores de cabeça aumentavam sua sensibilidade aos ruídos. Quando escutara o motor do carro parado na frente da casa, imediatamente aproximara-se da janela, esperando encontrar o delegado da comarca de Clay — ou, pelo menos, uma viatura policial. Mas a inesperada visão de

um conversível o apavorara. E, num impulso insano, ele puxou o telefone e discou o número de Farish. Apesar de odiar a idéia de ligar para Farish, um caso assim escapava à sua alçada. Era um carro de cor clara; por causa dos reflexos e da cabeça dolorida, não distinguira a marca exata: talvez um Lincoln, talvez um Cadillac, quem sabe até um Chrysler grande. E notara apenas que os ocupantes eram de sua raça — brancos —, quando um deles apontou para sua janela. Por que cargas d'água um carro velho vistoso pararia bem na frente da Missão? Farish conhecera muitos sujeitos suspeitos na penitenciária — gente pior, em muitos aspectos, do que os próprios policiais.

Eugene (de olhos fechados) segurou o fone de modo que não tocasse em seu rosto, e tentou explicar o ocorrido. Farish comia ruidosa e avidamente algo que parecia ser uma tigela de flocos de milho, *crunch slap crunch slap*. Por muito tempo, depois que ele terminou de falar, não se ouviu som algum do outro lado, exceto o mastigar e o deglutir de Farish.

Eugene perdeu a paciência e abriu o olho esquerdo na escuridão, dizendo: “Farish?”.

“Bem, você tem razão quanto a uma coisa. Nenhum polícia ou capanga de concessionária usaria um carro escandaloso assim”, Farish disse. “Pode ser pessoal das gangues do Golfo. O Dolphus costumava agitar umas transas por lá.”

A tigela bateu no fone quando Farish — a julgar pelo som emitido — virou-a para beber o leite restante. Paciente, Eugene aguardou-o concluir o raciocínio, mas Farish só fez estalar os beijos e suspirar. Barulho distante de colher na louça.

“E o que uma gangue do Golfo ia querer *comigo?*”, ele perguntou finalmente.

“Sei lá. Andou aprontando alguma?”

“Meu irmão, eu não apronto nada”, Eugene disse, sério. “Apenas cuido desta Missão e sigo o caminho do Senhor.”

“Sei. Vamos supor que seja verdade. Talvez estejam querendo o jovem Reese. Vai saber em que encrencas ele se meteu.”

“Seja honesto comigo, Farish. Você me meteu em algum rolo, tenho certeza, *tenho certeza*”, disse, ignorando as interrupções de Farish. “Aposto que está relacionado com narcóticos. Por isso o rapaz veio do Kentucky para cá. Não me pergunte como eu sei, eu sei e pronto. Gostaria que fosse sincero e me contasse por que o convidou para vir até aqui.”

Farish riu. “Eu não *convidei* ninguém. Dolphus me disse que ele ia passar por aqui, a caminho do tal encontro...”

“No leste do Tennessee.”

“Sei disso, mas ele ainda não conhecia estes lados. Pensei que você e o rapaz iam se entender bem, você está começando no ramo e ele já tem uma congregação própria enorme. Juro por Deus que não sei de mais nada.”

Silêncio prolongado na linha. O jeito de Farish respirar levou Eugene a visualizar o sorriso irônico no rosto do irmão como se o outro estivesse na sua frente.

“Bom, você tem razão num ponto”, Farish disse, tolerante. “Não dá para saber no que Loyal anda metido. Quanto a isso, peço desculpas. Dolphus anda metido em tudo quanto é parada que se possa imaginar.”

“*Loyal* não está por trás dessa armação. Sei que foi algo que você, Dolphus e Danny arranjaram.”

“Sua voz está terrível”, Farish disse. “Teve outro ataque de enxaqueca?”

“E me sinto péssimo.”

“Sabe, se eu fosse você, ia deitar. Você e o rapaz vão sair para pregar esta noite?”

“Por quê?”, Eugene perguntou, desconfiado. Depois de escapar por pouco de Dial — por pura sorte haviam acabado de pôr as cobras na picape quando ele apareceu —, Loyal pedira desculpas pelos inconvenientes causados (“Eu, com sua licença, gostaria de dizer que não

havia compreendido o problema, uma vez que você reside aqui na cidade.”) e se oferecera para levar as cobras para um local ignorado.

“Vamos lá ouvir você falar”, Farish disse, cordial. “Eu e Danny.”

Eugene passou a mão nos olhos.

“Quando Loyal volta para casa?”

“Amanhã. Olha, eu sei que vocês estão armando alguma jogada, Farsh. Não quero ver o menino metido em nenhuma encrenca.”

“Por que está tão preocupado com ele?”

“Sei lá”, Eugene disse, e não sabia mesmo.

“Certo. Então, nos vemos logo mais, à noite”, Farish disse, desligando antes que Eugene pudesse dizer alguma coisa.

“Não faço a menor idéia do que rola por lá, meu bem”, Pemberton disse. “Mas posso dizer quem é o inquilino — Danny e o irmão mais velho de Curtis Ratliff. Ele é pregador.”

Ao ouvir isso, Hely encarou Harriet, atônito.

“Ele é completamente maluco”, disse Pem. “Rosto manchado, horrível. Fica parado na beira da rodovia gritando e sacudindo a Bíblia para quem passa de carro.”

“Foi ele quem se aproximou e bateu na janela do carro, quando papai parou no cruzamento?”, Hely perguntou. “Aquele com a cara esquisita?”

“Vai ver ele não é maluco”, disse Pem. “Talvez esteja apenas representando. Esses pregadores matutos, na maioria das vezes, quando desmaiam, pulam em cima das cadeiras e disparam pelos corredores, estão apenas fingindo. Tudo palhaçada para impressionar os crédulos.”

“Harriet... Harriet, quer saber?”, Hely disse, incrivelmente excitado, virando-se no banco. “Conheço bem o sujeito. Ele prega na praça todos os sábados. Tem uma caixa preta com microfone acoplado e...” Hely virou-se para o irmão. “Acha que ele mexe com cobras? Harriet, conte o que você viu por lá.”

Harriet o beliscou.

“Hã? Cobras? Se lida com cobras”, Pemberton disse, “então é mais maluco do que eu imaginava.”

“Talvez sejam domesticadas”, Hely disse.

“Idiota. Não dá para domesticar uma *serpente*.”

Fora um erro falar a respeito do carro com Farish. Eugene lamentou ter aberto a boca. Farish ligara de novo meia hora depois, quando Eugene, finalmente, havia conseguido cochilar. E dez minutos mais tarde, outra vez. “Você viu algum elemento suspeito na frente de sua casa, usando uniforme, roupa de ginástica ou de varredor de rua?”

“Não.”

“Alguém o seguiu?”

“Farish, por favor, preciso descansar um pouco.”

“Vou dizer como saber se alguém o segue. Passe o sinal vermelho ou entre na contramão numa rua de mão única e veja se alguém entrou também. Bom, estou pensando que talvez seja melhor eu ir pessoalmente até aí e dar uma espiada.”

Com muita dificuldade, Eugene havia conseguido dissuadir Farish de ir até a Missão fazer o que ele chamou de “uma inspeção”. Acomodou-se na poltrona fofa para tirar uma soneca. Finalmente, quando havia conseguido cochilar um pouquinho, apesar da agitação interna, percebeu que Loyal estava parado a seu lado.

“Loyle?”, disse, com dificuldade.

“Tenho más notícias”, Loyal disse.

“O que foi agora?”

“Uma chave quebrou no buraco da fechadura. Não consegui entrar.”

Eugene sentou-se em silêncio, tentando entender o ocorrido. Ainda sentia muita sonolência; no sonho havia uma chave perdida, uma chave de carro. Ficara retido durante a noite num bar horrível, com um toca-

disco automático alto demais, na beira de uma estrada de terra, sem poder voltar para casa.

Loyal disse: “Soube que poderia deixar as cobras numa cabana de caça, em Webster County. Mas havia uma chave quebrada na fechadura, e não consegui entrar lá”.

“Sei.” Eugene balançou a cabeça para clareá-la, e olhou em torno. “Isso quer dizer que...”

“Que as cobras estão lá embaixo, na picape.”

Seguiu-se um prolongado silêncio.

“Loyle, vou ser sincero, estou com uma enxaqueca brava.”

“Vou trazê-las para cima. Você não precisa ajudar. Posso carregar as caixas sozinho.”

Eugene esfregou as têmporas.

“Por favor, entenda, estou numa situação delicada. Seria crueldade deixá-las lá, fritando no calor.”

“Sei”, Eugene disse com indiferença. Não se preocupava com o bem-estar das cobras, e sim com a possibilidade de alguém encontrá-las lá fora. Alguém poderia passar por ali: o sr. Dial, o abelhudo misterioso do conversível, qualquer um. De repente, lembrou-se de que havia uma cobra em seu sonho também, uma serpente perigosa que escapou e começou a rastejar no meio das pessoas, num lugar desconhecido.

“Tudo bem”, disse a Loyal, soltando um suspiro, “pode trazer as cobras para cá.”

“Prometo que até amanhã de manhã terão ido embora. Sei que dificultei as coisas para você aqui”, Loyal disse. Seus olhos azuis intensos revelavam genuína consternação. “Não deveria ter vindo.”

“Não é culpa sua.”

Loyal passou os dedos no cabelo. “Faço questão de dizer que aprecio muito sua amizade. Se o Senhor não o convocou a lidar com as cobras, bem, Ele tem Suas razões. Por vezes, Ele não me permite mexer nelas, tampouco.”

“Compreendo.” Eugene sentia que deveria falar mais. Todavia, faltavam-lhe palavras adequadas. Estava envergonhado demais para revelar seus sentimentos, sua alma se esvaziara, secara, não era realmente bom, em seu coração e mente não havia bondade. Vinha de uma gente ruim, de uma linhagem ruim; Deus o desprezava, apesar de seus dons, como desprezara os dons de Caim.

“Um dia serei chamado”, disse com uma disposição que não sentia. “O Senhor ainda não está pronto para mim.”

“Há outros dons do espírito”, Loyal disse. “Oração, profecia, pregação, visões. Cura dos doentes. Caridade e obras pias. Até no seio de sua própria família”, disse, hesitante, “há meios de praticar a bondade.”

Desconsolado, Eugene fitou os olhos puros e gentis do visitante.

“Não se trata de conseguir o que você deseja”, Loyal prosseguiu. “Mas sim de cumprir os perfeitos desígnios divinos.”

Harriet entrou pela porta dos fundos e viu que o chão da cozinha estava molhado e que a pia fora lavada. Mas não viu sinal de Ida na casa silenciosa. Nada de rádio, ventilador, passos, só o zumbido monótono da Frigidaire. Atrás dela, escutou um arranhar: Harriet deu um pulo, virando-se bem a tempo de ver uma lagartixa cinzenta subir pela tela da janela aberta atrás de si.

O cheiro de desinfetante de pinho usado por Ida provocou-lhe dor de cabeça, naquele calor. Na sala, a pesada cristaleira de Tribulation dividia o espaço com as pilhas insalubres de jornais. Duas travessas de servir ovais, em posição vertical na prateleira superior, davam ao móvel olhos arregalados; baixo e tenso nas pernas arqueadas, afastava-se ligeiramente da parede num dos lados, como um cavaleiro idoso e bolorento preparando-se para saltar a pilha de jornais. Harriet deslizou a mão pela madeira, carinhosamente, ao passar por ele; a velha cristaleira deu a

impressão de recuar os ombros e se encostar na parede, cortês, para lhe dar passagem.

Ela encontrou Ida Rhew na sala de jantar, sentada em sua poltrona favorita, onde almoçava, pregava botões e debulhava ervilhas enquanto assistia a novela. A poltrona — fofa, confortável, com estofamento irregular, revestida de tweed puído — adquirira semelhança com Ida, assim como um cachorro por vezes passa a se parecer com o dono; Harriet, quando sentia dificuldade para dormir à noite, costumava descer e se ajeitar na poltrona, repousando a face no tweed marrom, cantarolando músicas antigas e melancólicas que ninguém mais sabia cantar, exceto Ida, canções da infância de Harriet, antigas e misteriosas como o próprio tempo, sobre fantasmas e corações partidos e amados mortos ou desaparecidos para sempre:

*Você não sente falta de sua mãe às vezes, às vezes?*

*Você não sente falta de sua mãe às vezes, às vezes?*

*As flores desabrocham eternamente,*

*Lá o sol nunca se põe.*

Ao pé da poltrona, Allison estava deitada de bruços, com as pernas cruzadas na altura do tornozelo. Ida e ela olhavam para a janela, do outro lado. O sol, baixo e alaranjado, iluminava as antenas de televisão no telhado da sra. Fountain com seus derradeiros raios vespertinos.

Como amava Ida! A força do sentimento lhe dava tontura até. Sem sequer pensar na irmã, Harriet aproximou-se e abraçou Ida com força.

Ida levou um susto. “Querida”, disse, “de onde você surgiu?”

Harriet fechou os olhos e descansou o rosto no calor úmido do pescoço de Ida, que cheirava a cravo, chá e lenha queimada, e a algo mais, alguma coisa agridoce, suave mas bem definida, que para Harriet era o próprio aroma do amor.

Ida estendeu a mão e afastou o braço de Harriet. “Está querendo me estrangular?”, disse. “Olha lá. Estamos observando o passarinho no telhado.”

Sem se virar, Allison disse: “Ele aparece todos os dias”.

Harriet protegeu a vista com a mão. No alto da chaminé da sra. Fountain, confortavelmente acomodado no vão de dois tijolos, havia um pássaro preto com asas vermelhas: rubro, em pose de sentinela, com seus olhos firmes atentos e a asa engalonada de vermelho, como as divisas de um soldado.

“Ele é estranho”, Ida disse. “Canta assim.” Ela cerrou os lábios e imitou com perfeição o canto do pássaro preto: nada a ver com o pipilar brando do tordo, que descia ao seco *tch tch tchh* do cricrilar do grilo e subia novamente em chilreios delirantes, soluçantes; nem com as três notas assobiadas pelo chapim, tampouco com o canto tosco do gaio, parecido com o ranger de um portão enferrujado. Aquele era um grito abrupto, um zunido esquisito, um grito de alerta — *congeree!* — que morria abafado, numa nota tênue de flauta.

Allison riu alto. “Vejam!”, disse, apoiando-se nos joelhos quando o pássaro subitamente olhou para cima, virando a cabeça bela e reluzente para o lado, num movimento inteligente. “Ele ouviu você!”

“Canta de novo!”, Harriet disse. Ida não imitava pássaros para elas assim, sem mais nem menos; era preciso esperar o momento certo.

“Ida, por favor!”

Mas Ida só riu e balançou a cabeça. “Vocês se lembram”, disse, “da lenda a respeito de como ele ganhou o vermelho das asas?”

“Não”, responderam Harriet e Allison em uníssono, embora se lembrassem muito bem. Como haviam crescido, Ida agora raramente contava histórias. Isso as desagradava, pois os relatos eram bizarros, curiosos, freqüentemente assustadores: crianças afogadas, fantasmas no meio do mato, bandos de urubus famintos; racuns com dentes de ouro que

mordiam bebês nos berços, pires de leite encantados que viravam sangue no meio da noite...

“Era uma vez, há muito tempo”, Ida disse, “um anão corcunda tão feio e revoltado contra tudo que ele resolveu queimar o mundo inteiro. Por isso, seguiu para a margem do grande rio, onde todos os animais viviam, levando uma tocha na mão, cheio de ódio. Naquela época antiga não havia esse monte de riachos e rios de segunda classe, como agora. Só existia um rio imenso.”

No alto da chaminé da sra. Fountain o passarinho bateu as asas — rápido, decidido — e saiu voando.

“Olha lá. Foi embora. Não quer ouvir minha história.” Após um suspiro triste, Ida consultou o relógio e, para decepção de Harriet, espreguiçou-se e se levantou. “Está na hora de eu ir para casa.”

“Termine a história primeiro!”

“Amanhã eu termino.”

“Ida, não vá embora!”, Harriet gritou quando Ida Rhew rompeu o silêncio com outro suspiro e seguiu na direção da porta, devagar, como se as pernas doessem. Coitada. “Por favor...”

“Ora, amanhã eu volto”, Ida disse secamente, sem virar a cabeça, ajeitando o saco de papel pardo no braço enquanto seguia em frente, pesada. “Não se preocupem.”

“Entenda, Danny”, Farish disse. “Reese vai embora, por isso precisamos ir até a praça e ouvir a pregação de Eugene.” Distraído, fez um gesto vago. “Sabe como é. Aquele papo furado de religião.”

“Por quê?”, Danny perguntou, afastando a cadeira. “Por que precisamos fazer isso?”

“O cara vai embora amanhã. *Bem cedo*, pelo que conheço dele.”

“Bom, a gente pode ir até a Missão e esconder tudo na picape agora mesmo.”

“Não podemos. Ele saiu.”

“Droga.” Danny ficou pensativo por um momento. “Onde pretende esconder a anfeteta? No motor?”

“Conheço lugares que nem o FBI conseguiria achar, se desmontasse a picape toda.”

“E de quanto tempo você precisa? Estou perguntando, *de quanto tempo você precisa?*”, Danny repetiu, quando viu o brilho hostil surgir nos olhos de Farish. “Para esconder o bagulho.” Farish era meio surdo de um ouvido, por causa do tiro; quando estava drogado e paranóico, costumava confundir as frases, entender tudo errado, achar que o outro o mandara se foder, quando na verdade havia dito para fechar a porta ou passar o sal.

“Quanto tempo?” Farish ergueu cinco dedos.

“Então, está tudo bem. Vamos fazer o seguinte. Deixamos de lado essa história de pregação e vamos para a Missão mais tarde, certo? Eu mantenho os dois ocupados lá em cima, enquanto você sai e esconde o pacote na picape, onde quiser, e pronto, acabou.”

“Vou lhe dizer o que está me incomodando”, Farish o interrompeu abruptamente. Sentou-se ao lado de Danny, à mesa, e começou a limpar as unhas com o canivete. “Soube que um carro andou rondando a casa de Eugene faz pouco tempo. Ele me telefonou para contar.”

“Um carro? Que tipo de carro?”

“Comum. Estacionou em frente.” Farish bufou, furioso. “Saiu depressa, quando perceberam que Eugene os espiava pela janela.”

“Provavelmente não era nada.”

“Como é?” Farish recuou, piscando. “Não gosto que fiquem sussurrando para mim. Odeio quando você sussurra.”

“Eu disse que *não era nada*.” Danny olhou fixamente para o irmão, depois balançou a cabeça. “O que alguém poderia querer de Eugene?”

“Não é em Eugene que eles estão interessados”, Farish retrucou, sombrio. “É em mim. Estou dizendo, os órgãos do governo têm um dossiê deste tamanho a meu respeito.”

“Farish.” Era melhor não deixar que Farish começasse a história do governo federal, principalmente quando estava drogado daquele jeito. Se embalasse, falaria a noite inteira e o dia seguinte também.

“Sabe”, Danny disse, “seria melhor você ir lá e pagar aquele imposto...”

Farish o encarou, irado.

“A carta chegou um dia desses. Se não pagar os impostos, Farish, eles virão atrás de você.”

“Isso não tem nada a ver com os impostos”, Farish disse. “O governo me vigia há vinte anos.”

A mãe de Harriet abriu a porta da cozinha, onde Harriet estava sentada à mesa com as mãos na cabeça. Na esperança de que a mãe perguntasse o que ocorrera, enterrou a cabeça mais fundo; mas ela, pelo jeito, nem percebeu, pois foi direto para o freezer, de onde tirou um pote listado enorme de sorvete de menta.

Harriet observou-a ficar na ponta dos pés para pegar uma taça de vinho na prateleira do alto e depois, meticulosamente, servir-se de algumas colheradas de sorvete. Sua camisola era muito antiga, com barra azul clara diáfana e fitas na gola. Quando pequena, Harriet fascinou-se com ela, pois se parecia com o vestido da Fada Azul de *Pinóquio*. Agora, apenas parecia velha: desbotada e cinzenta nas costuras.

A mãe de Harriet virou-se para guardar o sorvete no freezer e viu a menina debruçada sobre a mesa. “O que foi?”, perguntou, deixando a porta do freezer se fechar.

“Para começo de conversa”, Harriet disse em voz alta, “estou morrendo de fome.”

A mãe de Harriet franziu a testa — surpresa, contente — e depois (por favor, não me venha com essa, Harriet pensou) fez exatamente a pergunta que Harriet imaginou que faria: “Por que não toma um pouco de sorvete?”.

“*Eu... odeio... esse... sabor... de... sorvete.*” Quantas vezes havia dito isso?

“Como?”

“Mãe, *eu detesto sorvete de menta.*” Subitamente, sentiu um desespero enorme; será que ninguém prestava atenção nela? “Não gosto! Sempre detestei. A única pessoa que gosta é você!”

Ela ficou contente ao ver a fisionomia magoada da mãe. “Lamento... pensei que todas gostassem de saborear um sorvete leve e refrescante... faz tanto calor à noite...”

“Eu não gosto.”

“Bem, peça a Ida para lhe preparar algo...”

“Ida já foi!”

“E não deixou nada pronto?”

“Não!” Pelo menos nada do agrado de Harriet; só atum.

“Bem, e o que gostaria de comer então? Está muito quente, não deveria comer nada muito pesado”, disse, hesitante.

“*Mas eu quero!*” Na casa de Hely, por mais calor que fizesse, eles se reuniam e comiam de verdade todas as noites. Jantares normais, fartos, nutritivos que impregnavam a cozinha com seus odores: rosbife, lasanha, camarão frito.

Mas a mãe não a ouvia. “Talvez uma torrada”, disse animada, guardando o sorvete no freezer.

“*Torrada?*”

“Sim, o que há de mal nisso?”

“As pessoas não jantam *torrada!* Por que não podemos comer como pessoas normais?” Na aula de cuidados com a saúde, a professora solicitara que os alunos registrassem suas dietas durante duas semanas, e Harriet surpreendeu-se ao ver como sua dieta era pobre, quando a anotou numa folha, principalmente nas noites em que Ida não deixava nada pronto: picolés, azeitona preta, torrada e manteiga. Ela resolveu rasgar a lista real e copiar cuidadosamente os cardápios balanceados de um livro de cozinha que a mãe recebera de presente de casamento (*Mil maneiras de*

*satisfazer sua família*): picadinho de frango, abóbora gratinada, salada verde, compota de maçã.

“A responsabilidade é de Ida”, a mãe disse, repentinamente agressiva. “Ela deveria ter preparado algo para você. Para isso pago a ela um salário. Se não cumpre suas obrigações, teremos de procurar outra pessoa.”

“Cala a boca!”, Harriet gritou, revoltada com o comentário injusto.

“Seu pai vive me censurando por causa de Ida. Diz que ela não faz o serviço de casa direito. Sei que gosta de Ida, mas...”

“Não é culpa dela!”

“... se não dá conta do serviço, então Ida e eu precisamos ter uma conversinha”, a mãe disse. “Amanhã...”

Ela saiu, levando a taça de sorvete de menta. Harriet — confusa e perplexa com o rumo tomado pela conversa — encostou a testa na mesa.

Após algum tempo, alguém entrou na cozinha. Desiludida, Harriet ergueu a cabeça e viu Allison parada na porta.

“Você não deveria ter falado aquilo”, a irmã disse.

“Fora daqui!”

Naquele momento, o telefone tocou. Allison atendeu e disse “Alô?”. Depois, desinteressou-se. Largou o fone, que ficou pendurado pelo fio.

“Para você”, disse a Harriet.

Assim que ela atendeu, Hely disse, ansioso: “Harriet? Você precisa saber de uma coisa...”.

“Posso jantar na sua casa?”

“Não”, Hely disse após uma pausa, confuso. A hora do jantar já havia passado em sua casa, mas ele tinha estado excitado demais para comer. “Sabe, Essie pirou mesmo. Quebrou uns copos na cozinha e foi embora, meu pai a levou para casa de carro. O namorado de Essie saiu na varanda, e eles discutiram. Meu pai disse a Essie que não precisava mais voltar, que estava despedida. *Obaaa!* Mas não foi por isso que liguei”, disse, rapidamente, pois Harriet gaguejara de horror com a história. “Bem, Harriet, não temos muito tempo. O missionário da mancha na cara está

na praça *neste instante*. Na verdade, são dois. Vi quando voltava da casa de Essie com meu pai, mas não sei por quanto tempo ficarão lá. Eles têm uma caixa acústica. Dá para ouvi-los da *minha casa*.”

Harriet pôs o fone em cima da mesa e saiu pela porta dos fundos. Mesmo com a proteção dada pelas cercas vivas altas, ela podia ouvir o som distante de um alto-falante: alguém gritava, impossível discernir as palavras por causa do chiado e da distorção do microfone ruim.

Quando voltou, ouviu a respiração de Hely, ofegante mas contida, do outro lado da linha.

“Você pode sair?”, ela perguntou.

“Encontro você na esquina.”

Passava das sete, ainda restava alguma luz natural. Harriet jogou um pouco de água no rosto, na pia da cozinha, e seguiu até o barracão para pegar a bicicleta. Enquanto corria pelo acesso, os pedriscos estalavam sob os pneus, até que *bump*, a roda da frente bateu no calçamento da rua e ela saiu pedalando.

Hely a esperava na esquina da casa dele, encostado na bicicleta. Quando a viu aproximar-se, saiu pedalando; ela intensificou o ritmo e logo o alcançou. As luzes da rua ainda não haviam sido acendidas; o ar cheirava a jardim podado, inseticida e madressilva. Os roseirais exibiam flores magenta, carmim e alaranjado-tropicana no crepúsculo. Passaram a toda a velocidade pelas casas sonolentas; aspersores sibilavam; um terrier os perseguiu, latindo, por uma ou duas quadras, rápido apesar das pernas curtas, até ser deixado para trás.

Fizeram a curva fechada da esquina da Walthall Street. As arestas do telhado vitoriano da mansão da sra. Lilly voaram na direção deles em ângulo de quarenta e cinco graus, como uma casa flutuante encalhada torta na margem verde do rio. Harriet deixou que o impulso a conduzisse pela curva, pela fragrância das rosas trepadeiras que formavam cachos de flores rosadas a se derramar pelas treliças das varandas, evanescentes e pungentes quando ela parava de pedalar por um segundo ou dois, antes de

entrar furiosamente na Main: um corredor de espelhos, fachadas brancas e colunas sob a luz fraca, lançando sombras longas em perspectiva na direção da praça, onde os trabalhos elaborados em ferro fundido e pintado de branco do coreto e do belvedere reluziam no lusco-fusco lavanda em contraste com o céu azul-escuro. Tudo tranqüilo feito um cenário teatral preparado para a peça do colégio (*Nossa cidade*), exceto pelos dois homens de camisa branca e calça escura que andavam de um lado para outro, balançando os braços, abaixando-se e recuando enquanto falavam. Suas trajetórias se cruzavam num centro imaginário, conforme iam e vinham em X. Dedicavam-se à pregação como um par de leiloeiros, numa cantilena amplificada que se encontrava, confrontava e afastava em dois discursos distintos. Eugene Ratliff em tom grave e piegas, fazendo contraponto à histeria aguda do rapaz de fala arrastada, com forte sotaque caipira das montanhas:

“... sua mamãe...”

“... seu papai...”

“... seu filhinho, coitado, que já se foi...”

“Você veio aqui me dizer que eles voltarão?”

“*Eu vim aqui para dizer que eles voltarão.*”

“Você está querendo dizer que eles se levantarão novamente?”

“*Eu estou querendo dizer que eles se levantarão novamente.*”

“A Bíblia manda avisar que eles voltarão.”

“Cristo manda avisar que eles voltarão.”

“Os profetas mandam avisar que eles voltarão...”

Eugene Ratliff batia o pé no chão, batia palmas com tanta força que uma mecha do topete grisalho saiu do lugar e caiu sobre seu rosto. O outro, de cabelo desalinhado, ergueu as mãos para cima e entrou em transe. Tremia inteiro; as mãos brancas vibravam, como se a corrente elétrica que fazia seus olhos brilhar e o cabelo se eriçar percorresse-lhe o

corpo inteiro, provocando espasmos e convulsões que o atiravam de um lado para o outro do coreto.

“... Eu vim aqui para gritar, como nos tempos bíblicos...”

“... *Eu vim aqui gritar com Elias...*”

“... Gritar bem alto para incomodar o Demônio...”

“... *Vamos lá, meus filhos, vamos incomodar o Demônio!...*”

\* \* \*

A praça estava praticamente deserta. Do outro lado da rua, algumas adolescentes riam nervosas. A sra. Mireille Abbott surgiu na porta da joalheria; na frente da loja de ferragens, uma família observava a cena de dentro do carro estacionado com os vidros abaixados. No dedo mindinho do missionário Ratliff (ligeiramente afastado do microfone fino, como se tomasse chá) uma pedra cor de rubi refletiu o sol poente num raio vermelho intenso.

“... Aqui estamos vivendo os Últimos Dias...”

“... *Aqui estamos para pregar as verdades desta Bíblia.*”

“... Estamos pregando como nos Velhos Tempos, como no Velho Testamento.”

“*Estamos pregando como faziam os Profetas.*”

Harriet viu a picape (ESTE MUNDO NÃO É O MEU LAR!) e percebeu, desapontada, que a caçamba estava vazia, exceto pelo amplificador revestido de vinil, que mais parecia uma mala vagabunda.

“Faz muito tempo que alguns de vocês não aparecem...”

“... para ler a Bíblia...”

“... para ir à igreja...”

“... para se ajoelharem como criancinhas...”

Arrepiada, Harriet notou que Eugene Ratliff olhava direto para ela.

“... pois pensar nos prazeres da carne significa MORTE...”

“... pois ser vingativo significa MORTE...”

“... pois a Lunxúria da Carne significa MORTE...”

“Luxúria”, Harriet disse automaticamente.

“Como é?”, Hely falou.

“É *luxúria*, e não *lunxúria*.”

“... pois o castigo para o pecado é a MORTE...”

“... pois as mentiras do Demônio são o INFERNO E A MORTE...”

Haviam cometido o erro, Harriet se deu conta, de se aproximarem demais. Agora, porém, nada mais poderiam fazer. Hely olhava de queixo caído. Ela o cutucou nas costas. “Vamos”, murmurou.

“Como é?”, Hely disse, passando o braço na testa suada.

Harriet olhou de lado, num movimento que significava *Vamos embora*. Sem dizer mais nada, deram meia-volta e empurraram as bicicletas discretamente, até dobrarem a esquina e sumirem de vista.

“Onde foram parar as cobras?”, Hely falou, emburrado. “Pensei que estivessem na picape.”

“Devem ter levado as cobras para dentro de casa novamente, depois que o senhor Dial saiu.”

“Vamos até lá”, Hely disse. “Depressa, antes que eles terminem.”

Subiram novamente nas bicicletas e pedalarão até a casa dos mórmons o mais rápido que puderam. As sombras se alongavam, formando desenhos complexos. As tartarugas da pista central da Main Street brilhavam, refletindo os últimos raios de sol, como uma série de luas crescentes com três quartos da esfera no escuro, mas ainda visíveis. Os grilos e rãs começaram a gritar, escondidos nas sebes e nos alfeneiros escuros que ladeavam a rua. Quando finalmente avistaram a casa — sem fôlego, pisando fundo nos pedais —, perceberam que o terraço estava no escuro e o acesso deserto. Rua acima e rua abaixo, a única alma viva era um negro idoso com maçãs do rosto salientes, sereno e imperturbável como uma múmia, caminhando tranqüilamente pela calçada com um saco de papel debaixo do braço.

Hely e Harriet esconderam as bicicletas embaixo de uma cerca viva avantajada, na calçada, e se agacharam atrás dela para vigiar, esperando até que o velho dobrasse a esquina e desaparecesse. Depois atravessaram a rua e se acomodaram entre os ramos baixos e abundantes de uma figueira no quintal vizinho — pois não havia esconderijo no jardim da casa de madeira, nem uma única moita, nada exceto um pouco de grama em volta do tronco cortado de uma árvore.

“Como vamos subir lá?”, Harriet disse, observando a calha que ia do térreo ao andar superior.

“Espere um pouco.” Surpreso com a própria ousadia, Hely correu do esconderijo sob a figueira até a escada e a subiu aos pulos. Depois, com a mesma rapidez, retornou. Cruzou o trecho descampado e escondeu-se novamente sob a figueira, ao lado de Harriet. “Trancada”, disse, erguendo o ombro de modo pitoresco, como um personagem de desenho animado.

Juntos, por entre o tremular das folhas, eles analisaram a casa. O lado que dava para eles estava escuro. Na face iluminada, voltada para a rua, as janelas refletiam rosadas o sol poente.

“Lá no alto”, Harriet apontou. “Onde o telhado é plano, está vendo?”

No meio do telhado inclinado havia uma pequena água-furtada e dentro dela uma janela pequena, com vidros foscos, com uma fresta de cinco centímetros na base. Hely ia perguntar como ela pretendia chegar lá — ficava a mais de cinco metros do solo —, quando ela disse: “Se me ajudar a subir, posso ir pela calha”.

“Nem pensar!”, Hely gritou, pois a calha quase estava partida ao meio, de tão enferrujada.

Era uma janela pequena, com pouco mais de trinta centímetros. “Aposto que é a janela do banheiro”, Harriet disse. Depois apontou para uma janela escura, no meio. “E aquela, de onde é?”

“Da casa dos mórmons. Já verifiquei.”

“O que há lá dentro?”

“Uma escada. No pé, um quadro de avisos e alguns cartazes.”

“Talvez... peguei!”, Harriet gritou, triunfal, ao dar um tapa no braço e examinar o mosquito cheio de sangue esmagado na palma da mão.

“Talvez por dentro haja um acesso do andar inferior ao superior”, ela disse a Hely. “Você não viu ninguém lá dentro, certo?”

“Entenda uma coisa, Harriet, eles não estão em casa. Se voltarem e nos flagrarem, diremos que era uma aposta, mas precisamos nos apressar ou deixar para outro dia. Não pretendo passar o resto da noite aqui sentado.”

“Tá bom...” Ela tomou fôlego e correu na direção do quintal sem árvores, com Hely atrás. Subiram a escada depressa. Hely vigiou a rua enquanto Harriet encostava a mão no vidro para observar o interior da residência: poço da escada usado para guardar cadeiras dobráveis; paredes pintadas de bege, tristes, iluminadas apenas por um raio de luz trêmulo que entrava pela janela de frente para a rua. No fundo havia um

bebedouro e um quadro de avisos cheio de cartazes pregados com tachas (NÃO FALE COM ESTRANHOS! CRIANÇAS, NÃO SE ARRISQUEM).

A janela estava fechada, mas não tinha tela. Lado a lado, Hely e Harriet enfiaram os dedos debaixo do caixilho de metal e tentaram puxar a folha, sem sucesso.

“Carro”, Hely murmurou. Eles se esconderam na lateral da casa, contra a parede, com o coração disparado, enquanto o automóvel passava.

Assim que se afastou, eles saíram das sombras e tentaram novamente. “O que é aquilo?”, Hely sussurrou, erguendo-se na ponta dos pés para examinar a parte central da janela, onde a parte superior e a inferior se encontravam, perfeitamente encaixadas.

Harriet viu o que ele mostrava. Não havia tranca nem espaço para as janelas correrem. Ela percorreu o caixilho com os dedos.

“Ei”, Hely disse de repente, pedindo ajuda com um gesto.

Juntos, eles empurraram a folha de cima da janela para dentro; ela travou, rangeu, e de repente, com um estalo, a folha de baixo girou sobre um pivô horizontal. Mais uma vez, Hely checou a rua ao crepúsculo — polegar para cima, tudo certo — e no minuto seguinte eles se esgueiraram para dentro, lado a lado.

Pendurado de cabeça para baixo, apoiando a ponta dos dedos no chão, Hely viu as manchas cinzas do piso de paviflex aproximarem-se depressa, como se a imitação de granito fosse a superfície de um planeta desconhecido avançando a um milhão e meio de quilômetros por hora. *Plaft*, a cabeça bateu no chão e ele caiu de lado. Harriet desabou em seguida.

Estavam dentro: no final de uma escada antiga, com três degraus para cima e uma plataforma no alto. Excitados, tentavam não ofegar demais. Levantaram-se e subiram a escada, quase batendo a cabeça no final, ao virarem, pois havia uma porta pesada trancada a cadeado que impedia a passagem.

Havia outra janela também — antiquada, de madeira, com tranca no caixilho e tela. Hely subiu para examiná-la; enquanto Harriet observava o cadeado, desconsolada, ele de repente começou a gesticular freneticamente, rilhando os dentes num ricto de excitação: a beira do telhado ficava logo em cima da janela, dando direto na janelinha da água-furtada.

Eles empurraram com força, até os rostos avermelharem, e conseguiram afastar a folha da janela uns vinte centímetros. Harriet passou primeiro, apertando o corpo (Hely empurrou as pernas dela como se fossem um arado, até que involuntariamente a menina o chutou, fazendo com que ele se afastasse, praguejando). O telhado estava quente e pegajoso, áspero a ponto de arranhar a palma da mão. Cuidadosa, muito cuidadosamente, ela ficou em pé. De olhos fechados, segurando a folha da janela com a mão esquerda, ela estendeu a direita para Hely, que passou logo em seguida.

A brisa soprava mais fria. Marcas paralelas dos jatos riscavam o céu em diagonal, como finas marcas brancas de esqui num lago enorme. Harriet — respirando rápido, com medo de olhar para baixo — sentiu a fragrância sutil de uma flor noturna lá embaixo: cravo ou talvez tabaco. Esticou a cabeça e olhou para o céu; nuvens gigantescas, glaçadas na barriga por um rosa radiante, como as nuvens das ilustrações das histórias bíblicas. Com muito cuidado, muito mesmo — de costas para a parede, elétricos de tanta excitação —, eles contornaram o canto e chegaram à face que dava para o jardim e sua enorme figueira.

Com a ponta dos dedos na beirada de alumínio, que conservara o calor do dia e estava um pouco quente demais para segurar, seguiram pouco a pouco na direção da água-furtada. Harriet chegou primeiro e ergueu o corpo para dar espaço a Hely. A janela era bem pequena, pouco maior que uma caixa de sapatos, e a abertura na parte inferior não teria mais que cinco centímetros. Com cuidado, pouco a pouco, largaram a beirada para segurar o caixilho e içar o corpo, juntos: timidamente no início, para o

caso de a folha se abrir de repente e os desequilibrar. Ela cedeu uns dez centímetros, sem dificuldade, mas depois engripou e ficou presa, embora eles puxassem até sentir os braços dormentes.

As palmas das mãos de Harriet estavam suadas, o coração batia feito uma bola de tênis em seu peito. Aí eles ouviram o ruído de um carro que se aproximava na rua.

Gelaram. O carro passou depressa, sem parar.

“Cara”, Hely murmurou para Harriet, “*não olhe para baixo.*” Ele estava a poucos centímetros de distância, sem tocá-la, mas uma aura de calor irradiava de seu corpo, dos pés à cabeça, como um campo de força.

Ela se virou; resoluta, Hely mostrou o polegar erguido no crepúsculo rosado assustador e enfiou a cabeça e os dois braços na fresta da janela, como se nadasse de peito, para entrar.

Muito apertado. Na cintura, ele entalou. Harriet, com a mão esquerda agarrada na beirada de alumínio, forçava a janela com a direita, enquanto desviava dos pés de Hely, que se mexiam vigorosamente para tomar impulso. Por causa da inclinação, ela escorregou e quase caiu. Conseguiu se segurar no último instante, e antes que pudesse engolir em seco ou recobrar o fôlego, a parte da frente do corpo de Hely caiu para dentro do apartamento, com um baque seco e alto. Só os tênis ficaram de fora. “Uau!”, Harriet ouviu quando ele gritou — uma voz distante, entusiasmada, um êxtase familiar do sótão, como quando brincavam de quatro nos fortes de papelão.

Ela enfiou a cabeça no vão atrás dele. Na penumbra, mal o distinguia: recurvado, esfregava o joelho que havia batido no chão. Desajeitado, de joelhos, ele avançou um pouco e agarrou os braços de Harriet, jogando o peso do corpo para trás. Harriet encolheu o estômago e fez o possível para passar pela fenda, *uuf*, balançando os pés no ar, que nem o Ursinho Pooh preso na toca do coelho.

Ainda se debatendo, ela caiu estrondosamente, parte no chão, parte no carpete úmido, embolorado, cujo cheiro lembrava o fundo de um barco.

Quando rolou para o lado, bateu a cabeça na parede, provocando um ruído cavo. Estavam num banheiro minúsculo: pia e vaso sanitário, sem banheira, com paredes de aglomerado revestido com um padrão que imitava azulejos.

Hely, já de pé, a levantou. Em pé, ela sentiu um cheiro forte, acre, similar a peixe — não era bolor, embora tudo cheirasse a bolor ali. Era pungente, inconfundível e muito ruim. Lutando contra o gosto desagradável no fundo da garganta, Harriet usou todo o pânico que a engolfava para forçar a porta (sanfonada, imitando madeira), que estava presa no trilho.

A porta se abriu e eles tombaram, um por cima do outro, numa sala maior — igualmente sufocante e mais escura. A parede oposta se estufara, numa curva ampla enegrecida de fumaça e salpicada de bolor. Hely — ofegante de excitação, inquieto como um terrier que farejou a pista — foi acometido de um medo tão intenso e repentino que sentiu um gosto metálico na boca. Por causa, em parte, de Robin e do que acontecera a ele, os pais de Hely o haviam alertado desde pequeno de que nem todos os adultos eram bons; alguns — não muitos, só alguns — roubavam crianças de seus pais, para torturá-las e até matá-las. Nunca antes a verdade daquelas palavras o impressionara tanto, parecia que tinha um peso no peito. O fedor e o inchaço medonho nas paredes provocaram-lhe náuseas, todas as histórias de horror que os pais haviam contado (crianças amordaçadas e amarradas, presas em casas abandonadas, penduradas em cordas ou trancadas em armário para morrerem de fome) adquiriram vida de repente, fixaram olhos amarelos penetrantes nele e riram com dentes de tubarão: *chop-chop*.

Ninguém sabia onde eles estavam. Ninguém — nenhum vizinho, nenhum passante — os vira subir lá. Ninguém jamais desconfiaria do que havia acontecido a eles, caso não voltassem para casa. Seguindo atrás de Harriet, que se dirigia confiante para o próximo cômodo, ele tropeçou num fio elétrico e quase gritou.

“Harriet?” A voz saiu esquisita. Parado ali no escuro, esperando resposta, olhando para a única luz visível — três retângulos riscados com fogo, emoldurando as três janelas cobertas de papel de alumínio que flutuavam na penumbra —, ele sentiu que o chão rangia sob seus pés. Talvez tivessem caído numa armadilha. *Como podiam ter certeza de que não havia ninguém em casa?*

“Harriet!”, gritou. De repente, sentiu a mais forte vontade de urinar que já teve na vida. E, abrindo o zíper, sem saber direito o que fazia, deu as costas para a porta e urinou no tapete: depressa, depressa, depressa, Harriet que se dane, chegava a saltar de tanta agonia. Ao alertá-lo insistentemente a respeito dos malucos, os pais de Hely sem querer inculcaram idéias estranhas em sua mente, entre as quais se destacava a crença de que as crianças seqüestradas eram proibidas de usar o banheiro pelos captores e forçadas a fazer as necessidades onde quer que estivessem: amarradas num colchão imundo, trancadas no porta-malas do carro, enterradas num caixão com um tubo para respirar...

*Pronto*, pensou, meio delirante de tanto alívio. Mesmo que os racistas o torturassem (com canivetes, máquinas de enfiar pregos, qualquer coisa), pelo menos não teriam a satisfação de vê-lo molhar a calça. Então, atrás de si, ouviu um barulho. Seu coração disparou.

Mas era apenas Harriet — olhos enormes escuros, o corpo miúdo no batente da porta. Ficou tão feliz ao vê-la que nem pensou que ela poderia ter espiado enquanto ele urinava.

“Venha ver uma coisa”, ela disse, com um tom de voz bem trivial.

Seu medo se evaporou com a calma da amiga. Seguiu-a até o cômodo seguinte. No instante em que entrou, o fedor almiscarado da podridão — como não o reconhecera antes? — o atingiu com tanta intensidade que teve a impressão de sentir seu gosto...

“Minha nossa”, disse, tapando o nariz.

“Eu *falei*”, ela disse, orgulhosa.

As caixas — um monte, cobriam quase o assoalho todo — reluziam na luz fraca: botões perolizados, cacos de espelho, cabeças de pregos, pedras falsas, vidros quebrados, tudo brilhava discretamente, como se os dois estivessem numa caverna de piratas com um tesouro dentro de baús rústicos cheios de diamantes, prata e rubis.

Ele olhou para baixo. Na caixa próxima a seu tênis, uma cascavel enrolada — a poucos centímetros — sacudia os guizos, *tch tch tch*. Sem pensar, ele saltou para trás. Com o canto do olho, viu que do lado de lá da tela outra cobra deslizava em sua direção, formando um S com seu corpo estampado. Quando tocou a tela, recuou num salto, sibilando, numa chicotada tão súbita que Hely deu outro pulo para trás, assustado com o movimento inesperado — tão incrível como as cenas de um filme passado de trás para a frente, no qual um jato sai da poça de leite derramado e volta ao jarro. Hely tropeçou em outra caixa, que tombou num turbilhão de silvos.

Ele notou que Harriet empurrava uma das caixas do conjunto em direção à porta fechada. Ela se deteve para afastar o cabelo do rosto. “Quero esta aqui”, disse. “Ajude-me.”

Hely levou um susto. Sem se dar conta, até aquele momento duvidara da seriedade das intenções da amiga. Sentiu um nó gelado no estômago subir até a boca, excitante, vibrante, mortífero, delicioso, como um mar gelado e verde entrando pelo furo no fundo do barco.

Harriet — comprimindo os lábios — empurrou a caixa por alguns metros de assoalho livre, depois a virou de lado. “Vamos levar esta...”, disse, parando para esfregar as palmas das mãos. “É só descer a escada externa.”

“Não podemos sair andando pela rua com essa caixa.”

“Ajude-me apenas, está bem?” Harriet tomou fôlego e ergueu a caixa um pouco, para soltá-la de uma tábua mais alta, onde se prendera.

Hely aproximou-se. Não gostou de passar pelas caixas; por trás das telas — apenas telas iguais às usadas nas janelas, constatou, facilmente

cederiam se pisasse nelas — percebia vagamente os movimentos nas sombras: círculos que se rompiam, misturavam-se e se fechavam sobre si mesmos, diamantes negros fluindo uns sobre os outros em espirais silenciosas, mortíferas. Sentia a cabeça leve, cheia de ar. *Isso não pode ser real*, pensou, *trata-se de um sonho apenas, nada além de um sonho*. E, realmente, nos anos seguintes — até atingir a idade adulta — seus pesadelos o conduziram de volta àquela escuridão fedorenta feita de arca do tesouro maldito.

A originalidade da naja — imponente, ereta, solitária, sibilando de irritação com o movimento da caixa — não chamou a atenção de Hely. Não notou nada de estranho, exceto o deslizar incômodo da cobra, rolando de um lado para o outro na caixa. Concentrava-se em manter a mão bem longe da tela. Contrariado, empurrou-a até a porta dos fundos, que Harriet havia destrancado e escancarado. Juntos, eles ergueram a caixa e a carregaram para fora, desceram a escada externa (a cobra perdeu o equilíbrio, passou a saltar e a desferir golpes com o rabo, num acesso de pavorosa violência), e a puseram no chão.

Já estava escuro. As luzes da rua haviam se acendido, e nas casas os terraços e as varandas estavam iluminados. Assustados, com medo de olhar para a caixa, de onde partia uma saraivada de golpes e baques secos plenos de fúria, eles a esconderam debaixo da casa.

A brisa noturna os gelou. Os braços de Harriet doíam e coçavam nos pontos arranhados e inchados. No andar superior — do lado oculto, fora da vista — a porta de tela abria e fechava, chocando-se estrepitosamente contra o batente. “Espere aqui”, Hely disse. Ele se levantou e subiu a escada novamente, correndo. Com mãos trêmulas, inseguras, tateou a maçaneta, procurando a fechadura. As mãos suavam, pegajosas; uma leveza inesperada de devaneio o engolfou, e um mundo escuro infinito o cercou, como se estivesse no alto do mastro de um navio pirata de pesadelo, balançando para lá e para cá, fustigado pelo vento noturno em alto-mar...

*Depressa*, disse para si mesmo, *vá embora depressa, tranque a porta e desça*. Mas suas mãos não o obedeciam direito, escorregavam e deslizavam pela maçaneta, como se não fossem mais suas...

Lá embaixo Harriet sufocou parcialmente um grito, atônita de medo e desespero.

“Harriet?”, Hely chamou, no silêncio confuso que se seguiu. Sua voz soava estranhamente despreocupada e fútil. No segundo seguinte, escutou o barulho do pneu no cascalho do acesso. Faróis potentes iluminaram o quintal. Sempre que Hely pensava naquela noite, nos anos seguintes, a imagem mais vívida que lhe vinha à mente era sempre aquela: a grama seca, dura, iluminada pela luz súbita dos faróis do carro; mato ralo, pontiagudo — capim-Johnson, tiririca — tremulando, reluzindo...

Antes que tivesse tempo de pensar ou respirar, o farol alto deu lugar ao baixo: *pop. Pop* outra vez e a grama escureceu. Depois a porta do carro se abriu e um som que parecia de meia dúzia de botas pesadas ecoou escada acima.

Hely entrou em pânico. Futuramente, ele se perguntaria o que o impedira de pular lá do alto, apavorado, e de quebrar a perna ou até o pescoço. Mas, aterrorizado pelos passos pesados, só conseguia pensar no rosto manchado do pregador se aproximando dele na escuridão, e o único refúgio era o interior do apartamento.

Ele correu para dentro, sentindo o coração apertado no escuro. Mesa de jogo, cadeiras dobráveis, geladeira de isopor: onde se esconder? Seguiu para o quarto dos fundos, dando uma topada na caixa de dinamite (que reagiu com chicotadas furiosas e guizos, *tch tch tch*), o que imediatamente o fez perceber seu equívoco, mas já era tarde demais. A porta da frente se abriu. *Será que a fechei?*, pensou, e o medo lhe deu cólicas.

Silêncio, o mais longo da vida de Hely. Após um intervalo que parecia eterno, ouviu o clique da chave na fechadura, depois novamente, duas vezes, depressa.

“O que houve?”, disse uma voz masculina, “não fechou?”

A luz foi acendida no cômodo vizinho. Com ajuda do facho de luz que entrava pela porta, Hely se deu conta de que estava encurralado: nenhum esconderijo, nenhuma rota de fuga. A não ser pelas cobras, a sala estava praticamente vazia: jornais, caixa de ferramentas, uma placa pintada à mão encostada numa parede (*Com o Auxílio do Bom Deus: Defesa da Religião Protestante e das Leis Vigentes...*) e, no canto mais distante, uma poltrona-saco de vinil. Na pressa (poderiam vê-lo se espiassem pela porta aberta), ele passou rápido pela caixa de dinamite, rumo à poltrona.

Outro clique: “Tudo bem, abriu”, disse a voz aguda e ininteligível, quando Hely se ajoelhou e se escondeu debaixo da poltrona-saco o melhor que pôde, puxando o saco por cima de seu corpo.

Mais diálogos incompreensíveis. A poltrona era pesada; ele ficou de costas para a porta, com as pernas encolhidas junto ao corpo. O tapete encostado em sua face direita cheirava a meia suada. Então — para seu desespero — a luz de cima foi acesa.

O que diziam? Tentou se encolher o máximo possível. Como não podia se mexer, não lhe restava escolha — exceto se fechasse os olhos — senão olhar para cinco ou seis serpentes que se moviam dentro da caixa espalhafatosa, com tela na lateral, a meio metro de seu nariz. Hely fitava as cobras, meio hipnotizado e paralisado de terror, quando viu uma cobra pequena afastar-se das outras e rastejar até a tela. O fundo de sua garganta era branco, as escamas da barriga formavam placas longas, horizontais, no tom baço da pomada de calamina.

Tarde demais — como costumava acontecer quando ele se pegava observando as entranhas aparentemente mergulhadas em molho de tomate de um animal atropelado na rodovia — Hely fechou os olhos. Círculos negros em fundo alaranjado — persistência retiniana da luz, em negativo — formaram-se em seus olhos, um após o outro, como bolhas num aquário, mais e mais fracas, conforme surgiam e sumiam...

Vibrações no chão: passos. Os passos cessaram; depois outra série, passos mais rápidos e pesados que pararam abruptamente.

*E se meu sapato estiver aparecendo?*, Hely pensou, com um arrepio de pavor quase incontrolável.

Tudo parou. Os passos recuaram um pouco. Mais conversas abafadas. Teve a impressão de que os passos de um deles seguiram até a janela, zanzaram um pouco e depois se retiraram. Não sabia dizer quantas vozes diferentes havia, mas uma se destacava das outras: cantada, confusa, afetada, como na brincadeira que Harriet e ele costumavam fazer na piscina, quando se revezavam dizendo frases debaixo d'água e depois tentavam adivinhar o que o outro havia dito. Ao mesmo tempo, continuava atento ao *scritch scritch scritch* da caixa das cobras, um ruído tão fraco que acreditou tê-lo imaginado. Abriu os olhos. Na faixa estreita entre a poltrona-saco e o tapete fedorento, ele fitava quinze centímetros pálidos da barriga da cobra, inesperadamente estendida sobre a tela da caixa em frente. Como a ponta do tentáculo de um monstro marinho, ela oscilava cegamente de um lado para outro, como um limpador de pára-brisa... estava se *coçando*, Hely concluiu, horrivelmente fascinado, *scritch... scritch... scritch...*

As luzes se apagaram inesperadamente. Os passos e as vozes se afastaram.

*Scritch... scritch... scritch... scritch... scritch...*

Hely — rígido, com as palmas das mãos apertadas contra os joelhos — arregalou os olhos inutilmente, tentando vencer a escuridão. Mal via a barriga da cobra do outro lado da tela. E se tivesse de passar a noite ali? Desesperado, perdeu o controle dos pensamentos, que saltavam de um lado para o outro a ponto de lhe dar náuseas. *Lembre-se das saídas*, disse a si mesmo; era o que dizia seu livro didático para casos de incêndio ou emergência, mas ele não prestara muita atenção e as saídas de que se lembrava eram totalmente inúteis: porta dos fundos, inacessível... escada interna, trancada com cadeado pelos mórmons... janela do banheiro — sim, por ali seria possível sair, embora já tivesse sido difícil entrar, muito

difícil, e mais difícil ainda seria se esgueirar para fora sem que o ouvissem, no escuro...

Pela primeira vez, lembrou-se de Harriet. Onde estaria? Tentou pensar no que ele faria se as posições estivessem invertidas. Teria ela fugido para chamar alguém? Em qualquer outra circunstância, Hely teria preferido caminhar sobre brasas a chamar seu pai, mas agora — fora a morte — não via alternativa. Calvo, barrigudo, o pai de Hely não era grande nem impressionava: no máximo, poderia ser considerado abaixo da média de altura, mas seus muitos anos como diretor de colégio haviam lhe dado um olhar que era a própria Autoridade, e uma capacidade de ampliar silêncios pétreos capaz de dobrar até homens feitos.

*Harriet?* Tenso, ele imaginou o telefone branco Princess no quarto dos pais. Se o pai de Hely soubesse o que estava acontecendo, marcharia direto para o local, sem temer ninguém, o pegaria pelos colarinhos e o arrastaria para fora da casa — até o carro, para uma surra e um sermão durante o trajeto que deixaria doendo os ouvidos de Hely —, enquanto o pregador se escondia amedrontado entre as serpentes, resmungando *sim, senhor, obrigado, senhor* sem saber o que o havia atingido.

Seu pescoço doía. Não escutava mais nada, nem mesmo a cobra. De repente, ocorreu-lhe que Harriet poderia estar morta: estrangulada, abatida a tiros, atropelada pela picape do missionário, que teria passado implacável por cima dela.

*Ninguém sabe onde estou.* As cãibras atacaram suas pernas. Teve de esticá-las um pouquinho. *Ninguém. Ninguém. Ninguém.*

Uma onda de alfinetadas percorreu-lhe a barriga da perna. Permaneceu imóvel por alguns minutos — tenso, imaginando que o pregador o descobriria a qualquer momento. Finalmente, vendo que nada acontecia, rolou o corpo. O sangue latejava nos membros dormentes. Mexeu os dedos do pé; virou a cabeça para um lado e para outro. Esperou. Quando já não agüentava mais, esticou a cabeça para fora da poltrona-saco.

No escuro, as caixas reluziam. Um retângulo torto de luz projetava-se sobre o tapete cor de tabaco, entrando por baixo da porta. Do outro lado — Hely avançou um pouco, apoiado nos cotovelos — havia um quarto amarelo, iluminado por uma lâmpada forte no teto. Uma voz aguda, com sotaque caipira, soou indistinta.

Outra voz, quase um rugido, a interrompeu. “Jesus nunca fez porra nenhuma por mim, e a lei com certeza não fará nada.” Depois, de repente, uma sombra gigantesca bloqueou a porta.

Hely se agarrou ao tapete e ficou ali, petrificado, evitando respirar. Outra voz soou, distante, tímida. “Os répteis não têm nada a ver com o Senhor. Eles são nojentos.”

A sombra na porta soltou uma risada aguda, alucinada — e Hely ficou petrificado. *Farish Ratliff*. Da porta, seu olho ruim — embaçado como o olho de um peixe cozido — percorreu a escuridão como a luz de um farol.

“Vou dizer o que deve fazer...” Para imenso alívio de Hely, a sombra enorme se afastou. Do outro aposento veio um guincho, como de um armário de cozinha sendo aberto. Quando abriu os olhos, finalmente, nada impedia a entrada da luz da porta.

“... o que você deve fazer, se cansou de carregar as cobras por aí, é levá-las para o mato, soltar tudo por lá e atirar. Mate essas cobras de merda todas. Taque fogo nelas”, ele disse, mais alto, ignorando as objeções do pregador. “Atire as cobras no rio, não me importo. Assim, não terá mais nenhum problema.”

Silêncio hostil. “As cobras sabem nadar”, disse uma voz diferente — masculina também e mais jovem.

“Elas não vão conseguir nadar muito dentro da caixa, né?” Ruído de triturar, como se Farish estivesse mordendo algo; com voz zombeteira, irônica, ele prosseguiu: “Sabe, Eugene, se não quiser correr riscos com elas, tenho um trinta-e-oito no porta-luvas do meu carro. Por dez centavos, vou lá agora mesmo e mato até a última”.

O coração de Hely disparou. *Harriet!*, pensou, desesperado. *Onde você se meteu?* Aqueles dois sujeitos haviam assassinado o irmão dela; quando o encontrassem (e o encontrariam, disso tinha certeza), também o matariam...

Que armas teria? Como poderia se defender? Uma segunda cobra subiu na tela, ao lado da primeira, pondo a cabeça debaixo da mandíbula da companheira; pareciam aquelas cobras trançadas da medicina. Aquele símbolo tão comum — impresso em vermelho nos envelopes da Associação do Pulmão, na coleção de envelopes de sua mãe — nunca o oprimira e assustara tanto. Sua cabeça girou. Sem ter noção exata do que fazia, Hely estendeu a mão trêmula e puxou a tranca da caixa de cobras à sua frente.

*Pronto, isso os retardará um pouco*, pensou, girando para ficar de costas. Olhou para o forro de plástico do teto. Poderia escapar, na confusão que logo começaria. Mesmo que fosse picado, chegaria ao hospital...

Uma das serpentes deu um bote em sua direção, maldosa, quando ele estendeu a mão para abrir o trinco. Sentiu uma coisa pegajosa — veneno? — na palma da mão. A cobra atacara e esguichara veneno através da tela. Apressadamente, limpou a mão no shorts, torcendo para não ter cortes ou arranhões de que não se lembrasse.

As cobras demoraram um pouco a perceber que estavam livres. As duas apoiadas na tela foram as primeiras a deslizar para fora; antes, porém, passaram um minuto paradas, sem se mover, até as outras surgirem por trás delas para ver o que estava acontecendo. Então, de uma vez, como se alguém tivesse dado um sinal, elas compreenderam que haviam sido soltas e começaram a sair, animadas, serpenteando em todas as direções.

Hely — suando — contorceu-se para sair de baixo da poltrona-saco e rastejou o mais depressa possível para a frente da porta aberta, por onde entrava a luz do aposento vizinho. Embora tonto de tão apreensivo, não ousou olhar para lá, mantendo a vista baixa, rigidamente, por medo de que sentissem seus olhos sobre eles.

Depois de passar em segurança pela porta aberta — em segurança por um momento, claro —, ele se escondeu nas sombras da parede oposta, trêmulo e enfraquecido pelo coração disparado. Faltavam-lhe idéias. Se alguém resolvesse se levantar e entrar, acendendo a luz, ele seria visto imediatamente, aninhado contra a parede de aglomerado, indefeso...

Ele *realmente* havia soltado as cobras? De onde estava, via duas estendidas no assoalho; outra se movia enérgica, avançando na direção da luz. Um minuto antes o plano parecia bom, mas agora estava amargamente arrependido: *Meu Deus, por favor, não permita que rastejem até aqui...* As cobras exibiam desenhos nos dorsos, como os padrões das *copperheads*, só que mais nítidos. Na mais audaciosa — que avançava decidida para o outro cômodo — ele identificou um guizo com mais de cinco centímetros de comprimento na cauda.

Mas eram as que não podia ver que o enervavam. Contara pelo menos meia dúzia na caixa — talvez mais. Para onde tinham ido?

Da janela até a rua era uma altura considerável. Restava-lhe uma única esperança, o banheiro. Se chegasse ao telhado, poderia se pendurar no beiral e soltar o corpo, caindo lá embaixo. Já saltara de árvores quase tão altas quanto aquele telhado.

Contudo, para sua decepção, a porta do banheiro não se encontrava onde imaginava. Moveu-se pé ante pé ao longo da parede — avançando demais, para seu gosto —, mas o que pensou ser a porta era apenas um pedaço de aglomerado encostado na parede.

Hely estava perplexo. A porta do banheiro ficava à esquerda, tinha certeza; tentava decidir se avançava mais ou se recuava, quando seu coração deu um salto e ele lembrou que a porta ficava do lado esquerdo *do outro cômodo*.

A constatação o imobilizou. Por um instante, houve um vácuo (profundezas, poços sem fundo, pupilas dilatadas), e quando o foco do lugar voltou ele precisou de algum tempo para se lembrar de onde estava. Encostou a cabeça na parede, virou-a de um lado para o outro. Como

podia ser tão estúpido? *Sempre* tivera dificuldade de orientação, confundia esquerda com direita; letras e números trocavam de lugar, quando desviava a vista da página, e zombavam dele em posições diferentes; às vezes, sem se dar conta, sentava-se na carteira errada na escola. *Desatenção! Desatenção!*, os professores escreviam em vermelho em seu dever de casa, nas provas de matemática, nos trabalhos.

\* \* \*

Quando os faróis iluminaram o acesso, Harriet foi apanhada totalmente desprevenida. Ela se deitou no chão e rolou para baixo da casa — *bam*, direto na caixa da naja, que reagiu com um bote furioso. O cascalho chiou e antes que ela pudesse recuperar o fôlego os pneus pararam a poucos metros de seu rosto, soltando uma nuvem de pó enquanto a luz azulada se espalhava pela grama seca.

Harriet — de cara empoeirada para baixo — sentiu um forte odor de coisa morta. Todas as casas de Alexandria eram construídas alguns centímetros acima do solo, por medo de enchentes, e ali o espaço de trinta e poucos centímetros era claustrofóbico como um túmulo.

A naja — que não gostara de ser carregada para baixo e virada de lado — golpeou a caixa com chicotadas terríveis que podiam ser sentidas do outro lado da parede de madeira. Mas pior que a cobra ou o cheiro de rato morto era o pó que penetrava em seu nariz, inapelavelmente. Ela virou a cabeça para o lado. Um facho avermelhado da lanterna traseira entrava por baixo da casa, iluminando inesperadamente as marcas da passagem das minhocas, formigueiros e um caco de vidro sujo.

A porta do carro foi batida e tudo ficou preto. “... e foi isso que provocou o incêndio naquele carro”, disse uma voz rouca que não era a do pregador. “Então eu falei para ele ‘Está bem’ — eles me obrigaram a deitar no chão — e ‘vou ser honesto com o senhor, e pode me levar para a cadeia agora

mesmo, mas aquele sujeito tem um prontuário mais comprido que o meu braço'. Rá! Então, *ele* saiu correndo."

"E foi assim que você se safou, presumo."

Risada desagradável. "Entendeu direitinho."

Os pés marcharam em sua direção. Harriet — segurando desesperadamente um espirro — prendeu a respiração, levou a mão à boca e tapou o nariz. Acima de sua cabeça, na escada, mais passadas pesadas. Sentiu uma tentativa de picada no tornozelo. Como não houve resistência, o ferrão entrou mais fundo, fazendo Harriet tremer dos pés à cabeça, sem poder reagir com um tapa.

Outra picada, agora na coxa. Formigas. Só faltava essa.

"Bem, quando voltarmos para casa", disse a voz grave, mais fraca agora, mais distante, "todos verão quem é capaz de extrair a verdade dele..."

A voz cessou. Lá em cima, tudo silencioso, mas ela não escutou o barulho da porta sendo aberta e acreditou que ainda não haviam entrado, aguardavam um pouco no patamar, atentos. Continuou ali, imóvel, prestando toda a atenção possível na conversa.

Passaram-se alguns minutos. As formigas — energicamente, em número cada vez maior — picavam seus braços e pernas. As costas continuavam apoiadas na caixa, e de vez em quando ela sentia as batidas súbitas da cobra na madeira, perto da coluna vertebral. No silêncio sufocante, imaginava ouvir vozes, passos, mas quando tentava distingui-los os ruídos cessavam e se dissolviam nas trevas.

Imobilizada pelo terror, ela permaneceu deitada de lado, olhando para o acesso escuro. Quanto tempo teria de ficar ali deitada? Se tentassem pegá-la, não lhe restaria alternativa senão rastejar para o fundo, sob a casa, e as formigas seriam o menor problema: vespas faziam seus vespeiros sob as residências, cangambás tinham ali suas tocas, aranhas suas teias, bem como todos os tipos de roedores e répteis; gatos raivosos e gambás doentes se escondiam ali para morrer; um negro chamado Sam Bebus, que consertava chaminés, saíra na primeira página do jornal local quando

encontrou um crânio humano sob uma mansão neoclássica chamada Marselles, na Main Street, a poucas quadras dali.

A lua saiu de repente de trás das nuvens, prateando a grama irregular que crescia em volta da casa. Ignorando as formigas, ela tirou o rosto da terra e apurou os ouvidos. As pontas do capim alto — brancas por causa do luar — balançavam ao vento, quase tocavam o chão por um momento e depois voltavam à posição vertical, flexíveis. Ela esperou. Após um longo período de silêncio, rastejou para fora, apoiada nos cotovelos, e tirou a cabeça para espiar.

“Hely?”, sussurrou. O quintal estava deserto, mudo. Ervas daninhas parecidas com talos de trigo, mas pequenas e verdes, cresciam entre os pedregulhos do acesso. No final, a picape — imponente, estupenda, desproporcional — esperava silenciosa e negra, com a traseira voltada para ela.

Harriet assobiou; depois, aguardou. Finalmente, após um período que lhe pareceu muito longo, esgueirou-se para fora e se levantou. Uma casca de besouro esmagada grudara em sua bochecha; ela a removeu com a mão suja, depois tirou as formigas dos braços e das pernas. Nuvens amareladas como vapor de gasolina passavam esgarçadas na frente da lua. Após sua passagem completa, o quintal foi banhado por uma luz clara, cinzenta.

Harriet, rapidamente, recuou para a proteção das sombras em torno da casa. O quintal sem árvores estava claro como se fosse dia. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que não ouvira Hely descer a escada.

Ela dobrou a quina da casa e espiou. O quintal vizinho estava vazio, a cobertura da grama farfalhava solta: nenhuma alma viva. Cada vez mais inquieta, ela avançou pela lateral da casa. Pela cerca alambrada viu a imobilidade vítrea do quintal vizinho, onde uma piscina infantil se erguia solitária e abandonada sobre a grama enluarada.

Na sombra, de costas para a parede, Harriet contornou a construção sem ver sinal de Hely em lugar nenhum. Provavelmente fora embora e a abandonara ali. Relutante, avançou até o meio do gramado e ergueu a

cabeça para ver o andar superior. A plataforma de acesso estava vazia; a janela do banheiro, ainda parcialmente aberta, escura. Havia luzes lá em cima: movimento, vozes vagas demais para distinguir o sentido.

Harriet criou coragem e correu para a rua iluminada. Mas, quando chegou às moitas do meio da pista, onde haviam deixado as bicicletas, seu coração disparou e ela estancou de repente, incapaz de acreditar no que via. Sob os ramos cobertos de flores brancas, as duas bicicletas continuavam na mesma posição em que as tinham deixado, caídas.

Por um momento, permaneceu imóvel, assustada. Assim que recuperou a capacidade de raciocínio, escondeu-se atrás das moitas e se abaixou, apoiando o corpo nos joelhos. A bicicleta de Hely era nova e cara; ele chegava a bancar o ridículo de tanto cuidar dela. Com a mão na cabeça, olhou para a bicicleta, tentando evitar o pânico, depois afastou os ramos e observou com atenção o outro lado da rua e o andar superior iluminado da casa dos mórmons.

A calma do local, com suas janelas prateadas brilhando macabras no alto, açulou seu medo. De repente, a gravidade da situação a apavorou. Hely ficara encurralado lá dentro e ela estava sozinha. Precisava de ajuda; contudo, estava sozinha e não havia tempo a perder. Por um momento ela ficou de cócoras, atarantada, tentando decidir o que fazer. Pensou na janela do banheiro, parcialmente aberta — mas em que isso poderia ajudá-la? Em *Um escândalo na Boêmia*, Sherlock Holmes lançara uma bomba de fumaça pela janela para tirar Irene Adler de dentro da casa — ótima idéia, pena que Harriet não tivesse uma bomba de fumaça ou algo do gênero, apenas gravetos e cascalho.

Ela refletiu por mais um minuto. Depois, sob o luar forte, atravessou a rua correndo, até a casa vizinha, e seguiu para a figueira no quintal, onde haviam se escondido na chegada. Sob as nogueiras-pecãs havia um canteiro malcuidado de plantas de sombra (caládio, arruda) rodeadas de pedras esbranquiçadas.

Harriet ajoelhou-se e tentou erguer uma das pedras, mas estavam cimentadas umas nas outras. Sons diversos saíam de dentro da residência: zumbido do ar-condicionado que soltava ar quente pela janela lateral, cachorro latindo sem parar, estridente. Como um racum pescando num regato, ela enfiou a mão no emaranhado de plantas rasteiras e tateou até seus dedos se fecharem sobre um pedaço de concreto. Com as duas mãos, ela o ergueu. O cachorro seguia latindo. “Pancho!”, gritou alguém, com voz feia e sotaque ianque: voz de velha, áspera como lixa. Parecia doente. “Cala a boca!” Inclinada por causa do peso do concreto, Harriet correu até o acesso da casa de madeira. Havia *duas* picapes, notou, perto da entrada. Uma delas era do Mississippi — Alexandria — e a outra tinha placa do Kentucky. Mesmo carregando a pedra pesada, Harriet se deteve por um instante e decorou os números. Ninguém se lembrara de registrar números de placas quando Robin foi assassinado.

Rapidamente, ela se escondeu atrás da primeira picape — a do Kentucky. Depois ergueu o pedaço de concreto (que, notou então, não era apenas um fragmento qualquer de cimento, mas um enfeite de jardim no formato de um gatinho enrodilhado) e o jogou no farol.

*Pop*, fizeram as lâmpadas ao estourar — facilmente, como a explosão de uma lâmpada doméstica: *pop pop*. Depois ela correu para trás e quebrou os faróis da picape dos Ratliff também, além das lanternas traseiras. Embora sentisse vontade de arrebentar os faróis com toda a força, conteve-se. Temia chamar a atenção dos vizinhos, e bastou um golpe seco — como o necessário para quebrar um ovo — para estraçalhar os faróis. Cacos de vidro grandes caíram no cascalho.

Ela escolheu o caco de vidro maior e mais pontudo entre os estilhaços do farol e o prendeu no sulco do pneu traseiro o mais firme possível, tomando cuidado para não cortar a mão. Em seguida foi até a frente da picape e fez a mesma coisa. Com o coração batendo forte, respirou fundo duas ou três vezes. Levantou-se e com as duas mãos ergueu o bloco de

concreto acima da cabeça, usando toda a força que lhe restava para jogá-lo no pára-brisa.

Ele se rompeu com estardalhaço. Uma chuva de fragmentos de vidro caiu sobre o painel. Do outro lado da rua, acenderam a luz de uma varanda, e logo o mesmo foi feito na casa vizinha, mas o acesso enluarado já estava deserto, pois Harriet subia as escadas correndo.

“O que foi isso?”

Silêncio. De uma só vez, para horror de Hely, cento e cinquenta watts de luz elétrica caíram sobre ele, saídos da lâmpada do teto. Atônito, cego com a claridade, encostou na placa de aglomerado suja e, antes de poder piscar (havia um *montão* de serpentes no tapete), alguém praguejou e a sala escureceu novamente.

Uma silhueta gigantesca surgiu, recortada contra o batente, e entrou na sala escura. Ágil para o tamanho, passou por Hely e seguiu até a janela da frente.

Hely gelou: o sangue desceu rápido da cabeça para o tornozelo, mas quando tudo começava a girar uma confusão irrompeu na parte da frente. Discussão acalorada, difícil de compreender. Arrastaram uma poltrona. “Não, não faça isso”, alguém disse claramente.

Sussurros raivosos. No escuro, a poucos metros de distância, Farish Ratliff observava as sombras — imóvel, com o queixo erguido e as pernas grossas afastadas, parecia um urso pronto para atacar.

A porta se abriu no cômodo vizinho. “Farsh?”, disse um dos homens. Depois, inesperadamente, Hely ouviu uma voz de criança: indistinta, afobada, chorona.

Perto demais, Farish disse: “Quem é?”.

Agitação. Farish — a poucos passos de Hely — soltou um longo suspiro de exasperação, deu meia-volta e correu para o aposento iluminado, como se pretendesse esganar alguém.

Um dos homens limpou a garganta e disse: “Farish, olha só...”.

“Lá embaixo... venham ver...” A voz recém-chegada — da criança — era caipira e lamurienta; um pouco lamurienta *demais*, Hely notou, sentindo um fio de esperança incrédula.

“Farsh, ela está dizendo que a picape...”

“Ele quebrou o vidro”, interrompeu a vozinha aguda, infantil. “Se correr...”

Confusão geral, contida por um berro alto o bastante para derrubar a parede.

“... se correr, dá para pegar ele”, Harriet disse; esquecera o sotaque, a voz — alta, arrogante — era a sua mesma, mas ninguém percebeu a diferença em meio ao caos de gritos e pragas. Pés desceram correndo a escada.

“Droga!”, alguém gritou lá fora.

Lá de baixo vinha uma série extraordinária de gritos e palavrões. Hely, cautelosamente, aproximou-se da porta. Por um momento parou e apurou os ouvidos com tanta atenção que não se deu conta, na luz fraca, da presença de uma cascavel pequena, pronta para dar o bote, a apenas trinta centímetros de seu pé.

“Harriet?”, resolveu sussurrar finalmente — ou tentar sussurrar, pois perdera a voz quase toda. Pela primeira vez Hely se deu conta de quanta sede sentia. Embaixo, no acesso, gritos, confusão, socos no metal oco, repetitivos, como os golpes na tina galvanizada que imitavam o trovão nas peças e apresentações de dança da escola.

Cauteloso, espiou pela porta aberta. As cadeiras haviam sido afastadas com violência, algumas tombaram; havia sobre a mesa de jogo copos com gelo derretendo na água, um cinzeiro e dois maços de cigarros. A porta que dava para a escada estava entreaberta. Outra serpente pequena avançara até ali e se escondera debaixo do aquecedor, mas Hely se esquecera completamente das cobras. Sem perder mais tempo, sem sequer olhar onde pisava, correu para a cozinha e saiu pela porta dos fundos.

O missionário cruzou os braços, parou na beira da calçada e olhou para baixo, como se esperasse o trem. O lado manchado de seu rosto ficara fora da vista de Harriet, mas até seu perfil era irritante devido ao tique furtivo e desconcertante de pôr a língua para fora de quando em quando, pelo vão dos dentes. Harriet ficou o mais longe possível, com o rosto virado de lado, de modo que nem ele nem os outros (ainda praguejando no acesso) pudessem vê-la direito. Queria — muito — sair dali correndo; aproximara-se da calçada com a idéia de fazer exatamente isso, mas o missionário se afastara da confusão e fora atrás dela, que não sabia se era capaz de vencê-lo na corrida. Lá em cima, tremera e se encolhera toda quando os irmãos a rodearam perto da porta: gigantes, poderosos com seu tamanho, pele crestada de sol, cicatrizes, tatuagens e pele oleosa, encarando-a com olhos claros, pétreos. O mais sujo e imenso do bando — barbado, de cabelo comprido preto e olho de peixe esbranquiçado, feito o cego Pew na *Ilha do tesouro* — socara o batente da porta com o punho fechado, soltando palavrões escabrosos com fluência e gritando com tamanha violência que Harriet recuou, chocada; agora, metodicamente, com a cabeleira grisalha ao vento, pisoteava os restos de uma lanterna traseira com o salto da bota até esmagá-los. Era como o Cowardly Lion, mas malvado, com seu dorso de halterofilista e pernas curtas.

“Disse que eles não estavam de carro?”, o pregador perguntou, virando com mancha e tudo para examinar sua reação.

Harriet, bancando a tonta, manteve a cabeça baixa e fez que sim. A mulher do chihuahua — espectral, de camisola sem mangas e sandálias de dedo de borracha, com uma pulseira hospitalar de plástico rosado atada no pulso, recuava para dentro de casa, arrastando os pés. Ela saía com o cachorro no colo e uma cigareira de couro com isqueiro, parando no limite do terreno para ver o que estava acontecendo. Por cima de seu ombro, o chihuahua — ainda latindo — olhava direto para Harriet e se

debatia como se não desejasse outra coisa na vida a não ser escapar da dona e picar Harriet em pedaços.

“Ele era branco?”, perguntou o pregador. Usava colete de couro por cima da camisa branca de manga curta, e o cabelo grisalho penteado para trás, num topete alto, ondulado. “Tem certeza?”

Harriet fez que sim; numa encenação de timidez, puxou uma mecha de cabelo para a frente do rosto.

“Você estava passando por aqui muito tarde esta noite. Já não a vi por perto antes?”

Harriet fez que não, olhando para a casa discretamente. Viu Hely, o rosto pálido como um lençol, descendo apressado a escada. Ele passou correndo, sem ver Harriet e ninguém mais, e trombou de frente com o sujeito de um olho só, que resmungava algo para a barba e seguia na direção da casa de cabeça baixa, muito apressado.

Hely cambaleou para trás, soltando um grito agudo de pavor. Mas Farish apenas o empurrou para o lado e subiu a escada. Balançava a cabeça enquanto falava com voz brava, entrecortada (“Melhor nem tentar... *melhor* nem...”), como se uma criatura invisível mas indiscutivelmente presente, de um metro de altura, estivesse galgando os degraus atrás dele. De repente seu braço se ergueu e golpeou o ar: com força, como se fizesse contato com uma presença real, um demônio corcunda que o perseguia.

Hely desapareceu. De repente, uma sombra cobriu Harriet. “Quem é você?”

Harriet — muito assustada — ergueu os olhos e viu Danny Ratliff, que a encarava intrigado.

“Viu tudo por acaso, é?”, disse com a mão na cintura, afastando com a outra o cabelo da face. “E onde você estava quando aconteceu essa quebradeira toda?” Virando-se para o irmão, perguntou: “De onde ela veio?”.

Harriet olhou para ele perplexa. Pela surpresa súbita patente nas narinas dilatadas de Danny Ratliff, ela percebeu que sua repulsa estava estampada claramente no rosto.

“Não me olhe desse jeito”, ele falou, agressivo. De perto, era magro, marrom feito um lobo. Vestia jeans e camiseta de manga comprida encardida; os olhos — fundos, sob sobrancelhas pesadas — brilhavam malignos, estrábicos, e a enervavam. “Qual é o problema com você?”

O pregador, muito agitado, olhava para um lado e para outro da rua, e cruzou os braços de novo, enfiando as mãos nas axilas. “Não se preocupe”, disse em seu tom de voz agudo, exageradamente cordial. “Não vamos morder você.”

Apesar de todo o medo que sentia, Harriet não pôde deixar de notar a tatuagem azul borrada no braço e tentar identificar a imagem. Que tipo de missionário tem o braço tatuado?

“O que foi?”, o pregador lhe perguntou. “Tem medo do meu rosto, não é?” Sua voz agradável a iludiu; sem trair suas intenções, ele de repente segurou Harriet pelos ombros e aproximou o rosto de modo a sugerir que era bom mesmo ela sentir muito medo dele.

Harriet enrijeceu, menos por causa da marca (talvez de queimadura, vermelha brilhante, com uma membrana fibrosa, cor de sangue) e mais pelas mãos em seus ombros. Os olhos do pregador brilhavam entre as pálpebras sem pestanas, coloridos como um pedaço de vidro azulado. Abruptamente, a mão fechada avançou, como se fosse esbofeteá-la, mas quando ela fechou os olhos ele disse triunfal: “Uh uh uh!”. Com um movimento leve, irritante, ele acariciou o rosto dela com o nó dos dedos — e, passando a mão na frente dela, inesperadamente mostrou um chiclete torto, que girou entre os dedos polegar e indicador.

“Não tem mais nada para dizer agora, né?”, Danny falou. “Você falava pelos cotovelos há pouco tempo.”

Harriet olhou para as mãos dele, encabulada. Embora fossem magras e tivessem ares de adolescente, elas exibiam muitas cicatrizes, unhas

enegrecidas roídas na ponta dos dedos cheios de anéis medonhos (caveira de prata, logotipo de motocicleta), do tipo que um astro de rock usaria.

“Quem fez isso corria muito depressa, sem dúvida.”

Harriet examinou o perfil dele. Difícil dizer o que estava pensando. Olhava para um lado e para outro da rua, seus olhos se mexiam depressa, indicando desconfiança, como um valentão da hora do recreio verificando se a professora estava olhando ou não, para poder socar alguém impunemente.

“Vai querer?”, o pregador insistiu, balançando a goma de mascar na frente dela.

“Não, obrigada”, disse Harriet, lamentando a resposta no instante em que viu o chiclete se afastar.

“Mas o que você veio fazer aqui, afinal?”, Danny Ratliff perguntou de repente, virando-se como se ela o tivesse insultado. “Como se chama?”

“Mary”, Harriet murmurou. Seu coração disparou. *Não, obrigada. Que fora.* Por mais imunda que estivesse (folhas no cabelo, terra nos braços e pernas), quem acreditaria que era uma caipira do mato? Ninguém, muito menos os caipiras.

“Rá rá rá!” Danny Ratliff riu alto, estridente e alarmante. “Não ouvi direito.” Ele falava depressa, mas quase não mexia os lábios. “Fale mais alto.”

“*Mary.*”

“Você disse Mary?” As botas de cano alto davam medo, cheias de fivelas. “Mary do quê? Onde mora? Quem é seu pai?”

A brisa gelada soprava por entre as árvores. As sombras das folhas tremelicavam e balançavam na calçada.

“John... Johnson”, Harriet disse debilmente. *Meu Deus, pensou, será que não dava para ser mais convincente?*

“Johnson?”, disse o pregador. “De qual Johnson você está falando?”

“Gozado, para mim você parece um dos Odum.” Os músculos da boca de Danny se mexiam, furtivos, mordiscando a bochecha do lado esquerdo

por dentro. “Como você veio para cá sozinha? Já não vi sua cara no salão de bilhar?”

“Mamãe...” Harriet engoliu em seco, decidida a encarnar a personagem. “Mamãe não...”

Danny Ratliff, ela notou, olhava para o sapato caro de couro que Edie encomendara para ela no L. L. Bean.

“Mamãe não me deixa ir lá”, Harriet disse, constrangida, com voz infantil.

“Quem é a sua mãe?”

“A mulher de Odum já morreu”, disse o missionário, sério, juntando as mãos.

“Não perguntei a você, perguntei a *ela*”, Danny disse, roendo o canto da unha enquanto encarava Harriet com uma severidade que a incomodava muito. “Olhe nos olhos dela, Gene”, disse ao irmão, mexendo a cabeça, inquieto.

Apropriadamente, o pregador aproximou-se para examinar a menina. “Bom, para mim parecem verdes. De quem herdou esses olhos verdes?”

“Vejam só, ela está me encarando”, Danny disse, agitado. “Teve o desplante de me encarar. Qual é a sua, menina?”

O chihuahua não havia parado de latir. Harriet ouviu ao longe um som que parecia ser o de uma sirene de polícia. Os homens o escutaram também, tensos. Mas, naquele momento, todos ouviram um grito terrível lá em cima.

Danny e o irmão trocaram olhares, depois Danny correu para a escada. Eugene — chocado demais para se mover, incapaz de pensar em alguma coisa exceto no sr. Dial (se aquela algazarra não atraísse a atenção de Dial e do delegado, nada mais os atrairia), limpou a boca com a mão. Passos soaram atrás dele na calçada. Virou-se, vendo que a menina fugia correndo.

“Ei!”, gritou. “Espere, menina!” Estava a ponto de persegui-la, quando o vidro da janela, no andar superior, arrebentou com estrondo para dar

passagem a uma serpente voadora, cuja barriga branca contrastava com o céu noturno.

Eugene pulou para trás. Estava surpreso demais para gritar. Embora tivesse sido pisoteada no meio e a cabeça fosse uma massa ensangüentada, a cobra ainda se remexia e saltava na grama, em convulsão.

Loyal Reese surgiu de repente atrás dele. “Isso não está certo”, disse a Eugene ao ver a cobra morta, mas Farish já descia a escada com o punho cerrado e desejo de sangue nos olhos, e antes que Loyal — piscando feito um bebê — pudesse dizer uma só palavra Farish o virou para desferir-lhe um soco na boca que o fez recuar cambaleando.

“Para quem está trabalhando?”, berrou.

Loyal recuou e abriu a boca — úmida, começando a sangrar —, e como não conseguiu dizer nada nos momentos seguintes, Farish olhou rapidamente por cima do ombro e depois o socou de novo, dessa vez conseguindo derrubá-lo.

“Quem o mandou aqui?”, gritou. A boca de Loyal se encheu de sangue; Farish o agarrou pelo colarinho e o obrigou a se levantar. “Quem foi que teve essa idéia? Você e Dolphus, aposto, os dois acharam que iam conseguir me sacanear, ganhar um troco fácil nas minhas costas, mas se meteram com o cara errado, porra...”

“Farish”, Danny chamou, branco como cera, descendo dois degraus por vez. “O trinta-e-oito está na picape?”

“Espere”, Eugene disse em pânico. Armas no apartamento do sr. Dial? “Vocês não estão entendendo”, disse, erguendo a mão num gesto apaziguador. “Acho melhor todo mundo se acalmar.”

Farish empurrou Loyal, que caiu de costas. “Tenho a noite inteira”, disse. “*Filho-da-mãe*. Se armar alguma pelas minhas costas vou quebrar todos os seus dentes e abrir um buraco no seu peito.”

Danny estendeu o braço para Loyal. “Deixe o rapaz em paz, Farish. Precisamos do revólver lá em cima.”

Loyal, no chão, apoiou o corpo nos cotovelos. “Elas escaparam?”, perguntou; sua voz demonstrava tamanha surpresa que Farish ficou quieto.

Danny recuou, trôpego nas botas de motociclista, e limpou a testa com o braço sujo. Estava chocado. “Tem cobra por tudo quanto é lado”, disse.

“Falta uma”, Loyal disse, dez minutos depois, limpando a baba ensangüentada da boca com as costas da mão. Seu olho esquerdo, roxo, já começara a inchar.

Danny disse: “Estou sentindo um cheiro estranho. Parece que alguém mijou aqui. Está sentindo, Gene?”, perguntou ao irmão.

“Olha ela lá!”, Farish gritou de repente, avançando contra o aquecedor desligado, do qual saía um pedaço de rabo de cobra de quinze centímetros.

A cauda se moveu, agitando os guizos, e sumiu atrás do aquecedor, ágil.

“Quietos”, Loyal disse a Farish, que chutava o aquecedor com a ponta da bota de motociclista. Aproximando-se do aparelho, debruçou-se sobre ele intrépido (Eugene, Danny e até Farish recuaram um pouco). Cerrando os lábios, soltou um silvo terrível, apavorante: *eeeeeeeeee*, mistura de apito de chaleira com dedo úmido esfregado num balão de borracha.

Silêncio. Loyal silvou novamente, usando os lábios inchados e cheios de sangue — *eeeeeeeeeee* —, e o ruído era de arrepiar os pêlos da nuca. Depois apurou o ouvido, que encostou no chão. Após cinco minutos de silêncio ele se levantou e esfregou as palmas das mãos na calça.

“Foi embora”, anunciou.

“Embora?”, Gene gritou. “Embora para onde?”

Loyal limpou a boca com as costas da mão. “Foi para o outro apartamento”, disse, desanimado.

“Você devia trabalhar no circo”, Farish falou, olhando para Loyal com um respeito inédito. “Belo truque. Quem o ensinou a assobiar desse jeito?”

“As cobras me entendem”, Loyal disse, modesto, quando todos o rodearam, maravilhados.

“Uau!” Farish passou o braço pelo ombro dele; o silvo o impressionara tanto que se esqueceu de que estava furioso. “Será que você poderia me ensinar?”

Olhando pela janela, Danny resmungou: “Tem alguma coisa errada por aqui”.

“Como é que é?”, Farish disse, dando meia-volta. “Se tiver algo a me dizer, Danny, diga na minha cara.”

“Eu disse que *tem alguma coisa errada por aqui*. Aquela porta estava aberta quando entramos.”

“Gene”, Loyal disse, limpando a garganta, “você precisa levar seus irmãos para baixo. Sei exatamente para onde ela foi. Ela desceu pela tubulação do aquecimento e se acomodou entre os canos da água quente.”

“E por que será que ela não volta para cá?”, Farish disse. Comprimindo os lábios, tentou sem êxito imitar o silvo apavorante que Loyal havia usado para atrair seis cascavéis, uma a uma, de várias partes da casa. “Não foi bem treinada como as outras?”

“Nenhuma delas foi treinada. Elas detestam gritaria e bateção de pés. Não adianta”, Loyal disse, coçando a cabeça enquanto olhava para o radiador. “Ela se foi”.

“Pretende buscá-la?”

“Por favor”, Eugene gemeu, erguendo o pulso, “preciso ir ao médico. Sua mão inchara tanto que parecia uma luva de látex inflada de ar.

“Puxa vida”, Farish disse, animado. “Picaram você!”

“Eu contei a você que tinha sido picado! Aqui, aqui e aqui!”

Loyal disse, ao se aproximar para examiná-lo: “Elas não costumam usar todo o veneno na primeira picada”.

“A cobra estava pendurada em mim!” A sala começava a escurecer nos cantos; a mão de Eugene esquentara, ele sentia uma tontura agradável, como nos anos 1960, na época da prisão, antes de sua salvação, quando se ligava cheirando solvente na lavanderia e os corredores de bloco se fechavam em volta dele em meio ao vapor, até que via tudo se estreitar

num círculo agradável, como se olhasse através de um rolo de papel higiênico.

“Já levei uma picada pior”, Farish disse; era verdade, alguns anos antes, quando virou uma pedra num terreno que estava limpando. “Loyle, você consegue curar isso assobiando?”

Loyal examinou o inchaço na mão de Eugene. “Minha nossa!”, exclamou, desolado.

“Vamos lá!”, Farish disse, zombeteiro. “Ore por ele, padre! Chame o Senhor para nos ajudar! Faça a sua parte!”

“Não é assim que funciona. Cara, nossa amiga pegou você de jeito!”, Loyal disse a Eugene. “Bem aqui, na veia.”

Inquieto, Danny passou a mão pelo cabelo e virou de costas. Sentia o corpo tenso e dolorido pela adrenalina, os músculos retesados como uma corda de guitarra; queria cheirar outra carreira, queria cair fora da Missão logo; pouco ligava se o braço de Eugene caísse, já estava cheio de Farish também. Farish o arrastara até a cidade, mas por acaso escondera a droga na caminhonete de Loyal quando teve a chance? Não. Ficou um bom tempo fazendo hora, recostado na poltrona, aproveitando a atenção educada do jovem missionário para contar vantagem e se gabar e contar histórias que os irmãos já tinham escutado milhões de vezes, enfim, gastando saliva à toa. Apesar dos toques nada sutis que Danny dera várias vezes, ele não tinha feito nada para tirar a droga da sacola militar e escondê-la onde quer que fosse. Não: Farish estava mais interessado em Loyal Reese, o encantador de cascavéis. E se encantara muito facilmente com Reese. Até demais. Por vezes, quando Farish estava dopado, ele ficava obcecado com idéias e manias, tornava-se incapaz de se livrar delas; impossível dizer o que ia atrair sua atenção. Qualquer detalhe irrelevante — uma anedota, um desenho animado na televisão — poderia atraí-lo, como se fosse um bebê. O pai era igualzinho. Quando estava espancando Danny, Mike ou Ricky Lee até quase matá-los, bastava escutar uma notícia irrelevante para parar a surra na metade (deixando o filho

chorando no chão, todo encolhido) e correr até a sala para aumentar o volume do rádio. *Aumentou o preço da carne!* Dá para imaginar?

Alto, ele disse: “Eu gostaria muito de saber uma coisa”. Nunca confiara em Dolphus, e tampouco confiava em Loyal. “Como as cobras saíram da caixa, afinal?”

“Merda”, Farish disse, correndo para a janela. Após alguns segundos Danny se deu conta de que os estalos em seus ouvidos, *pop pop*, não eram produto de sua imaginação, mas o ruído de um carro na entrada de cascalho lá fora.

Uma luz forte — feito um relâmpago — chiou e explodiu em seu campo visual. Danny viu que Loyal desaparecera na sala ao lado, enquanto Farish, na porta, dizia: “Venha até aqui. Conte para ele o tumulto. Eugene? Diga a ele que foi picado por uma cobra no quintal...”

“Diga você”, Eugene falou com dificuldade, os olhos vidrados refletindo o brilho da lâmpada do teto. “Diga a ele para juntar todos esses répteis malditos. Diga a ele que é melhor não estar por aqui quando eu me levantar amanhã.”

“Lamento, senhor”, Farish disse, dando um passo adiante para bloquear a passagem do sujeito furioso e falante que tentava entrar no apartamento.

“O que está havendo aí? Que raio de festa...”

“Não tem festa nenhuma aqui, senhor, e *acho melhor não entrar*”, Farish disse, usando o corpo gigantesco para impedir o acesso do outro. “Não é uma boa hora para visitas. Precisamos de auxílio, meu irmão foi picado por uma cobra. Está fora de si, entende? Ajude-me a levá-lo até o carro.”

“Seu demônio batista”, Eugene disse para o rosto vermelho de Roy Dial, em sua alucinação, usando shorts xadrez e camisa de golfe amarelo-canário, que acenava para ele no fundo do túnel negro, num círculo estreito de luz.

Naquela noite — enquanto uma senhora espalhafatosa e cheia de anéis nos dedos chorava no meio da multidão e das flores, chorava na tela preta e branca piscante, citando o grande portal e o amplo caminho percorridos pelas multidões a caminho da perdição —, naquela noite Eugene se debateu no leito do hospital, sentindo nas narinas um cheiro de pano queimado. Perdia e recuperava a consciência, entre cortinas brancas e ladainhas da mulher escandalosa e da tempestade nas margens de um rio escuro e distante. As imagens giravam, apareciam e sumiam como numa profecia: pombas maculadas; o ninho de uma ave maligna, feito de pedaços e de refugos de escamas de pele de cobra; uma serpente negra comprida saindo da toca com passarinhos no estômago: minúsculos, formando protuberâncias agitadas, ainda vivos, esforçando-se para cantar mesmo na escuridão do ventre da cobra...

De volta à Missão, Loyal — aninhado no saco de dormir —, apesar do olho roxo, descansava num sono pesado que desconhecia pesadelos e répteis. Antes do amanhecer ele acordou disposto, fez as orações, lavou o rosto e bebeu um copo d'água. Em seguida, carregou rapidamente a picape com as cobras, subiu de novo as escadas e — sentado à mesa da cozinha — redigiu um bilhete de agradecimento caprichado para Eugene, no verso de uma nota fiscal do posto de gasolina, que deixou sobre a mesa com um marcador de livro de papel imitando couro, com franjas, um folheto intitulado “A conversa de Jó” e uma pilha com trinta e sete notas de um dólar. Quando o sol surgiu, ele já estava na rodovia, apesar dos faróis quebrados, a caminho do encontro religioso no leste do Tennessee. Não notou a falta da naja (sua cobra preferida, a única pela qual pagara) até chegar a Knoxville. Ligou para contar a Eugene, mas ninguém atendeu o telefone. E não havia ninguém na Missão para ouvir os gritos dos mórmons, que, tendo acordado tarde (às oito, pois haviam voltado de Memphis muito tarde na noite anterior), foram surpreendidos em suas

preces matinais pela visão de uma cascavel encarapitada no alto de uma pilha de camisas recém-lavadas.

## 5. As luvas vermelhas

Na manhã seguinte, Harriet acordou tarde, cheia de coceiras, sem banho, no meio de lençóis imundos. O cheiro no esconderijo embaixo da casa, as caixas enfeitadas com cabeças de prego coloridas, as longas sombras por baixo da porta iluminada — tudo isso e muito mais invadiram seu sono, misturando-se curiosamente com as ilustrações a bico-de-pena de sua edição popular de “Rikki-Tikki-Tavi” — o ursinho de olhos grandes, o mangusto, até as cobras animadas e agradáveis. Havia uma pobre criatura amarrada esperneando na parte inferior da página, como um desenho de encerramento de um livro de histórias; a criatura sentia dor, precisava de sua ajuda de um modo que não conseguia adivinhar, e embora sua presença fosse uma censura, um atestado de sua própria lassidão e injustiça, ela não conseguia ajudar ou sequer olhar naquela direção, de tanta repulsa.

*Ignore-a, Harriet!*, Edie cantava. Ela e o pregador estavam num canto de seu quarto, perto da cômoda, montando o equipamento de tortura, que parecia uma cadeira de dentista com agulhas nos apoios para braços e cabeça. Pareciam namorados, o que a incomodava, e trocavam olhares de admiração, erguendo as sobrancelhas. Edie testava a ponta das agulhas, aqui e ali, delicadamente, com a ponta dos dedos, enquanto o missionário recuava, sorrindo carinhoso, cruzando os braços na altura do peito, as mãos nas axilas...

Quando Harriet, aflita, voltava ao poço fundo de seu pesadelo, Hely acordou sobressaltado e se sentou na cama de cima do beliche tão

depressa que bateu a cabeça no teto. Sem pensar, pôs as pernas para fora da cama e quase caiu, pois na noite anterior, temendo que alguém fosse subir para pegá-lo, havia desenganchado a escada e a empurrado sobre o tapete.

Meio atordoado, como se tivesse pisado em falso no recreio e todos o observassem, ele se equilibrou e depois saltou para o chão. Saiu de seu quartinho escuro com ar-condicionado e percorreu metade do corredor até se dar conta do silêncio absoluto que imperava na casa. Desceu a escada, foi até a cozinha (ninguém ali, garagem vazia, chaves do carro da mãe desaparecidas) e preparou uma tigela de Giggle Pops para levar à sala de estar, onde ligou a televisão. Passava um programa de perguntas e respostas. Comeu o cereal. O leite estava frio e as bolinhas duras arranharam o céu da boca; não tinham gosto de nada, nem de açúcar.

O silêncio na casa incomodava Hely. Fez com que se lembrasse da manhã terrível, após a noite em que ele e o primo Todd, mais velho, haviam pegado uma garrafa de rum embrulhada num saco de papel do banco da frente de um Lincoln destrancado e bebido mais da metade. Enquanto Hely e os pais de Todd tagarelavam no luau à beira da piscina, mordiscando salsichas espetadas em palitinhos, Todd e ele saíram num carrinho de golfe e bateram num pinheiro, embora Hely pouco se lembrasse disso. Mas recordava-se muito bem de que deitara de lado e descera rolando o morro atrás do campo de golfe várias vezes. Mais tarde, quando seu estômago começou a doer, Todd sugeriu que ele fosse à mesa do bufê e comesse quantas salsichinhas conseguisse, o mais rápido possível, para combater a dor. Vomitara de joelhos no estacionamento, atrás de um Cadillac, enquanto Todd ria tanto que seu rosto sardento ficou vermelho como um tomate. Embora não se lembrasse, Hely conseguiu caminhar até chegar em casa, deitar na cama e dormir. Quando acordou na manhã seguinte, a casa estava deserta: todos tinham viajado para Memphis, sem ele, para levar Todd e os pais ao aeroporto.

Fora o dia mais longo da vida de Hely. Passara horas a fio perambulando pela casa, sozinho, sem nada para fazer, tentando reconstruir os fatos da

noite anterior com exatidão, preocupado com o terrível castigo que receberia quando os pais voltassem — o que realmente ocorreu. Teve de usar o dinheiro ganho de presente no aniversário para ajudar a pagar os prejuízos (os pais arcaram com a maior parte); foi obrigado a escrever uma carta de desculpas ao dono do carrinho de golfe; ficou sem ver televisão por um período que lhe pareceu eterno. Pior de tudo, a mãe queria saber como aprendera a roubar. “Não me importa tanto a bebida”, disse milhares de vezes ao pai de Hely, “quanto o fato de ele ter roubado.” Seu pai não se preocupou com detalhes; agia como se Hely tivesse assaltado um banco. Passou muito tempo sem falar com Hely, a não ser para dizer frases como “Passe o sal” sem sequer olhar para ele. A vida doméstica nunca mais voltou a ser o que era. Tipicamente, Todd — o geninho musical, primeiro clarinete da banda infantil de Illinois — acusou Hely de tudo, como sempre acontecia quando eram crianças e ficavam juntos, felizmente algo muito esporádico.

A convidada famosa soltou um nome feio no programa de perguntas e respostas (os participantes precisavam dizer a palavra final de um ditado rimado). O apresentador interrompeu o palavrão emitindo um som parecido com o latido de um cachorro de brinquedo e a censurou com o dedo em riste. A celebridade levou a mão à boca e ergueu os olhos desolada...

Onde estavam seus pais, diacho? Por que não voltavam para casa e pronto? Ora, ora, disse o apresentador risonho. A outra personalidade do programa reclinou a cadeira e bateu palmas, entusiasmada.

Ele tentou parar de pensar na noite anterior. Suas lembranças anuviadas e confusas assemelhavam-se ao acordar de um sonho ruim. Tentou se convencer de que não havia feito nada errado, nada mesmo, não danificara bens alheios, não ferira ninguém, não pegara nada que não lhe pertencesse. Houve uma cobra, mas eles não a furtaram, continuava debaixo da casa. Ele soltara algumas serpentes, mas e daí? Estavam no Mississippi: havia cobras por toda parte, de qualquer modo; quem se

importaria com um pouco mais? Ele apenas puxara o trinco, um mísero trinquinho. Qual o problema? Impossível comparar com o furto do carrinho de golfe do vereador e o acidente...

*Ding* — soou a campainha: *hora do desempate!* Os participantes — de olhos atentos — foram até a frente do placar. Mas com que eles se preocupavam? Nada, Hely pensou, amargurado. Não havia falado com Harriet após a fuga — nem tinha certeza de que ela chegara em casa, outro aspecto que o atormentava. Assim que conseguira sair do quintal, atravessara a rua correndo e fora para casa, pulando cercas, varando quintais, os cães latiam para ele, escondidos em cada sombra do caminho.

Quando entrou pela porta dos fundos, ofegante, afogueado, viu no relógio da cozinha que ainda era cedo, só nove da noite. Escutou o som da televisão, que seus pais assistiam na sala de estar. Agora, já de manhã, arrependeu-se de não ter mostrado a cara na sala e cumprimentado a família, dito pelo menos “Boa noite” do pé da escada, qualquer coisa. Mas não teve coragem de encarar ninguém e correu para a cama sem dizer palavra.

Não sentia vontade de encontrar Harriet. Só de pensar no nome dela, já começava a recordar fatos que preferia esquecer. A sala de estar — tapete marrom-claro, sofá de veludo, troféus de tênis numa estante envidraçada atrás do bar — parecia insegura, estranha. Rígido, como se um observador hostil o vigiasse por trás, da porta, olhou para as estrelas despreocupadas que tentavam matar a charada e procurou esquecer seus problemas: chega de Harriet, cobras, punição iminente dos pais. Nada de caipiras racistas que o *reconheceram*, tinha certeza disso... E se fossem falar com seu pai? Ou, pior, e se tentassem pegá-lo? Quem poderia saber o que um maluco como Farish Ratliff seria capaz de fazer?

Um carro parou na entrada. Hely quase soltou um grito. Mas, quando espiou pela janela, viu que não eram os Ratliff, só seu pai. Buscou, nervoso, largar o corpo, esticar as pernas, dar uma impressão geral de descontração. Mas não conseguia se acomodar confortavelmente, tenso

com a expectativa da porta que logo se abriria e bateria, das passadas rápidas do pai pelo corredor, no ritmo que sempre adotava quando ficava bravo e sério...

Hely — trêmulo com o esforço — tentou pelo menos não demonstrar tanta ansiedade; mas não conseguiu conter a curiosidade e lançou um olhar de esguelha para o pai, que descia do carro com enervante calma. Parecia tranqüilo, entediado até, embora sua disposição fosse insondável quando usava a lente cinza sobre os óculos.

Incapaz de desviar a vista, Hely observou-o dar a volta no carro e abrir o porta-malas. Ele descarregou seus pertences um a um, no concreto limpo aquecido pelo sol. Um galão de tinta. Baldes plásticos. Uma mangueira verde de jardim.

Hely levantou-se silenciosamente, levou a tigela de cereal até a cozinha e a lavou. Subiu para o quarto e fechou a porta. Deitou-se na cama de baixo, olhando para as ripas sobre sua cabeça, tentando não hiperventilar os pulmões nem prestar atenção excessiva a seus batimentos cardíacos. Finalmente, ouviu passos. Do outro lado da porta, o pai disse: “Hely?”.

“Sim?” *Por que minha voz está tão fina?*

“Eu já falei para desligar a televisão quando não estiver mais vendo.”

“Sim, senhor.”

“Gostaria que me ajudasse a regar o canteiro de sua mãe. Pensei que fosse chover esta manhã, mas pelo jeito o tempo vai abrir.”

Hely ficou com medo de retrucar. Detestava o canteiro de flores da mãe. Ruby, a empregada anterior a Essie Lee, nem chegava perto das flores que sua mãe cultivava para pôr nos vasos. “As cobras adoram flores”, dizia.

Hely calçou os tênis e saiu. O sol brilhava no alto, quente. Ofuscava seus olhos, e ele deu meia dúzia de passos, meio tonto, parando na grama amarelada a um metro e meio ou dois do canteiro das flores para regá-las. Estendeu o braço o máximo possível e abriu a mangueira.

“Onde está sua bicicleta?”, o pai perguntou ao sair da garagem.

“Eu...” Hely sentiu o coração apertar. A bicicleta estava onde a deixara: no canteiro, na frente da casa de madeira.

“Quantas vezes vou ter que dizer? Não entre em casa sem antes guardá-la na garagem. Não agüento mais falar que você não pode deixá-la no quintal.”

Harriet notou que havia algo errado ao descer. A mãe usava um dos vestidos de algodão abotoado na frente que costumava pôr para ir à igreja e andava para lá e para cá na cozinha. “Para você”, disse, entregando a Harriet uma torrada fria e um copo de leite. Ida — de costas para Harriet — varria o chão na frente do fogão.

“Vamos a algum lugar?”, Harriet perguntou.

“Não, querida...” Embora a mãe tentasse soar animada, sua boca estava tensa, e o batom coral brilhante que passara a empalidecia. “Acordei e resolvi preparar seu café-da-manhã hoje. Que tal?”

Harriet espiou Ida por cima do ombro, mas ela não se virou. Os ombros recurvados insinuavam algo. *Edie passou mal*, Harriet pensou, estarrecida. *Edie foi para o hospital...* Antes de ela ter tempo de refletir melhor, Ida — sem olhar para Harriet — abaixou-se com a pá de lixo na mão e Harriet reparou, chocada, que ela chorava.

Todo o medo das últimas vinte e quatro horas desabou sobre ela estrondosamente, junto com um medo inominável. Tímida, perguntou: “Onde está Edie?”

A mãe de Harriet fez ar de surpresa. “Em casa”, disse. “Por quê?”

A torrada estava fria, mas Harriet a comeu assim mesmo. A mãe sentou-se à mesa e a observou, com os cotovelos no tampo e o queixo entre as mãos. “Está gostoso?”, perguntou depois de algum tempo.

“Sim, senhora.” Como não sabia o que havia de errado nem como agir, Harriet concentrou a atenção na torrada. A mãe suspirou; Harriet ergueu

os olhos a tempo de vê-la levantar-se da mesa rispidamente e seguir para o quarto.

“Ida?”, Harriet sussurrou assim que ficaram sozinhas.

Ida balançou a cabeça e não disse nada. Ela olhou para as costas de Ida, para as tiras do avental cruzadas por cima do vestido de algodão. Ouvia vários tipos de sons baixos, cristalinos e perigosos: o zumbido do refrigerador, uma mosca voando sobre a pia da cozinha.

Ida esvaziou a pá de lixo no balde, sob a pia, depois fechou o armário. “Por que você foi reclamar de mim?”, ela disse, sem se virar.

“Eu, *reclamar* de você?”

“Sempre a tratei bem.” Ida passou por ela, guardou a pá de lixo em seu lugar de praxe, no chão, ao lado do aquecedor de água, ao lado do escovão e da vassoura. “Por que resolveu criar problemas para mim?”

“Mas eu não fiz nada disso!”

“Claro que fez. E quer saber o que mais?” Harriet se encolheu sob o olhar firme, magoado. “Vocês fizeram aquela pobre coitada ser despedida da casa do senhor Claude Hull. *Fizeram, sim*”, ela disse, enquanto Harriet gaguejava, atônita. “O senhor Claude foi lá ontem à noite, e você precisava ver como ele falou com a coitada, tratou-a como se fosse um cachorro. Eu ouvi tudo, e Charley T. também.”

“Eu não fiz nada. Eu...”

“Que gracinha!”, Ida sibilou. “Você devia se envergonhar. Dizer ao senhor Claude que a coitada queria botar fogo na casa! E depois você veio para cá e disse a sua mãe que eu não lhe dou comida.”

“Eu não falei dela! Foi Hely!”

“Eu não estou falando dele, estou falando de  *você*.”

“Mas eu *pedi* a ele para não contar nada! Estávamos no quarto dele, e ela bateu na porta e começou a gritar...”

“Sei. E depois você veio para casa e foi logo me intrigar com sua mãe. Ficou brava comigo porque fui embora ontem sem terminar a história. E não venha me dizer que não.”

“Ida! Você sabe como minha mãe se confunde. A única coisa que eu disse foi...”

“Sei qual foi o motivo. Você é vingativa, ficou brava porque eu não fico aqui de noite fritando frango e contando histórias, pois preciso ir para minha casa fazer o serviço todo de lá também. Depois de passar o dia aqui, trabalhando para vocês.”

Harriet saiu. Dia quente, ensolarado, silencioso. Sentia-se como se tivesse acabado de obturar um dente, os molares latejando com uma dor tenebrosa, como se tivesse saído do dentista pela porta de vidro e atravessado o estacionamento sob o sol inclemente. *Harriet, alguém veio buscar você?* Sim, senhora, Harriet sempre dizia à recepcionista, quer houvesse alguém lá, quer não.

Na cozinha, tudo era silêncio. As venezianas do quarto da mãe estavam fechadas. Ida teria sido demitida? Por algum motivo — inexplicável —, a possibilidade não lhe causou nem pânico nem ansiedade, só o mesmo assombro entorpecido que sentiu quando mordeu a parte interna da bochecha com força, depois de uma injeção de novocaína, sem sentir dor alguma.

*Vou colher uns tomates para ela fazer no almoço*, Harriet pensou, e fechou um pouco os olhos por causa do sol, enquanto seguia para a lateral da casa, até a pequena horta de Ida: um canteiro sem cerca, com cinco metros quadrados, cheio de mato. Ida não tinha espaço para horta onde morava. Embora preparasse sanduíches de tomate para elas diariamente, levava a maior parte dos vegetais para sua casa. Quase todos os dias, Ida oferecia um presente a Harriet, em troca de ajuda na horta — uma partida de damas, uma história —, mas Harriet sempre recusava; odiava trabalhar na terra, não suportava o pó nas mãos, os insetos, o calor e os pêlos dos pés de abóbora que davam coceira nas pernas.

Agora seu egoísmo a atormentava. Muitos pensamentos penosos se acumulavam, perturbando-a incessantemente. Ida dava duro o dia

inteiro... não só ali como também em sua própria casa. E quando Harriet fora obrigada a fazer qualquer coisa?

*Tomates. Ela vai gostar.* Harriet colheu cambuci, quiabo e uma berinjela preta e imensa: a primeira daquele verão. Colocou os vegetais sujos de terra numa caixa de papelão pequena e depois dedicou-se a tirar o mato, rilhando os dentes de contrariedade. Plantas — a não ser pelos vegetais que exibiam — pareciam a ela iguais a ervas daninhas, apenas maiores. Tinham a mesma mania de se espalhar e as mesmas folhas grandes, ásperas. Por isso, em caso de dúvida não as arrancava, escolhendo apenas o mato conhecido: trevo, dente-de-leão (fáceis) e os talos longos de capim que Ida sabia dobrar de modo a produzir um apito pavoroso quando os levava aos lábios e assoprava.

Mas as folhas eram lâminas afiadas; não tardou até uma delas fazer um corte vermelho, igual ao provocado pelas folhas de papel, na base de seu polegar. Harriet — suando — recuou e levantou-se, empoeirada. Tinha luvas de jardinagem vermelhas, de tecido, tamanho infantil, que Ida Rhew comprara para ela na loja de ferragens no verão passado. Só de pensar nelas sentiu-se péssima. Ida não dispunha de muito dinheiro, seguramente não lhe sobrava o bastante para comprar presentes; pior ainda, Harriet odiava tanto mexer no jardim que nunca havia usado as luvas, nem uma única vez. *Não gostou das luvas que lhe dei?*, Ida perguntou certa tarde, magoada, quando conversavam sentadas na varanda. Harriet disse que tinha gostado das luvas, mas Ida só fez balançar a cabeça.

*Gostei muito, claro que gostei. Uso as luvas para brincar...*

*Não precisa me contar uma história, meu bem. Só lamento que não dê nenhuma importância a elas.*

O rosto de Harriet ardeu. As luvas vermelhas haviam custado três dólares — para Ida, coitada, quase um dia de serviço. Agora, pensando no caso, se deu conta de que as luvas vermelhas tinham sido o único presente que recebera de Ida. E ela as perdera! Como pôde ser tão descuidada? Por muito tempo, durante o inverno, ficaram largadas entre as ferramentas no

barracão, junto com a tesoura de podar, o aparador da sebe e outras ferramentas de Chester...

Ela parou de arrancar o mato, deixando as ervas daninhas espalhadas pelo chão, e correu para o barracão. Mas as luvas não estavam na tina com as ferramentas. Nem na bancada de Chester; não estavam na prateleira, com os vasos e o adubo. Não estavam atrás das latas de verniz, solvente e tinta para pintura da casa.

Nas prateleiras encontrou raquetes de badminton, tesoura de podar e serrote, várias extensões elétricas, um capacete de plástico amarelo duro, igual aos usados pelos trabalhadores da construção civil, mais ferramentas de jardinagem de todos os tipos: cortadores de rosas, foices, ancinho, rastelo e três tamanhos diferentes de pás, além das luvas de Chester. Nada das luvas que Ida lhe dera, contudo. Sentiu que estava ficando histérica. *Chester sabe onde estão*, pensou. *Vou perguntar a ele*. Chester só ia lá às segundas-feiras; nos outros dias trabalhava para a prefeitura — cortando a grama e tirando o mato do cemitério — ou fazia bicos pela cidade.

Respirava com dificuldade na penumbra empoeirada cheirando a gasolina. Olhava para a pilha de ferramentas no chão sujo de óleo e pensava no lugar onde procuraria as luvas em seguida, pois precisava encontrá-las. *Vou achar as luvas*, pensou enquanto seus olhos percorriam o barracão lotado. *Vou morrer, se as tiver perdido*. De repente, a cabeça de Hely surgiu na porta. “Harriet!”, gritou, segurando o batente. “Precisamos voltar para pegar as bicicletas!”

“Bicicletas?”, Harriet perguntou desconcertada, após uma pausa curta.

“Elas ficaram lá! Meu pai percebeu que minha bicicleta sumiu, e vou levar uma surra se não voltar com ela! Vamos logo!”

Harriet tentou concentrar-se nas bicicletas, mas só conseguia pensar nas luvas. “Eu vou mais tarde”, disse finalmente.

“Não! Vamos agora! Não quero ir lá sozinho!”

“Espere um pouco, depois vamos...”

“Não!”, Hely gritou. “Temos que ir agora!”

“Está bem, preciso entrar e lavar as mãos. Ponha tudo isso de volta nas prateleiras para mim, por favor.”

Hely olhou para as coisas no chão. “Tudo?”

“Lembra-se das luvas vermelhas que eu tinha? Ficavam naquela tina ali.”

Hely a olhou apreensivo, como se ela estivesse doida.

“Luvas de jardinagem. Vermelhas, de pano, com punho elástico.”

“Harriet, estou falando sério. As bicicletas passaram a noite lá. Talvez nem estejam mais no local.”

“Se encontrá-las me avise, está bem?”

Ela correu de volta para a horta e juntou o mato arrancado numa pilha desleixada. *Tudo bem, pensou, depois eu limpo isso...* Em seguida, apanhou o caixote com os vegetais e correu para dentro de casa.

Ida não estava na cozinha. Rapidamente, sem usar sabão, Harriet lavou as mãos sujas de terra na pia da cozinha. Levou o caixote para a sala, onde Ida, em sua poltrona de tweed, estava sentada com os joelhos afastados e as mãos na cabeça.

“Ida?”, Harriet chamou, tímida.

Ida Rhew endireitou o corpo e virou o rosto. Seus olhos continuavam vermelhos.

“T-trouxe uma coisa”, Harriet gaguejou. Colocou a caixa de papelão na frente de Ida.

Ida olhou para os vegetais, indiferente. “O que vou fazer?” disse, balançando a cabeça. “Para onde vou?”

“Pode levar para sua casa, se quiser”, Harriet disse, cordial. E mostrou a berinjela para Ida.

“Sua mãe disse que eu não trabalho direito. Como posso limpar a casa bem, se ela empilha jornais e lixo por toda parte?” Ida limpou os olhos com o avental. “Ela só me paga vinte dólares por semana. Isso não está certo! Odean, que trabalha para a senhora Libby, ganha trinta e cinco e não precisa viver nesta bagunça, nem cuidar de duas crianças.”

Harriet sentia as mãos inúteis pendendo ao lado do corpo. Queria abraçar Ida, beijar seu rosto, deitar em seu colo e chorar — contudo, o tom de voz de Ida e o modo como estava sentada davam-lhe medo de se aproximar.

“Sua mãe disse... ela disse que vocês já estão grandes e que não precisam mais de ninguém para cuidar de vocês. As duas já estão na escola. Depois da aula, podem se virar sozinhas.”

Seus olhos se cruzaram — os de Ida, vermelhos e cheios de lágrimas; os de Harriet, arregalados de horror — e se mantiveram fixos uns nos outros por um momento que Harriet recordaria até morrer. Ida desviou a vista primeiro.

“E ela tem razão”, ela disse em um tom mais resignado. “Allison está no colegial e você não precisa de ninguém em casa o dia inteiro tomando conta de você. Passa a maior parte do dia na escola, de qualquer jeito.”

“Eu estou na escola há sete anos!”

“Bom, foi o que ela disse.”

Harriet correu para cima e entrou no quarto da mãe sem bater. Encontrou a mãe sentada na beira da cama e Allison a seus pés, chorando, com o rosto enfiado na colcha. Quando Harriet entrou, ela ergueu a cabeça e a fitou com olhos inchados e um ar angustiado que a chocou.

“Você também?”, a mãe disse. Falava com voz arrastada e olhos sonolentos. “Por favor, me deixem sozinha, meninas. Preciso descansar um pouco...”

“Você não pode despedir Ida.”

“Bem, eu também gosto de Ida, meninas, mas ela não trabalha de graça e ultimamente anda insatisfeita.”

O pai de Harriet usava esses argumentos; a voz de Charlotte, lenta e mecânica, dava a impressão de que recitava um discurso decorado.

“Você não pode despedi-la”, Harriet insistiu, histérica.

“Seu pai diz...”

“E daí? Ele não mora aqui.”

“Então, meninas, vocês mesmas terão de conversar com ela. Ida concorda comigo que nenhuma de nós está contente com o modo como as coisas andam por aqui ultimamente.”

Seguiu-se uma longa pausa.

“Por que você disse a Ida que me queixei dela?”, Harriet perguntou. “O que andou falando, afinal?”

“Mais tarde conversaremos a esse respeito”, Charlotte disse, virando-se para deitar na cama.

“Não! *Agora!*”

“Não se preocupe, Harriet”, Charlotte disse, fechando os olhos. “E você não chore, Allison, por favor. Não suporto isso”, disse, e a voz foi sumindo. “Vai dar tudo certo, prometo...”

Gritar, cuspir, arranhar, morder: nada disso seria adequado para expressar a raiva que incendiava Harriet. Ela olhou para a face serena da mãe. Seu peito subia pacificamente, depois descia pacificamente. O lábio superior estava úmido no ponto em que o batom cor de coral saíra, formando rugas minúsculas; as pálpebras eram oleosas e manchadas, fundas e escuras nos cantos.

Harriet deixou Allison à beira da cama da mãe e desceu, batendo com a mão no corrimão. Ida continuava sentada na poltrona, olhando pela janela com o queixo entre as mãos, quando Harriet parou na soleira da porta para observá-la. Em seu sofrimento, Ida parecia pairar, real e inexorável, acima do cenário. Nunca ela parecera tão palpável, tão firme e robusta e maravilhosamente sólida. Seu peito, sob o algodão cinza fino do vestido, arfava poderoso com a respiração. Impulsivamente, Harriet avançou na direção da poltrona, mas Ida — ainda com lágrimas reluzentes escorrendo pelo rosto — virou a cabeça e a encarou com tanta severidade que ela parou onde estava.

Por um bom tempo as duas se olharam. Desde que Harriet era pequena enfrentavam-se nos olhares. Era um jogo, um confronto de vontades, uma brincadeira divertida. Naquele momento, porém, não estavam brincando;

tudo saía terrivelmente errado e não houve risos quando Harriet finalmente baixou a vista, envergonhada. No silêncio que se seguiu, como nada mais restava a fazer, Harriet baixou a cabeça e se afastou, sentindo os olhos magoados queimarem suas costas.

“O que foi?”, Hely perguntou quando viu a expressão sombria e atormentada de Harriet. Estava a ponto de reclamar por causa da demora, mas a fisionomia da amiga mostrou que estavam ambos encrencados, muito encrencados: o pior momento de suas vidas.

“Minha mãe quer demitir Ida.”

“Nossa”, Hely disse, animado.

Harriet olhou para baixo, tentando se lembrar de como eram seu rosto e sua voz, quando tudo estava bem.

“Vamos pegar as bicicletas mais tarde”, disse; tranqüilizou-se graças ao modo descontraído como sua voz saiu.

“Não! Meu pai vai me matar!”

“Diga a ele que a deixou aqui.”

“Não posso deixá-la lá. E se alguém roubar... Olha, você disse que ia comigo”, Hely falou, desesperado. “Por favor, vá até lá comigo...”

“Está bem. Mas, primeiro, você precisa me prometer...”

“Harriet, *por favor*. Eu guardei tudo para você.”

“Prometa que voltará lá comigo esta noite. Para pegar a caixa.”

“E para onde pretende levá-la?”, Hely disse, surpreso. “Não podemos esconder na minha casa.”

Harriet ergueu as duas mãos: nenhum dedo cruzado.

“Muito bem”, Hely disse, erguendo as mãos também — era assim que selavam um compromisso, com um gesto específico de sua linguagem cifrada, tão sério quanto um juramento. Depois ele saiu andando depressa, atravessou o quintal e desceu a rua, tendo Harriet atrás de si.

Eles chegaram a uns quinze metros do casarão de madeira, aproximando-se cautelosamente, sempre atrás de moitas e árvores. Hely pegou Harriet pelo pulso e apontou. No canteiro do meio, uma barra comprida cromada brilhava debaixo do mato denso da sebe no verão.

Os dois avançaram, sempre com muito cuidado. O acesso estava vazio. Na casa vizinha, pertencente ao cão Pancho e sua dona, havia um carro oficial branco, que Harriet reconheceu. Pertencia à sra. Dorrier. Todas as terças-feiras, às três e quarenta e cinco, o sedã branco da sra. Dorrier aproximava-se lentamente da casa de Libby e parava. A sra. Dorrier, usando uniforme azul do Serviço de Saúde, saía para tirar a pressão de Libby: prendia a braçadeira no braço delicado de Libby, bombeava o ar e contava os segundos em seu relógio de pulso grande, masculino, enquanto Libby — que se apavorava terrivelmente com tudo que lembrasse mesmo de longe a medicina, doença ou médicos — mantinha os olhos fixos no teto, olhos cheios de lágrimas por trás dos óculos. Sentada, levava a mão ao peito, e seus lábios tremiam.

“Vamos logo”, Hely disse, espiando por cima do ombro.

Harriet apontou para o sedã. “A enfermeira está lá”, murmurou. “Vamos esperar até ela ir embora.”

Eles aguardaram, ocultos atrás de uma árvore. Após alguns minutos, Hely disse: “Por que está demorando tanto?”

“Sei lá”, Harriet respondeu. Estava pensando a mesma coisa; a sra. Dorrier tinha pacientes espalhados pela comarca inteira, entrava e saía da casa de Libby apressada, nunca tinha tempo para bater papo ou tomar um café.

“Não pretendo passar o dia aqui esperando”, Hely disse no momento em que a porta se abriu do outro lado da rua e a sra. Dorrier saiu de touca branca e uniforme azul. Foi seguida pela mulher ianque bronzeada, de chinelos encardidos e vestido caseiro verde-papagaio, com Pancho no colo.

“Dois dólares por um comprimido!”, ela cacarejou. “Estou tomando catorze dólares de remédio por dia! Falei ao sujeito da farmácia...”

“Medicamentos custam caro”, ponderou a sra. Dorrier educadamente, virando-se para ir embora; era alta e magra, cinquentona, com uma mecha grisalha no cabelo preto e uma postura bem ereta.

“Eu falei ‘Meu rapaz, tenho enfisema! Cálculos biliares! Tenho artrite! Eu...’, o que foi, Pancho?”, ela perguntou ao cão, que retesou o corpo no colo dela e ergueu as orelhas gigantescas nas laterais da cabeça. Ele parecia ver Harriet, embora ela estivesse escondida atrás de uma árvore; seus olhos de lêmure apontavam direto para ela. Arreganhou os dentes e começou a latir e a tentar se soltar, furiosamente.

A mulher deu-lhe uma bofetada com a mão aberta, bem no alto da cabeça. “Cale a boca!”

A sra. Dorrier riu — algo inquieta — e ergueu a sacola, descendo os degraus. “Nos vemos na terça, então.”

“Ele está muito nervoso”, disse a mulher, ainda atrapalhada com Pancho. “Tivemos um intruso aqui na noite passada. Ficou espiando pela janela. E a polícia veio à casa vizinha.”

“Lindo dia!” A sra. Dorrier parou na porta do carro. “Não precisa ficar bravo!”

Mas Pancho continuava latindo ferozmente. A sra. Dorrier entrou no carro e partiu devagar. A mulher — parada na calçada — bateu em Pancho mais uma vez, depois o levou para dentro e fechou a porta com força.

Hely e Harriet esperaram mais um ou dois minutos, sem fôlego. Quanto se certificaram de que não havia carros por perto, atravessaram a rua correndo, até o canteiro central, e se ajoelharam ao lado das bicicletas.

Harriet olhou para o acesso ao sobrado de madeira. “Não tem ninguém lá agora.” O peso em seu peito diminuía, e ela se sentia mais leve, animada até.

Resmungando, Hely soltou a bicicleta dele.

“Preciso tirar aquela cobra de lá.”

A rispidez de sua voz fez com que sentisse pena dela, sem entender o motivo. Ele ergueu a bicicleta. Harriet já estava montada, olhando para ele.

“Voltaremos”, ele disse, desviando a vista. Pedalou, e juntos saíram andando pela rua.

Harriet o ultrapassou agressiva, fechando-o na esquina. Agia como se fosse tirar o pai da força, ele pensou, ao vê-la debruçada sobre o guidão, pedalando furiosamente pela rua, como Dennis Peet ou Tommy Scoggs, moleques malvados que batiam nas crianças menores e eram espancados pelos maiores. Talvez por ser menina, Harriet o excitava quando ficava brava assim. Pensar na serpente o animava também; não se sentia à vontade para explicar a Harriet — por enquanto — que soltara uma dúzia de cascavéis no apartamento, e ocorreu-lhe que a casa de madeira estava vazia, e assim permaneceria por algum tempo.

\* \* \*

“Com que frequência você acha que ela precisa comer?”, Harriet perguntou, inclinada para a frente, empurrando o carrinho, enquanto Hely o puxava, na parte dianteira. Não iam muito depressa, pois já estava bem escuro, o que dificultava a visão. “Talvez seja melhor dar uma rã para ela.”

Hely suspirou, puxando o carrinho da calçada para a rua. Uma toalha de praia cobria a caixa. “Não vou dar rã nenhuma para ela”, disse.

Acertara no palpite de que o apartamento dos mórmons estaria vazio. Fora apenas uma intuição, nada mais, baseada na convicção de que, se fosse ele, preferiria passar a noite trancado no porta-malas de um carro do que numa casa onde as cascavéis passeavam à vontade. Ainda não contara a Harriet o que fizera. De todo modo, meditara o suficiente a respeito, para justificar sua inocência. Não sabia que os mórmons, naquele momento, discutiam num quarto do Holiday Inn com um advogado

especializado em questões imobiliárias se a presença de serpentes peçonhentas numa propriedade alugada constituía quebra de contrato.

Hely torcia para que ninguém os visse ao passar ali de carro. Harriet e ele disseram que iam ao cinema. Seu pai lhe dera dinheiro para os ingressos. Ela havia passado a tarde inteira na casa de Hely, o que não era de seu feitio (normalmente cansava-se da companhia dele e voltava cedo para casa, por mais que ele lhe implorasse para ficar), e os dois tinham ficado durante horas no chão do quarto de Hely, sentados de pernas cruzadas, jogando *tiddlywinks* e conversando em voz baixa sobre a naja e seu destino. A caixa era grande demais para ser escondida na casa dela ou na dele. No final, decidiram deixá-la numa passarela abandonada, na parte oeste da cidade, que cruzava a County Line Road num trecho particularmente deserto, fora do perímetro urbano.

Puxar a caixa de dinamite escondida embaixo da casa e colocá-la no carrinho de mão vermelho de Hely fora mais fácil do que imaginaram: não tinham visto uma alma viva sequer. A noite nevoenta e opressiva os ajudara; trovejava no horizonte, as pessoas haviam recolhido as almofadas dos móveis da varanda, desligado os irrigadores dos jardins e posto os gatos para dentro.

Eles seguiram rua abaixo. Avançariam duas quadras pelas calçadas largas da High Street até a estação ferroviária, depois para leste, em direção aos pátios de carga e ao rio, onde havia cada vez menos luzes acesas. O mato alto cobria quintais abandonados, nos quais havia placas anunciando VENDE-SE ou ENTRADA PROIBIDA.

Só dois trens de passageiros paravam na estação de Alexandria. Um às 7h14 da manhã, para Nova Orleans, voltando de Chicago; e outro às 8h47 da noite, quando ia para Chicago. Fora isso, a estação permanecia praticamente deserta. A bilheteria precária estava às escuras, com seu teto inclinado e pintura descascada, o bilheteiro só chegaria dentro de uma hora para abri-la. Atrás dela, uma série de estradas de cascalho ligava os

pátios de baldeação com os de carga e os de carga com as máquinas descaroadoras de algodão, a serraria e o rio.

Juntos, Harriet e Hely desceram o carrinho da calçada para a via de cascalho. Cachorros latiam — cães enormes, mas distantes. Ao sul da estação ferroviária viam-se as luzes da serraria, e, do outro lado, as luzes familiares do bairro onde residiam. Dando as costas para esses últimos lampejos de civilização, eles seguiram resolutamente na direção oposta — rumo à escuridão, às áreas amplas, planas, desabitadas do norte, para lá dos pátios de carga em desuso, com seus vagões para transporte de algodão vazios, seguindo depois por um caminho estreito que sumia no meio do pinheiral tenebroso.

Hely e Harriet costumavam brincar naquela estrada abandonada — que conduzia ao depósito de algodão desativado — de vez em quando. O bosque estava plácido e assustador; mesmo em plena luz do dia o caminho — que logo se reduzia a uma trilha — era sempre escuro sob a densa cobertura de trepadeiras que sufocavam aliantos, pinheiros e *sweet gums*. Mosquitos zumbiam no ar úmido, insalubre, e o silêncio era quebrado apenas pelo farfalhar do mato quando um coelho passava correndo ou algum pássaro invisível piava. Havia muitos anos um grupo de presidiários acorrentados fugira e se escondera ali. Mas eles nunca tinham visto ninguém naquele local ermo, exceto um menino negro e miúdo de calção vermelho que, ajoelhado, atirara uma pedra neles e depois saíra correndo e gritando, sumindo no mato. Era um trecho solitário, nem Harriet nem Hely gostavam muito de brincar ali, embora jamais o admitissem.

Os pneus do carrinho estalavam no cascalho. Nuvens de pernilongos — insensíveis às emanações do repelente contra insetos que haviam pulverizado no corpo, dos pés à cabeça — voavam em torno deles na clareira úmida, abafada. Ao crepúsculo, rodeados de sombras, eles só viam o que estava bem à frente. Hely tinha levado uma lanterna, mas quando chegaram lá pensaram melhor e concluíram que não seria prudente trair sua presença com um facho luminoso.

Conforme avançavam, o caminho se estreitava, fechado pelo mato que se erguia dos dois lados como um par de paredes, forçando-os a ir bem devagar, parando de vez em quando para afastar ramos e gravetos do rosto, no denso e azulado crepúsculo. “Puff!”, Hely exclamou, e o volume do zumbido de insetos aumentou adiante, quando um cheiro de coisa podre atingiu Harriet em cheio no rosto.

“Uau!”, ela ouviu Hely gritar.

“O que foi?” Estava ficando tão escuro que ela pouco via além das listas brancas nas costas da camiseta de futebol americano de Hely. O cascalho estalou quando Hely levantou a frente do carrinho e o puxou com força para a esquerda.

“O que foi?” O fedor estava insuportável.

“Um gambá.”

Uma forma escura — em torno da qual enxameavam moscas — jazia imóvel no meio da trilha, enrodilhada. Apesar de os galhos e ramos arranharem seu rosto, Harriet virou a cabeça para o lado enquanto contornavam o animal.

Seguiram adiante até que o zumbido metálico das moscas diminuiu e o mau cheiro ficou para trás. Aí, pararam para descansar um pouco. Harriet ligou a lanterna e ergueu uma beirada da toalha, pegando-a com o polegar e indicador. Os olhos miúdos da cobra a fitaram malignos à luz da lanterna, depois ela abriu a boca para estender a língua para fora, e a fenda parecia imitar um sorriso sinistro.

“Como ela está?”, Hely perguntou rabugento, com as mãos nos joelhos.

“Bem”, Harriet respondeu — e saltou para trás (o fecho de luz girou descontrolado, iluminando o topo das árvores) quando a naja deu um bote contra a tela.

“O que foi?”

“Nada”, Harriet disse. E apagou a lanterna. “Ela não se importa muito de ficar na caixa.” Sua voz soava muito alta no silêncio reinante. “Aposto que passou a vida inteira aí. Ela não pode sair para passear, certo?”

Após um momento de silêncio eles continuaram a jornada, mesmo relutantes.

“Acho que o calor não a incomoda”, Harriet comentou. “As najas vieram da Índia. Lá faz mais calor do que aqui.”

Hely pisava com cautela — com o máximo de cautela possível na escuridão. Nos pinheiros negros dos dois lados, um coro de pererecas parecia dialogar pela trilha, e seu canto pulsava vertiginoso, do ouvido direito para o esquerdo, como um som estereofônico.

O caminho dava na clareira do depósito de algodão, cinza-osso ao luar. Os recessos da baía de carga — onde passaram muitas tardes sentados, balançando as pernas, conversando — eram estranhos agora, mergulhados nas sombras. Mas as portas banhadas de luar ainda exibiam com perfeição as marcas redondas de barro deixadas pelas bolas de tênis que eles jogavam contra elas.

Juntos, conseguiram atravessar uma vala com o carrinho. O pior já havia passado. A County Line Road ficava a quarenta e cinco minutos de bicicleta da casa de Hely, e o caminho por trás do depósito era um atalho. Pouco depois dele estavam os trilhos do trem, e em alguns minutos a trilha terminava num passe de mágica na County Line Road, perto da Rodovia 5.

Eles viam os trilhos atrás do depósito. Postes telegráficos, cheios de trepadeiras, contrastavam, negros, com o céu púrpura. Hely olhou para trás e viu que Harriet, iluminada pela lua, olhava de um lado para outro, nervosa, no capim alto que batia em seus joelhos.

“O que foi?”, Hely perguntou. “Perdeu alguma coisa?”

“Levei uma picada.”

Hely limpou a testa suada com o antebraço. “O trem só vai passar daqui a uma hora”, disse.

Juntos, ergueram o carrinho e o puseram nos trilhos do trem. Embora o trem de passageiros para Chicago só passasse mais tarde, ambos sabiam que os trens de carga podiam chegar inesperadamente. As composições de

carga locais, que paravam na estação, trafegavam tão devagar que se podia ultrapassá-las correndo, mas os cargueiros expressos para Nova Orleans eram tão rápidos que Hely, quando aguardava a mãe atrás da cancela da Rodovia 5, mal distinguia as palavras pintadas nos vagões.

Assim que deixaram o mato para trás, eles avançaram mais depressa; o carrinho corcoveava ruidosamente nos dormentes. Os dentes de Hely doíam. Os dois estavam fazendo muito barulho; embora não houvesse ninguém por ali para ouvir, junto com o coaxar das rãs o ruído poderia ser suficiente para abafar o som da chegada de um cargueiro até ser tarde demais. Mantinha os olhos nos trilhos enquanto seguia, meio hipnotizado pelo brilho do ferro estreito sob os pés e pelo ritmo rápido e constante de sua respiração. Já começava a pensar que seria uma boa idéia reduzir o passo e acender a lanterna, quando Harriet suspirou de modo extravagante. Quando ergueu os olhos, Hely avistou o neon vermelho piscando ao longe, e também suspirou, aliviado.

Na beira da pista cheia de mato baixo eles pararam ao lado do carrinho e observaram a cancela de travessia da via férrea, onde os avisos diziam PARE, OLHE E ESCUTE. Quando olhavam para a estrada, à esquerda, no sentido sul, de suas casas, divisavam ao longe o símbolo da Texaco e o neon verde e rosa do Jumbo's Drive-In. No ponto em que estavam, as luzes se espalhavam: nenhuma loja, semáforo ou estacionamento; só campos vazios e barracos cobertos com zinco ondulado.

Um carro passou zunindo e os assustou. Olharam para os dois lados, certificando-se de que não vinha mais ninguém, e correram pelos trilhos, cruzando a estrada silenciosa. Com o carrinho a pular atrás deles no escuro, cortaram caminho por um pasto e seguiram para a County Line Road. A estrada era deserta naquele trecho, adiante do Country Club: pastos cercados e terrenos enormes limpidos pelas máquinas de terraplenagem.

O cheiro forte de esterco atingiu em cheio as narinas de Hely. Só depois de algum tempo percebeu que a sola dos tênis escorregava, suja. Ele parou.

“O que foi agora?”

“Espere”, Hely disse, desanimado, enquanto esfregava os tênis no capim. Embora não houvesse luzes por ali, a lua brilhava o bastante para que vissem exatamente onde estavam. Paralela à County Line Road, havia uma pista asfaltada que terminava após uns vinte metros. A duplicação da pista fora interrompida quando a comissão de obras viárias decidiu que a Interestadual passaria do outro lado de Houma, longe de Alexandria. O mato crescia nas gretas do asfalto. A passarela abandonada, adiante, passava por cima da County Line, solitária.

Juntos, retomaram a jornada. Pensaram em esconder a naja no bosque, mas a experiência em Oak Lawn Estates ainda permanecia vívida na memória deles, e nenhum dos dois se animava com a idéia de perambular pela mata fechada à noite — tropeçando em galhos, pisando em troncos podres — carregando uma caixa de vinte e cinco quilos. Descartaram a possibilidade de guardá-la num dos galpões, pois até os abandonados, com tábuas de compensado pregadas nas janelas, exibiam placas de propriedade particular.

A passarela de concreto não apresentava nenhum desses perigos. Era fácil alcançá-la da Natchez Street, por um atalho; ela cruzava a County Line Road a céu aberto; situava-se próxima de locais com bastante movimento, mas longe o suficiente do centro, de modo que havia pouco perigo de que fosse encontrada por trabalhadores de passagem, velhos curiosos ou outras crianças.

A passarela não era firme o bastante para permitir a passagem de automóveis — e, mesmo que fosse, só um jipe conseguiria subir lá. Mas o carrinho venceu a rampa sem dificuldade, com a ajuda de Harriet, que o empurrava por trás. Nos dois lados havia uma mureta de concreto com um metro de altura — o bastante para que se escondessem atrás dela, caso viesse um carro pela estrada. De todo modo, quando Harriet ergueu-se para espiar, a estrada estava deserta nos dois sentidos. Em torno, os

campos baixos desapareciam na escuridão, até surgirem reflexos luminosos na direção do centro.

Quando chegaram no alto, o vento soprava com força: fresco, perigoso, excitante. Uma poeira cinzenta cobria a pista e a mureta. Hely limpou as mãos esbranquiçadas no calção, acendeu a lanterna e examinou o piso. Havia um bueiro com tampa de metal, entupido de papel velho; um bloco de concreto partido; uma pilha de sacos de cimento e uma garrafa de vidro com um dedo de refrigerante de laranja pegajoso ainda no fundo. Apoiada na mureta, Harriet debruçou-se sobre a estrada escura, como se estivesse no convés de um transatlântico. O vento empurrava seu cabelo para trás e ela parecia menos deprimida do que estivera o dia inteiro, na opinião de Hely.

Ao longe ouviram o apito longo e assustador de um trem. “Nossa”, Harriet disse, “ainda não são oito horas, né?”

Hely sentiu as pernas bambas. “Tomara que não”, disse. Ouvia o chacoalhar dos vagões no meio das trevas, a caminho do cruzamento com a Rodovia 5, mais e mais alto...

O apito soou novamente, agora mais perto, e o trem de carga passou com um longo zumbido, enquanto eles o observavam seguir pelos trilhos pelos quais haviam empurrado o carrinho menos de quinze minutos antes. O eco do apito de advertência vibrava severo ao longe. Por cima do rio, nas nuvens pesadas que desfilavam a leste, um raio caiu, azulado e silencioso.

“A gente devia vir mais aqui”, Harriet disse. Não olhava para o céu, e sim para o trecho de asfalto escuro, que passava pelo túnel a seus pés; embora Hely estivesse logo atrás, era quase como se ela não contasse que ele fosse escutá-la, como se estivesse debruçada sobre o vertedouro de uma represa, o rosto borrifado, surda a tudo exceto o ruído da água.

A cobra pulou dentro da caixa, assustando os dois.

“Ei”, Harriet disse numa voz desengonçada, afetada, “calma aí...”

Juntos, ergueram a caixa e a acomodaram entre a mureta de proteção e a pilha de sacos de cimento. Harriet ajoelhou-se no chão, em meio ao lixo

de copinhos descartáveis esmagados e filtros de cigarro deixados pelos operários, tentando tirar um saco de cimento vazio da pilha.

“Precisamos nos apressar”, Hely disse. O calor o sufocava como um cobertor molhado, seu nariz coçava por causa do pó do cimento, do feno nos campos e do ar pesado, cheio de estática.

Harriet conseguiu puxar o saco vazio, que se soltou e esvoaçou como a bandeira macabra de uma expedição lunar. Ela rapidamente o ajeitou atrás da barricada de cimento. Hely a ajudou. Com as cabeças próximas, eles o ajustaram sobre a caixa da cobra e prenderam as pontas com pedaços de concreto, para que não voasse.

O que será que os adultos estão fazendo, Hely pensou: trancados em casa, conferindo o talão de cheques, vendo televisão, escovando cocker spaniels? O vento noturno, fresco, agradável, solitário; nunca se sentira tão separado do mundo conhecido. Náufrago num planeta deserto... bandeiras tremulando, honras militares no funeral dos soldados mortos... cruzes caseiras na terra nua. Na linha do horizonte, luzes esparsas e um acampamento estrangeiro: hostil, provavelmente inimigos da Federação. *Mantenha-se longe dos nativos*, disse a voz em sua cabeça. *Agir de outro modo significará a morte para você e sua companheira...*

“Ela vai ficar bem aqui”, Harriet disse ao se levantar.

“Claro”, Hely concordou, com voz grave de comandante espacial.

“Cobras não precisam comer todos os dias. Espero que tenha bebido bastante água antes de sairmos.”

Outro relâmpago — mais forte desta vez, acompanhado de um estalo. Quase simultaneamente, ouviram o rugir do trovão.

“Vamos pelo caminho mais longo”, Hely disse, afastando o cabelo dos olhos. “Pela estrada.”

“Por quê? O trem de Chicago ainda vai demorar para passar”, ela disse depois de algum tempo, pois ele não a contestou.

Hely assustou-se com a intensidade de seu olhar. “Vai chegar em meia hora.”

“Dá tempo.”

“Como preferir”, Hely disse, satisfeito por sua voz ter saído mais firme do que ele se sentia. “Eu vou pela estrada.”

Silêncio. “E o que pretende fazer com o carrinho?”, ela disse.

Hely ponderou por um instante. “Deixá-lo aqui, acho.”

“Largado aqui?”

“E daí?”, Hely disse. “Eu não brinco mais com ele, mesmo.”

“Alguém pode encontrá-lo.”

“Ninguém passa por aqui.”

Eles desceram a rampa de concreto — foi divertido, o vento os descabelou — e o impulso os carregou até o início do pasto. Correram até se cansar, depois reduziram o ritmo.

“Vai chover”, Harriet disse.

“Dane-se”, Hely retrucou. Sentia-se invencível: oficial-comandante, conquistador de planetas. “Olhe, Harriet”, disse, apontando para uma placa iluminada que exalava sofisticação, brilhando na paisagem lunar formada pelas escavadeiras no pasto. Dizia:

*Heritage Groves*

*Lar do Futuro*

“O futuro deve ser um horror, é?”, Hely comentou.

Seguiram apressados pelo acostamento da Rodovia 5 (Hely, atento ao perigo; pelo que sabia, a mãe queria sorvete e tinha pedido ao pai que fosse ao Jumbo’s antes que ele fechasse), escondendo-se atrás dos postes de luz e das latas de lixo. Assim que possível, pegaram uma rua escura e seguiram na direção da praça e do Cine Pix.

“O filme já está na metade”, disse a moça de rosto brilhante na bilheteria, observando-os por trás da maquiagem.

“Não faz mal”, Hely disse, empurrando dois dólares para o outro lado do guichê. Recuou, balançando os braços, as pernas ainda meio bambas de nervoso. Ficar sentado vendo a segunda metade de um filme sobre um Volkswagen era a última coisa do mundo que desejava fazer. Quando a moça fechou o estojo de maquiagem e estendeu a mão para pegar o chaveiro, dar a volta e abrir a porta para eles, soou ao longe o apito do trem das 8h47 com destino a Nova Orleans, que se aproximava da estação de Alexandria.

Hely socou o ombro de Harriet. “Precisamos pegar uma carona nesse trem e ir a Nova Orleans qualquer dia desses. Ou noite.”

Harriet desviou os olhos, cruzou os braços na altura do peito e fitou a rua. Ao longe soou um trovão. Do outro lado da rua, o toldo de uma loja de ferramentas esvoaçava ao vento, pedaços de papel subiam no redemoinho e caíam rodopiando na sarjeta.

Hely olhou para o céu e estendeu a palma da mão. Assim que a moça enfiou a chave na fechadura da porta de vidro, um pingo de chuva caiu na testa dele.

“Gum, você consegue dirigir a Trans Am?”, Danny perguntou. Estava mais alto que uma pipa e a avó parecia espinhenta feito um cacto velho em seu vestido caseiro estampado com flores vermelhas: *florido*, disse com seus botões, olhando-a da poltrona onde se acomodara, *flores de papel vermelho*.

E Gum — como o cacto — passou um momento vegetando antes de tossir e responder com sua voz espinhuda:

“Guiar para mim não é problema. Mas a picape fica muito perto do chão, e sofro muito por causa da artrite.”

“Bem, eu não posso...” Danny precisou fazer uma pausa para reconsiderar a questão, e recomeçou: “Posso levá-la de carro até o fórum, se quiser, mas isso não vai afastar o carro do chão”. Tudo era da altura

errada, para a avó. Quando o caminhão estava em ordem, reclamava que a cabine era alta demais.

“Ora”, Gum disse, pacífica, “não me importo em deixar você guiar, filho. É uma chance de aproveitar a fortuna gasta nas aulas para dirigir caminhão.”

Lentamente, com a mão em forma de garra marrom apoiada no braço de Danny, ela caminhou tropeçadamente até a picape, cruzando o terreiro cheio de lixo onde Farish desmontava um telefone, acomodado na espreguiçadeira. Ocorreu a Danny (num lampejo vívido, como acontece nesses casos) que todos os irmãos, ele inclusive, enxergavam a natureza das coisas em profundidade. Curtis via o lado bom das pessoas; Eugene via a presença de Deus no mundo, percebia como cada coisa tinha seu próprio jeito e lugar adequado; Danny via a mente das pessoas, e o que as levava a agir como agiam, e por vezes, quando as drogas o faziam pensar nisto, conseguia enxergar um pouco o futuro. Farish — antes de seu acidente — compreendia os mecanismos do poder e as possibilidades ocultas, sabia como tudo funcionava, fossem motores ou animais guardados no barraco da taxidermia. Mas atualmente, se estivesse interessado em algo, tinha de abrir e espalhar as peças no chão, para se assegurar de que não havia nada de estranho no interior.

Gum não gostava de rádio, por isso foram para a cidade em silêncio. Danny percebia que os metais todos do corpo de bronze da picape zumbiam simultaneamente.

“Então”, ela disse, plácida, “desde o começo eu achava que não viria nada de bom daquele serviço de guiar caminhão.”

Danny continuou mudo. Os tempos de motorista de caminhão, antes da segunda vez que fora preso, tinham sido os mais felizes de sua vida. Viajava muito, tocava violão à noite, com vagas esperanças de formar um conjunto, mas dirigir caminhão lhe parecia aborrecido e sem graça, se comparado com o que o futuro reservava para ele. Agora, porém, olhando para trás — poucos anos haviam se passado, mas parecia uma vida toda —,

eram os dias dirigindo o caminhão, e não as noitadas nos bares, que recordava com saudades.

Gum suspirou. “Acho que foi melhor”, disse, com sua voz fina e gasta. “Você ia passar o resto da vida guiando aquele caminhão.”

*Melhor do que viver preso aqui nesta casa*, Danny pensou. A avó sempre tentara fazê-lo passar por idiota por gostar daquele serviço. “Danny não espera grande coisa da vida”, foi o que saiu dizendo quando a transportadora o contratou. “E é bom não esperar nada mesmo, Danny, para não se desapontar.” Eis aí a principal lição de vida que ela transmitiu aos netos: não espere nada. O mundo é ruim, cada um por si, era a sua filosofia. Se algum dos rapazes sonhasse alto demais ou quisesse ser mais do que era, sofreria quando suas esperanças fossem frustradas. Mas, na opinião de Danny, aquela visão da vida não servia para nada.

“É como eu digo a Ricky Lee.” Feridas e manchas e veias escuras atrofiadas envolviam as costas de suas mãos cruzadas complacentemente sobre o colo. “Quando ele ganhou aquela bolsa para jogar basquete na Delta State, e ia ter de trabalhar de noite, além de ir à escola e treinar, para pagar os livros, eu falei: ‘Odeio pensar que você tem de trabalhar mais do que todo mundo, Ricky, só para ver os rapazes ricos, que têm muito mais que você, zombar de suas dificuldades’.”

“É isso aí”, Danny respondeu, ao perceber que a avó esperava que ele dissesse algo. Ricky Lee não aceitara a bolsa; Gum e Farish, juntos, zombaram tanto que ele desistiu. E agora, onde estava Ricky Lee? Na cadeia.

“Um abuso. Ir à escola e trabalhar de noite, só para jogar basquete.”

Danny jurou que no dia seguinte Gum ia sozinha guiando para o fórum.

Harriet acordou de manhã e passou um tempo olhando para o teto antes de se lembrar de onde estava. Sentou-se — dormira vestida

novamente, com o pé sujo — e desceu em seguida.

Ida Rhew pendurava roupa no quintal. Harriet a observou. Pensou em subir para tomar banho — sem que a mandassem — para agradar Ida, mas resolveu que não: chegar suja, usando a roupa da véspera amarrotada, deixaria claro a Ida o quanto sua permanência era vital. Ela não parecia perturbada ou triste, apenas preocupada.

“Você foi despedida?”, Harriet perguntou, atenta à sua reação.

Ida se assustou, tirou os pregadores da boca e disse: “Bom dia, Harriet!”. Com um entusiasmo impessoal que machucou o coração de Harriet. “Está suja? Suba e tome banho.”

“Você foi despedida?”

“Não fui despedida. Decidi sair”, Ida falou, retornando ao trabalho. “Vou mudar para Hattiesburg, morar com minha filha.”

Os pardais piavam no alto. Ida sacudiu ruidosamente uma fronha úmida e a pendurou no varal. “Já estava na hora mesmo. A decisão foi minha.”

A boca de Harriet secou. “A que distância fica Hattiesburg?”, perguntou, embora soubesse, sem que lhe contassem, que era perto da costa do Golfo — a centenas de quilômetros dali.

“Bem longe daqui. Lá onde ficam aqueles bosques de pinheiros espinhudos. Vocês não precisam mais de mim”, Ida disse distraidamente, como se falasse a Harriet que ela não precisava comer outra sobremesa ou beber mais Coca-Cola. “Quando eu tinha pouco mais que a sua idade me casei, e logo tive filho.”

Harriet sentiu-se chocada e insultada. Odiava bebês — Ida sabia muito bem o quanto.

“Sim, senhora.” Indiferente, Ida pendurou outra camisa no varal. “Tudo muda. Eu tinha só quinze anos quando casei com Charley T. Logo você também vai casar.”

Não adiantava discutir com ela. “E Charley T. vai com você?”

“Claro que vai.”

“E ele quer ir?”

“Acho que sim.”

“O que planejam fazer por lá?”

“Charley ou eu?”

“Você.”

“Sei lá. Trabalhar na casa de alguém, aposto. Cuidar de outras crianças ou bebês.”

A idéia de Ida — Ida! — trocá-la por um bebê chorão!

“Quando pretende partir?”, perguntou a Ida friamente.

“Semana que vem.”

Não restava mais nada a conversar. O comportamento de Ida deixava claro que ela não se interessava em continuar falando. Harriet a estudou por um momento — abaixada para pegar a roupa no cesto, pendurando as peças no varal, debruçando-se novamente — e depois se afastou, cruzou o quintal sob o sol vazio, irreal. Quando entrou em casa, a mãe — agitada, ansiosa, com a camisola azul — entrou na cozinha e tentou beijá-la, mas Harriet desvencilhhou-se e bateu a porta dos fundos.

“Harriet? O que foi, meu bem?”, a mãe falou, seguindo-a quando saiu. “Por acaso ficou brava comigo...? Harriet?”

Ida olhou incrédula para Harriet, quando a menina passou correndo; tirou os pregadores da boca. “Responda quando sua mãe perguntar”, disse, usando o tom de voz que fazia Harriet parar imediatamente.

“Não preciso mais seguir suas ordens”, Harriet disse, e continuou andando.

“Se sua mãe quer que Ida vá embora”, disse Edie, “não posso interferir.”

Harriet tentou, inutilmente, capturar o olhar de Edie. “Por que não?”, perguntou, e repetiu a questão quando Edie pegou o lápis e voltou a escrever no bloco. “*Por que não, Edie?*”

“Porque eu não posso”, disse Edie, que tentava escolher o que levaria na viagem para Charleston. O sapato baixo azul-escuro era o mais confortável, mas não combinava tanto com o conjunto pastel quanto os de salto. Além disso, estava magoada por Charlotte não a ter consultado sobre uma decisão tão importante quanto contratar ou despedir uma empregada.

Depois de algum tempo, Harriet disse: “Por que você não pode interferir?”.

Edie largou o lápis. “Harriet, não é minha casa.”

“Sua *casa*?”

“Não fui consultada. Mas não se preocupe, menina”, disse Edie, em tom alegre, levantando-se para pegar outra xícara de café e levando a mão distraidamente ao ombro de Harriet. “Vai ser melhor assim, você verá!”

Satisfeita por ter resolvido o caso com facilidade, Edie sentou-se para tomar o café e disse, após um silêncio cordial: “Como eu gostaria de ter um desses conjuntos que a gente apenas lava e veste para levar na viagem. Os meus já estão gastos, e o linho não é um tecido prático para viagens. Só se eu pendurar um cabide com eles no banco traseiro do carro...”. Ela não olhava para Harriet, mas para um ponto acima da cabeça da menina; retomou seus pensamentos sem notar o olhar hostil, o rosto afogueado e o ar provocativo de Harriet.

Após alguns minutos — de preocupação para Edie —, passos ecoaram no terraço dos fundos. “Olá!” Uma sombra — com a mão na testa — espiou através da porta de tela. “Edith?”

“Ora, ora!”, gritou outra voz. “Por acaso quem está aí com você é Harriet?”

Antes que Edie pudesse se levantar da mesa, Harriet saltou e abriu a porta dos fundos, passando por Tat para abraçar Libby.

“Cadê Adelaide?”, Edie perguntou a Tat, que sorria para Harriet por cima do ombro.

Tat ergueu os olhos, desolada. “Ela quis parar no armazém para comprar um vidro de Sanka.”

“Meu Deus”, Libby dizia, no terraço, com voz sumida. “Harriet, mas que coisa! Que recepção mais carinhosa é essa...”

“Harriet”, disse Edie, severa. “Não se pendure em Libby desse jeito.”

Ela esperou, atenta. Ouviu Libby dizer no terraço: “Tem certeza de que está tudo bem, meu anjo?”.

“Credo”, Tatty falou, “a menina está chorando?”

“Libby, quanto você paga a Odean por semana?”

“Nossa! Por que está fazendo uma pergunta dessas?”

Edie se levantou e marchou até a porta de tela. “Isso não é da sua conta, Harriet”, fuzilou. “Entre já.”

“Ora, Harriet não me incomoda”, Libby disse, soltando o braço para arrumar os óculos e olhar Harriet com uma perplexidade inocente e desarmada.

“Sua avó quer dizer...”, Tat falou, seguindo Edie até o terraço — desde a infância coubera a ela reformular, diplomaticamente, os comentários agressivos e as ordens de Edie — “que não é educado perguntar a respeito de dinheiro.”

“Não me importo”, Libby disse, solidária. “Pago trinta e cinco dólares por semana a Odean, Harriet.”

“Ida só ganha vinte lá em casa. Não acho correto.”

“Bem”, Libby disse, piscando sem parar, após uma óbvia pausa de assombro, “eu não sei. Quero dizer, sua mãe não está errada, mas...”

Edie — decidida a não desperdiçar a manhã discutindo a demissão da empregada — a interrompeu. “Seu cabelo está uma graça, Libby. Não acham que ficou lindo? Quem a penteou?”

“A senhora Ryan”, Libby respondeu, levando a mão à cabeça, lisonjeada.

“Todas preferem cabelos grisalhos atualmente”, Tatty disse, simpática. “Mal dá para distinguir uma mulher da outra.”

“Não gosta do cabelo de Libby?”, disse Edie, severa. “Harriet?”

Harriet, a ponto de chorar, virou o rosto para o outro lado, amuada.

“Conheço uma menina que adora cortar o cabelo”, disse Tat, brincalhona. “Sua mãe ainda a manda ao barbeiro, ou você passou a freqüentar o salão de beleza, Harriet?”

“Creio que o senhor Liberti tem tanta competência quanto qualquer cabeleireira, e cobra metade do preço”, Edie argumentou. “Tat, você deveria ter dito a Adelaide para não parar na mercearia. Eu já havia dito a ela que tenho um monte de envelopes individuais para preparar chocolate quente, separados para ela.”

“Edith, eu avisei, mas ela disse que não pode ingerir açúcar.”

Edie recuou, maldosa, fingindo espanto. “Por que não? O açúcar a deixa *agitada* também?” Adelaide passara a recusar café, recentemente, usando esse argumento.

“Se ela quer Sanka, não vejo razão para impedi-la de comprar um vidro.”

Edie bufou. “Eu tampouco. Seria a última a querer que Adelaide ficasse *agitada*.”

“O que foi? Por que vocês tanto falam em ficar *agitada*?”, Libby perguntou, confusa.

“Ora, *you still don't know?* Adelaide não pode mais tomar café. O *café a deixa agitada*.” Adelaide passara a alegar isso recentemente, depois que sua amiga destrambelhada do coro da igreja, a sra. Pitcock, saíra por aí dizendo a mesma coisa.

“Bem, eu mesma aprecio uma xícara de Sanka de quando em quando”, disse Tat. “Mas não *preciso* tomar. Posso muito bem passar sem.”

“Ora, até parece que estamos indo ao Congo Belga! Pode-se comprar Sanka na cidade de Charleston, não vejo necessidade de levar um vidro enorme na mala!”

“Não vejo o menor problema nisso. Você está levando chocolate quente. *Para seu próprio consumo*.”

“Você sabe que Addie acorda muito cedo, Edith”, interferiu Libby, ansiosa. “Ela teme que o serviço de quarto só comece depois das sete ou

oito horas...”

“Por isso eu peguei o chocolate quente! Uma xícara de chocolate quente não fará mal nenhum a Adelaide.”

“Não faço questão de nada especial, chocolate quente me parece perfeito!”, Libby disse, batendo palmas antes de se voltar para Harriet. “A esta hora, na semana que vem, estaremos na Carolina do Sul! Estou tão excitada!”

“Isso mesmo”, disse Tat, entusiasmada. “Sua avó está sendo muito eficiente em nos levar de carro até lá.”

“Não sei se é eficiência, mas espero ser capaz de chegar lá com todas, e voltarmos inteiras.”

“Libby, Ida Rhew vai embora”, Harriet disse, num desabafo sofrido, “e pretende mudar de cidade...”

“Embora?”, Libby perguntou, pois era meio surda; implorando ajuda, olhou para Edie, que se habituara a falar alto e com clareza, ao contrário da maioria das pessoas. “Acho melhor falar mais devagar, Harriet.”

“Ela se refere a Ida Rhew, que trabalha na casa dela”, Edie explicou, cruzando os braços na altura do peito. “Ela pediu demissão, o que entristeceu Harriet. Já lhe disse que a vida muda e as pessoas vão embora, que o mundo é assim mesmo.”

O rosto de Libby demonstrava consternação. Com genuína simpatia, olhou para Harriet.

“Mas que pena”, disse Tat. “Você sentirá saudades de Ida, sei disso, meu bem. Ela está com vocês há tanto tempo.”

“Isso mesmo”, Libby disse. “Essa menina adora Ida! Você gosta dela, não é, meu amorzinho? Assim como eu gosto de Odean.”

Tat e Edie trocaram olhares, e Edie comentou: “Você gosta *demais* de Odean, Libby”. O desleixo de Odean era uma questão antiga para as irmãs de Libby, que zombavam dela por isso. Odean passava o dia inteiro sentada, alegando saúde precária, enquanto Libby lhe preparava refrescos e lavava a louça.

“Mas Odean está comigo há cinquenta anos”, Libby disse. “Ela é como um parente. Morava comigo em Tribulation. E, pelo amor de Deus, compreendam, a saúde dela está comprometida.”

Tat disse: “Ela se aproveita de você, Libby”.

“Meu bem”, Libby disse, corando muito, “eu gostaria apenas de lembrar que Odean me tirou de casa quando fiquei muito doente, com pneumonia, no interior. Ela me carregou! Nas costas! De Tribulation até Chippokes!”

Edie retrucou, ferina: “Certo, mas agora ela não faz mais quase nada, isso é patente”.

Libby virou-se para Harriet e a olhou por um longo tempo. Seus olhos eram firmes e compassivos.

“É terrível ser criança”, disse apenas, “e viver à mercê das outras pessoas.”

“Espere até você crescer”, Tatty disse, para consolá-la, levando o braço ao ombro de Harriet. “Aí terá sua própria casa, e Ida Rhew irá morar com você. O que acha?”

“Bobagem”, disse Edie. “Logo a menina superará tudo. Empregadas chegam e vão embora...”

“Nunca vou superar isso!”, Harriet berrou, assustando todas.

Antes que alguém pudesse se manifestar, ela se livrou do abraço de Tatty e saiu correndo. Edie ergueu a sobrancelha, resignada, como se disse: *Vejam o que tive de agüentar a manhã inteira.*

“Minha nossa!” Tat passou a mão na testa.

“A bem da verdade”, disse Edie, “acho que Charlotte cometeu um erro, mas cansei de meter o bedelho na vida deles.”

“Você sempre fez tudo para Charlotte, Edith.”

“Fiz mesmo. E por isso ela não consegue resolver nada sozinha. Creio que chegou a hora de ela assumir mais responsabilidades.”

“Mas e as meninas?”, Libby disse. “Acredita que ficarão bem?”

“Libby, você teve de cuidar de Tribulation, de papai e de todas nós, quando tinha praticamente a mesma idade que ela”, disse Edie, apontando

com a cabeça na direção em que Harriet havia desaparecido.

“Correto. Mas essas meninas não são como nós, Edith. Elas são muito sensíveis.”

“Bem, pouco importava se éramos ou não *sensíveis*. Não tivemos escolha.”

“O que há de errado com essa menina?”, Adelaide disse — empoada, cheia de batom e com permanente no cabelo — enquanto subia os degraus do terraço. “Eu a vi correndo pela rua feito um raio, suja de dar dó. E nem falou comigo.”

“Vamos entrar”, disse Edie; a temperatura subia naquela hora da manhã. “Tem um bule de café quentinho. Isto é, para quem toma café...”

“Puxa vida”, Adelaide disse, parando para admirar um canteiro de lírios rosados. “Estão ficando lindos.”

“Esses lírios? Peguei as mudas no mato. Arranquei da terra em pleno inverno, plantei-os em vasos e só um brotou, no verão seguinte.”

“Veja como estão agora!” Adelaide abaixou-se.

“Mamãe costumava chamá-los de lírios da chuva”, Libby disse, debruçando-se sobre o parapeito do terraço.

“O nome correto é lírio-zéfiro.”

“Mamãe os chamava de rosa da chuva. Havia muitos no enterro dela, e angélicas. Fazia tanto calor quando ela morreu...”

“Preciso entrar”, disse Edie, “ou vou morrer de insolação. Assim que quiserem, podem me encontrar lá dentro tomando um café.”

“Seria muito trabalho esquentar um pouco de água na chaleira para mim?”, Adelaide perguntou. “Não posso tomar café, pois me deixa...”

“*Agitada?*” Edie ergueu a sobrancelha para ela. “Bem, ninguém aqui quer ver você *agitada*, Adelaide, pode ter certeza.”

Hely percorreu a vizinhança inteira de bicicleta, mas não encontrou Harriet em lugar nenhum. Na casa dela o ambiente carregado (até mesmo

para a casa de Harriet) o preocupou. Ninguém veio abrir a porta. Ele entrou por conta própria e encontrou Allison chorando na mesa da cozinha e Ida concentrada em passar esfregão no piso, como se não visse nem ouvisse nada. Nenhuma delas falou, o que lhe provocou calafrios.

Decidiu ir até a biblioteca. Uma lufada de ar artificialmente frio o saudou assim que abriu a porta de vidro — a biblioteca era sempre um lugar gelado, no inverno ou no verão. A sra. Fawcett girou na cadeira, em sua escrivaninha, e acenou para ele, tilintando as pulseiras metálicas.

Hely acenou também e, antes que ela o intimasse a participar do Programa de Leitura de Verão, ele passou o mais depressa que pôde sem bancar o deselegante e seguiu para a Sala de Referência. Encontrou Harriet sentada sob um retrato de Thomas Jefferson, com os cotovelos apoiados na mesa. O maior livro que já vira estava aberto na frente dela.

“Oi”, disse, puxando uma cadeira para ficar ao lado dela. Mal conseguia falar em voz baixa, de tão excitado. “Sabia que o carro de Danny Ratliff está estacionado na frente do fórum?”

Seus olhos se fixaram no livro imenso, na verdade um volume de jornais encadernados. Assustou-se ao ver na página amarelada uma foto da mãe de Harriet, de boca aberta e cabelo desgrenhado, na frente da casa dela. TRAGÉDIA NO DIA DAS MÃES, dizia a manchete. Em primeiro plano, uma figura masculina desfocada enfiava a maca na traseira de uma ambulância, mas não dava para saber o que havia nela.

“Ei”, disse mais alto, “é a *sua* casa.”

Harriet fechou o livro e apontou para o aviso de Silêncio.

“Vamos”, Hely sussurrou, gesticulando para que ela o seguisse. Sem dizer nada, Harriet empurrou a cadeira e o acompanhou.

Hely e Harriet saíram e sentiram na rua o impacto do calor e da claridade do dia. “É o carro de Danny Ratliff, eu o conheço”, Hely disse, protegendo os olhos com as mãos. “Só há um Trans Am como aquele na cidade. Se não estivesse estacionado na frente do fórum, eu encaixaria um caco de vidro debaixo do pneu.”

Harriet pensou em Ida Rhew e em Allison, em casa, com as cortinas puxadas, assistindo aquela novela estúpida com fantasmas e vampiros.

“Vamos pegar a cobra e jogar no carro dele”, ela falou.

“Nem pensar”, Hely retrucou, subitamente sensato. “Não dá para trazer a serpente até aqui no carrinho. Todo mundo vai ver.”

“Então de que adianta ter a cobra?”, Harriet disse, contrariada. “Se não for para ela o picar?”

Permaneceram nos degraus da biblioteca por algum tempo, sem falar nada. Harriet acabou suspirando e disse: “Vou entrar”.

“Espere!”

Ela virou a cabeça.

“Escute o plano que preparei.” Ele não havia preparado nada, mas sentiu necessidade de dizer isso para evitar um vexame. “Eu estava pensando... a Trans Am tem teto solar. A parte de cima abre”, acrescentou, notando o olhar inexpressivo de Harriet. “Aposto um milhão de dólares como eles pegam a County Line Road para voltar para casa. Todos os caipiras brancos moram para aquele lado, perto do rio.”

“Ele mora lá mesmo”, Harriet confirmou. “Olhei na lista telefônica.”

“Ótimo, então. Porque a cobra já está na passarela mesmo.”

Harriet fechou a cara.

“Pense bem”, Hely disse. “Não viu o noticiário da tevê outro dia, sobre os meninos de Memphis que jogavam pedras nos carros, de cima de uma passarela?”

Harriet franziu a testa. Ninguém via o noticiário em sua casa.

“Fizeram uma reportagem completa. Duas pessoas morreram. Um policial deu entrevista sugerindo aos motoristas que mudassem de pista quando vissem crianças olhando para seu carro, de viadutos e passarelas.” Ele tocou o pé de Harriet com a ponta do tênis, esperançoso. “Você não está fazendo nada mesmo... Pelo menos, vamos dar uma espiada na cobra. Quero vê-la de novo, você não quer? Cadê sua bicicleta?”

“Vim a pé.”

“Tudo bem. Levo você no guidão, se pedalar na volta.”

A vida sem Ida. Se Ida não existisse, Harriet pensou, sentada de pernas cruzadas na passarela empoeirada, sob o sol forte, se Ida não existisse eu não estaria sentindo este mal-estar. Portanto, basta fingir que nem a conheço. Simples.

A casa em si não seria diferente quando Ida partisse. Os sinais de sua presença sempre tinham sido tênues. Havia um vidro escuro de Karo que ela guardava na despensa, para pôr nos biscoitos, um copo de plástico vermelho que ela enchia de gelo nas manhãs de verão e levava consigo para se refrescar durante o dia. (Os pais de Harriet não gostavam que Ida usasse os copos de vidro da cozinha; Harriet se envergonhava só de pensar nisso.) No terraço dos fundos ficavam o avental de Ida e as latas de tabaco que serviam de sementeira para os tomates e a horta no quintal.

E era tudo. Ida trabalhava na casa de Harriet desde antes de seu nascimento. Mas quando as poucas posses de Ida sumissem — o copo de plástico, as latas de rapé, o vidro de xarope — não haveria mais sinais de sua presença ali. Pensar nisso fez Harriet se sentir muito pior. Imaginou a horta abandonada, cheia de mato.

*Vou cuidar da horta*, disse a si mesma. *Encomendarei sementes pelo correio, usando os anúncios que saem nas contracapas das revistas*. Ela se viu com chapéu de palha e roupa de jardinagem, como o traje marrom que Edie usava, pisando com força na pá. Edie cultivava flores: os vegetais não deviam ser muito diferentes. Edie a ensinaria a cuidar deles, Edie provavelmente ficaria contente em saber que se interessava por uma atividade útil...

As luvas vermelhas surgiram em sua mente, e a lembrança delas despertou o medo, a confusão e o vazio, numa onda avassaladora que a engolfou como o calor. O único presente que Ida lhe dera, e o perdera...

Não, disse a si mesma, vou achar as luvas, *não pense nisso agora, pense em outra coisa...*

Em quê? No quanto seria famosa um dia, como uma premiada especialista em botânica. Ela se imaginou como George Washington Carver, caminhando de jaleco branco por entre os canteiros de flores. Seria uma cientista brilhante, mas muito humilde, recusaria pagamento pelas muitas invenções geniais.

Tudo parecia diferente na passarela durante o dia. Os pastos não eram verdes, mas amarelados e marrons, com trechos de terra avermelhada onde o gado esmagara a grama. Ao longo das cercas de arame farpado havia madressilvas aos montes, misturadas com sumagre venenoso. Adiante, um trecho desértico no qual se erguia apenas um celeiro abandonado — tábuas cinzentas, teto metálico enferrujado, como um navio naufragado encalhado na praia.

A sombra dos sacos de cimento empilhados era surpreendentemente longa e fresca — e o próprio cimento era frio em suas costas. *A vida inteira, pensou, me recordarei deste dia e de como eu me sinto.* Do outro lado do morro, fora da vista, uma máquina agrícola roncava monótona. No céu planavam urubus, como pipas pretas. O dia em que perdeu Ida estaria para sempre vinculado àquelas asas negras voando no céu sem nuvens, aos pastos sem sombra e ao ar seco como vidro.

Hely — de pernas cruzadas no pó esbranquiçado — estava sentado à sua frente, encostado na mureta, lendo uma revista em quadrinhos cuja capa mostrava um presidiário de roupa listada rastejando pelo cemitério apoiado nas mãos e nos joelhos. Sonolento, depois de ter passado cerca de uma hora vigiando atentamente, de joelhos, sibilando *sssh! sshh!* sempre que um caminhão passava.

Com esforço, ela concentrou de novo os pensamentos na horta. Seria a horta mais bonita do mundo, com árvores frutíferas, cercas vivas ornamentais, repolhos dispostos artisticamente: acabaria por ocupar o quintal inteiro, e também o da sra. Fountain. As pessoas parariam os

carros quando passassem e pediriam para visitá-la. O jardim em memória de Ida Rhew Brownlee... em memória não, ela corrigiu depressa, pois parecia que Ida estava morta.

De repente, um dos urubus desceu; como se estivessem presos à mesma linha, outros dois o acompanharam, para devorar um rato-do-mato ou uma marmota atropelado pelo trator. Um carro se aproximava à distância, ainda indefinido no ar trêmulo. Harriet protegeu os olhos com as mãos. Após um momento, chamou: “Hely!”.

O gubi foi jogado de lado, o vento virando suas páginas. “Tem certeza?”, ele disse, erguendo-se para espiar. Ela já havia dado dois alarmes falsos.

“É ele”, Harriet disse, engatinhando na poeira branca até a mureta oposta, onde estava a caixa, sobre quatro sacos de cimento.

Hely forçou a vista para identificar o carro. Brilhava no horizonte, deixando uma trilha de fumaça de escapamento e pó. Pela lentidão não parecia ser o Trans Am, mas quando ia dizer isso o sol bateu em cheio no capô, refletindo a cor de bronze metálico. Através do calor oscilante divisou a grade reluzente: brilhante, cara de tubarão, inconfundível.

Ele se escondeu atrás da mureta. Os Ratliff usavam pistolas; por alguma razão só se lembrou disso naquele instante. Ele se arrastou para ajudá-la. Juntos viraram a caixa de lado, para que a tela ficasse de frente para a estrada. No primeiro alarme falso eles se atrapalharam, tateando cegamente a frente telada em busca da tranca, tão confusos que o carro passou direto; agora, a tranca estava aberta e apenas um palito de sorvete prendia a tampa, de modo que podiam abri-la sem problemas.

Hely olhou para trás. A Trans Am vinha em sua direção — assustadoramente lenta. *Ele nos viu, só pode ser isso*. Mas o carro não parou. Nervoso, ele olhou para a caixa, que estava apoiada na mureta, acima da cabeça deles.

Harriet, respirando como se sofresse de asma, olhou por cima do ombro. “Agora...”, ela disse. “Vamos lá... um, dois...”

O carro sumiu debaixo da ponte; ela soltou a tranca; o mundo entrou em câmera lenta quando eles, num esforço conjunto, viraram a caixa. A naja deslizou e virou, balançando o rabo na tentativa de se equilibrar, enquanto vários pensamentos passavam simultaneamente pela cabeça de Hely: em primeiro lugar, como iam fugir dali. Conseguiriam vencer Danny Ratliff na corrida? Pois sem dúvida ele ia parar — qualquer idiota faria isso, se uma cobra caísse no teto de seu carro — e persegui-los...

O concreto roncou sob seus pés quando a naja escorregou e caiu no vazio; Harriet se levantou, com as mãos na beirada e uma expressão dura na face, como a dos meninos da oitava série. “Bomba a caminho”, disse.

Eles se debruçaram sobre o parapeito para olhar. Hely sentiu tontura. A naja se retorcia no ar, descendo na direção do asfalto. *Erramos*, pensou, observando a estrada vazia, e bem naquele momento a Trans Am — com o teto solar aberto — passou por baixo da passarela, diretamente sob a serpente em queda livre...

Vários anos antes, Pem estava arremessando bolas de beisebol para Hely, na rua, em frente à casa da avó deles: uma casa antiga com uma parte nova, moderna, quase toda de vidro, na Parkway, em Memphis. “Rebata a bola além daquela janela”, disse Pem, “e eu lhe darei um milhão de dólares.” “Está bem”, Hely respondeu, e preparou o taco sem pensar. Acertou a bola, *crac*, e a mandou tão longe que o queixo de Pem caiu quando a viu subir bem alto e longe, longe, sem se desviar do rumo, indo se chocar direto contra a janela, *bang*, e praticamente caindo no colo da avó, que falava ao telefone — por azar, com o pai de Hely. Era uma chance em um milhão, algo impossível. Hely não era bom de beisebol, sempre era o último a ser escolhido para um time, exceto pelos gays e retardados; nunca rebatera uma bola com tamanha força e pontaria, tanto que largou o taco no chão para olhar, estupefato, a bola descrevendo um arco no céu e indo bater direto no vidro da varanda envidraçada da casa da avó...

O mais incrível é que ele *sabia* que a bola ia quebrar a janela, sentiu isso no instante em que ela tocou no bastão; enquanto a via seguir para o vidro do meio como um míssil teleguiado, não teve tempo de sentir nada, exceto uma imensa alegria, e por um momento, antes de ela bater no vidro, o alvo distante e impossível, Hely e o beisebol tornaram-se uma só entidade, como se ele guiasse a bola mentalmente, como se Deus, por alguma estranha razão, lhe tivesse dado absoluto controle mental sobre o objeto inanimado que seguia velozmente rumo a seu alvo inevitável, *plaft, pimba, banzai...*

Apesar da confusão imediata (choro, surra), aquele se tornou um dos momentos mais satisfatórios de sua vida. E foi com a mesma incredulidade — e terror, e excitação, e assombro total de cair o queixo por conta dos poderes todos do universo que se juntaram e agiram simultaneamente, convergindo impossíveis — que Hely viu a naja de um metro e meio entrar meio torta pelo teto solar, em diagonal, de modo que o rabo pesado caiu de repente dentro da Trans Am, puxando o resto do corpo atrás de si.

Hely — incapaz de se conter — pulou e desferiu um soco no ar: “Rá!”. Gritando e pulando feito um demônio, pegou o braço de Harriet e o sacudiu, apontando para a Trans Am, que freou estrepitosamente e atravessou para a outra pista. Levantando uma nuvem de poeira, ela chegou ao acostamento de cascalho, que chiou sob os pneus.

A picape parou. Antes que qualquer um dos dois pudesse se mexer ou dizer algo, a porta se abriu. Mas Danny Ratliff não saiu, e sim uma criatura que parecia uma múmia ambulante: frágil, assexuada, envolta num conjunto medonho cor de mostarda. Debilmente, agitou os braços, cambaleou pela estrada e parou. Recuou alguns passos, na direção oposta. Aiiieeeeeeeee, uivou. Seus gritos eram agudos e estranhamente desanimados, levando-se em consideração que a serpente se enrolara no ombro da criatura: um metro e meio de corpo cilíndrico preto pendendo da cabeça (máscara em forma de dois olhos claramente visível), acabando

numa ponta estreita e assustadoramente ativa, que se agitava, levantando uma nuvem de poeira vermelha.

Harriet parou, atônita. Embora houvesse antecipado claramente o momento, algo saíra do previsto, como se ela estivesse acompanhando tudo através de uma luneta invertida — gritos remotos e inumanos, gestos lentos, demorados, como num horror ritual. Impossível retornar agora, pegar os brinquedos, derrubar as peças do tabuleiro e recomeçar o jogo de xadrez.

Ela deu meia-volta e saiu correndo. Atrás dela, ruídos e uma lufada de ar. Logo a bicicleta de Hely a ultrapassou, saltou a rampa e saiu em disparada pela estrada — cada um por si agora. Hely, recurvado como um dos Macacos Alados de *O Mágico de Oz*, pedalava furiosamente.

Harriet correu, o coração disparado, enquanto os gritos da criatura (*aiiii... aiii...*) ecoavam ao longe, incongruentes. O céu estava claro, brilhante, assassino. Cruzar o acostamento... isso, pela grama, depois passar o mourão da cerca com o aviso Entrada Proibida e metade do pasto... O que eles pretendiam, o que conseguiram acertar na claridade cegante da passarela não foi tanto o carro, mas um ponto sem volta: o tempo tornou-se um espelho retrovisor, o passado em fuga para o infinito. Correr poderia levá-la adiante, poderia levá-la até para casa; mas não poderia levá-la de volta para trás — nem dez minutos, nem dez horas, nem dez dias, nem dez anos. E isso era dureza, como Hely costumava dizer. Dureza, pois retornar era o que ela mais queria, já que o passado era o único lugar onde desejava estar.

Satisfeita com o calor e a vegetação similares aos de sua terra natal, a naja deslizou pelo capim alto do pasto rumo às fábulas e lendas locais. Na Índia, ela havia caçado na periferia das vilas e áreas cultivadas (esgueirando-se para dentro dos celeiros ao crepúsculo, para caçar ratos), e se adaptou, diligente, aos barracões, paióis e lixeiras de seu novo lar. Nos

anos seguintes, fazendeiros, caçadores e bêbados veriam a naja; caçadores de curiosidades tentariam capturar, fotografar ou matar o bicho; e haveria muitos, muitos mesmo, relatos de mortes misteriosas de quem se atrevia a cruzar seu caminho silencioso e solitário.

“Por que não estava com ela?”, Farish indagou na sala de espera da Unidade de Terapia Intensiva. “Era só isso que eu queria saber. Pensei que sua responsabilidade era levá-la de carro para casa.”

“Como eu ia saber que ela saiu mais cedo? Deveria ter me procurado no salão de bilhar. Quando voltei ao fórum, às cinco da tarde, ela já tinha ido embora.” *E me deixou para trás*, Danny sentiu vontade de dizer, mas não disse. Ele precisou ir a pé até o lava-rápido e pedir que Catfish o levasse para casa.

Farish respirava ruidosamente, pelo nariz, como sempre fazia quando estava a ponto de perder a calma. “Tudo bem, mas você devia ter ficado lá, esperando por ela.”

“No fórum? Lá fora, no carro? O dia inteiro?”

Farish soltou um palavrão. “Eu devia ter levado ela”, disse, dando as costas. “Estava na cara que ia acontecer algo do gênero.”

“Farish”, Danny começou a dizer, mas mudou de idéia. Era melhor não lembrar a Farish que ele não sabia dirigir.

“Por que não a levou no caminhão?”, Farish perguntou. “Explique isso.”

“Ela falou que o caminhão era muito alto, para ela subir. *Muito alto*”, Danny repetiu, quando uma sombra de desconfiança toldou o rosto de Farish.

“Eu já tinha escutado”, Farish disse, encarando Danny por um momento longo, constrangedor.

Gum estava na terapia intensiva, com duas agulhas nas veias e um monitor cardiorrespiratório. Um motorista de caminhão que passava pela estrada a tinha trazido ao hospital. Aproximara-se bem a tempo de ver a

surpreendente cena de uma senhora idosa cambaleando no meio da pista com uma naja enrolada no ombro. Ele parou, desceu e enfrentou a cobra com um pedaço de dois metros de mangueira de plástico flexível para irrigação que levava na carroceria do caminhão. Quando conseguiu libertar a velha, a cobra fugiu para o mato — mas, sem dúvida, relatou ao médico do pronto-socorro quando chegou com Gum, era uma naja, com capelo, máscara em forma de olhos e tudo mais. Ele conhecia bem aquela serpente, disse, por causa da ilustração na caixa de cartuchos.

“É como os tatus e as abelhas assassinas”, comentou o motorista do caminhão — sujeito atarracado de rosto vermelho sorridente — quando o dr. Breedlove consultava o capítulo dos répteis peçonhentos no livro de medicina. “Chegam aqui vindos do Texas e escapam para o mato.”

“Se estiver dizendo a verdade”, comentou o dr. Breedlove, “ela veio de muito mais longe, não do Texas.”

O dr. Breedlove conhecia a sra. Ratliff do pronto-socorro, que ela freqüentava muito. Um dos paramédicos mais jovens a imitava com perfeição impressionante: mão no peito, resmungando ordens aos netos enquanto descia cambaleando da ambulância. A história da naja devia ser alucinação, mas — por incrível que pareça — os sintomas da velha senhora eram compatíveis com picada de cobra, mas não guardavam nenhuma semelhança com os quadros de vítimas das serpentes nativas. As pálpebras caíram; a pressão sangüínea baixou; ela se queixava de dores no peito e dificuldade para respirar. Não havia inchaço considerável no local da picada, como ocorre com picadas de cascavéis. Pelo jeito, as presas não haviam penetrado muito fundo. O enchimento da blusa, no ombro, impedira que se enterrassem para valer no ombro da velha.

O dr. Breedlove lavou as mãos rosadas imensas e saiu para falar com os netos reunidos do lado de fora da UTI, num grupo melancólico.

“Ela apresenta sintomas neurotóxicos”, disse. “Ptose, dificuldade respiratória, queda da pressão sangüínea, ausência de edema localizado.

Estamos monitorando sua condição desde a chegada, pois talvez seja preciso entubá-la e colocá-la em um aparelho de respiração artificial.”

Os netos — assustados — o olharam desconfiados, enquanto o menino com cara de retardado acenava com entusiasmo para o dr. Breedlove. “Oi!”, disse.

Farish deu um passo à frente, para deixar claro quem mandava.

“Cadê ela?” Avançou para falar com o médico. “Quero ver minha avó.” E seguiu adiante.

“Lamento, *senhor*. Infelizmente, isso é impossível. Senhor! Por favor, precisa voltar para a sala de espera imediatamente.”

“Cadê ela?”, Farish repetiu, parado no meio dos tubos, equipamentos e máquinas que apitavam.

O dr. Breedlove bloqueou sua passagem. “Senhor, ela está descansando confortavelmente.” Experiente, com a ajuda de dois atendentes, ele escoltou Farish para fora da UTI. “Ela não pode ser incomodada agora. Não há nada que possa fazer por ela. Temos uma sala onde pode esperar, se quiser. *Ali*.”

Farish o repeliu. “O que estão fazendo por ela?”, disse, como se nada fosse suficiente.

O dr. Breedlove retomou sua explicação didática sobre o monitor cardiorrespiratório e a ptose e a falta de edema local. O que ele não disse foi que o hospital não dispunha de soro para picadas de naja, nem de meios de consegui-lo. Os últimos minutos de consulta ao livro de medicina elucidaram as dúvidas do dr. Breedlove sobre um tema que não havia sido abordado no curso de medicina. Para picadas de naja, apenas o soro específico funcionava. Mas só os zoológicos das grandes cidades e centros de pesquisa científica o mantinham em estoque, e o soro precisava ser administrado nas primeiras horas após o ataque, caso contrário era inútil. Portanto, a velha senhora estava por sua própria conta. A picada de naja, dizia o livro, era fatal em dez a cinquenta por cento dos casos. Havia uma margem bem grande, principalmente porque as estatísticas não

especificavam se os casos de sobreviventes haviam sido tratados ou não. Além disso, ela era velha e sofria de uma série de doenças, além da picada da cobra. O prontuário dela tinha dois dedos de grossura. Se fosse obrigado a fazer um prognóstico a respeito da sobrevivência dela até a manhã seguinte — ou até a hora seguinte —, o dr. Breedlove não teria a menor idéia de qual seria.

Harriet desligou o telefone, subiu para o quarto da mãe — sem bater — e aproximou-se do pé da cama. “Amanhã vou para o Acampamento Lake de Selby”, anunciou.

A mãe de Harriet ergueu os olhos do exemplar da revista das ex-alunas de Ole Miss. Estava devaneando enquanto lia o perfil de uma antiga colega de classe que trabalhava no Capitólio, num serviço complicado que Charlotte não conseguira entender direito.

“Liguei para Edie. Ela vai me levar para lá de carro.”

“Como é?”

“O segundo grupo já começou, e disseram a Edie que era contra o regulamento. Mesmo assim, eles me aceitaram. Deram até um desconto.”

Ela aguardou, impassível. A mãe não disse nada; pouco importava o que teria a dizer — se é que teria —, pois o assunto já estava totalmente nas mãos de Edie. Por mais que odiasse o Acampamento de Selby, era melhor do que o reformatório ou a cadeia.

Harriet ligara para a avó por puro pânico. Tinha ouvido as sirenes ao descer a Natchez Street — não sabia se eram da polícia ou da ambulância — antes de chegar em casa. Ofegante, mancando, sentindo cãibras nas pernas e dor no peito, Harriet se trancou no banheiro de baixo, tirou a roupa e a jogou no cesto. Depois, tomou um banho. Em vários momentos — enquanto permanecia sentada rigidamente na banheira, observando os facho de luz tropical que entravam pela veneziana — ouvira o som de vozes na porta da frente. O que faria se fosse a polícia?

Petrificada de pavor, esperando que alguém batesse na porta do banheiro a qualquer momento, Harriet continuou sentada na banheira até a água esfriar. Assim que saiu do banho e se enxugou, ela se vestiu e foi na ponta dos pés até a sala da frente para espiar pelas cortinas de renda, mas não viu ninguém na rua. Parecia que vários anos haviam transcorrido, mas foram apenas quarenta e cinco minutos.

Tensa, Harriet ficou na sala, olhando pela janela. Depois de algum tempo cansou-se de ficar ali parada, mas não conseguia reunir forças para subir e começou a andar de um lado para outro, entre a entrada e a sala. Ouvia sirenes outra vez; por um momento que a deixou sem ar, pensou que se aproximavam da George Street. No meio da sala, apavorada demais para se mexer, esperou um pouco, até que seus nervos sossegaram e ela pôde ligar para Edie — sem fôlego, depois de levar o telefone até a entrada de luz lateral, protegida pela cortina de renda, para seguir vigiando a rua enquanto conversavam.

Edie, a bem da verdade, agiu com uma rapidez maravilhosa, tão depressa que Harriet quase sentiu voltar um pouquinho da afeição por ela. Não fez nenhuma pergunta quando Harriet gaguejou que mudara de idéia a respeito do acampamento da igreja e que queria ir para lá o quanto antes. A avó telefonara imediatamente para o Acampamento de Selby e, devido à relutância inicial de uma atendente mal-educada, exigiu falar diretamente com o dr. Vance. A partir daí, foi fácil tomar todas as providências, e quando ligou de volta — em dez minutos — passou a lista do que deveria ser levado, avisou que já pedira a permissão para o esqui aquático e reservara a cama de cima em Chickadee Wigwam. Apanharia Harriet em casa às seis da manhã do dia seguinte. Não se esquecera do acampamento, como Harriet imaginava; simplesmente se cansara de insistir para que Harriet fosse, pois a mãe não a apoiava nessas questões. Edie se convencera que o problema de Harriet era não conviver mais com outras crianças, principalmente batistas normais, e Harriet — com esforço — manteve-se em silêncio enquanto ela comentava entusiasmada que

Harriet se divertiria muito. E que um pouco de disciplina e convívio cristão fariam milagres por ela.

O silêncio no quarto da mãe de Harriet era ensurdecedor. “Bem”, Charlotte disse, deixando a revista de lado, “essa foi inesperada. Pensei que tivesse sofrido horrores no acampamento do ano passado.”

“Vamos sair antes de você acordar. Edie quer pegar a estrada bem cedo. Achei melhor avisar você.”

“Por que a mudança de atitude?”, Charlotte perguntou.

Harriet deu de ombros, insolente.

“Bem... estou orgulhosa de você.” Charlotte não sabia mais o que dizer. Harriet, a mãe percebeu, estava muito queimada de sol e magra; *com quem* se parecia, com aquele queixo pontudo e o cabelo preto liso?

“Andei pensando”, disse em voz alta, “no que pode ter acontecido com aquele livro sobre a infância de Hiawatha que tínhamos aqui em casa.”

Harriet olhou para o lado — na direção da janela, como se esperasse alguém.

“É importante...”, Charlotte tentou retomar o assunto, desajeitada. *São os braços cruzados na altura do peito, pensou, e o corte do cabelo.* “Quero dizer, é bom para você se interessar... por alguma coisa.”

Allison esperava do lado de fora do quarto da mãe — escutava a conversa, Harriet desconfiou. Ela seguiu Harriet pelo corredor e parou na frente do quarto delas quando Harriet abriu a gaveta da cômoda e tirou as meias esportivas, a roupa de baixo e a camiseta verde do Acampamento de Selby do verão anterior.

“O que andou aprontando?”, perguntou.

Harriet parou. “Nada”, disse. “Por que acha que aprontei alguma coisa?”

“Você está agindo como quem se meteu numa encrenca.”

Após uma longa pausa — com o rosto afogueado — Harriet retomou a escolha das roupas.

Allison disse: “Quando você voltar Ida não estará mais aqui”.

“Não me importo.”

“Esta é a última semana dela em nossa casa. Se viajar, nunca mais a verá.”

“E daí?”, Harriet disse, jogando os tênis dentro da mochila. “No fundo ela não gosta da gente.”

“Sei disso.”

“Então, por que devo me importar?”, Harriet retrucou, impassível, embora sentisse um aperto no peito.

“Porque nós a amamos.”

“Eu não”, Harriet disse depressa. Fechou o zíper da mochila e a atirou sobre a cama.

Embaixo, Harriet pegou uma folha de papel de carta na mesa da entrada, e na luz que fugia escreveu o seguinte bilhete:

Caro Hely,

Vou para o acampamento amanhã. Espero que o resto do verão seja legal para você. Talvez a gente fique na mesma classe quando for para a sétima série, no ano que vem.

Sua amiga,  
Harriet C. Dufresnes

Mal terminara, o telefone tocou. Harriet decidiu não atender, mas mudou de idéia após três ou quatro toques. Cautelosamente, tirou o fone do gancho.

“*Cara*”, Hely disse, com a voz trêmula e fraca, no telefone-capacete de futebol americano. “Ouvii as sirenes agora mesmo?”

“Escrevi uma carta para você”, Harriet disse. O vestibulo dava a impressão de inverno, e não de agosto. A luz entrava pelo terraço coberto de trepadeiras, varava débil a cortina lateral e a bandeira da porta e chegava fraca, cinzenta. “Eddie vai me levar ao acampamento amanhã.”

“De jeito nenhum!” Ele dava a impressão de falar do fundo do oceano.  
“Não vá! Você perdeu a cabeça?”

“Não pretendo ficar aqui.”

“Vamos fugir juntos!”

“Não posso.” Com o dedo do pé, Harriet fez uma marca brilhante na poeira — imaculada, como a penugem que cobre uma ameixa-preta — sobre o pedestal curvo de pau-rosa que apoiava a mesa.

“E se alguém nos viu? Harriet?”

“Estou escutando”, Harriet disse.

“E o meu carrinho?”

“Não sei”, Harriet disse. Já tinha pensado no carrinho de Hely. Continuava lá, na passarela, assim como a caixa vazia.

“Acha melhor eu voltar para buscá-lo?”

“Não. Alguém pode vê-lo. Não tem seu nome escrito nele, tem?”

“Não. Nunca o uso. Harriet, quem era aquela pessoa?”

“Não sei.”

“Parecia muito velha. A pessoa.”

Seguiu-se um silêncio tenso, adulto, diferente dos silêncios habituais entre eles, quando um acabava de falar e esperava cordialmente que o outro dissesse algo.

“Preciso desligar”, Hely disse. “Minha mãe está fazendo tacos para o jantar.”

“Certo.”

Eles continuaram na linha, respirando. Harriet na entrada escura e mofada da casa, Hely na cama de cima do beliche, em seu quarto.

“O que aconteceu com aqueles meninos que você mencionou?”, Harriet perguntou.

“Como é?”

“Os meninos do noticiário de Memphis. Os que jogaram pedras de cima da passarela.”

“Ah, aqueles. Foram apanhados.”

“E o que fizeram com eles?”

“Sei lá. Acho que foram parar na cadeia.”

Seguiu-se outro longo silêncio.

“Vou mandar um cartão-postal. Assim você terá algo para ler quando distribuirmos a correspondência”, Hely disse. “Se acontecer alguma coisa, eu lhe conto.”

“Não faça isso. *Não ponha nada no papel.* Não toque nesse assunto.”

“Não vou contar a ninguém!”

“Sei que não vai contar”, Harriet retrucou, irritada. “Só estou dizendo para não tocar no assunto.”

“Bem, não vou contar para qualquer um.”

“Não vai contar para ninguém! Sabe, você não pode sair por aí contando isso para caras como... como... *Greg DeLoach.* Falo sério, Hely”, ela disse, ignorando os protestos. “Prometa que não vai contar a ele.”

“Greg mora em Hickory Circle. Nunca o encontro, a não ser na escola. Além disso, *Greg* jamais nos denunciaria. Tenho certeza.”

“Bem, de qualquer forma é melhor não dizer nada a ele. Pois se contar a uma pessoa que seja...”

“Eu queria ir com você. Queria ir para *qualquer lugar*”, Hely disse, desesperado. “Estou morrendo de medo. Acho que nós jogamos a cobra na avó do Curtis.”

“Preste atenção. Quero que me prometa. Não conte a *ninguém.* Porque...”

“Se for a avó de Curtis, então ela é avó dos outros também. De Danny, de Farish e do pregador.” Para surpresa de Harriet, ele soltou uma gargalhada aguda, histérica. “*Aqueles caras vão me matar!*”

“Isso mesmo”, Harriet disse, séria. “Portanto, não pode contar a ninguém, *nunca.* Se você não contar, e eu não contar...”

Intuindo algo, ela ergueu a cabeça — e levou um susto enorme ao ver Allison parada na porta da sala, a poucos metros.

“Acho um saco essa história de você viajar”, Hely disse, e sua voz soava distante do outro lado. “Nem consigo acreditar que você vai para aquele acampamento batista medonho.”

Harriet, virando-se para a irmã, emitiu um som ambíguo, para indicar que não podia falar à vontade, mas Hely não entendeu.

“Eu queria poder ir a algum lugar. Íamos tirar férias nas Smoky Mountains este ano, mas papai disse que não quer aumentar muito a quilometragem do carro. Acha que pode me deixar algumas moedas, assim posso telefonar, se for preciso?”

“Não tenho dinheiro.” Típico de Hely: tentar cavar um dinheirinho dela, embora só ele recebesse mesada. Allison havia desaparecido.

“Espero que não tenha sido a avó dele. Tomara que não tenha sido ela, tomara.”

“Preciso desligar.” Por que a luz estava tão tristonha? O coração de Harriet doía, como se estivesse se partindo. No espelho do lado oposto, no meio do reflexo embaçado da parede (reboco rachado, fotos escuras, candeeiro de um dourado fosco), flutuava uma nuvem de poeira preta.

Ela ainda ouvia a respiração entrecortada de Hely do outro lado. Nada na casa de Hely era triste — tudo sempre alegre e colorido, a televisão sempre ligada —, mas agora a respiração dele parecia tragicamente alterada, quando viajava pela linha telefônica até chegar à sua casa.

“Minha mãe quer que a senhorita Erlichson seja minha professora quando eu começar a sétima série no outono”, Hely disse. “Por isso, acho que não vamos nos ver muito, quando as aulas começarem.”

Harriet emitiu um som de indiferença, disfarçando a dor que sentiu com essa traição. A amiga de longa data de Edie, a sra. Clarence Hackney (apelido: “Cabeça de Machado”), fora professora de Harriet na sétima série, e seria novamente na oitava. Mas, se Hely havia escolhido a srta. Erlichson (mais moça, loura e nova na escola), isso significava que Hely e Harriet fariam seus trabalhos em salas separadas, teriam horários de lanche diferentes, salas diferentes, tudo diferente.

“A senhorita Erlichson é legal. Minha mãe disse que não ia de jeito nenhum submeter outro filho a mais um ano com a senhora Hackney. Ela deixa a gente fazer a lição sobre qualquer assunto, e... tá bom”, disse Hely em resposta a uma voz inaudível. Para Harriet, falou: “Hora do jantar. Mais tarde a gente conversa”.

Harriet continuou sentada, segurando o fone preto até ouvir o sinal de discar do outro lado. Ela o recolocou no gancho com um estalo. Hely — com sua voz aguda, alegre, seus planos para a turma da srta. Erlichson —, até Hely percebeu que algo se perdera ou estava a ponto de ser perdido, numa impermanência como a dos vaga-lumes e do verão. A luz praticamente sumira da entrada. E sem a voz de Hely — fraca, fina — para suavizar sua tristeza, a dor escureceu e rugiu como uma cachoeira.

Hely! Ele vivia num mundo agitado, colorido, cheio de gente, onde tudo era moderno e brilhava: batatas chips e Ping-Pong, som estéreo e refrigerantes, mãe de camiseta e jeans cortados correndo descalça pelo carpete. Até o cheiro de lá era novo e cítrico — nada a ver com sua casa escura, pesada e malcheirosa, com suas memórias bolorentas e fedorentas de roupa suja e pó. Por acaso Hely se importava com sua solidão e seu frio, enquanto comia tacos no jantar e se preparava para a turma da srta. Erlichson na volta às aulas? O que ele sabia de seu mundo?

No futuro, quando Harriet se lembrava daquele dia, tinha certeza de que fora o instante exato, cristalino, científico em que sua vida trilhara o caminho da melancolia. Nunca fora feliz ou contente para valer, mas estava despreparada para as trevas desconhecidas que a aguardavam. Pois, pelo resto da vida, Harriet se lembraria, com um arrepio, que não tivera coragem suficiente para ficar mais uma tarde — a última de todas as tardes! — sentada ao pé da poltrona de Ida, com a cabeça em seu colo. Sobre o que teriam conversado? Ela jamais saberia. Sofreria ao se lembrar que fugira, covarde, antes que a última semana de serviço de Ida terminasse; sofreria porque todo o mal-entendido, ironicamente, fora culpa dela; sofreria terrivelmente por não ter dado adeus a Ida. Mas, acima

de tudo, sofreria por ter sido orgulhosa demais para dizer a Ida que a amava. Por causa da raiva e do orgulho ferido, deixara de levar em conta que jamais veria Ida novamente. Uma vida nova e medonha envolvia Harriet naquela casa escura, ao lado da mesinha de telefone; e embora lhe parecesse nova no momento, em poucas semanas seria uma vida horrivelmente familiar.

## 6. O funeral

“A hospitalidade era primordial naquele tempo”, disse Edie. Sua voz — clara, declamatória — superou sem esforço o vento quente que soprava pelas janelas do carro; majestosa, sem se dar o trabalho de sinalizar, ela passou para a faixa da esquerda, fechando um caminhão carregado com toras de madeira.

O Oldsmobile era um dinossauro ambulante, um estupendo e curvilíneo paquiderme. Edie o adquirira na loja de usados Colonel Chipper Dee’s, em Vicksburg, na década de 1950. Uma extensão vasta de banco vazio separava Edie, ao volante, de Harriet, apoiada na porta do passageiro. Entre elas — ao lado da bolsa de palha com alça de madeira de Edie — havia uma garrafa térmica xadrez com café e uma caixa de donuts.

“Em Tribulation, os primos de mamãe apareciam sem avisar e passavam semanas conosco, sem que ninguém estranhasse”, Edie dizia. O limite de velocidade era oitenta, mas ela seguia em sua velocidade normal de cruzeiro, sessenta quilômetros por hora.

Pelo espelho, Harriet via o motorista do caminhão de madeira dar tapas na testa e gesticular impaciente com a mão espalmada.

“Não estou falando dos primos de Memphis”, disse Edie, “e sim dos primos de Baton Rouge. A senhorita Ollie, Jules e Mary Willar. E a tia Fluff!”

Harriet olhava pela janela, desconsolada: serrarias e pinheirais se erguiam absurdos na luz matinal. O vento quente e poeirento jogava o cabelo no rosto, farfalhava monótono num pedaço de revestimento

descolado no teto, estalava no celofane da caixa de donuts. Sentia sede — e fome também —, mas não havia nada para beber exceto café, e os donuts estavam velhos, ressecados. Edie sempre comprava donuts velhos, embora fossem apenas alguns centavos mais em conta que os frescos.

“O tio de mamãe tinha uma pequena fazenda perto de Covington — chamava-se Angevine”, disse Edie, puxando um guardanapo com a mão livre; com modos que só poderiam ser considerados régios, no caso de reis acostumados a comer com as mãos, ela pegou um donut e deu uma mordida enorme. “Libby costumava levar nós três para lá, no antigo trem Número 4. Passávamos semanas a fio! A senhorita Ollie tinha uma casinha de boneca no quintal, com fogão de madeira, mesa e cadeiras, e gostávamos de brincar naquela casinha mais do que qualquer outra coisa!”

A parte de baixo das pernas de Harriet grudara no banco do carro. Irritada, mudou de posição, tentando ficar mais confortável. Viajavam havia três horas sob o sol alto e forte. De quando em quando, Edie pensava em trocar o Oldsmobile — por um veículo com ar-condicionado e com um rádio que funcionasse —, mas sempre mudava de idéia no último minuto, em geral pelo prazer secreto de observar Roy Dial torcer as mãos e dançar em volta dela, angustiado. O sr. Dial ficava louco da vida de ver uma senhora batista da velha cepa, como Edie, circular pela cidade num carro com vinte anos de uso; às vezes, quando chegavam carros novos, ele passava na casa de Edie no final da tarde e deixava um carro para “teste”, sem que ninguém pedisse. Em geral, um Cadillac luxuoso. “Ande com ele por alguns dias”, sugeria, erguendo as mãos. “Veja que beleza.” Edie o atormentava cruelmente, fingindo estar apaixonada pelo carro emprestado, e quando o sr. Dial já ia preparando toda a papelada ela o devolvia, repentinamente incomodada com a cor ou com o vidro elétrico. Ou encontrava um defeito irrisório, como um barulho no painel ou uma trava de porta muito dura.

“Ainda consta Estado Hospitaleiro nas placas dos carros do Mississippi, mas na minha opinião a verdadeira hospitalidade sumiu daqui na

primeira metade deste século. Meu bisavô se opôs frontalmente à construção do antigo Alexandria Hotel, antes da guerra”, disse Edie, erguendo a voz para superar a buzina estridente do caminhão em sua rabeira. “Ele disse que teria o maior prazer em hospedar qualquer viajante respeitável que chegasse à cidade.”

“Edie, o sujeito aí atrás está buzinando para você.”

“Que buzine”, disse Edie, tranqüila em sua velocidade de cruzeiro.

“Acho que ele quer passar.”

“Não lhe fará mal algum reduzir um pouco a velocidade. Para que tanta pressa, se está transportando troncos?”

A paisagem — morros argilosos secos, pinheirais intermináveis — era tão descarnada e inóspita que o estômago de Harriet doía. Cada olhada a lembrava de que estava longe de casa. Mesmo as pessoas que passavam de carro pareciam diferentes: queimadas de sol, com rostos largos, gordos, trajes de fazendeiro, nada a ver com os habitantes de sua cidade.

Passaram por um pequeno aglomerado de estabelecimentos comerciais: Freelon Spraying Co., Tune’s AAA Transmission, New Dixie Stone e Gravel. Um senhor negro, idoso e frágil de macacão e boné laranja de caçador caminhava lentamente pelo acostamento da rodovia, levando um saco de papel pardo com compras. O que Ida pensaria quando chegasse para trabalhar e descobrisse que ela não estava? Devia estar chegando neste momento; o coração de Harriet acelerou um pouco, quando pensou nisso.

Fios telefônicos formando barriga de um poste a outro; pequenas plantações de milho e de couve; barracos com acesso de terra batida. Harriet encostou a testa no vidro morno. Talvez Ida se desse conta do quanto os sentimentos de Harriet foram feridos; talvez percebesse que não deveria ameaçar ir embora sempre que ficava irritada com uma coisa ou outra... Um homem negro de meia-idade e de óculos atirava ração para as galinhas, usando uma lata de Crisco; solene, ergueu a mão para o carro, e

Harriet acenou de volta com tanto entusiasmo que ficou meio envergonhada.

Harriet preocupava-se com Hely também. Embora ele tivesse quase certeza de que seu nome não constava no carrinho, ela não gostava de pensar que o brinquedo continuava lá, esperando que alguém o encontrasse. A idéia do que aconteceria se a partir dele localizassem Hely lhe dava náuseas. *Não pense nisso, não pense nisso*, disse com seus botões.

O carro seguia adiante. Os barracos deram lugar a novas matas e campos planos ocasionais que cheiravam a pesticida. Numa clareira pequena e suja, uma mulher branca gorda de blusa castanha e shorts, com um pé engessado, pendurava roupas molhadas no varal, ao lado do trailer que lhe servia de casa; olhou para o carro mas não acenou.

De repente, Harriet foi arrancada de seu devaneio pelo guincho do freio e uma curva que fez virar a caixa de donuts. Edie dobrara à direita — no meio do trânsito — e entrara na estradinha de terra esburacada que conduzia ao acampamento.

“Perdão, querida”, disse Edie, airoso, estendendo o braço para endireitar a bolsa. “Não sei por que fazem placas tão pequenas, a gente só consegue ler quando já está em cima delas...”

Em silêncio, sacudiram pela estradinha coberta de cascalho. Um batom prateado rolou pelo assento. Harriet o pegou antes que caísse no chão — *Cerejas na Neve*, dizia o rótulo — e o guardou de volta na bolsa de palha de Edie.

“Já estamos na comarca de Jones, tenho certeza!”, disse Edie, animada. Sua silhueta iluminada — escura contra o sol — era jovial e bem definida. Só o pescoço e as mãos ao volante — nodosas, sardentas — traíam sua idade; de blusa branca bem passada, saia xadrez e sapato de duas cores, mais parecia uma entusiasmada repórter de jornal dos anos 1940 em busca de uma grande reportagem. “Você se lembra de Newt Knight, o desertor de seu livro de história do Mississippi, Harriet? O Robin Hood de Pine Woods, como gostava de ser chamado? Ele e seus

homens eram pobres e sofredores, não queriam lutar na guerra dos ricos e se esconderam por aqui, no meio do mato, para não se envolver com a Confederação. A República de Jones, como diziam! A cavalaria enviou cães farejadores atrás deles, mas as mulheres envenenaram os cachorros com pimenta vermelha! Eram assim os cavalheiros que viviam na comarca de Jones.”

“Eddie”, Harriet disse, observando a expressão da avó enquanto falava, “acho melhor você fazer um exame de vista.”

“Consigo ler sem o menor problema, mocinha. Antigamente”, Eddie prosseguiu, pomposa, “estas matas viviam cheias de confederados renegados. Eram pobres demais para ter escravos, e invejavam os ricos que os possuíam. Por isso, promoveram uma secessão da Secessão! Cultivavam seus campos de milho miseráveis aqui, no meio do nada! Claro, eles não entendiam que a guerra, na verdade, visava defender os direitos dos estados!”

Do lado esquerdo, a mata dava lugar a um campo aberto. Ao ver o local — a arquibancada descoberta, as redes do campo de futebol, a grama rala —, Harriet sentiu o coração apertado. Meninas mais velhas, truculentas, jogavam bola. Seus gritos e gemidos agudos rompiam a calma matinal. No placar, um aviso manuscrito indicava:

*De Selby Frosh!*  
*Não há Limites!*

Harriet sentiu um aperto na garganta. Subitamente, deu-se conta de que cometera um engano terrível.

“Bem, Nathan Bedford Forrest não vinha da família mais rica e requintada do mundo, mas *ele* foi o maior general da guerra!”, Eddie dizia. “Sim, senhora. Na frente da tropa sempre. Forrest era o maioral!”

“Eddie”, Harriet disse com voz sumida. “Não quero ficar aqui. Vamos voltar para casa.”

“*Para casa?*” A voz de Edie soava jocosa, mas não surpresa. “Bobagem! Você vai se divertir a valer.”

“Não, *por favor*. Eu odeio este lugar.”

“Então por que pediu para vir?”

Harriet não tinha resposta para isso. Assim que viraram no sopé do morro, uma galeria de horrores esquecidos se descortinou à sua frente. A grama seca, os pinheiros espinhudos, o cascalho amarelado da cor de fígado de galinha cru — como ela foi esquecer o quanto odiava aquele lugar, o quanto sofrera ali a cada minuto? Na frente, à esquerda, o portão de entrada; adiante, o chalé do conselheiro-chefe, oculto nas sombras ameaçadoras. Acima da porta havia uma faixa caseira com uma pomba, na qual escreveram, em letras hippies gordas, arredondadas: ALEGREM-SE!

“Edie, por favor”, Harriet disse, depressa. “Mudei de idéia. Vamos voltar.”

Edie, segurando a direção com firmeza, virou-se e a encarou — seus olhos claros, predadores e frios eram olhos que Chester chamava de “mira certa”, pois davam a impressão de espiar pela mira de uma espingarda. Os olhos de Harriet (“mirinha certa”, Chester a chamava às vezes) eram claros também, e frios. Para Edie, era desagradável encontrar um olhar tão claro e firme como o seu, em miniatura. Não notara dor ou ansiedade na expressão rígida da neta; impressionava-se com a insolência da menina, uma insolência agressiva até.

“Não banque a idiota”, disse com dureza, voltando a olhar para a estrada, bem a tempo de evitar a queda numa vala. “Você vai adorar. Em uma semana estará rindo e gritando e se divertindo, e nem pensará mais em voltar para casa.”

Harriet a encarou, atônita.

“Edie”, ela disse, “nem você ia gostar daqui. Não ficaria com essa gente nem por um milhão de dólares.”

“*Ai, Edie!*” Em um falseto maldoso, Edie imitou a voz de Harriet. “*Me leva de volta! Me leva de volta para o acampamento!* É isso que você vai

dizer quando chegar a hora de ir embora.”

Harriet mal conseguia falar, de tão revoltada. “Nunca”, conseguiu articular, finalmente. “Não vou.”

“Vai dizer, sim!”, disse Edie, erguendo o queixo e com a voz presunçosa que Harriet detestava; e repetiu: “Vai dizer, sim!” — mais alto ainda, sem olhar para ela.

De repente uma clarineta soou, emitindo uma nota terrível, parte zurro, parte saudação caipira: o dr. Vance, com seu clarinete, anunciava a chegada das visitantes. O dr. Vance não era doutor de verdade — não era médico —, só um maestro de coreto convencido e carola; era ianque, tinha sobranceiras grossas e dentes grandes feito uma mula. Era um figurão no circuito batista jovem, e Adelaide havia comentado, acertadamente, que ele era a cara do famoso Chapeleiro Maluco de *Alice no país das maravilhas*, nas ilustrações de Tenniel.

“Bem-vindas, madames”, ele crocitou, debruçando-se na janela abaixada de Edie. “Louvado seja Deus!”

“Seja!”, Edie respondeu lacônica, pois não incentivava o tom evangélico que por vezes permeava o discurso do dr. Vance. “Aqui está nossa jovem convidada. Vamos providenciar seu registro, pois preciso ir embora.”

O dr. Vance — abaixando o queixo — debruçou-se na janela para sorrir para Harriet. Seu rosto era vermelho, pétreo. Friamente, Harriet observou os pêlos em suas narinas, as manchas entre os dentes imensos e quadrados.

O dr. Vance recuou, teatral, como se a expressão de Harriet o tivesse chamuscado. “Uau!” Ele ergueu um braço, cheirou a axila e olhou para Edie. “Achei que tinha esquecido de passar desodorante esta manhã.”

Harriet olhou para o joelho. *Mesmo que eu seja obrigada a ficar aqui*, disse a si mesma, *não preciso fingir que estou gostando*. O dr. Vance queria que os jovens do acampamento demonstrassem entusiasmo em voz alta, e quem não se enquadrasse no espírito vociferante do local era atormentado e ironizado, para ver se a intimidação gerava contentamento. *Qual é, você não tem espírito esportivo? Não sabe rir de si mesmo!?* Se uma das crianças

fosse retraída — por qualquer motivo —, o dr. Vance fazia questão de que fosse atingida pelo balão com água, obrigava a coitada a imitar a dança de uma galinha na frente de todo mundo ou a perseguir um porco engordurado na lama usando um chapéu ridículo.

“Harriet!”, disse Edie após uma pausa constrangedora. Não importava o quanto Edie negasse, o dr. Vance a fazia sentir-se desconfortável também, e Harriet sabia disso.

O dr. Vance soprou uma nota desafinada no clarinete e — quando isso também fracassou — tentou atrair a atenção de Harriet enfiando a cabeça pela janela para mostrar-lhe a língua.

*Estou cercada pelo inimigo*, Harriet pensou. Ela teria de agüentar firme, lembrar-se do motivo que a levava a ir até lá. Por mais que odiasse o Acampamento de Selby, era o lugar mais seguro no momento.

O dr. Vance soprou: uma nota escarnecedora, insultante. Harriet, irritada, olhou para ele (não adiantava resistir; ele a atormentaria indefinidamente) e ele baixou as pestanas como um palhaço triste, fazendo beicinho com o lábio inferior. “Um grupo de um não chega a ser um grupo”, disse. “Sabe por quê? *Porque só tem um.*”

Harriet — corando — olhou para lá da janela, ignorando-o. Pinheiros nodosos. Uma fila de meninas de maiô passou, pisando na ponta dos pés, animadas, com as pernas e os pés sujos de barro vermelho. *O poder dos chefes das montanhas está comprometido*, pensou. *Abandonei minha terra e fui para o mato.*

“... problemas em *casa?*”, ouviu o dr. Vance perguntar, intrometido.

“Claro que não. Ela só está... Harriet é um pouco impulsiva”, disse Edie, em alto e bom som.

Uma lembrança horrível voltou à mente de Harriet: o dr. Vance a empurrá-la para o palco, forçando-a a participar do concurso de bambolê, e a platéia rolando de rir de seu constrangimento.

“Bem”, o dr. Vance riu, “com certeza sabemos pôr as meninas impulsivas na linha aqui!”

“Ouvii isso, Harriet? *Harriet?* Não sei o que deu nessa menina”, Edie falou, suspirando.

“Ah, uma ou duas noites de imitações e uma corrida de batata quente darão um jeito nela.”

As noites de imitação! Recordações confusas a atormentaram: calcinha roubada, água em sua cama (*Olhem, Harriet faz xixi na cama!*), uma voz feminina gritando: *Você não pode sentar aqui!*

*Ei, está chegando a estudiosa!*

“*Olá!*” Era a mulher do dr. Vance, com sua voz aguda e caipira, rebolando cordial na direção deles em seu conjunto de poliéster. A sra. Vance (ou a “senhorita Patsy”, como preferia ser chamada pelas crianças) cuidava das meninas do acampamento e, a seu modo, era tão ruim quanto o dr. Vance: pegajosa, intrometida, sempre fazendo perguntas pessoais (sobre namorados, questões ligadas ao corpo e similares). Embora “Senhorita Patsy” fosse seu apelido oficial, as meninas a chamavam de “Enfermeira”.

“*Muito bem*”, ela disse, enfiando a mão pela janela aberta para beliscar o braço de Harriet. “*Tudo bem com você, menina?*” Exame visual. “*Vejam só como cresceu!*”

“Bom dia, senhora Vance, como tem passado?” Edie — maldosamente — gostava de pessoas como a sra. Vance, pois lhe davam chance de se mostrar especialmente refinada e aristocrática.

“*Sejam todos bem-vindos! Vamos até o escritório!*” A sra. Vance dizia tudo com um entusiasmo inadequado, como as mulheres da peça *Miss Mississippi* ou em *The Lawrence Welk Show*. “Você cresceu mesmo, menina!”, disse a Harriet. “Sei que não vai se meter em brigas desta vez, correto?”

O dr. Vance, por sua vez, olhou para Harriet com uma severidade que não a agradou.

No hospital, Farish fez e refez a cena do incidente com a avó, especulando, teorizando a noite inteira e até no dia seguinte, de modo que os irmãos ficaram muito, muito cansados de ouvi-lo. Tontos, olhos avermelhados de fadiga, espalhados na sala de espera da UTI, escutavam a arenga enquanto viam um desenho animado sobre um cão que resolvia mistérios.

“Quando você se mexe, ela pica”, Farish disse, sem se dirigir a ninguém em particular, como se falasse com Gum, ausente. “Portanto, não se mova. Dane-se que a cobra está no seu colo.”

Ele se levantou e passou a mão no cabelo. Começou a andar de lá para cá, na frente da televisão, impedindo a visão dos outros. “Farsh”, Eugene disse, cruzando as pernas de novo. “Gum estava guiando a picape, certo?”

“Ela não precisava ter jogado o carro numa vala”, Danny disse.

Farish fechou a cara. “Ninguém conseguiria me tirar do volante”, ele retrucou, beligerante. “Se o cara se mexe” — ele fez um gesto suave, deslizando a mão espalmada — “assusta a serpente. E ela se defende como pode.”

“Mas que diabos ela podia fazer, Farish? A cobra caiu do céu, pelo teto do carro.”

Curtis bateu palmas de repente e apontou para a televisão. “Gum!”, exclamou.

Farish deu meia-volta. Logo Eugene e Danny caíam na gargalhada. No desenho, o cachorro e um grupo de jovens passeavam pelo castelo assombrado. Havia um esqueleto pendurado na parede, junto com vários machados e trombetas. Por incrível que pareça, o esqueleto lembrava mesmo a avó. De repente, ele saiu voando da parede, no encalço do cachorro, que fugiu ganindo.

“Foi assim”, Eugene disse com dificuldade, de tanto rir, “foi assim que ela ficou quando a cobra saiu atrás dela.”

Farish, sem dizer palavra, virou-se para encará-los com desespero e desânimo. Curtis — percebendo que havia feito uma coisa errada —

parou de rir imediatamente, olhando para Farish com expressão ambígua. Naquele momento, porém, o dr. Breedlove surgiu na porta e todos fizeram silêncio.

“Sua avó está consciente”, disse. “Ao que tudo indica, vai se recuperar. Já removemos os tubos.”

Farish levou as mãos ao rosto.

“Pelo menos os tubos de respiração. Vai continuar com os intravenosos, pois o coração ainda não se estabilizou. Gostariam de vê-la?”

Solene, seguiram todos atrás do médico em fila indiana (exceto Curtis, que preferiu continuar assistindo *Scooby-Doo*), por uma parafernália de máquinas e equipamentos misteriosos, até uma área protegida por cortinas, onde viram Gum. Embora estivesse totalmente imóvel, e qualquer imobilidade fosse assustadora, não parecia pior do que de costume, exceto pelas pálpebras semicerradas em consequência da paralisia muscular.

“Bem, vou deixá-los a sós com ela por um minuto”, o médico disse, esfregando as mãos energicamente. “Mas só por um minuto. Cuidado para não cansá-la.”

Farish foi o primeiro a se aproximar da cama. “Sou eu”, disse, chegando bem perto da avó.

As pálpebras se moveram; lentamente, ela ergueu a mão das cobertas, que Farish segurou entre as suas.

“Quem fez isso com você?”, perguntou com voz dura, e aproximou seu ouvido dos lábios dela para escutar.

Após um momento ela disse: “Não sei”. A voz, um fiapo de sussurro, estava muito baixa. “Só vi umas crianças à distância.”

Farish — balançando a cabeça — ergueu-se e socou uma das mãos com a outra, cerrada. Andou até a janela e se deteve, olhando para o estacionamento.

“Não esquite com crianças”, Eugene disse. “Sabem o que pensei quando soube? *Porton Stiles*.” Seu braço ainda estava na tipóia por causa

da picada de cobra. “Ou Buddy Reebals. Sempre disseram que Buddy tinha uma lista de futuras vítimas. Que um dia sairia atrás de todo mundo.”

“Não foi ninguém dessa turma”, Farish disse, olhando para os outros com um súbito lampejo de inteligência. “Tudo isso começou na Missão, naquela noite.”

Eugene disse: “Não me olhe desse jeito. Não foi *minha* culpa”.

“Acha que Loyal fez isso?”, Danny perguntou a Farish.

“Como poderia?”, Eugene disse. “Faz uma semana que ele partiu.”

“Bem, uma coisa sabemos com certeza. A cobra era dele. Quanto a isso não resta dúvida”, Farish disse.

“Bem, foi *você* quem o convidou para vir e trazer as cobras”, Eugene retrucou furioso, “e não eu. Agora morro de medo de entrar em minha própria casa e...”

“Eu falei que a cobra era *dele*”, Farish disse, batendo o pé no chão, agitado. “Não afirmei que ele a atirou em Gum.”

“Sabe, Farish, essa história também está me incomodando”, Danny disse. “Quem quebrou o pára-brisa? Se estavam procurando o produto...”

Danny notou que Eugene o olhava desconfiado e parou de falar, enfiando a mão no bolso. Não havia necessidade de falar a respeito de drogas na frente de Gum e Eugene.

“Acha que foi Dolphus?”, Danny perguntou a Farish. “Ou alguém a mando dele?”

Farish pensou a respeito. “Não. Cobras e pedradas em carros não fazem o gênero de Dolphus. Ele mandaria alguém para cortar sua garganta e pronto.”

“Sabe no que estou pensando? Naquela menina que foi até a porta da Missão naquela noite.”

“Também fiquei pensando nela”, Farish disse. “Não a vi direito. De onde saiu, afinal? O que estava fazendo lá, rondando a casa?”

Danny deu de ombros.

“Você não perguntou?”

“Puxa vida, mano”, Danny disse, tentando manter a voz calma, “aconteceram muitas coisas naquela noite.”

“E deixou ela escapar?” Farish perguntou a Gum: “Você disse que viu uma criança. Branca ou preta? Menino ou menina?”

“É isso aí, Gum”, Danny disse. “O que você viu?”

“Bem, para dizer a verdade”, a avó respondeu com um sussurro, “não deu para ver direito. Sabem como meus olhos são fracos.”

“Era um? Ou mais de um?”

“Não vi bem. Quando saí correndo pela estrada, ouvi uma criança gritar e rir no alto da passarela.”

“Aquela menina”, Eugene disse a Farish, “estava na praça quando Loyal e eu fomos pregar. Ficou lá, nos olhando, naquela mesma noite. Eu me lembro bem. Estava de bicicleta.”

“Ela não tinha nenhuma bicicleta quando apareceu na Missão”, Danny disse. “Foi embora a pé.”

“Só estou contando o que vi.”

“Pensando bem, creio que vi uma bicicleta”, Gum disse. “Mas não tenho certeza.”

“Quero dar uma palavrinha com aquela menina”, Farish disse. “Não sabem mesmo quem ela é?”

“Ela nos disse o nome, depois mudou. Primeiro, era Mary Jones, depois Mary Johnson.”

“Poderiam reconhecê-la, se a vissem novamente?”

“Eu poderia”, Eugene disse. “Ela ficou lá me olhando durante dez minutos. Guardei bem seu rosto, estava perto.”

“Eu também a reconheceria”, Danny disse.

Farish comprimiu os lábios. “A polícia está metida nesta história?”, perguntou abruptamente para a avó. “Eles fizeram perguntas?”

“Eu não disse absolutamente nada.”

“Muito bem.” Desengonçado, Farish bateu no ombro da avó. “Vou descobrir quem fez isso com você. E quando eu os pegar, pode acreditar que vão se arrepender amargamente.”

Os últimos dias de Ida no emprego foram como os dias que antecederam a morte de Weenie: horas intermináveis de abatimento no chão da cozinha, ao lado da caixa, quando o gato ainda estava parcialmente ali, mas uma parte dele — a melhor — já tinha ido embora. *Le Sueur's Peas*, dizia a caixa. As letras pretas ficaram impressas na lembrança de Allison com toda a força do desespero. Passara horas com o nariz a centímetros daquelas letras, tentando respirar em harmonia com os soluços entrecortados do gatinho, como se seus pulmões pudessem servir de instrumento para seu resgate. Como era vasta e baixa a cozinha tarde da noite... tantas sombras. Mesmo agora, a morte de Weenie permanecia na textura do paviflex da cozinha de Edie; a sensação opressiva das cristaleiras lotadas (uma platéia de pratos organizados em fileiras, como olhos perplexos); a alegria inútil dos panos de prato vermelhos e das cortinas estampadas cor de cereja. Aqueles objetos inanimados, bem-intencionados — caixa de papelão, cortinas cereja e louça variada —, estavam identificados com a dor de Allison, haviam ficado em vigília com ela naquela noite terrível. Com a partida de Ida, porém, nada da casa compartilhava a dor de Allison, ou a refletia, exceto os objetos: tapetes melancólicos, espelhos turvos; poltronas corcundas e sofridas, até o relógio antigo de carrilhão se postava, rígido e solene, como se estivesse a ponto de irromper em lágrimas. Dentro do armário de porcelanas, os gaites de Viena e as damas de saias rodadas de Doulton imploravam com gestos variados: faces coradas contrastando com olhos fundos e atônitos.

Ida tinha Coisas a Fazer. Ela limpou a geladeira; ela tirou tudo dos armários e fez uma faxina completa neles; ela preparou bolo de banana e ensopados, que protegeu com papel de alumínio e guardou no freezer. Ela

conversou e até cantarolou; e pareceria alegre se não evitasse o olhar de Allison enquanto corria de um lado para o outro. Uma vez Allison achou que a surpreendera chorando. Animada, parou na porta: “Você está chorando?”, perguntou.

Ida Rhew levou um susto, depois colocou a mão no peito e disse, rindo: “Você me assustou”.

“Ida, você está triste?”

Mas Ida apenas balançou a cabeça e retornou ao trabalho; Allison subiu para o quarto e chorou. Mais tarde, ela se arrependeria por ter desperdiçado as derradeiras horas de Ida chorando sozinha no quarto. Mas naquele momento foi triste demais ter ficado parada na cozinha, observando Ida limpar os armário, de costas. Allison sentiu uma dor profunda, sufocante, que jamais esqueceria. De certo modo, Ida já havia partido; por mais carinhosa e firme que fosse, tornara-se uma lembrança, um espectro, embora ainda estivesse na cozinha ensolarada com seu sapato de enfermeira.

Allison foi à mercearia e pediu uma caixa de papelão para Ida levar as mudas, assim nenhuma quebraria no trajeto. Com seu próprio dinheiro — presente de Natal —, trinta e dois dólares, comprou para Ida tudo que ela gostava ou precisava, em sua opinião: salmão em lata, que Ida adorava comer no almoço com biscoitos cream-cracker; xarope de bordo; meias três-quartos e um sabonete de lavanda inglês requintado; biscoitos de figo; uma caixa de chocolate Russell Stover; alguns selos; uma escova de dentes vermelha vistosa e um tubo de pasta de dentes listada; e até mesmo um vidro grande de complexo vitamínico.

Allison levou tudo para casa e depois passou um bom tempo daquela tarde no terraço dos fundos, empacotando a coleção de mudas de Ida, cada uma delas em sua lata de rapé ou tigelinha plástica, protegida por jornal molhado, cuidadosamente recortado. No sótão havia uma caixa vermelha muito bonita, cheia de luzes natalinas. Allison as despejou no chão e levou a caixa para seu quarto; enquanto acomodava ali os presentes, a mãe

passou pelo corredor (passos leves, despreocupados) e enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

“A casa fica solitária sem Harriet, não é mesmo?”, perguntou, animada. Seu rosto brilhava com o creme facial. “Quer ver televisão no meu quarto?”

Allison fez que não com a cabeça. Estava confusa: não era hábito da mãe aparecer depois das dez da noite, interessada em alguma coisa ou fazendo convites.

“O que está fazendo? Achei que ia gostar de ver tevê comigo”, disse a mãe, quando Allison não respondeu.

“Está bem”, Allison disse, levantando-se.

A mãe a olhava de modo estranho. Allison, agoniada de tanto constrangimento, desviou a vista. Por vezes, principalmente quando as duas estavam sozinhas, ela sentia o profundo desapontamento da mãe por ser ela a estar ali, e não Robin. A mãe não conseguia evitar — na verdade, tentava ocultar isso ao máximo —, mas Allison sabia que sua própria existência servia para lembrá-la que faltava algo, e por deferência aos sentimentos da mãe fazia o possível para não atrapalhar, para circular pela casa sem fazer alarde, para não ser notada. As semanas seguintes seriam mais difíceis, em conseqüência da partida de Ida e de Harriet.

“Você não *precisa* ver tevê comigo”, a mãe disse finalmente. “Só pensei que você fosse gostar.”

Allison sentiu que corava. Evitou o olhar da mãe. Todas as cores do quarto — inclusive a da caixa — pareciam fortes e brilhantes demais.

Assim que a mãe saiu, Allison terminou de empacotar as coisas e pôs o dinheiro que sobrara num envelope, com os selos, uma foto sua na escola e seu endereço caprichosamente manuscrito num cartão bonito. Depois amarrou a caixa com uma fita verde.

Mais tarde, no meio da noite, Allison acordou assustada, no meio de um pesadelo. Já sonhara aquilo antes, estava parada na frente de uma parede branca, que ficava a poucos centímetros de seu rosto. No sonho não

conseguia se mexer, e tinha a impressão de que teria de passar o resto da vida olhando para aquela parede branca.

Allison ficou imóvel no escuro, olhando para a caixa no chão, até que as luzes da rua se apagaram e o quarto azulou por conta da aurora. Resolveu sair da cama, descalça; com um alfinete que estava na cômoda, passou uma hora perfurando a caixa, para deixar mensagens secretas no papelão, até o sol aparecer e a luz inundar novamente o quarto: o último dia de Ida. IDA, NÓS AMAMOS VOCÊ, dizia uma frase na caixa. IDA R. BROWNLEE. VOLTE, IDA. NÃO SE ESQUEÇA DE MIM, IDA. AMOR.

Apesar de se sentir culpado, Danny estava gostando da temporada da avó no hospital. As coisas ficavam mais fáceis sem ela em casa e estimulavam Farish o tempo inteiro. Embora Farish estivesse se drogando bastante (na ausência de Gum, nada o impedia de passar a noite na frente da televisão com o espelho e a gilete), ele não atormentava tanto os irmãos quando não precisavam passar pelo ritual estressante de se reunir três vezes por dia na cozinha para comer as frituras monumentais da avó.

Danny também estava consumindo muita droga, mas tudo bem; ele ia parar logo, só que a hora ainda não havia chegado. E as drogas lhe davam a energia necessária para limpar o trailer inteiro. Descalço, só de calça jeans, ele lavou janelas, paredes e piso; jogou no lixo a gordura rançosa e a banha de bacon que Gum escondia pela cozinha inteira, em latas de café velhas e fedorentas; ele esfregou o banheiro até fazer o piso de paviflex brilhar. Usou água sanitária para alvejar camisetas e cuecas até ficarem brancas novamente. (A avó nunca se acostumou com a máquina de lavar roupa que Farish havia comprado para ela; lavava a roupa branca junto com a colorida, e as peças ficavam acinzentadas.)

Limpar dava a Danny uma sensação boa, de poder. O trailer ficou organizado e reluzente como a cozinha de um barco. Até Farish comentou o quanto o lugar estava mais bonito. Embora Danny soubesse que seria

arriscado tocar nos “projetos” de Farish (máquinas parcialmente desmontadas, cortadores de grama quebrados, lampiões de carbureto e abajures), era possível fazer a faxina em volta deles, e jogar fora o lixo acumulado ajudava bastante. Duas vezes por dia ele levava o lixo para o depósito. Depois que preparava a sopa de letrinhas ou fritava ovos com bacon para Curtis, ele lavava os pratos e os enxugava imediatamente, em vez de deixá-los no corredor. Conseguiu até um modo de empilhá-los no armário para ocuparem menos espaço.

De noite, ele sentava para conversar com Farish. Era outra vantagem das bolas: dobravam o dia. Dava tempo de trabalhar, de conversar e de pensar.

E havia muito em que pensar. Os ataques recentes — contra a Missão e contra Gum — haviam concentrado a atenção de Farish numa única questão. Nos velhos tempos — antes do problema na cabeça —, Farish tinha jeito para resolver certos problemas práticos e logísticos, e parte de sua capacidade de raciocínio ainda existia no fundo da mente. Danny e ele passavam muito tempo na passarela abandonada, examinando a cena do crime: a caixa de dinamite enfeitada da naja, vazia; um carrinho de mão vermelho de brinquedo; várias pegadas pequenas na poeira do cimento.

“Se foi ela quem fez isso”, Farish disse, “vou matar aquela putinha.” E ficou em silêncio, observando as marcas no chão.

“No que está pensando?”, Danny disse.

“Queria saber como uma criança carregou essa caixa tão pesada.”

“Com o carrinho.”

“Ela não ia conseguir descer a escada da Missão com o carrinho”, Farish disse, mordendo o lábio inferior. “Além disso, se roubou a cobra, por que bateu na porta e mostrou a cara?”

Danny deu de ombros. “Crianças, sabe como é.” Acendeu um cigarro, aspirando a fumaça com o nariz, e fechou o isqueiro Zippo. “Elas são estúpidas.”

“Quem fez isso não foi estúpido. Para executar esse plano, só tendo audácia e senso de oportunidade.”

“Ou sorte.”

“Também”, Farish disse. Cruzara os braços na altura do peito — parecia um militar, com o casaco marrom — e de repente estava olhando para o rosto de Danny de um jeito que o irmão não gostou.

“Você não seria capaz de fazer nada para machucar Gum, não é?”

Danny piscou. “Claro que não!” Ele ficou chocado demais para falar. “Minha nossa!”

“Ela é velha.”

“Eu sei disso!”, Danny retrucou, afastando o cabelo da face agressivamente.

“Estou só pensando em quem sabia que era ela, e não você, que dirigia a Trans Am naquele dia.”

“Por quê?”, Danny perguntou após uma pausa, surpreso. O brilho da estrada ofuscava seus olhos e aumentava sua confusão. “Que diferença pode fazer? Ela só disse que não gostava de subir no caminhão. Já contei para você. Pergunte a ela.”

“Ou a coisa pode ser comigo...”

“Como é?”

“A coisa pode se comigo”, Farish disse. Dava para ouvir sua respiração, entrecortada. “Você não teria coragem de fazer nada contra mim, não é?”

“Não”, Danny disse após uma pausa longa, tensa, com a voz mais neutra que conseguiu. Sua vontade era dizer *Vai se foder*, mas conteve-se. Dedicava tanto tempo ao tráfico de drogas quanto Farish, resolvia problemas, cuidava do laboratório — diacho, era obrigado a levar Farish a todos os lugares —, e Farish não dividia o lucro por igual, na verdade não lhe pagava praticamente nada, só lhe dava uma nota de dez ou de vinte de vez em quando. Certo, por um tempo, foi muito melhor do que ter um emprego normal. Divertia-se jogando bilhar ou servindo de motorista para Farish, ouvia música, passava a noite inteira acordado. Folia e farra, além

de toda a droga que agüentasse consumir. Contudo, ver o sol nascer todas as manhãs estava ficando meio macabro e repetitivo, e ultimamente apavorante. Cansara daquela vida, cansara de se dopar, e Farish devia pagar a Danny o que lhe devia, para que ele pudesse sair da cidade e ir para algum lugar onde as pessoas não o conhecessem (o sujeito não tinha chance alguma naquela cidade se o sobrenome fosse Ratliff), e arranjar um emprego honesto, para variar. Farish estava se dando muito bem com seu escravo grátis.

Abruptamente, Farish disse: “Encontre aquela menina. Essa é a prioridade número um. Quero que encontre a garota e quero que descubra tudo que ela sabe a respeito dessa história. E foda-se se precisar torcer o pescoço dela para tanto”.

“*Ela* já conhece a Williamsburg colonial, e não se importa se vamos visitar o local ou não”, Adelaide disse, rabugenta, e virou para olhar pela janela de trás.

Eddie respirou fundo, pelas narinas. Já estava cansada de tanto dirigir, pois levara Harriet até o acampamento. Depois, atrasaram a partida em mais de duas horas, pois Libby a fizera retornar duas vezes para verificar se tinha desligado tudo em casa, Adelaide as obrigara a esperar no carro enquanto passava a ferro um vestido que decidira levar de última hora e Tat só se deu conta de ter esquecido o relógio de pulso em cima da pia quando já haviam saído da cidade. A desorganização delas deixaria qualquer um maluco, e ainda por cima Adelaide queria desviar da rota e ir para outro estado.

“Ora, não precisamos ir até a Virgínia, vamos conhecer tantos lugares”, disse Tat — maquiada com ruge e perfumada com sabonete de lavanda, Aqua Net e água-de-colônia Souvenez-vous? Ela procurava a bombinha de asma na bolsa pequena amarela. “No entanto, é uma pena, pois vamos passar tão perto...”

Adelaide começou a se abanar com um exemplar de *Mississippi Byways* que adquirira para ler no carro.

“Se está abafado aí atrás”, disse Edie, “por que não abre uma fresta da janela?”

“Não quero desmanchar o cabelo. Acabei de pentear.”

“Certo”, disse Tat, debruçando-se, “mas se a gente abrir só um pouquinho...”

“Pare! Não faça isso! Aí é o trinco da porta!”

“Não, Adelaide. Este aqui é da porta. Aquele é da janela.”

“Por favor, não se incomodem. Para mim, está bem assim.”

Edie disse: “Se eu fosse você, não me importaria com o cabelo, Addie. Vai fazer um calor dos infernos aí atrás”.

“Ora, com todas as outras janelas abertas assim, serei estraçalhada pela ventania, de qualquer jeito.”

Tat riu. “Saiba que eu não vou fechar minha janela!”

“Como quiser”, Adelaide disse, contrariada. “Eu não vou abrir a minha.”

Libby — no banco da frente, ao lado de Edie — bufou de irritação, como se não conseguisse se acomodar confortavelmente. Seu perfume era inofensivo, mas em conjunto com o calor e as poderosas emanções de Asian, Shalimar e Souvenez-vous? vindas de trás provocou um ataque de sinusite em Edie.

De repente, Tat gritou: “Onde está minha bolsa?”.

“O que foi? O que foi?”, todas gritaram simultaneamente.

“Não acho minha bolsa!”

“Edith, vamos voltar!”, Libby disse. “Ela esqueceu a bolsa!”

“Não *esqueci*. Estava comigo agora mesmo. Eu...”

“Ei, Tatty!”, Adelaide riu, zombeteira. “Olha aí a sua bolsa. Você sentou em cima dela.”

“O que ela disse? Encontraram a bolsa?”, Libby perguntou, olhando para trás em pânico. “Achou sua bolsa, Tat?”

“Sim, já estou com ela.”

“Ainda bem. Já pensou, perder a bolsa? O que você faria se isso acontecesse?”

Como se anunciasse algo no rádio, Adelaide proclamou: “Isso me faz lembrar aquele fim de semana terrível de Quatro de Julho, quando fomos até Natchez de carro. Jamais o esquecerei”.

“Eu também nunca o esquecerei”, disse Edie. Elas haviam viajado nos anos 1950, antes de Adelaide parar de fumar. Adelaide — concentrada na conversa — incendiara o cinzeiro enquanto Edie dirigia pela rodovia.

“Minha nossa, que viagem longa. E quanto calor!”

Edie disse, ferina: “Concordo. Minha mão esquentou bastante”. Um pedaço de plástico derretido, quente — celofane do maço de cigarros de Addie —, grudara nas costas da mão de Edie quando ela tentou apagar o fogo e dirigir ao mesmo tempo (Addie nada fizera além de gritar e pular no banco do passageiro); a queimadura foi feia e deixou uma marca. A dor e o susto quase fizeram Edie perder o controle e sair da pista. Ela guiou trezentos quilômetros, em pleno calor de agosto, com a mão direita enfiada num copo de papel cheio de gelo, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto, ouvindo Adelaide se queixar e criar caso durante todo o trajeto.

“E quando fomos para Nova Orleans em agosto?”, Adelaide disse, passando a mão comicamente pelo peito. “Pensei que eu fosse morrer de insolação, Edith. Achei que você ia olhar para o banco do passageiro e descobrir que *eu estava morta*.”

*Você deixou a janela fechada!*, Edie pensou. De quem foi a culpa?

“Claro!”, disse Tat. “Que viagem! E isso era...”

“Você não foi conosco.”

“Claro que fui.”

“*Foi, sim senhora*”, Adelaide retrucou, enfática. “Jamais me esquecerei.”

“Não se recorda, Edith, de que foi nessa viagem que você entrou no drive-thru do McDonald’s em Jackson e fez o pedido para a lata de lixo do

estacionamento?”

Risos gerais. Edie rilhou os dentes e concentrou a atenção na estrada.

“Mas que bando de velhas loucas nós somos”, disse Tat. “Imagine o que as pessoas de lá não pensaram.”

“Só espero que eu tenha me lembrado de tudo”, Libby murmurou. “Na noite passada, comecei a pensar que eu havia deixado as meias em casa e perdido todo o meu dinheiro...”

“Aposto que não pregou os olhos a noite inteira, não foi, querida?”, disse Tat, debruçando-se para levar a mão ao ombro magro e frágil de Libby.

“Bobagem! Imagine, estou ótima. Eu...”

“Claro que ela não dormiu! Passou a noite inteira acordada, preocupada”, Adelaide disse. “Você precisa é tomar café-da-manhã, isso sim.”

“Muito bem!”, disse Tatty, batendo palmas. “Acho uma idéia maravilhosa.”

“Vamos parar, Edith.”

“Esperem um pouco! Eu queria sair às seis da manhã! Se pararmos agora, só voltaremos à estrada ao meio-dia! Vocês não comeram antes de sair?”

“Bem, eu não sabia como *meu estômago* ia se sentir até que viajássemos um pouco”, Adelaide disse.

“Mal saímos da cidade!”

“Não se preocupe comigo, querida”, Libby disse. “Estou excitada demais para comer.”

“Pegue, Tat”, disse Edie, entregando as garrafas térmicas. “Dê-lhe um pouco de café.”

“Se ela não dormiu”, disse Tat, afetada, “o café lhe dará palpitações.”

Edie bufou. “Qual é o problema com vocês agora? Costumavam tomar café em *minha* casa sem reclamar de palpitações ou de qualquer outra coisa. Agora, parece que virou veneno. Deixa todas muito *agitadas*.”

De repente, Adelaide disse: “Ai, meu Deus. Volte, Edith”.

Tat levou a mão à boca e riu. “Estamos todas uns cacos esta manhã, não é mesmo?”

Edie perguntou: “O que foi agora?”.

“Lamento”, Adelaide disse, séria. “Precisamos voltar.”

“O que você esqueceu?”

Adelaide olhou para a frente. “O Sanka.”

“Bem, dá para comprar outro.”

“No entanto”, Tat murmurou, “se ela tem um vidro em casa, é desperdício comprar outro.”

“Além disso”, Libby disse, levando as mãos ao rosto e erguendo os olhos, verdadeiramente preocupada, “e se ela não encontrar? E se não venderem Sanka aqui?”

“*Eles vendem Sanka em qualquer lugar.*”

“Edith, por favor”, Adelaide insistiu. “Não quero mais discutir o assunto. Se não vai me levar de volta, pare o carro que vou descer.”

Subitamente, sem sinalizar, Edie entrou na entrada de um banco, na beira da pista, e manobrou no estacionamento.

“Não somos o máximo? Pensei que só eu tivesse esquecido alguma coisa esta manhã”, disse Tat, animada, enquanto espremia Adelaide, equilibrando-se com a mão no braço de Addie, por causa da manobra brusca de Edie. Estava a ponto de anunciar que não se sentia tão mal por ter esquecido o relógio em casa, quando Libby soltou um grito abafado no banco da frente, e *bam!*: o Oldsmobile levou uma batida forte do lado do passageiro e girou. Logo o sangue começou a escorrer do nariz de Edie, a buzina disparou e elas se viram na contra-mão, do lado errado da estrada, olhando através da teia de vidro quebrado para os carros que vinham em sua direção.

“Alô, *Harr-riet!*”

Risos. Para desespero de Harriet, o ventríloquo e seu boneco que usava jeans a escolheram na platéia. Ela — e cinquenta outras meninas de idades variadas — ocupavam bancos compridos na clareira da floresta que os supervisores chamavam de “capela”.

Na frente, duas meninas do chalé de Harriet (Dawn e Jada) viraram-se para encará-la. Havia brigado com Harriet naquela manhã, num confronto interrompido pelo sino da capela.

“Ei, vamos com calma, Ziggie, meu velho”, disse o ventríloquo, rindo. Era um conselheiro do acampamento dos meninos, chamado Zach. O dr. Vance e sua mulher haviam mencionado mais de uma vez que Zig (o boneco) e Zach dividiam um quarto havia doze anos; que o boneco acompanhara Zach à universidade Bob Jones, como “colega de quarto” de Zach. Harriet já ouvira muito mais do que desejava a respeito, muito mesmo. O boneco usava uma roupa parecida com a do Dead End Kid, com calça até o joelho e chapéu-coco, tinha boca vermelha medonha e sardas que pareciam varíola. Numa suposta imitação de Harriet, ele arregalou os olhos e virou a cabeça.

“Ei, chefe! E eles me chamam de bobo!”, falou, agressivo.

Mais risos — especialmente animados por parte de Jada e Dawn, na frente, que batiam palmas, deleitadas. Harriet, com o rosto quente, mantinha os olhos fixos nas costas da menina suada à sua frente: mais velha, com pelancas gordas saltando para fora das tiras do sutiã. *Espero que eu nunca fique assim*, pensou. *Preferia morrer de fome primeiro*.

Ela estava no acampamento havia dez dias. Parecia uma eternidade. Edie, ela suspeitava, trocara uma palavrinha com o dr. Vance e sua mulher, pois os conselheiros estabeleceram um padrão irritante, sempre a escolhiam para tudo. Mas parte do problema — Harriet sabia disso intelectualmente, mas não conseguia fazer nada a respeito — era a incapacidade de se encaixar num grupo sem atrair a atenção para sua pessoa. Por questão de princípio, ela deixara de assinar e devolver o “cartão de compromisso” que constava no kit de adesão. Nele havia uma série de

promessas que todos os participantes eram pressionados a fazer: não assistir filmes destinados a adultos, não ouvir rock pesado ou progressivo, não tomar bebidas alcoólicas, não fazer sexo antes do casamento, não fumar maconha ou tabaco, não invocar o nome de Deus em vão. Não que Harriet quisesse fazer essas coisas (com exceção, esporadicamente, de ir ao cinema); mesmo assim, decidira não assinar.

“E aí? Não esqueceu nada?”, disse a Enfermeira Vance, bombástica, passando o braço em torno de Harriet (que ficou tensa na hora) para lhe dar um aperto cordial.

“Não.”

“Não recebi seu Cartão de Compromisso.”

Harriet permaneceu muda.

A Enfermeira lhe deu outro apertão invasivo. “Sabe, queridinha, Deus nos dá apenas duas opções! Ou uma coisa está certa, ou ela está errada! Ou você é um paladino de Cristo, ou não é!” E tirou do bolso um Cartão de Compromisso em branco.

“Portanto, quero que reze para que Deus a guie neste assunto, Harriet. E faça o que Ele ordenar.”

Harriet olhou para os tênis branco da Enfermeira, tão fofo.

A Enfermeira segurou a mão de Harriet. “Gostaria que eu orasse a seu lado, queridinha?”, perguntou, confidencialmente, como se oferecesse um presente especial.

“Não.”

“Bem, sei que o Senhor a levará à decisão correta”, disse a Enfermeira, com inabalável entusiasmo. “Tenho absoluta certeza!”

As meninas do chalé de Harriet já haviam formado pares antes de sua chegada; em sua maioria, elas a ignoraram, e embora tivesse acordado certa noite com a mão numa bacia de água quente, notando as meninas em volta dela, no escuro, sussurrando e rindo perto de sua cama (o truque era colocar as mãos de quem dormia na água quente para fazer a pessoa urinar na cama), elas não demonstravam especial antipatia por Harriet.

Além disso, haviam estendido filme plástico transparente sob a tábua da privada. Do lado de fora, risos contidos. “Ei, por que está demorando tanto aí dentro?” Uma dúzia de meninas caiu na gargalhada quando ela saiu, impávida, com o calção molhado. Mas, com certeza, não quiseram pregar a peça especificamente nela; caíra por azar, claro. Mesmo assim, aparentemente todas participaram da brincadeira: Beth e Stephanie, Beverley e Michelle, Marcy, Darci e Sara Lynn, Kristle, Jada e Lee Ann, Devon e Dawn. Eram, em geral, de Tupelo e Columbus (as meninas de Alexandria, de quem tampouco gostava, estavam nos chalés Oriole e Goldfinch). Eram todas mais altas que Harriet, e pareciam mais velhas; usavam batom brilhante e perfumado, jeans cortados com tesoura e se bronzeavam com óleo de coco no atracadouro de esqui aquático. A conversa delas a irritava. Só falavam em Bay City Rollers, Osmonds e num menino chamado Jay Jackson, colega delas na escola.

Harriet já esperava algo similar. Já esperava o “cartão de compromisso”. Esperava uma temporada deprimente, sem acesso à biblioteca. Esperava esportes coletivos, que detestava. E peças teatrais, aulas de religião, desconforto e tédio sentada numa canoa nas tardes tórridas sem vento, ouvindo conversas estúpidas sobre se Dave era ou não um bom cristão, se Wayne tirava uma casquinha de Lee Ann ou se Jay Jackson bebia.

Isso tudo já era ruim demais. Mas Harriet cursaria a oitava série no ano letivo seguinte, e o que ela não esperava era a inédita e pavorosa indignidade de ser classificada — pela primeira vez na vida — como “Adolescente”, uma criatura sem mente, toda feita de protuberâncias e excreções, a julgar pelo material que lhe deram para ler. Não esperava os filmes humilhantes, deprimentes, cheios de informações médicas degradantes. Não esperava as “horas da verdade” compulsórias, quando as meninas eram estimuladas a fazer perguntas pessoais às outras — algumas, na opinião de Harriet, descaradamente pornográficas — e também a respondê-las.

Durante essas discussões, Harriet corava de raiva e vergonha. Sentia-se diminuída pelo pressuposto da Enfermeira de que ela — Harriet — não era diferente das estúpidas meninas de Tupelo: preocupada com odores nas axilas, sistema reprodutor e meninos. A névoa de desodorante e sprays “higiênicos” nos vestiários, os primeiros pêlos nas pernas, o batom grudento: tudo maculado com o óleo pegajoso da “puberdade”, até mesmo o suor dos cachorros-quentes. Pior: Harriet sentia como se os slides pavorosos de “Seu Corpo em Desenvolvimento” — puro útero, trompas e mamas — estivessem sendo projetados em cima de seu corpo desprotegido; como se todos vissem, quando olhavam para ela — mesmo se estivesse vestida —, apenas órgãos e genitália e pêlos em lugares íntimos. Saber que tudo isso era inevitável (“somente uma *conseqüência natural do crescimento!*”) não era melhor do que saber que um dia morreria. A morte ao menos tinha certa dignidade: final da desonra e do sofrimento.

Admitia, porém, que algumas meninas de seu chalé, como Kristle e Marcy, tinham um ótimo senso de humor. Mas as colegas mais velhas, mulheres praticamente (Lee Ann, Darci, Jada, Dawn), eram rudes e assustadoras. Harriet revoltava-se com a ânsia delas em ser descritas em termos médicos explícitos, do tipo quem tem “seios” e quem não tem. Elas falavam a respeito de “amassos” e de “estar de chico”. Não dominavam o idioma. Tinham mentes sujas. Harriet disse a Lee Ann, que tentava prender o colete salva-vidas: *Você mete esta parte aqui, assim...*

Todas as meninas — inclusive Lee Ann, a ingrata — caíram na gargalhada. *O que você faz, Harriet?*

*Mete*, Harriet repetiu, séria. *O verbo meter é perfeitamente aceitável.*

*Acha mesmo?* Bando de palhaças — todas elas sórdidas, um bando de suadas, menstruadas, taradas, com seus pêlos pubianos e problemas de transpiração, piscando e trocando pontapés na canela. *Explique outra vez, Harriet. O que a gente faz mesmo?*

Zach e Zig abordaram a questão da cerveja. “Diga-me uma coisa, Zig. Você beberia algo que tem gosto ruim? E que ainda por cima faz mal à saúde?”

“Blegh! De jeito nenhum.”

“Bem, acredite se quiser, muitos adultos, e até jovens, costumam fazer isso!”

Zig, estupefato, olhou para a platéia. “Jovens que estão aqui, chefe?”

“Talvez. Pois há jovens realmente estúpidos que acham que tomar cerveja é *legal, cara!*” Zach fez o sinal da paz. Risos nervosos.

Harriet — com dor de cabeça de tanto ficar no sol — observava as picadas de mosquito em seu braço. Após a reunião (terminaria em dez minutos, graças a Deus) restavam quarenta e cinco minutos de natação, depois perguntas sobre a Bíblia, depois almoço.

Nadar era a única atividade de que Harriet gostava e pela qual esperava ansiosa. Sozinha, ela nadava no lago escuro, plácido, através dos raios de sol trêmulos que penetravam na floresta. Perto da superfície, a água era quente como água de banho; quando mergulhava, sentia arrepio com a água fria das correntes fundas que acariciavam seu rosto como os filamentos das algas do fundo, a girar em espiral a cada toque ou movimento dos pés, feito volutas de fumaça verde viscosa.

As meninas só podiam nadar duas vezes por semana: terças e quintas. Ela estava contente por ser quinta, pois ainda se recuperava da desagradável surpresa que teve de manhã, na hora da entrega da correspondência. Recebera uma carta de Hely. Quando a abriu, levou um choque ao ver o recorte do *Eagle* de Alexandria com o título: RÉPTIL EXÓTICO ATACA MULHER.

Havia uma carta também, escrita em uma folha de caderno com pauta azul. “Ei, é do seu namorado?” Dawn arrancou a carta de sua mão. “Oi, Harriet”, leu para todas, “*como vão as coisas?*”

O recorte caiu no chão. Com mãos trêmulas, Harriet o pegou, apertou até formar uma bola e o guardou no bolso.

“*Achei que ia gostar de ver. Dê uma olhada...*’ Dar uma olhada em quê? O que é?”, Dawn perguntou.

Harriet picou o recorte com a mão que estava no bolso.

“Está no bolso dela”, Jada disse. “Ela escondeu alguma coisa no bolso.”

“Vamos pegar! Vamos pegar!”

Sem perda de tempo, Jada avançou contra Harriet, que a acertou no rosto.

Jada gritou. “Meu Deus! Ela me *arranhou!* Você arranhou meu olho, sua merdinha!”

“Ei, meninas”, alguém sussurrou, “Mel vai ouvir tudo.” Referia-se a Melanie, a conselheira do chalé.

“Está sangrando! Ela tentou furar meu olho, porra!”

Dawn ficou estupefata, seu lábio inferior lambuzado de batom pendia, inerte. Harriet aproveitou a confusão para pegar a carta de Hely e a guardar no bolso.

“Olhem!”, Jada disse, estendendo a mão. Na ponta dos dedos, e na pálpebra, havia sangue. Não muito, mas um pouco. “Olhem o que ela fez comigo!”

“Calem a boca”, alguém falou, assustado, “ou vamos ser rebaixadas.”

“Se isso acontecer, não iremos assar marshmallows na fogueira com os meninos.”

“Isso mesmo. Calem a boca.”

Jada — erguendo o punho cerrado, melodramática — avançou para cima de Harriet. “Acho melhor você tomar cuidado, menina”, ela disse. “Vai ver só...”

“Cala a boca! Mel está chegando!”

O sino tocou para convocar todos à capela. Foi assim que Zach e seu boneco salvaram Harriet, pelo menos por algum tempo. Se Jada resolvesse denunciá-la, estaria encrocada, mas isso não chegava a ser novidade; Harriet já se acostumara aos problemas ligados a brigas.

Preocupava-se mais com o recorte. Fora uma estupidez tremenda de Hely enviá-lo. Pelo menos, ninguém o vira. Era fundamental que não o vissem. Ela mesma não tivera oportunidade de ler nada, exceto o título. Picou o recorte e a carta de Hely e deixou os pedaços no bolso.

Algo diferente ocorria na clareira, ela percebeu. Zach parara de falar e todas as meninas ficaram quietas e imóveis de repente. No silêncio que imperava, Harriet entrou em pânico. Esperou que todas as cabeças virassem em sua direção de repente, mas Zach pigarreou e Harriet compreendeu, como se acordasse de um sonho, que o silêncio nada tinha a ver com ela; chegara o momento da oração. Rapidamente, ela fechou os olhos e abaixou a cabeça.

Assim que a prece terminou, as meninas se espreguiçaram, riram e formaram grupinhos para tagarelar (Jada, Dawn e Darci, descaradamente, falavam mal de Harriet, com os braços cruzados na altura do peito e olhares hostis em sua direção). Mel (usando viseira de tenista, com o nariz branco de protetor solar) cercou Harriet. “Você não vai nadar. Os Vance mandaram chamá-la para uma conversa.”

Harriet tentou ocultar sua decepção.

“No escritório”, Mel disse, molhando os lábios com a língua. Olhava por cima da cabeça de Harriet — à procura do glorioso Zach, sem dúvida, temendo que ele retornasse ao acampamento dos meninos sem falar com ela.

Harriet fez que sim com a cabeça e tentou bancar a indiferente. O que mais poderiam fazer a ela? Obrigá-la a passar o dia sentada de castigo no chalé?

“Ei”, Mel chamou quando ela já se afastava — vira Zach, acenara e abria caminho entre as meninas para chegar até ele —, “se os Vance terminarem a conversa com você antes do estudo da Bíblia, vá até a quadra de tênis e treine com a turma das dez, certo?”

Os pinheiros eram escuros — uma mudança agradável em comparação com a ofuscante clareira que chamavam de capela — e a trilha pelo bosque era macia e enlameada. Harriet caminhava de cabeça baixa. *Elas foram rápidas*, pensou. Embora Jada fosse agressiva e encrenqueira, Harriet não imaginava que fosse também delatora.

Como saber? Talvez não houvesse nada de errado. O dr. Vance poderia querer apenas submetê-la ao que chamava de “sessão”, na qual recitava um monte de versículos da Bíblia sobre a obediência e depois perguntava se Harriet aceitava Jesus como seu salvador pessoal. Ou era bem capaz de interrogá-la a respeito da figurinha de *Guerra nas estrelas*. Duas noites antes ele havia reunido o acampamento inteiro, meninos e meninas, para gritar com eles durante uma hora porque — alegara — alguém furtara uma figurinha de *Guerra nas estrelas* que pertencia a Brantley, seu filho pequeno insuportável.

Talvez fosse um telefonema. O telefone ficava na sala do dr. Vance. Mas quem ligaria para ela? Hely?

*E se fosse a polícia?*, pensou, inquieta. *Talvez tenham encontrado o carrinho*. Tentou tirar o pensamento da cabeça.

Saiu desanimada do bosque. Na porta do escritório, ao lado do microônibus, havia um carro com placa da concessionária Dial Chevrolet. Antes de Harriet pensar no que isso tinha a ver com ela, a porta do escritório se abriu com uma cascata melodiosa de sininhos e o dr. Vance saiu, acompanhado de Edie.

Harriet parou, assustada demais para se mover. Edie parecia diferente — desanimada, subjugada — e por um momento Harriet pensou que fosse outra pessoa. Mas não, era Edie mesmo, usando óculos velhos que Harriet não conhecia, com armação preta masculina pesada demais para seu rosto, que a empalidecia.

O dr. Vance viu Harriet e acenou com os dois braços, como se estivesse do outro lado de um estádio lotado. Harriet relutou em aproximar-se. Teve a impressão de que estava encrencada, muito encrencada. Mas Edie a viu e

sorriu: era, de certo modo (por causa dos óculos, quem sabe), a velha Edie, pré-histórica, a Edie da caixa em forma de coração, que assobiava e jogava beisebol com Robin sob o céu de Kodachrome fantasmagórico.

“Hottentote”, ela chamou.

Com fingida benevolência, o dr. Vance esperou Harriet — comovida ao escutar seu antigo apelido, já quase não usado — correr pela clareira de cascalho. Edie abaixou-se (militar, rápida) e lhe deu um beijo na face.

“Sim, senhora! Contente por ver a vovó, não é?!”, gritou o dr. Vance, erguendo os olhos e se balançando nos calcanhares. Ele falava com um entusiasmo caloroso exorbitante, mas também como se estivesse com a cabeça em outras coisas.

“Harriet?”, Edie perguntou, “essas são as suas coisas?” Harriet viu, no chão, aos pés de Edie, sua mala, a mochila e a raquete de tênis.

Após uma breve e confusa pausa — na qual foi incapaz de registrar seus pertences no solo —, Harriet disse: “Você está de óculos novos”.

“Velhos. Mas o carro é novo.” Edie mostrou o automóvel estacionado ao lado do carro do dr. Vance. “Se ficou mais alguma coisa no chalé, é melhor ir até lá correndo e pegar.”

“Cadê seu carro?”

“Não interessa. Vamos logo.”

Harriet — para quem em cavalo dado não se olhavam os dentes — voltou correndo para o chalé. Estava perplexa por ser resgatada daquela maneira; ainda mais porque estava disposta a se atirar aos pés de Edie e implorar, gritando, que a levasse embora para casa.

Com exceção dos projetos da aula de arte, que dispensava (um cachepô medonho, uma colagem no estojo para lápis ainda úmida), as únicas coisas que Harriet precisou recolher foram as sandálias de borracha e as toalhas no banheiro. Alguém pegara uma delas para a aula de natação, por isso apanhou só a outra e voltou para o chalé do dr. Vance.

O dr. Vance estava pondo a bagagem no porta-malas do carro novo de Edie — que, Harriet notou pela primeira vez, caminhava com certa

dificuldade.

*Talvez seja Ida*, Harriet cogitou de repente. Ida poderia ter resolvido ficar. Ou me ver pela última vez, antes de partir. Mas Harriet sabia que nada disso poderia ser um motivo válido.

Edie a observava, intrigada. “Pensei que você tivesse trazido duas toalhas.”

“Não, senhora.” Ela notou uma coisa escura grudada nas narinas de Edie. Rapé? Chester cheirava rapé.

Antes que pudesse subir no carro, o dr. Vance apareceu e — dando um passo lateral, para se posicionar entre Harriet e a porta do passageiro — estendeu a mão para Harriet.

“Deus tem Seu próprio plano, Harriet”, disse para ela, como se estivesse contando um segredo. “Isso quer dizer que sempre gostamos do plano? Não. Isso quer dizer que o compreendemos sempre? Não. Isso quer dizer que devemos chorar e reclamar? Absolutamente, não!”

Harriet — corando de constrangimento — encarou os olhos duros do dr. Vance, cor de aço. No grupo de discussão da Enfermeira depois de “Seu Corpo em Desenvolvimento”, falara-se muito sobre o Plano de Deus, sobre os canais e os hormônios e as excreções degradantes dos filminhos sobre o Plano de Deus para as moças.

“E por que é assim? Por que Deus nos põe à prova? Por que Ele testa nossa perseverança? Por que precisamos meditar a respeito dos desafios universais?” Os olhos do dr. Vance perscrutaram sua face. “Por que eles nos ensinam em nosso caminho cristão?”

Silêncio. Harriet estava enjoada demais para puxar a mão. No alto dos pinheiros, um gaio piou.

“Parte de nosso desafio, Harriet, é aceitar que o plano Dele é sempre para o nosso bem. E o que a aceitação significa? Que devemos nos curvar a Sua vontade! Que devemos nos curvar com alegria! Esse é o desafio apresentado aos cristãos!”

De repente, Harriet — a poucos centímetros do rosto dele — sentiu muito medo. Intensamente concentrada, fixou a vista num pouquinho de barba avermelhada na fenda do queixo, onde a lâmina de barbear não alcançara.

“Vamos orar”, o dr. Vance disse subitamente, apertando a mão dela. “Jesus”, começou, pressionando os olhos fechados com o polegar e o indicador. “Que privilégio estar em Sua presença neste dia! Que bênção poder orar em Sua presença! Vamos nos regozijar, nos regozijar em Sua presença!”

*Do que ele está falando?*, Harriet pensou, confusa. As picadas de mosquito coçavam, mas ela não ousou esfregá-las. De olhos semicerrados, olhava para os pés.

“Oh, Senhor, esteja com Harriet e sua família nos dias que virão. Vele por eles. Guie, oriente e conduza a todos. Ajude-os a compreender, Senhor”, o dr. Vance disse, pronunciando todas as sílabas claramente, “que o sofrimento e a provação fazem parte de nossa jornada cristã...”

*Onde Edie está?*, Harriet pensou, de olhos fechados. *No carro?* A mão do dr. Vance era pegajosa, desagradável de segurar. Morreria de vergonha se Marcy e as meninas do chalé passassem e a vissem no estacionamento segurando a mão do dr. Vance, logo a dele.

“Ó Senhor. Ajude-os para que não Lhe virem as costas. Ajude-os a se submeterem. Ajude-os a seguir em frente sem lamentações. Ajude-os a nunca desobedecer nem se revoltar, aceitando Seus desígnios e mantendo o Compromisso...”

*Submeter-me a quê?*, Harriet pensou, levando um choque horrível.

“... e, em nome de Cristo Jesus, pedimos tudo isso. AMÉM.” O dr. Vance encerrou a prece com um grito tão alto que Harriet se assustou. Olhou em volta. Edie estava perto da porta do motorista do carro, com a mão no capô. Se permanecera ali o tempo inteiro ou se tinha se aproximado só depois da oração, era difícil dizer.

A Enfermeira Vance apareceu subitamente. Avançou para dar um abraço apertado e sufocante em Harriet.

“Deus te ama!”, disse com sua voz enfática. *“Lembre-se disso sempre!”*

Deu um tapinha no traseiro de Harriet e virou-se radiante para Edie, como se esperasse iniciar uma longa conversa. “Então, tudo bem?” Edie, porém, não estava com a disposição cordial e sociável demonstrada quando trouxera Harriet para o acampamento. Cumprimentou a Enfermeira com um movimento curto da cabeça e pronto.

Entraram no carro; Edie — após olhar por cima dos óculos para o painel de instrumentos desconhecidos — engatou a primeira e partiu. Os Vance se juntaram no meio da clareira de cascalho e — abraçados na altura da cintura — acenaram até Edie fazer a curva.

O carro novo tinha ar-condicionado, o que o tornava muito, muito mais silencioso. Harriet olhou tudo — rádio novo, vidros elétricos — e se ajeitou no banco, inquieta. No frio hermeticamente fechado, elas seguiram pela estradinha de cascalho sombreada, passando sem perceber nas poças d’água que faziam o Oldsmobile pular. Antes de chegarem ao final da estradinha escura e entrarem na rodovia ensolarada, Harriet não teve coragem de olhar para a avó.

A mente de Edie estava em outras coisas, pelo jeito. Viajaram por algum tempo. A estrada era larga e estava vazia; nenhum carro, céu sem nuvens, acostamentos de terra vermelha poeirenta que convergiam no horizonte. De repente, Edie limpou a garganta, soltando um ARREM alto, esquisito.

Harriet — assustada — tirou os olhos da paisagem e encarou Edie, que disse: “Lamento muito, querida”.

Por um momento, Harriet ficou sem respirar. Tudo congelou: as sombras, seu coração, os ponteiros vermelhos do relógio no painel. “O que aconteceu?”, perguntou.

Mas Edie não tirou os olhos da estrada. Seu rosto parecia de pedra.

O ar-condicionado estava frio demais. Harriet cruzou os braços pelados. *Minha mãe morreu, pensou. Ou Allison. Ou papai.* E, ao pensar nisso, sentiu que, no fundo, seria capaz de lidar com qualquer dessas possibilidades. “O que foi?”

“Libby.”

Na confusão após o acidente, ninguém parou para pensar que poderia haver algum problema sério com uma das senhoras idosas. Exceto por pequenos cortes e machucados — e pelo nariz de Edie, que sangrou e que parecia pior do que estava —, todas ficaram mais abaladas que feridas. E os paramédicos as examinaram com excessiva minúcia antes de permitir que fossem embora. “Nem um arranhão nesta aqui”, disse o jocoso atendente da ambulância que ajudou Libby — de vestido rosa, colar de pérolas e cabelo branco — a sair do carro acidentado.

Libby ficou atordoada. A batida mais forte tinha ocorrido do seu lado. Embora apertasse a base da nuca com a ponta dos dedos — airoso, como se tirasse o pulso —, ergueu a mão e disse “Não precisa se preocupar *comigo*”, quando Edie ignorou os protestos dos paramédicos e desceu da ambulância para ver como estavam as irmãs.

Todo mundo ficou com torcicolo. O pescoço de Edie parecia ter sido estalado como um chicote. Adelaide, andando em círculos em torno do Oldsmobile, verificava repetidamente se ainda estava com os dois brincos, levando a mão à orelha e exclamando: “Foi uma milagre não termos morrido, Edith! Por pouco você não mata todo mundo!”.

Mas, depois que se encerraram os exames para verificar se havia contusões e ossos fraturados (por que, Edie pensou, *por que* não insistira para aqueles idiotas medirem a pressão de Libby? Ela era enfermeira formada, conhecia os procedimentos), no final, a única que os paramédicos queriam levar ao hospital era Edie. Inacreditável, pois Edie não estava ferida — nenhum osso quebrado, nenhuma hemorragia

interna, nada. Ela sabia disso. Mas permitira que se iniciasse uma discussão. Não havia nenhum problema, exceto as costelas, que fraturara no volante, mas na época em que servira como enfermeira no Exército aprendera que não havia nada no mundo a se fazer em caso de costelas quebradas, exceto enfaixar bem e mandar o soldado embora.

“Mas a senhora fraturou uma costela”, disse o outro paramédico. Não o engraçadinho, mas o que tinha cabeça grande como uma abóbora.

“Estou sabendo disso!”, Edie praticamente gritou para ele.

“Mas, senhora...” Mãos invasivas estendidas em sua direção. “Acho melhor deixar que a levemos até o hospital, madame...”

“Para quê? Eles só vão me enfaixar e cobrar cem dólares! Por cem dólares eu mesma enfaixo minhas costelas!”

“Uma visita ao pronto-socorro vai lhe custar muito mais que cem dólares”, comentou o paramédico abelhudo, apoiado no capô do carro destruído de Edie (o carro! o carro! sentia o coração apertado cada vez que olhava para ele). “Só o raio X custa setenta e cinco.”

Naquela altura, uma pequena multidão já se aglomerara ali por perto: funcionários da agência bancária local, em sua maioria; moças que mascavam chiclete e riam, de cabelo alisado e batom marrom. Tat — que sinalizara para o carro de polícia agitando a bolsa amarela — sentou-se no banco traseiro do Oldsmobile arruinado (apesar da buzina disparada) e permaneceu ali com Libby durante a maior parte da conversa com a polícia e o outro motorista, que foi longa. Ele era um sujeitinho nervoso e metido a sabe-tudo chamado Lyle Pettit Rixey: muito magro, muito alto. Calçava sapato de bico, tinha um nariz adunco feito um boneco de caixa-surpresa e levantava o joelho bem alto no ar, delicadamente, ao caminhar. Demonstrava extremo orgulho por ser da comarca de Attala, e também por seu próprio nome, que adorava repetir inteiro. Lamurioso, apontava seguidamente para Edie, com o dedo ossudo, dizendo: “Aquela *mulher* ali”, como se ela estivesse embriagada. “Aquela *mulher* entrou na frente do meu

carro. Aquela *mulher* não tem condições de dirigir um automóvel”. Edie deu-lhe as costas, altiva, ao responder às perguntas do policial.

O acidente ocorreu por culpa dela; recusou-se a dar passagem. O melhor a fazer era aceitar a responsabilidade dignamente. Quebrara os óculos, e de onde se encontrava, com aquele calor todo (“Aquela *mulher* escolheu um dia quente demais para provocar um desastre”, o sr. Rixey queixou-se aos atendentes da ambulância), Libby e Tat não passavam de uma mancha amarela e outra rosa, no banco traseiro do Oldsmobile batido. Edie enxugou a testa com um lenço úmido. Em Tribulation, na época do Natal, sempre havia vestidos de cores diferentes debaixo da árvore — rosa para Libby, azul para Edie, amarelo para Tat e lavanda para Adelaide, ainda bebê. Borrachas, fitas, papel de carta... bonecas de porcelana idênticas, exceto pelos vestidos, cada um de uma cor...

“A senhora fez ou não fez o retorno na pista?”, indagou o policial.

“Eu não *fiz*. Usei o estacionamento para fazer a volta.” Na rodovia, o reflexo do espelho retrovisor de um veículo brilhou no canto do olho de Edie, e de repente uma lembrança inexplicável da infância veio-lhe à mente: a velha boneca de lata de Tatty, de vestido comprido amarelo, de pernas abertas no quintal de Tribulation, atrás da cozinha, na terra nua, sob as figueiras onde as galinhas ciscavam quando fugiam do galinheiro. Edie jamais brincara de boneca — nunca demonstrou o menor interesse por elas —, mas via a boneca de lata com surpreendente clareza: corpo recoberto com tecido marrom, o nariz brilhando macabro, prateado, no ponto em que a tinta descascara. Por quantos anos Tatty arrastara a boneca velha, com a cabeça de metal tilintando pelo quintal, havia quantos anos Edie não pensava naquela face medonha na qual parecia faltar o nariz?

O policial interrogou Edie por meia hora. Com sua voz arrastada e óculos espelhados, ela teve a impressão de estar conversando com A Mosca do filme de terror de mesmo nome, estrelado por Vincent Price. Edie, protegendo os olhos com a mão, tentava se concentrar nas questões. Mas seus olhos insistiam em escapar para os carros que passavam pela

estrada faiscante, e só conseguia pensar na horrível boneca de lata de Tatty, com seu nariz prateado. Diacho, como ela se chamava mesmo? Por mais que se esforçasse, Edie não conseguia lembrar. Tatty só começou a falar direito quando foi para a escola; todas as bonecas de Tat tinham nomes que soavam ridículos, inventados por ela, como Gryce, Lillium, Artemo...

As moças do banco se cansaram e — após inspecionarem as unhas ou enrolarem o cabelo na ponta dos dedos — voltaram para dentro. Adelaide — a quem Edie, furiosa, acusava pelo incidente (ela e o Shanka!) — ficou muito sentida e manteve-se afastada do local, como se não tivesse nada a ver com o caso, conversando com uma colega de coro abelhuda, a sra. Cartrett, que passava por ali e tinha parado para ver o que estava acontecendo. A certa altura, ela subiu no carro da sra. Cartrett e foi embora, sem sequer avisar Edie. “Vamos até o McDonald’s comprar sanduíches e biscoitos”, disse a Tat e Libby, coitadas. Ao McDonald’s! E — como se não bastasse — quando o policial com cara de inseto finalmente deu a Edie permissão para ir embora, o carro obviamente não funcionou, e ela foi obrigada a dar de ombros e entrar no banco, um lugar terrivelmente gelado, e pedir para usar o telefone bem na frente das moças dos caixas e de seus risinhos. Enquanto isso, Libby e Tat esperavam estoicamente no banco traseiro do Oldsmobile, naquele calor pavoroso.

O táxi não tardou a chegar. De onde estava, na área da gerência, na frente, falando por telefone com o responsável pela oficina mecânica, Edie viu, através da janela envidraçada, as duas irmãs entrarem no táxi: de braços dados, caminhando cautelosamente pelo cascalho em seus sapatinhos domingueiros. Ela bateu no vidro; Tat, sob o sol forte, virou-se um pouco e acenou. Subitamente, Edie lembrou-se do nome da velha boneca de Tatty e riu alto. “Que foi?”, o sujeito da oficina perguntou do outro lado da linha; o gerente — olhos ocultos por óculos de fundo de garrafa — ergueu a cabeça para fitar Edie como se ela fosse maluca e ele não se importasse com isso. *Lycobus*. Claro. Era o nome da boneca.

Lycobus, ela era danada e atormentava a mãe; Lycobus, que convidou as bonecas de Adelaide para tomar chá e serviu apenas água e rabanete.

Quando o guincho finalmente chegou, Edie aceitou a carona do motorista até sua casa. Foi a primeira vez que subiu num caminhão desde a Segunda Guerra Mundial; a cabine era alta, trepar lá com as costelas fraturadas não teve graça nenhuma; mas, como o juiz gostava de lembrar a suas filhas, Mendigos Não Podem Ser Exigentes.

Acabou chegando em casa pouco antes de uma da tarde. Edie pendurou as roupas (só quando se despia lembrou-se que as malas haviam ficado no Oldsmobile) e tomou uma ducha fria; sentada na cama, só de sutiã e calcinha, prendeu o fôlego e enfaixou as costelas o melhor que pôde. Depois tomou um copo d'água, um analgésico com codeína que sobrara da última dor de dente, vestiu um quimono e deitou-se na cama.

Bem mais tarde, um telefonema a despertou. Por um momento, pensou que a vozinha do outro lado fosse da mãe e não da filha. “Charlotte?”, perguntou, contrariada. Quando não obteve resposta, indagou: “Quem fala, por favor?”.

“É Allison. Estou na casa de Libby. Parece... que ela não está bem.”

“Não me espanta”, Edie retrucou. A dor repentina, quando se sentou, a pegou de guarda baixa. Respirou fundo. “Acho que não é um bom momento para visitá-la. Você não deveria estar incomodando sua tia, Allison.”

“Ela não parece *cansada*. Ela... ela disse que precisa fazer pickles de beterraba.”

“Pickles de beterraba?”, Edie repetiu, irritada. “Eu ficaria  *muito* contrariada se tivesse de fazer pickles de beterraba esta tarde...”

“Mas ela disse...”

“Volte para casa e deixe Libby descansar”, disse Edie. Estava meio tonta por causa do remédio; e, por medo de ser questionada a respeito do acidente (o policial insinuara que ela enxergava mal; chegara a mencionar

um exame de vista e a cassação da carteira de motorista), preferia encurtar a conversa ao máximo.

No fundo, um murmúrio de preocupação.

“O que foi?”

“Ela está preocupada. Pedi que eu ligasse para você, Edie. Não sei o que fazer. *Por favor*, venha até aqui...”

“Para quê?”, disse Edie. “Quero falar com ela.”

“Ela está na outra sala.” Conversa ininteligível. Depois, Allison retornou: “Ela disse que precisa ir ao centro e que não sabe onde seus sapatos e suas meias foram parar”.

“Diga a ela que não precisa se preocupar. As malas ficaram no porta-malas do carro. Ela já cochilou um pouco?”

Mais conversa, o bastante para fazer Edie perder a paciência.

“Alô?”, disse bem alto.

“Ela disse que está bem, Edie, mas...”

*(Libby sempre dizia que estava bem. Quando teve escarlatina, disse que estava bem.)*

“... mas ela não quer sentar”, Allison disse. Sua voz parecia distante, como se o fone estivesse longe de sua boca. “Ela está em pé no meio da sala...”

Embora Allison continuasse a falar e Edie a ouvir, a frase foi terminada e outra começou, até que Edie se deu conta de que não compreendera nada.

“Lamento”, disse, seca. “Não entendi. Fale mais alto”, e antes que pudesse censurar Allison por resmungar, alguém bateu na porta da frente com força: *tap tap tap tap*, uma série de toques altos. Edie fechou o quimono, prendeu o cinto e espiou pelo corredor. Lá estava Roy Dial, sorrindo feito um gambá com seus dentinhos cinzentos em forma de serra. Acenou entusiasmado.

Rapidamente, Edie recuou para dentro do quarto. *O abutre*, pensou. *Sinto vontade de dar um tiro nele*. Parecia feliz da vida. Allison disse

qualquer coisa.

“Preciso desligar”, disse, ríspida. “Tem gente batendo na porta e não estou adequadamente vestida.”

“Ela disse que precisa pegar uma noiva na estação”, Allison disse em alto e bom som.

Após um momento, Edie — que não admitia sua dificuldade de escutar e se acostumara a mudar de assunto rapidamente — respirou fundo (sentindo dor nas costas) e disse: “Diga a Libby para se deitar. Se quiser, posso ir até aí, medir sua pressão e lhe dar um tranqüilizante assim que...”.

*Tap tap tap tap tap!*

“Assim que me livrar desse sujeito”, disse antes de se despedir.

Jogou o xale por cima do ombro, calçou as pantufas e foi para a entrada. Pelo vidro da porta viu o sr. Dial — boca arreganhada numa pantomima exagerada de satisfação — erguer uma cesta que parecia de frutas, embrulhada com celofane amarelo. Quando viu que ela estava de robe, fez um gesto fingido de desculpas (sobrancelhas erguidas em um V invertido) e, com um movimento exagerado dos lábios, apontou para a cesta e falou: *Lamento incomodá-la! Trouxe um presentinho! Vou deixá-lo aqui...*

Após um momento de hesitação, Edie gritou com um tom diferente, mais cordial: “Espere um pouquinho! Já vou atender!”. Depois — trocando o sorriso por uma careta ao virar de costas — correu para o quarto, fechou a porta e pegou no guarda-roupa um vestido de usar em casa.

Fechou o zíper nas costas, *zip zip*, passou ruge na face, pó-de-arroz no nariz e uma escova no cabelo — sentindo uma pontada ao erguer o braço. Deu uma espiada rápida no espelho antes de abrir a porta e ir recebê-lo.

“Muito agradecida”, disse, altiva, quando o sr. Dial a presenteou com a cesta de frutas.

“Espero não estar incomodando”, o sr. Dial disse, virando a cabeça, amigável, para vê-la com o olho bom. “Dorothy encontrou Susie Cartrett

na mercearia e ela lhe contou tudo sobre o acidente... Há *anos* venho dizendo que precisam pôr um sinal naquele cruzamento.” Ele pegou no braço de Edie, para enfatizar a declaração. “Anos! Telefonei para o hospital e me informaram que você não havia sido internada, graças a Deus.” Levando a mão ao peito, ergueu o olho para o céu em sinal de gratidão.

“Graças a Deus”, Edie repetiu, enternecida. “Muito obrigada.”

“Sabe, trata-se do cruzamento mais perigoso da região! Imagine o que pode acontecer ali. Será lamentável, mas só quando alguém morrer a Câmara de Vereadores vai acordar para o problema. Quando *morrer* alguém!”

Para sua própria surpresa, Edie gostou das gentilezas do sr. Dial, principalmente por ele se mostrar convencido de que o acidente jamais poderia ter sido provocado por ela. E quando ele apontou para o Cadillac novo em folha estacionado na porta da casa (“Apenas uma cortesia... calculei que precisaria de um carro emprestado por alguns dias...”), ela não demonstrou a menor hostilidade em relação à visita, como pretendia fazer minutos antes. Saiu a seu lado, disposta e atenta, enquanto ele discorria sobre as qualidades do veículo: bancos de couro, toca-fitas, direção hidráulica (“Esta belezura chegou anteontem à concessionária, e devo confessar que, no minuto em que o vi, pensei: eis o carro perfeito para a senhora Edith!”). Acompanhar sua demonstração do funcionamento dos vidros elétricos foi curiosamente agradável, considerando que não muito tempo antes certas pessoas haviam tido o desprazer de insinuar que Edie nunca mais deveria dirigir.

E ele continuou falando. O efeito da pílula tomada por Edie começou a passar. Ela tentou abreviar a conversa, mas o sr. Dial, aproveitando a posição vantajosa (já sabia, pelo motorista do guincho, que o Oldsmobile não tinha conserto e ia para o ferro-velho), começou a desfiar os incentivos: quinhentos dólares de desconto no preço de tabela. Por quê? Mãos espalmadas. “Não é porque tenho um bom coração. Não, senhora.

Vou lhe dizer o motivo. Sou um homem de negócios, e a Dial Chevrolet quer fazer negócio com a senhora.” Na luz forte do verão ele prosseguiu, explicando que também ampliaria a garantia estendida. Edie — sentindo uma pontada de dor no peito — visualizou o pesadelo que seria a idade avançada. Dores nas juntas, vista cansada, gosto permanente de aspirina na garganta. Pintura descascada, goteira no telhado, torneiras pingando, gatos que urinavam no tapete, gramados sem aparar. E tempo: muito tempo para ficar horas no jardim ouvindo a arenga de qualquer embusteiro ou vendedor ou estranho “solícito” que passasse pela rua. Várias vezes havia chegado a Tribulation e encontrado seu pai, o juiz, conversando na entrada com um vendedor ou prestador de serviços inescrupuloso, como o jardineiro maroto que alegou depois ter dado um preço por *galho*, e não por árvore; judas de sapatos Florsheim oferecendo-lhe revistas de mulheres nuas e uísque, acompanhados de oportunidades imperdíveis e lucros inimagináveis; direitos de mineração, terras devolutas, investimentos sem nenhum risco, a grande chance da vida, para finalmente arrancar do pobre-diabo tudo que lhe restava, incluindo a casa onde nascera...

Com uma sensação cada vez mais opressiva e deprimente, Edie ouvia. De que adiantava discutir? Ela — como o pai — era ímpia e estóica; embora freqüentasse a igreja por dever cívico e social, jamais acreditara numa só palavra do que se dizia lá. Odores de cemitério estavam por toda parte: grama aparada, lírios e terra cavada; a dor lancinante nas costelas vinha a cada inspiração, ela não conseguia parar de pensar no broche de diamante e ônix herdado da mãe que deixara numa mala destrancada no porta-malas destrancado de um carro batido, do outro lado da cidade. *A vida inteira, pensou, fui roubada. Tudo que eu amava me foi tirado.*

De certo modo, a presença solidária do sr. Dial era inesperadamente reconfortante: o rosto afogueado, o odor intenso da colônia pós-barba, seu sorriso falso, exagerado. Seus modos espalhafatosos — incompatíveis com o peito rígido sob a camisa engomada — eram curiosamente tranqüilizantes. *Sempre achei que ele era um sujeito bem-apegoado*, Edie

pensou. Roy Dial tinha lá seus defeitos, mas pelo menos não era impertinente a ponto de insinuar que Edie não tinha competência para dirigir... “Eu vou continuar dirigindo”, ela tinha vociferado para o médico oftalmologista uma semana antes. “Pouco me importa se vou matar todos os habitantes do Mississippi...” E, enquanto ouvia o sr. Dial falar do carro, tocando seu braço com o dedo gorducho (só ia dizer mais uma coisinha, depois, quando ela estivesse absolutamente exausta de ouvi-lo, ele perguntaria: *O que mais preciso dizer para que se torne minha cliente? Neste instante. Diga o que deseja, para que possamos fechar negócio...*); enquanto Edie, impotente no momento para se livrar dele, continuava ali parada, ouvindo a proposta, Libby, depois de vomitar no vaso sanitário, deitou-se na cama com um pano molhado na testa e entrou em coma, para nunca mais acordar.

Um derrame. Foi isso que aconteceu. Quando ela sofreu o primeiro, ninguém jamais soube. Se fosse qualquer outro dia, Odean estaria lá — mas Odean estava de folga no fim de semana, por causa da viagem. Quando Libby finalmente abriu a porta — demorou muito tempo, tanto que Allison chegou a pensar que ela estava dormindo —, não usava óculos, e seus olhos pareciam meio embaçados. Ela olhou para Allison como se esperasse a chegada de outra pessoa.

“Você está se sentindo bem?”, Allison perguntou. Já sabia tudo a respeito do acidente.

“Claro”, Libby respondeu, distraída.

Ela abriu a porta para Allison, depois foi para os fundos da casa, como se procurasse por algo que havia guardado e não conseguia mais localizar. Dava a impressão de estar bem, exceto por uma contusão na maçã do rosto, da cor de uma camada fina de geléia de uva, e estava meio despenteada, o que não era normal.

Allison disse, olhando em volta: “Você perdeu o jornal?”. A casa estava impecavelmente limpa: piso recém-varrido, nenhuma poeira nos móveis, até as almofadas do sofá haviam sido afofadas e arrumadas em seus devidos lugares; de certa forma, a perfeita arrumação da casa impedira Allison de perceber que havia um problema. A doença, em sua casa, se relacionava à desordem: cortinas encardidas e roupas de cama sujas; gavetas abertas e farelo de pão na mesa.

Após uma busca rápida, Allison achou o jornal — dobrado, na página das palavras-cruzadas, no chão ao lado da poltrona de Libby, com os óculos da tia por cima. Levou-os para a cozinha, onde Libby, sentada à mesa, alisava o pano de prato com uma das mãos, descrevendo círculos fechados, repetidamente.

“Encontrei as palavras-cruzadas”, Allison disse. A cozinha estava clara de ofuscar, até incômoda. Apesar do sol que varava as cortinas, as luzes estavam todas acesas, como se fosse uma tarde escura de inverno e não um dia claro de verão. “Quer que eu pegue um lápis?”

“Não estou conseguindo fazer essa bobagem”, Libby disse com irritação, deixando o jornal de lado. “As letras ficam escorregando pela página... O que eu preciso fazer agora é cuidar das beterrabas.”

“Beterrabas?”

“Se eu não começar agora, não ficarão prontas a tempo. A noivinha chega à cidade no Número 4...”

“Que noivinha?”, Allison perguntou após um momento. Nunca ouvira falar no Número 4, fosse o que fosse. Tudo estava ofuscante, irreal. Ida Rhew partira havia apenas uma hora — como em qualquer outra sexta-feira. Só que desta vez não voltaria na segunda, nem nunca. Não levara nada, exceto o copo plástico vermelho no qual bebia água: no corredor, deixara os vegetais cuidadosamente embalados e a caixa de presentes. “Não preciso de nada disso”, disse veemente, ao encarar Allison direto nos olhos; seu tom de voz era o de quem recebia um botão ou um pirulito

chupado de uma criança pequena. “Por que pensa que preciso dessas porcarias?”

Allison — atônita — esforçou-se para não chorar. “Eu adoro você, Ida”, disse.

“Bom”, Ida disse, carinhosa. “Eu também adoro você.”

Foi terrível, ruim demais para ser verdade. Mas lá estavam as duas, paradas na porta da frente. Deu um nó na garganta de Allison ver Ida dobrar meticulosamente o cheque verde virado para cima, sobre a mesa da entrada — *vinte dólares e... centavos* —, de forma que as pontas ficassem perfeitamente sobrepostas, antes de deslizar o polegar e o indicador para vincar a dobra. Em seguida, abriu a bolsa pequena preta e o guardou.

“Não dá mais para viver com vinte dólares por semana”, disse. Sua voz, calma e natural, mesmo assim soava estranha. Como era possível que estivessem ali paradas, como aquele momento podia ser real? “Amo vocês todas, mas não tem jeito, é isso aí. Estou ficando velha.” Ela acariciou o rosto de Allison. “Sejam boazinhas. Diga para a Feinha que gosto muito dela.” Ida chamava Harriet de Feinha, quando a menina a desobedecia. A porta se fechou e ela foi embora.

“Espero”, Libby disse — e Allison notou, assustada, que Libby olhava para o chão da cozinha como se tivesse visto uma mariposa voando perto de seus pés, movendo a cabeça rapidamente para um lado e para outro —, “que ela não as encontre quando chegar aqui.”

“Como?”, Allison disse.

“*Beterraba. Pickles de beterraba*. Gostaria tanto que alguém me ajudasse”, Libby disse, num tom de queixa meio jocoso, levantando os olhos para o céu.

“Está precisando de ajuda?”

“Onde está Edith?”, Libby perguntou, inusitadamente ríspida e lacônica. “Ela pode me ajudar.”

Allison sentou-se à mesa da cozinha e tentou atrair a sua atenção. “Você *precisa* preparar a beterraba hoje?”, perguntou. “Lib?”

“Só sei o que me disseram.”

Allison assentiu com a cabeça e ficou sentada na cozinha iluminada, pensando em como deveria agir. Libby voltava às vezes da Sociedade, ou do Círculo Missionário, com exigências estranhas e muito específicas: selos promocionais, armações de óculos velhas ou rótulos das sopas Campbell's (que a igreja batista de Honduras trocava por dinheiro); palitos de picolé ou embalagens velhas de detergente Lux (para artesanato, destinados ao bazar da igreja).

“Diga-me a quem devo avisar”, ela disse finalmente. “Posso telefonar e explicar que você sofreu um acidente esta manhã. Outra pessoa pode providenciar as beterrabas.”

Abruptamente, Libby disse: “*Edith* me ajudará”. E, levantando-se, deixou a cozinha, voltando para a sala.

“Quer que eu ligue para ela?”, Allison perguntou, seguindo-a. “Libby?” Nunca ouvira Libby falar com tanta rispidez.

“Edith resolverá tudo”, Libby disse, rabugenta, de um jeito muito diferente do seu.

E Allison foi telefonar. Mas ainda sofria com a partida de Ida e não conseguiu explicar a Edie o quanto Libby parecia alterada, confusa, com uma expressão muito esquisita. Com ar envergonhado, mexia continuamente na lateral do vestido. Allison, estendendo o fio o máximo que conseguiu, esticou o pescoço para ver a sala enquanto falava, gaguejando suas preocupações. As pontas do cabelo fino de Libby pareciam rosadas — e o cabelo, tão fino que Allison podia ver as orelhas enormes de Libby através dos fios.

Edie interrompeu Allison antes que ela terminasse de falar: “Volte para casa e deixe Libby descansar”.

“Espere”, Allison disse, e depois chamou Libby. “Edie está na linha. Quer falar com ela?”

“O que foi”, disse Edie. “Alô?”

O sol batia na mesa de jantar, formando poças de um ouro reluzente e sentimental; moedas aguadas de luz — reflexos do lustre — brilhavam no teto. A casa inteira reluzia, iluminada como um salão de baile. Libby brilhava, avermelhada nas bordas, como uma brasa; e, sob o sol da tarde que caía sobre ela, carregava em sua sombra uma escuridão que parecia queimada.

“Ela... estou preocupada”, Allison disse, desesperada. “Por favor, venha até aqui. Não entendo nada do que ela está dizendo.”

“Preciso desligar”, disse Edie. “Tem gente batendo na porta e não estou adequadamente vestida.”

Depois ela desligou e Allison ficou parada ao lado do telefone por um instante, tentando concatenar os pensamentos. Depois correu até a sala, para ver como Libby estava passando. Ela a encarou com um olhar fixo.

“Temos um par de pôneis”, disse. “Pequenos e baixos.”

“Vou chamar um médico.”

“Não vai, não senhora”, Libby disse, com tamanha firmeza que Allison cedeu imediatamente à autoridade adulta. “Está proibida de fazer isso.”

“Mas você está doente.” Allison começou a chorar.

“Estou bem, estou muito bem. Só que eles já deveriam ter vindo me buscar a esta altura”, Libby disse. “Onde se meteram? Está ficando muito tarde.” E ela pegou a mão de Allison — sua mãozinha seca como papel — e a olhou como se esperasse ser levada para algum lugar.

O odor de lírio e angélica predominava na casa funerária e fazia o estômago de Harriet revirar sempre que o ventilador soprava em sua direção, ao se mover. Em seu melhor vestido domingueiro — branco com margaridas —, ela estava sentada de olhos semicerrados no sofá de encosto recurvado. Os entalhes cutucavam os ossos de suas costas. O vestido era apertado demais da cintura para cima, o que só aumentava o aperto no peito e a sensação de sufocar naquele ambiente abafado, de respirar na

atmosfera sem oxigênio do espaço sideral, onde havia outro gás. Não jantara nem tomara café-da-manhã; passara a maior parte da noite acordada, com o rosto enfiado no travesseiro, chorando; quando abriu os olhos na manhã seguinte em seu quarto, com o coração apertado, passou um tempo deitada na cama, quieta, observando os objetos familiares (cortinas, reflexo de folhas no espelho da penteadeira, até a mesma pilha de livros da biblioteca, com o prazo de devolução vencido, no chão). Tudo como deixara no dia em que partira para o acampamento — e depois, como uma pedra, caiu sobre ela a noção de que Ida se fora, Libby falecera e tudo estava horrível e errado.

Edie, vestida de luto, com gargantilha de pérolas, exalava imponência ao lado do pedestal que sustentava o livro de condolências, perto da porta. Dizia exatamente a mesma coisa a todas as pessoas que entravam. “O caixão está no salão dos fundos”, como se fosse uma saudação. Falou o mesmo para o homem de rosto vermelho e roupa marrom antiquada que apertou sua mão. Em seguida, disse para a esquelética sra. Fawcett, que aguardava a vez, muito composta, atrás do sujeito: “O caixão está no salão dos fundos. Não se pode ver o corpo, infelizmente, mas a decisão não foi minha”.

Por um momento, a sra. Fawcett pareceu confusa. Depois, ela também apertou a mão de Edie. Dava a impressão de que ia chorar. “Fiquei muito triste quando soube”, disse. “Todos nós gostávamos muito da senhora Cleve na biblioteca. Foi muito triste chegar lá esta manhã e ver os livros que eu havia separado para ela.”

A *sra. Fawcett!*, Harriet pensou, repentinamente engolfada pela afeição. No meio dos ternos escuros, ela era uma visão colorida reconfortante, de vestido estampado leve e alpargatas de lona vermelha; pelo jeito, viera direto do trabalho.

Edie tocou sua mão. “Sabe, ela adorava vocês todos da biblioteca”, disse. Harriet sentiu nojo de seu tom duro, cordial.

Adelaide e Tat, sentadas na frente de Harriet, conversavam com duas senhoras idosas e corpulentas que pareciam irmãs. Falavam das flores do velório, que por negligência dos encarregados haviam murchado durante a noite. As senhoras protestavam indignadas, em voz alta.

“Sem dúvida as funcionárias ou alguém deveria ter regado as flores!”, exclamou a mais gorda e animada das duas: rotunda, rosada, com cabelo branco encaracolado como uma Mamãe Noel.

“Ora”, Adelaide disse com frieza, erguendo o queixo, “elas não iam se dar o trabalho de fazer *isso*”, e Harriet sentiu uma pontada inevitável de raiva — de Addie, de Edie, de todas as velhas — por seu domínio frio dos padrões adequados de sofrimento.

Bem ao lado de Harriet havia um outro grupo animado de senhoras tagarelas. Harriet não conhecia nenhuma delas, exceto a sra. Wilder Whitfield, organista da igreja. Um pouco antes riam alto, como se estivessem jogando baralho. Agora, de cabeça baixa, falavam em voz contida. “Olivia Vanderpool”, murmurou uma mulher de rosto liso, meigo, “bem, Olivia durou *anos*. No final, pesava menos de quarenta quilos e não conseguia ingerir alimentos sólidos.”

“Coitadinha da Olivia. Ela nunca mais foi a mesma após a segunda queda.”

“Dizem que câncer nos ossos é o pior.”

“Com certeza. Só posso dizer que foi uma bênção a senhora Cleve ter partido tão depressa, já que não tinha ninguém no mundo.”

*Não tinha ninguém no mundo?*, Harriet repetiu mentalmente. *Libby?* A sra. Whitfield notou que Harriet a encarava e sorriu, mas Harriet virou a cara e olhou para o carpete com olhos marejados, vermelhos. Chorara tanto no caminho do acampamento até em casa que sentia agora apenas torpor e náusea: não conseguia nem engolir. Na noite anterior, quando finalmente havia conseguido dormir, sonhou com insetos: um enxame negro furioso que saía do forno da casa de alguém.

“De quem é aquela menina?”, perguntou a mulher de rosto meigo para a sra. Whitfield, num sussurro teatral.

“Aquela...”, disse a sra. Whitfield, e baixou o tom de voz. Na penumbra, a luz dos círios batia e brilhava nas lágrimas de Harriet; tudo se encheu de neblina, derreteu. Parte de si — fria, furiosa — distanciou-se e zombou de seu próprio choro, enquanto a chama das velas se dissolvia e retornava em prismas desagradáveis.

A funerária — na Main Street, perto da igreja batista — estava instalada numa mansão vitoriana de pé-direito alto com torrinhas e cercas de ferro fundido com pontas em lança. Quantas vezes Harriet não passara por ali de bicicleta, imaginando o que acontecia no alto daquelas torres, atrás das cúpulas e das janelas cortinadas? Esporadicamente — de noite, quando morria alguém — uma luz misteriosa reluzia na torre mais alta, através dos vitrais, uma luz que a fazia pensar num artigo sobre múmias que lera numa edição antiga da *National Geographic*. *Os sacerdotes embalsamadores trabalhavam durante a noite, até tarde*, dizia a legenda sob a foto (Karnak ao escurecer, com uma brilhante luz fantasmagórica), *para preparar seus faraós para a longa jornada ao mundo subterrâneo*. Sempre que via luz naquela torre, Harriet sentia um arrepio na espinha e pedalava com mais força para chegar logo em casa, ou no entardecer prematuro do inverno, quando voltava do ensaio no coro, fechava o casaco e se aninhava no canto do banco do carro de Edie:

*Ding dong toca o sino do castelo,*

cantavam as meninas, pulando corda no gramado da igreja, após o ensaio do coro,

*Adeus à minha mãe*

*Ponham-me no cemitério*

*Ao lado de meu irmão mais velho...*

Independentemente dos rituais noturnos que ocorriam na torre — cortar, sangrar e recheiar entes queridos —, no térreo imperava uma atmosfera vitoriana macabra e sedativa. Nos salões e vestibulos, as instalações eram exageradas e sombrias; o tapete, grosso e desbotado; a mobília (poltronas arredondadas, sofás obsoletos), suja e dura. Uma corda de veludo barrava o pé da escada: tapete vermelho a subir gradualmente para a escuridão de filme de terror.

O agente funerário era um sujeito pequeno e cordial chamado sr. Makepeace, de braços compridos, nariz fino e delicado, e perna atrofiada pela poliomielite. Disposto e falante, simpático apesar da profissão. No outro lado da sala, ele mancava de roda em roda, entretendo as pessoas como um dignitário deformado, apertando-lhes a mão, sempre sorridente, sempre bem recebido: as pessoas abriam a roda e o incluíam delicadamente na conversa. Sua silhueta inconfundível, o ângulo da perna arrastada e seu costume (frequente) de segurar a coxa com as duas mãos e puxá-la para a frente quando a perna atrofiada prendia em algum lugar, tudo isso levou Harriet a pensar na ilustração que vira numa revista em quadrinhos de Hely, na qual o mordomo corcunda da mansão assombrada puxava a perna — com as duas mãos — para livrá-la da mão do demônio esquelético que tentava agarrá-la de um buraco.

Eddie passara a manhã inteira falando do “belo trabalho” feito pelo sr. Makepeace. Ela teria preferido abrir o caixão, apesar de Libby haver insistido a vida inteira que não queria que vissem seu corpo quando morresse. Quando Libby estava viva, Eddie zombava de seu medo; na morte, desprezara sua vontade e escolhera tanto o caixão quanto as roupas pensando em exibi-las. Os parentes de longe esperavam por isso, era o costume, o procedimento correto. Mas, naquela manhã, Adelaide e Tatty haviam armado tamanha comoção nos fundos da funerária que Eddie finalmente acabou cedendo: “Que seja assim, então”, e ordenou ao sr. Makepeace que fechasse o caixão.

Oculto sob o perfume forte dos lírios, Harriet notou um cheiro diferente. Era um odor de produtos químicos, parecido com naftalina, porém mais enjoativo: líquido para embalsamar? Não adiantava nada pensar nessas coisas. Melhor nem pensar nisso. Libby nunca explicara a Harriet por que se opunha a um funeral de caixão aberto, mas Harriet tinha ouvido Tatty dizer a alguém que antigamente “os agentes funerários caipiras faziam um serviço *pavoroso*. Ainda não havia refrigeradores elétricos. E nossa mãe morreu no verão, sabe?”.

A voz de Edie, em seu posto na recepção, foi ouvida claramente, por um momento, apesar da algazarra: “Então aquela gente não conhecia papai. Ele nunca se preocupou com isso”.

Luvas brancas. Murmúrios discretos, como nas reuniões das senhoras de famílias tradicionalíssimas. O ar — sufocante, úmido — impregnava o pulmão de Harriet. Tatty — de braços cruzados, balançando a cabeça — conversava com um homem baixo e calvo que Harriet não conhecia; apesar dos olhos fundos e da ausência de maquiagem e batom, seus modos eram frios e metódicos. “Não”, dizia, “foi o senhor Holt le Fevre quem pôs o apelido em papai quando eles eram meninos. O senhor Holt caminhava na avenida com a ama, largou a mão dela e pulou em cima de papai, que se defendeu. Embora o senhor Holt fosse três vezes maior, apanhou e saiu chorando. ‘Você é um gorila!’”

“Meu pai chamava o juiz de Gorila de vez em quando.”

“Bem, na verdade o apelido não combinava com papai. Ele não era um sujeito corpulento. Claro, engordou um pouco quando envelheceu. E, por causa da flebite, que fez seu tornozelo inchar, já não se movimentava com facilidade.”

Harriet mordeu a bochecha.

“Quando o senhor Holt ficou velho e gagá”, disse Tat, “Violet me disse que de vez em quando ele perguntava: ‘Gostaria de saber por onde anda o Gorila. Já faz um bom tempo que não o vejo’. Ora, papai estava morto havia anos. Certa tarde, ele insistiu tanto, falou tanto em papai e

reclamou tanto por não ser mais visitado por ele que Violet acabou dizendo: ‘Seu amigo Gorila passou por aqui, Holt, para *visitá-lo*. Mas você estava dormindo’.”

“Que Deus o tenha”, disse o homem calvo, que olhava por cima do ombro de Tat para um casal que acabara de entrar na sala.

Harriet continuou sentada rigidamente. *Libby!*, sentia vontade de gritar, como fazia quando a chamava sempre que acordava de um pesadelo, no escuro. Libby, cujos olhos marejavam no consultório médico; Libby, que tinha medo de abelha!

Seus olhos cruzaram com os de Allison — vermelhos, congestionados de sofrimento. Harriet cerrou os lábios, enterrou a unha na palma da mão e baixou a vista para o carpete, prendendo a respiração, muito concentrada.

Cinco dias — Libby passara cinco dias internada no hospital antes de falecer. Pouco antes de sua morte, parecia que ia acordar: resmungava durante o sono, virando páginas de um livro imaginário. Depois suas palavras se tornaram incoerentes e incompreensíveis. Ela afundou no torpor da paralisia e dos medicamentos. *Os sinais estão fracos*, disse a enfermeira que a examinou na manhã final, quando Edie dormia numa cama ao lado. Mal deu

tempo de convocar Adelaide e Tat ao hospital — pouco antes das oito, com as três irmãs reunidas em torno do leito, sua respiração foi diminuindo, diminuindo, até “simplesmente parar”, descreveu Tat, com um sorriso nervoso. Foram obrigadas a cortar os anéis, pois as mãos haviam inchado muito. As mãozinhas de Libby, tão finas e delicadas! Mãozinhas queridas, sarapintadas, que faziam barquinhos de papel para navegar na pia da cozinha! *Inchadas feito laranjas*, foi a expressão, a terrível expressão que Edie repetira nos últimos dias, seguidamente. *Inchadas feito laranjas. Precisei chamar o joalheiro para cortar os anéis dos dedos dela...*

*E por que não me chamaram?*, Harriet disse — gaguejando, atônita —, quando finalmente conseguiu falar. Sua voz — no frio ar condicionado do carro novo de Edie — saiu esganiçada, imprópria, deformada pela avalanche escura que quase a fez desmaiar ao ouvir as palavras *Libby morreu*.

Ora, Edie retrucou filosoficamente, *achei que não era o caso de perturbar suas férias prematuramente*.

“Pobres meninas”, disse uma voz familiar — Tat — acima delas.

Allison — com o rosto entre as mãos — começou a soluçar. Harriet rilhou os dentes. *Ela é a única mais triste do que eu*, pensou, *a única pessoa que também está realmente triste nesta sala*.

“Não chore.” A mão de professora de Tat pousou por um momento no ombro de Allison. “Libby não ia querer.”

Ela parecia sofrer — mas só um pouquinho, pensou Harriet friamente, com a parte de sua mente que a tudo observava, distanciada, imune à dor. Mas não sofria o suficiente. *Por que*, Harriet pensou, *cega e dolorida e tonta de tanto chorar, por que me deixaram naquele acampamento medonho enquanto Libby estava morrendo no hospital?*

Edie, no carro, se desculpara — em termos. *Pensamos que ela ia se recuperar*, disse no início; e depois: *Achei que seria melhor você se lembrar dela como era*, e finalmente: *Não consegui raciocinar*.

“Meninas?”, disse Tat. “Lembram-se das primas Delle e Lucinda, de Memphis?”

Duas senhoras recurvadas deram um passo à frente: uma alta e morena, a outra gorda, mulata, com uma bolsa de veludo preto e miçangas.

“Ora, vejam!”, disse a mais alta e morena. Parecia um homem, de sapatos baixos largos, com a mão no bolso do vestido cáqui de abotoar que nem camisa.

“Que Deus as abençoe”, disse a gorda baixa escura, enxugando os olhos (contornados de preto, como uma estrela de cinema mudo) com um lenço cor-de-rosa.

Harriet olhou para elas e pensou na piscina do Country Club: a luz azul, o mundo absolutamente silencioso subaquático em que mergulhava, prendendo o fôlego. *Você pode ir para lá agora*, pensou, *pode ir para lá se conseguir se concentrar*.

“Harriet, posso conversar com você um minuto?” Adelaide — muito elegante em seu traje de luto com gola branca — pegou sua mão e a puxou para cima.

“Só se prometer trazê-la de volta logo!”, disse a senhora gorda, acenando com a mão cheia de anéis.

*Posso ir embora daqui. Mentalmente. Basta me concentrar.* O que foi mesmo que Peter Pan disse a Wendy? “Feche os olhos e pense em coisas boas.”

“Oh!” No meio do salão, Adelaide parou e fechou os olhos. As pessoas passavam por elas. Música de um órgão invisível (“Meu Deus mais perto de ti” — nada muito excitante, mas Harriet ignorava o que as senhoras idosas consideravam excitante) tocava solene, não muito distante.

“Angélicas!”, Adelaide suspirou; e o perfil de seu nariz era tão parecido com o de Libby que o coração de Harriet ficou mais apertado ainda. “Sinta o perfume!” Ela pegou Harriet pela mão e a puxou até o buquê de flores dentro de um vaso de porcelana.

O órgão era enganação. Num recesso atrás da pilastra, Harriet viu um toca-fitas de rolo, escondido atrás de uma cortina de veludo.

“Minha flor favorita!” Adelaide a empurrou para a frente. “Veja as pequeninas. Sinta o perfume, querida!”

O estômago de Harriet revirou. A fragrância, no salão superaquecido, era exagerada, doce demais.

“Não são divinas?”, Adelaide dizia. “Meu buquê de noiva era de angélicas...”

A cena piscou na frente dos olhos de Harriet e tudo escureceu nas bordas. As luzes giraram e dedos grandes — de homem — seguraram seu cotovelo.

“Não sei se *desmaiaria*, mas elas sem dúvida provocam dor de cabeça num ambiente fechado”, alguém disse.

“Ela precisa de um pouco de ar”, disse o desconhecido que a mantinha em pé: um senhor idoso, incomumente alto, de cabelo branco e sobrelha preta espessa. Apesar do calor, um colete com gola em V sobre a camisa e a gravata.

Edie surgiu de repente, toda de preto como a Bruxa Malvada, diante do rosto de Harriet. Os olhos verdes frios avaliaram a menina por um minuto. Depois ela se levantou (*para cima, cima cima*) e disse: “Levem Harriet para o carro”.

“Eu levo”, Adelaide disse. Dando um passo à frente, pegou o braço esquerdo de Harriet, enquanto o senhor (muito idoso, teria oitenta e tantos anos, talvez mais de noventa) a segurava pelo direito. Juntos, conduziram Harriet para fora, sob o sol ofuscante: lentamente, mais de acordo com o passo do senhor do que o necessário para Harriet, mesmo com tontura.

“Harriet”, Adelaide disse, teatral, apertando a mão dela, “aposto que não sabe quem é este senhor! Trata-se de J. Rhodes Sumner, que tinha uma casa na mesma rua em que eu cresci!”

“*Chippokes*”, disse o sr. Sumner, imensamente lisonjeado.

“Isso mesmo, *Chippokes*. Na mesma rua, adiante de Tribulation. Sei que já ouviu falar muito no senhor Sumner, Harriet. Sabia que ele trabalhou no Egito, como diplomata?”

“Conheço sua tia Addie desde que ela era um bebê.”

Adelaide riu, sedutora. “Não era assim *tão* pequena, Harriet. Sei que vai gostar de conversar com o senhor Sumner, pois se interessa tanto pelo rei Tut e essas coisas.”

“Não passei muito tempo no Cairo”, disse o sr. Sumner. “Durante a guerra, apenas. Todo mundo foi para o Cairo.” Ele se dirigiu para a janela aberta do passageiro de uma longa limusine preta Cadillac — veículo da agência funerária — e se abaixou um pouco para falar com o motorista.

“Poderia tomar conta desta jovem? Ela precisa se deitar um pouquinho no banco traseiro.”

O motorista — cujo rosto era branco como o de Harriet, apesar de usar um penteado afro vermelho-ferrugem enorme —, assustado, desligou o rádio. “Cumé?”, disse, olhando de um lado para o outro, sem saber para quem dirigir a atenção — se ao velho branco alto debruçado na janela ou a Harriet, que entrava no banco de trás. “Ela está se sentindo mal?”

“Quer saber?”, disse o sr. Sumner, abaixando-se mais para examinar o interior escuro do carro onde estava Harriet. “Pelo jeito, tem um bar dentro deste veículo!”

O motorista se animou e endireitou o corpo. “Não, senhor, só no meu *outro* carro!”, disse num tom jocosos, indulgente, artificialmente amigável.

O sr. Sumner, rindo, bateu no teto do carro, achando engraçada a brincadeira do motorista. “Tudo bem!”, disse. As mãos dele tremiam; embora desse a impressão de estar lúcido, era uma das pessoas mais velhas e frágeis que Harriet já vira de pé e caminhando. “Muito bem! Você não tem do que se queixar, certo?”

“Isso mesmo.”

“Folgo em sabê-lo. Bem, mocinha”, disse a Harriet, “o que prefere? Quer Coca-Cola?”

“Oh, John”, Adelaide murmurou, “não é preciso.”

John! Harriet levantou a cabeça para ver a tia.

“Gostaria que soubesse que eu amava sua tia Libby mais do que qualquer coisa deste mundo”, ela ouviu o sr. Sumner dizer. Sua voz trêmula e fraca tinha um sotaque tipicamente sulista. “Eu teria pedido essa moça em casamento, se achasse que ela aceitaria!”

Lágrimas furiosas molharam os olhos de Harriet. Cerrou os lábios com força e tentou não chorar. Sentia-se sufocada dentro daquele carro.

O sr. Sumner disse: “Depois que seu bisavô morreu eu pedi Libby em casamento. Quando já éramos velhos”. Ele riu. “Sabe o que ela disse?” Como Harriet não olhou para ele, bateu de leve na porta do carro. “Sabe o

que ela disse, mocinha? Ela disse que aceitaria se não tivesse de andar de *aeroplano*. Rá rá rá! Só para você ter uma idéia, mocinha, na época eu estava trabalhando na Venezuela.”

Atrás dele, Adelaide disse alguma coisa. O senhor idoso resmungou baixinho: “Ela é a Edith sem tirar nem pôr”.

Adelaide riu, coquete. Com isso, os ombros de Harriet subiram e desceram. Ela começou a soluçar descontroladamente, contra sua vontade.

“Ah!”, o sr. Sumner gritou, com preocupação autêntica. Sua sombra caiu sobre ela novamente. “Deus a abençoe!”

“Espere, não, não”, Adelaide disse com firmeza, puxando o braço dele. “Vamos deixá-la sozinha. Ela está bem, John.”

A porta do carro continuava aberta. Os soluços de Harriet eram altos e repugnantes no silêncio. No banco da frente, o motorista a observava silenciosamente pelo espelho retrovisor, por cima de um livro de bolso de banca de jornal (um círculo astrológico na capa) intitulado *Seu amor nos signos*. Depois de algum tempo, perguntou: “Sua mãe morreu?”

Harriet fez que não com a cabeça. Pelo espelho, o motorista ergueu uma sobrancelha. “Perguntei: sua mamãe morreu?”

“Não.”

“Então, tudo bem.” Ele apertou o acendedor elétrico. “Não tem motivo para chorar.”

O acendedor saltou e o motorista acendeu o cigarro. Tragou e soprou a fumaça pela janela aberta, demoradamente. “A gente não sabe o que é a tristeza”, disse, “até esse dia.” Depois abriu o porta-luvas, pegou lenços de papel e os entregou a Harriet.

“Quem morreu então?”, indagou. “Seu pai?”

“Minha tia”, Harriet conseguiu dizer.

“Sua quem?”

“Minha tia.”

“Ah. Sua tia.” Silêncio. “Morava com ela?”

O motorista esperou a resposta e depois de algum tempo deu de ombros e virou-se de novo para a frente. Ficou lá sentado calmamente, com o cotovelo na janela aberta, fumando o cigarro. De vez em quando dava uma espiada no livro, que mantinha aberto sobre a coxa esquerda, com a mão livre.

“Quando você nasceu?”, perguntou a Harriet após algum tempo. “Em que mês?”

“Dezembro”, Harriet disse quando ele já ia repetir a frase.

“Dezembro?” Ele se virou para olhá-la; seu rosto indicava dúvida. “Sagitário?”

“Capricórnio.”

“Capricórnio!” Seu riso era desagradável e insinuante. “Então você é uma *cabrita*. Rá rá rá!”

Do outro lado da rua, os sinos da igreja batista soaram, anunciando o meio-dia; seu repicar frio e mecânico trouxe de volta uma das lembranças mais antigas de Harriet: Libby (tarde de outono, céu claro, folhas amarelas e vermelhas na sarjeta) inclinada ao lado de Harriet de parka vermelha, abraçando Harriet na altura da cintura. “Ouça!” E, juntas, elas escutaram os sons que vinham pelo ar frio, límpido: uma nota em tom menor que tocava agora imutável, transcorrida uma década, tão triste e arrepiante que, mesmo no verão, lembrava ramos pelados de árvore, céus inverniais e perdas.

“Posso ligar o rádio?”, perguntou o motorista. Como Harriet não respondeu, pois chorava, ele o ligou assim mesmo.

“Você tem namorado?”

Na rua, um carro buzinou. “Oi”, respondeu o motorista da limusine, acenando. Harriet levou um choque e se sentou rigidamente quando os olhos de Danny Ratliff cruzaram com os dela e se arregalaram ao reconhecê-la. Ela viu seu próprio choque espelhado no rosto dele. No instante seguinte ele se foi e ela ficou olhando para a traseira alta da Trans Am.

“Então”, insistiu o motorista, e alarmada Harriet se deu conta de que ele se virara e debruçara no banco para encará-la. “Então, tem namorado?”

Harriet tentou manter os olhos na Trans Am sem ser notada — viu que dobrou à esquerda, algumas quadras adiante, na direção da estação de trem e do antigo pátio dos cargueiros. Do outro lado da rua, os sinos da igreja — após a última nota triste morrer — deram a hora com súbita violência: *dong dong dong dong dong...*

“Você é meio metida”, o motorista disse. Sua voz era provocante, maliciosa. “Não é?”

De repente, ocorreu a Harriet que ele poderia dar meia-volta e retornar. Ela olhou para os degraus de entrada da funerária. Havia várias pessoas por lá — um grupo de senhores idosos, fumando; Adelaide e o sr. Sumner, na lateral. O sr. Sumner inclinou-se, solícito — estava acendendo um cigarro para ela? Addie não fumava havia anos. Mas lá estava ela de braços cruzados, atirando a cabeça para trás como uma desconhecida, soprando uma nuvem de fumaça.

“Os meninos não gostam de garotas esnobes”, o motorista dizia.

Harriet saiu do carro — a porta ainda estava aberta — e subiu rapidamente os degraus da funerária.

Um arrepio gelado percorreu a espinha de Danny quando ele passou em alta velocidade na frente da funerária. A intensa claridade da metanfetamina baixou sobre ele em novecentas direções simultaneamente. Dedicara horas a procurar a menina, passara por todos os lugares, varrera a cidade, percorrera ruas residenciais, rotatória após rotatória. Agora, justamente quando decidira deixar de lado a ordem de Farish e parar de procurar, lá estava ela.

Com Catfish, ainda por cima: isso era de doer. Claro, a gente nunca podia dizer onde Catfish ia aparecer, uma vez que o tio dele era um dos sujeitos mais ricos da cidade, entre brancos e pretos, dono de um império

considerável, que incluía negócios como abertura de covas, poda de árvores, pintura de casas, limpeza de terrenos, conserto de telhados, loteria de números, oficina mecânica, conserto de eletrodomésticos e mais meia dúzia de empreendimentos. A gente nunca sabia onde Catfish ia aparecer: em Niggertown, recebendo aluguéis para o tio; no alto de uma escada num cortiço, lavando janelas; ao volante de um táxi ou em um carro de defunto.

Agora, como explicar este momento alucinado da realidade do tamanho de um bonde? Pois era coincidência demais ver a menina (logo ela) sentada lá com Catfish, no banco traseiro da limusine da Bienville. Catfish sabia que uma carga de anfeta muito grande estava para ser despachada e tinha se mostrado excessivamente curioso a respeito do lugar onde Danny e Farish escondiam o material. Como quem não queria nada, demonstrara um interesse excessivo, e com seu jeito manso e tagarela passara duas vezes no trailer sem avisar, para “uma visitinha”, no Gran Torino de vidros escuros. Havia ficado tempo demais no banheiro, batendo nas paredes, com a torneira totalmente aberta; tinha se levantado bem depressa quando Danny saiu e o apanhou olhando debaixo da Trans Am. Pneu murcho, disse. Achei que tinha um pneu furado, cara. Mas o pneu estava ótimo e os dois sabiam disso.

Bem, Catfish e a menina eram seu menor problema, pensou, com uma sensação pesada de que tudo era inevitável, enquanto pulava na estradinha de terra rumo à caixa-d'água. Parecia que vivia o tempo inteiro pulando, na cama, nos sonhos, vinte e cinco vezes por dia caindo sempre no mesmo buraco. E não era só por causa das drogas, não, essa sensação de estar sendo *vigiado*. A invasão da casa de Eugene e o ataque a Gum tinham levado todos eles a viver olhando para trás, sobressaltados com o menor ruído. Mas sua maior preocupação era Farish, que estava a ponto de explodir, de tão tenso.

Quando Gum estava no hospital, Farish não precisou fingir que ia para a cama. Passava as noites sentado, todas as noites, e obrigava Danny a

permanecer a seu lado: andava para lá e para cá, fazia planos, mantinha as cortinas fechadas por causa do sol, batendo pó no espelho, falando até enrouquecer. Agora que Gum tinha voltado para casa (estóica, indolente, arrastando-se sonolenta pela porta, a caminho do banheiro), a presença dela na casa não foi capaz de alterar o padrão, apenas aumentou a ansiedade de Farish até um pico insuportável. Um trinta-e-oito carregado surgiu em cima da mesinha, ao lado da gilete e do espelho. Grupos — gente perigosa — queriam pegá-lo. A segurança da avó estava por um fio. Embora Danny duvidasse de muitas teorias de Farish, como saber ao certo? Dolphus Reese (*persona non grata* desde o incidente da naja) gabava-se freqüentemente de seus vínculos com o crime organizado. E o crime organizado, que no tráfico de drogas cuidava da parte do varejo, andava de mãos dadas com a CIA desde o assassinato de Kennedy.

“Não me preocupo comigo”, Farish disse, esfregando o nariz antes de se sentar novamente, “não me preocupo comigo, e sim com Gum, coitada. Estamos lidando com uns filhos-da-mãe desgraçados. Não dou a mínima para a *minha* vida. Diacho, fui perseguido descalço pelo meio do mato, passei uma semana mergulhado numa plantação de arroz, respirando por um canudo de bambu. Não há nada que possam fazer a mim. Está ouvindo?” Farish apontou a ponta da faca para a imagem na televisão. “Não há nada que vocês possam fazer a mim.”

Danny cruzou as pernas para evitar que o joelho tremesse, sem dizer nada. A cada vez mais freqüente menção a suas atividades na guerra o assustava, pois Farish passara boa parte da Guerra do Vietnã no hospício público de Whitfield. Em geral, Farish deixava para contar os casos do Vietnã no salão de bilhar. Danny sempre achou que era tudo mentira. Só recentemente Farish havia revelado que o governo arrancava determinados prisioneiros e pacientes mentalmente perturbados da cama no meio da noite — estupradores, malucos, gente inútil — e os despachava em operações militares altamente secretas das quais não deveriam retornar. Helicópteros negros nos algodoais das penitenciárias durante a noite,

torres de vigia desertas, vento forte a soprar e vergar os talos secos. Homens com gorros de malha empunhando AK-47. “Vou lhe contar uma coisa”, Farish disse, olhando por cima do ombro antes de escarrar na lata que costumava carregar, “nem todos falavam inglês.”

O que incomodava Danny era que a anfeta ainda estava na área (embora Farish a escondesse e mudasse o esconderijo compulsivamente, várias vezes por dia). Segundo Farish, ele precisava “deixar a coisa acalmar” um pouco antes de passar a droga adiante. Mas passar a droga para a frente (Danny sabia) era o verdadeiro problema, com Dolphus fora do esquema. Catfish se oferecera para fazer contato com um primo no sul da Louisiana, mas isso foi antes de Farish testemunhar o episódio da espiada-debaixo-do-carro e sair correndo para fora com a faca na mão, ameaçando degolar Catfish.

E Catfish, sabiamente, não aparecera mais por lá nem telefonara. Infelizmente, as suspeitas de Farish não paravam por aí. Ele vigiava Danny também, e queria que Danny soubesse disso. Às vezes fazia insinuações maldosas ou passava a desfiar confidências, compartilhando segredos inexistentes com Danny; em outras ocasiões, reclinava a cadeira como se tivesse chegado a uma conclusão e — com um sorriso amplo estampado na face — dizia: “Filho-da-puta. Seu *filho-da-puta*”. E de repente ele pulava da cadeira e começava a gritar, acusando Danny de traições e mentiras imaginárias. O único jeito de Danny evitar que Farish ficasse louco de vez e o espancasse até a morte era manter sempre a calma, sem se importar com o que Farish fizesse; com muita paciência, suportava as acusações de Farish (que vinham imprevisível e intempestivamente, a intervalos cada vez mais curtos): respondia devagar, com muita cautela e educação, sem fazer gracinhas nem movimentos súbitos, num equivalente psicológico a sair do carro com as mãos para o alto.

Certa manhã, antes de o sol nascer, quando os pássaros ainda começavam a cantar, Farish levantou-se subitamente. Delirante, encolerizado, resmungando, assoando repetidamente o nariz num lenço

ensangüentado, ele apareceu com uma mochila e ordenou que Danny o levasse para a cidade. Quando chegou lá, mandou Danny deixá-lo no centro, voltar para casa e aguardar seu telefonema.

Mas Danny (contrariado após tanta violência e acusações injustas) não fez isso. Deu a volta no quarteirão, parou o carro no estacionamento vazio da igreja presbiteriana e — a pé, mantendo uma distância cautelosa — seguiu Farish, que ia pisando duro pela calçada com a mochila militar.

Ele havia escondido as drogas na velha torre da caixa-d'água atrás da ferrovia. Danny tinha certeza disso, porque — após perder Farish de vista no mato alto em volta do pátio de manobra — o viu ao longe, na escada da torre, bem no alto, subindo penosamente os degraus com a mochila presa nos dentes, a silhueta corpulenta recortada contra o céu rosado do alvorecer.

Danny deu meia-volta, caminhou até o carro e foi direto para casa: aparentemente calmo, mas com a mente em polvorosa. Era lá que a droga tinha sido escondida, na torre, e continuava lá: cinco mil dólares em metanfetamina, dez mil depois de misturada. Dinheiro de Farish, e não dele. Veria a cor de apenas algumas centenas de dólares — o que Farish resolvesse lhe dar — quando fosse vendida. Mas uns poucos dólares não bastariam para pagar a mudança para Shreveport ou para Baton Rouge, não bastariam para alugar um apartamento e arranjar uma namorada e se estabelecer como motorista de caminhão no ramo de transporte de carga de longa distância. Só heavy metal no toca-fitas de oito trilhas, nunca mais ouviria música country quando deixasse para trás aquela cidade caipira, nunca mais. Um caminhão grande cromado (janelas escuras, ar-condicionado na cabine) zunindo pela Interestadual, rumo ao oeste. Longe de Gum. Longe de Curtis e das espinhas de adolescente que começavam a surgir em seu rosto patético. Longe de sua fotografia da época da escola em cima da televisão no trailer de Gum: magrelo, furtivo, cabelo escuro comprido.

Danny estacionou o carro, acendeu um cigarro e esperou. A caixa-d'água propriamente dita, a uns quinze metros do solo, era um tanque de madeira com cobertura pontuda apoiado em uma estrutura metálica delgada. Uma escada de serviço bamba levava ao alto do tanque, onde uma porta de alçapão dava acesso ao reservatório de água.

Dia e noite a imagem da mochila acompanhava Danny como um presente de Natal na prateleira mais alta que ele não podia alcançar nem com os olhos. Sempre que entrava no carro, a lembrança o espicaçava, magneticamente fascinante. Já tinha ido até a caixa-d'água sozinho duas vezes, só para olhar e sonhar. Uma fortuna. Sua forma de escapar.

Se fosse dele, o que não era o caso. E ele temia subir a escada para pegar a droga, pois Farish poderia ter serrado um degrau ou instalado algum equipamento no alçapão, como um revólver preso à mola, ou preparado outra surpresa do gênero na torre. Farish ensinara Danny a fazer bombas com canos; Farish rodeara o laboratório com armadilhas caseiras feitas de tábuas e pregos enferrujados, com fios estendidos no meio do mato para os curiosos tropeçarem. Farish encomendara recentemente, após ver o anúncio na contracapa de *Soldier of Fortune*, um kit para lançar facas com molas. “Arme este equipamento e — zing!”, disse, saltando animado durante o serviço no chão cheio de coisas, enquanto Danny — assustado — lia o aviso no fundo da caixa de papelão, que dizia *Detém atacantes até uma distância de dez metros*.

Quem poderia saber como ele protegera a torre? Caso tivesse sido preparada, a armadilha ia aleijar, mas não matar — era o estilo de Farish. Danny não pretendia perder um dedo ou um olho. Mesmo assim, uma vizinha lhe dizia que Farish não havia feito nada do gênero. Vinte minutos antes, enquanto ia ao Correio pagar a conta de luz da avó, um ataque de otimismo tomou conta de Danny, uma visão sensacional da vida descompromissada que o aguardava no sul da Louisiana. Ele seguiu para o pátio de manobra com a intenção de subir direto na torre, apanhar a

sacola, escondê-la na caçamba — no estepe — e sair da cidade sem nem olhar para trás.

Mas agora ele estava ali, relutando em sair da picape. Reflexos prateados esquisitos — como fios — reluziam no mato ralo ao pé da torre. Com as mãos trêmulas de drogado Danny acendeu o cigarro e olhou para a caixa-d'água. Perder um dedo seria fichinha perto do que o irmão faria caso desconfiasse remotamente que Danny andava pensando em subir na torre.

E dava para entender por que Farish tinha escondido as drogas na caixa-d'água: uma bofetada deliberada na cara de Danny. Farish sabia o quanto Danny sentia medo de água — o pai tentara ensiná-lo a nadar quando ele tinha quatro ou cinco anos, jogando o menino do píer para dentro do lago. Mas, em vez de nadar — como Farish, Mike e os outros irmãos haviam feito, quando fora a vez deles de passar pela prova —, Danny afundou. Ele se lembrava daquele momento com clareza absoluta, do terror de sufocar e depois de cuspir a água suja de lama quando o pai (furioso por ter de pular no lago de roupa) gritou com ele; e quando Danny se afastou do píer nunca mais sentiu vontade de nadar onde não dava pé.

Farish, perversamente, também tinha ignorado os riscos de estocar um pó cristalino em um local úmido e sujo. Danny estava com Farish no laboratório num dia chuvoso de março, quando a droga recusou-se a cristalizar por causa da umidade. Por mais que lidassem com ela, continuava melada, grudando no espelho. A pasta sólida e pegajosa era imprestável.

Danny — sentindo a derrota — cheirou uma carreira para equilibrar os nervos e jogou o cigarro pela janela antes de ligar o carro. Quando voltou para a rua, esqueceu-se de sua tarefa (pagar a conta da avó) e deu mais uma passada em frente à funerária. Embora Catfish continuasse sentado na limusine, a menina sumira, e havia muita gente aglomerada nos degraus da entrada.

*Melhor dar outra volta no quarteirão, pensou.*

Alexandria: plana e desolada, um circuito de placas de ruas repetitivo, um trem elétrico gigantesco. Ruas abafadas, céus sem cor. Prédios abandonados, só tapumes e fachadas. *Se a gente seguir sempre em frente*, pensou, *acaba voltando ao ponto de partida*.

\* \* \*

Visivelmente constrangida, Grace Fountain galgou os degraus de acesso à casa de Edie e chegou à porta de entrada. Orientando-se pelas vozes e pelo tilintar dos copos, avançou pelo corredor estreito devido às estantes de livros com porta envidraçada, até a sala lotada. O ventilador zumbia. Na sala cheia havia homens sem paletó e senhoras de faces afoqueadas. Sobre a toalha de renda, uma tigela de ponche e travessas de biscoitos e presunto; compoteiras de prata com amendoim e amêndoas confeitadas; uma pilha de guardanapos de papel vermelhos (cafonas, pensou a sra. Fountain) com as iniciais de Edie em dourado.

A sra. Fountain, agarrada à bolsa, parou na soleira da porta e aguardou que a recebessem. Na comparação entre as casas, a de Edie (apenas um chalé) perdia, menor do que a sua, mas a sra. Fountain vinha do interior — “bons cristãos”, fazia questão de ressaltar, mas ainda assim caipiras — e sentiu-se intimidada pela poncheira, pelas cortinas com detalhes em seda dourada, pela mesa de banquete monumental — que, mesmo sem a extensão, acomodava pelo menos doze pessoas — e pelo retrato imponente do juiz humilhando a pequena lareira. Encostadas nas paredes da sala, de prontidão — como se estivessem numa escola de dança —, vinte e quatro cadeiras com encosto recurvado e assentos de *petit-point*. Embora a sala fosse pequena e o pé-direito baixo para acomodar tanta mobília escura e tão desproporcional em tamanho, a sra. Fountain sentiu-se intimidada.

Edith — com o avental branco de coquetel sobre o vestido preto — avistou a sra. Fountain, colocou a bandeja de salgadinhos sobre a mesa e aproximou-se. “Grace, muito obrigada pela presença.” Usava óculos pretos

pesados — óculos masculinos, como os que o falecido marido da sra. Fountain, Porter, costumava usar, impróprios para uma dama; ademais, também estava bebendo — num desses copos de cozinha, sem pé, apenas envolto em um guardanapo úmido — o que parecia ser uísque com gelo.

A sra. Fountain — incapaz de se conter — comentou: “Mais parece que vocês estão comemorando, dando uma bela festa assim após o enterro”.

“Bem, não podemos simplesmente deitar e morrer”, Edie retrucou. “Fique à vontade, coma uns salgadinhos enquanto estão quentes.”

Perdida no meio de tanta agitação, a sra. Fountain ficou parada ali mesmo, rígida, olhando, sem ver, para objetos distantes. Respondeu finalmente “Obrigada” e aproximou-se da mesa, empertigada.

Edie levou o copo gelado à testa. Antes daquele dia, só havia ficado alta uma meia dúzia de vezes na vida — todas elas antes dos trinta e em circunstâncias muito mais alegres.

“Edith, querida, posso ajudar em alguma coisa?” Uma senhora da igreja batista — baixa, rosto redondo, boa gente apesar de meio atrapalhada como o Ursinho Pooh — cujo nome Edith não conseguia se lembrar por nada neste mundo.

“Não se incomode, muito obrigada”, ela disse, batendo nas costas da mulher de leve enquanto mergulhava na multidão. A dor nas costelas atormentava, mas curiosamente era bem-vinda, pois a ajudava a se concentrar — nos convidados, no livro de presença, na manutenção dos copos limpos, nos salgadinhos, na reposição de biscoitos na travessa, no acréscimo periódico de *ginger ale* à poncheira. Essas preocupações evitavam que pensasse na morte de Libby, que ainda não absorvera. Nos últimos dias — uma seqüência indistinta de médicos, flores, funerária, papéis para assinar e gente chegando de fora — não derramara uma só lágrima; havia se dedicado à reunião após o enterro (lustrar a prataria, retirar as poncheiras do sótão e lavá-las), em parte para homenagear os parentes vindos de locais distantes, muitos dos quais não via fazia anos. Naturalmente, por mais triste que fosse a ocasião, todos queriam

aproveitar a chance de pôr a conversa em dia; e Edie dava graças a Deus pela oportunidade de se ocupar, sorrir e pegar mais amêndoas confeitadas. Na noite anterior, cobrira a cabeça com um lenço branco e fizera uma faxina, varrera a casa toda, passara lustra-móveis e aspirador no carpete. Afofara almofadas, limpou espelhos, mudara móveis de lugar, batera tapetes e esfregara o chão até mais de meia-noite. Distribuía os arranjos de flores, arrumara os pratos de porcelana no armário de vidro. Depois seguira para a cozinha impecável, enchera a pia com água e detergente e — com as mãos trêmulas de cansaço — lavara as taças de ponche empoeiradas, delicadas, uma por uma: cem taças no total. Quando finalmente foi para a cama, às três da manhã, dormiu o sono dos justos.

Blossom, a gatinha de Libby de focinho rosado — a mais nova aquisição da casa —, fugira aterrorizada para o quarto de Edie, escondendo-se debaixo da cama. No alto da estante de livros e do armário de porcelanas empoleiravam-se os gatos de Edie, todos os cinco, Dot, Salambo, Rhameses, Hannibal e Slim: acomodavam-se a certa distância um do outro, balançando os rabos enquanto observavam o movimento com seus olhos amarelos feiticeiros. Em geral, Edie gostava de visitas tanto quanto os gatos, mas naquele dia dava graças pela aglomeração: um distanciamento de sua própria família, cujo comportamento era insatisfatório, mais irritante do que reconfortante. Cansara-se de todos — principalmente de Addie, desfilando em companhia daquele sujeito horrível, o sr. Sumner, de fala mansa, sedutora. O juiz, pai delas, o desprezava. E lá estava ela, tocando em seu braço, fazendo caras e bocas para ele, enquanto tomava ponche que não ajudara a preparar nas taças que não ajudara a lavar; Addie, que não aparecera para ficar com Libby no hospital uma tarde sequer, para não perder a sesta. Cansara-se de Charlotte também, tampouco ela fora ao hospital, pois estava de cama, ocupada demais com uma das doenças imaginárias que a acometiam; cansara-se de Tatty — que freqüentara o hospital até demais, insistindo em descrever as maneiras pelas quais Edith poderia ter evitado o acidente automobilístico e reagido

melhor ao telefonema incoerente de Allison; cansara-se das netas e de seu choro impertinente durante o velório e o enterro. Estavam sentadas no terraço dos fundos, comportando-se do mesmo modo como haviam se comportado na morte do gato: *Nenhuma diferença*, Edith pensou amargurada, *absolutamente nenhuma diferença*. Igualmente repugnantes foram as lágrimas de crocodilo da prima Delle, que não visitava Libby havia anos. “Foi como perder minha mãe outra vez”, Tatty havia dito. Mas Libby fora uma mãe e uma irmã para Edie, e mais do que isso: a única pessoa no mundo, homem ou mulher, viva ou morta, cuja opinião importava para Edie.

O caixão de sua mãe fora colocado sobre duas daquelas cadeiras de encosto curvo — velhas amigas na tragédia, encostadas nas paredes da pequena sala — no salão térreo e bolorento de Tribulation, havia mais de sessenta anos. Um pregador itinerante — que não era nem batista — lera um salmo da Bíblia, algo sobre ouro e ônix, só que havia lido “oinx” em vez de ônix. Virou piada na família para sempre: “oinx”. Coitada de Libby, adolescente, lívida, miúda e magra num vestido preto antigo da mãe com alfinetes na bainha e no colo; seu rosto cor de porcelana (naturalmente descorado, como eram as moças louras daquele tempo, antes do bronzeado e do ruge), exaurida pelas noites em claro e pelo sofrimento até se parecer com um pedaço de giz seco e doente. Edie se lembrava perfeitamente de sua própria mão na de Libby, quente e úmida; e de como olhara para os pés do pastor o tempo inteiro. Embora ele tentasse trocar olhares com Edie, ela era tímida demais para fitá-lo, e meio século depois ainda via as rachaduras no couro dos sapatos de amarrar e o raio de sol esmaecido batendo no vinco da calça preta dele.

A morte do pai — o juiz — fora daqueles passamentos que todos consideraram um Descanso: o funeral, curiosamente animado, com montes de velhos “compatriotas” de rosto avermelhado (o juiz e seus amigos se chamavam assim, bem como os companheiros de pescaria e colegas da magistratura) sentados de costas para a lareira no salão térreo

de Tribulation, tomando uísque e contando histórias a respeito da infância e da juventude do Gorila. Era o apelido que davam ao juiz. Pouco mais de seis meses depois, Robin — nisto não agüentava pensar até agora — naquele caixão minúsculo, coisa de um metro e meio. Como suportara aquele dia? Doses maciças de calmante... uma dor tão intensa que a atingiu fisicamente, como uma náusea, como uma intoxicação alimentar... vomitou chá preto e manjar...

Ergueu os olhos de suas reminiscências e assustou-se ao ver uma figura miúda como a de Robin, de tênis e calça jeans cortada, esgueirando-se pelo corredor: o filho mais novo dos Hull, concluiu em poucos segundos, espantada. Amiguinho de Harriet. Quem havia permitido sua entrada, afinal? Edie avançou para o corredor e foi atrás dele. Quando o agarrou pelo ombro, o menino pulou e gritou — um berro curto, fanho, apavorado — e se encolheu todo, feito um rato ao ver a coruja.

“Pois não?”

“Harriet — eu ia...”

“Não sou Harriet. Harriet é minha neta”, disse Edie, cruzando os braços para observá-lo com ar zombeteiro, divertindo-se com seu constrangimento, o que levava Hely a desprezá-la.

Hely tentou de novo: “Eu... eu...”

“Vamos, fale logo de uma vez.”

“Ela está aqui?”

“Sim, está aqui. Agora volte para casa.” Ela o agarrou pelo ombro e o virou em direção à porta.

O menino libertou-se do aperto. “Ela vai voltar para o acampamento?”

“Agora não é uma hora apropriada para brincar”, Edie o repreendeu. A mãe daquele menino, uma assanhada metida desde a infância — não se dera ao trabalho de comparecer ao enterro de Libby, não mandara flores e nem sequer telefonara. “Diga a sua mãe para não deixá-lo incomodar as pessoas quando há uma morte na família. Agora, *suma daqui!*”, gritou, pois ele continuava a fitá-la de boca aberta.

Edie o vigiou da porta enquanto ele descia os degraus sem pressa, dobrava a esquina e desaparecia. Depois voltou à cozinha, pegou a garrafa de uísque no armário debaixo da pia e encheu o copo. De volta à sala, dedicou-se aos convidados. O grupo diminuía. Charlotte (mal-ajambrada, rosto rosado e levemente molhado, como se tivesse feito um esforço intenso) ocupava seu posto ao lado da poncheira, sorridente, com ar ausente, falando com a sra. Chaffin, da floricultura, que tomava goles de ponche enquanto tagarelava. “Minha sugestão”, dizia, ou melhor, gritava, pois a exemplo de muitos surdos erguia a voz em vez de pedir que os outros o fizessem, “é preencher a vaga. Sei que é terrível perder um filho, mas vejo a morte diariamente em meu trabalho, e a melhor coisa a fazer é se ocupar e arranjar outros.”

Edie notou um fio puxado na meia da filha. Tomar conta da poncheira não era tarefa das mais difíceis — Harriet ou Allison teriam dado conta, e Edie teria designado uma das duas, caso não considerasse impróprio Charlotte permanecer na entrada olhando para o alto pateticamente. “Mas não sei o que fazer”, dissera, com um gemido assustado, quando Edie a levava até a poncheira e enfiara a concha em sua mão.

“Encha as taças e sirva mais quando pedirem.”

Desesperada — como se a concha fosse uma chave inglesa e a poncheira uma máquina complicada —, Charlotte olhou para a mãe. Várias senhoras do coro — sorrindo hesitantes — aguardavam educadamente em fila, com a taça na mão.

Edie tomou a concha da mão de Charlotte, pegou um pouco de ponche, encheu uma taça e colocou-a sobre a toalha. Depois devolveu a concha a Charlotte. Na ponta da mesa, a sra. Teagarten (toda de verde feito uma perereca, com sua boca enorme e olhos grandes, úmidos) levou a mão sardenta ao peito. “Obrigada!”, gritou. “É para mim?”

“Certamente!”, Edie gritou de volta, caprichando na entonação teatral, enquanto as outras senhoras — radiantes — começavam a migrar em sua direção.

Charlotte puxou a manga do vestido da mãe, apavorada. “O que devo dizer a elas?”

“Não é mesmo refrescante?”, comentou a sra. Teagarten bem alto. “Tem *ginger ale*?”

“Você não precisa dizer nada”, Edie falou em voz baixa para Charlotte, e depois, em alto e bom som, para o grupo reunido: “Sim, trata-se de um ponche suave, não-alcoólico, nada especial, igual ao que fazemos no Natal. Mary Grace! Katherine! Não querem beber um pouquinho?”

“Ah, Edith...” As senhoras do coro se aproximaram. “Parece delicioso... não sei como arranjou tempo...”

“Edith é uma anfitriã tão eficiente, ela é capaz de providenciar tudo de uma hora para outra.” O elogio veio da prima Lucinda, que acabara de chegar, com as mãos no bolso da saia.

“Ora, para Edith tudo é mais fácil”, Adelaide retrucou com sua voz esganiçada. “Ela tem freezer.”

Edie, ignorando o veneno, considerou que já havia feito a apresentação indispensável e afastou-se, deixando Charlotte encarregada da poncheira. Bastava dizer a Charlotte o que fazer e tudo bem; só não se podia esperar iniciativa ou idéias próprias da parte dela, incapaz de pensar por si ou tomar uma decisão. A morte de Robin fora, na verdade, uma dupla perda para Edie, pois Charlotte se fora também — sua filha brilhante e animada, tão tragicamente alterada; arruinada, na verdade. Ninguém supera uma perda daquelas, mas os anos foram passando, mais de dez, as pessoas se viravam como podiam, iam tocando a vida. Pesarosa, Edie pensou na infância de Charlotte, quando a filha anunciou que pretendia se tornar compradora de roupas de uma grande loja de departamentos.

A sra. Chaffin depositou a taça de ponche sobre o pires que equilibrava na palma da mão esquerda. “Sabe”, disse a Charlotte, “Poinsettias ficam lindas num funeral natalino. A igreja é tão escura nessa época do ano.”

Edie as observou de longe, com os braços cruzados na altura do peito. Assim que achasse o momento apropriado, pretendia ter uma conversinha

com a sra. Chaffin. Embora fosse impossível para Dixie vir de Nashville a tempo para o enterro, avisado assim de última hora, segundo Charlotte, a coroa de rosas alaranjadas e brancas Iceberg que enviara (decorativa demais, exibida demais, quase *feminina*) chamara a atenção de Edie. Certamente era mais sofisticada que os arranjos costumeiros da sra. Chaffin. Depois, no velório, ela entrara na sala onde a sra. Hatfield Keene dava uma mão à sra. Chaffin com as flores e tinha ouvido a sra. Keene dizer, secamente, como se em resposta a uma confidência inadequada: “Ora, talvez ela fosse a secretária de Dixon”.

Ajustando um gladiolo, a sra. Chaffin fungou e virou a cabeça de lado, maldosa. “Bem, eu atendi o telefone e tirei o pedido pessoalmente”, disse, recuando para apreciar seu trabalho, “e para mim ela não pareceu ser secretária coisa nenhuma.”

Hely não voltou para casa, só dobrou a esquina e entrou pelo portão lateral do quintal de Edie, encontrando Harriet sentada no sofá de balanço dos fundos. Sem preâmbulos, aproximou-se e disse: “Ei, quando você voltou para casa?”.

Ele esperava que sua presença a animasse instantaneamente, e ficou contrariado quando isso não ocorreu. “Recebeu minha carta?”, perguntou.

“Recebi”, Harriet disse. Enjoara de tanto comer amêndoas confeitadas e sentia um gosto ruim na boca. “Não deveria ter mandado.”

Hely sentou-se ao lado dela. “Me deu medo. Eu...”

Com um movimento rápido da cabeça, Harriet chamou a atenção dele para o terraço de Edie, a seis metros, onde quatro ou cinco adultos conversavam atrás da porta de tela, com taça de ponche nas mãos.

Hely respirou fundo. Em voz baixa, disse: “Ando morrendo de medo. Ele circula *pela cidade inteira*. Bem devagar. Como se nos procurasse. Passei de carro com minha mãe e o vi, estacionado perto da passarela, como se estivesse nos tocaiando”.

Os dois, embora sentados lado a lado, olhavam para a frente, para os adultos na varanda, e não um para o outro. Harriet disse: “Você voltou lá para pegar o carrinho?”

“Não”, Hely respondeu, chocado. “Acha que sou maluco? Ele ia lá todos os dias. Agora vai ao pátio de carga, perto dos trilhos.”

“Por quê?”

“Como vou saber? Há uns dois dias eu não agüentava de tanto tédio e fui até o galpão, jogar bolinha de tênis no portão. Ouvi o barulho de um carro, e por sorte me escondi, porque era *ele*. Nunca senti tanto medo. Ele parou o carro e ficou lá sentado um tempão. Depois saiu e andou um pouco por ali. Talvez tenha me seguido, não sei.”

Harriet esfregou os olhos e disse: “Eu o vi indo para aqueles lados há pouco tempo. Hoje”.

“Na direção dos trilhos do trem?”

“Talvez. Fiquei imaginando para onde iria.”

“Ainda bem que ele não me viu”, Hely disse. “Quando desceu do carro, quase tive um ataque do coração. Passei mais de uma hora escondido no mato.”

“Precisamos montar uma operação especial e descobrir o que ele anda fazendo por lá.”

Ela pensou que a expressão operação especial seria irresistível para Hely, e se surpreendeu com o modo firme e rápido como ele respondeu: “*Nem pensar*. Não pretendo voltar lá. Você não compreende...”

Ele falou alto sem perceber. Um dos adultos no terraço virou o rosto na direção deles, imperturbável. Harriet o cutucou nas costelas.

Ele a encarou, ofendido. “Você não entende”, disse em voz mais baixa, “ele me mataria se me visse, dava para perceber pelo modo como olhava em volta. Precisava ver.” Hely imitou a expressão: rosto distorcido, olhos arregalados percorrendo a paisagem, alucinados.

“O que ele procurava?”

“Sei lá. Só sei que não quero ter mais nada a ver com ele, Harriet, e acho melhor você também não. Se ele ou um dos irmãos descobrir que nós jogamos a cobra, estamos perdidos. Não leu a notícia no jornal que lhe mandei?”

“Não tive chance.”

“Bem, era a avó deles”, Hely disse, sério. “Ela quase morreu.”

O portão do jardim de Edie se abriu. De repente, Harriet se levantou num salto. “Odean!”, gritou. Mas a senhora negra, miúda, com chapéu de palha e vestido de algodão com cinto encarou Harriet sem mover a cabeça e não respondeu. Seus lábios estavam apertados, o rosto rígido. Lentamente, seguiu até o terraço dos fundos e subiu os degraus para bater na porta.

“A senhora Edith está?”, disse, levando a mão à testa para espiar do outro lado da tela.

Após um momento de hesitação, Harriet — espantada, com o rosto queimando por causa do tratamento recebido — sentou-se novamente no balanço. Embora Odean fosse velha e rabugenta, e seu relacionamento com Harriet nunca tivesse sido bom, não havia pessoa mais próxima de Libby; as duas eram como um casal idoso — não só quando discordavam (geralmente brigavam por causa do gato de Libby, que Odean odiava) mas principalmente em sua afeição mútua, austera, companheira —, e o coração de Harriet disparou quando a viu.

Não pensara em Odean desde o acidente. Odean trabalhava para Libby desde que as duas eram jovens, em Tribulation. Para onde iria agora, o que faria? Odean era uma senhora idosa, frágil, de saúde precária (como Edie frequentemente ressaltava) e não servia mais para o serviço doméstico.

Confusão no terraço. “Ali fora”, alguém disse lá dentro, afastando-se. Tat deu um passo lateral e saiu. “Odean!”, disse. “Lembra-se de mim, não é? Sou irmã de Edith.”

“Por que ninguém me falou nada sobre a senhora Libby?”

“Ah, minha cara... Ah, Odean.” Um olhar rápido para trás, para o terraço, perplexo, envergonhado. “Lamento muito. Por que não entra um pouco?”

“Mae Helen, que trabalha para a senhora McLemore, foi até em casa me avisar. Ninguém passou lá para me buscar. E vocês já a enterraram.”

“Ah, Odean, não sabíamos que você tinha telefone...”

No silêncio que se seguiu, um chapim cantou: quatro notas claras, exuberantes, amistosas.

“Vocês deveriam ter ido me buscar.” A voz de Odean tremeu. Seu rosto acobreado não se mexeu. “Em minha casa. Moro em Pine Hill, vocês sabem disso. Deveriam ter se dado o trabalho...”

“Odean... sinto muito”, disse Tat, desconsolada. Respirou fundo, olhou em torno. “Por favor, entre e sente-se um pouco.”

“Não”, Odean disse, severa. “Obrigada.”

“Odean, lamento muito. Não pensamos...”

Odean limpou uma lágrima. “Trabalhei cinquenta e sete anos para a senhora Libby e ninguém me disse que ela tinha ido para o hospital.”

Tat fechou os olhos por um instante. “Odean...” Um silêncio terrível. “Isso foi mesmo abominável. Como poderá nos perdoar?”

“Passei a semana inteira pensando que estavam na Carolina do Sul, e que eu deveria voltar para o serviço na segunda. E agora lá está ela, debaixo da terra.”

“*Por favor.*” Tat segurou o braço de Odean. “Espere aqui, que eu vou chamar Edith. Por favor, espere só um pouquinho.”

Ela correu para dentro. A conversa — indistinta — recomeçou no terraço. Odean, impassível, virou-se e ficou olhando para o lado. Alguém — um homem — disse, num sussurro audível: “Acho que ela quer dinheiro”.

O sangue subiu ao rosto de Harriet. Odean — sem nem piscar, imperturbável — continuou onde estava, sem se mexer. No meio dos brancos em trajes domingueiros ela era frágil e parda. Um pardal solitário

no meio de um bando de andorinhas. Hely se levantou e ficou atrás do banco, observando a cena com imenso interesse.

Harriet não sabia o que fazer. Sentia que deveria se aproximar de Odean e postar-se a seu lado — Libby teria desejado isso —, mas Odean não se mostrava amigável ou receptiva; na verdade, havia em seus modos uma hostilidade que atemorizava Harriet. De repente, movimento no terraço e Allison saiu subitamente pela porta, atirando-se nos braços de Odean, com um ímpeto que obrigou a velha senhora a segurar no corrimão do terraço para não cair de costas.

Allison soluçava com uma intensidade que assustou Harriet. Odean olhava por cima do ombro de Allison sem abraçá-la, como se não aprovasse o gesto.

Edie surgiu e desceu os degraus. “Allison, volte para dentro de casa”, ordenou. E, agarrando Allison pelo ombro, obrigou-a a se virar. “Imediatamente!”

Allison — com um grito agudo — soltou-se e saiu correndo pelo quintal: passou pelo balanço onde estavam Hely e Harriet e entrou no barracão de Edie. Quando bateu a porta, ouviu-se um barulho de metal, como se um ancinho tivesse despencado da parede.

Hely disse, pontual, virando a cabeça para espiar: “Cara, sua irmã é louca”.

Do terraço, a voz de Edie — clara, potente — soava como um discurso: formal, embora a emoção a embargasse, bem como um tom de urgência: “Odean! Obrigada por ter vindo! Não quer entrar um pouco?”.

“Não, prefiro não incomodar ninguém.”

“Não seja ridícula! Estamos contentíssimas em vê-la!”

Hely chutou a canela de Harriet. “E aí?”, disse, apontando para o barracão, “qual é o problema com ela?”

“Tenha dó!”, Edie admoestou Odean, que permanecia imóvel. “Agora chega! Entre logo de uma vez!”

Harriet não conseguia falar. Um soluço alto, solitário, elevou-se do barracão, como se uma criatura sufocasse. O rosto de Harriet se contraiu: não de revolta nem de embaraço, mas revelando uma emoção estranha, assustadora, que fez Hely se afastar dela como se tivesse uma doença contagiosa.

“Bem”, disse, olhando para o alto — nuvens, avião cruzando o céu — “acho que preciso ir embora.”

Esperava que ela dissesse alguma coisa, mas como não obteve resposta, partiu. Não saiu com seu passo normal, apressado, mas sim constrangido, balançando os braços.

Fechou o portão ao passar. Harriet olhava para o chão, furiosa. As vozes no terraço tinham se elevado, doloridas. Harriet se deu conta do que falavam: do testamento de Libby. “Onde está?”, Odean perguntava.

“Não se preocupe, trataremos disso oportunamente”, disse Edie, segurando o braço de Odean para levá-la para dentro. “O testamento está no cofre do banco. Na segunda-feira de manhã falarei com o advogado e...”

“Não confio em advogados”, Odean disse, enfática. “A senhora Libby me fez uma promessa. Ela me disse: Odean, se alguma coisa me acontecer, olhe dentro do meu baú de cedro. Tem um envelope para você. Não peça licença a ninguém, entre lá e o pegue.”

“Odean, ainda não mexemos nas coisas dela. Na segunda-feira...”

“Deus é testemunha”, Odean disse, altiva. “Ele sabe, e eu sei. Sim, senhora, tenho absoluta certeza do que a senhora Libby me falou.”

“Você conhece o senhor Billy Wentworth, não conhece?” A voz de Edie soava ligeira, condescendente, como se falasse com uma criança, embora tivesse uma dureza apavorante. “Não venha me dizer que não confia no senhor Billy, Odean! Ele é advogado, trabalha com o genro, de modo honesto, aberto!”

“Só quero o que tenho direito.”

O balanço do quintal estava enferrujado. O musgo crescera aveludado entre os tijolos rachados. Harriet, num esforço desesperado, concentrou a

atenção na concha que havia na base de um vaso do jardim.

Edie disse: “Odean, não estamos contestando isso. Você receberá o que for seu legalmente. Assim que...”.

“Não sei nada de legalmente. Só sei o que é certo.”

A concha, esbranquiçada pelo tempo, desbotara até parecer um reboco esfarelado; a ponta se partira; na parte interna ela ainda era perolizada, no mesmo tom prateado e róseo das rosas Maiden’s Blush de Edie. Antes de Harriet nascer, a família passava férias na costa do Golfo todos os anos; depois da morte de Robin, nunca mais voltaram lá. Os vidros com as conchas miúdas recolhidas nas viagens foram guardados no alto dos armários das tias, empoeirados, melancólicos. “Elas perdem o encanto quando passam muito tempo fora da água”, Libby explicou. E ela enchia a pia do banheiro de água, despejava as conchas lá dentro e punha o banquinho para Harriet subir e espiar (era pequena, tinha cerca de três anos, a pia branca parecia gigantesca!). Surpresa, via o cinza uniforme ganhar brilho e reluzir, mágico, até adquirir milhares de tons brilhantes: púrpura aqui, preto como marisco ali, aberto em leque acolá e espiralado em uma policromia delicada: prata, azul marmorizado, coral, verde e rosa-pérola! A água era fria e clara: sua mão, separada pela água na altura do pulso, rosa-gelo e tenra! “Sinta o perfume!”, Libby dizia, respirando fundo. “Este é o cheiro do oceano!” E Harriet aproximava o rosto da água e sentia o odor pungente do mar que nunca vira; o cheiro salgado mencionado por Jim Hawkins em *A ilha do tesouro*. Quebrar de ondas, pios de pássaros estranhos e velas brancas do *Hispaniola* — como as páginas brancas de um livro — recortadas contra o céu quente sem nuvens.

A morte — diziam todos — era um porto seguro. Nas antigas fotos à beira-mar, a família era jovem de novo, e Robin estava com eles: barcos e lenços brancos, pássaros marinhos alçando vôo rumo à luz. Era um sonho no qual todos se salvavam.

Mas era o sonho de uma vida passada, não de uma vida futura. A vida presente: folhas mortas de magnólia, vasos cobertos de líquens, zumbido de abelhas na tarde quente e murmúrios anônimos dos convidados para o funeral. Barro e grama escorregadia sob o tijolo partido que ela chutou para o lado. Harriet estudou o ponto escuro no chão com muita atenção, como se fosse a única coisa verdadeira no mundo — e, de certo modo, era mesmo.

## 7. A torre

O tempo se despedaçou. O relógio usado por Harriet se fora. Antes, Ida era o planeta cuja rotação marcava as horas, e seu movimento sistemático e confiável (lavar roupa às segundas, costurar na terça, sanduíches no verão, sopa no inverno) determinava todos os aspectos da vida de Harriet. As semanas se sucediam como numa procissão, cada dia formado por seqüências de imagens. Nas manhãs de quinta Ida montava a tábua e passava roupa ao lado da pia, o vapor subia do ferro monolítico; na quinta à tarde, inverno ou verão, ela sacudia os tapetes e os batia antes de pendurá-los para arejar, portanto o tapete turco vermelho estendido no parapeito do terraço era um sinal que significava sempre quinta-feira. Intermináveis quintas de verão, geladas quintas de outono e distantes quintas sombrias da quinta série, quando Harriet cochilava sob cobertores quentes, febril por causa da dor de garganta; os golpes do batedor no tapete, o sibilar e o borbulhar do ferro de passar a vapor eram sons vívidos do presente e também elos de uma corrente que recuava até o início da vida de Harriet, perdendo-se na abstrata tenra infância. O dia terminava às cinco, quando Ida tirava o avental no terraço do quintal; o dia principiava pelo ranger da porta da frente e pelo som dos passos de Ida no corredor. Apaziguante, o zumbido do aspirador pairava no ar, vindo dos aposentos mais distantes; em cima ou embaixo, o som suave de seus sapatos de sola de borracha e por vezes a gargalhada súbita de bruxa marcavam o transcorrer dos dias. As portas se abriam e fechavam, sombras sumiam e surgiam. Uma olhadela rápida de Ida, quando Harriet passava descalça

pela entrada, era uma bênção ferina e deliciosa: amor apesar de tudo! Ida! Seus lanches favoritos (caramelo; pão de milho frio com melado); seus “programas”. Brincadeiras e repreensões, colheradas de açúcar caindo como neve no fundo do copo de chá gelado. Canções antigas e tristes ecoando na cozinha (*Você não sente falta de sua mãe, às vezes, às vezes?*) e assobios no quintal para chamar os passarinhos, enquanto as blusas brancas esvoaçavam no varal, trinados e gorjeios, *kit kit kit*, tilintar da prata ao ser polida, louça na pia, a variedade de ruídos da própria vida.

E tudo isso se foi. Sem Ida, o tempo se dilatava e se diluía num vácuo imenso, trêmulo e tênue. Horas e dias, luz e escuridão misturavam-se uns aos outros, indistintos; não havia mais diferença entre almoço e café-da-manhã, fim de semana e dia útil, aurora ou crepúsculo; era como viver numa caverna com iluminação artificial.

Com a ausência de Ida muitos confortos desapareceram. Entre eles o sono. Noite após noite, no abafado chalé Chickadee, Harriet permanecera acordada entre os lençóis encardidos, com lágrimas nos olhos — pois ninguém exceto Ida sabia fazer a cama do jeito que ela gostava, e Harriet (em hotéis e mesmo na casa de Edie às vezes) deitava-se de olhos abertos até tarde da noite, morrendo de saudades de casa, incomodada com texturas estranhas, cheiros desconhecidos (perfume, naftalina, sabão que Ida nunca usava), mas, acima de tudo, com a ausência do toque de Ida, indefinível, sempre reconfortante quando ela acordava solitária ou temerosa, mas nunca tão adorável quanto agora, que não estava mais lá.

Harriet, porém, retornara a ecos e silêncios: uma casa mal-assombrada, rodeada de espinheiros. No lado de Harriet do quarto (o de Allison era uma bagunça) tudo estava perfeito como Ida deixara: cama arrumada, pregas brancas, pó acumulado feito geada.

E assim tudo permaneceu. Sob a colcha, os lençóis ainda estavam impecáveis. Havia sido lavados e passados pelas mãos de Ida; eram o derradeiro traço de Ida na casa, e por mais que Harriet desejasse entrar debaixo das cobertas, enterrar o rosto no travesseiro suave e macio,

puxando o lençol até cobrir a cabeça, não conseguia desmanchar o último cantinho do Paraíso deixado para ela. De noite, o reflexo da cama aparecia no vidro da janela, radiante e transparente contra o fundo negro, leve como um bolo de noiva. Mas era um banquete para o qual Harriet só podia olhar e sonhar: uma vez que a cama fosse desarrumada, até a esperança de sono se esvairia.

Por isso ela dormia por cima da coberta, em noites agitadas. Mosquitos picavam-lhe a perna e zumbiam em seu ouvido. O início da manhã era fresco, por vezes Harriet se sentava ainda zonza na cama e buscava mantas inexistentes; quando as mãos se fechavam no vazio, deitava-se de volta com um baque seco e — virando-se como um terrier no sono inquieto — sonhava. Sonhava com a água escura de um pântano, com gelo, trilhas no meio do mato pelas quais precisava correr descalça com uma farpa no pé, sem parar; com lagos escuros nos quais mergulhava e subia à superfície nadando, só para bater com a cabeça numa chapa de metal que a mantinha submersa, impedindo seu acesso ao ar; sonhava que se escondia debaixo da cama de Edie por causa de uma visita maligna — que ela não via — e que lhe perguntava em voz baixa: “Deixou alguma coisa, moça? Deixou alguma coisa para mim, mocinha?”. De manhã acordava tarde e exausta, com marcas vermelhas da colcha na face. Mesmo antes de abrir os olhos sentia medo de se mexer e ficava quietinha, sabendo que acordaria em um ambiente errado.

E lá estava ela. A casa, assustadoramente silenciosa e escura. Quando desceu da cama e foi na ponta dos pés até a janela para abrir a cortina, sentiu-se como a única sobrevivente de um desastre terrível. Segunda-feira: varal vazio. Como podia ser segunda sem lençóis e blusas esvoaçando no varal? A sombra do fio vazio dançava sobre a grama seca. Desceu para a sala sombria; não havia mais ninguém para abrir as janelas de manhã após a partida de Ida (nem para preparar o café ou dizer “Bom dia, menina!”, ou fazer qualquer daquelas pequenas coisas

carinhosas típicas de Ida), e a casa continuou mergulhada numa penumbra submarina pelo resto do dia.

Subjacente ao silêncio insípido — um silêncio terrível, como se o mundo tivesse acabado e a maioria dos habitantes morrido —, havia a dolorosa noção da casa de Libby, vazia, fechada, a poucas quadras dali. Gramado sem aparar, canteiros de flores murchas, cheios de mato; lá dentro, espelhos como poças sem reflexos, luz do sol e da lua penetrando indiferentemente nos aposentos. Harriet conhecia bem a casa de Libby, em todos os momentos, climas e atmosferas: sua languidez invernal, quando a sala ficava escura e o aquecedor a gás aceso; nas noites e dias tempestuosos (chuva escorrendo pelas folhas arroxeadas das janelas, sombras lançadas contra a parede oposta) e nas tardes vermelhas de outono, quando Harriet se sentava na cozinha de Libby cansada e desconsolada, após as aulas, deliciando-se com a tagarelice de Libby, adorando seu carinhoso interesse. Todos os livros que Libby lera em voz alta, um capítulo por dia, quando lá passava depois das aulas: *Oliver Twist*, *A ilha do tesouro*, *Ivanhoé*. Por vezes a luz de outubro que incendiava subitamente as janelas viradas para o oeste naquelas tardes era clínica, apavorante, e seu gélido esplendor parecia antecipar algo insuportável, como o brilho desumano das recordações antigas num leito de morte, feitas de sonhos e despedidas lúgubres. Sempre, porém, mesmo nas noites mais desoladas e imóveis (tique-taque pesado do relógio sobre a lareira, livro da biblioteca emborcado no sofá), Libby brilhava clara e animada enquanto circulava pelos quartos melancólicos, a cabeça branca eriçada como uma peônia. De vez em quando cantava para si, a voz aguda tremulava docemente nas sombras longas da cozinha azulejada, acima do zumbido forte da Frigidaire:

*A coruja e a gatinha foram ao mar  
Num lindo barco verde-ervilha  
Levaram mel e muito dinheiro*

*Embrulhado numa nota de cinco libras...*

Ela bordava com a tesourinha prateada pendurada no pescoço com uma fita rosa, ou fazia palavras cruzadas, ou lia uma biografia de Madame de Pompadour, falando com a gatinha branca... *tip tip tip*. Harriet ouvia o som de seus passos agora, inconfundível som dos pés em sapatos minúsculos, *tip tip tip*, percorrendo o longo corredor para atender o telefone. Libby! Ela sempre se alegrava quando Harriet a visitava — mesmo tarde da noite —, como se não houvesse no mundo ninguém cuja voz a agradasse mais! “Ah! É a minha queridinha!”, dizia. “Como você é *gentil*, veio visitar sua pobre tia...!” A disposição e o calor em sua voz animavam tanto Harriet (mesmo quando estava sozinha, parada em frente ao telefone de parede na cozinha escura) que ela fechava os olhos e baixava a cabeça, radiante e animada como o repicar de um carrilhão. Mais alguém se mostrava tão contente ao receber um telefonema de Harriet? Não, ninguém. Agora, poderia discar aquele número, discar sempre que quisesse, discar a todo momento até o fim dos tempos que nunca mais ouviria Libby soltar seu gritinho de prazer do outro lado: Minha querida! Meu *docinho*! Nada disso: a casa estava vazia e deserta. Odor de cedro e vetiver nos quartos fechados. Logo a mobília iria embora, mas por enquanto tudo continuava exatamente do jeito que Libby deixara quando partira para sua viagem: camas feitas, xícaras de chá lavadas e dispostas no corredor. Os dias passavam pelos quartos em procissão anônima. Quando o sol brilhasse, o peso de papel de cristal brilharia outra vez, cheio de vida por três horas, só para afundar em penumbra e modorra novamente, quando o triângulo de sol o abandonasse ao meio-dia. O tapete florido — imenso tabuleiro dos jogos da infância de Harriet — reluzia aqui e ali graças aos fachos amarelados que varavam as venezianas no final da tarde. Percorriam as paredes, em faixas compridas distorcidas que iluminavam as fotos emolduradas: Libby quando menina, magra e assustada, segurando a mão de Edie; Tribulation sépia, em sua

imponência tempestuosa, com sua atmosfera de tragédia sufocada pelas trepadeiras. Naquela tarde a luz também esmaeceria e sumiria, até não haver luz alguma exceto a meia-luz fria das lâmpadas da rua — o suficiente apenas para iluminar o caminho —, que brilhariam estáveis até o raiar do dia. Caixas de chapéu; luvas cuidadosamente dobradas descansando nas gavetas. Roupas que não sentiriam mais o toque de Libby penduradas em guarda-roupas escuros. Logo seriam encaixotadas e enviadas a missões batistas na África e na China — e um dia, quem sabe, uma senhora chinesa miúda numa casa pintada, sob árvores douradas e céus longínquos, tomaria chá com as missionárias num dos vestidos domingueiros cor-de-rosa de Libby. Pois a vida segue adiante, e o mundo não é assim mesmo? Pessoas fazem jardins, jogam cartas, freqüentam a igreja aos domingos, enviam caixas com roupas velhas para missões na China, enquanto caminham na direção de uma ponte arruinada que as espera escancarada na escuridão?

E Harriet se afligia. Sozinha, sentada ao pé da escada, na sala ou na mesa da cozinha, com a cabeça entre as mãos; encarapitada no parapeito da janela do quarto, olhando a rua. Antigas lembranças a espicaçavam: birras, ingratidões, palavras que não podia mais retirar. Ela pensou e repensou na ocasião em que pegou besouros pretos no quintal e os colocou em cima do bolo de coco que Libby passara o dia inteiro fazendo. Pensou em como Libby chorara feito uma menina, com o rosto escondido entre as mãos. Libby também chorara quando Harriet ficou furiosa em seu oitavo aniversário e disse a Libby que odiara seu presente: um pingente em forma de coração para sua pulseira da sorte. “Um *brinquedo*! Eu queria ganhar um brinquedo!” Mais tarde a mãe a chamou de lado e contou que o pingente era caro, mais do que Libby podia gastar. Pior: na última vez em que vira Libby, no derradeiro contato, Harriet desprezara sua mão e corra pela calçada sem olhar para trás. Por vezes, no decorrer do dia monótono (horas largada no sofá, folheando distraidamente a *Enciclopédia Britânica*) esses remorsos desabavam sobre Harriet com ímpeto redobrado.

Ela se escondia no closet, fechava a porta e chorava, chorava com o rosto entre as saias de tafetá dos antigos vestidos de baile empoeirados da mãe, desesperada com a certeza de que seus sentimentos a respeito nunca mudariam, a não ser para pior.

As aulas recomençariam em duas semanas. Hely inscrevera-se na fanfarra, o que exigia comparecer ao campo de futebol todos os dias e marchar de um lado para o outro no calor sufocante. Quando o time de futebol americano chegava para treinar, eles seguiam para o arremedo de ginásio coberto de zinco e sentavam-se em cadeiras dobráveis com seus instrumentos, para ensaiar. Depois o maestro da banda fazia uma fogueira e preparava cachorros-quentes, organizava um jogo de softball ou uma “jam session” na qual os maiores podiam improvisar. Hely voltava para casa cedo de vez em quando, mas nessas noites, dizia, precisava estudar trombone.

De certo modo, Harriet preferia sua ausência. Revelar seu sofrimento a constrangia, e a dor era grande demais para disfarçar, assim como o estado desastroso da casa. A mãe de Harriet se mostrara mais ativa após a partida de Ida, num estilo que lembrava certos animais noturnos do zoológico de Memphis: marsupiais delicados de olhos imensos que — enganados pelas lâmpadas ultravioleta que iluminavam sua jaula envidraçada — comiam, se limpavam e brincavam graciosamente, tratando da vida, iludidos para pensar que estavam escondidos em segurança, protegidos pela noite. Armadilhas secretas surgiam de repente, espalhadas pela casa, nas trilhas marcadas por lenços de papel, bombinhas para asma, frascos de remédio, loção hidratante para as mãos e esmalte de unha, copos com gelo derretido que deixavam uma seqüência de anéis esbranquiçados em cima dos móveis. Um cavalete portátil surgiu num canto especialmente imundo e atulhado da cozinha e — pendurado nele, gradualmente, dia após dia — também a pintura de um amor-perfeito roxo esmaecido, embora ela

jamais tivesse passado do esboço a lápis do vaso em que estava a flor. Até o cabelo dela adquiriu um novo tom, mais vivo e escuro (“Beijo de Chocolate”, dizia o frasco — coberto de manchas pretas grudentas — que Harriet descobrira no cesto de lixo de palha do banheiro de baixo). Ignorando os tapetes empoeirados, o piso grudento, as toalhas fedidas no banheiro, ela dedicava a maior parte do tempo a cuidar de trivialidades. Certa tarde Harriet a encontrou movendo pilhas de porcarias da esquerda para a direita, para poder se ajoelhar e lustrar as maçanetas de latão com um polidor especial para metais e flanela; outra vez — negligente em relação aos farelos, pingos de gordura e açúcar derramados no balcão da cozinha, ao pano de prato imundo e aos pratos precariamente empilhados na pia cheia de água escura gelada, sem dar importância ao cheiro de coisa podre que emanava ao mesmo tempo de todos os lugares e de lugar nenhum — ela dedicou uma hora inteira a arear freneticamente uma torradeira cromada até que brilhasse como o pára-choque de uma limusine, e mais dez minutos a apreciar seu feito. “Estamos nos virando muito bem, não acham?”, disse, e depois: “Ida nunca deixava as coisas realmente limpas como agora, certo?” (olhando para a torradeira) e “É muito gostoso, não é? Nós três, só nós”.

Não era gostoso. Mesmo assim, ela se esforçava. Um dia, perto do final de agosto, ela se levantou, tomou um banho de espuma, vestiu-se, passou batom, sentou-se na escadinha e começou a folhear o livro de culinária de James Beard até achar uma receita de steak Diane, depois caminhou até a mercearia e comprou todos os ingredientes. De volta, colocou o avental plissado de coquetel (presente de Natal, nunca o usara) por cima do vestido; acendeu um cigarro, preparou uma Coca com um pouco de burbom e ficou bebericando enquanto cozinhava. Depois, ergueu a travessa acima da cabeça e todas seguiram em fila indiana para a sala de jantar. Harriet abriu espaço na mesa; Allison acendeu duas velas nos candelabros, que lançaram longas sombras trêmulas no teto. O jantar foi o

melhor que Harriet comeu em muito tempo — contudo, três dias depois, os pratos continuavam empilhados na pia.

A presença de Ida tinha servido também a outro aspecto que ninguém percebera: havia limitado o raio de ação das atividades da mãe, o que só agora Harriet valorizava. Quantas vezes Harriet não ansiara pela companhia da mãe, não desejara que ela se levantasse e saísse do quarto um pouco? Agora — de repente — seus desejos foram atendidos; e se Harriet antes se sentia solitária e desencorajada pela porta sempre fechada do quarto, agora nunca sabia quando a porta se abriria para a mãe sair e rodear-lhe a poltrona, impertinente, como se só aguardando o momento de Harriet falar alguma coisa para romper o silêncio e tornar tudo mais fácil e tranquilo entre elas. Harriet teria ajudado a mãe de bom grado se tivesse a mínima pista do que dizer — Allison sabia contentar a mãe sem dizer uma só palavra, bastava sua calma presença física —, mas Harriet era diferente, tinha a impressão de que precisava dizer ou fazer algo, embora não soubesse o quê, e a pressão de seu olhar carregado de expectativa só a envergonhava e emudecia. Por vezes — quando a tensão a emudecia e desesperava — sentia frustração e raiva. Nesses momentos fixava a vista nas mãos, no chão ou na parede, em qualquer lugar menos nos olhos súplices da mãe.

A mãe de Harriet não falava muito em Libby — mal conseguia pronunciar o nome de Libby sem começar a chorar —, mas seus pensamentos se voltavam para Libby na maior parte do tempo, e isso ficava claro quando ela pensava em voz alta. Libby estava por toda parte. Conversavam a respeito dela, mesmo sem mencionar seu nome. Laranjas? Todas se lembravam das laranjas em rodela que Libby gostava de colocar no ponche de Natal, do bolo de laranja (uma sobremesa simples, tirada de um livro da Segunda Guerra Mundial sobre racionamento) que Libby assava de vez em quando. Peras? As peras continham inúmeras associações: as compotas de pera com gengibre de Libby; a música que Libby cantava sobre a pequena pereira; a natureza-morta com peras que

Libby pintara no colégio estadual para moças, na virada do século. E, de todo modo, ao falarem sobre objetos apenas, era possível falar sobre Libby sem mencionar seu nome. As referências cifradas a Libby pontilhavam todas as conversas; qualquer lugar ou planta, árvore ou colher, maçaneta ou doce continham elementos ou traços de seus atos. Embora Harriet não questionasse a propriedade dessa devoção, sentia certo incômodo em ver Libby transformada de pessoa numa espécie de gás onipresente, insinuando-se através de buracos de fechadura e sob as portas.

As conversas tomaram um rumo muito estranho, e isso piorou ainda mais porque a mãe deixara bem claro, de vários modos, sem explicitar, que as filhas não deveriam mencionar o nome de Ida. Mesmo quando se referiam a Ida indiretamente, sua contrariedade era evidente. Ela se imobilizara, com o copo a meio caminho da boca, quando Harriet (sem pensar) certa vez mencionou Libby e Ida na mesma frase, de enfiada.

“Como se atreve!”, gritou, como se Harriet tivesse dito algo desleal sobre Libby — imperdoável, abjeto. E depois, encarando Harriet: “E não me olhe desse jeito!”. Ela agarrou a mão de uma Allison estupefata e saiu correndo da sala.

Embora Harriet estivesse proibida de demonstrar seu sofrimento, a dor de sua mãe era sempre atirada em sua cara como censura, e Harriet se sentia difusamente responsável por ela. Por vezes — em especial à noite — espalhava-se como uma névoa, palpável, impregnando a casa inteira. Uma nuvem espessa pairava sobre a cabeça curvada da mãe, sobre seus ombros arqueados, pesada como o cheiro de uísque em volta do pai de Harriet quando ele bebia. Harriet aproximava-se da porta e observava silenciosamente a mãe sentada à mesa da cozinha, sob a luz da lâmpada amarelada, com a cabeça entre as mãos e um cigarro entre os dedos.

Mesmo assim, quando a mãe se virava, tentava sorrir ou puxar conversa, Harriet fugia. Odiava o jeito adolescente, retraído, com que a mãe passara a andar pela casa, examinando cantinhos e olhando dentro dos armários, como se Ida fosse uma tirana da qual se livrara de bom grado. Sempre que

se aproximava — sorrindo timidamente, daquele jeito trêmulo e específico que significava “quero conversar” —, Harriet esfriava até congelar. Permanecia parada, dura como uma estátua, sentada no sofá ao lado da mãe, que estendia a mão para pegar a sua e acariciá-la desajeitadamente.

“Você tem a vida inteira pela frente.” Sua voz saiu alta demais, soou como a de uma atriz.

Harriet, em silêncio, fixou os olhos na *Enciclopédia Britânica* que abrira no colo, emburrada. Era um artigo sobre as capivaras, roedores da América do Sul, da mesma família do porquinho-da-índia.

“O caso é...” A mãe riu, uma risada curta, entrecortada, dramática. “Espero que você nunca tenha de passar pelo sofrimento que eu enfrentei.”

Harriet concentrou-se numa foto em preto e branco da capivara, o maior membro da família. Era o maior roedor existente no mundo.

“Você ainda é jovem, meu bem. Fiz o máximo possível para proteger você. Não quero que cometa os mesmos erros que eu.”

Ela esperou. Estavam sentadas perto demais. Embora o constrangimento de Harriet fosse imenso, ela se fechou, recusando-se a erguer a vista. Decidira não dar o menor espaço para a mãe. A única coisa que a mãe esperava era uma demonstração mínima de interesse (não um interesse genuíno, bastava fingir) e Harriet sabia muito bem o que a agradaria: deixar a enciclopédia de lado, ostensivamente, cruzar as mãos no colo e fazer cara de compaixão enquanto a mãe falava. *Coitadinha da mamãe*. Era o bastante, serviria perfeitamente.

E não seria grande coisa. Mas a injustiça fazia Harriet estremecer. Por acaso a mãe a ouvia, quando *ela* sentia vontade de conversar? Em silêncio, olhando fixamente para a enciclopédia (difícil agüentar firme, sem responder), ela se lembrou do dia em que entrou no quarto da mãe, chorando por causa de Ida, e do modo lânguido e aristocrático como a mãe ergueu um dedo, *um único dedo*, assim...

De repente Harriet notou que a mãe tinha se levantado e olhava para ela. Seu sorriso era fino e traiçoeiro como um anzol. “Por favor, não

permita que eu a incomode quando estiver lendo”, disse.

Imediatamente, o arrependimento tomou conta de Harriet. “O que foi, mamãe?” E pôs a enciclopédia de lado.

“Deixa para lá.” A mãe desviou os olhos e alisou o roupão de banho.

“Mãe?” Harriet a seguiu pelo corredor, até a porta do quarto, que se fechou com exagerada delicadeza. “Mamãe, sinto muito...”

*Por que* ela era tão detestável? Por que não conseguia se comportar do modo que os outros queriam? Harriet sentou-se no sofá, repreendendo a si mesma. Os pensamentos mais desagradáveis atormentaram sua mente até bem depois do momento em que subiu e foi para a cama. Sua ansiedade e culpa não se restringiam à mãe — ou à situação imediata —, mas iam muito mais longe, abrangiam muita coisa, e o pior dizia respeito a Ida. E se Ida sofresse um derrame? E se fosse atropelada por um carro? Isso acontecia, agora Harriet já sabia bem demais: as pessoas morriam assim, sem mais nem menos, caíam duras no chão. A filha de Ida a avisaria? Ou — muito provavelmente — presumiria que ninguém na casa de Harriet se importaria?

Harriet — com um casaco grande de crochê que pinicava servindo de coberta — virava e se remexia, gritando acusações e ordens durante o sono. De tempos em tempos relâmpagos de agosto azulavam o quarto. Jamais esqueceria o modo como a mãe tratara Ida: nunca esqueceria, nunca perdoaria. Nunca. Por mais furiosa que estivesse, porém, não conseguia endurecer o coração — não inteiramente — a ponto de se proteger da opressão do sofrimento da mãe.

Era mais penoso ainda quando a mãe tentava fingir que o sofrimento não existia. Ela saltitava escada abaixo de pijama, atirava-se no sofá sob os olhares das filhas silenciosas, como uma babá desengonçada, sugerindo atividades “divertidas”, como se elas fossem um grupo de amigas reunidas. O rosto afogueado e os olhos brilhantes transmitiam uma animação falsa, pois sob a aparente alegria havia uma tensão frenética, desesperada, que dava a Harriet vontade de chorar. Ela queria jogar cartas. Queria fazer

bala puxa-puxa! Imagine! Queria ver televisão. Queria ir até o Country Club comer um filé — o que era impossível, o restaurante do Country Club não abria para o jantar às segundas-feiras, o que ela estava pensando? E fazia um montão de perguntas horríveis. “Quer comprar um sutiã?”, perguntou a Harriet. “Quer convidar uma amiga para dormir aqui?” e “Quer que eu a leve de carro para visitar seu pai em Nashville?”.

“Acho que deveríamos dar uma festa”, sugeriu a Harriet.

“Festa?”, Harriet repetiu, desanimada.

“É, uma festa com Coca-Cola, ou sorvete, para as meninas da sua classe.”

Harriet ficou abismada demais para reagir.

“Você precisa... conviver com elas. Convidá-las para vir aqui. Meninas da sua idade.”

“Por quê?”

A mãe de Harriet ergueu a mão num gesto derrisório. “Em pouco tempo estará no colégio”, disse. “Logo chegará sua vez de pensar nos bailes de debutantes. E nas torcidas organizadas e nos desfiles de moda.”

*Desfiles de moda?*, Harriet pensou, atônita.

“Os melhores dias de sua vida estão para chegar. Creio que o colegial será ótimo para você, Harriet.”

Harriet não fazia idéia do que comentar.

“É por causa das suas roupas, docinho?” A mãe a encarou, solícita. “É por isso que não quer convidar suas amigas para dormir aqui?”

“Não!”

“Vamos levá-la à Youngland de Memphis. Comprar roupas bacanas. Seu pai pagará tudo.”

Os altos e baixos da mãe davam nos nervos de Allison também, ou era o que parecia, pois Allison começou a passar tardes e noites fora de casa, sem avisar. O telefone tocava com frequência. Duas vezes, em uma semana, Harriet atendeu uma moça que se identificou como “Trudy” e pediu para falar com Allison. Harriet não perguntou a “Trudy” quem ela

era, mas observou pela janela quando Trudy (uma sombra dentro de um Chrysler marrom) parou na frente da casa e apanhou Allison, que a aguardava na calçada, descalça.

Algumas vezes, Pemberton passou para pegá-la no Cadillac azul-bebê, e eles foram embora sem dar um alô ou convidar Harriet para ir junto. Harriet, sentada na janela do quarto escuro, depois que eles sumiram na rua, ficou olhando para o céu pesado sobre os trilhos do trem. Ao longe, via as luzes do campo de beisebol e do Jumbo's Drive-In. Aonde iam, Pemberton e Allison, quando saíam de carro à noite, e o que teriam a dizer um ao outro? A rua ainda estava molhada por causa da chuva com trovoadas da tarde; no alto, a lua brilhava por uma fresta nas nuvens pesadas, cujas bordas ganharam um brilho lívido, grandioso. Adiante — através de uma fenda no céu —, pura claridade: estrelas frias, distâncias infinitas. Era como olhar para uma piscina que parecia rasa, com poucos centímetros de profundidade, e depois ver que a moeda atirada na água cristalina caía, caía, espiralando para sempre, sem jamais chegar ao fundo.

“Qual é o endereço de Ida?”, Harriet perguntou a Allison certa manhã. “Quero escrever uma carta para ela, contando a respeito de Libby.”

A casa estava quente e calma; a roupa suja se amontoava numa pilha mofada em cima da máquina de lavar. Allison ergueu os olhos inexpressivos da tigela de flocos de milho.

“Não”, Harriet disse após um momento de incredulidade.

Allison desviou a vista. Recentemente passara a usar maquiagem escura nas pálpebras e a reagir com olhares evasivos, pouco comunicativos.

“Não me diga que você não pediu? O que há de errado com você, afinal?”

“Ela não me deu.”

“Você pediu?”

Silêncio.

“Então, pediu ou não? Qual é o problema?”

“Ela sabe onde moramos”, Allison disse, “caso queira escrever.”

“Queridas?” A voz da mãe no quarto ao lado: solícita, exasperante. “Estão procurando alguma coisa?”

Após uma longa pausa, Allison baixou os olhos e recomeçou a comer. Sua mastigação ruidosa era repugnante, como o som amplificado de um inseto devorador de folhas dos programas sobre a natureza. Harriet empurrou a cadeira, percorreu a cozinha com os olhos, inutilmente, em pânico: que cidade exatamente Ida tinha mencionado? Qual o nome de casada de sua filha? Faria alguma diferença se Harriet soubesse? Em Alexandria, Ida não possuía telefone. Sempre que precisavam entrar em contato com ela, Edie tinha que pegar o carro e ir até a casa dela, que não era exatamente uma casa, mas apenas uma edícula de tijolo aparente no fundo de um terreno de terra batida, sem gramado nem calçada. Saía fumaça da chaminé enferrujada de um fogão a lenha, quando Edie parara lá num final de tarde de inverno, com Harriet esperando no carro, para levar bolo de frutas e mexerica de presente de Natal para Ida. A lembrança de Ida surgindo na soleira da porta — surpresa, iluminada pelos faróis, limpando a mão num avental encardido — sufocou Harriet com uma dor súbita, lancinante. Ida não as convidara para entrar, mas a espiada de Harriet pela porta aberta a inundara de perplexidade e tristeza: latas velhas de café, uma mesa coberta com plástico, o pulôver furado cheirando a fumaça — pulôver de homem — que Ida usava no inverno, pendurado num prego.

Harriet abriu os dedos da mão esquerda e examinou discretamente o corte que fizera na palma com um canivete suíço no dia seguinte ao enterro de Libby. Na sufocante melancolia da casa deserta, o corte da lâmina a fizera gritar de surpresa. O canivete caiu no chão do banheiro. Lágrimas retornaram a seus olhos, que já estavam afogueados e congestionados de tanto chorar. Harriet apertou a mão e cerrou os lábios com força enquanto gotas de sangue escuro pingavam nos ladrilhos

sombrios; olhou em torno, para os cantos do teto, como se esperasse ajuda de cima. A dor foi um inesperado alívio — fria e envolvente, e sua crueza a acalmou, ajudando-a a concatenar as idéias. *Quando parar de doer*, disse a si mesma, *quando estiver curado, eu não me sentirei mais tão mal por causa da morte de Libby*.

E a ferida *estava* sarando. Quase não doía mais, exceto quando fechava a mão de determinada maneira. Uma cicatriz cor de vinho rosado marcava o local do corte; era interessante olhar para ela, parecia um pouquinho de cola cor-de-rosa, e de certo modo lembrava a cena em que Lawrence da Arábia se queimava com o cigarro. Evidentemente esse tipo de atitude ajudava a formar o caráter de um soldado. “O truque”, ele havia dito no filme, “é não dar importância à dor.” No vasto e engenhoso esquema do sofrimento, como Harriet começava a compreender, valia bem a pena aprender esse truque.

Agosto passou. No enterro de Libby, o pastor havia lido um dos salmos: “Observo, pois sou um pardal solitário no telhado”. O tempo cicatrizava todas as feridas, dissera. Mas quando?

Harriet pensou em Hely tocando trombone no campo de futebol sob o sol ardente, e isso também a fez se lembrar dos salmos. “Louvai o Senhor com a trombeta, com o saltério e com a harpa.” Hely não tinha sentimentos muito profundos; vivia no raso, onde sempre era claro, ensolarado e quente. Acompanhara as idas e vindas de dezenas de empregadas. Tampouco compreendia sua dor pela perda de Libby. Hely detestava pessoas mais velhas; elas o intimidavam; antipatizava até com os próprios avós, que residiam em outra cidade.

Mas Harriet sentia falta da avó e das tias-avós, que andavam ocupadas demais para lhe dar muita atenção. Tat estava empacotando as coisas de Libby: dobrando a roupa de cama, lustrando a prataria, enrolando tapetes e subindo na escada para tirar as cortinas. Cogitava o que fazer com o

conteúdo dos armários, estantes e baús de cedro. “Querida, você é muito gentil em se oferecer para ajudar”, disse Tat quando Harriet telefonou. Mas Harriet, embora tenha passado lá perto, não fora capaz de chegar até a porta e galgar os degraus, de tão chocada com a drástica alteração da atmosfera na casa de Libby: o canteiro de flor cheio de mato, o gramado descuidado, um ar trágico de negligência. Não havia cortinas nas janelas da frente da casa de Libby, e essa ausência impressionava; lá dentro, sobre a cornija da lareira, restava apenas uma mancha escura no lugar do espelho.

Harriet ficou parada na calçada, atônita. Deu meia-volta e foi para casa. Naquela noite — envergonhada por sua atitude — ligou para pedir desculpas a Tat.

“Bem”, Tat comentou, num tom de voz menos compreensivo do que Harriet gostaria, “fiquei sem saber o que tinha acontecido.”

“Eu... eu...”

“Querida, estou exausta”, disse Tat, e realmente parecia muito cansada, “posso ajudá-la em mais alguma coisa?”

“A casa está diferente.”

“Sim, sei disso. É duro ir lá. Ontem, sentei-me perto da mesa da cozinha, coberta de caixas, e chorei.”

“Tatty, eu...” Harriet também estava chorando.

“Querida, compreenda. Agradeço sua preocupação, mas acho que farei isso mais depressa sozinha. Pobrezinha.” Agora Tatty também chorava. “Vamos sair juntas para passear quando isso acabar, está bem?”

Até Edie — nítida e constante como um perfil estampado numa moeda — havia mudado. Emagrecera desde a morte de Libby; seu rosto encovara e ela parecia ter diminuído. Harriet mal a vira após o enterro. Praticamente todos os dias ela ia ao centro, de carro novo, para conversar com banqueiros, advogados e contadores. O inventário de Libby era complicado, principalmente por causa da falência do juiz Cleve e das tentativas atrapalhadas de transferir e ocultar seus bens no final da vida.

Grande parte da confusão reverberara na pequena herança que coubera a Libby. Para piorar as coisas, o sr. Rixey, o sujeito em cujo carro Edie batera, entrara com uma ação na Justiça alegando “danos morais e materiais”. Ele não queria acordo; o caso seria levado ao tribunal. Embora Edie evitasse comentar a questão e se portasse estoicamente, sem dúvida estava abalada.

“Bem, foi *culpa sua*, minha cara”, Adelaide disse.

Adelaide sofria de dores de cabeça desde o acidente, ela revelara. Não se sentia disposta a “mexer com caixotes” na casa de Libby; não era mais a mesma. De tarde, após a sesta (“Sesta!”, indignou-se Tat, como se ela também não tirasse uma soneca), Adelaide ia à casa de Libby, passava aspirador de pó no carpete e nos estofados (desnecessariamente) e reorganizava as caixas que Tat já havia fechado. Mas, principalmente, verbalizava suas preocupações com o inventário de Libby. Provocava Tatty e Edie com sua suspeita cordial mas inegável de que Edie e os advogados estavam roubando o que ela, Adelaide, considerava “sua parte”. Telefonava a Edie todas as noites para interrogá-la sobre o que ocorrera no escritório do advogado naquele dia, querendo saber de tudo, minuciosamente. Era exasperante. Reclamava que os advogados eram muito caros, temendo que “sua parte” fosse reduzida por causa das despesas legais; além disso, transmitia os conselhos do sr. Sumner a respeito de questões financeiras.

“Adelaide”, Edie gritou pela quinta ou sexta vez, “eu prefiro que você não comente nossos problemas com aquele velho.”

“*Por que não? Ele é um velho amigo da família!*”

“Meu ele não é!”

Adelaide disse com irônica virulência: “Gosto de saber que alguém leva em conta meus interesses”.

“E você acha que eu não estou fazendo isso.”

“Não foi o que eu disse.”

“Foi, sim.”

Isso não era nenhuma novidade. Adelaide e Edie nunca haviam se entendido, desde meninas. Mas a situação jamais chegara a este ponto de demonstrarem abertamente seu rancor. Se Libby estivesse viva, ela teria apaziguado as duas muito antes que surgisse uma crise de tamanhas proporções; pediria paciência e discrição a Adelaide e, usando os argumentos de sempre, imploraria indulgência a Edie (“Ela é a caçula... não teve mãe... papai mimou muito Adelaide...”).

Mas Libby estava morta. E — sem ninguém para interceder — as rugas entre Edie e Adelaide tornavam-se mais amarguradas e profundas a cada dia. A ponto de Harriet (que, afinal de contas, era neta de Edie) sentir frieza na atitude de Adelaide e desconforto em sua companhia. Harriet percebia a injustiça de tudo isso com mais intensidade do que antes, pois sempre que Addie e Edie discutiam Harriet ficava do lado de Addie. Edie intimidava as pessoas: Harriet sabia disso muito bem. Agora, pela primeira vez, começava a entender a posição de Edie nos confrontos, e exatamente o que Edie queria dizer quando usava a palavra “mesquinha”.

O sr. Sumner voltara para casa — na Carolina do Sul, ou onde quer que morasse —, mas Adelaide passara a manter uma correspondência animada com ele, que a deixou cheia de si. “*Camellia Street*”, leu quando mostrou o endereço do remetente em uma das cartas que recebera dele. “Não é um nome adorável? As ruas daqui não têm nomes assim. Como eu adoraria viver numa rua com um nome tão elegante.”

Ela esticou o braço e examinou o envelope à distância, por cima dos óculos. “A caligrafia dele é boa, para um homem, não acha?”, perguntou a Harriet. “Caprichosa. Eu a classificaria assim. Mas papai dizia cobras e lagartos do senhor Sumner.”

Harriet não falou nada. De acordo com Edie, o juiz considerava o sr. Sumner “rápido e desocupado”, fosse isso o que fosse. E Tatty — a opinião decisiva, no caso — recusava-se a falar a respeito do sr. Sumner; contudo, seus modos insinuavam que não teria elogios a fazer.

“Aposto que você e o senhor Sumner teriam muito o que conversar”, Adelaide estava dizendo. Ela havia tirado o cartão do envelope e examinava a frente e o verso. “Ele é muito cosmopolita. Chegou a morar no Egito, sabia?”

Enquanto falava, ela olhava para a imagem na frente do cartão — uma ilustração de Charleston antiga. Nas costas, Harriet conseguiu ler, na caligrafia antiquada do sr. Sumner, expressões eloqüentes como *algo mais para mim e prezada senhora*.

“Imaginei que você se interessaria, Harriet”, Adelaide disse, novamente estendendo à frente o cartão, para observá-lo melhor de longe. “Múmias antigas, gatos e coisas assim.”

Harriet atacou: “Você e o senhor Sumner vão ficar noivos?”.

Adelaide — com expressão distraída — alisou um brinco. “Sua avó mandou você perguntar isso?”

*Ela por acaso acha que sou retardada?* “Não, senhora.”

“Tomara que sim”, Adelaide disse com um sorriso frio. “Espero que ele não pareça *velho demais* para você...” E, ao se levantar para acompanhar Harriet até a porta, olhou para seu reflexo no espelho de um jeito que fez o coração de Harriet encolher.

Muito barulho diariamente. Máquinas pesadas — escavadoras, serras — rugiam ao longe, três quadras adiante. Os batistas estavam cortando as árvores e pavimentando o terreno em volta da igreja, pois, alegavam, precisavam de mais espaço para estacionamento; apesar da distância, o ruído era terrível, como o de tanques de guerra de um exército agressor invadindo ruas tranqüilas.

A biblioteca estava fechada; havia pintores trabalhando na Seção Infantil. Pintavam a sala de amarelo berrante, um amarelo brilhante e forte que parecia pintura de táxi. Era horrível. Harriet adorava os lambris de madeira acadêmicos: como tinham coragem de pintar aquela madeira

antiga e escura tão linda? Além disso, o concurso de leitura de verão terminara e Harriet não vencera.

Não havia ninguém com quem conversar nem nada a fazer ou algum lugar para ir, exceto a piscina. Diariamente, à uma da tarde, ela punha a toalha debaixo do braço e ia para lá a pé. Agosto estava quase terminando; os treinos de futebol, os ensaios das líderes de torcida e até as aulas da pré-escola haviam começado. A não ser pelos aposentados no campo de golfe e pelas esporádicas e jovens donas de casa torrando ao sol nas espreguiçadeiras, o Country Club estava vazio. O ar era quente e imóvel como vidro. De vez em quando o sol passava debaixo de uma nuvem e uma rajada de vento quente agitava a superfície da piscina e balançava o toldo do bar. Debaixo d'água, Harriet gostava de ter algo duro para enfrentar e chutar, apreciava os arcos de eletricidade brancos, do tipo Frankenstein — como de um imenso gerador —, contra as paredes da piscina. Ali suspensa — em cadeias e pontos reluzentes, três metros acima da curva da parte funda —, por vezes ela se esquecia de tudo durante vários minutos, perdida entre ecos e silêncios e degraus de luz azulada.

Por longos períodos de devaneio ela flutuava como um cadáver, olhando para a própria sombra. Houdini escapava depressa das armadilhas subaquáticas, e enquanto os policiais consultavam seus relógios e puxavam o colarinho, enquanto o assistente pedia o machado aos gritos e a esposa urrava e desmaiava de mentirinha, ele normalmente já estava livre das correntes e — longe da vista de todos — flutuava calmamente sob a superfície da água.

Nesse aspecto, pelo menos, Harriet progredira muito durante o verão. Conseguia prender a respiração sem dificuldade por mais de um minuto e, se permanecesse imóvel, estender o período a quase dois (com muita dificuldade). Por vezes, contava os segundos, mas em geral se esquecia de fazê-lo: entusiasmava-se com o processo, o transe. Sua sombra — a três metros de profundidade — tremulava escura no fundo da piscina, grande como a sombra de um adulto. *O barco afundou*, dizia a si mesma —

imaginando-se num naufrágio, à deriva na imensidão avermelhada de sangue. Curiosamente, era um pensamento reconfortante. *Ninguém virá me socorrer.*

Ela estava flutuando havia muito tempo — só se mexia para respirar —, quando, bem baixo, ouviu alguém pronunciar seu nome. Com um movimento súbito, virou-se e respirou: calor, luz forte, zumbido intenso do refrigerador, do lado de fora do bar. Com olhos embaçados viu Pemberton (que não estava de serviço quando ela chegou) acenar da cadeira de salva-vidas e depois pular na água.

Harriet mergulhou para se desviar da marola e depois — tomada por um pânico inexplicável — deu uma cambalhota debaixo d'água e nadou para a parte rasa. Mas ele foi mais rápido e cortou sua retirada.

“Ei!”, disse quando subiram à superfície, sacudindo a cabeça e espalhando gotículas. “Você melhorou no acampamento! Quanto tempo consegue prender a respiração? *Sério mesmo*”, disse, quando Harriet não respondeu. “Vamos marcar o tempo. Tenho um cronômetro.”

Harriet sentiu que corava.

“Vamos lá. Por que não quer marcar?”

Harriet não sabia. Embaixo, seu pé — enfeitado com listas azuladas, como as de um tigre — parecia muito branco e duas vezes mais gordo que o normal.

“Você é que sabe.” Pem ficou em pé por um instante, depois pôs o cabelo para trás e largou o corpo na água, de modo que ficaram no mesmo nível. “Você não se chateia de tanto ficar aí largada na água? O Chris anda meio incomodado.”

“Chris?”, Harriet disse após uma pausa de surpresa. O som de sua própria voz a assustou mais ainda: seco e enferrujado, como se não falasse há dias.

“Quando cheguei para substituí-lo, ele falou: ‘Olha só aquela menina, boiando na água que nem um tronco’. As mães das crianças pequenas o censuraram, como se ele tivesse *deixado* uma criança morta flutuando na

piscina a tarde inteira.” Ele riu e depois, como não teve coragem de enfrentar o olhar de Harriet, nadou para o outro lado.

“Quer uma Coca?”, perguntou. Havia em sua voz um tom divertido que a fez lembrar de Hely. “Grátis? Chris deixou a chave da geladeira.”

“Não, obrigada.”

“Puxa, por que não me disse que Allison estava em casa, quando telefonei no outro dia?”

Harriet olhou para ele — inexpressiva, com uma dureza que fez Pemberton franzir o cenho — e depois deslizou ao longo da borda da piscina e se afastou, nadando. Era verdade: disse a ele que Allison não estava e desligou, embora Allison estivesse na sala. Pior: não sabia por que tinha agido assim, era incapaz até de inventar uma razão.

Ele nadou atrás dela, Harriet percebeu pelo movimento da água. *Por que não me deixa em paz?*, pensou, desesperada.

“Ei”, ouviu quando ele a chamou, “soube que Ida Rhew se demitiu.” Quando se deu conta, ele estava na sua frente.

“Ei”, disse, segurando-a. “Você está chorando?”

Harriet mergulhou, jogando um jato de água na cara dele e seguiu por baixo d’água: *uuuuush*. A parte rasa era quente como água de banheira.

“Ei!”, ele insistiu. “Não precisa agir assim. Pode bancar a morta, se quiser. Harriet?”, Pemberton chamou de novo, enquanto ela corria para trás da divisória de concreto, na direção do vestiário feminino.

A única motivação de Harriet para prosseguir era Danny Ratliff. Pensar naquele sujeito a inundava de ansiedade. Obstinada e insistentemente, ela punha sua disposição à prova, pensando nele como se estivesse tratando de um dente cariado; e seguidamente o ultraje aflorava com uma previsibilidade doentia, como fogos de artifício espocando de um nervo exposto.

No crepúsculo de seu quarto, deitada no tapete, fitava a fotografia em preto-e-branco que recortara do álbum escolar. Sua atitude desleixada, desequilibrada — que a chocara logo de cara — havia muito esmaecera, e agora o que via ao olhar para a imagem não era um menino, nem sequer uma pessoa, mas a manifesta encarnação do mal. Sua face tornara-se tão peçonhenta para ela que atualmente nem conseguia tocar a foto; segurava-a pelas bordas. O desespero em sua casa era obra das mãos dele. O sujeito merecia morrer.

Jogar a serpente na avó dele não lhe trouxera alívio. Era ele que Harriet desejava pegar. Vislumbrara seu rosto na frente da funerária, e de uma coisa agora tinha certeza: *ele a reconhecera*. Seus olhos se cruzaram, enfrentaram-se — e o olhar congestionado do sujeito brilhara com tamanha ferocidade, quando a reconheceu, que só de lembrar seu coração disparava. Compartilharam uma clareza estranha, uma espécie de reconhecimento, e embora Harriet não tivesse certeza do que significava, restara a curiosa impressão de que atormentava a mente de Danny Ratliff com a mesma intensidade com que ele atormentava a sua.

Com aversão, Harriet refletiu sobre o modo como a vida abatera os adultos que conhecia, todos eles. Algo os tolhia quando cresciam, levava-os a duvidar de sua própria força. Indolência? Hábito? A determinação esmorecia; paravam de lutar e iam ao sabor dos acontecimentos. “A vida é assim mesmo.” Era o que todos diziam. “A vida é assim, Harriet, você verá, ela é assim mesmo.”

Bem: Harriet não veria. Ainda era jovem, as correntes ainda não estavam presas com firmeza em volta de seus tornozelos. Durante anos vivera aterrorizada com a idéia de completar nove anos — a idade que Robin tinha quando morreu —, mas seu nono aniversário passara e agora ela não sentia mais medo de nada. O que quer que fosse preciso fazer, ela faria. Atacaria agora — enquanto ainda podia, antes que seus nervos cedessem e seu espírito a abandonasse —, sem nada em que se apoiar, exceto sua própria e imensa solidão.

Concentrou a atenção no problema que se apresentava. Por que Danny Ratliff ia aos pátios de carga? Não havia nada para roubar lá. A maioria dos galpões estava fechada com tábuas, e Harriet trepara nelas para espiar pelas janelas dos que não estavam: vazios, em geral, a não ser pelos fardos de algodão podre, pela maquinaria escurecida pelo tempo e pelos tanques de pesticida empoeirados e emborcados nos cantos. Possibilidades malucas passaram por sua cabeça: prisioneiros trancados num vagão. Corpos enterrados; sacos de aniagem cheios de dinheiro roubado. Esqueletos, armas assassinas, encontros secretos.

O único meio de descobrir exatamente o que ele andava fazendo, concluiu, era ir até os pátios de carga e ver por si mesma.

Ela não falava com Hely havia muito tempo. Como era o único aluno da sétima série na fanfarra, agora ele se achava importante demais para se relacionar com Harriet. Não importava que tivesse sido aceito somente porque a seção de metais precisava de trombones. Na última vez em que conversaram — por telefone, e ela ligara para Hely — ele não falou em outra coisa a não ser na banda, para contar fofocas a respeito dos meninos maiores, como se realmente os conhecesse, chamando a baliza e os solistas dos metais pelo primeiro nome. Num tom coloquial mas distante, como se ela fosse uma professora ou uma amiga de seus pais, descreveu inúmeros detalhes técnicos sobre o número no qual trabalhavam, um pot-pourri dos Beatles que se encerrava com “Yellow submarine”, enquanto eles formavam um submarino gigantesco (a hélice era representada pela baliza giratória) no campo de futebol. Harriet o ouviu sem dizer nada. Manteve silêncio também durante as descrições entusiasmadas mas vagas das “loucuras” cometidas pelos meninos da fanfarra do colegial. “Quem joga futebol não tem tempo para se divertir *nunca*. Eles se levantam e vão para o aquecimento antes do dia clarear. Cogwell, o técnico, grita com eles o tempo todo, parece coisa do Exército. Mas Chuck, Frank e Rusty e o

pessoal do segundo ano, dos trompetes... esses são mais loucos que qualquer um do time de futebol.”

“Sei.”

“Eles só falam besteira e ficam zoando. Sempre usam óculos escuros. O senhor Wooburn é legal, nem liga. Como ontem... espere um pouco”, disse a Harriet, e depois respondeu a uma voz irritada distante: “Como é?”.

Diálogo. Harriet aguardou. Pouco depois, Hely voltou.

“Desculpe. Preciso ensaiar”, disse cheio de si. “Meu pai falou que devo estudar todos os dias, pois meu trombone novo custou um dinheirão.”

Harriet desligou e — no hall escuro, abafado — apoiou os cotovelos na mesinha do telefone e ficou pensando. Ele teria se esquecido de Danny Ratliff? Ou não se importava mais? Sua falta de interesse pela atitude refratária de Hely a pegou de surpresa, mas não pôde evitar um certo prazer de constatar que a indiferença dele a incomodava muito pouco.

Chovera na noite anterior; embora o solo estivesse molhado, Harriet não soube dizer se um carro passara recentemente pelo pátio de cascalho (uma área ampla para carregamento dos vagões com algodão, e não uma estrada) que ligava os pátios de manobras com os de carga, e estes com o rio. Com sua mochila e um caderno laranja debaixo do braço, para o caso de haver necessidade de anotar pistas, ela parou na beira da planície artificial, escura. Olhou para as bifurcações, os cruzamentos e os ramais dos trilhos, para os avisos brancos em forma de xis e para as lanternas de sinalização desligadas, para os vagões de carga enferrujados ao longe e para a torre da caixa-d’água que se erguia alta depois deles, sobre finos pilares: um tanque circular enorme com uma cobertura pontuda como o chapéu do Homem de Lata do *Mágico de Oz*. Quando era pequena, ela se encantara com a torre da caixa-d’água, talvez por essa semelhança; dava a impressão de ser um guardião mudo, cordial; quando ela ia dormir,

freqüentemente pensava na torre que se erguia solitária e ignorada na escuridão. Depois, quando Harriet tinha seis anos, alguns moleques haviam subido na torre e pintado um rosto assustador no tanque, com olhos rasgados e dentes serrilhados. Harriet passou muitas noites acordada depois disso, agitada, insone por pensar em seu querido companheiro (agora hostil, com suas presas) olhando zangado por cima dos telhados.

A face apavorante desbotara havia muito. Alguém pichara *Turma de 70* na caixa-d'água com tinta dourada, e também isso havia desbotado sob o sol e anos de chuva. Manchas pretas e melancólicas de deterioração marcavam a superfície externa do tanque de alto a baixo — e mesmo que não estivesse mais ali, o rosto medonho estava impresso na memória de Harriet, como a forma de uma lâmpada permanece nos olhos quando se apaga a luz de repente.

O céu estava claro e vazio. *Com Hely*, pensou, *pelo menos eu tinha alguém com quem conversar*. Teria Robin vagado por ali para brincar, teria empurrado a bicicleta para cruzar a via férrea? Ela tentou imaginar o local através dos olhos dele. Talvez as coisas não tenham mudado muito: talvez os fios estejam mais abaulados, talvez as trepadeiras e os cipós estivessem mais compridos nas árvores. Como seria o local dali a cem anos, quando já estivesse morta?

Ela atravessou o pátio de carga saltando os trilhos, cantarolando consigo mesma na direção do bosque. Sua voz soava muito alta no silêncio; nunca chegara tão longe sozinha naquele lugar ermo. *E se houvesse uma praga em Alexandria*, pensou, *e todos morressem menos eu?*

*Eu ia morar na biblioteca*, disse a si mesma. Idéia animadora. Harriet se imaginou lendo à luz de velas, com sombras tremulando no teto, acima do labirinto de estantes. Levaria uma mala de casa, com manteiga de amendoim e biscoitos, cobertor, algumas mudas de roupa — e juntaria duas poltronas grandes do salão de leitura para dormir nelas...

Quando saiu da trilha e penetrou no bosque sombrio (vegetação exuberante infiltrando-se através das ruínas de sua cidade morta,

esgueirando-se pelas calçadas, serpenteando pelas casas), a passagem do calor para o frio foi como entrar numa corrente fria ao nadar num lago. Despertadas pelo movimento súbito, nuvens de mosquitos esvoaçavam ao redor dela como criaturas da água verde de uma lagoa. Durante o dia a trilha era mais estreita e mais tomada pelo mato do que imaginara no escuro; viu muitos tufo de capim rabo-de-raposa e grama-de-ponta, e um líquen esverdeado revestia os sulcos de barro.

Acima, um grito rouco a fez dar um pulo: apenas um corvo. As árvores lançavam longas tiras de cipós enredados de trepadeiras nos dois lados do caminho, como monstros marinhos apodrecidos. Ela avançava lentamente — observando as copas escuras — e não notou o zumbido das moscas, mais e mais alto, até sentir um cheiro ruim e olhar para baixo. O corpo de uma cobra verde-brilhante, que não era venenosa, pois não tinha cabeça triangular, mas não se assemelhava a nenhuma cobra conhecida, estendia-se na trilha um pouco adiante. Tinha cerca de um metro de comprimento e fora pisada no meio. As entranhas haviam se espalhado em glóbulos escuros, e o mais interessante era sua cor: um verde-amarelado que reluzia nas escamas iridescentes, como a ilustração colorida do Rei das Serpentes de um antigo livro de contos de fadas que Harriet tinha desde pequena: *“Muito bem”, dissera o Rei das Serpentes ao pastor bondoso, “cuspirei em sua boca três vezes, e você aprenderá a linguagem das bestas. Mas tome cuidado e não revele o segredo a outros homens, senão despertará minha fúria e eu o matarei”*.

Na beira da trilha Harriet viu a pegada de uma bota — grande — nitidamente impressa na lama; ao mesmo tempo sentiu o cheiro da cobra morta e começou a correr com o coração batendo forte, como se o diabo em pessoa a perseguisse. Corria sem saber a razão. As páginas do cadernos farfalhavam e ecoavam no silêncio. Gotas de água caíam dos cipós e trepadeiras agitados em volta. Um amontoado de ailantos mirrados (de várias tamanhos, como estalagmites no chão de uma caverna) erguia-se

pálido no meio do mato ralo, seus caules com casca parecida com pele de lagarto destacando-se na sombra, luminosos.

Ao chegar a um local iluminado, percebeu imediatamente que não estava sozinha e parou. Os gafanhotos estrilavam ruidosa e freneticamente no sumagre; ela ergueu o caderno para proteger os olhos e ver melhor, observando a paisagem clara, desolada...

No canto do olho, um reflexo prateado atraiu sua atenção — parecia vindo do céu —, e Harriet viu, sobressaltada, que uma figura escura subia a escada da torre da caixa-d'água, a cerca de dez metros de altura e vinte de distância. O reflexo brilhou mais uma vez: um relógio de pulso de aço cintilando como um espelho de sinalização.

Com o coração batendo forte, ela retornou à proteção do bosque e espiou por entre as folhas entrelaçadas que gotejavam. Era ele. Cabelo preto. Muito magro. Camiseta justa com dizeres ilegíveis nas costas. Parte de sua mente formigou de excitação, mas outra parte, mais fria, considerou a pequenez e a banalidade do momento. *Lá está ele*, disse a si mesma (remoendo a idéia, tentando entrar no estado de espírito adequado), *é ele, é ele...*

Um galho atrapalhava a visão e ela se abaixou para observá-lo melhor. Atingia os últimos degraus da escada. Quando chegou ao topo, parou na plataforma estreita de cabeça baixa, as mãos na cintura, imóvel contra o céu claro sem nuvens. Depois de um olhar rápido para trás, ele se levantou e segurou o corrimão de metal (era muito baixo, precisou se inclinar um pouco para o lado), avançou depressa para a esquerda e saiu do alcance da vista de Harriet.

Ela esperou. Transcorridos alguns minutos, voltou a vê-lo do outro lado. Naquele momento um gafanhoto pulou na cara de Harriet e ela recuou, assustada. Um graveto estalou sob seus pés. Danny Ratliff (era ele mesmo, identificou seu perfil claramente, mesmo abaixado feito um bicho) virou a cabeça em sua direção. Impossível que tivesse escutado um ruído tão débil e vindo de tão longe, mas por alguma razão incrível ele havia escutado,

pois seu olhar se deteve na direção dela, estranho e implacável, insistente...

Harriet permaneceu imóvel. Um pedaço de trepadeira caíra sobre seu rosto e tremelicava conforme ela respirava. Ao rastrear aquele trecho, os olhos dele passaram gelados por onde ela estava e reluziram com o mesmo brilho marmóreo, bizarro e cego que ela encontrara nas fotos antigas dos soldados confederados: rapazes bronzeados de vista luminosa fixa no centro de um vazio imenso.

Depois olhou para o outro lado. Para horror de Harriet, ele começou a descer a escada: rápido, olhando por cima do ombro.

Ele já estava quase chegando ao chão quando Harriet despertou de seu torpor e saiu correndo o mais rápido que pôde pela trilha barrenta e infestada de insetos. Deixou cair o caderno, voltou para apanhá-lo. A cobra verde continuava estendida como um anzol no meio da trilha, reluzindo na penumbra. Saltou por cima da cobra, agitando as duas mãos para espantar as moscas que revoavam em torno de seu rosto, e continuou correndo.

Ela irrompeu na clareira onde ficava o depósito de algodão: teto de zinco, janelas cobertas por tábuas, ar desolador. Atrás, ouviu ruídos no mato; em pânico, parou por um instante, desesperada de indecisão. Dentro do galpão, sabia que encontraria muitos esconderijos — fardos empilhados, vagões vazios —, mas se ele conseguisse encurralá-la ali, nunca mais sairia viva.

Ouviu os gritos dele à distância. Respirando com dificuldade, segurando a mochila ao lado do corpo, Harriet correu para trás do galpão (placas de zinco desbotadas: Purina Checkerboard, General Mills) e pegou a estrada de cascalho: mais larga, o suficiente para um carro passar, com trechos largos marmorizados pela areia branca e preta alternando-se com a argila avermelhada, salpicada pela sombra recortada dos plátanos altos. Seu sangue latejava nas veias, os pensamentos avolumavam-se e entrechocavam-se na mente como moedas num cofre de porquinho. As

pernas pesavam como se ela corresse na lama ou no melado, num pesadelo terrível; não estava conseguindo avançar com rapidez suficiente, elas não a obedeciam, não eram rápidas o bastante, não distinguia o ruído dos galhos e gravetos quebrados por seus pés (inusitadamente barulhentos, como disparos de uma arma de fogo) dos ruídos que os pés de seu perseguidor faziam enquanto avançava atrás dela.

A estradinha descia o morro abruptamente, numa ladeira íngreme. Sua velocidade aumentou mais e mais, temia tropeçar e cair, temia reduzir o ritmo, seus pés se moviam como se não fizessem parte dela, e sim de uma máquina que a impulsionava até a descida acabar e começar outra subida, abrupta, para um monte de terra alto — o dique.

O dique, o dique! Seu passo reduziu-se, seguiu mais devagar, mais ainda, e levou-a até a metade da escalada, quando caiu na grama — ofegando de cansaço — e engatinhou até o alto, apoiando-se nas mãos e nos joelhos.

Ouviu a água antes de vê-la... e quando finalmente se levantou, com os joelhos bambos, a brisa soprava fresca em seu rosto suado. Viu a água amarelada redemoinhando nas margens. Rio acima e rio abaixo, gente. Brancos e pretos, jovens e velhos conversando, comendo sanduíches e pescando. Ao longe, os motores dos barcos roncavam. “Sabe de qual eu gosto mais?”, disse uma voz com sotaque caipira, aguda — embora claramente masculina. “Aquele que tem nome espanhol, acho que o sermão dele é ótimo.”

“O doutor Mardi? Mas Mardi não é um nome espanhol.”

“Tanto faz. Ele é o melhor, se você quer saber minha opinião.”

O ar fresco cheirava a lama. Sentindo a cabeça leve, ainda trêmula, Harriet enfiou o caderno na mochila e desceu a encosta do dique rumo ao quarteto de pescadores logo adiante, abaixo dela (falavam de Mardi Gras agora, discutiam se a festa era originalmente espanhola ou francesa), e — com as pernas moles — caminhou ao longo da margem do rio, passando por uma dupla de pescadores cheios de verrugas (irmãos, a julgar pela

aparência, de bermudas com cinto e cintura alta, como a de Humpty Dumpty); por uma senhora que tomava banho de sol na espreguiçadeira feito uma tartaruga marinha de batom rosa e lenço da mesma cor; pela família com seu rádio transistorizado e geladeira de isopor cheia de peixe; e por crianças de todos os tipos, sujas, com as pernas arranhadas, rolando e caindo e correndo de um lado para o outro, desafiando-se mutuamente a enfiar a mão dentro do balde de minhocas para isca, gritando e correndo...

Continuou caminhando. As pessoas todas pareciam parar de falar, notou, quando ela se aproximava — talvez fosse apenas sua imaginação. Dificilmente ele poderia lhe fazer mal ali — gente demais —, mas sua nuca comichava como se a observassem. Nervosa, olhou para trás — e parou ao ver um sujeito desleixado de cabelo escuro comprido e calça jeans, a poucos metros. Felizmente não era Danny Ratliff, só alguém parecido com ele.

O próprio dia — aquelas pessoas, os gritos das crianças, as geladeiras de isopor — adquirira um ar ameaçador. Harriet apertou o passo. O sol se refletia nos óculos espelhados de um homem obeso (lábio inchado de mascar tabaco, repulsivo) na outra margem. Seu rosto era totalmente inexpressivo. Harriet desviou a vista rapidamente, como se ele tivesse feito uma careta.

Perigo: agora, por todos os lados. E se ele estivesse de tocaia em algum lugar? Faria isto, se fosse esperto: recuaria, daria a volta e esperaria por ela, pulando de trás de um carro estacionado ou de uma árvore. Ela tinha de voltar a pé para casa, certo? O único jeito para Harriet seria ficar de olhos abertos, seguir pelas ruas principais e não pegar atalhos por ruas desertas, na parte antiga da cidade. Arriscado: havia muitos locais ermos na parte antiga. Assim que chegasse à Natchez Street, as motoniveladoras estariam trabalhando barulhentas na igreja batista, quem a ouviria gritar? Se gritasse na hora errada, ninguém. Alguém ouvira Robin gritar? E suas irmãs estavam com ele no quintal.

A margem do rio tornara-se pedregosa e estreita, além de relativamente deserta. Perdida em pensamentos, subindo os degraus de pedra (trincados, intercalados por tufos pequenos de capim) que davam para a rua, ela se virou numa plataforma e quase tropeçou numa criança suja com um bebê ainda mais sujo no colo. Atrás deles, ajoelhada, usando uma camisa masculina velha, Lasharon Odum se ocupava em organizar pedaços quadrados de um tablete de chocolate sobre uma folha larga e felpuda. A seu lado havia três copos com uma água amarelada que parecia ter sido tirada do rio. As três crianças estavam cheias de picadas de mosquitos e crostas, mas o principal que Harriet notou foram as luvas vermelhas — *suas* luvas, as luvas que Ida lhe dera, imundas, estragadas agora — nas mãos de Lasharon. Antes que Lasharon pudesse dizer qualquer coisa, Harriet deu um tapa forte em sua mão, fazendo a folha voar longe, espalhando os quadrados de chocolate, e pulou em cima dela, jogando-a de costas na calçada. As luvas estavam folgadas, frouxas na ponta dos dedos. Harriet arrancou a da mão esquerda sem muita dificuldade, mas assim que Lasharon percebeu sua intenção começou a lutar.

“Me dá isso aí! É meu!”, Harriet rugiu. Quando Lasharon fechou os olhos e fez que não com a cabeça, Harriet agarrou o cabelo dela. Lasharon gritou, erguendo as mãos para se defender, e nesse instante Harriet arrancou a outra luva e a guardou no bolso.

“É *minha!*”, exclamou. “Ladra.”

“Minha!”, Lasharon gritou também, com a voz carregada de indignação. “Ela me deu!”

Deu? Harriet foi apanhada de surpresa. Ia perguntar quem lhe dera as luvas (Allison? Sua mãe?), mas achou melhor não. As duas crianças pequenas fitavam Harriet com olhos arregalados de pavor...

“Ela DEU, sim, para mim...”

“Cala a boca!”, Harriet disparou. Sentia-se constrangida por causa do ataque de raiva. “Nunca mais vá esmolar na minha casa!”

Na breve pausa confusa que se seguiu, ela deu as costas para a outra e começou a subir os degraus depressa, com o coração disparado. O incidente a perturbou tão violentamente que se esqueceu de Danny Ratliff por um momento. *Pelo menos*, pensou, recuando depressa para a calçada quando uma perua grande passou na rua em alta velocidade; precisava prestar mais atenção no caminho, *pelo menos recuperei as luvas. Minhas luvas*. Era só o que lhe restava de Ida.

Harriet, contudo, não se sentia orgulhosa de seu gesto, e sim incomodada por ter agredido a menina. O sol batia em seu rosto de uma forma desagradável. Quando estava a ponto de atravessar a rua mais uma vez sem cuidado, parou, ergueu a mão para proteger a vista da claridade, olhou para os dois lados e só depois correu para a calçada oposta.

“*Ah, o que você daria em troca de sua alma*”, Farish cantou, atacando a base do abridor de latas elétrico de Gum com uma chave de fenda. Seu estado de espírito estava magnífico. Danny não, atormentado até a medula por medos, horrores, premonições. Nervoso, sentado nos degraus de alumínio de seu trailer, cutucava uma unha lascada cheia de sangue; Farish — no meio de uma confusão reluzente de cilindros e presilhas e vedações espalhados no chão — cantarolava animado enquanto trabalhava. Como um encanador demente, sempre com seu macacão marrom, examinava metodicamente o trailer da avó, o abrigo de carro, o barracão, abrindo caixas de fusíveis e arrancando pedaços do piso, desmontando diversos equipamentos de pequeno porte (com suspiros e bufadas triunfais) que capturavam sua atenção, numa busca infatigável de fios cortados, peças fora de lugar e transistores ocultos ou qualquer outro indício de sabotagem nos eletrodomésticos da casa. “Já vou”, ele dizia, erguendo um braço sempre que Gum surgia como se querendo dizer alguma coisa. “Daqui a pouco, está bem?” Mas daqui a pouco demorava; a frente da casa estava cheia de porcas, canos, tomadas, fios, interruptores,

placas e peças metálicas diversas, dando a impressão de que uma bomba havia explodido ali e lançado estilhaços num raio de dez metros.

No chão de terra, dois números do relógio digital — duplo zero, branco no preto — encaravam Danny como um par de olhos arregalados de desenho animado. Farish mexia e remexia no abridor de latas, circulando e resmungando no meio dos destroços como se não estivesse pensando em nada, e, embora não olhasse diretamente para Danny, exibia um sorriso perverso no rosto. Melhor ignorar Farish, com suas insinuações maldosas, seus joguinhos e manipulações sorrateiros. Mesmo assim, era óbvio que Farish tinha algo em mente, e Danny ficava nervoso por não saber o que era. Suspeitava, porém, que a agitação de contra-espionagem de Farish era uma encenação dirigida a ele.

Olhou para o perfil do irmão. *Não fiz nada*, disse a si mesmo. *Só subi lá para dar uma espiada. Não mexi em nada.*

*Mas ele sabe que eu pretendo pegar a coisa.* Havia algo mais, com certeza. Alguém o estivera vigiando. No meio do mato, atrás da torre, algo se movera. Um reflexo rápido, como o de um rosto. Um *rostinho*. No barro cheio de limo da trilha, as pegadas eram de criança, fundas. Apontavam para todos os lados, e isso era apavorante. Pior ainda, adiante — ao lado da cobra morta, na beira da trilha — achara um retrato seu em preto-e-branco. *Dele mesmo!* Uma foto do tempo da escola, cortada do livro do ano. Ele a pegou e examinou, sem acreditar no que via. E uma série de lembranças e medos daquela época longínqua retornaram e se mesclaram com as sombras fugidias, a lama de argila vermelha e o fedor da serpente morta... quase desmaiara de medo naquele momento macabro indescritível, quando se viu, menino, de camisa nova, a sorrir no chão, como as fotos que as pessoas colocam em cima dos túmulos barrentos nos cemitérios da roça.

E era real, não havia imaginado nada, pois a foto estava guardada em sua carteira agora, ele a tirara para examinar umas vinte ou trinta vezes, de pura incredulidade. Será que Farish a pusera lá? Como alerta? Ou era

uma brincadeira maldosa, para apavorar Danny, quando ele pisasse na armadilha e perdesse um pé ou fosse fígado no olho por um anzol invisível solto no ar?

Aquele fato sinistro o assombrava. Girava sem parar na sua cabeça como a maçaneta da porta de seu quarto, que virava e virava, frouxa, sem abrir a porta. O único motivo que o impedia de tirar a foto escolar da carteira naquele instante e examiná-la de novo era a presença de Farish, parado na sua frente.

Danny fitou o vazio e embarcou num devaneio, como ocorria freqüentemente desde que desistira de dormir: o vento soprava em seu rosto, como neve ou areia, e havia uma figura desfocada bem distante. Pensava que era ela, aproximava-se mais e mais, a pé, até se dar conta de que não era; na verdade nada encontrava à sua frente, apenas o vazio. Quem era aquela menina desgraçada? No dia anterior vira um cereal infantil no centro da mesa da cozinha de Gum — flocos do tipo que Curtis gostava, numa caixa de cores brilhantes — e parou alucinado quando ia ao banheiro, pois *o rosto dela aparecia na caixa*. Era ela! Faces pálidas, cabelo curto, debruçada sobre a tigela de cereal que lançava um brilho mágico em seu rosto voltado para baixo. Em torno da cabeça dela, fadinhas e estrelinhas. Ele correu, apanhou a caixa e ficou confuso ao perceber que o rosto não era mais o dela, mas de uma outra criança que já conhecia da televisão.

No canto do olho sucediam-se explosões, relâmpagos espocavam por toda parte. De repente, ocorreu-lhe — invadiu seu corpo quando estava sentado por um momento nos degraus de seu trailer novamente, suado — que ela, quando penetrava em seus pensamentos, vinda de uma outra dimensão qualquer, era precedida em sua mente por algo muito similar a uma porta aberta, por onde entrava, girando, uma luminosidade repentina. Pontos de luz, partículas de poeira reluzente como criaturas num microscópio — grilos de anfeta, seria a explicação científica, pois cada comichão, cada visual, cada fagulha e grão microscópico que flutuava

na frente da vista cansada era um inseto vivo. Saber a explicação científica daquilo não tornava as alucinações menos reais. No final, os insetos rastejavam por todas as superfícies imagináveis, deixando trilhas compridas que se remexiam ao longo do veio da madeira das tábuas do assoalho. Insetos formigavam em sua pele, era impossível tirá-los, mesmo esfregando-a até ficar em carne viva. Bichos na comida, nas órbitas dos olhos, até no coração contraído. Recentemente, Farish passara a pôr um guardanapo de papel (perfurando-o com um canudinho) sobre o copo de chá gelado, para impedir que os enxames invisíveis que esvoaçavam em torno de seu rosto e de sua cabeça entrassem na bebida.

Danny também tinha seus insetos — graças a Deus não eram insetos que perfuravam a pele, que andavam sobre ela, nem vermes e cupins da alma, mas vaga-lumes. Mesmo naquele momento, em plena luz do dia, eles piscavam em sua visão periférica. Poeira em suspensão que se transformava em lampejos eletrônicos — *plinc plinc* — por todos os lados. A química da droga o possuía, assumira o controle. Era a química das drogas — pura, metálica, exata — que subira à superfície, vaporosa, e se encarregava de pensar, de falar e até de ver, atualmente.

*Por isso estou raciocinando como um químico*, pensou, deslumbrado com a clareza dessa simples constatação.

Apreciava a lenta queda das fagulhas que o rodeavam enquanto viajava, quando se deu conta, assustado, de que Farish falava com ele — pior, já fazia algum tempo.

“Como?”, perguntou, num repente de culpa.

“Eu disse que você sabe muito bem o que o D no meio da palavra Radar significa”, Farish disse. Embora sorrisse, sua expressão era dura no rosto vermelho, congestionado de sangue.

Danny — atrapalhado com esse desafio maluco, assustado com o pavor que impregnara profundamente até o contato mais inócuo com o próprio irmão — sentou-se e girou o corpo num espasmo, procurando um cigarro que sabia não possuir.

“*Detecção. Radiodetecção à Distância.*” Farish desparafusou uma peça oca do abridor de latas elétrico e a observou contra a luz antes de descartá-la. “Portanto, trata-se de um dos instrumentos de vigilância mais sofisticados disponíveis hoje. E é equipamento-padrão de todos os veículos policiais — e se alguém lhe disser que serve para pegar motoristas acima da velocidade, está querendo enrolar você.”

*Detecção?*, Danny pensou. Aonde ele quer chegar?

“O radar foi desenvolvido para a guerra, é coisa altamente secreta, para fins militares. E agora qualquer delegacia do interior usa o equipamento para monitorar os movimentos da população norte-americana em época de paz. *Todo* esse custo? *Todo* esse treinamento? E vai querer me convencer de que tudo isso é só para saber quem anda dez quilômetros por hora acima do limite?” Farish bufou. “Uma ova.”

Seria imaginação sua, ou Farish o olhava com profunda desconfiança? *Ele está me testando*, Danny concluiu. *Quer ver o que eu respondo*. O diabo era que ele desejava contar tudo sobre a menina para Farish, mas não podia admitir que estivera na torre da caixa-d’água. Que razão teria para ter ido lá? Ainda assim sentia a tentação de falar sobre a menina, mesmo sabendo que não podia; por mais cuidado que tivesse ao relatar os fatos, aticaria as suspeitas de Farish.

Não: precisava manter a boca fechada. Talvez Farish já soubesse que ele pretendia furtar as drogas. E — Danny não conseguia compreender isto direito, mas admitia a possibilidade — talvez Farish, desde o início, tivesse algo a ver com a presença da menina.

“As ondas curtas reverberam...” Farish abriu os dedos e gesticulou, “depois retornam para revelar sua posição exata. Estou falando de *fornecimento de informações.*”

*Um teste*, Danny pensou, abalado. Era assim que Farish lidava com as coisas. Nos últimos dias deixara quantidades absurdas de droga e dinheiro espalhadas pelo laboratório. Claro, Danny não tocara em nada. Mas era provável que os eventos recentes fizessem parte de um teste mais

complicado. Seria apenas coincidência a presença da menina na Missão, na mesma noite em que Farish insistira em ir até lá, na mesma noite em que as serpentes fugiram? Havia algo de suspeito na história desde o começo, principalmente por ela ter batido na porta. Afinal, Farish não havia dado muita importância a ela, certo?

“O caso é o seguinte”, Farish disse, aspirando com força pelas narinas enquanto uma cascata de peças do abridor de latas caía tilintando no chão. “Se eles estão dirigindo esses raios para nós, *então tem de haver alguém do outro lado*. Certo?” No bigode úmido grudara-se uma pedra de anfetamina do tamanho de uma ervilha. “Essas informações todas são inúteis se não houver alguém para recebê-las, alguém com conhecimentos, alguém *treinado*. Certo? Não estou certo?”

“Certo”, Danny concordou após uma pausa, tentando usar o tom adequado, sem muito sucesso. O que Farish poderia pretender com aquela cantilena sobre vigilância e espionagem, senão ocultar sua verdadeira desconfiança?

*A não ser que ele não conheça coisa nenhuma*, Danny pensou, com um pânico repentino. *Nem poderia*. Farish não sabia sequer dirigir.

Farish estalou o pescoço e disse, ladino: “Pô, você *sabe* muito bem”.

“O quê?”, Danny perguntou, olhando em volta. Por um momento, pensou que havia falado alto sem querer. Mas antes que pudesse levantar e jurar inocência, Farish começou a andar em círculos fechados com os olhos fixos no chão.

“O povo americano, de um modo geral, ignora essas aplicações militares das ondas”, disse. “E vou lhe dizer mais uma coisa, cacete. Nem mesmo a porra do Pentágono sabe o que essas ondas são *realmente*. Claro, eles aprenderam a gerá-las e monitorá-las” — ele riu curto, alto, histérico — “mas não sabem de que porra elas são *feitas*.”

*Preciso acabar com esta merda*, Danny disse a si mesmo. Só preciso dar um jeito, pensou, terrivelmente ligado numa mosca que zumbia insistente em seu ouvido, repetitiva como um disco riscado num pesadelo

interminável, só preciso dar um jeito de dar um tempo, ficar careta, dormir uns dois dias. Preciso dar um jeito de pegar o bagulho e cair fora da cidade enquanto ele fica aqui sentado no chão falando besteiras sobre ondas de rádio e desmontando torradeiras com a chave de fenda...

“Os elétrons danificam o cérebro”, Farish disse. Ao pronunciar a frase, olhou fixo para Danny, como se suspeitasse que o irmão discordava dele em algum aspecto.

Danny sentiu fraqueza. Passava da hora de dar um teco. Se não cheirasse uma, logo teria de capotar, pois o coração extenuado palpitaria, a pressão sanguínea baixaria a quase nada e ele praticamente enlouqueceria de medo de pifar de vez, pois o sono deixava de ser sono quando a gente não dormia; reprimido, ele avançava irresistivelmente e abatia o sujeito, que perdia os sentidos ao mergulhar num poço fundo escuro que mais parecia a morte.

“E o que as ondas de rádio são?”, Farish perguntou.

Farish já interrogara Danny a respeito, anteriormente. “Elétrons.”

“Exatamente, panaca!” Com um brilho maníaco de Charles Manson nos olhos, Farish se inclinou para a frente e bateu em seu próprio crânio com uma violência surpreendente. “Elétrons! Elétrons!”

A chave de fenda brilhou, *bang*, e Danny a viu numa gigantesca tela de cinema, como um vento frio soprando do futuro... e se viu deitado num catre, suando, apagado, indefeso, fraco demais para se mexer. Relógio tiquetaqueando, cortinas esvoaçando. Depois, *crec*, fez a porta do trailer, lentamente, enquanto Farish se aproximava de sua cama com a faca de açougueiro na mão...

“Não”, gritou, abrindo os olhos e vendo Farish fixar o olho bom nele como se fosse uma broca.

Por um momento longo, bizarro, eles se encararam. Depois Farish disse: “Olha para a sua mão. O que aconteceu com ela?”

Confuso, Danny ergueu as duas mãos trêmulas, vendo que o polegar estava encharcado de sangue, no ponto em que mexera na unha lascada.

“Acho melhor se cuidar, mano”, Farish disse.

De manhã, sobriamente trajada de azul-marinho, Edie passou na casa de Harriet para buscar a mãe de Harriet, assim poderiam sair para um café-da-manhã antes de Edie se encontrar com o advogado, às dez. Ela telefonara para combinar isso três dias antes, e Harriet — depois de atender o telefone e chamar a mãe — ouvira a primeira parte da conversa antes de recolocar o fone no gancho. Edie disse que precisavam tratar de um assunto pessoal importante, mas não queria discutir o caso por telefone. Agora, na entrada, recusava-se a sentar e consultava o relógio constantemente, além de olhar para a escada.

“O café-da-manhã já terá terminado quando chegarmos lá”, disse, cruzando e descruzando os braços enquanto estalava os dentes de impaciência: *tsk tsk tsk*. Seu rosto estava pálido de pó-de-arroz e nos lábios (delineados em forma de arco de cupido) exibia o batom escarlate que só costumava usar para ir à igreja. Eram tão elegantes quanto o beicinho do velho Sieur d’Iberville do livro de história do Mississippi de Harriet. O conjunto acinturado era clássico, elegante à moda antiga, um traje (segundo Libby) que dava a Edie um ar semelhante ao da sra. Simpson, que se casara com o rei da Inglaterra.

Harriet, instalada no degrau mais baixo da escada, olhando para o carpete, reclamou: “Mas por que eu não posso ir?”.

“Para começo de conversa”, disse Edie sem olhar para Harriet, fitando um ponto acima de sua cabeça, “sua mãe e eu temos um assunto para tratar.”

“Prometo ficar quieta!”

“Assunto particular. Além disso”, disse Edie, fixando o olhar frio e feroz na menina, “você não está vestida para ir a lugar nenhum. Por que não sobe e toma um banho?”

“Se eu tomar, vocês me trazem panquecas?”

“Ah, mamãe”, Charlotte disse, descendo a escada apressadamente, usando um vestido sem passar, com o cabelo ainda molhado do banho. “Lamento muito, eu...”

“Tudo bem!”, disse Edie, mas seu tom de voz deixava claro que não, que realmente não estava tudo bem.

Saíram. Harriet — emburrada — as observou partindo de carro através das cortinas de organdi empoeiradas.

Allison continuava dormindo no andar de cima. Chegara tarde na noite anterior. Exceto por ruídos mecânicos — o tique-taque do relógio, o zumbido do exaustor e do aquecedor de água —, a casa estava silenciosa como um submarino.

Sobre o balcão da cozinha havia uma lata de biscoitos salgados, adquiridos antes da partida de Ida e da morte de Libby. Harriet se aninhou na poltrona de Ida e comeu alguns. A poltrona ainda conservava o cheiro de Ida, se fechasse os olhos e aspirasse profundamente. Mas o odor era ardiloso e desaparecia se tentasse capturá-lo com ansiedade. Aquele fora o primeiro dia em que não acordara chorando, nem com vontade de chorar, desde a manhã em que deixara o Acampamento de Selby. Mas, embora seus olhos estivessem secos e a cabeça límpida, sentia-se inquieta; a casa inteira parecia aguardar, imóvel, que algo acontecesse.

Harriet comeu o restante dos biscoitos, limpou as mãos e, depois de subir numa cadeira, ficou na ponta dos pés para examinar as pistolas da prateleira superior do armário de armas. Da coleção exótica de revólveres (como os Derringers de cabo de madrepérola, o par predileto dos duelistas devassos), ela escolheu um Colt enorme, o maior e mais assustador de todos, bem parecido com as armas que os policiais usavam na televisão.

Desceu, fechou a porta do armário, depositou o revólver cuidadosamente no tapete, com as duas mãos (era mais pesado do que calculara), e correu para pegar a *Enciclopédia Britânica* na estante da sala de jantar.

## **Revólveres. Ver: Armas de fogo.**

Ela levou o volume que continha informações sobre o assunto para a sala e usou o revólver para mantê-lo aberto. Sentou-se de pernas cruzadas no tapete, estudando as ilustrações e os textos. Os termos técnicos a confundiram; após meia hora retornou à estante para pegar o dicionário, mas ele não ajudou muito.

Insistiu no exame da ilustração, de quatro. *Trava do gatilho. Tambor giratório...* mas como girar o tambor? A arma da ilustração não combinava com o exemplar que tinha em mãos: *suporte da trava, conjunto do tambor, ejetor...*

De repente, um clique: o tambor saiu de lado, vazio. As primeiras balas que tentou enfiar não cabiam nos buracos, nem as segundas. Mas havia diversos tipos na mesma caixa, e acabou encontrando algumas que serviram direitinho.

Mal tivera tempo de carregar o revólver, quando ouviu a porta da frente se abrir e sua mãe entrar. Rapidamente, com um movimento ágil, ela empurrou tudo para baixo da poltrona de Ida — arma, balas, enciclopédia — e se levantou.

“Você trouxe as panquecas que eu pedi?”, perguntou.

Nenhuma resposta. Harriet aguardou, tensa, olhando para o tapete (queria comê-las no café-da-manhã, a mãe saía apressada), e escutou os passos da mãe pela escada, subindo os degraus de dois em dois. Ficou surpresa quando ouviu um soluço, como se a mãe estivesse engasgada ou chorando.

Harriet — testa franzida, mão na cintura — permaneceu onde estava, atenta. Mas não escutou mais nada e foi cautelosamente espiar o corredor, bem a tempo de ouvir a porta do quarto da mãe se abrir e fechar em seguida.

Muito tempo se passou, Harriet via o canto da enciclopédia, a ponta do volume se projetava de leve sob o barrado da poltrona de Ida. Finalmente

— quando o ponteiro do relógio se mexeu e mesmo assim tudo continuou imóvel — ela se abaixou e tirou a enciclopédia do esconderijo. Deitada de bruços, o queixo apoiado nas mãos, leu o verbete “Armas de fogo” de cabo a rabo mais uma vez.

Os minutos foram passando, um a um. Harriet, deitada no chão, ergueu o barrado da poltrona e olhou para a forma negra do revólver, para a caixa de papelão com as balas a seu lado, imóvel — e, estimulada pelo silêncio, esticou a mão e os puxou. De tão concentrada, não ouviu a mãe descer a escada, até que ela disse, no corredor, bem próxima: “Querida?”.

Harriet pulou. Algumas balas caíram da caixa. Harriet as apanhou desajeitadamente e as guardou no bolso.

“Onde você se meteu?”

Harriet mal teve tempo de enfiar tudo de novo embaixo da poltrona e se levantar antes de sua mãe entrar na sala. A maquiagem se soltara; o nariz estava vermelho, os olhos congestionados. Surpresa, Harriet viu que ela carregava a fantasia de pássaro de Robin — como era preta, como era *pequena*, pendendo frouxa e suja no cabide revestido de cetim como a sombra de Peter Pan que ele havia tentado colar com sabão.

A mãe dava a impressão de querer dizer algo, mas desistiu e encarou Harriet, curiosa. “O que você estava fazendo?”, perguntou.

Apreensiva, Harriet olhou para a fantasia minúscula. “Bem...”, disse, mas parou, incapaz de prosseguir.

A mãe de Harriet olhou para a fantasia, surpresa, como se tivesse esquecido a razão de tê-la apanhado. “Sabe”, disse, enxugando o canto do olho com um lenço de papel, “Tom French perguntou a Edie se poderíamos emprestar a fantasia para o filho dele. O primeiro jogo de futebol será contra um time chamado Corvos, ou algo assim, e a esposa de Tom achou que seria divertido fantasiar o filho, para ele entrar em campo com as animadoras da torcida.”

“Se não quiser emprestar, diga a eles que não pode, e pronto.”

A mãe de Harriet demonstrou surpresa. Por um momento longo, estranho, as duas se olharam.

A mãe de Harriet tossiu. “Quando quer ir a Memphis comprar seu uniforme escolar?”, disse.

“Quem vai fazer a barra?”

“Como assim?”

“Ida sempre fez a barra do meu uniforme.”

A mãe de Harriet ia dizer algo, mudou de idéia e balançou a cabeça como se afastasse um pensamento indesejado. “Quando você vai superar isso?”

Harriet olhou para o chão. *Nunca*, pensou.

“Querida... sei que você gostava muito de Ida, mas talvez eu não soubesse o *quanto*...”

Silêncio.

“Mas... meu bem, Ida queria ir embora.”

“Teria ficado, se você pedisse.”

A mãe de Harriet pigarreou. “Doçura, eu me sinto tão chateada quanto você, mas o caso é que Ida não queria mais trabalhar aqui. Seu pai se queixava sempre de que ela não fazia quase nada. Ele e eu brigávamos pelo telefone por causa disso, sempre, sabia?” Ela olhou para o teto. “Ele achava que ela não se esforçava o suficiente, pelo que lhe pagávamos...”

“Você pagava uma miséria!”

“Harriet, creio que Ida já não estava satisfeita fazia muito tempo... Ela pode ganhar mais em outro lugar. Não precisamos mais dela, como quando você e Allison eram pequenas...”

Harriet ouvia tudo calada.

“Ida trabalhou aqui por tanto tempo que eu acabei pensando que não poderia passar sem ela... mas estamos nos virando *muito bem*, não acha?”

Harriet mordeu o lábio superior e olhou obstinada para o canto da sala — bagunça por todos os lados, mesa repleta de canetas, envelopes, lenços

usados, apoios para copos, um cinzeiro abarrotado sobre uma pilha de revistas.

“Não concorda? Estamos bem, certo? Ida...” A mãe olhou em volta. “Ida abusava de mim, não percebe?”

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Harriet se deu conta, com o canto do olho, que deixara de recolher uma bala. Ela se encontrava agora debaixo da mesa, sobre o tapete.

“Não me entenda mal. Quando vocês duas eram menores, eu não conseguia me virar sem Ida. Ela ajudava *muito*. Principalmente com...” A mãe de Harriet suspirou. “Mas, nos últimos tempos, ela demonstrava descontentamento com tudo que acontecia aqui. Creio que em relação a vocês estava tudo bem, mas comigo ela mostrava muito ressentimento, sempre ali, de braços cruzados, a me *condenar*...”

Harriet olhava intensamente para a bala. Um tanto entediada naquela altura, ouvindo a voz da mãe sem prestar muita atenção, mantinha os olhos no chão e logo mergulhou num de seus devaneios favoritos. A máquina do tempo ia partir; ela levava suprimentos de emergência para a expedição de Scott no pólo; tudo dependia dela. Listas e mais listas de suprimentos, mas ela levava as coisas erradas. *Devemos lutar até o último biscoito*... Ela teria dado tudo a eles, os mantimentos trazidos do futuro: chocolate em pó solúvel e cápsulas de vitamina C, álcool sólido, manteiga de amendoim, gasolina para os trenós, legumes frescos da horta, lanternas a pilha...

De repente, uma inflexão diferente na voz da mãe a alertou. Harriet ergueu os olhos. A mãe estava parada na soleira da porta.

“Pelo jeito, eu não faço nada direito, não é?”, disse.

Ela deu meia-volta e saiu da sala. Ainda não eram dez horas. A sala ainda estava fresca, sombreada; adiante, as profundezas deprimentes do corredor. Vestígios sutis, leves, do perfume frutado da mãe ainda pairavam no ar empoeirado.

Cabides tilintaram e roupas farfalharam no closet dos casacos. Harriet permaneceu onde estava e quando percebeu que a mãe continuava no vestíbulo, remexendo nas roupas penduradas, aproximou-se do local onde se encontrava a bala e a empurrou para baixo do sofá com o pé. Sentada na beira da poltrona de Ida, esperou. Finalmente, após um longo tempo, aventurou-se a ir até a entrada. Encontrou a mãe na frente do closet, cuja porta continuava aberta, dobrando — desleixadamente — algumas roupas de cama, que guardava na prateleira superior.

Como se absolutamente nada tivesse acontecido, a mãe sorriu. Com um suspiro ridículo, afastou-se da bagunça e disse: “Minha nossa. Às vezes tenho vontade de fazer as malas e ir morar com seu pai”.

Os olhos dela fixaram-se nos de Harriet. “Que tal?”, disse, animada, como se estivesse sugerindo um programa divertido. “O que acharia disso?”

*Ela vai fazer o que bem entender, Harriet pensou. Pouco importa a minha opinião.*

“Não sei o que você acha”, a mãe prosseguiu, enquanto dobrava os lençóis, “mas eu creio que está na hora de agirmos como uma *família*.”

“Por quê?”, Harriet perguntou, confusa, após uma pausa. As palavras escolhidas pela mãe eram alarmantes. Seu pai, com frequência, quando vociferava uma ordem absurda, a precedia com a observação: *Está na hora de agirmos como uma família*.

“Sabe, é responsabilidade demais”, a mãe disse, distraidamente, “criar duas filhas sozinha.”

Harriet subiu e sentou no parapeito da janela para espiar o movimento. As ruas estavam tórridas e desertas. As nuvens cruzaram o céu o dia inteiro. Às quatro da tarde ela foi para a casa de Edie e se instalou nos degraus da frente, com o queixo apoiado nas mãos, até o carro de Edie apontar na esquina, às cinco horas.

Harriet correu para receber Edie, que sorriu ao vê-la. O conjunto azul-marinho não estava mais impecável, amarfanhado pelo calor. Quando

desceu do carro, seus movimentos eram lentos, penosos. Harriet saltitava pela calçada a seu lado, subiu os degraus, ofegante, para explicar que a mãe havia mencionado a mudança para Nashville — e ficou chocada quando Edie balançou a cabeça e respirou fundo.

“Bem”, ela disse, “talvez não seja uma má idéia.”

Harriet esperou.

“Lamento, mas sua mãe precisa se esforçar um pouco, se pretende continuar casada.” Edie parou por um momento, suspirando. Depois, colocou a chave na fechadura. “As coisas não podem continuar deste jeito.”

“Mas por quê?”

Edie parou e fechou os olhos, como se lhe doesse a cabeça. “Ele é seu pai, Harriet.”

“Mas eu não gosto dele.”

“Eu também pouco me importo com ele”, Edie fuzilou. “Mas, se pretendem continuar casados, suponho que devam morar no mesmo estado, não concorda?”

“Meu pai nem quer saber”, Harriet disse, após um momento de silêncio atônito. “Ele gosta desta situação.”

Edie fungou. “Entendo. Acho que você tem razão.”

“Não vai sentir saudades de mim, se formos embora?”

“Muitas vezes a vida não é do jeito que gostaríamos que fosse”, disse Edie, como se revelasse um fato auspicioso, mas pouco conhecido. “Quando começarem as aulas...”

*Onde?*, Harriet pensou. *Aqui ou no Tennessee?*

“... você deve se dedicar muito ao estudo. Isso desviará sua mente desses problemas.”

*Ela vai morrer logo*, Harriet pensou, olhando para as mãos de Edie, inchadas nas articulações e sarapintadas de marrom como um ovo de passarinho. As mãos de Libby — embora de um formato similar — eram mais claras e delicadas, com veias azuis visíveis nas costas.

Ela ergueu os olhos de seu devaneio e ficou meio chocada com o olhar frio e especulativo de Edie, que a examinava atentamente.

“Você não deveria ter largado as aulas de piano”, disse.

“Era Allison!” Harriet sempre se revoltava quando Edie cometia esses equívocos. “Nunca estudei piano.”

“Então deveria começar. Você não tem o que fazer, esse é o problema. Eu, na sua idade, Harriet, montava a cavalo e tocava violino, além de cerzir minhas próprias roupas. Se aprendesse a costurar, pelo menos, talvez se interessasse mais por sua aparência.”

“Você me leva para ver Tribulation?”, Harriet disse subitamente.

Edie se assustou. “Não há nada para ver lá.”

“Mesmo assim, poderia me levar até o local? Por favor? Onde era?”

Edie não respondeu. Olhava por cima do ombro de Harriet com expressão enigmática. Harriet virou-se para olhar, bem a tempo de perceber um reflexo metálico sumir na esquina.

“Casa errada”, disse Edie, espirrando, *atchim*. “Não há nada para ver em Tribulation. O dono do terreno atualmente cria galinhas, é capaz de nem permitir nossa entrada para ver o lugar onde ficava a casa.”

“Por que não?”

“Porque ele é um velho ranzinza. Está tudo caindo aos pedaços por lá.” Ela deu um tapinha nas costas de Harriet, distraída. “Agora volte para casa que eu preciso tirar este sapato de salto.”

“Se elas se mudarem para Nashville, posso vir morar aqui com você?”

“Harriet, tenha dó!”, disse Edie, chocada. “Não quer ficar com sua mãe e Allison?”

“Não, senhora”, Harriet retrucou, observando Edie atentamente.

Mas Edie só ergueu as sobrancelhas, como se achasse aquilo engraçado. Em seu tom irritante, zombeteiro, disse: “Bem, creio que mudará de idéia daqui a uma ou duas semanas!”.

Os olhos de Harriet se encheram de lágrimas. “Não!”, gritou após uma pausa emburrada. “Por que você sempre diz isso? Sei muito bem o que

quero. *Nunca* vou mudar de idéia...”

“Vamos tratar disso quando chegar a hora”, disse Edie. “Outro dia li algo que Thomas Jefferson escreveu a John Adams quando ele estava velho, dizendo que nossos maiores temores nesta vida acabam não acontecendo: ‘Quanta dor nos causaram os males que nunca ocorreram’.” Ela consultou o relógio. “Caso sirva de consolo, acredito que só um torpedo arrancaria sua mãe daquela casa. Mas isso é só a *minha* opinião. Agora vá andando”, disse a Harriet, que a fitava angustiada e com os olhos vermelhos.

Assim que dobrou a esquina, Danny estacionou na frente da igreja presbiteriana. “Puxa vida”, Farish disse. Respirava com força, pelas narinas. “Era mesmo *ela*?”

Danny — alucinado e surpreso demais para falar — balançou a cabeça positivamente. Ouvia ruídos mínimos de todos os tipos, apavorantes: a respiração das árvores, o canto dos fios elétricos, os estalos da grama crescendo.

Farish virou a cabeça para espiar pela janela. “Caramba, eu tinha dito para você procurar a menina. Vai querer me convencer de que foi a primeira vez que a viu?”

“Sim”, Danny disse na defensiva. A repentina aparição da menina o desequilibrara. Surgira no canto de seu olho, como fizera na torre da caixa-d’água (embora não pudesse mencionar a torre, pois não deveria ter ido lá). Agora, quando davam uma volta (*Mude o trajeto*, Farish dizia, *altere horários, fique de olho no retrovisor*), ele tinha virado a esquina e vira a menina, sem mais nem menos, parada no terraço de uma casa.

Ecos de todos os tipos. Ofegavam, brilhavam, se mexiam. Mil espelhos reluzindo na copa das árvores. Quem era a velha senhora? Conforme reduzia a velocidade do carro, seus olhos se cruzaram, por um instante curioso e confuso eles se encararam, e os olhos dela eram exatamente iguais aos da menina... Por uma fração de segundo, tudo parou.

“Siga em frente”, Farish havia dito, batendo no painel. Depois, quando já tinham dobrado a esquina, Danny precisou parar o carro, estava alto demais, algo de muito estranho estava acontecendo, uma espécie de surto de telepatia anfetamínica hiperveloz (escadas rolantes subindo e descendo, globos espelhados girando em todos os pisos); os dois sentiram no ar, nem precisaram comentar nada, Danny mal olhou para Farish, pois os dois sabiam que haviam se lembrado da mesma coisa maluca que ocorrera por volta das seis horas daquela manhã. Depois de passarem a noite inteira acordados, Farish entrara na sala de cueca, com um litro de leite na mão, e ao mesmo tempo um personagem do desenho animado, barbado, também de cueca, surgiu na tela da tevê segurando um litro de leite. Farish parou, o personagem parou.

“Está vendo isso?”, Farish perguntou.

“Estou”, Danny disse, suando muito. Seus olhos e os de Farish se cruzaram por um minuto. Quando olharam de novo para a tevê, a cena dera lugar a outra.

Com os corações disparados, os dois continuaram sentados no carro, naquele calor terrível.

“Você notou”, Farish falou de repente, “que todos os caminhões que vimos no caminho eram pretos?”

“Como é?”

“Eles estão fazendo uma mudança. Eu só queria saber o que estão transportando.”

Danny não fez nenhum comentário. Uma parte dele sabia que as afirmações paranóicas de Farish eram absurdas, mas outra parte lhe dizia que faziam algum sentido. Em três oportunidades, na noite anterior, com uma hora exata de diferença, o telefone havia tocado. Quando atendiam, a pessoa desligava sem dizer nada. Depois Farish encontrou um cartucho detonado de rifle no parapeito da janela do laboratório. O que aquilo significava?

E agora a menina, mais uma vez. A menina. O gramado bem regado e verde-azulado da igreja presbiteriana brilhava na sombra dos abetos vermelhos ornamentais: muros vermelhos com arcos, sebes bem aparadas, tudo perfeito e organizado como num cenário de ferromodelismo.

“Não consigo entender quem diabo ela é”, Farish disse, procurando a droga no bolso. “Você não deveria ter deixado ela ir embora.”

“Não fui eu quem deixou a menina ir embora, foi Eugene.” Danny mordiscou a parte interna da bochecha. Não foi imaginação sua: a menina tinha sumido da cidade nas semanas após o acidente de Gum; ele havia saído de carro para procurá-la várias vezes, percorrendo a cidade inteira. De repente, bastou pensar nela, falar nela, e lá estava ela brilhando ao longe, com aquele cabelo preto chinês e aqueles olhos maldosos.

Cada um cheirou uma carreira, o que os equilibrou um pouco.

“Alguém”, Danny disse, tomando fôlego, “alguém *mandou* aquela menina nos espionar.” Por mais dopado que estivesse, ele imediatamente lamentou ter dito a frase.

Farish fechou a cara. “Quer saber? Se alguém mandou aquela menina me espionar, vou acabar com a raça dela”, rosou, limpando a narina molhada com as costas da mão.

“Ela sabe de alguma coisa”, Danny disse. Por quê? *Porque ela o encarara no carro de defunto. Porque ela invadia seus sonhos. Porque ela o assombrava, perseguia, penetrava em sua mente.*

“Bem, eu gostaria muito de saber o que ela estava fazendo na casa de Eugene. Se aquela vaca quebrou minha lanterna...”

Seus modos melodramáticos despertaram as suspeitas de Danny. “Se ela quebrou a lanterna”, ele disse, evitando cuidadosamente o olhar de Farish, “por que foi bater na porta da casa e nos contar?”

Farish deu de ombros. Ocupava-se em limpar uma crosta de sujeira na perna da calça, de repente se mostrou interessadíssimo nela. Danny convenceu-se imediatamente de que ele sabia mais sobre a menina (e o caso todo) do que revelava.

Não, não fazia sentido, mas mesmo assim algo não estava batendo. Cães latiram ao longe.

“Alguém”, Farish disse de repente, mudando o pé de apoio, “alguém subiu lá e soltou as cobras na casa de Eugene. As janelas estavam trancadas, exceto uma, no banheiro. Ninguém conseguiria passar por ela, a não ser uma criança.”

“Pode deixar que eu cuido dela”, Danny disse. *Vou perguntar muitas coisas. Como eu nunca a vi antes na vida e agora a vejo em tudo quanto é lugar? Como você esvoaça e bate na minha janela de noite, que nem uma mariposa?* Ele havia passado tanto tempo sem dormir que, ao fechar os olhos, ia para um lugar com lagos escuros e algas, botes afundados na água suja. Lá estava ela, com sua cara branca de mariposa e cabelo preto de corvo, sussurrando palavras na escuridão, ininteligíveis por causa do canto das cigarras, quase compreendia o sentido, quase...

“Não entendi”, ele disse.

“Não entendeu o quê?”

*Bang.* Painel preto, abetos vermelhos na igreja presbiteriana, Farish a encará-lo no banco do motorista. “Não entendeu o quê?”, repetiu.

Danny piscou e limpou a testa. “Esqueça”, disse. Estava suando.

“No Vietnã, as meninas sapadoras davam medo”, Farish disse, animado. “Puxavam o pino das granadas e saíam correndo com elas na mão, como se fosse um brinquedo. A gente pode convencer uma criança a fazer coisas que um sujeito só faria se estivesse doido de pedra.”

“Sei”, Danny disse. Era uma das teorias favoritas de Farish. Durante a infância de Danny ele costumava invocá-la para obrigar Danny, Eugene, Mike e Ricky Lee a fazer o serviço sujo, trepando nas janelas, enquanto ele, Farish, esperava no carro comendo pão de mel e se drogando.

“Se uma criança for apanhada, o que é que tem? Vai para o Reformatório? Grande coisa...” Farish riu. “Quando vocês eram moleques, *treinei* todo mundo. Ricky começou a entrar pelas janelas assim que conseguiu ficar de pé no meu ombro. E se um policial passasse...”

“Meu Deus”, Danny disse, subitamente sóbrio, endireitando o corpo, pois acabara de ver pelo espelho retrovisor a menina — sozinha — dobrando a esquina.

Harriet, de cabeça baixa e testa franzida, imersa em pensamentos, caminhava pela calçada em direção à igreja presbiteriana (e, três quadras adiante, à sua casa deprimente), quando a porta de um carro estacionado sete metros à frente se abriu repentinamente.

Era a Trans Am. Sem tempo sequer de pensar, girou nos calcanhares e correu para o jardim úmido cheio de musgo da igreja presbiteriana.

De lá seguiu no sentido do quintal da sra. Claiborne (tufos de hortênsias, barracão pequeno), que dava para os fundos do quintal de Edie — protegido por uma cerca de dois metros de altura. Harriet correu pela passagem escura (de um lado a cerca de Edie, do outro uma fileira impenetrável de tuias do quintal adjacente), até chegar a outra cerca: o alambrado da sra. Davenport. Em pânico, Harriet escalou-o; no alto, um arame prendeu-se em seu shorts. Com um movimento brusco de corpo, ela se soltou e desceu do outro lado, ofegante.

Do outro lado, na passagem entre as sebes, ruído de passos. Não havia esconderijos no quintal da sra. Davenport, ela olhava para os lados desolada enquanto o atravessava. Chegou ao portão destrancado, abriu o trinco e avançou para a entrada da casa. Pretendia dar a volta para chegar à casa de Edie, mas um pressentimento a impediu (de onde vinham os passos exatamente?) e após uma fração de segundo de indecisão ela seguiu em frente, rumo à casa dos O’Byrant. Enquanto atravessava a rua, viu, chocada, que a Trans Am estava dobrando a esquina.

Eles haviam se separado. Muito espertos. Harriet correu sob os pinheiros altos, pelo chão coberto de folhas caídas das árvores do terreno sombreado dos O’Byrant — direto para edícula dos fundos, onde o sr. O’Byrant instalara a mesa de sinuca. Apertou e girou a maçaneta:

trancada. Sem fôlego, Harriet olhou para as paredes revestidas com lambris de pinho amarelado — viu estantes vazias, exceto por alguns álbuns antigos da Alexandria Academy. Viu o lustre de vidro da Coca-Cola que pendia do teto sobre a mesa escura, e retomou a corrida, agora para a direita.

Má sorte: outra cerca. O cachorro latiu no quintal vizinho. Se continuasse afastada da rua, o sujeito na Trans Am obviamente não conseguiria pegá-la, mas precisava tomar cuidado, evitando que o outro, a pé, a encurralasse ou a vencesse na corrida em campo aberto.

Sentindo o coração disparado e o pulmão doendo, virou para a esquerda. Atrás dela, respiração ofegante e passos pesados. Ziguezagueou em frente, por labirintos de arbustos e sebes, cruzando quintais, dobrando em ângulo reto quando o caminho à frente se mostrava obstruído. Varou jardins desconhecidos, pulou cercas, atravessou gramados com pátios e trechos pavimentados com pedras, passou por varais, balanços e churrasqueiras e por um bebê de olhos redondos que a olhou assustado e se encolheu no chiqueirinho. Adiante, um sujeito feio e velho com cara de buldogue levantou-se da poltrona no terraço e gritou furioso, “Fora daqui!”, quando Harriet, aliviada (era o primeiro adulto que avistava), diminuiu a marcha para recuperar o fôlego.

Suas palavras a atingiram como um tabefe; apavorada como estava, o choque a paralisou por um instante e ela piscou, atônita, para os olhos congestionados que a encaravam irados, para o punho enrugado e manchado que se erguera como a querer socá-la. “Ei, você aí!”, o velho gritou novamente. “Suma daqui!”

Harriet seguiu correndo. Embora já tivesse escutado os nomes dos moradores daquela rua (os Wright, os Motley, o sr. e a sra. Price), só conhecia alguns de vista, não o suficiente para correr ofegante até a porta e esmurrá-la. Por que permitira que a perseguissem ali, em um território desconhecido? *Pense, pense*, disse a si mesma. Passara por uma El Camino

com latas de tinta e lonas plásticas na caçamba, poucas casas atrás — logo antes de ver o homem de punho cerrado. Seria um esconderijo perfeito...

Ela se escondeu atrás de um botijão de gás grande e — abaixada, com as mãos nos joelhos — tentou recuperar o fôlego. Teria se livrado do perseguidor? Não: escutou uma série de latidos no final do quarteirão, do airedale preso no canil e que se jogara contra a cerca quando ela passara correndo.

Harriet se virou e continuou correndo. Atravessou uma brecha numa sebe e quase trombou com Chester, que ergueu os olhos assombrado. Ele estava de joelhos, regando um canteiro de flores recém-adubado.

Ele ergueu os braços, como se temesse ser atacado. “Espere aí!” Chester trabalhava como jardineiro para muita gente, mas ela não sabia que tinha fregueses naquele bairro. “Mas que diacho...”

“Onde posso me esconder?”

“*Esconder?* Aqui não é lugar para você brincar.” Ele respirou fundo e ergueu a mão suja de terra para ela. “Vamos, pode ir andando.”

Harriet, em pânico, olhou em volta: bebedor de vidro para beija-flor, jardim-de-inverno envidraçado, mesa de piquenique requintada. O lado oposto do quintal era protegido por uma sebe de azevinho bem fechada; nos fundos, uma série de roseiras cortava sua retirada.

“Já falei para *cair fora*. Olha o estrago que você fez na sebe.”

Um caminho de pedra ladeado de craveiros conduzia a um barracão de ferramentas sofisticado que mais parecia uma casa de boneca, pintado da mesma cor da casa: acabamento marrom-café, porta verde entreaberta. Desesperada, Harriet correu pelo caminho e entrou lá. “Ei”, Chester gritou. Mas ela já se escondera entre uma pilha de lenha e um rolo de manta de fibra para isolamento.

O ar poeirento estava pesado. Harriet tapou o nariz com os dedos. No escuro, arfando, sentindo comichão no couro cabeludo, ela olhou para uma peteca de badminton velha e estragada jogada num canto, perto da

pilha de lenha, e depois para um grupo de latas coloridas de gasolina, óleo de câmbio e Prestone.

Vozes: masculinas. Harriet gelou. Um tempo enorme transcorreu, durante o qual ela desenvolveu a noção de que as latas de gasolina, óleo de câmbio e Prestone eram os três últimos artefatos do universo. *O que eles podem fazer comigo?*, pensou, desarvorada. *Na frente de Chester?* Embora apurasse os ouvidos, a respiração ofegante a ensurdecia. *Grite*, pensou, *se eles a agarrarem, grite bem alto, livre-se das mãos deles e corra...* Sem saber o motivo, temia mais o sujeito do carro. Tinha a impressão de que estaria tudo acabado se eles conseguissem levá-la embora no carro.

Duvidava que Chester fosse deixar que a levassem. Mas eles eram dois, e Chester estava sozinho. A palavra de Chester provavelmente de nada valeria contra a de dois brancos.

O tempo foi passando. O que diziam, o que estava levando tanto tempo? Harriet concentrou-se num favo de mel seco sob a bancada. De repente, percebeu que alguém se aproximava.

A porta se abriu. Um triângulo de luz clareou o chão empoeirado. O sangue se esvaiu da cabeça de Harriet, por um momento pensou que fosse desmaiar. Mas era Chester, sozinho, e ele disse: “Agora já pode sair”.

Foi como se uma barreira de vidro se rompesse. Os ruídos retornaram de uma só vez: o canto dos pássaros, o cricrilar de um grilo estridente atrás da lata de óleo.

“Ainda está aí?”

Harriet engoliu em seco; a voz, quando conseguiu falar, saiu rouca e fraca. “Eles já foram?”

“O que você andou aprontando?” O sol o iluminava por trás; ela não via seu rosto, mas era Chester, sem dúvida: a voz rouca de Chester, sua silhueta desengonçada. “Eles agiam como se você tivesse batido a carteira deles.”

“Eles já foram embora?”

“*Sim senhora*, já foram”, Chester retrucou impaciente. “Saia logo daí.”

Harriet levantou-se de trás do rolo de lã de vidro e limpou a testa com as costas da mão. A sujeira grudara em seu corpo todo, e havia uma teia de aranha numa das faces.

“Não derrubou nada aí, né?”, Chester disse, examinando os fundos do barracão. Depois, dirigiu-se a ela: “Dê só uma olhada em você...”. E abriu a porta para ela. “Por que querem pegar você?”

Harriet — ainda sem fôlego — fez que não sabia com a cabeça.

“Sujeitos como esses não correm atrás de crianças à toa”, Chester disse, espiando por cima do ombro enquanto pegava um cigarro no bolso de cima do macacão. “O que você aprontou? Jogou uma pedra no carro deles?”

Harriet esticou o pescoço para ver se a área estava mesmo livre. Por causa da vegetação densa (alfeneiro, azevinho) não conseguia ver a rua.

“Vou lhe dizer uma coisa.” Chester suspirou profundamente, soltando o ar pelas narinas. “Você deu sorte de eu estar aqui hoje, trabalhando para a senhora Mulverhill. Se ela não tivesse ido ao ensaio do coral, teria chamado a polícia, pois você invadiu a casa dela. Na semana passada ela me fez esguichar água num cachorro vira-lata que apareceu aqui no quintal.”

Ele tragou o cigarro. O coração de Harriet ainda não retornara ao ritmo normal, seus ouvidos continuavam latejando.

“Você não devia andar por aí assim, estragando as sebes dos outros”, Chester disse. “Eu devia contar tudo para a sua avó.”

“O que eles disseram a você?”

“*Eles?* Não disseram nada. Um deles ficou no carro, parado na rua, aí na frente. O outro enfiou a cabeça pelo vão da sebe e ficou olhando como se procurasse o relógio de luz para fazer a leitura. Chester afastou galhos invisíveis e imitou o gesto, incluindo o olhar esbugalhado. “Usava um macacão igual ao da companhia de luz do Mississippi.”

No alto, um galho estalou, mas era só um esquilo. Harriet pulou de susto.

“Não vai me dizer por que estava fugindo daqueles caras?”

“Eu... eu ia...”

“Como é?”

“Eu estava brincando”, Harriet disse, sem convicção.

“Você não devia se meter em encrenca.” Através da nuvem de fumaça, Chester a observava desconfiado. “Por que está olhando para lá tão assustada? Quer que eu a acompanhe até sua casa?”

“Não”, Harriet disse, e Chester riu, pois a menina estava fazendo sim com a cabeça.

Chester levou a mão ao ombro dela. “Você está *muito* confusa”, disse; apesar do tom brincalhão, seu olhar era de preocupação. “Vamos fazer o seguinte. Espere um pouco até eu lavar a mão na torneira e vamos embora. Deixarei você em casa.”

“Caminhões negros”, Farish disse abruptamente, quando entraram na rodovia para voltar para casa. Ofegava violentamente, respirando como um asmático. “Nunca vi tantos caminhões negros na vida.”

Danny emitiu um ruído ambíguo e passou a mão no rosto. Seus músculos tremiam, ainda estava abalado. O que teriam feito com a menina se a pegassem?

“Droga”, disse, “alguém poderia ter chamado a polícia por nossa causa, lá.” Teve a sensação, como vinha ocorrendo freqüentemente, de recuperar a sensatez no meio de um ato alucinado absurdo incitado pela droga. Tinham perdido o juízo? Caçar uma criança daquele jeito, num bairro residencial, em plena luz do dia? Seqüestro dava pena de morte no Mississippi.

“Isso é loucura”, disse alto.

Mas Farish apontava excitado pela janela, os anéis grandes e pesados (o rosado tinha a forma de um dado) reluziam ao sol da tarde. “Ali”, disse, “e também lá adiante.”

“Como é?”, Danny perguntou. “O que foi?” Havia carros por toda parte; a luz dos campos de algodão era intensa, como se se refletisse na água.

“*Caminhões negros.*”

“Ali, ali, ali.”

“Aquele caminhão é *verde.*”

“Não, o outro — *aquele!*”, Farish gritou triunfante. “Veja, lá vai outro!”

Danny, sentindo o coração palpitar forte e a pressão aumentar na cabeça que latejava, ficou com vontade de dizer *E daí? Que se foda*, mas, com medo de irritar Farish, calou-se. Varar cercas, percorrer quintais na cidade, driblando churrasqueiras: ridículo. O absurdo da situação lhe dava fraqueza. Naquela altura ele deveria recobrar a sensatez e parar com tudo: dar meia-volta com o carro e mudar para sempre sua vida. Era a parte em que Danny não acreditava para valer.

“Olha lá”, Farish apontou, batendo no painel com tanta força que Danny quase morreu de susto. “Tenho *certeza* de que você viu aquele. Os caminhões estão sendo mobilizados. Estão se aprontando para partir.”

Luz por todos os lados; luz demais. Moléculas, reflexos. O carro tornou-se uma entidade estranha. “Preciso parar”, Danny disse.

“Como é que é?”, Farish falou.

“Não dá para dirigir.” Ele sentia a voz alta e histérica; os carros passavam como se fossem listas coloridas de energia, sonhos superlotados.

No estacionamento da White Kitchen, ele apoiou a testa no volante e respirou fundo, enquanto Farish explicava, socando a palma da mão, que não era a anfeteta que derrubava as pessoas; era a falta de comida. Por isso ele — Farish — não passava mal. Sempre fazia as refeições, quer sentisse fome, quer não. “Mas você é igual a Gum”, disse, apertando o bíceps de Danny com o indicador. “Esquece de comer. Por isso é só pele e osso.”

Danny olhava para o painel. Vapores de monóxido e náuseas. Não era agradável pensar que se parecia com Gum, em nenhum aspecto, mas com sua pele queimada, as faces encovadas e o corpo magro, esquelético, ele

era o único dos netos que realmente lembrava a avó. Isso nunca lhe ocorrera.

“Tudo bem”, Farish disse, erguendo o quadril para pegar a carteira, agitado: adorava ajudar e ensinar. “Sei exatamente o que você precisa. Uma Coca e um sanduíche quente de presunto. Isso vai deixá-lo novo em folha.”

Com um gesto largo ele abriu a porta do carro, desceu (perna rija, meio manco, gingando como um capitão de navio) e entrou na lanchonete para comprar a Coca e o sanduíche quente de presunto.

Danny ficou sentado em silêncio. O cheiro de Farish, intenso e penetrante, pairava no carro abafado. A última coisa que Danny queria na vida era um sanduíche de presunto. Mesmo assim, teria de dar um jeito de engoli-lo.

As imagens da menina riscavam sua mente como trilhas de avião a jato no céu: uma mancha de cabelo escuro, um alvo móvel. Mas foi o rosto da velha no terraço que permaneceu nítido, a perseguiu-lo. Enquanto passava pela frente da casa (seria a casa dela?) como se tudo se movimentasse em câmera lenta, os olhos da velha (luminosos, poderosos) passaram por ele sem vê-lo, e ele sentiu um choque incômodo, preocupante, ao reconhecê-la. Pois já conhecia aquela senhora — muito bem até. Mas fazia muito tempo, como a cena de um sonho antigo.

Pelo pára-brisa ele viu Farish debruçar-se sobre o balcão para cumprimentar efusivamente uma garçonete magrinha de quem ele gostava. Talvez por medo dele, ou para não perder o freguês, ou quem sabe simplesmente porque eram gentis, as garçonetes da White Kitchen tratavam Farish com respeito, ouviam suas histórias malucas, e não pareciam se irritar com a cabeleira dele, o olho cego ou seu jeito arrogante de sabe-tudo. Quando ele levantava a voz, quando ficava agitado e começava a agitar os braços e derrubava o café ao gesticular, elas ainda assim permaneciam calmas e educadas. Farish, por sua vez, evitava falar

palavrões na presença delas, mesmo quando estava muito drogado, e até levava flores para elas no Dia dos Namorados.

De olho no irmão, Danny desceu do carro e deu a volta pela lateral do restaurante, passou por arbustos ressecados e foi até o telefone público. Metade das páginas da lista telefônica havia sido arrancada, felizmente a segunda metade, e ele percorreu a letra C com os dedos trêmulos. O nome na caixa de correio era Cleve. E, sem sombra de dúvida, lá estava o nome, preto no branco: E. Cleve, na Margin Street.

E — estranhamente — fazia sentido. Danny ficou lá, torrando na cabine, tentando restabelecer as conexões. Conhecera a velha senhora havia muito tempo, tanto que parecia ter sido noutra vida. Ela era conhecida na região — muito mais pelo pai, um figurão qualquer da política, e pelo antigo solar da família, chamado Tribulation. A casa — famosa em sua época — fora demolida, e só o nome sobrevivera. Na Rodovia Interestadual, não muito distante de onde a casa estivera, havia um restaurante ordinário (na placa, uma mansão toda branca e de colunas) chamado Churrascaria Tribulation. A placa continuava lá, mas até o restaurante fechara, agora estava coberto por tábuas e parecia mal-assombrado. Os avisos diziam Entrada Proibida e o mato crescera na frente, como se a própria terra tivesse sugado toda a juventude do prédio para lhe dar ares de antigüidade.

Quando ele era menino (não se lembrava da série, tudo na escola era confuso), fora a uma festa de aniversário em Tribulation. A lembrança permanecera: salões enormes, tenebrosos, escuros e históricos, com papel de parede cor de ferrugem e candelabros. A dona da casa era avó de Robin, que era colega de escola de Danny. Robin morava no centro, e Danny — que freqüentemente perambulava pelas ruas a pé, enquanto Farish jogava bilhar no salão — o vira no final de uma tarde de outono brincando sozinho na frente de sua casa, apesar do vento forte. Eles ficaram de pé trocando olhares por um momento — Danny na rua, Robin no quintal —, como dois animais precavidos. Depois Robin disse: “Gosto do Batman”.

“Também gosto do Batman”, Danny disse. Eles começaram a correr juntos na calçada e brincaram até depois de escurecer.

Como Robin convidara todos os colegas de classe para sua festa de aniversário (ergueu a mão para pedir permissão, percorreu as fileiras para entregar um envelope a cada criança), foi fácil para Danny conseguir uma carona sem o pai ou Gum descobrirem. Meninos como Danny não davam festas de aniversário, e o pai de Danny o proibia de comparecer, pois mesmo que fosse convidado (normalmente não era) nenhum filho dele ia gastar dinheiro numa coisa inútil como um presente, principalmente para o filho ou a filha de algum ricoço. Jimmy George Ratliff não ia bancar uma cretinice desse tamanho. A avó usava um argumento diferente. Se Danny fosse a uma festa, ficaria devendo um favor ao aniversariante, uma “obrigação”. Por que aceitar os convites, se o pessoal da cidade só convidava Danny (indubitavelmente) para zombar de seus modos caipiras e de suas roupas herdadas dos irmãos? A família de Danny era pobre, eles eram “gente simples”. Aquela história de roupas caras e bolos não era para eles. Gum sempre lembrava os netos de tudo isso, para eles nunca correrem o risco de se entusiasmarem e esquecerem sua condição.

Danny esperava que a festa fosse na casa de Robin (já que era muito refinada), mas assombrou-se quando a perua da mãe de uma das alunas que ele não conhecia, lotada, saiu dos limites da cidade, passou por campos de algodão e entrou na alameda comprida de árvores frondosas que conduzia à mansão com colunas na frente. Ele não combinava com um lugar daqueles. Pior ainda, não tinha levado presente. Na escola tentara embrulhar um carrinho Matchbox que encontrara numa folha de caderno, mas não tinha fita adesiva e não ficou parecendo um presente, só um dever de casa amarrotado.

Mas ninguém parecia notar que ele não levara um presente; pelo menos ninguém disse nada. E de perto a casa não era tão magnífica quanto parecia de longe. A bem da verdade, estava caindo aos pedaços, com tapetes roídos por traças, reboco rachado e fendas no teto. A velha senhora

— avó de Robin — comandara a festa, e ela também era grande, formal e apavorante; quando abriu a porta da frente, ele morreu de medo. Ela o intimidou com sua postura altiva, roupas de gente rica e sobrancelhas severas. Sua voz era agressiva assim como seus passos rápidos que ecoavam pelos salões, tão fortes que as crianças paravam de falar quando ela se aproximava, como se vissem uma bruxa. Mas ela lhe dera um pedaço enorme de bolo num prato de vidro: um pedaço com uma rosa e uma letra escrita, um imenso F cor-de-rosa do FELIZ. Ela tinha olhado por cima das cabeças das crianças que a rodeavam na mesa belíssima e passara por cima de todas para entregar a Danny (encolhido num canto) o pedaço especial com a rosa, como se Danny fosse a pessoa escolhida por ela para ganhar o pedaço especial.

Então era ela a velha senhora. *E. Cleve*. Não a vira nem pensara nela nos últimos anos. Quando Tribulation pegou fogo — um incêndio que iluminou a noite num raio de vários quilômetros —, o pai e a avó de Danny balançaram a cabeça numa consternação maldosa, satisfeita, como se desde sempre soubessem que uma mansão daquelas só podia mesmo acabar queimando. Não conseguiram ocultar seu deleite com o espetáculo dos “ricos e famosos” descendo um ou dois degraus de seu pedestal. Gum guardava um ressentimento especial por Tribulation, pois na juventude colhiera algodão naquela lavoura. Havia um certo tipo de brancos esnobes — traidores da raça, na definição do pai de Danny — que consideravam os brancos desamparados pela sorte iguais a negros de curral.

Sim, a velha senhora decaíra, e descer ao nível dos outros, como no caso dela, era incompreensível, triste e misterioso. A família de Danny não tinha para onde descer. E Robin (um menino generoso e amigável) morrera — estava morto havia muito tempo, assassinado por um maníaco qualquer, ou por um mendigo nojento que perambulava pela ferrovia, ninguém sabia. Na escola, naquela manhã de segunda-feira, a sra. Marter, uma professora gordona e malvada que usava um penteado alto e obrigara Danny a ficar com uma peruca feminina uma semana inteira na escola,

como castigo por alguma travessura, não se lembrava qual, cochichava com outras professoras na entrada, e seus olhos avermelhados indicavam que havia chorado. Depois que o sinal tocou ela se sentou na frente da escrivaninha e disse: “Turma, tenho uma notícia muito triste para dar”.

A maioria dos meninos da cidade já sabia, mas Danny não. No início, pensou que a sra. Marter estivesse zombando deles, mas quando ela mandou que pegassem giz de cera e cartolina para fazer cartões para mandar à família de Robin, concluiu que era verdade. Em seu cartão ele desenhou com capricho as figuras do Batman, do Homem-Aranha e do Incrível Hulk parados na frente da casa de Robin, enfileirados. Gostaria de desenhá-los em ação — salvando Robin, detonando bandidos —, mas como não sabia desenhar bem preferiu alinhá-los. Todos olhavam para a frente. Pensando melhor, resolveu incluir a si mesmo no desenho, na lateral. Deixara Robin na mão, pensou. Normalmente, a empregada não estava por ali aos domingos, mas naquele dia ela estava lá. Se não tivesse permitido que ela o afugentasse naquele começo de tarde, talvez Robin ainda estivesse vivo.

Do jeito que aconteceu, Danny sentiu que havia escapado por pouco. Instigados pelo pai, Curtis e ele saíam para passear pela cidade sozinhos —quase sempre à noite. E não havia vizinhos a quem recorrer se um tarado corresse atrás deles. Embora Curtis brincasse de esconde-esconde, Danny não entendia por que ele não conversava direito e precisava ser constantemente repreendido. Mesmo assim, Danny gostava da companhia do irmão, apesar de Curtis viver apavorado e ter acessos de tosse. As piores noites eram as em que Danny ficava sozinho. Furtivo como um ratinho, ele se escondia nos barracões de jardinagem e atrás das sebes, ofegando na escuridão, até a meia-noite, quando o bilhar fechava. Então saía do esconderijo e corria pelas ruas escuras, espiando por cima do ombro ao menor ruído. E o fato de jamais ter visto alguém apavorante em suas aventuras noturnas ironicamente aumentava seu medo, como se o assassino de Robin fosse invisível e tivesse poderes secretos. Passou a ter

pesadelos com Batman, nos quais Batman surgia num lugar deserto e caminhava em sua direção, a passos acelerados, com um brilho malvado nos olhos.

Danny não costumava chorar — seu pai não permitia essas frescuras, nem em Curtis —, mas um dia, na frente da família toda, Danny começou a soluçar descontroladamente, surpreendendo tanto a si mesmo quanto aos outros. Como não parava, o pai o agarrou pelo braço e se ofereceu para lhe dar um bom motivo para chorar. Após a surra de cinta, Ricky Lee o encurralou no corredor estreito do trailer. “Aposto que ele era seu namorado.”

“Acho que você preferia ter sido a vítima”, a avó disse, complacente.

No dia seguinte, Danny saiu pela escola se gabando de algo que não havia feito. Em sua visão distorcida, tentava apenas livrar a cara — *ele* não tinha medo de nada, não, ele não —, mas mesmo assim o mal-estar retornava quando ele pensava no assunto atualmente. A tristeza se transformara em mentiras e bravatas. Em parte por inveja, como se a vida de Robin tivesse sido feita apenas de festas, bolos e presentes. Com certeza a vida de Danny não tinha sido fácil. Mas pelo menos ele não estava morto.

A sineta da porta tocou e Farish saiu com um saco de papel engordurado na mão, atravessando o estacionamento. Parou intrigado ao ver o carro vazio.

Discretamente, Danny saiu de trás da cabine telefônica: nada de movimentos bruscos. Nos últimos dias o comportamento de Farish era tão imprevisível que Danny começava a se sentir como um refém.

Farish virou-se para encarar Danny, e seus olhos estavam vidrados. “O que você estava fazendo lá?”, perguntou.

“Ah, nada, só fui ver uma coisa na lista telefônica”, Danny disse, seguindo depressa para o carro com uma expressão ostensivamente serena, cordial. Naqueles dias, qualquer coisinha fora do padrão poderia tirar Farish do sério; na noite anterior, irritado com algo que vira na televisão,

batera com o copo de leite na mesa com tanta força que o vidro se partira em sua mão.

Farish o encarava agressivamente, sem tirar os olhos de cima dele. “Você não é meu irmão.”

Danny parou, com a mão na maçaneta da porta do carro. “Como é que é?”

Sem nenhum aviso, Farish avançou e derrubou Danny na calçada com um empurrão.

Quando Harriet chegou em casa, a mãe estava no andar superior, conversando com seu pai pelo telefone. O que isso significava Harriet não sabia, mas era um mau sinal. Com o queixo apoiado nas mãos, sentou-se no pé da escada e esperou. Como um longo tempo transcorreu — meia hora ou mais — e mesmo assim a mãe não apareceu, ela subiu mais um degrau, de costas, e depois mais um, até que finalmente chegou ao topo e ficou encarapitada no último degrau, de costas para a linha luminosa que havia sob a porta do quarto da mãe. Atenta, apurou os ouvidos, mas embora a voz da mãe fosse clara (rouca, sussurrante), não distinguia as palavras.

Ela por fim desistiu e desceu para a cozinha. Ainda respirava com dificuldade, e de vez em quando um músculo se contraía, dolorido, no peito. Pela janela sobre a pia o sol poente tingia a cozinha de vermelho e roxo, imponente, como ocorria no final do verão quando um furacão se aproximava. *Graças a Deus não voltei para a casa de Edie*, pensou, piscando rapidamente. Por pânico, quase chegara a levá-los direto para a porta da casa de Edie. Sua avó era rija, mas não passava de uma senhora idosa com costelas quebradas.

As fechaduras da casa eram antigas, frágeis, fáceis de quebrar. As portas da frente e do fundo tinham precárias trancas de lingüeta no alto, inúteis. A própria Harriet levava um sermão por arrombar a porta dos fundos. Ela

pensou que estava enguiçada e a empurrou por fora com força, usando o peso do corpo; agora, meses depois, uma parte continuava presa ao batente podre por um único prego.

Pela janela aberta entrava uma brisa fraca, fresca, que batia na face de Harriet. Em cima e no térreo, janelas abertas aos montes, aberturas para ventilação, janelas abertas praticamente em todos os cômodos. Pensar nelas lhe dava uma sensação terrível de desamparo. O que o impediria de entrar na casa? E por que ele se daria o trabalho de entrar pela janela, se poderia abrir com facilidade qualquer porta que desejasse?

Allison entrou na cozinha, descalça, e pegou o telefone, como se pretendesse ligar para alguém, mas só ficou escutando por vários segundos, com um ar maroto, antes de recolocar o fone no gancho cuidadosamente.

“Com quem ela está falando?”, Harriet perguntou.

“Papai.”

“*Ainda?*”

Allison deu de ombros — mas parecia perturbada e saiu da cozinha de cabeça baixa. Harriet permaneceu ali mais um pouco, com o cenho franzido, depois foi até a parede e ergueu o fone.

No fundo, Harriet ouvia o som da televisão. “Não posso culpá-lo”, a mãe disse, lamuriante.

“Não banque a idiota.” Dava para notar o cansaço e a impaciência do pai até no jeito como respirava. “Por que não vem até aqui, se não acredita em mim?”

“Não quero que você se sinta pressionado a dizer coisas contra sua vontade.”

Delicadamente, Harriet baixou o fone. Temia que estivessem falando a seu respeito, mas aquilo era pior. As coisas já eram bem ruins quando o pai as visitava, a casa ficava barulhenta, violenta e carregada com sua presença, mas como ele se importava com a opinião alheia, se comportava bem na presença de Edie e das tias. Saber que elas estavam a poucas quadras de distância dava a Harriet uma sensação de segurança. E a casa

era grande, podia se esgueirar e escapar dele na maior parte do tempo. O apartamento de Nashville, porém, era pequeno — cinco cômodos apenas. Impossível se manter longe dele.

Como se em resposta a seus pensamentos, *buum*, uma explosão atrás dela, que pulou com a mão na garganta. A guilhotina da janela caíra, e uma porção de objetos — revistas, um gerânio vermelho no vaso de barro — caiu no chão da cozinha. Naquele momento sinistro, de vácuo (cortinas imóveis, sem brisa), ela olhou para o vaso quebrado, para a terra preta espalhada sobre o piso e depois, apreensiva, para os quatro cantos da cozinha. O brilho do crepúsculo no teto era lúgubre, medonho.

“Oi...?”, ela sussurrou finalmente, para o espírito (amigável ou não) que havia entrado ali. Pois sentia-se observada. Mas o silêncio imperava e após um momento Harriet levantou-se e saiu da cozinha correndo, como se o demônio estivesse atrás dela.

Eugene, usando óculos de leitura comprados na farmácia, estava sentado à mesa da cozinha de Gum no final da tarde. Lia um livreto encardido e velho distribuído pelo programa comunitário da prefeitura, cujo título era *Jardins e quintais: frutas e plantas ornamentais*. A mão picada pela cobra, embora livre das ataduras já havia algum tempo, ainda parecia defeituosa por causa dos dedos paralisados que mantinham o livro aberto como se fossem um peso para papéis.

Eugene voltara transformado do hospital. Recebera a visita de Deus enquanto estava deitado escutando a risada idiota que saía da televisão no corredor revestido de ladrilhos encerados, pretos e brancos, que formavam um tabuleiro. As linhas brancas convergiam para as portas brancas que se abriam para o Infinito. Noite após noite ele orava até raiar o dia, olhando fixamente para a lâmpada de luz fria no teto, trêmulo com a atmosfera anti-séptica da morte: zumbido do raio X, bipes robóticos do monitor

cardíaco, passos emborachados e furtivos das enfermeiras, respiração agonizante de seu vizinho de enfermaria.

Três partes formaram a epifania de Eugene. Parte um: como não estava espiritualmente preparado para manipular serpentes e o Senhor não o autorizara a tanto, Deus dera o bote e o picara, em Sua infinita misericórdia e justiça. Parte dois: nem todos neste mundo — cristãos e crentes — foram designados para ser ministro do Verbo; Eugene cometera um erro ao crer que a pregação (para a qual não apresentava praticamente nenhum pendor ou qualificação) seria o único caminho pelo qual os justos atingiam o reino dos céus. O Senhor, pelo jeito, tinha outros planos para Eugene, sempre tivera — pois o dom da palavra não se manifestara em Eugene; ele não havia estudado, não sabia línguas estrangeiras nem possuía o dom da empatia com seu semelhante. Até a marca em seu rosto prejudicava a pregação, pois as pessoas recuavam e fugiam dos sinais visíveis da ira do Deus Vivo.

Mas se Gene era inadequado para profetizar e pregar o Evangelho, como ficava? Um sinal, implorava nas orações, deitado insone na cama do hospital, nas frias sombras cinzentas... e, enquanto rezava, seus olhos teimavam em se fixar num vaso de cravos vermelhos ao lado da cama vizinha, a de um senhor muito idoso, moreno de rosto enrugado, cuja boca se abria e fechava como a de um peixe fora d'água, cujas mãos marrons — com tufos de pêlos pretos — agarravam e puxavam o cobertor com um desespero que era terrível de se ver.

As flores eram a única manifestação de cor naquele quarto. Quando Gum estava no hospital, Eugene voltara para espiar o pobre coitado do seu vizinho, com quem jamais trocara uma palavra. A cama estava vazia, mas as flores continuavam lá, em seu vermelho-vivo na mesa de cabeceira, como a se solidarizar com a dor intensa, vermelha, grave, que latejava em seu braço picado, e de repente o véu caiu e foi revelado a Eugene que as próprias flores eram o sinal pelo qual implorara. Pequenas flores vivas criadas por Deus, vivendo como o coração dele: frágeis, tenras, cheias de

veias e vasos que sugavam a água do vaso de vidro bico-de-jaca e que exalavam seu delicado perfume de cravo mesmo ali, no Vale das Sombras e da Morte. Enquanto pensava nessas coisas, o Senhor em pessoa falou a Eugene, ali na quietude da tarde, dizendo: *Plante meus jardins*.

Foi assim a terceira parte da epifania. Naquela mesma tarde Eugene examinara os pacotinhos de sementes guardados no terraço dos fundos e plantara um canteiro de couve e outro de nabo num trecho de terra preta onde — até recentemente — havia uma pilha de pneus de trator sobre uma lona plástica preta. Adquirira também duas roseiras em promoção na loja de ração e as plantara no meio do mato ralo, na frente do trailer da avó. Gum, como era de se esperar, desconfiou, como se as rosas fossem uma brincadeira de mau gosto para humilhá-la. Eugene a surpreendeu no quintal olhando para as mudas como se fossem intrusos, aproveitadores, parasitas que só planejavam roubá-los. “O que eu queria mesmo saber”, disse, capengando atrás de Eugene, enquanto ele cuidava das rosas com pesticida e regador, “é quem vai cuidar disso. Quem vai comprar veneno e adubo? Quem vai ficar regando essas plantas, tirando o mato, perdendo tempo com elas?” E lançou seu olhar de vítima ancestral para Eugene, como se dissesse que a pesada incumbência só poderia desabar sobre seus ombros frágeis.

A porta do trailer se abriu com um guincho tão alto que Eugene deu um pulo, assustado. Danny entrou com passos arrastados, sujo, a barba por fazer, de olhos fundos, parecendo desidratado como se tivesse passado muitos dias no deserto. Estava tão magro que a calça jeans escorregava pelos ossos dos quadris.

Eugene disse: “Você está péssimo”.

Danny arregalou os olhos para ele e desabou na mesa, com a cabeça entre as mãos.

“A culpa é sua mesmo. Você devia parar de tomar aquela droga.”

Danny ergueu a cabeça. Seu olhar perdido amedrontava qualquer um. Subitamente, disse: “Lembra da menina de cabelo preto que bateu na

porta do fundo da Missão na noite em que você foi picado?”.

“Sim, lembro”, Eugene disse, fechando o livreto sobre o dedo. “Claro. Farish pode sair por aí dizendo o absurdo que bem entender e ninguém se atreve a contestar suas palavras...”

“Então você se lembra dela.”

“Sim. Curioso que tenha mencionado isso.” Eugene procurava descobrir por onde começar. “Aquela menina fugiu de mim”, disse, “antes que as cobras saíssem pela janela. Estava nervosa ali na calçada, a meu lado, e no momento em que gritaram lá em cima ela *sumiu*.” Eugene deixou o livreto de lado. “E vou lhe dizer outra coisa. Eu não deixei a porta destrancada. Não interessa o que Farsh afirma. Estava escancarada quando voltei e...”

Ele esticou o pescoço e piscou ao ver a minúscula foto que Danny colocou de repente na sua frente.

“Ei, é você”, disse.

“Eu...” Danny tremeu e ergueu os olhos avermelhados para o teto.

“De onde veio isso?”

“*Ela* deixou cair.”

“Deixou cair onde?”, Eugene perguntou, e depois disse: “O que é esse barulho?”. Lá fora, alguém uivava desesperadamente. “É Curtis?”, disse, levantando-se.

“Não...” Danny respirou fundo, lentamente. “É Farish.”

“Farish?”

Danny empurrou a cadeira para trás; olhou em torno, perturbado. Os soluços eram entrecortados, guturais, desesperados como o choro de uma criança, mas violentos. Como se Farish estivesse mastigando e cuspiendo o próprio coração.

“Minha nossa”, Eugene disse. “Ouça isso.”

“Tive um momento delicado com ele agora, no estacionamento da White Kitchen”, Danny disse. E ergueu as mãos, que estavam sujas de terra e arranhadas.

“O que aconteceu?”, Eugene perguntou. Ele foi até a janela e espiou. “Que fim levou Curtis?” O irmão sofria de problemas respiratórios, como bronquite, e costumava ter acessos de tosse terríveis quando ficava nervoso — ou quando alguém se descontrolava, o que o incomodava mais ainda.

Danny balançou a cabeça. “Não faço idéia”, disse, com voz rouca e cansada, como se estivesse gasta pelo excesso de uso. “Cansei de passar o tempo inteiro com medo.” Para surpresa de Eugene, ele sacou uma faca comprida da bota e — com um olhar entorpecido mas assustador — jogou-a ruidosamente em cima da mesa.

“Essa é a minha proteção”, disse. “Contra ele.” E revirou os olhos de um modo estranho — mostrando o branco — para indicar a Eugene que se referia a Farish.

Os gritos medonhos cessaram. Eugene afastou-se da janela e sentou-se ao lado de Danny. “Você está se matando”, disse. “Precisa dormir um pouco.”

“Dormir um pouco”, Danny repetiu, como se pretendesse iniciar uma frase, mas calou-se e sentou de novo.

“Quando eu era menina”, Gum disse, avançando com dificuldade, apoiada no andador, alguns centímetros por vez, *clic clic clic clic*, “meu pai disse que um sujeito capaz de sentar numa cadeira para ler um livro não prestava.”

Ela disse isso com ternura, pacificamente, como se a pura sabedoria do comentário mostrasse o valor de seu pai. O livreto estava aberto sobre a mesa. Com a mão trêmula, ela o pegou e examinou com o braço estendido. Depois virou o livreto e olhou a contracapa. “Que Deus o abençoe, Eugene.”

Eugene a olhou por cima dos óculos. “O que foi?”

“Nada”, Gum disse após uma pausa, paciente. “Só lamento que você ande tão cheio de esperança. Este mundo é duro com gente como a gente. Odeio pensar naquele monte de jovens professores universitários na sua frente na fila para o emprego.”

“É mesmo? Será que eu não posso nem ler essa droga?” Ela certamente não pretendia fazer mal a ninguém. Sua avó não passava de uma senhora idosa enferma que dera duro a vida inteira e mesmo assim nunca teve nada. Nunca teve uma oportunidade e nunca soube o que era ter uma oportunidade. Mas por que isso queria dizer que os netos também não tinham a menor chance, Eugene não sabia direito.

“Peguei esse livreto no programa comunitário, vó”, explicou. “Grátis. Você precisava passar lá qualquer hora. Eles ensinam a plantar praticamente tudo que dê numa horta ou roça.”

Danny, que estivera sentado silenciosamente durante o diálogo, com os olhos perdidos na distância, levantou-se de repente. Seus olhos estavam vidrados e ele oscilava. Eugene e Gum olharam para ele. Danny recuou um passo.

“Esses óculos ficam bem em você”, disse para Eugene.

“Obrigado”, Eugene respondeu, constrangido, e os ajustou no rosto.

“Ficam ótimos”, Danny disse. Seus olhos brilhavam com um fascínio inquieto. “Devia usá-los o tempo inteiro.”

Deu meia-volta e, quando fez isso, seus joelhos cederam e ele caiu de cara no chão.

Todos os sonhos dos quais Danny fugira nas últimas duas semanas desabaram sobre ele de uma só vez, como a água de uma represa estourada, os erros e equívocos de diversas fases de sua vida se juntaram e o arrastaram consigo — ele tinha treze anos novamente, estava deitado em seu catre na primeira noite de Reformatório (blocos de concreto, ventilador industrial zumbindo no piso de cimento como se pretendesse decolar), e também cinco — na primeira série — e nove, quando a mãe foi para o hospital e ele sentia uma falta terrível dela, apavorado com a idéia de sua morte, enquanto o pai se embriagava no quarto ao lado e ele delirava de terror, sem conseguir dormir, decorando o nome das

especiarias estampadas na cortina de seu quarto. Eram cortinas velhas da cozinha: Danny ainda não sabia o que era coentro ou noz-moscada, mas ainda via as letras marrons impressas no algodão amarelo-mostarda (*noz-moscada, coentro, cravo*), e os nomes eram um poema a invocar o Senhor dos Pesadelos, que se aproximava de sua cama usando cartola...

Virando de um lado para o outro na cama, Danny tinha todas essas idades de uma vez, e também vinte anos, já com ficha criminal, viciado, com a fortuna em anfeita do irmão a chamá-lo com voz sensual e apavorante em seu esconderijo no alto da torre, acima da cidade. E a torre da caixa-d'água se confundia em sua mente com as árvores em que ele subira quando menino para jogar um filhote de perdigueiro lá do alto para ver o que acontecia (morreu), e a culpa pela vontade de enganar Farish era ampliada e reforçada pelas mentiras deslavadas que contava, dizendo que pilotava carros de corrida, que espancava e matava pessoas; com lembranças da escola e do tribunal, da prisão e da guitarra que o pai proibiu que ele tocasse porque dava muito trabalho (Onde estaria aquela guitarra? Precisava encontrá-la, pessoas o esperavam no carro, se não fosse logo elas iriam embora e o deixariam para trás). O conflito entre esses períodos e locais contraditórios o fazia virar de um lado para o outro, agarrado ao travesseiro, confuso. Viu a mãe — mamãe! — olhando para ele pela janela, e a preocupação em seu rosto inchado e gentil lhe deu vontade de chorar; outros rostos faziam com que se encolhesse de terror. Como diferenciar mortos e vivos? Alguns eram amistosos, outros não. E todos falavam com ele e entre si, embora durante a vida não se conhecessem. Caminhavam em grupos grandes, como se formassem um time, e era difícil dizer quem pertencia a qual turma e o que faziam juntos ali em seu quarto, não era o lugar deles, e suas vozes se mesclavam com o ruído da chuva que caía no teto metálico do trailer, e todos eram cinzentos e difusos como a própria chuva.

Eugene — usando os óculos extravagantes comprados na farmácia, como se fosse um professor — estava sentado ao lado da cama. Iluminado

pelos relâmpagos esporádicos, ele e a cadeira eram os únicos objetos estacionários no meio de um redemoinho desconcertante de gente. De vez em quando o quarto parecia vazio e Danny se erguia apavorado, com medo de morrer, assustado com a idéia de que seu pulso cessara, o sangue esfriava e até os fantasmas fugiam dele...

“Calma, *fique* calmo...”, Eugene disse. Eugene: louco de pedra, mas — com exceção de Curtis — era o mais gentil dos irmãos. Farish herdara boa parte da maldade do pai — e a perdera um pouco desde que se dera o tiro na cabeça. O gesto o havia abalado profundamente. Ricky Lee talvez fosse o pior, o ruim de tudo. Ia se dar bem em Angola.

Mas Eugene não puxara o pai, com seus dentes sujos de mascar tabaco e olhos de bode velho; parecia-se mais com a mãe, a pobre coitada que se embriagava e morreu delirando a respeito do Anjo do Senhor descalço na chaminé. Ela era comum, Deus a tenha, e Eugene, que também era comum, com seus olhos juntos e nariz honesto, batatudo, se parecia bastante com a mãe. Os óculos atenuavam a feiúra da cicatriz. Um relâmpago brilhou na janela e o azulou por trás; a queimadura que se estendia sob o olho esquerdo, abaixo dos óculos, era como uma estrela rubra. “O problema”, dizia, com a mão em cima do joelho, “é que eu não vi que não podia separar aquela serpente traiçoeira do resto da criação. Se a gente faz isso, cara, leva uma picada.” Danny o encarou, intrigado. Os óculos lhe davam um ar diferente, intelectual, como se fosse um professor saído de um sonho. Eugene voltara da prisão com o hábito de falar em longos parágrafos desconexos — como um sujeito que conversava com as quatro paredes, sem que ninguém escutasse —, e nisso também era como a mãe, que rolava na cama e falava com visitas que não estavam lá, além de chamar Eleanor Roosevelt, Isaías e Jesus.

“Sabe”, Eugene dizia, “a serpente serve ao Senhor, é uma criatura Dele também. Noé a levou na arca, junto com os outros animais. Não se pode dizer simplesmente ‘a cascavel é maligna’, pois Deus fez *todas* as criaturas. Todas são boas. Sua mão criou a serpente, assim como criou o

carneirinho.” Ele olhou para um canto do quarto onde a luz não alcançava, pois Danny — aterrorizado — sufocou com o punho cerrado um grito de pavor por causa da criatura escura e morta de seu pesadelo que via ali, a tremer, estrebuchar e se retorcer no chão, freneticamente, aos pés de Eugene... Embora não fosse grande coisa, mais lamentável que assustadora, mesmo assim seu cheiro rançoso, ancestral, fugaz lembrava a Danny um horror indescritível, um banho de sangue, um pássaro-preto, mulheres, crianças e homens negros correndo em busca de segurança na margem do rio, terror e explosões, um gosto ruim de óleo na boca e um tremor incontrolável, como se o corpo inteiro se desmanchasse em pedaços: espasmos musculares, tendões retesados dissolvendo-se em penas pretas e ossos descarnados.

Harriet também pulou da cama apavorada, no início daquela mesma manhã, assim que o dia clareou. Não se lembrava direito do que a havia assustado, do que sonhara. Amanhecera, ou quase. A chuva havia cessado, o quarto estava plácido e escuro. Na cama de Allison: ursinhos amontoados, um canguru caolho a fitando intensamente sobre as cobertas, e nada de Allison, exceto uma mecha de cabelo comprido estendida em leque sobre o travesseiro, como o cabelo de uma menina afogada na superfície da água.

Não havia blusas limpas na gaveta da cômoda. Sem fazer barulho, abriu a gaveta de Allison e descobriu contente, no meio das roupas sujas amontoadas, uma camisa feminina limpa e passada com capricho: do tempo das bandeirantes. Harriet a encostou no rosto e aspirou o perfume longamente: ainda havia um cheiro tênue da lavagem de Ida.

Harriet calçou os sapatos e desceu a escada em silêncio. Tudo quieto, a não ser pelo tique-taque do relógio. A bagunça e a sujeira eram menos sórdidas quando a luz matinal batia no corrimão e no tampo de mogno da mesa. Na parede da escada havia um retrato sorridente da mãe de Harriet

no colegial: lábios rosados, dentes brancos, olhos gigantescos e brilhantes com estrelinhas brancas faiscando nas pupilas. Harriet passou por ele de fininho, como um ladrão pelo detetor de movimentos, encolhida, e entrou na sala, onde se abaixou para pegar o revólver que escondera debaixo da poltrona de Ida.

No armário da entrada, procurou uma bolsa para guardá-lo e acabou achando uma sacola plástica grossa que se fechava com um cordão. Mas a forma do revólver, percebeu, era nítida dentro da sacola. Tirou-o e o embrulhou em várias folhas de jornal antes de recolocá-lo na sacola e jogá-la sobre o ombro como Dick Whittington ao partir para tentar a sorte no livro de histórias.

Assim que ela saiu, um passarinho começou a cantar praticamente em seu ouvido: uma frase musical clara, meiga, que se elevou, sumiu e voltou. Embora agosto ainda não tivesse terminado, uma brisa fria, poeirenta, dava à manhã um toque outonal; as zínias do jardim da sra. Fountain — vermelhas, alaranjadas e douradas — começavam a fenecer. As flores manchadas aos poucos perdiam a cor.

Exceto pelos pássaros, que cantavam bem alto, de modo comovente, com um otimismo lunático que beirava o desespero, a rua estava deserta e calma. Um aspersor sibilava num gramado vazio; as luzes dos postes e das varandas lançavam longas sombras em perspectiva, e até o som insignificante de seus pés na calçada parecia ecoar na distância, audível.

Gramma orvalhada, ruas úmidas que se estendiam negras e largas como se nunca terminassem. Conforme se aproximava do pátio de carga, os quintais diminuía, as casas iam ficando mais precárias e próximas. Um carro solitário roncou algumas quadras adiante, no rumo do bairro italiano. Logo os treinos das animadoras de torcida começariam, a poucos quarteirões dali, nos pátios sombreados do hospital velho. Harriet ouvira seus gritos e cantos nos últimos dias.

Após a Natchez Street, as calçadas ficavam esburacadas, rachadas e estreitas, com menos de um metro de largura. Harriet passou por prédios

com janelas cobertas de tábuas e terraços arruinados. Nos quintais, botijões de gás enferrujados e mato alto, sem carpir há várias semanas. Um cachorro chow-chow avermelhado e com o pêlo emaranhado avançou ruidosamente contra a cerca alambrada e arreganhou a boca azul, mostrando os dentes: *chop chop*. Por mais bravo que fosse, Harriet sentiu pena dele. Pelo jeito, nunca tinha tomado um banho na vida, e no inverno os donos deviam deixá-lo no quintal, só com a vasilha de alumínio cheia de água congelada.

Passou pelo departamento de auxílio-alimentação, pelo armazém incendiado (atingido por um raio, nunca foi reconstruído) e entrou na rua de cascalho que levava ao pátio de carga e à torre da caixa-d'água da ferrovia. Ela não tinha uma idéia muito clara do que faria nem do que a esperava, e achava melhor nem pensar muito nisso. Zelosa, manteve os olhos no cascalho úmido, coberto de gravetos enegrecidos e galhos ainda com folhas, arrancados pela tempestade da noite anterior.

Muito tempo atrás, a caixa-d'água fornecera água para as locomotivas a vapor, mas pelo que sabia não era mais usada para nada. Anos antes, Harriet e um menino chamado Dick Pillow haviam subido lá para ver até onde conseguiam enxergar — muito longe, praticamente até a Rodovia Interestadual. A vista a encantara: roupa pendurada nos varais, telhados pontudos como proas de barcos de origami, telhados verdes, vermelhos, pretos e metálicos, telhados de madeira, de cobre, de zinco e piche se estendendo até o horizonte difuso. Foi como conhecer outro país. A paisagem tinha um ar exótico, como se fosse de brinquedo, e evocava imagens que vira do Oriente — China e Japão. Adiante serpenteava o rio, sua superfície amarelada era rugosa e reluzente, as distâncias pareciam tão grandes que uma Ásia de brinquedo brilhava e tilintava com um milhão de sinos em miniatura para lá do horizonte, depois do dragão barrento do rio.

A cena a cativara tão completamente que Harriet não prestou atenção no tanque de água propriamente dito. Por mais que tentasse, não

conseguia se lembrar de como ele era no topo, ou de outras características de sua construção, sabia apenas que era de madeira e que tinha uma porta do tipo alçapão no alto. Pelo que Harriet se recordava, a porta era quadrada, media uns sessenta centímetros de lado e tinha uma alça igual à de um armário de cozinha. Embora sua imaginação fosse tão fértil que nunca tinha certeza absoluta do que realmente vira, e costumasse preencher os claros com detalhes fictícios, quanto mais pensava em Danny Ratliff agachado no alto da torre (postura tensa, olhares nervosos por cima do ombro), mais lhe parecia que ele estava escondendo algo, ou tentando se esconder. Mas o que voltava seguidamente à sua cabeça era a perturbação agitada de seu olhar ao cruzar com o dela. Os olhos dele haviam chamejado como um raio de sol ao bater num espelho de sinalização, como se ele tivesse acusado uma senha, um sinal de alarme, um reconhecimento. *De algum modo ele sabia que ela estava lá*; Harriet penetrara o campo de sua percepção. Por incrível que pareça (e Harriet sentiu que se arrepiava toda ao pensar nisto), Danny Ratliff fora a única pessoa que realmente *olhara* para ela em muito tempo.

Os trilhos iluminados pelo sol pareciam ser de mercúrio, como artérias saindo dos entroncamentos; os velhos postes telegráficos estavam cheios de trepadeiras e parasitas e acima deles erguia-se a torre da caixa-d'água, externamente desbotada pelo sol. Harriet, com cuidado, avançou em sua direção pela clareira coberta de mato ralo. Aproximou-se em círculos, observando as colunas de metal enferrujado, até chegar a uns três metros.

Após um olhar nervoso por cima do ombro (nenhum carro, nenhum som de carro, nenhum barulho além do pio dos pássaros), ela foi até a escada para examiná-la. O degrau de baixo era mais alto do que imaginara. Um homem alto não precisaria pular para alcançá-lo, mas qualquer outra pessoa, sim. Dois anos antes, quando fora até lá com Dick, ela havia subido nas costas dele e — precariamente — o menino se apoiara no selim da bicicleta para acompanhá-la.

Dentes-de-leão e tufo de grama seca apontavam no cascalho, grilos cricrilavam freneticamente: pareciam saber que o final do verão se aproximava, que logo morreriam. O desespero de seu canto dava à manhã um ar febril, instável, trêmulo. Harriet examinou a base do tanque: vigas de metal em forma de H, com furos ovais a cada sessenta centímetros, ligeiramente inclinadas na direção do tanque. Lá no alto a estrutura se apoiava em outras vigas metálicas que se cruzavam diagonalmente, formando um X gigantesco. Se ela escalasse uma das vigas (era uma subida e tanto, Harriet não era boa para calcular distâncias), poderia passar para a escada, chegando a um dos degraus inferiores.

Resoluta, ela iniciou a escalada. Embora o corte tivesse cicatrizado, a palma da mão esquerda ainda doía, obrigando-a a confiar mais na direita. Os buracos nas vigas de aço eram quase insuficientes para apoiar a ponta do tênis e os dedos das mãos.

Respirando fundo, ela foi subindo lentamente. A viga estava coberta de ferrugem, que manchava suas mãos de vermelho-vivo. Embora não tivesse medo de altura — adorava escalar, a altitude a excitava —, não havia onde segurar e só com muito esforço conseguia avançar.

*Mesmo que eu caia, pensou, não vou morrer.* Harriet já subira e saltara de lugares muito altos — o telhado do barracão, o galho mais grosso da nogueira-pecã do quintal de Edie, o andaime na frente da igreja presbiteriana —, mas nunca fraturara um osso. Por outro lado, sentia-se exposta a olhares curiosos no alto, e qualquer pio ou ruído que viesse de baixo lhe dava vontade de desviar a vista da viga enferrujada a quinze centímetros de seu nariz. Mais de perto a viga era um mundo em si, a superfície deserta de um planeta vermelho-ferrugem.

Perdia aos poucos a sensibilidade nas mãos. Por vezes, quando brincava no recreio de cabo-de-guerra, pendurava-se numa corda ou na barra mais alta do ginásio de esportes, um estranho impulso tomava conta de Harriet: desejava relaxar e soltar o corpo, e era isso que tentava evitar no momento. Ela seguiu adiante, rilhando os dentes, concentrando a força na

ponta dolorida dos dedos, e uma estrofe de um livro antigo, um livro infantil, desprende-se da teia da memória e passeou por sua mente:

*Caro senhor Chang, ouvi dizer  
Que usa uma cesta de palha na cabeça,  
Tem duas tesouras para cortar a carne,  
E dois palitos para pegar a comida...*

Usando seu derradeiro grão de força de vontade, ela agarrou a barra inferior transversal e se ergueu até a escada. Coitado do sr. Chang! Sua figura no livro infantil a assustara muito, quando era pequena: chapéu chinês pontudo, bigode fininho e olhos puxados de mandarim. Mas o que a apavorava mesmo era a tesoura delgada que ele empunhava, delicadamente, e seu cortante sorriso irônico...

Harriet parou para avaliar seu posicionamento. Em seguida vinha a parte traiçoeira: estender a perna no vazio, até firmá-la na viga. Respirou fundo e lançou o corpo no espaço.

Uma visão lateral do chão parecia se aproximar, e por um instante Harriet teve certeza de estar caindo. Mas no segundo seguinte estava encarapitada na trave de metal feito um bicho-preguiça. No alto, agora, o suficiente para quebrar o pescoço se caísse, ela fechou os olhos e relaxou por um momento, com o rosto colado ao ferro áspero.

*Caro senhor Chang, ouvi dizer  
Que usa uma cesta de palha na cabeça,  
Tem duas tesouras para cortar a carne,  
E dois palitos para pegar a comida...*

Cuidadosamente, Harriet abriu os olhos e — agarrada à viga — sentou-se. Como o chão estava longe! Era assim que ela tinha ficado — enganchada num galho, a calcinha suja de barro, enquanto as formigas a

picavam — quando subiu numa árvore e não conseguiu descer, no verão seguinte ao primeiro ano. Saíra para passear um pouco — depois da aula de religião do curso de férias, não foi? — e subira intrepidamente, “como um esquilo!”, exclamou o senhor idoso que ouviu por acaso os gritos constrangidos de Harriet, que pedia socorro lá em cima.

Lentamente, Harriet ficou de pé, agarrada à viga de aço, sentindo os joelhos tremerem enquanto se erguia. Segurou em seguida na trave de cima e — soltando as mãos — avançou um pouco, de pé. Ainda via o rosto do velho, avermelhado, observando-a encolhida no meio dos galhos. “Você é filha de quem?”, ele tinha gritado com voz rouca. Aquele velho morava na casa de estuque cinza ao lado da igreja batista. Ele já estava morto agora, só restara um toco em seu jardim, no lugar onde se erguia a nogueira-pecã. Ele havia escutado seus gritos contidos (“Socorro... socorro...”) que pareciam não vir de lugar nenhum. Ele olhou para baixo, para os lados e finalmente para cima, como se um fantasma tivesse tocado em seu ombro!

O ângulo do X se tornara fino demais para ela continuar em pé. Harriet sentou-se novamente, de pernas abertas sobre a viga, para agarrar as barras do outro lado. O ângulo era ingrato; suas mãos entorpecidas haviam perdido a sensibilidade e seu coração batia violentamente quando se jogou no vazio — braços trêmulos de fadiga — e passou para o outro lado...

Agora, em segurança. Ela desceu pela barra esquerda do X, como se escorregasse pelo corrimão de casa. Aquele senhor tivera uma morte terrível, Harriet nem gostava de pensar naquilo. Assaltantes invadiram sua casa e o obrigaram a se deitar no chão, ao lado da cama, e o surraram com um taco de beisebol até ele perder os sentidos; quando os vizinhos foram acudi-lo, preocupados, o encontraram morto numa poça de sangue.

Ela descansou um pouco na trave oposta; a escada situava-se logo abaixo. Não era difícil descer, mas ela estava cansada e menos atenta — quando segurou a escada, um surto de pânico invadiu-lhe o corpo, pois o pé escorregara, e por muito pouco ela não caiu, segurando-se no último

instante. Agora o momento mais perigoso havia passado, sem ela se dar conta totalmente do que ocorrera.

De olhos fechados, Harriet se segurou até a respiração voltar ao normal. Quando abriu os olhos de novo, era como se estivesse suspensa numa escada de corda num balão. A paisagem se estendia sob seus pés, em vista panorâmica, como o castelo em seu livro infantil *Pela janela da torre*:

*Vi o esplendor das muralhas do castelo  
E dos montes nevados ancestrais  
Raios de luz se espalham pelos lagos  
E a catarata cai com estrondo glorioso...*

Mas não havia tempo para o devaneio. O ruído de uma máquina agrícola — que por um momento confundiu com o barulho de um carro — a assustou terrivelmente; Harriet virou-se e galgou os degraus que faltavam o mais rápido que conseguiu.

Deitado de costas na cama, Danny olhava para o teto. A luz era dura e incômoda; sentia-se fraco, como se convalescesse de febre, e de repente se deu conta de que passara um bom tempo olhando para o mesmo fecho de luz. Ouviu a voz de Curtis, que cantava lá fora, repetindo insistentemente uma palavra parecida com “bala de goma”. Ali deitado, ele aos poucos foi tomando consciência de um som rascante e de batidas seguidas, como se um cão se coçasse no chão, ao lado da cama.

Danny, com esforço, ergueu-se nos cotovelos — e recuou assustado quando viu Farish (de braços cruzados, batendo o pé) sentado na cadeira antes ocupada por Eugene, a observá-lo com um olhar fixo, meditativo. Seu joelho balançava; a barba estava úmida em volta da boca, como se tivesse deixado cair algum líquido ou babado e mordido os lábios.

Um pássaro — um azulão ou similar — cantava como um passarinho de televisão, mavioso e lírico, no parapeito da janela. Danny virou-se e ia sentar, quando Farish avançou e apertou seu peito.

“Nem pensar”, disse, despejando seu hálito pestilento de anfetamina na cara de Danny. “Fique quieto. Vou dar um jeito em você.”

“Vai com calma”, Danny disse, desanimado, e virou o rosto para o lado. “Me deixa sentar.”

Farish recuou; por um instante, a figura de seu pai morto surgiu, de braços cruzados, vinda do inferno, para olhá-lo com desprezo pelos olhos de Farish.

“Cala a boca”, sibilou, empurrando a cabeça de Danny para o travesseiro outra vez. “Não diga uma só palavra, apenas escute. Você vai me obedecer a partir de agora.”

Danny ficou deitado, imóvel e confuso.

“Já vi muitos interrogatórios”, Farish disse, “e já vi gente dopada. Desleixo. Isso vai nos matar a todos. As ondas de sono são *magnéticas*”, disse, batendo na testa com dois dedos. “Entendeu? Entendeu? Elas podem apagar sua mentalidade toda. Você está se abrindo para a penetração eletromagnética que vai foder e destruir seu sistema de lealdade inteiro, assim, ó!”

*Ele pirou de vez*, Danny pensou. Farish, respirando rápido pelas narinas, passou a mão pelo cabelo — e fez uma careta, sacudindo os dedos abertos longe do corpo, como se tivesse tocado em algo pegajoso ou nojento.

“Não banque o espertinho comigo”, rugiu, quando percebeu que Danny o observava.

Danny baixou os olhos — e viu Curtis, com o queixo no nível da soleira da porta aberta do trailer, espiando. Sua boca e a região em torno estavam alaranjadas, como se tivesse brincado com o batom da mãe, e seu rosto exibía uma expressão alegre, enigmática.

Contente com a mudança, Danny sorriu para ele. “Oi, jacaré”, disse, mas antes que pudesse perguntar a respeito da mancha alaranjada na boca,

Farish saltou e estendeu o braço, como um maestro maluco, um russo histérico, e gritou: “Fora daqui! Cai fora!”.

Num segundo Curtis sumiu: *bump bump bump bump*, fez ao descer os degraus de metal do trailer. Danny tentou se levantar e sair da cama, mas Farish deu a volta e apontou o dedo para ele.

“Eu mandei levantar? Mandei?” Seu rosto afogueado estava quase roxo. “Vou lhe explicar umas coisas.”

Danny ficou sentado, obediente.

“Estamos operando em nível de consciência militar. Câmbio? Câmbio?”

“Câmbio”, Danny disse, assim que entendeu que devia responder desse jeito.

“Muito bem, agora eis os quatro níveis” — Farish os contou nos dedos — “dentro do sistema. Código Verde. Código Amarelo. Código Laranja. Código Vermelho.” Farish ergueu o indicador trêmulo. “Você pode adivinhar qual é o Código Verde, baseado em sua experiência como condutor de veículos automotores.”

“Siga?”, Danny arriscou após uma longa pausa sonolenta.

“Positivo. Positivo. Todos os sistemas operantes. No Código Verde o elemento está tranqüilo, em repouso, pois não há ameaça externa. Agora entenda bem uma coisa”, Farish disse, rilhando os dentes. “Não há Código Verde. O Código Verde não existe.”

Danny olhou para o emaranhado de fios elétricos pretos e cor de laranja jogado no chão.

“Código Verde não é uma opção viável, e vou lhe explicar o motivo apenas uma vez.” Ele começou a andar de um lado para o outro — no caso de Farish, um mau sinal. “Se for atacado durante o Código Verde, vai se ferrar, ser destruído.”

Com o canto do olho Danny viu a mão miúda e gordinha de Curtis esticada através da janela aberta para colocar um pacote de Sweet Tarts ao lado da cama. Em silêncio, Danny se debruçou e pegou o presente. Curtis

mexeu os dedos, para mostrar seu contentamento, e sabiamente sumiu de vista.

Danny guardou o pacote de Sweet Tarts debaixo do travesseiro. “Calma, cara”, disse, “você está estressado.” Ele tentou pronunciar a frase... descontraidamente, mas não funcionou e Farish deu meia-volta para encará-lo. O rosto congestionado tremia de raiva, vermelho, inchado, sufocado pela ira.

“Tive uma idéia”, disse de repente. “Você e eu vamos dar uma voltinha. *Eu posso ler sua mente, panaca!*”, gritou, batendo na lateral da cabeça enquanto Danny o olhava assustado. “Não pense que você vai conseguir me enrolar!”

Danny fechou os olhos por um momento, depois os reabriu. Precisava mijar com urgência. “Olha, mano”, implorou a Farish, que mordida os lábios e fitava o chão com intensidade, “se acalme um pouquinho. Vai manso”, falou, erguendo a mão espalmada quando Farish o encarou — rápido demais, com olhos muito agitados, desfocados.

Antes que pudesse se dar conta do que ia acontecer, Farish o agarrou pelo colarinho e o socou na boca. “Não vem, não”, disse, sacudindo o irmão pela camisa, “conheço você de trás para diante. Filho-da-puta.”

“Farish...” Confuso pela dor, Danny apalpou o queixo, massageando o maxilar inferior. Tentara evitar ao máximo esse tipo de confronto. Farish pesava pelo menos cinquenta quilos mais que Danny.

Farish o atirou de volta na cama. “Ponha o sapato. Você vai guiar.”

“Tudo bem”, Danny disse, ainda esfregando o queixo. “Para onde vamos?”, e se a frase soou insolente (e soou) em parte foi porque Danny sempre dirigia, aonde quer que fossem.

“Não banque o esperto.” Bofetada com as costas da mão, na face. “Se faltar uma grama daquele material... sente-se, por acaso mandei levantar?”

Danny sentou-se sem dizer nada, para calçar a bota de motociclista, sem meia, nos pés suados.

“Isso mesmo. Não tire os olhos do chão.”

A porta de tela do trailer de Gum rangeu, e logo Danny a ouviu avançar penosamente pelo cascalho, de chinelo.

“Farish?”, chamou com sua voz seca, estridente. “Tudo bem? Farish?” Típico, Danny pensou, era típico dela se preocupar apenas com Farish.

“De pé”, Farish disse. Agarrou Danny pelo cotovelo e o empurrou até a porta, para atirá-lo lá fora.

Danny — arremessado pelos degraus — aterrissou de cara na terra. Levantou-se, limpou a poeira e viu que Gum o fitava, inexpressiva: só pele coriácea e ossos, como uma lagartixa de vestido de algodão. Lenta, muito lentamente, ela virou a cabeça para Farish e disse: “O que deu *nele*?”.

Farish, na soleira da porta, gritou: “É isso aí, o que foi que deu nele? Tá vendo? Ela também percebeu! Você acha que pode me enganar?”. Farish soltou uma gargalhada falsa, escandalosa. “Você não consegue nem tapear sua vovozinha!”

Gum olhou longamente para Farish, depois para Danny, as pálpebras baixas e eternamente sonolentas desde a picada da naja. Depois ela estendeu a mão e beliscou o braço de Danny, segurando firme um pouco de carne, para virá-la entre o polegar e o indicador com força, mas de um modo sutil, delicado, por isso seus olhos brilhantes e miúdos mantiveram-se calmos.

“Ah, Farish...”, ela disse, “você não deveria ser tão duro com ele”, mas algo em sua voz insinuava que Farish tinha bons motivos para ser duro com Danny, ótimos motivos.

“Rá!”, Farish gritou. “Eles conseguiram”, disse, como se falasse a câmeras escondidas no meio das árvores. “Eles o pegaram. Meu próprio irmão.”

“Mas afinal do que você está falando?”, Danny perguntou, quebrando o silêncio que tomara conta do lugar após a frase de Farish, e surpreendeu-se com o tom débil e desonesto de sua voz.

Confuso, ele recuou, enquanto Gum subia lentamente os degraus do trailer de Danny, para chegar aonde Farish estava, com olhos flamejantes,

respirando pelo nariz com força: fungadas breves, curtas, iradas. Danny preferiu virar a cabeça, nem conseguia olhar para ela, percebia o quanto a lentidão da avó enfurecia Farish, o deixava maluco, ele se tornara um psicótico de olhos arregalados, ali parado batendo os pés feito um louco, mas que diabos, como ela conseguia ser tão enervante? Todo mundo percebia (todo mundo menos Farish) que permanecer no mesmo ambiente que ela (*arrasta... arrasta...*) fazia com que ele tremesse de impaciência, despertava sua fúria, violência, delírio — mas, claro, Farish nunca voltava sua raiva contra Gum, preferia despejá-la em quem estivesse por ali.

Quando ela finalmente chegou ao degrau mais alto, Farish estava roxo de raiva, tremendo inteiro, como uma máquina sobrecarregada a ponto de explodir. Carinhosa, ela se aproximou de Farish e passou a mão em seu braço.

“Isso é mesmo importante?”, perguntou, gentil, num tom de voz que de algum modo insinuava que sim, que era mesmo muito importante.

“Claro que é!”, Farish rugiu. “Ninguém vai me espionar! Ninguém vai me roubar! Ninguém vai mentir para mim, não mesmo”, disse, virando a cabeça em reação ao aperto da garra recurvada em seu braço.

“Puxa vida. Fico tão chateada quando vocês discutem.” Mas foi para Danny que ela olhou ao dizer isso.

“Não precisa ficar com pena de mim!”, Farish gritou. Dramaticamente, postou-se na frente de Gum, como se Danny estivesse a ponto de atacar e matar os dois. “É *dele* que você devia ter pena!”

“Não estou com pena de nenhum dos dois.” Ela passou por Farish e foi entrando pela porta aberta do trailer de Danny.

“Gum, por favor”, Danny pediu, desconsolado, aproximando-se o máximo que considerou seguro, esticando o pescoço para observar as costas do vestido cor-de-rosa desbotado que desaparecia na penumbra. “Gum, por favor, não entre aí.”

“Boa noite”, ela disse com voz fraca. “Vou fazer sua cama...”

“Não precisa se preocupar com isso!”, Farish berrou, encarando Danny como se tudo fosse culpa dele.

Danny correu e entrou no trailer, passando por Farish. “Gum, por favor”, disse angustiado. Nada seria mais capaz de garantir um ataque de raiva em Farish do que Gum resolver limpar a sujeira feita por Danny ou Gene, quer um deles quisesse isso ou não. Um dia, anos atrás (Danny jamais se esqueceria, jamais), ele entrou e a encontrou pulverizando metodicamente o travesseiro e as cobertas com inseticida Raid...

“Minha nossa, essas cortinas estão imundas”, Gum disse dentro do quarto de Danny.

Uma sombra comprida e enviesada surgiu na soleira. “Estou falando com você”, Farish disse em voz baixa, ameaçadora. “Cai fora daqui e *me escute bem.*” Abruptamente, agarrou Danny pelas costas da camisa e o jogou de novo escada abaixo, no chão sujo e empoeirado e cheio de lixo do pátio (cadeiras quebradas, latas vazias de cerveja e refrigerante, WD-40, além de uma montanha de transistores e parafusos e porcas e engrenagens desmontadas), e antes que Danny pudesse se levantar de novo ele saltou e o chutou com força nas costelas.

“Então, aonde você vai quando sai sozinho de carro, hem?” gritou. “Hem? Hem?”

O coração de Danny disparou. Teria falado enquanto dormia?

“Você disse que ia pôr as contas de Gum no correio. Mas não fez nada disso. Elas continuaram lá no banco do carro, por dois dias, depois que você voltou com os pneus cheios de lama. Então não foi até o Correio, não é mesmo?”

E chutou Danny de novo. Danny rolou como uma bola, todo encolhido, agarrado aos joelhos.

“Catfish está nessa jogada também?”

Danny fez que não com a cabeça. Sentia gosto de sangue na boca.

“Porque eu vou matar aquele negro. Vou matar vocês dois.” Farish abriu a porta do passageiro da Trans Am e agarrou Danny pelo colarinho,

jogando-o dentro do veículo.

“Você dirige”, resmungou.

Danny — sem saber como dirigir sentado no banco do passageiro — levou a mão ao nariz ensangüentado. *Graças a Deus não estou chapado*, pensou, limpando a boca com as costas da mão. *Graças a Deus não estou chapado, ou ia pirar de vez*.

“Vamos?”, Curtis perguntou animado, aproximando-se da janela aberta; com os lábios manchados de laranja emitiu um som anasalado, *vrummm, vrummm*. Depois, assustado, notou o sangue no rosto de Danny.

“Não, mano”, Danny disse, “não dá para você ir junto.” E o rosto de Curtis se contraiu, ele ficou sem ar e virou-se a tempo de se afastar correndo, quando Farish abriu a porta do lado do motorista: *clic*. Assobiou. “Entrem”, disse, e antes que Danny se desse conta do que estava acontecendo os dois pastores alemães de Farish pularam no banco de trás. O que se chamava Van Zant fungou ruidosamente em seu ouvido; seu bafo era quente e cheirava a carne podre.

O estômago de Danny se contraiu. Mau sinal. Os cães haviam sido treinados para atacar. Uma vez a cadela fugira do canil e mordera Curtis na perna, por cima da calça jeans, tão fundo que ele precisou ir para o hospital e levar vários pontos.

“Farish, por favor”, disse, quando o irmão recolocou o banco na posição e sentou-se ao volante.

“Cala a boca”, Farish disse, olhando para a frente com olhos assustadoramente frios. “Os cachorros também vão.”

Danny tateou os bolsos ostensivamente. “Se eu for dirigir preciso pegar a carteira.” Na verdade, queria buscar uma arma qualquer, nem que fosse uma faca.

O interior do carro fervia por causa do calor. Danny engoliu em seco. “Farish?”, disse. “Se quiser que eu dirija, me deixe pegar a carteira de motorista. Só vou lá dentro buscar e pronto.”

Farish recostou-se no banco, fechou os olhos e ficou assim por um momento: quieto, com as pálpebras tremendo, como se tentasse impedir um ataque iminente do coração. De repente, ele se ergueu e gritou bem alto: “*Eugene!*”.

“Ei”, Danny disse, gritando para ser ouvido entre os latidos dos cães. “Não precisa chamá-lo, eu mesmo vou buscar, tá bom?”

Estendeu a mão para abrir a porta. “Ei, estou vendo tudo!”, Farish gritou.

“Farish...”

“E vi isso também!” A mão de Farish parou no cano da bota. *Ele escondeu uma faca ali?*, pensou Danny. *Só faltava essa.*

Sem fôlego por causa do calor, sentindo o corpo inteiro dolorido, ficou quieto por um momento, pensando. Qual a melhor atitude para evitar que Farish o agredisse novamente?

“Não posso guiar sentado deste lado”, disse finalmente. “Vou entrar para pegar a carteira, depois trocamos de lugar.”

Atento, Danny observou o irmão. Mas os pensamentos de Farish estavam em algo muito distante. Ele tinha se virado para o banco de trás e deixava que os cachorros o lambessem na cara.

“Esses cães”, disse ameaçador, erguendo o rosto para evitar as lambidas frenéticas, “esses cães significam mais para mim do que qualquer ser humano desta terra. Gosto mais desses cachorros do que de qualquer pessoa que já existiu.”

Danny esperou. Farish beijou e acariciou os cães, balbuciando algo para eles, como se falasse com bebês. Após alguns segundos, Danny abriu a porta, saiu da Trans Am e atravessou o pátio. Danny pensou que o macacão da UPS era medonho, mas uma coisa reconhecia a seu favor: com aquela roupa, era difícil, praticamente impossível, Farish portar uma arma sem ser notado.

A porta do trailer de Gum rangeu e se abriu com um som de geladeira, emborrachado. Eugene botou a cabeça para fora. “Diga a ele que não se

dirija a mim naquele tom de voz.”

No carro a buzina soou, provocando nos cães pastores um novo surto de latidos ferozes. Eugene baixou os óculos e espiou por cima do ombro de Danny. “Se eu fosse você, não deixaria esses animais andarem no carro.”

Farish esticou a cabeça para fora do trailer e gritou: “Volte para dentro de casa agora mesmo!”.

Eugene respirou fundo e esfregou a nuca com a mão. Praticamente sem mover os lábios, disse: “Se ele não acabar em Whitfield outra vez, vai matar alguém. Ele veio atrás de mim hoje de manhã e tentou me incendiar”.

“Como é?”

“Você estava dormindo”, Eugene disse, olhando apreensivo para a Trans Am por cima do ombro de Danny. O que quer que estivesse ocorrendo com Farish no carro incomodava Eugene profundamente. “Ele acendeu o isqueiro e disse que ia queimar o resto do meu rosto. Não entre no carro com ele. Nem com os cães. Impossível saber o que ele vai aprontar.”

Do carro, Farish gritou: “Não me obrigue a ir até aí!”.

“Por favor”, Danny disse, olhando nervoso para a Trans Am, “você toma conta de Curtis? Promete?”

“Por quê? Para onde pretende ir?”, Eugene perguntou, encarando-o intensamente. Depois, virou a cabeça para o outro lado.

“Não”, disse, piscando agitado. “Melhor não, prefiro que não diga uma só palavra a respeito...”

“Vou contar até três”, Farish gritou.

“Promete?”

“Prometo e juro por Deus.”

“Um.”

“Não dê confiança a Gum”, Danny disse, ouvindo a buzina soar novamente. “A única coisa que ela sabe fazer é desestimular a gente.”

“Dois.”

Danny levou a mão ao ombro de Eugene. Olhando rapidamente para a Trans Am (o único movimento perceptível era dos cachorros, rabos batendo no vidro da janela), disse: “Faça um favor para mim. Espere um pouco aqui, e não o deixe entrar”. Ágil, Danny foi para dentro do trailer e tirou do esconderijo, na prateleira atrás da televisão, a pistola calibre vinte-e-dois de Gum, e enfiou-a com o cano para baixo na bota. Gum costumava mantê-la carregada, e ele rezou para que estivesse mesmo, não tinha tempo para lidar com as balas.

Lá fora, passos pesados. Ouviu Eugene dizer, com voz esganiçada, nervoso: “Não erga a mão para mim”.

Danny baixou a perna da calça e abriu a porta. Ia murmurar uma desculpa (“a carteira”), quando Farish o agarrou pelo colarinho. “Não tente fugir de *mim*, moleque.”

E arrastou Danny escada abaixo. A meio caminho do carro, Curtis aproximou-se e agarrou Danny pela cintura. Chorava — ou melhor, tossia e engasgava, sufocando, como sempre ocorria quando ficava tenso. Danny, aos trancos e barrancos, atrás de Farish, conseguiu estender a mão e acariciar a cabeça de Curtis.

“Volte”, disse para o irmão. “Seja bonzinho...” Eugene observava a cena, ansioso, na porta do trailer. Curtis, coitado, chorava muito, agora a plenos pulmões. Danny viu que seu pulso estava manchado de batom cor de laranja, no local onde Curtis esfregara a boca.

A cor era berrante, espalhafatosa; por uma fração de segundo, fez com que Danny parasse e pensasse friamente: *Estou cheio de tudo isso*. Em seguida, Farish abriu a porta do motorista da Trans Am e o empurrou para dentro. “Você dirige”, disse.

A tampa do tanque de água era mais instável do que Harriet se recordava: tábuas cinzentas musgosas com pregos protuberantes em alguns pontos e fendas negras em outros, onde a madeira encolhera ou rachara.

Por toda parte havia excrementos esbranquiçados de pássaros em forma de pingos e ganchos.

Harriet, da escada, examinou a superfície da tampa, na altura de seus olhos. Depois subiu nela, dirigindo-se para a parte central com cautela — sentiu um aperto no peito quando uma tábua estalou e afundou sob o peso de seu pé, como uma tecla de piano ao ser pressionada.

Com mais cuidado ainda, ela deu um passo longo para trás. A tábua subiu guinchando. Tensa, sentindo o coração disparar, ela voltou para a beira da caixa-d'água, onde havia um corrimão e as tábuas eram mais estáveis. Por que o ar era tão estranho e tênue? Por causa da altura? *Mal das alturas*, pilotos e alpinistas sofriam disso, e qualquer que fosse o significado da expressão ela descrevia o enjôo de estômago e os lampejos no canto dos olhos que sentia agora. Os telhados brilhavam ao longe, nebulosos. Do outro lado, via a mata densa onde ela e Hely costumavam brincar, travando suas guerras cotidianas, jogando bombas de barro vermelho um no outro: uma selva, vibrante e viva, um fragmento de Vietnã onde se podia saltar de pára-quedas.

Ela deu duas voltas em torno do tanque. Não viu a porta em lugar nenhum. Já começava a pensar que não havia uma porta, quando a notou: fustigada pelas intempéries, quase totalmente camuflada na superfície, exceto pelos fragmentos do cromado da alça, que não haviam descascado.

Ajoelhada, ela a abriu com um movimento amplo do braço, em semicírculo (dobradiças rangeram, como num filme de terror), e a largou. A porta caiu para o lado com um estrondo que reverberou nas tábuas sob seus pés.

Lá dentro, cheiro ruim e escuridão. Uma nuvem de mosquitos zunia, pairando no ar estagnado. Do teto, através dos furos na madeira, desciam raios de sol fininhos como lápis, e eles se cruzavam no interior, iluminando de dourado a poeira que parecia pólen. Embaixo, a água densa lembrava tinta e a cor era de óleo de motor. No canto, divisou a silhueta de um animal morto flutuando de lado.

Uma escada de metal enferrujada — precária, bamba — descia uns dois metros, parando logo acima da água. Quando os olhos de Harriet se acostumavam com o escuro, ela percebeu excitada que havia algo reluzente pendurado no último degrau: uma espécie de pacote, enrolado em um plástico preto de saco de lixo.

Harriet o tocou com a ponta do pé. Depois, passado um momento de hesitação, dobrou-se sobre o estômago e o apalpou. Havia algo sólido mas mole lá dentro — não era dinheiro, nada com uma forma rígida ou definida, e sim uma coisa que cedia ao toque, como areia.

O pacote estava envolto em várias camadas de fita adesiva grossa. Harriet a puxou com as mãos, tentou rasgá-la, procurou um jeito de enfiar a unha por baixo. Finalmente desistiu e rasgou as camadas de plástico até chegar ao conteúdo do pacote.

Lá dentro encontrou uma substância fria e lisa, um pó qualquer. Harriet tirou a mão rapidamente. Um pó saiu do pacote e espalhou-se sobre a água, onde formou uma película fina. Harriet observou seu brilho no escuro, enquanto caía e se depositava na superfície. Veneno? Explosivos? Ela sabia tudo sobre narcóticos (tinha visto na tevê e nos livros do curso de higiene), mas eram todos vistosos, inconfundíveis: cigarros feitos à mão, seringas hipodérmicas, pílulas coloridas. Talvez aquela fosse uma pista falsa, como em *Dragnet*; talvez a verdadeira carga estivesse em outro lugar e aquilo fosse apenas um pacote bem firme de... do quê?

Dentro do saco rasgado algo reluzia, claro. Com cuidado, Harriet afastou o plástico e viu um conjunto misterioso de saquinhos brancos, como ovos amontoados de um inseto gigantesco. Um deles caiu na água, fazendo *ploft*, e Harriet tirou a mão de dentro, depressa. O saquinho ficou lá, semi-submerso, feito uma água-viva.

Por um momento terrível pensou que os saquinhos estavam vivos. Nos reflexos da água, dançando no interior do tanque, davam a impressão de

pulsar de leve. Mas concluiu que não passavam de saquinhos plásticos transparentes, cheios de um pó branco.

Cautelosamente, Harriet estendeu a mão e tocou um dos saquinhos (a linha azulada do fecho era visível na parte superior), depois o pegou e o ergueu na mão. O pó era branco — como açúcar ou sal —, mas apresentava uma textura diferente, mais crocante e cristalina, e curiosamente não pesava muito. Ela o abriu e cheirou. Nenhum odor, exceto um vago aroma do pó Comet que Ida usava para limpar o banheiro.

Bem, fosse o que fosse, pertencia a ele. Com uma flexão de pulso, jogou o saquinho na água. Ele ficou lá, flutuando. Harriet olhou para o saquinho e, sem pensar muito no que estava fazendo, ou na razão de seu gesto, enfiou a mão no pacote (mais saquinhos, alinhados como ervilhas na vagem) e pegou mais saquinhos, e foi jogando tudo na água suja e escura, aos punhados.

Agora que estavam no carro, Farish se esquecera do que o havia tirado do sério, ou assim parecia. Danny seguia por lavouras de algodão enevoadas pelo calor matinal e pelos pesticidas, olhando nervosamente de quando em quando para Farish, que, recostado em seu banco, cantarolava a canção do rádio. Mal saíram da estradinha de cascalho e entraram no trecho asfaltado, a atitude violenta de Farish mudou, inexplicavelmente, para um estado mais alegre. De olhos fechados, soltou um suspiro longo na direção do ar-condicionado que lançava um vento frio, enquanto percorriam a rodovia rumo ao centro, ouvindo *O show da manhã*, com Betty Brownell e Casey McMasters na WNAT (“Worst Noise Around Town”, O Pior Barulho da Cidade, era o que a sigla significava para Farish). A WNAT era uma das quarenta mais, o que Farish odiava. Mas agora estava gostando, balançava a cabeça, tamborilava com os dedos no joelho, no apoio para o braço, no painel.

Só que ele tamborilava com força excessiva, enervando Danny. Quanto mais Farish envelhecia, mais ele agia como o pai: sorria malicioso antes de dizer algo desagradável, mostrava-se expansivo e cordial demais antes de uma explosão furiosa.

*Rebeliente! Rebeliente!* Certa vez, Danny disse aquela palavra na escola, rebeliente, a favorita de seu pai, e a professora lhe contou que tal palavra nem sequer existia. Mas Danny ainda a ouvia nitidamente, na voz estridente e alucinada do pai, *rebeliente!* E a cinta estalava com força em *rebe*, enquanto Danny olhava para suas próprias mãos sardentas, porosas, cobertas de cicatrizes, com os nós dos dedos brancos por causa da força com que apertava a borda da mesa da cozinha. Danny conhecia bem suas mãos, muito bem; em todos os momentos ruins da vida ele as estudara como se fossem um livro. Serviam como um ingresso para o túnel do tempo: surras, leitos de morte, funerais, fracassos; humilhação no recreio e sentença no julgamento; lembranças mais reais do que aquele volante, aquela rua.

Eles já haviam atingido a periferia da cidade. Passaram pela área sombreada do hospital velho, onde animadoras de torcida, formando um V, pulavam juntas no ar e gritavam: *Ei!* Não usavam uniforme, nem mesmo blusas iguais, e apesar dos movimentos coordenados pareciam maltrapilhas. Braços estendidos lateralmente, punhos cerrados para cima.

Num dia qualquer — outro qualquer — Danny teria estacionado atrás da farmácia velha para espia-las discretamente. No momento, passando devagar pela sombra, via rabos-de-cavalo e coxas morenas ao fundo. De repente, foi surpreendido pela aparição de uma espécie de criatura pequena, corcunda, de preto. Com um megafone na mão, a criatura interrompeu seu passo cambaleante para observá-lo. Era uma espécie de demônio mirim — pouco mais de um metro de altura, com bico e pés cor de laranja e um ar de quem se molhara. Enquanto o carro passava, a figura se virou, num movimento suave, e abriu as asas negras feito um morcego... e Danny teve a sensação sinistra de já ter visto a criatura antes, parte

pássaro-preto, parte anão, parte criança demoníaca; de algum modo (apesar do grau de improbabilidade) ele se lembrava dela de algum lugar. Mais estranho ainda: o ser se lembrava de Danny também. Ao olhar pelo retrovisor, viu a criatura novamente: pequena, negra, de asas abertas, olhando para o carro como um mensageiro do outro mundo.

*Os limites estão mais tênues*, Danny pensou, sentindo um arrepio na nuca. A estrada parecia uma esteira rolante de pesadelo, as sombras verdes o pressionavam dos dois lados, escuras.

Olhou pelo retrovisor mais uma vez. A criatura tinha desaparecido.

Não era por causa das drogas, dormira o bastante para ficar sóbrio. Não, o rio transbordara para além das margens e todo o lixo e sujeira do fundo haviam flutuado até alcançar a luz do dia, como um filme de catástrofe; sonhos, lembranças e medos inconfessáveis desciam a rua. E Danny sentiu mais uma vez que andava pela Natchez Street a caminho de algo que já havia acontecido antes.

Ele esfregou a boca. Precisava ir ao banheiro. As costas e a cabeça doíam por causa da surra que levara de Farish, mas a vontade de urinar era o pior de tudo. E a ressaca das drogas deixara um gosto químico horrível em sua boca.

Olhou furtivamente para Farish. Ainda concentrado na música: balançando a cabeça, tamborilando no apoio para o braço com os nós dos dedos. Mas a pastora alemã, no banco traseiro, olhou para Danny como se soubesse exatamente o que ele tinha em mente.

Ele tentou se animar. Eugene — apesar de todo o fanatismo religioso — tomaria conta de Curtis. Todavia, restava Gum. Bastava pensar em seu nome para desabar sobre ele uma avalanche de culpa. Mas não sentia nada pela avó, por mais que se esforçasse para gostar dela. Às vezes, principalmente quando ouvia Gum tossindo no quarto no meio da noite, tornava-se sentimental e se comovia por causa do que ela havia sofrido — miséria, trabalho extenuante, câncer, úlcera, artrite e outras doenças —,

mas o amor pela avó era um sentimento que só nutria na presença dela, e apenas raramente; nunca à distância.

E que importância tinha isso? Danny precisava tanto urinar que seus olhos pareciam querer sair das órbitas; fechou os olhos com força e os abriu novamente. *Mandarei dinheiro para casa. Assim que eu vender a anfeta e me estabelecer...*

Havia outra saída? Não, não havia outra saída — exceto a que tinha pela frente: até a casa à beira do rio em outro estado. Precisava concentrar a mente naquele futuro, vê-lo claramente, avançar no rumo certo, com firmeza e decisão.

Eles passaram pela frente do Alexandria Hotel, com sua varanda arruinada e janelas podres. Mal-assombrado, diziam as pessoas, o que não chegava a admirar, pois muitas pessoas haviam morrido lá dentro. O lugar irradiava a energia das mortes ancestrais. E Danny lamentava que uma força divina o tivesse atirado ali, naquele fim de mundo maldito, naquela comarca falida que não via dinheiro desde a Guerra da Secessão. Sua primeira condenação nem fora culpa sua, e sim do pai, que ordenara que ele furtasse uma motosserra Stihl caríssima da oficina de um fazendeiro alemão velho e rico, que vigiava armado a fazenda. Era patético, agora, pensar no quanto aguardara sua soltura da prisão, contando os dias que faltavam até sua volta para casa, pois o que não compreendera na época (e tinha sido mais feliz em não saber) era que se o sujeito ia para a cadeia nunca mais saía. Passava a ser tratado com uma pessoa diferente, tendia a reincidir, como ocorria com quem sofria de malária ou de alcoolismo. O único remédio era ir para um lugar onde ninguém conhecia sua família e recomeçar a vida.

As placas da rua repetiam a palavra: *Natchez, Natchez, Natchez*. Associação Comercial: ALEXANDRIA: COMO AS COISAS DEVEM SER! Nada disso, Danny pensou, amargo, *como as coisas realmente são, cacete*.

Ele entrou em alta velocidade no pátio de carga. Farish segurou o painel e olhou para ele surpreso. “O que está fazendo?”

“Indo para onde você me mandou ir”, Danny disse, tentando manter o tom de voz mais neutro possível.

“Mandei, é?”

Danny achou que precisava dizer algo, mas não sabia direito o quê. Teria Farish mencionado a torre? De repente, não tinha mais tanta certeza.

“Você disse que ia me testar”, falou, hesitante, para ver o que acontecia.

Farish deu de ombros e — para surpresa de Danny — recostou-se no banco novamente e olhou pela janela. Passear de carro melhorava seu humor. Danny ainda se lembrava do assobio de Farish quando ele chegou em casa na Trans Am pela primeira vez. Como adorava passear, subir no carro e sair por aí! Nos primeiros meses viajaram por farra até Indiana, só os dois, e em outra oportunidade até o oeste do Texas — sem razão, não havia nada para ver nesses lugares, só tempo bom e placas rodoviárias, enquanto procuravam emissoras de FM com música.

“Tenho uma idéia. Vamos tomar café-da-manhã”, Farish disse.

As intenções de Danny foram abaladas. Estava morrendo de fome. Depois lembrou-se do plano. Tudo decidido, tudo preparado, seria a única saída. Asas negras acenando para ele na esquina, apontando para um futuro que não conseguia divisar.

Ele não deu a volta, continuou em frente. As árvores estavam mais próximas do carro. Afastaram-se tanto da estrada asfaltada que nem seguiam mais pela estrada, e sim por um caminho de cascalho esburacado.

“Preciso achar um lugar para fazer a manobra”, disse, consciente de que a frase soara estúpida ao dizê-la.

Logo parou o carro. Precisaria andar um bocado para chegar à torre (a estrada estava ruim, o mato alto, não queria seguir adiante e correr o risco de atolar). Os cães começaram a latir feito loucos, pulando de um lado para o outro, tentando passar para o banco da frente. Danny virou o corpo, como se pretendesse descer do carro. “Chegamos”, disse, sem nenhum

sentido. Com um movimento rápido, sacou o revólver da bota e o apontou para Farish.

Mas Farish não o viu. Havia se virado no banco, apoiando a barriga imensa na porta. “Desça já daí”, dizia para a cadela chamada Van Zant, “desça, já falei, desça.” Ele ergueu a mão, a cachorra recuou.

“Vai folgar comigo? Bancar a rebeliente?”

Ele nem olhou para Danny ou para a arma. A fim de atrair a sua atenção, Danny teve de pigarrear.

Farish ergueu a mão vermelha e suja. “Espere um pouco”, disse, sem olhar, “espere aí, preciso disciplinar essa cadela. Estou de saco cheio de você (golpe na cabeça), sua cretina, não quero mais saber de valentia para o meu lado.” Ele e a cachorra se olharam. As orelhas dela estavam coladas no crânio e os olhos amarelos brilhavam.

“Vamos lá, morda. Vou lhe dar uma pancada tão forte... espere um pouco”, disse, voltando-se para Danny com o olho ruim. Era frio e azulado como uma ostra, aquele olho. “Vamos lá”, disse à cadela. “Tente. Vai ser a última vez que você...”

Danny puxou o gatilho e atirou na cabeça de Farish. Foi tudo muito rápido e simples: *crec*. A cabeça de Farish pulou para a frente e ele abriu a boca. Com um gesto inesperadamente calmo, estendeu o braço para se apoiar no painel e virou-se para Danny com o olho ruim meio fechado e o bom arregalado. Uma bolha de cuspe misturada com sangue saiu de sua boca. Parecia um peixe, um bagre fígado, *blöp blöp*.

Danny atirou de novo, desta vez na nuca, e — no silêncio que o envolveu e depois se dissolveu em círculos fechados — desceu do carro e bateu a porta. Agora estava feito, não dava para voltar atrás. O sangue espirrara na frente da camisa; ele tocou a face e olhou espantado para a mancha rubra na ponta dos dedos. Farish tombara para a frente, com os braços no painel e a nuca estilhaçada. Mas a boca cheia de sangue ainda se movia. Sable, o menor dos dois cães, apoiara as patas dianteiras no encosto do banco do passageiro e pedalava com as traseiras para subir e

escalar a cabeça do dono. A cadela chamada Van Zant pulou para a frente e abaixou o focinho para dar duas voltas em torno do próprio corpo. Depois deu uma volta para o outro lado e sentou-se no banco do motorista com as orelhas pretas erguidas como as de um demônio. Por um momento ela encarou Danny com olhos de lobo, e logo começou a latir: latidos curtos, estridentes, altos.

O alerta era tão claro como se ela estivesse gritando: “Fogo! Fogo!”. Danny recuou. Os pássaros tinham se espalhado em revoada, como estilhaços, quando o pequeno revólver disparou. Agora estavam de volta, pousados nas árvores e no solo. O sangue tomara conta de seu carro inteiro: pára-brisa, painel, janela do passageiro.

*Eu deveria ter tomado café-da-manhã, pensou, histérico. Quando comi pela última vez, afinal?*

Ao pensar nisso, se deu conta de que, acima de tudo, precisava urinar, estava morrendo de vontade desde o exato instante em que tinha acordado naquela manhã.

Uma sensação de imenso alívio tomou conta de seu corpo, espalhando-se pela corrente sangüínea. *Agora está tudo bem, pensou, enquanto abria o zíper da calça, mas...*

Seu lindo carro, seu carro. Havia pouco era uma beleza, uma preciosidade, agora era cenário de um crime de *True Detective*. Lá dentro, os cães pulavam desesperados. Farish continuava tombado, com a cara no painel. Sua postura dava uma inesperada impressão de normalidade e relaxamento; poderia estar debruçado procurando um chaveiro, não fosse o filete de sangue brilhante escorrendo da cabeça, pingando no chão. O sangue espirrara no pára-brisa, gotas escuras grandes, presas ao vidro como frutinhas num arranjo de floricultura. No banco traseiro, Sable ia de um lado para o outro, batendo o rabo na janela. Van Zant, sentada ao lado do dono, o golpeava seguidamente, com movimentos rápidos: atingia seu queixo com o focinho, recuava, saltava para golpeá-lo novamente, latindo,

sempre latindo, embora fosse uma cadela aqueles latidos transmitiam uma aflição inconfundível, era como se estivesse gritando por socorro.

Danny esfregou o queixo e olhou em volta, preocupado. O ímpeto que o fizera apertar o gatilho se fora, enquanto os problemas tinham se multiplicado até encobrir o sol. Por que diabos atirara em Farish *dentro do carro*? Deveria ter esperado mais dois segundos. Mas não: estava desesperado para acabar com tudo, bancara o idiota apressado, atirando antes da hora, em vez de esperar o momento adequado.

Ele se abaixou, apoiando as mãos nos joelhos. Sentia náuseas e suores frios; o coração disparara, e havia semanas ele não fazia uma refeição decente, só comia porcarias, sorvete e 7-Up; a descarga de adrenalina passara, e com ela a pouca força que lhe restava. O que mais queria na vida era se deitar no chão quente e verde e fechar os olhos.

Fitou o solo como se estivesse hipnotizado, depois sacudiu a cabeça e se ergueu. Uma pequena carreira daria um jeito nele — uma carreira, *meu Deus*, e o pensamento fez com que seus olhos marejassem —, mas saíra de casa sem nada, e a última coisa que pretendia era abrir a porta do carro e revistar Farish, abrindo e fechando os bolsos com zíper daquele macacão UPS imundo, nojento.

Ele seguiu cambaleando até a frente do carro. Van Zant avançou contra ele e seu focinho bateu no pára-brisa com um estalo que o fez recuar assustado.

Tonto pelos latidos insistentes, ele parou e fechou os olhos por um momento, respirando lentamente, tentando acalmar os nervos. Não queria estar naquela situação, mas estava. E precisava começar a raciocinar direito, a dar um passo de cada vez, com todo o cuidado.

Os pássaros assustaram Harriet quando levantaram vôo ruidosamente. De repente, apareceram por todos os lados, tão perto que ela se encolheu e protegeu a cabeça com os braços. Uns quatro ou cinco corvos pousaram

perto dela e se agarraram ao corrimão do tanque. Viraram a cabeça para olhar para ela, depois o corvo mais próximo abriu as asas e decolou. Lá embaixo, longe, ouviu um som parecido com latidos de cachorros muito agitados. Um pouco antes, porém, escutara um ruído diferente, um estampido baixo, ténue na distância ensolarada.

Harriet — pé na escada, pernas no tanque — permaneceu sentada, imóvel, confusa. Seu olhar varria a paisagem e um dos pássaros atraiu sua atenção. Tinha a expressão debochada, como a de um pássaro de desenho animado, e virou a cabeça na direção dela, quase dando a impressão de que iria dizer algo. Mas quando Harriet o encarou outro estampido ecoou e o corvo saiu voando.

Harriet apurou os ouvidos. Com metade do corpo dentro do tanque e metade para fora, segurou-se com uma das mãos e arrepiou-se toda quando a escada rangeu com seu peso. Rapidamente subiu para a cobertura de tábua e engatinhou até a borda para esticar o pescoço e espiar.

Lá embaixo, um pouco longe, perto da mata, onde não conseguia ver direito, estava a Trans Am. Os pássaros começavam a retornar à clareira, pousando um a um nos galhos, no chão e nas moitas. Ao lado do carro estava Danny Ratliff. De costas para ela, tapava os ouvidos com as mãos, como se alguém gritasse com ele.

Harriet abaixou-se — a postura do outro, tensa e violenta, a assustara — e no minuto seguinte entendeu o que havia visto, e se levantou outra vez, devagar.

Isso mesmo: vermelho-vivo. Gotas espalhadas no pára-brisas, tão nítidas e chocantes que podiam ser identificadas de longe. Dentro do carro — por trás da cortina de respingos de sangue — teve a impressão de ver movimentos horríveis: alguém atacava e golpeava, repetidamente. Fosse o que fosse aquela confusão medonha, parecia assustar Danny Ratliff também. Ele recuava com passos duros, robóticos, como os últimos passos de um caubói atingido por um tiro num filme de faroeste.

Uma sensação estranha de indiferença e languidez. Ali onde estava, no alto, tudo parecia distante, irrelevante, accidental. O sol iluminava a cena com intensidade feroz, sua mente foi tomada pela mesma leveza inesperada que, durante uma escalada, lhe dava aquela vontade de se soltar e cair.

*Estou encrencada*, pensou, e *muito*. Embora fosse a pura verdade, tinha dificuldade para sentir o peso da situação.

Ao longe, sob o sol forte, Danny Ratliff parou para pegar algo brilhante na grama, e o coração de Harriet disparou quando ela percebeu, pelo modo como a empunhava, que ele tinha uma arma. No silêncio pavoroso, por um momento imaginou ouvir o som de um trompete — a fanfarrinha de Hely, ao leste, distante — e quando olhou para aquele lado, confusa, teve a impressão de ver um lampejo dourado difuso, como o reflexo do sol no latão polido, ao longe.

Pássaros por todos os lados, explosões negras ruidosas, como estilhaços, como chuva radioativa. Mau sinal: palavras e sonhos e leis e números, enxurradas de informação em sua cabeça, indecifráveis, em espirais aladas. Danny tapou os ouvidos com as mãos: via seu reflexo enviesado no pára-brisa ensangüentado, uma galáxia congelada no vidro, nuvens em movimento num filme fluido em sua mente. Estava enjoado e exausto; precisava de um bom banho e de uma refeição decente; precisava estar em casa, na cama. Não precisava dessa merda toda. *Matei meu irmão*, e por quê? *Porque eu precisava tanto mijar que não conseguia raciocinar direito*. Farish riria disso. Ele gargalhava quando lia histórias escabrosas no jornal: o bêbado que escorregara quando urinava no alto da passarela e caíra na pista; o cretino que ao acordar com um telefone tocando a seu lado na cama tinha estendido a mão, pegado o revólver e dado um tiro na cabeça por engano.

A arma estava no mato ralo, aos pés de Danny, onde a largara. Tenso, abaixou-se para apanhá-la. Sable farejava o rosto e o pescoço de Farish, fazendo movimentos circulares que preocuparam Danny, enquanto Van Zant acompanhava atentamente seus movimentos com olhos amarelos ácidos. Quando ele se aproximou do carro, a cadela recuou e latiu com mais energia. Abra a porta e vai ver só, parecia dizer. Abra a porra da porta. Danny pensou no treinamento no quintal, quando Farish enrolava pedaços de carpete e sacos de estopa no braço antes de gritar *Atacar! Atacar!*. Os pedacinhos de algodão voavam pelo quintal inteiro.

Seus joelhos tremiam. Enxugou a boca e tentou se recompor. Em seguida, ergueu o braço e mirou no olho amarelo de Van Zant. Puxou o gatilho. O tiro deixou um buraco do tamanho de uma moeda na janela. Rilhando os dentes para suportar os ganidos e latidos que vinham do interior do carro, Danny se debruçou sobre o vidro, enfiou o cano do revólver na abertura e atirou de novo na cadela. Depois virou a arma e disparou com cuidado, atingindo o outro cachorro em cheio. Finalmente, ergueu o braço e jogou o revólver o mais longe que conseguiu.

Ofegava na manhã abafada, como se tivesse corrido dois quilômetros. Os uivos vindos do carro eram o pior barulho que já ouvira na vida: agudo, espectral, como o som de uma máquina quebrada, soluços metálicos que prosseguiram sem dar mostras de cansaço, um barulho que doía na cabeça de Danny, se não parasse teria de enfiar um graveto na orelha e...

E não parou; após uma pausa que lhe pareceu ridiculamente longa, ali parado de costas, Danny foi até onde jogara a arma, ainda ouvindo os uivos lancinantes dos cachorros. Contrariado, ficou de joelhos para procurar o revólver no mato ralo, abrindo os tufo de vegetação com os dedos, sentindo as costas tensas por causa dos uivos desesperados.

Mas o revólver estava descarregado, não restavam balas. Danny limpou a arma na camisa e a jogou mais longe ainda, no meio do mato. Estava a ponto de voltar até o carro, contra a vontade, quando o silêncio caiu sobre

ele em ondas esmagadoras — cada onda com crista e queda, como os gritos que o tinham precedido.

*Ela estaria servindo o nosso café*, pensou, limpando a boca, *se eu tivesse seguido para a White Kitchen em vez de pegar essa estrada*. A garçonete que se chamava Tracey, a magrela de brinco vistoso e bunda chata, sempre trazia café sem perguntar nada. Ele imaginou Farish instalado na cadeira, com a barriga enorme à frente, fazendo o discurso de sempre sobre seus ovos (não gosto de *beber* os ovos, mas diga à cozinheira para não deixá-los duros demais), e Danny, do outro lado da mesa, olhando para o cabelo preto e emaranhado do irmão, feito alga marinha, enquanto pensava: *Você não imagina o quanto cheguei perto*.

Tudo aquilo desapareceu e ele se viu olhando para uma garrafa quebrada no meio do mato. Abriu e fechou uma das mãos, depois a outra. As palmas estavam pegajosas e frias. *Preciso ir embora daqui*, pensou em pânico.

Mas continuou parado, como se o fusível que controlava a ligação entre corpo e mente tivesse queimado. Agora, como a janela do carro tinha um buraco e os cães haviam se calado, ele ouvia a música tocando bem baixinho no rádio. As pessoas que cantavam aquelas besteiras (sobre poeira de estrelas nos cabelos) por acaso paravam um minuto para pensar que alguém poderia estar escutando aquilo numa estradinha de terra, ao lado de um ramal ferroviário abandonado, com um cadáver bem na sua frente? Que nada! Gente daquele naipe só circulava em Los Angeles e Hollywood de roupa branca com lantejoulas, óculos com uma parte escura em cima e outra clara embaixo, tomando champanhe e cheirando coca em bandejas de prata. Nunca imaginavam — dentro do estúdio, ao lado do piano de cauda, com lenços vistosos e coquetéis refinados — que um pobre coitado estaria todo enrolado numa estradinha de terra no Mississippi, com sérios problemas, enquanto o rádio vomitava: *No dia em que você nasceu os anjos se reuniram...*

Gente daquele tipo nunca precisava tomar uma decisão difícil, pensou, olhando para o carro sujo de sangue. Nunca precisava fazer merda nenhuma. Tudo já vinha servido a elas, como se a vida fosse um restaurante.

Deu um passo na direção do carro, um passo. Seus joelhos tremiam; o som de seus pés no cascalho o atormentava. *Preciso sair logo daqui!*, disse a si mesmo, num ataque histérico alucinado, olhando em volta (para a esquerda, para a direita, para o céu), estendendo uma mão para se apoiar, caso caísse. *Preciso tocar a bola para a frente!* Estava na cara o que deveria fazer; a questão era como, pois não havia como escapar do fato de que preferia pegar um serrote e cortar o braço fora a tocar no cadáver do irmão.

No painel — repousada naturalmente — viu a mão do irmão, enorme, vermelha, com os dedos manchados de tabaco e o anel cor-de-rosa grande em forma de dado. Danny o olhava fixamente, tentando refletir sobre a situação. Precisava de uma carreira para concentrar a mente e colocar o coração para funcionar. No alto da torre da caixa-d'água havia muita droga, muita mesmo. E quanto mais ele ficasse por ali, mais a Trans Am permaneceria no meio do mato com um sujeito morto e dois cães pastores sangrando nos bancos.

Harriet, agarrada ao corrimão com as duas mãos, permaneceu deitada de bruços, apavorada demais para respirar. Como os pés estavam acima da cabeça, todo o sangue descera para o rosto e latejava nas têmporas. Os gritos vindos do carro haviam cessado, os uivos dos animais que pareciam que não iam parar nunca tinham dado lugar a um silêncio prolongado e dilacerado pelos sons terríveis.

Danny Ratliff continuava parado lá, de longe muito pequeno e plácido. Tudo calmo como numa fotografia. Cada lâmina de grama, cada folha das árvores pareciam penteadas e lambuzadas de gel para se manter no lugar.

Os cotovelos de Harriet doíam. Ela mudou de posição, de leve. Não sabia bem o que testemunhara, estava muito longe, mas quanto aos tiros e uivos não restava dúvida, escutara-os claramente, os ecos dos uivos ainda permaneciam em sua mente: agudos, lancinantes, intoleráveis. Os movimentos dentro do carro tinham acabado; as vítimas (formas escuras, mais de uma, pelo jeito) estavam imóveis.

De repente, ele se virou; o coração de Harriet se contraiu em um desespero doloroso. Ela rezou, *Deus do céu, não permita que ele venha até aqui...*

Mas ele caminhava na direção da mata. Rapidamente — após um olhar por cima do ombro — ele se abaixou na clareira. Um trecho de pele esbranquiçada que contrastava com o bronzeado escuro dos braços surgiu na fresta entre a camiseta e a cintura da calça. Ele abriu o revólver e o examinou; levantou-se e limpou-o na camiseta. Depois o atirou bem longe, e a sombra da arma voou sobre o mato ralo.

Harriet — espiando por cima do braço — lutou contra o impulso forte de desviar a vista. Embora desesperada para saber o que ele estava fazendo, sentia dificuldade para manter o olhar fixo no mesmo ponto luminoso distante; e precisava balançar a cabeça para combater a sensação de entorpecimento que toldava sua visão, como a escuridão que tomava conta dos números escritos a giz no quadro-negro da escola, quando os olhava fixamente por algum tempo.

Após algum tempo ele saiu do mato e retornou ao carro. E lá ficou, com as costas suadas e musculosas viradas para ela, a cabeça um tanto baixa e os braços estendidos ao longo do corpo, duros. Sua sombra se estendia à frente, longa, sobre o cascalho, como uma prancha negra apontando para as duas horas. Era reconfortante olhar para a sombra naquela claridade toda, calma e fresca. Mas ela escorregou e desapareceu quando Danny começou a andar na direção da caixa-d'água.

O estômago de Harriet se contraiu. No instante seguinte ela se recompôs, pegou o revólver e começou a desembrulhá-lo com dedos

trêmulos. De repente um revólver velho que ela nem sabia usar (nem certeza de que o carregara corretamente ela tinha) lhe pareceu uma proteção muito pequena contra Danny Ratliff, principalmente num lugar tão precário.

Harriet olhou em torno, avaliando o local. Onde se posicionar? Aqui ou do outro lado? Um pouco mais abaixo, talvez? Então ela ouviu um ruído metálico na escada.

Freneticamente, Harriet olhou em torno. Nunca disparara uma arma na vida. Mesmo que o acertasse não o abateria imediatamente, e o teto podre da caixa-d'água não serviria de apoio para uma retirada.

*Clang... clang... clang...*

Harriet — sentindo no corpo, por um momento, a perspectiva apavorante de ser agarrada e atirada longe — levantou-se e, quando estava a ponto de se atirar, com arma e tudo, pelo alçapão aberto e cair na água, algo a impediu. Agitando os braços, recuou e recuperou o equilíbrio. O tanque era uma armadilha. Seria péssimo enfrentá-lo ali, sob o sol, mas lá dentro seria ainda pior, não teria a mínima chance.

*Clang... clang...*

A arma era pesada e fria. Segurando-a desajeitadamente, Harriet arrastou-se de lado pelo teto, depois virou-se de bruços e empunhou a arma com as duas mãos, avançando alguns centímetros, apoiada nos cotovelos, sem chegar a pôr a cabeça para fora do tanque. A área visível diminuiu e escureceu, reduzida a uma faixa estreita como a da viseira do elmo de um cavaleiro andante. Harriet espiou pela fresta com surpreendente distanciamento, tudo irreal e remoto, exceto pelo desespero ansioso que a incentivava a detonar sua vida como um rojão, numa única explosão bem na cara de Danny Ratliff.

*Clang... clang...*

Ela avançou mais um pouquinho empunhando a arma, as mãos tremiam, e assim conseguiu uma visão lateral. Virando-se mais um pouco, viu a ponta da cabeça dele, uns cinco metros abaixo.

*Não olhe para cima*, Harriet pensou, angustiada. Apoiada nos cotovelos, esticou o braço com a arma e a levantou até a altura do nariz, e depois, mirando o melhor que pôde, para acertar o alvo, fechou os olhos e apertou o gatilho.

*Bang*. O revólver a atingiu em cheio no nariz com um baque surdo. Ela gritou e rolou o corpo, ficando de costas para segurar o nariz com as duas mãos. Uma chuva de fagulhas alaranjadas iluminou a escuridão das pálpebras cerradas. Em algum lugar no fundo de sua mente ecoou o ruído do revólver batendo no piso, depois atingindo os degraus da escada com uma série de sons ocos parecidos com o barulho que alguém faz quando passa um pau nas barras de metal de uma jaula no zoológico. Mas a dor no nariz era tão forte que não deixava espaço para ela pensar em mais nada. O sangue escorria por entre os dedos, quente e pegajoso; encharcara as mãos, entrara pela boca, fazendo com que sentisse seu gosto. Quando examinou os dedos vermelhos, não conseguiu se lembrar exatamente de onde estava nem do que tinha ido fazer lá.

A detonação assustou Danny e ele quase caiu lá de cima. Um ruído metálico no degrau superior antecedeu a pancada forte que levou no topo da cabeça.

Por um momento achou que estivesse caindo, não sabia onde se agarrar, mas logo, aliviado como quem acorda de um pesadelo, viu que ainda segurava firme na escada, com as duas mãos. Sua cabeça latejava de dor em ondas sucessivas como as badaladas de um relógio, ondas lentas, que tardavam a se dissolver no ar.

Sentiu que algo passava por ele; teve a impressão de ouvir o barulho do objeto ao bater no chão. Tocou o couro cabeludo e sentiu um galo. Virou-se o quanto pôde e olhou para baixo, tentando identificar o objeto que o atingira. O sol batia direto em seu rosto e as únicas coisas que conseguia

ver no solo eram a sombra alongada do tanque, sua própria sombra e a sombra da escada, que parecia um espantalho comprido.

Na clareira, os vidros da Trans Am pareciam espelhos, não dava para ver nada lá dentro, sob o sol forte. Farish teria colocado armadilhas na torre? Danny achava que não, mas acabara de se dar conta de que não podia ter certeza.

Bem, lá estava ele. Subiu mais um degrau e parou. Pensou em descer para procurar o objeto que o atingira, mas concluiu que seria pura perda de tempo. O que fizera lá embaixo, antes, estava feito: o que tinha a fazer no momento era subir, concentrar-se em chegar ao alto. Não pretendia voar pelos ares, *mas se eu voar*, pensou desesperado, olhando para a merda do carro, *foda-se*.

Harriet recuperou a plena consciência e a noção do corpo, que percebeu estar deitado de lado; foi como retornar a uma janela da qual a pessoa se afastou, mas para um vidro diferente. Havia sangue em suas mãos. Por um momento, olhou para o sangue sem saber o que era.

Ao se lembrar, sentou-se imediatamente. Ele estava a caminho. Não podia perder um instante. Ainda tonta, levantou-se. De repente uma mão veio por trás e agarrou seu tornozelo. Ela gritou, chutou e — inesperadamente — conseguiu se soltar. Correu para a porta do alçapão, bem no momento em que o rosto machucado e a camisa ensangüentada de Danny Ratliff surgiam no topo da escada, como um nadador saindo da piscina.

Era assustador, fedorento e enorme. Harriet engasgou e quase chorou de pavor enquanto descia para a água. A sombra dele surgiu no alçapão, bloqueando o sol. *Clang*: botas medonhas de motociclista pisaram no primeiro degrau, lá no alto. E ele desceu atrás delas: *clang clang clang clang*.

Harriet virou o corpo e pulou da escada. Seus pés bateram na água primeiro. Ela mergulhou na água fria e escura até chegar ao fundo. Engasgada, cuspiendo água suja, moveu os braços e subiu com uma braçada de peito magistral.

Assim que chegou à superfície uma mão forte agarrou seu pulso com força e a puxou para fora da água. Ele estava mergulhado até a altura do peito, segurando a escada com uma das mãos, debruçado para pegar o braço dela, e os olhos prateados brilhavam claros e poderosos no rosto queimado de sol quando se fixaram nela.

Agitando os braços, torcendo o corpo, chutando e lutando o quanto podia, com uma força que ignorava possuir, Harriet tentou se desvencilhar, mas apesar de agitar a água não conseguiu. Ele a ergueu — suas roupas encharcadas pesavam — e Harriet sentiu o tremor dos músculos em consequência do esforço. Ela jogou água aos montes na cara dele.

“Quem é você?”, ele gritou. O lábio estava partido, o rosto ensebado e a barba por fazer. “O que quer comigo?”

Harriet soluçou. A dor no ombro era insuportável. No braço dele havia uma tatuagem azul: um polvo desfocado e algo escrito em letras góticas, ilegível.

“O que veio fazer aqui? Fale logo!” Ele sacudiu Harriet pelo braço até que um grito involuntário saiu de sua garganta e ela mexeu os pés desesperada, na água, tentando se apoiar em algo. Com um gesto rápido ele prendeu as pernas dela entre os joelhos e — com um gritinho feminino — agarrou-a pelos cabelos. Imediatamente enfiou o rosto dela na água suja e o levantou, pingando. Tremia inteiro.

“Agora você vai me responder, sua vaca.”

A bem da verdade, Danny tremia tanto de choque quanto de raiva. Agira tão depressa que não sobrara tempo para pensar; embora a menina

estivesse sob seu domínio, ele mal podia acreditar.

O nariz dela sangrava, o rosto — ondulado na luz aquosa — estava sujo de terra e ferrugem. Desaforada, ela o encarava, eriçada como um gato de rua.

“Acho bom começar a explicar tudo”, ele gritou. “Agora mesmo!” Sua voz ecoava e ricocheteava nas paredes do tanque. Raios de sol entravam pelas fendas da cobertura apodrecida, iluminando e faiscando as paredes claustrofóbicas com uma luz doentia e remota semelhante à que entra num túnel de mina ou poço abandonado.

Na penumbra o rosto da menina flutuava acima da água como uma lua branca. Ele escutou a respiração rápida e curta da menina.

“*Responda*”, disse, “que diabos veio fazer aqui?”, e a sacudiu de novo o máximo que conseguiu, debruçando-se sobre a água, segurando com força a escada com a outra mão, e a balançou pelo pescoço até fazê-la gritar; por mais cansado e apavorado que estivesse, uma onda de raiva o percorreu e ele rugiu acima dos gritos dela, tão ferozmente que o rosto da menina imobilizou-se e seus gritos morreram na garganta.

A cabeça de Danny doía. *Raciocine*, ordenou a si mesmo. *Pense*. Ele a tinha sob controle, mas o que devia fazer com ela? Estava numa posição delicada. Danny sempre tentou se convencer de que poderia nadar cachorrinho, se fosse preciso, mas agora (dentro d’água até o peito, agarrado a uma escada lisa) não tinha tanta certeza. Seria difícil nadar? As vacas nadavam, até os gatos nadavam, por que não ele?

Percebeu que a menina, habilidosamente, tentava se desvencilhar. Ele a agarrou com força, enterrando os dedos na carne do pescoço dela até fazê-la gritar.

“Vamos lá, panaca”, disse. “Se falar logo e me contar quem você é, talvez eu não te afogue.”

Era mentira e souou como mentira. Pela expressão séria dela, ele concluiu que ela percebera isso. Sentia-se mal, não passava de uma criança, mas não restava outra alternativa.

“Vou deixar você ir embora”, disse, tentando soar mais convincente.

Para sua decepção, a menina estufou as bochechas e se distanciou ainda mais. Ele a puxou para a luz, para vê-la melhor, e um raio de sol bateu em sua testa molhada. Ela parecia gelada, apesar do calor; quase dava para ouvir os dentes batendo.

Ele a sacudiu de novo, tão forte que seu ombro doeu — e apesar das lágrimas que escorriam pelo rosto dela seus lábios permaneciam fechados, apertados, sem emitir som algum. De repente, com o canto do olho, Danny viu coisinhas claras flutuando na água. Bolhas brancas, duas ou três, semi-submersas, balançando na água perto de seu peito.

Ele recuou — ovos de sapo? — e no momento seguinte gritou: um grito que o surpreendeu, pois veio queimando lá do fundo de suas entranhas.

“Meu Deus do céu!” Ele olhava para as bolas, incapaz de acreditar no que via, e depois ergueu a cabeça e divisou, no alto da escada, os restos do plástico preto, tiras penduradas no degrau. Era um pesadelo, não podia ser real: as drogas molhadas, estragadas. Sua fortuna, perdida. Farish morto à toa. Seria homicídio qualificado se o pegassem, caramba.

“Você fez isso? Foi você?”

Os lábios da menina se moveram.

Danny viu um pedaço de plástico preto flutuando na água, e um uivo saiu de sua garganta, como se sua mão estivesse em chamas. “O que é isso? O que é isso?”, gritou, forçando a cabeça dela para dentro d’água.

As primeiras palavras dela foram uma estranha resposta: “Um saco de lixo”.

“O que você fez com ele, hem?” A mão apertou a nuca de Harriet. Com um gesto brusco, Danny afundou a cabeça dela na água.

Harriet mal teve tempo de respirar, de puxar o ar com força, apavorada, os olhos fixos na água escura, antes que ele afundasse sua cabeça. Surgiram bolhas brancas na frente de seu rosto. Silenciosamente, ela

lutou, no meio da fosforescência, dos tiros de revólver e dos ecos. Mentalmente, viu uma mala trancada batendo na margem do rio, *tump tump, tump tump*, arrastada pela correnteza, batendo com as beiradas nas pedras cheias de limo, e o coração de Harriet era uma tecla de piano pressionada, a mesma nota ecoava com desespero urgente, enquanto uma visão parecida com fogos de artifício explodiu nas pálpebras cerradas, a mão branca de Lúcifer a puxá-la para a escuridão...

A dor penetrou no couro cabeludo de Harriet quando ele a levantou, puxando-a pelo cabelo. O acesso de tosse a ensurdeceu. Os estrondos do eco a atordoaram; ele gritava palavras que ela não compreendia, com seu rosto vermelho, inchado de raiva, apavorante. Vomitando, engasgando, ela batia na água com os braços e procurava algo em que se apoiar, e quando seu dedo do pé tocou a parede do tanque ela respirou fundo. Foi um alívio divino, indescritível (naipe de cordas, harmonia das esferas); ela respirou até que ele gritou e afundou sua cabeça na água outra vez, silenciando tudo.

Danny rilhou os dentes e manteve a pressão. A dor percorria seus ombros, o arranhar e bater da escada lhe causara suores abundantes. Sob o peso de sua mão a cabeça dela parecia leve e instável, um balão que poderia escorregar a qualquer momento. A movimentação do corpo dela lhe dava náuseas. Por mais que tentasse se firmar ou encontrar uma posição mais adequada, não conseguia ficar confortável; pendurado na escada, sem ter nada de sólido sob os pés, mexia as pernas sem parar, na água, tentando pisar num degrau que não estava lá. Quanto tempo a gente levava para afogar alguém? Era um serviço complicado, duplamente complicado se for feito com apenas uma das mãos.

Um mosquito zumbia furiosamente em torno de seu ouvido. Danny balançava a cabeça de um lado para o outro, tentando fugir dele, mas o maldito parecia perceber que suas mãos não estavam livres para esmagá-lo.

Mosquitos por todos os lados. *Por todos os lados*. Eles finalmente o tinham encontrado e percebiam que ele não podia se mexer muito. Alucinados, furiosos, picavam seu queixo, seu pescoço e seus braços trêmulos.

*Vamos logo, vamos acabar com isso de uma vez*, pensou. Estava segurando a cabeça dela dentro d'água com a mão direita, mais forte. Mas os olhos se mantinham fixos na mão esquerda, que segurava a escada. Perdera a sensibilidade nessa mão e o único meio de ter certeza de que continuava presa ao degrau era olhar seus dedos em volta da barra de ferro. Ademais, a água lhe dava medo, temia desmaiar se olhasse muito para ela. Uma criança que se afoga consegue levar junto um adulto — até um nadador experiente ou um salva-vidas. Ouvira cada história...

De repente ele se deu conta de que a menina não se debatia mais. Por um momento, Danny ficou atento, esperando. Sentia a cabeça imóvel, macia sob sua palma. Afrouxou o aperto, mas só um pouquinho. Depois, com esforço (preferia não ver), virou-se para olhar e viu, aliviado, o corpo inerte boiando na água esverdeada.

Cauteloso, reduziu a pressão. Ela não se mexeu. Alfinetes e agulhas choviam sob a forma de picadas em seus braços doloridos e ele girou o corpo para se apoiar com mais firmeza na escada e espantar os mosquitos que enxameavam em torno de seu rosto. Ele a observou por mais algum tempo: indiretamente, com o canto do olho, como se olhasse um acidente na estrada.

De repente, seus braços começaram a tremer tanto que mal conseguiu se segurar na escada. Limpou o suor da face com o antebraço e cuspiu um líquido azedo. Depois, tremendo inteiro, agarrou o degrau de cima e se ergueu, fazendo com que a estrutura enferrujada guinchasse sob seus pés. Por mais cansado que estivesse, por mais que quisesse se afastar da água, obrigou-se a virar e a dar uma última espiada, bem demorada, no corpo dela. Depois tocou o corpo com a ponta do pé e a observou flutuar para longe, inerte como um tronco, e sumir nas sombras.

O medo abandonou Harriet. Uma sensação estranha tomou conta de sua mente. As amarras se soltaram, os cadeados se abriram, a gravidade deixou de atuar: ela flutuou para o alto, suspensa na noite sem brisa, com os braços abertos, sem peso feito um astronauta. A escuridão tremulava nas ondas provocadas por ela, em círculos interligados, expandindo-se como anéis feitos por pingos de chuva na água.

Estranhamento e esplendor. Os ouvidos zumbiam; quase podia sentir o sol bater em suas costas, enquanto se erguia acima das planícies cinzentas e dos amplos descampados. *Agora eu sei como é morrer.* Se abrisse os olhos veria sua própria sombra (braços estendidos como um anjo de Natal) reluzindo azulada no fundo da piscina.

A água batia no corpo de Harriet, e as marolas iam e vinham no ritmo da respiração, aconchegantes. Era como se a água — fora de seu corpo — respirasse por ela. A própria respiração era uma canção esquecida: uma música entoada pelos anjos. Inspirar: um acorde. Expirar: exaltação, triunfo, coros do paraíso perdido. Ela estava prendendo a respiração havia muito tempo; podia agüentar só mais um pouquinho.

Um pouco mais. Só mais um pouco. De repente, um pé empurrou o ombro de Harriet e ela começou a girar rumo ao canto escuro do tanque. Leve chuva de fagulhas. Flutuou para a parte gelada. Estrelinha, estrelinha brilhante, luzes ao longe, cidades inteiras piscando na atmosfera escura. Uma dor lancinante queimava seus pulmões, cada vez mais forte. *Um pouquinho mais,* disse a si mesma, *só mais um pouquinho, preciso agüentar o máximo possível...*

Sua cabeça bateu na parede oposta da caixa d'água. A força do impacto a fez voltar com força, a cabeça virou apenas o suficiente para lhe permitir respirar de leve, por um segundo, antes de afundar na água outra vez.

Escuridão novamente. *Sua* escuridão, se isso for possível, sugando a última réstia de luz de seus olhos. Harriet seguiu boiando na superfície,

enquanto as roupas se espalhavam em volta do corpo.

Ela estava no canto escuro do tanque, perto da parede. As sombras e o movimento da água, supôs, tinham camuflado sua respiração (apenas um pouquinho de ar, quase sem se mexer), não o suficiente para eliminar a dor terrível no peito, todavia permitiu que agüentasse um pouco mais.

E um pouco mais. Tudo não passava de uma brincadeira, e ela era ótima nisso. Até parecia que o cronômetro tiquetaqueava ali perto. *Os pássaros cantam, os peixes nadam e eu faço isso.* Sua cabeça e braços formigavam, como se uma chuva gelada caísse sobre eles. *O concreto quente e a água sanitária cheiram mal, bolas coloridas e crianças bóiam, vou pegar a fila para ganhar uma barra de Snickers ou quem sabe um picolé...*

Um pouco mais. Um pouco mais. Seu fôlego acabou, os pulmões queriam explodir de dor. Ela se tornou uma lua branca flutuando miúda sobre desertos incólumes.

Danny, agarrado à escada, respirava fundo. O esforço para afogar a menina o tinha feito esquecer temporariamente as drogas, mas logo o peso da situação desabou sobre ele. Queria arranhar a cara, uivar alucinado. Como ele ia sair da cidade num carro sujo de sangue e sem dinheiro, cacete? Ele contava com a metanfetamina, ia vendê-la nos bares e esquinas se fosse preciso. Teria uns quarenta dólares no bolso (pensara na viagem: não poderia pagar o frentista da Texaco com metanfetamina), e também podia contar com o Melhor Amigo de Farish, a carteira cheia de dinheiro que Farish sempre levava no bolso. Farish adorava sacá-la e exibir o dinheiro no bilhar ou na mesa de pôquer, mas Danny não sabia quanto dinheiro ela continha. Se desse sorte — muita sorte — chegaria a mil dólares.

Havia as jóias de Farish (a Cruz de Ferro não valia nada, mas os anéis sim), além da carteira. Danny passou a mão no rosto. Isso o manteria por

uns dois meses, depois...

Talvez conseguisse uma identidade falsa. Ou um emprego, quando precisasse, coisa temporária, como colher laranja ou tabaco. Porém, seria um resultado medíocre, um futuro medíocre, em comparação com a fortuna que imaginara para si.

Quando encontrassem o cadáver, procurariam por ele. A arma estava no meio do mato, sem digitais, limpa, no estilo da máfia. O mais sábio seria jogá-la no rio, mas como perdera as drogas a pistola era um de seus últimos bens. Quanto mais pensava nas opções, menos saídas via. E o pouco que via não o agradava.

Olhou para a forma boiando na água. Por que ela tinha destruído as drogas? *Por quê?* A menina mexera com suas superstições, era um espectro, dava azar, mas agora que estava morta pensava que ela podia ser uma espécie de amuleto também. Pelo que sabia, cometera um erro terrível — o maior de sua vida — ao matá-la. *Mesmo assim me ajude*, disse mentalmente ao corpo flutuante, sem terminar a sentença. Desde o primeiro momento, na porta do salão de bilhar, ele fora enfeitiçado por ela, apanhado numa teia incompreensível; o mistério ainda o intrigava. Se estivessem no seco teria arrancado as respostas à força, mas agora era tarde demais.

Ele pescou um dos pacotes de anfeta da água suja. Estava melado, formando uma massa, mas talvez — se a esquentasse — fosse possível cheirar um pouco. Procurou e recolheu cerca de meia dúzia de saquinhos flutuantes. Nunca tomara drogas na veia, mas nada o impedia de começar.

Após a última olhada, ele começou a subir a escada. Os degraus — comidos pela ferrugem — rangiam e chiavam com seu peso; sentia que a estrutura bambeava, instável. Assustado, sentiu alívio ao emergir finalmente e trocar o ambiente fechado e escuro pela claridade e pelo calor. Ficou de pé sobre as pernas trêmulas. Seu corpo inteiro doía, os músculos o incomodavam como se tivesse levado uma surra — e fora exatamente isso que acontecera, na verdade. Uma tempestade se

aproximava, vinda do rio. A leste, o céu estava azul e límpido, ensolarado, mas a oeste tornara-se grafite e as nuvens de chuva avançavam depressa, passando por cima do rio. Manchas de sombra percorriam os telhados baixos da cidade.

Danny espreguiçou-se e esfregou as costas. Estava encharcado, pingando; longos filetes de limo tinham grudado em seu braço, mas apesar de tudo seu estado de espírito havia melhorado muito depois de sair do tanque escuro e molhado. O ar estava úmido, mas soprava uma brisa leve e ele conseguia respirar normalmente. Avançou pelo alto do tanque, na direção da borda, e seus joelhos bambearam de alívio quando viu o carro ao longe, intocado. Apenas as marcas dos pneus tinham sumido atrás do mato alto.

Satisfeito, sem pensar em nada, avançou na direção da escada externa. Mas antes de se dar conta do que ocorrera perdeu o equilíbrio e, *crac*, seu pé afundou ao pisar numa tábuia podre. De repente, o mundo enviesou: céu azul e tábuas cinza em diagonal. Desesperado, agitou os braços por um momento, tentando recuperar o equilíbrio, sem êxito. A resposta foi um estalo — *crac* — e a sensação de afundar até a cintura nas tábuas.

Harriet — flutuando com o rosto dentro d'água — sofreu um espasmo que provocou tremores. Tentava, dissimuladamente, virar um pouco a cabeça e respirar outra vez, de leve, pelo nariz, mas não foi bem-sucedida. Seus pulmões não suportavam mais tanto esforço; agitaram-se incontrolavelmente, ávidos por ar ou, na falta dele, água. Assim que a boca se abriu por conta própria, ela tirou a cabeça da água com um movimento brusco e respirou profundamente.

Distraiu-se tanto com o imenso alívio, que quase afundou. Atrapalhada, apoiou uma das mãos na parede lisa e sorveu o ar com avidez: ar, ar, ar puro fluindo pelo corpo como o som de uma canção. Ela não sabia onde Danny Ratliff estava; ignorava se ele a observava, e pouco se importava.

Respirar era só o que ela queria no momento; e se fosse seu último suspiro, tudo bem.

No alto, um estalo ruidoso. Embora tivesse pensado imediatamente no revólver, Harriet não fez nenhuma tentativa de se esconder. *Ele que atire*, pensou, inspirando com força, olhos marejados de gratidão; qualquer coisa seria melhor do que morrer afogada.

De repente um raio de sol brilhou, verde, aveludado, na água escura, e Harriet olhou para cima bem a tempo de ver um par de pernas balançando no buraco aberto no teto.

A tábua cedeu.

\* \* \*

Enquanto a água se aproximava dele, Danny sentia náuseas de tanto medo. O alerta do pai, perdido nas profundezas da memória, voltou naquele instante de confusão: prender a respiração e ficar de boca fechada. Então o baque na água estourou em seus ouvidos e ele soltou um grito silencioso, abrindo os olhos horrorizado na escuridão esverdeada.

Danny afundou. Em seguida — milagrosamente — seu pé tocou o fundo. Danny saltou, mexendo os braços, contorcendo-se, escalando a água, até chegar à superfície como um torpedo. No momento em que ficou para fora, teve tempo apenas para inspirar com força, e afundou novamente.

Silêncio e trevas. A superfície da água, pelo jeito, estava apenas trinta centímetros acima de sua cabeça, a brilhar esverdeada, e ele apoiou o pé no fundo para saltar outra vez — o verde ficou mais claro conforme subia — e voltou à luz com estardalhaço. Era melhor quando mantinha os braços ao longo do corpo, sem movê-los como os nadadores faziam.

Entre os pulos, enquanto respirava, ele se orientou. O tanque fora iluminado pelo sol. A luz entrava pelo buraco aberto no teto; as paredes

verdes limosas assustavam, lúgubres. Após dois ou três saltos localizou a escada, à esquerda.

Conseguiria chegar lá?, pensou, enquanto a água cobria sua cabeça. Se pulasse naquela direção, por que não? O único jeito era tentar, não via outra saída.

Subiu à superfície. Então, terrivelmente chocado, tão surpreso que respirou na hora errada, ele viu a menina. Ela agarrava o degrau inferior da escada com as duas mãos.

Estaria vendo coisas?, pensou enquanto afundava, engasgando, vendo bolhas subirem na frente de seus olhos. O rosto o confundira, por um momento macabro não era a menina que via, e sim a velha senhora: *E. Cleve*.

Engasgado, tossindo, saiu da água de novo. Nenhuma dúvida a esse respeito, era mesmo a menina e continuava viva: meio afogada, toda ensopada, olhos pretos no rosto branco enfermo. A imagem permaneceu nas pálpebras de Danny enquanto ele mergulhava na água escura.

Ele saltou para cima, numa explosão. A menina tentava subir, agarrando no degrau, estendendo o joelho, até pôr o pé na escada. Em meio à espuma branca provocada pelo salto, ele quis pegar seu tornozelo, mas errou e a água engoliu sua cabeça.

No salto seguinte conseguiu segurar o último degrau, que escorregou por seus dedos, liso e enferrujado. Pulou de novo e estendeu as duas mãos, conseguindo agarrá-lo. Ela estava acima dele na escada, subindo depressa, feito um macaco. A água que pingava do corpo dela batia em sua cara. Com a energia fornecida pela raiva, Danny se ergueu, sentindo a estrutura metálica guinchar feito um animal com seu peso. Logo acima um degrau cedeu com o peso da menina; ele viu que ela se desequilibrou, agarrando a barra lateral quando o pé ficou solto no ar. *Não vai agüentar*, pensou atônito, observando-a. Ela se aprumou e conseguiu passar uma perna para a tampa do tanque. *Não vai agüentar, não vai...*

A barra de ferro se rompeu nas mãos de Danny. Com um movimento de faca afiada que, passada num galho, arranca os ramos pequenos, ele escorregou pela escada, passou direto pelos degraus corroídos pela ferrugem e caiu de novo dentro do tanque.

Com as mãos sujas de ferrugem, Harriet se ergueu e caiu ofegante nas tábuas quentes. Um trovão rugiu ao longe. O sol sumira atrás de uma nuvem e a brisa que agitava o topo das árvores lhe provocou calafrios. Entre ela e a escada externa parte do topo afundara, tábuas podres se inclinavam na direção do rombo enorme. Sua respiração era ruidosa, incontrolável, ela sofria um acesso de pânico sonoro que lhe dava náuseas, e quando conseguiu ficar de quatro, apoiada nas mãos e joelhos, sentiu uma dor forte nas costas.

Dentro do tanque percebeu um movimento agitado. Deitou-se de bruços; respirando com dificuldade, ela contornou a parte desabada da cobertura, e seu coração disparou quando algumas tábuas cederam com seu peso e caíram na água.

Ela conseguiu recuar, ofegante, bem a tempo, enquanto as tábuas batiam no fundo. Pelo buraco, no alto, saiu um jato de água, atirando gotas no rosto e nos braços dela.

Um grito inesperado, úmido e borbulhante, subiu lá de dentro do tanque com violência. Rígida, praticamente paralisada de terror, Harriet debruçou-se apoiada nas mãos e nos joelhos; embora olhar para baixo lhe desse tontura, não conseguiu evitar. A luz do dia penetrava pelo buraco no teto; dentro da caixa-d'água reluzia um verde-esmeralda vistoso: o verde dos pântanos, florestas e das cidades abandonadas de Mowgli. A camada verde-musgo das algas se rompera como gelo na primavera, veias negras se formavam na superfície opaca da água.

Depois, *plaft*, surgiu o rosto branco de Danny Ratliff, branco e apavorado, com o cabelo escuro colado na testa. A mão estendida tateava

em busca da escada — mas não havia mais escada, Harriet viu, forçando a vista para entender o que se passava perto da água esverdeada. Ela se partira a um metro e pouco acima do nível da água, num ponto alto demais para ele alcançar.

Ela assistiu horrorizada à cena da mão afundando na água; a última parte do corpo dele desapareceu e as unhas quebradas se fecharam no ar. Depois ele ergueu a cabeça, mas não o bastante. As pálpebras tremeram, a garganta gorgolejou molhada, numa tentativa desesperada de respirar.

Ele a via no alto; tentava dizer alguma coisa a ela. Como um pássaro sem asas, ele se agitava e lutava para sair da água, e seu esforço fez Harriet sentir algo inominável. As palavras saíam da boca de Danny indistintas, como se gargarejasse, antes de ele afundar de novo, gesticulando frenético, até que mais nada ficou visível exceto uma mecha de cabelo cheia de musgo e bolhas que formavam uma espuma branca na superfície.

Silêncio total, bolhas borbulhando. Mas ele subiu de novo: rosto disforme, a boca um buraco negro. Agarrara-se a uma tábua flutuante, mas ela não agüentava seu peso; quando afundou novamente seus olhos arregalados se fixaram nos dela: acusadores, desesperados, olhos de uma cabeça guilhotinada exibida à multidão. A boca se moveu, ele tentou falar, uma palavra gorgolejada incompreensível foi engolida pela água quando ele afundou.

Soprava um vento forte, provocando arrepios nos braços de Harriet, balançando as folhas das árvores; e subitamente, num gesto largo, o céu inteiro ficou cinza-chumbo. Uma rajada forte, em leque, despejou gotas de chuva no teto como se fosse uma tempestade de pedra.

Chuva torrencial, de ensopar, bem tropical: súbita como as que fustigavam a costa do Golfo durante a temporada dos furacões. Tamborilava ruidosamente no teto de tábuas quebradas, mas não fazia barulho suficiente para abafar o gorgolejo e o espadanar no fundo do tanque. Pingos de chuva saltitavam como peixinhos prateados na superfície da água.

Um acesso de tosse sufocou Harriet. Tinha entrado água na boca e no nariz, o gosto podre invadira seu corpo inteiro; agora, aproveitando a chuva que molhava seu rosto, cuspiu a água suja nas tábuas, deitou-se e girou para um lado e para outro, quase louca com os sons desesperados que ecoavam no tanque — um barulho, ocorreu-lhe, provavelmente similar ao que Robin fez quando o enforcaram na árvore. Ela imaginara algo limpo e rápido, sem afogamento nem gente molhada, apenas mãos erguidas e um pouco de fumaça. A doçura do pensamento a espantou: que delícia sumir da face da terra, que agradável idéia desaparecer agora, sair do corpo: *puf*, como um espírito. Correntes retinindo vazias no chão.

Do solo verdejante e quente subia um bafo quente, uma névoa. Lá embaixo, no mato, a Trans Am continuava em sua imobilidade perturbadora, confidencial. Os pingos de chuva batiam no capô e borrifavam o carro com um nevoeiro fino; um casal poderia estar lá dentro, trocando beijos. Com freqüência, nos anos seguintes, ela o veria — cegos, íntimos, alheios — nas fímbrias mudas dos sonhos.

Eram duas da tarde quando Harriet fez uma pausa para verificação, apurou os ouvidos (casa deserta) e entrou pela porta dos fundos. Além do sr. Godfrey (que aparentemente não a reconheceu) e da sra. Fountain, que de seu terraço lhe dirigiu um olhar de imensa surpresa (suja, cheia de filamentos escuros do limo que colara na pele e secara em seu cabelo), ela não havia cruzado com ninguém. Cautelosa, depois de olhar para os dois lados, ela seguiu pelo corredor até o banheiro e trancou a porta atrás de si. O gosto de coisa podre permanecia em sua boca, insuportável. Ela tirou a roupa (o fedor era medonho; quase vomitou ao tirar a blusa de bandeirante por cima da cabeça). Jogou tudo na banheira e abriu as torneiras.

Eddie costumava contar o caso da ostra que quase a matou num casamento em Nova Orleans. “Nunca passei tão mal na vida.” Ela percebeu que a ostra estava estragada no momento em que a mordeu.

Cuspiu-a imediatamente no guardanapo, mas não adiantou. Em poucas horas começou a passar mal e foi conduzida ao hospital batista. De modo similar, assim que sentiu o gosto da água da caixa-d'água Harriet percebeu que ficaria doente. A podridão havia penetrado por seus poros. Nada a eliminaria. Lavou as mãos e a boca, gargarejou com Listerine e cuspiu, levou as mãos em concha até a torneira e bebeu água limpa e fresca. Mas o cheiro impregnava tudo, até a água limpa. Vinha das roupas sujas na banheira; saía de todos os poros de sua pele. Harriet despejara meia caixa de Mr. Bubble na banheira e abriu a água quente até a espuma tomar conta de tudo, exageradamente. Mesmo após bochechar com o líquido anestesiante, o gosto permaneceu em sua boca como uma mancha, e ele lembrava, especial e vividamente, a criatura inchada, meio submersa, saltando perto da parede escura do tanque.

Batidas na porta. “Harriet”, a mãe chamou, “é você?” Harriet nunca tomava banho no banheiro de baixo.

“Sim, senhora”, Harriet gritou, para superar o barulho da água.

“Está fazendo bagunça aí, é?”

“Não, senhora”, Harriet respondeu, olhando desanimada para a bagunça que havia feito.

“Você sabe que eu não gosto que tome banho nesse banheiro.”

Harriet não podia responder. As cãibras a impediam. Sentada na borda da banheira, olhando para a porta trancada, ela levou as duas mãos à boca e balançou para a frente e para trás.

“Acho melhor deixar tudo em ordem”, a mãe disse.

A água da torneira que Harriet tomara estava voltando, inapelavelmente. Com um olho na porta, ela saiu da banheira e, recurvada em consequência da dor abdominal, foi até a pia o mais discretamente possível. Assim que tirou as mãos da boca o vômito saiu, *ussshhh*, num jorro de água pútrida impressionante, que cheirava exatamente como a água estagnada onde Danny Ratliff se afogara.

No banho, Harriet bebeu mais água fria da torneira, lavou as roupas e o corpo inteiro. Esvaziou a banheira e a esfregou com um saponáceo; lavou a sujeira e a gordura da banheira e entrou de novo, para se limpar mais uma vez. Mas o odor de matéria deteriorada tinha impregnado Harriet totalmente, mesmo após passar tanto sabonete e se lavar em água limpa ela ainda sentia comichões e o corpo imundo, nojento, dos pés à cabeça, como o pingüim ensopado de petróleo que vira na revista *National Geographic* na casa de Edith, melancólico, em pé dentro de um balde, mantendo as nadadeiras longe do corpo para não tocar na sujeira.

Harriet esvaziou a banheira outra vez e a esfregou; depois torceu as roupas molhadas e as pendurou para secar. Passou Lysol no corpo e depois um perfume verde com uma dançarina de flamenco no rótulo. Agora estava limpa e rosada, tonta de calor, mas sob o perfume a umidade no banheiro cheirava a coisa podre, a mesma podridão que seguia intensa em sua língua.

Mais desinfetante bucal, pensou — mas, sem aviso prévio, outra golfada de vômito claro subiu e esguichou de sua boca num jato ridículo.

Quando terminou, Harriet deitou-se no piso gelado e encostou o rosto nos ladrilhos verde-mar. Assim que conseguiu levantar, arrastou-se até a pia e a limpou com uma toalha de rosto. Depois se enrolou na toalha de banho e subiu para seu quarto.

Estava tão mareada, exausta e zozna que — antes de se dar conta do que estava fazendo — ergueu as cobertas e entrou na cama, debaixo dos lençóis que não usava havia semanas. Foi tão divino que ela não se importou, e apesar das dores terríveis no estômago ela dormiu profundamente.

A mãe a acordou. Anoitecia. Harriet sentia dor no estômago e seus olhos ardiavam como se estivesse com conjuntivite.

“O que foi?”, perguntou, apoiando-se pesadamente nos cotovelos.

“Você está doente?”

“Sei lá.”

A mãe de Harriet debruçou-se e tocou a testa da filha, depois cerrou as sobrancelhas e recuou. “Que cheiro é esse?” Como Harriet não respondeu, ela se abaixou e cheirou seu pescoço.

“Você passou aquele perfume verde?”, perguntou.

“Não, senhora.” Mentir tornara-se um hábito. O melhor, em caso de dúvida, era dizer sempre *não*.

“Aquela colônia não presta.” O pai de Harriet a dera à mãe de presente de Natal, o perfume verde-limão com a dançarina de flamenco. Passou anos intocado na prateleira, um item inesquecível da infância de Harriet. “Se quiser um perfume, eu compro um frasco de Chanel nº 5 na perfumaria. Ou Norell — o que minha mãe usa. Não gosto muito de Norell, é um pouco forte demais...”

Harriet fechou os olhos. Sentada, começava a sentir náuseas de novo. Mal recostara a cabeça no travesseiro, a mãe reapareceu do lado da cama, desta vez com um copo d’água e uma aspirina.

“Acho melhor você tomar uma lata de caldo de sopa”, disse. “Vou telefonar para minha mãe e ver se ela tem.”

Assim que ela saiu, Harriet levantou-se da cama e — enrolada num casaco de crochê que pinicava — seguiu pelo corredor, até o banheiro. O chão estava frio, assim como a privada. O vômito (pouco) deu lugar à diarreia (muita). Depois se lavou na pia, e levou um susto ao ver no espelho como seus olhos estavam vermelhos.

Tremendo, voltou para a cama. As cobertas pesavam sobre seus membros, mas não pareciam quentes.

A mãe sacudia o termômetro. “Vamos ver”, disse. “Abra a boca”. E o enfiou lá dentro.

Harriet olhou para o teto. Seu estômago queimava; o gosto de água pútrida ainda a perseguia. Sonhou que uma enfermeira parecida com a

sra. Dorrier, do Serviço de Saúde, explicava que ela havia sido picada por uma aranha venenosa e que só uma transfusão de sangue salvaria sua vida.

Fui eu, Harriet disse. Eu o matei.

A sra. Dorrier e outras pessoas providenciavam o equipamento para a transfusão. Alguém disse: Ela já está pronta.

Não quero nada disso, Harriet disse. Deixem-me em paz.

Tudo bem, a sra. Dorrier respondeu, saindo da sala. Harriet ficou preocupada. Havia outras senhoras por ali, que sorriam para ela e cochichavam, mas nenhuma se ofereceu para ajudar ou questionou a decisão de Harriet, que provocaria sua morte, embora ela no fundo desejasse que fizessem isso.

“Harriet?”, a mãe disse, e ela se sentou subitamente, alarmada. O quarto estava escuro; o termômetro desaparecera de sua boca.

“Tome”, a mãe ordenou. O vapor que subia da tigela era enjoativo, forte.

Harriet disse, passando a mão pelo rosto: “Não quero”.

“Por favor, querida!” Irritada, a mãe de Harriet empurrou a tigela de ponche em sua direção. Era de cristal, cor de rubi, e Harriet a adorava; certa tarde, de surpresa, Libby a tinha apanhado de sua cristaleira, embrulhado em um jornal e dado de presente a Harriet, pois sabia o quanto a menina gostava da tigelinha. Agora ela brilhava no quarto escuro, negra, com um lampejo sinistro de rubi no fundo.

“Não”, Harriet disse, afastando a cabeça da tigela que teimava em se aproximar de seu rosto.

“*Harriet!*” A velha histeria de debutante da mãe, caprichosa e autoritária, que não admitia contestação.

Lá estava a tigela novamente, debaixo de seu nariz. Não restava opção a Harriet senão sentar-se e tomar o caldo de galinha. Foi o que fez, engoliu o líquido nauseante, tentando não vomitar. Quando acabou, limpou a boca com o guardanapo de papel oferecido pela mãe — e, sem avisar, o caldo voltou todo, *glub*, espalhando pelas cobertas os pedacinhos de salsa.

A mãe de Harriet soltou um gritinho. Sua contrariedade lhe dava um ar curiosamente juvenil, como o de uma babá irritada numa noite difícil.

“Desculpe”, Harriet disse, desanimada. O vômito cheirava a água de brejo com caldo de galinha.

“Querida, que porcaria. Não faça isso”, Charlotte disse, em pânico, quando Harriet tentou se deitar em cima da sujeira, exausta.

Logo depois aconteceu algo muito estranho e inesperado. Uma luz forte, vinda de cima, ofuscou Harriet. Era a clarabóia de cristal do teto. Surpresa, Harriet se deu conta de que não estava em sua cama, nem no quarto, mas deitada no chão do hall superior, na estreita passagem entre as pilhas de jornal. Mais estranho de tudo, Edie estava ajoelhada a seu lado, de cara fechada, sem batom.

Harriet — completamente desorientada — ergueu o braço e balançou a cabeça de um lado para o outro, e quando fez isso a mãe começou a chorar copiosamente, abaixando-se. Edie levantou o braço para impedir que se aproximasse. “Deixe a menina respirar!”

Harriet ficou deitada no assoalho, intrigada. Além da surpresa de estar num lugar diferente, a primeira coisa que percebeu foi que a cabeça e o pescoço doíam de verdade. A segunda era que Edie não devia estar ali em cima. Harriet não se lembrava da última vez que Edie passara da sala de visitas da casa (que era mantida relativamente limpa e desimpedida, para dar boa impressão).

Como vim parar aqui?, perguntou a Edie, mas a frase não saiu como devia (os pensamentos se amontoavam e se confundiam), por isso ela engoliu em seco e tentou de novo.

Edie a silenciou com um gesto. Ajudou Harriet a sentar. E Harriet, olhando para seus braços e pernas, notou impressionada que usava roupas diferentes.

Por que estou com outra roupa?, tentou perguntar, mas tampouco conseguiu pronunciar a frase. Corajosa, ela repetiu a pergunta.

“Fique quieta”, disse Edie, levando um dedo aos lábios de Harriet. Para a mãe de Harriet, que chorava em segundo plano, na frente de Allison, que roía as unhas assustada, ela disse: “Quanto tempo durou?”.

“Não sei”, disse a mãe de Harriet, levando a mão às têmporas.

“Charlotte, isso é muito importante, ela sofreu uma *convulsão!*”

A sala de espera do hospital era instável e trêmula como um sonho. Tudo brilhava demais, obsessivamente limpo na superfície, mas quando se olhava de perto notava-se que as cadeiras eram velhas e gastas. Allison lia uma revista infantil esfarrapada enquanto uma dupla de senhoras de pose profissional e crachá tentava conversar com um velho de rosto cansado, do outro lado do corredor. Largado pesadamente na poltrona feito um bêbado, olhava para o chão com as mãos entre os joelhos e o chapéu estilo tirolês espalhafatoso cobrindo um olho. “Sabe, a gente não pode falar nada com ela”, dizia, balançando a cabeça. “Ela não dá a mínima para ninguém.”

As senhoras trocaram olhares. Uma delas sentou-se do lado do homem desconsolado.

Depois escureceu e Harriet caminhava sozinha numa cidade desconhecida cheia de edifícios altos. Ela havia levado livros para devolver à biblioteca antes que fechasse, mas as ruas ficaram cada vez mais estreitas até que finalmente tinham apenas trinta centímetros de largura e ela se deparou com uma pilha enorme de pedras. *Preciso encontrar um telefone*, pensou.

“Harriet?”

Era Edie. Estava de pé agora. A enfermeira surgiu de uma porta giratória nos fundos, empurrando uma cadeira de rodas vazia.

A enfermeira, jovem, rechonchuda e bonita, usava rímel e lápis preto no olho formando um desenho elaborado, além de muito ruge, desde a maçã do rosto até o maxilar, compondo um semicírculo que a deixava

parecida com os cantores pintados da ópera de Pequim. Tardes chuvosas na casa de Tatty, deitada no chão com *O teatro kabuki do Japão* e *As viagens de Marco Polo* — edição ilustrada de 1880. Kublai Khan num palanquim pintado, máscaras de dragões, páginas douradas e papel de seda, o Japão e a China inteiros na estante estreita da Missão, ao pé da escada!

Eles flutuaram pelo corredor iluminado. A torre e o corpo na água já haviam esmaecido, tornando-se um sonho distante, nada restara deles exceto a dor no estômago (terrível, pontadas doloridas que atacavam e recuavam) e a dor de cabeça lancinante. A água causara seus problemas, sabia muito bem disso e precisava contar a elas, só sabendo poderiam tratá-la direito, mas *não posso contar, não devo contar*, pensou.

A certeza disso a inundou de uma sensação etérea, apaziguante. Enquanto empurrava Harriet pelo corredor brilhante feito uma espaçonave, a enfermeira acariciava o rosto da menina, que, doente e mais flexível que de costume, permitiu o gesto sem reclamar. Era uma mão fria, suave, com anéis dourados.

“Tudo bem?”, a enfermeira perguntou durante o trajeto (Eddie vinha imediatamente atrás, ela ouvia os estalidos do salto no piso) até a área restrita, reservada. Fechou a cortina.

Harriet, com dificuldade, permitiu que lhe vestissem uma camisola e se deitou sobre o papel ruidoso para que a enfermeira medisse sua temperatura —

*minha nossa!*

*esta menina está doente mesmo!*

— e colhesse uma amostra de sangue. Depois ela sentou, obediente, e bebeu uma xícara de um remédio que tinha gosto de giz. Segundo a enfermeira, era para o estômago. Eddie acomodou-se numa banqueta do lado oposto, perto de um armário de remédios envidraçado e de uma balança médica com medidor de altura. Ficaram sozinhas quando a enfermeira fechou a cortina e foi embora. Eddie fez uma pergunta que

Harriet não entendeu direito, pois estava apenas parcialmente ali, com o gosto de giz na boca. Parte dela nadava num rio gelado que brilhava prateado como a chama do petróleo ao luar, e uma corrente a puxou pela perna e a levou embora, enquanto um velho horrível de chapéu de pele molhado corria pela margem gritando coisas que ela não conseguia compreender...

“Muito bem. Sente-se, por favor.”

Harriet abriu os olhos e se deparou com o rosto de um desconhecido de jaleco branco. Não era norte-americano, e sim indiano, com cabelo preto azulado e olhos baixos, melancólicos. Perguntou se ela sabia seu próprio nome e onde estava; focalizou um fecho fino de luz em seu rosto, examinou olhos, nariz e orelhas; apalpou o estômago e as axilas com mãos frias que lhe provocaram arrepios.

“... primeira convulsão?” Outra vez aquela palavra.

“Sim.”

“Sente algum gosto ou cheiro estranho?”, o médico perguntou a Harriet.

Seus olhos negros firmes a desconcertaram. Harriet fez que não com a cabeça.

Delicadamente, o médico virou seu queixo com o indicador. Harriet viu suas narinas se dilatarem.

“Sente dor de garganta?”, perguntou com voz meiga.

De longe, ouviu Edie exclamar: “Minha nossa, o que é isso no pescoço dela?!”.

“Descoloração”, o médico disse, passando a ponta dos dedos no local, para depois apertar o pescoço com força, usando o polegar. “Dói?”

Harriet emitiu um som indistinto. A garganta não doía tanto quanto o pescoço. E o nariz — atingido pelo coice do revólver — estava extremamente sensível ao toque e parecia muito inchado, mas ninguém percebera nada, pelo jeito.

O médico auscultou o coração de Harriet e mandou que pusesse a língua para fora. Olhou fixamente para a garganta iluminada por uma luz. Desconfortável, sentindo dor no queixo, Harriet fitou o jarro com algodão e o vidro de desinfetante sobre a mesa adjacente.

“Certo”, o médico disse, suspirando, ao retirar a espátula.

Harriet deitou-se. Imediatamente seu estômago se contraiu e começaram as câibras. A luz cor de laranja pulsante varava as pálpebras cerradas.

Edie conversava com o médico. “O neurologista vem a cada duas semanas”, ele disse. “Mas talvez possa vir de carro de Jackson, amanhã ou depois...”

E seguiu falando com sua voz monótona. Outra pontada no estômago de Harriet — horrível desta vez, obrigando-a a se encolher toda, de lado, e apertá-lo com as duas mãos. Em seguida, a cólica passou. *Ótimo*, Harriet pensou, enfraquecida mas grata pelo alívio. *Acabou, agora acabou...*

“Harriet”, disse Edie em voz alta — tão alta que Harriet concluiu que havia dormido ou cochilado —, “olhe para mim.”

Obediente, Harriet abriu os olhos, enfrentando a claridade ofuscante.

“Veja seus olhos. Notou como estão vermelhos? Parecem *infecionados*.”

“Os sintomas são inconclusivos. Precisamos aguardar o resultado dos exames.”

Harriet sentiu uma nova cólica estomacal, violenta; rolou sobre o estômago, desviando o rosto da luz. Sabia o motivo dos olhos vermelhos: contato com a água suja.

“E quanto à diarreia? E a febre? Meu Deus do céu, e as marcas roxas no pescoço? Parece que alguém tentou estrangulá-la. Se quer saber minha opinião...”

“Pode haver uma infecção qualquer, pois convulsões não provocam febre. A febre...”

“Compreendo perfeitamente. Já fui enfermeira, doutor”, disse Edie, lacônica.

“Então deve saber que qualquer disfunção do sistema nervoso é prioridade máxima”, retrucou o médico, tão lacônico quanto ela.

“E os outros sintomas...”

“São inconclusivos, como eu já disse. Vamos administrar antibióticos e iniciar a reposição de líquido. Devemos ter os resultados dos exames de sangue e do eletro até amanhã à tarde.”

Harriet já conseguia acompanhar a conversa e aguardava uma oportunidade de se manifestar. Mas não conseguiu esperar e disse: “Preciso ir”.

Edie e o médico olharam para ela. “Tudo bem, pode ir”, ele disse. “Vá”, acrescentou com um gesto que pareceu a Harriet régio e exótico, como o de um marajá. Ele também empinou a cabeça. Quando ela desceu do leito ele chamou a enfermeira.

Mas não havia nenhuma do outro lado da cortina, e não apareceu ninguém. Harriet, desesperada, seguiu na direção do corredor. Uma enfermeira diferente — olhos miúdos e nervosos como os de um elefante — levantou-se da escrivaninha. “Está procurando alguma coisa?”, perguntou. Preguiçosa, lenta, estendeu a mão para amparar a menina.

Harriet, incomodada com tamanha lentidão, fez que não com a cabeça e afastou-se. Conforme avançava pelo corredor sem janelas, sua atenção se concentrava totalmente na porta do fundo, que exibia o aviso “Senhoras”. Ao passar pela salinha onde havia algumas cadeiras, ela nem parou quando pensou ter ouvido uma voz chamar: “Hat!”.

E então, subitamente, lá estava Curtis, parado à sua frente. Atrás dele, com a mão no ombro de Curtis e a marca no rosto destacada em vermelho como um olho de boi, surgiu o pregador (*tempestades, cascavéis*) todo de preto.

Harriet olhou para ele assustada. Depois deu meia-volta e correu pelo corredor iluminado e anti-séptico. O chão era escorregadio, seu pé

deslizou e ela caiu de bruços, virou-se de costas e protegeu o rosto com as mãos.

Passos apressados — solas de borracha rangendo nos ladrilhos — e logo Harriet se deu conta de que a enfermeira original se aproximava (a mais moça, com anéis e maquiagem carregada nas cores) e se ajoelhava a seu lado. *Bonnie Fenton*, informava o crachá. “Cuidado, querida!”, disse com voz animada. “Você se machucou?”

Harriet segurou o braço dela, fixou a vista no rosto maquiado da enfermeira com o máximo de concentração. *Bonnie Fenton*, repetiu para si, como se o nome fosse uma fórmula mágica que garantiria sua segurança. *Bonnie Fenton, Bonnie Fenton, Bonnie Fenton, enfermeira...*

“Por isso mesmo é proibido correr nos corredores!”, a enfermeira exclamou. Não falava com Harriet, mas com outra pessoa. Na ponta do corredor Harriet viu Edie e o médico, que saíam de trás da divisória. Sentindo o olhar do pregador queimando em suas costas, Harriet levantou-se com dificuldade e correu para Edie, envolvendo a cintura da avó com os braços.

“Edie”, gritou, chorando, “quero ir para casa! Me leve para casa!”

“Harriet! O que deu em você?”

“Se for para casa”, o médico disse, “como vamos descobrir qual é o seu problema?” Tentava ser simpático, mas seu rosto caído tinha uma expressão que lembrava uma figura de cera derretendo, principalmente sob as órbitas dos olhos, e isso o tornava assustador. Harriet começou a chorar.

Batidinhas distraídas nas costas: bem ao estilo de Edie, aquele arremedo de carícia, ríspido e distante, que só serviu para fazer Harriet chorar ainda mais.

“Ela está fora de si.”

“Normalmente as pessoas ficam sonolentas após uma convulsão. Mas, se estiver muito agitada, podemos lhe dar algo para relaxar.”

Temerosa, Harriet espiou por cima do ombro. Mas o corredor estava deserto. Ela se abaixou e tocou o joelho, que doía por causa da queda no

chão duro. Fugia de alguém, caíra e machucara o joelho. Essa parte era verdade, não algo sonhado.

A enfermeira Bonnie afastava Harriet de Edie. A enfermeira Bonnie conduzia Harriet de volta ao leito cortinado... a enfermeira Bonnie destrancava a porta do armário para encher a seringa com o líquido de um vidrinho...

“*Edie*”, Harriet gritou.

“Harriet?” Edie enfiou a cabeça pelo vão da cortina. “Não seja boba, é só uma injeção.”

Sua voz provocou um novo acesso de choro em Harriet. “*Edie*”, disse, “por favor, me leve embora para casa. Estou com medo. Muito medo. Não posso ficar aqui. Aquela gente quer me pegar. Eu...”

Ela virou a cabeça e franziu o rosto quando a enfermeira enfiou a agulha em seu braço. Começou a descer da cama, mas a enfermeira a segurou pelo pulso. “Ainda não terminou, *doçura*.”

“*Edie*? Eu... não quero isso”, disse, encolhendo-se toda quando a enfermeira Bonnie deu a volta pelo outro lado, portando uma nova seringa.

Educadamente, embora não achasse nada engraçado, a enfermeira riu da reação de Harriet, enquanto olhava para Edie como quem pede apoio.

“Não quero dormir. Eu não quero dormir”, Harriet gritou, tentando se libertar de Edie, por um lado, e da mão gentil mas firme da enfermeira Bonnie, que segurava seu braço, do outro. “Estou com medo...”

“Não precisa temer essa *agulhinha*, *doçura*”, a enfermeira disse, e sua voz — antes carinhosa — tornou-se ríspida, algo ameaçadora. “Não banque a tonta. É só uma picadinha...”

Edie disse: “Bem, acho que está na hora de eu ir para casa...”.

“EDIE!”

“Querida, por favor, fale baixo”, disse a enfermeira, enfiando a agulha no braço de Harriet. Em seguida, empurrou o êmbolo.

“*Edie*! Não! Eles estão aqui! Não me abandone! Não...”

“Depois eu volto. Preste atenção”, disse Edie, erguendo o queixo para dizer com autoridade, vencendo as lamúrias de Harriet, “preciso levar Allison embora e passar na minha casa para pegar umas coisas.” Ela se dirigiu à enfermeira. “Poderia providenciar um catre para o quarto dela?”

“Certamente, senhora.”

Harriet esfregou o braço com a mão. *Catre*. A expressão era reconfortante, nostálgica, como *títere*, como *fraterno*, como o apelido de infância de Harriet: *hotentote*. Ela quase sentia o gosto daquela palavra doce, suave e dura como um caramelo de leite.

Ela sorriu para os rostos sorridentes que a rodeavam.

“Alguém ficou com sono *de repente*”, ouviu a enfermeira Bonnie dizer.

Onde estaria Edie? Harriet lutou para manter os olhos abertos. Céus desabavam sobre ela, nuvens a engolfavam, trazendo uma escuridão profunda. Harriet fechou os olhos, viu ramos de árvores balançando e sem se dar conta adormeceu.

Eugene percorreu os corredores frios com as mãos cruzadas nas costas. Quando finalmente o atendente apareceu e retirou a menina da sala de exames, ele os seguiu a uma distância segura, para ver aonde a levavam.

O atendente parou diante do elevador e apertou o botão. Eugene virou-se e retornou pelo corredor, para ir pela escada. Ao sair no segundo andar, ouviu a campainha do elevador e, do outro lado do corredor, viu aparecer a maca, que saía pelas portas de aço, com os pés primeiro e o atendente na cabeça, a empurrá-la.

Eles deslizaram pelo corredor. Eugene fechou a porta corta-fogo de metal com cuidado, para não fazer barulho e — apesar dos estalos do sapato — tentou segui-los discretamente, de longe. De um canto seguro viu em que quarto a puseram. Depois perambulou um pouco, como quem vai pegar o elevador, e se demorou observando a exposição de desenhos

infantis pregados no quadro de avisos e os doces iluminados na máquina de vender guloseimas, que zumbia.

Sempre tinha ouvido dizer que os cães uivavam antes de um terremoto. Bem, ultimamente, quando algo ruim ocorria, ou estava para acontecer, aquela menina de cabelo preto aparecia, e bem perto. *Era* a mesma menina, sem dúvida. Ele a examinara detidamente na frente da Missão, na noite em que fora picado.

E lá estava ela novamente. Como quem não quer nada, passou pela frente da porta aberta e espiou. Uma luz fraca vinha do teto, indireta, deixando parte do quarto na penumbra. Nada se via na cama, exceto o amontoado de cobertas. Acima — na área mais iluminada, como uma água-viva boiando na superfície plácida do mar — havia uma bolsa de líquido intravenoso com um tentáculo que descia até a cama.

Eugene foi até o bebedouro, tomou água, fez um pouco de hora, enquanto examinava um cartaz sobre cuidados na gestação. De seu posto de observação acompanhou a entrada e a saída da enfermeira. Eugene aproximou-se novamente do quarto, pôs a cabeça no vão da porta aberta e viu que a menina não estava sozinha. Um atendente negro montava uma cama de armar e não quis responder às perguntas de Eugene.

Eugene passeou pelo hospital, tentando não chamar a atenção (embora fosse difícil naquele corredor deserto), e quando finalmente viu a enfermeira voltando com uma pilha de lençóis nos braços, parou na sua frente para questioná-la.

“A menina daquele quarto é filha de quem?”, disse com sua voz mais cordial.

“O nome dela é Harriet. Vem de uma família chamada Dufresnes.”

“Ah.” Conhecía o nome, mas não sabia direito de onde. Olhou por cima do ombro da enfermeira, para dentro do quarto. “E não tem ninguém lá com ela?”

“Não conheci os pais, só a avó.” A enfermeira avançou para encerrar a conversa.

“Coitadinha”, Eugene disse, relutante, tentando evitar o encerramento do diálogo. Enfiou a cabeça pelo vão da porta e quis saber: “Qual é o problema com ela?”.

Antes que a enfermeira respondesse, Eugene percebeu, pela expressão dela, que ele tinha ido longe demais. “Sinto muito, não podemos dar esse tipo de informação.”

Eugene sorriu, tentando ser simpático. “Sabe”, disse, “essa marca em meu rosto não é agradável, mas isso não faz de mim uma pessoa ruim.”

As mulheres em geral baixavam a guarda quando Eugene mencionava sua cicatriz, mas a enfermeira o olhou como se ele tivesse dito uma frase em espanhol.

“Perguntei por perguntar”, Eugene insistiu, cordial, erguendo a mão. “Desculpe-me se a incomodei, madame”, disse, acompanhando a enfermeira, que se ocupava com os lençóis. Pensou em oferecer ajuda, mas depois concluiu que seria abusar da sorte.

Eugene foi até a máquina que vendia doces. *Dufresnes*. De onde conhecia esse nome? Precisava perguntar isso a Farish, era a pessoa certa em casos assim. Farish se lembrava de endereços, conhecidos da família, escândalos, tudo. Mas Farish estava no andar de baixo, em coma, dificilmente sobreviveria até o dia seguinte.

Na frente do elevador ficava o setor de enfermagem. Eugene parou ali: ninguém por perto. Debruçou-se sobre o balcão e — fingindo observar uma colagem de fotos e uma trepadeira num vaso, esperou. *Dufresnes*. Antes mesmo da conversa com a enfermeira e do episódio no corredor (e principalmente por causa da velha senhora, cuja arrogância denotava fortuna e igreja batista), ele se convencera de que a menina não era da família Odum, o que achava péssimo, pois se fosse faria sentido, confirmaria certas suspeitas suas. Odum tinha bons motivos para se vingar de Farish e de Danny.

Depois de algum tempo a enfermeira saiu do quarto da menina— e, quando o fez, olhou desconfiada para Eugene. Era uma moça bonita, mas

vermelha de tanta maquiagem e pintura, parecia uma bunda de cavalo. Eugene virou-se e a cumprimentou descontraidamente, com um gesto cordial, e seguiu pelo corredor, descendo as escadas. Passou pela enfermeira da noite (a luz da mesa iluminando fantasmagoricamente seu rosto) e foi até a sala de espera sem janelas da Unidade de Terapia Intensiva, onde as luzes brilhavam dia e noite, onde Gum e Curtis dormiam em sofás. Não adiantava ficar vagando pelo andar de cima, só atrairia a atenção para sua pessoa. Voltaria lá quando terminasse o turno da vagabunda maquiada.

Allison, em casa, deitada de lado na cama, olhava a lua através da janela. Mal se dava conta da cama vazia de Harriet — sem cobertas, tendo ao lado, no chão, os lençóis sujos de vômito. Cantava mentalmente, mas não uma canção inteira, apenas notas graves que repetia com variações, monotonamente, como se fosse o canto de um pássaro noturno desconhecido, melancólico. Se Harriet estava ali ou não, pouca diferença fazia para ela. Depois de algum tempo, encorajada pelo silêncio no outro lado do quarto, começou a cantarolar em voz alta frases e notas aleatórias que se perdiam no escuro.

Sentia dificuldade em pegar no sono, embora não soubesse por quê. O sono servia como refúgio para Allison, sempre a recebia de braços abertos no momento em que se deitava. Mas agora, de lado na cama, de olhos abertos, tranqüila, cantava para si mesma no escuro; o sono estava distante, subindo como fumaça em desvãos abandonados, cantando como o mar dentro de uma concha de madrepérola.

Edie, em sua cama ao lado do leito de Harriet, foi acordada pela luz que batia em seu rosto. Era tarde, 8h15, segundo seu relógio de pulso, e marcara reunião com o contador às nove. Levantou-se e foi para o

banheiro, e seu reflexo desanimado no espelho fez com que se detivesse por um momento. Estava assim por causa da luz fluorescente, claro, mesmo assim se assustou.

Escovou os dentes e deu um jeito no rosto: passou lápis de sobrancelha, batom nos lábios. Edie não confiava em médicos. De acordo com sua experiência, eles não ouviam ninguém, preferiam se pavonear por aí como se soubessem todas as respostas. Tiravam conclusões precipitadas; ignoravam o que não se encaixava em suas teorias. E aquele médico ainda por cima era estrangeiro. No instante em que ouvira a palavra *convulsão*, o dr. Dagoo, ou fosse qual fosse seu nome, passou a considerar insignificantes todos os demais sintomas da menina; eram “inconclusivos”. Edie repetiu mentalmente, *inconclusivos*, ao sair do banheiro e examinar a neta que dormia (com curiosidade imensa, como se Harriet fosse uma planta doente do jardim ou num vaso, dentro de casa), *pois o problema dela não é epilepsia*.

Ela estudou Harriet com interesse acadêmico por vários minutos, depois foi ao banheiro se vestir. Harriet era uma menina rija, Edie não se preocupava muito com ela, a não ser em termos bem genéricos. O que a incomodava — e a impediu de pregar o olho durante a maior parte da noite, na cama de armar do hospital — era o estado desastroso da casa da filha. Edie se deu conta de que não ia ao andar superior desde que Harriet era um bebê. Charlotte sempre juntara lixo, e a tendência (Edie bem o sabia) se fortalecera desde a morte de Robin, mas a condição da casa a chocara profundamente. Só uma palavra poderia defini-la: sórdida. Não admirava que a menina estivesse doente, vivendo no meio de trastes e lixo; um milagre que não estivessem as três internadas. Edie fechou o zíper do vestido nas costas, mordendo a bochecha. Louça suja, pilhas de jornais, verdadeiras *torres*, um chamariz para as pragas. Pior de tudo: o cheiro. Edie reprisou as cenas desagradáveis mentalmente, virando de um lado para outro na cama de armar desconfortável do hospital, insone. A menina talvez tivesse sido envenenada. Poderia ter sido mordida por um rato

enquanto dormia ou contraído hepatite. Edie estava assustada e envergonhada demais para revelar tais suspeitas a um médico desconhecido, e assim havia permanecido até sentir a luz fria da manhã. O que poderia dizer? *Ah, sabe, doutor, a casa da minha filha é imunda!*

Cheia de baratas e coisas piores. Precisava tomar providências antes que Grace Fountain ou outro vizinho abelhudo chamasse a Vigilância Sanitária. Pressionar Charlotte só resultaria em lágrimas e desculpas esfarrapadas. Recorrer a Dix, aquele adúltero, era arriscado, pois se a história acabasse em divórcio (bem provável) a casa imunda só o ajudaria no tribunal. Por que diabos Charlotte havia deixado a empregada de cor ir embora?

Edie prendeu o cabelo, engoliu duas aspirinas com um copo d'água (as costelas doíam terrivelmente após a noite no catre) e retornou ao quarto. *Todos os caminhos conduzem ao hospital*, pensou. Desde a morte de Libby voltava ao hospital todas as noites em seus sonhos. Percorria corredores, subia e descia pelo elevador, procurando andares e quartos que não existiam. Agora já era dia e ela continuava lá, num quarto muito semelhante ao quarto onde Libby falecera.

Harriet continuava dormindo, o que era ótimo. O médico declarara que passaria a maior parte do dia assim. Depois do contador e de outra manhã perdida revirando os livros do juiz Cleve (escrita praticamente indecifrável), precisava falar com o advogado. Ele insistia para que fizesse um acordo com aquele sujeito horrível, o sr. Rixey — o que não era má idéia, a não ser pelo detalhe de que o “acordo razoável” a deixaria quase na miséria. Perdida em pensamentos (o sr. Rixey ainda não aceitara o tal “acordo razoável”, saberia hoje a resposta dele), Edie olhou seu rosto no espelho pela última vez, apanhou a bolsa e saiu do quarto sem notar que o pregador estava no final do corredor, esperando.

Satisfeita com o frescor e a maciez das cobertas, Harriet apreciou a luz matinal de olhos fechados. Sonhara com um caminho de pedra na relva, por um campo claro, pedras chatas formando uma trilha para lugar nenhum, tão gastas pelo tempo que pareciam ter aflorado no meio do pasto. A agulha a incomodava, espetada na parte interna do cotovelo, prateada e fria, ligada a um equipamento truculento. Seguiu até o teto, até os céus claros de seu sonho.

Passou alguns minutos num devaneio, ainda meio adormecida. Ouvia passos do outro lado da porta (corredores frios, ecos como de palácios) e permaneceu deitada, rígida, torcendo para que um funcionário gentil se aproximasse para cuidar dela. Harriet, pequena, pálida, enferma.

Os passos se aproximaram da cama e cessaram. Harriet sentiu que alguém se debruçava sobre ela. Ela continuou imóvel, com as pálpebras trêmulas, esperando que a examinassem. Quando abriu os olhos viu, aterrorizada, o rosto do pregador a poucos centímetros do seu. A cicatriz se destacava, brilhante, vermelha e rugosa como um papo de peru. Cercado pela pele crestada, o olho brilhava feroz, úmido.

“Fique quieta”, disse, com um movimento de cabeça semelhante ao de um papagaio. Sua voz era aguda e cantada, mas macabra. “Não precisa fazer barulho, entendeu?”

Harriet teria preferido fazer barulho — e muito. Paralisada pelo medo e pela confusão, olhou para ele.

“Conheço você.” A boca mal se mexia quando ele falava. “Estava na Missão naquela noite.”

Harriet olhou para a porta aberta. A dor percorreu suas têmporas como uma descarga elétrica.

O pregador franziu o cenho ao se debruçar mais. “Você andou mexendo nas cobras. Aposto que foi você quem soltou todas, né?”, disse com sua voz estranha, estridente. A brilhantina em seu cabelo cheirava a lilás. “E andou seguindo meu irmão Danny, certo?”

Harriet o encarou. Saber algo a respeito da torre da caixa-d’água?

“Por que fugiu correndo de mim lá no corredor?”

Ele *não* sabia. Harriet sentou-se, muito firme e ereta. Na escola ninguém a derrotava na brincadeira de encarar. Mas sua cabeça zumbia, não estava passando bem. Queria esfregar os olhos, começar o dia direito. Algo na posição de seu rosto, em oposição ao do pregador, não fazia sentido; era como se ele fosse um reflexo que ela deveria estar vendo de um ângulo diferente.

O pregador franziu o cenho. “Você é uma peste”, ele disse. “Muito descarada.”

Harriet sentia-se fraca e tonta. *Ele não sabe*, repetiu a si mesma, intensamente. *Ele não sabe...* Havia um interruptor ao lado da cama, para chamar a enfermeira, e embora sentisse muita vontade de se virar e olhar para ele, obrigou-se a permanecer quieta.

Ele a observava de perto. Atrás do pregador a brancura do quarto se perdia em distâncias infinitas, num vazio à sua moda tão vertiginoso quanto a escuridão sufocante da caixa-d’água.

“Qual é, hem?”, ele disse, aproximando-se ainda mais. “Por que está tão assustada? Por acaso alguém botou um dedo em você?”

Tensa, Harriet fixou a vista no rosto dele e não se intimidou.

“Vai ver andou aprontando alguma coisa, e por isso está com medo, né? Quero saber o que pretendia, quando ficou rodeando a minha casa. Se não disser, vai ver só uma coisa.”

De repente, uma voz escandalosa ecoou na soleira da porta: “*Toc toc toc!*”.

Apressado, o pregador ergueu o corpo e se virou. Lá, parado na porta do quarto, risonho e acenando, viu Roy Dial carregando livretos da escola dominical e uma caixa de bombons.

“Espero não estar interrompendo nada”, disse o sr. Dial, entrando sem a menor cerimônia. Usava roupa esporte em vez do terno e gravata da escola dominical: mocassim, calça cáqui, um vago ar de Flórida e Sea World. “Minha nossa, é o *Eugene*. O que veio fazer aqui?”

“Senhor Dial!” O pregador estendeu a mão para cumprimentar o visitante.

Seu tom de voz havia mudado — havia se enchido de uma energia inédita—, e apesar de seu pavor e da enfermidade Harriet notou: *Ele está morrendo de medo*, concluiu.

“Mas é claro!” O sr. Dial olhou para Eugene. “Um Ratliff foi internado ontem. Li no jornal...”

“Sim, senhor! Meu irmão Farish. Ele...” Eugene esforçou-se para baixar o tom. “Ele levou um tiro, senhor.”

*Tiro?*, Harriet pensou, surpresa.

“Tiro na nuca, senhor. Foi encontrado na noite passada. Ele...”

“Mas vejam só!”, o sr. Dial gritou animado, deixando bem claro o quanto se importava com o destino da família de Eugene. “Minha nossa! Isso é horrível! Com certeza vou passar lá para visitá-lo assim que ele se sentir melhor. Eu...”

Sem dar a Eugene a chance de explicar que Farish não ia se sentir melhor, o sr. Dial abriu os braços, como se dissesse *Que se dane*, e colocou a caixa de bombons sobre a mesa-de-cabeceira. “Infelizmente, não são para você, Harriet”, disse, virando a cabeça de modo a exibir seu perfil de golfinho, enquanto se aproximava, intrometido, para examiná-la com o olho esquerdo. “Eu estava passando por aqui para ver a senhora Agnes Upchurch antes de ir para o trabalho, sabe, fazer uma visitinha.” A sra. Upchurch era inválida, batista, viúva de um rico banqueiro, prioridade na lista de Contribuintes para o Fundo de Construção do sr. Dial. “E por acaso encontrei sua avó. Que surpresa! Falei, senhora Edith, eu...”

O pregador, Harriet percebeu, esgueirava-se para a porta. O sr. Dial viu que ela o observava e virou a cabeça.

“Como é que você conhece essa moça tão fina?”

O pregador, vendo sua retirada ser cortada, tentou se justificar. “Ora, senhor”, disse, esfregando a nuca com uma das mãos enquanto se aproximava para ficar ao lado do sr. Dial, como se essa tivesse sido sua

intenção ao se mover, “eu estava aqui quando trouxeram a menina na noite passada. Tão fraquinha, coitada, nem conseguia andar. Chegou muito doente, essa é a verdade.” Ele pronunciou a frase com ar definitivo, como se mais nenhuma explicação fosse necessária.

“Quer dizer”, o sr. Dial transmitia a impressão de que sua incredulidade o impedia de terminar a sentença, “que só veio fazer uma *visita*? Veio visitar Harriet?”

Eugene pigarreou e olhou para o outro lado. “Meu irmão está internado aqui”, disse, “e enquanto isso procuro levar consolo aos outros pacientes também. É uma bênção conviver com os pequeninos e levar a eles a palavra sagrada.”

O sr. Dial olhou para Harriet, como se indagasse: *Esse sujeito estava incomodando você?*

“Não é preciso mais nada além de um par de joelhos e de uma Bíblia”, Eugene disse, e apontou para o aparelho de televisão: “Ali está o maior obstáculo para a salvação das crianças. A Caixa do Pecado, ela deveria se chamar”.

“Senhor Dial”, Harriet disse de repente — e sua voz soou fina, distante — “cadê minha avó?”

“Lá embaixo, creio”, o sr. Dial respondeu, fixando friamente o olho de toninha no rosto dela. “Telefonando. Algum problema?”

“Não me sinto bem”, Harriet disse, sincera.

Ela notou que o pregador se retirava do quarto. Quando ele percebeu que Harriet o espiava, encarou-a por um instante, antes de se esgueirar para fora.

“O que houve?”, o sr. Dial abaixou-se e sua loção pós-barba perfumada, doce, chegava a incomodar. “Quer um copo d’água? Quer tomar o café-da-manhã? Está enjoada?”

“Eu... eu...” Harriet tentou sentar. Não podia pedir o que desejava, pelo menos não diretamente. Temia que a deixassem sozinha, mas era difícil

descobrir um jeito de dizer isso ao sr. Dial sem explicar as razões de seus temores ou quem a amedrontava.

Naquele momento o telefone tocou na mesa-de-cabeceira.

“Deixe que eu pego”, o sr. Dial disse, erguendo o fone para entregar a Harriet.

“Mamãe?”, Harriet disse debilmente.

“Meus parabéns! Um golpe de mestre!”

Era Hely. Sua voz — embora exuberante — soava fraca, remota. Pelo chiado na linha, Harriet concluiu que ele usava o telefone dos Saints, no quarto dele.

“Harriet? Uau, cara, você detonou ele! *Apagou* o cara!”

“Eu...” O cérebro de Harriet não estava funcionando em ritmo normal e ela não conseguia pensar direito no que responder. Apesar da ligação ruim, os gritos e exclamações eram tão altos que Harriet ficou preocupada, pois o sr. Dial poderia ouvir algo.

“Sensacional!” De tão excitado, ele deixou cair o aparelho, que fez muito ruído. Logo sua voz soou novamente, ofegante, ensurdecadora. “Saiu no jornal...”

“Como é?”

“Eu *tive certeza* de que foi você. O que está fazendo no hospital? O que aconteceu? Está ferida? Levou um tiro?”

Harriet pigarreou do modo especial que usavam para indicar que não podia falar à vontade.

“Ah, *entendi*”, Hely falou após uma pausa. “Me desculpe.”

O sr. Dial, pegando a caixa de bombons, disse baixinho: “Preciso ir”.

“Não, por favor”, Harriet retrucou, subitamente em pânico. Mas o sr. Dial seguiu em direção à porta.

*Até mais!*, falou, sem emitir o som. *Preciso ir para a loja vender uns carros!*

“Então responda apenas sim ou não”, Hely dizia. “Está encrencada?”

Apavorada, Harriet olhou para a porta vazia. O sr. Dial estava longe de ser o mais gentil e compreensivo dos adultos, mas pelo menos era qualificado: moralista, ambicioso, indignado. Ninguém ousaria tocá-la se ele estivesse por perto.

“Eles vão prendê-la? Tem um guarda na sua porta?”

“Hely, poderia fazer um favor para mim?”, ela disse.

“Claro”, ele respondeu, subitamente sério, alerta como um terrier.

Harriet, de olho na porta, disse: “Prometa”. Embora sussurrasse, sua voz ecoou alta, indo mais longe do que gostaria, quebrando o silêncio gelado feito de fórmica e superfícies lisas.

“O que é? Não estou ouvindo.”

“Primeiro prometa que vai fazer.”

“Harriet, vamos lá, pode dizer!”

“Na torre da caixa-d’água.” Harriet respirou fundo; não havia outro modo de dizer aquilo, a não ser indo direto ao ponto. “Tem um revólver no chão. Preciso que você vá até lá...”

“Um *revólver*?”

“Preciso que vá até lá, pegue o revólver e o jogue fora”, ela disse, desanimada. De que adiantava falar em voz baixa? Como saber quem mais poderia estar ouvindo, na casa dele ou ali? Acabara de ver uma enfermeira passando pela porta; uma outra vinha vindo, e olhou curiosa para dentro do quarto antes de seguir em frente.

“Minha nossa, Harriet!”

“Hely, eu não posso ir lá.” Sentia vontade de chorar.

“Mas tenho ensaio da fanfarra. Vamos ficar até tarde hoje.”

*Ensaio da fanfarra.* Harriet sentiu um aperto no peito. Aquilo não ia dar certo.

“Bem”, Hely estava dizendo, “só se eu for *agora*. Correndo. Minha mãe vai me levar para o ensaio daqui a meia hora.”

Lânguida, Harriet sorriu para a enfermeira que enfiou a cabeça pelo vão da porta. Que diferença aquilo poderia fazer de todo modo? Deixar a arma

do pai no chão, para a polícia encontrar, ou contar com Hely para buscá-la? A fanfarra inteira ia ficar sabendo até o meio-dia.

“O que devo fazer com ela?”, Hely perguntou. “Escondê-la no seu quintal?”

“Não”, Harriet disse, com tanta veemência que a enfermeira ergueu a sobancelha. “Jogue...” *Puxa vida*, pensou, fechando os olhos, *diga logo de uma vez...* “Jogue no...”

“Rio?”, Hely completou, solícito.

“Isso mesmo”, Harriet disse, ajeitando-se enquanto a enfermeira (uma mulher enorme, de cabelo grisalho e mãos grandes) afofava seu travesseiro.

“E se não afundar?”

Ela demorou um pouco para entender. Hely repetiu a questão e a enfermeira apanhou o prontuário de Harriet no pé da cama e saiu, rebolando exageradamente.

“É... de metal”, Harriet disse.

Hely falava com alguém na outra ponta da linha, ela percebeu, alarmada.

Ele logo voltou. “Tudo bem! Já estou indo!”

*Clic.* Harriet ficou com o fone mudo no ouvido, atônita, até ouvir o sinal de ocupado, e amedrontada (não tirava os olhos da porta nem por um minuto) recolocou o fone no gancho. Apreensiva, olhou em torno e se recostou nos travesseiros.

As horas se arrastavam intermináveis, insuportáveis. Faltava material de leitura a Harriet, e apesar da terrível dor de cabeça ela relutava em dormir. O sr. Dial deixara um livreto da escola dominical. Chamado “Devoção desde a barra da saia”, apresentava na capa a ilustração de uma criança rosada, com uma touca antiquada, empurrando um carrinho de

jardinagem cheio de flores. Desesperada, recorreu a ele, mas destinava-se a mães de primeira viagem e em poucos minutos deixou Harriet revoltada.

Por mais contrariada que estivesse, Harriet leu o livreto de ponta a ponta, depois sentou-se. E permaneceu sentada. Não havia relógio no quarto nem quadros para distraí-la e evitar que seus pensamentos e temores a perseguissem desvairadamente. Nada havia para impedir isso, exceto a dor que — intermitente — revirava-lhe o estômago. Quando cessava por um tempo, ela respirava fundo, deitada, por um momento aliviada. Mas logo as preocupações a atormentavam, com redobrada energia. Na verdade, Hely não prometera nada. Quem poderia garantir que ele iria buscar a arma? Mesmo que fosse, teria o bom senso de jogá-la fora? Imaginava Hely no ensaio da fanfarra, exibindo o revólver do pai dela. “Olha só, Dave!” Ela fechou os olhos e recostou a cabeça no travesseiro. A arma de seu pai. Coberta com as impressões digitais dela. E Hely, o maior fanfarrão do mundo. Entretanto, a quem mais poderia pedir ajuda, a não ser a Hely? A ninguém. Ninguém mesmo.

Após um período longo a enfermeira entrou novamente, pesadona (a beira das solas grossas se gastara toda), para dar uma injeção em Harriet, que movia a cabeça e falava sozinha, numa tentativa de afastar seus medos. Com esforço, concentrou a atenção na enfermeira. Tinha uma fisionomia agradável, castigada, com muitas rugas. Andava gingando, quase desequilibrada. Se não fosse o uniforme de enfermeira, poderia passar por um capitão de navio circulando no convés. Em seu crachá constava o nome Gladys Coots.

“Vou resolver isso o mais depressa possível”, disse.

Harriet — preocupada e fraca demais para oferecer a resistência costumeira, virou de bruços e fez uma careta quando a agulha entrou em sua nádega. Odiava tomar injeção; quando era menor, gritava, debatia-se e chorava, tentando escapar, fazia tanto escândalo que Edie (que sabia aplicar injeções) em diversas ocasiões, impaciente, subira a manga da

blusa de Harriet em pleno consultório médico e assumira o controle da situação.

“Onde está minha avó?”, perguntou ao se virar, esfregando o local da picada na nádega.

“Ora! Ninguém lhe contou?”

“O quê?”, Harriet gritou, contorcendo-se na cama feito um caranguejo. “O que aconteceu? Onde ela está?”

“Psiu. Calminha.” Enérgica, a enfermeira afofou os travesseiros. “Ela precisou ir ao centro, só isso. *Mais nada*”, acrescentou quando Harriet a encarou, desconfiada. “Agora deite-se de costas e procure ficar quieta.”

Nunca mais em sua vida Harriet enfrentaria um dia tão comprido. A dor latejava e se espalhava implacável pelas têmporas; um retângulo de sol mantinha-se imóvel na parede. A enfermeira Coots, entrando e saindo com a comadre, era uma raridade: um elefante branco, muito solene, aparecendo a cada século. No decorrer da manhã interminável ela tirou sangue, trouxe água gelada, *ginger ale* e uma tigela de gelatina verde para Harriet, que a experimentou e deixou de lado, fazendo os talheres tilintarem na bandeja de plástico brilhante.

Sempre com medo, ela sentou na cama e apurou os ouvidos. O corredor era uma teia de ecos sedativos: conversas em torno da mesa das enfermeiras, risos ocasionais, bater de bengalas e arrastar de andadores quando os convalescentes grisalhos da Fisioterapia caminhavam pelo corredor. De vez em quando uma voz feminina falava pelo interfone, emitindo ordens obscuras e seqüências de números. *Carla, vá para o corredor, atendente no número dois, número dois...*

Como se contasse seus pertences, Harriet enumerou na ponta dos dedos o que sabia, murmurando baixinho, sem se importar se parecia louca. O pregador não descobrira nada a respeito da torre. Não havia dito nada capaz de indicar que sabia da morte do irmão lá na caixa-d’água. Mas tudo isso mudaria se o médico descobrisse que a água estagnada era a responsável pela doença de Harriet. A Trans Am fora estacionada longe da

torre, provavelmente ninguém havia subido lá para verificar. E se não haviam feito isso até agora, talvez não o fizessem jamais.

Mas poderiam ir, sim. E lá encontrariam o revólver de seu pai. *Por que* não o recolhera, como foi esquecer de uma coisa dessas? Obviamente, ela não havia atingido ninguém, mas a arma tinha sido disparada, saberiam disso, e o fato de estar ao pé da torre bastaria para fazer alguém subir e *examinar* a caixa-d'água.

E Hely, com suas perguntas inconvenientes: estava presa? Havia um guarda na porta? Hely se divertiria muito se ela realmente fosse detida, pensou desconsolada.

Uma idéia horrível lhe ocorreu de repente. E se a polícia estivesse vigiando a Trans Am? O carro se tornara cena de um crime, como na televisão, certo? Os policiais e os fotógrafos montariam guarda em torno do veículo? Embora o carro estivesse estacionado a boa distância da torre, Hely teria o bom senso de evitar as autoridades, se visse a movimentação? Mesmo que o fizesse, conseguiria chegar à torre? Havia os galpões, claro, mais próximos do local onde o carro se encontrava, e provavelmente eles seriam investigados primeiro. Como não achariam nada, acabariam por chegar à torre, certo? Ela se arrependeu de não o ter alertado para tomar cuidado. Se houvesse muita gente por lá, ele não teria opção exceto dar meia-volta e retornar.

No meio da manhã um médico interrompeu suas preocupações. Era o clínico que tratava de Harriet normalmente, que a atendia quando tinha dor de garganta ou amigdalite, mas Harriet não simpatizava com ele. Era jovem, tinha o rosto pesado, inexpressivo, e uma papada prematuramente pesada; sua atitude era rígida e os modos frios e sarcásticos. Chamava-se dr. Breedlove, mas por causa dos preços altos que cobrava Edie o apelidara de “doutor Grana”, nome que rapidamente se espalhou pela cidade. Seu jeito antipático, diziam, o impediam de arranjar um cargo promissor numa cidade maior. Mas ele se mostrava tão distante que Harriet não se sentia obrigada a exibir uma fachada de sorrisos e meiguice, como fazia

com a maioria dos adultos, e por isso, apesar de tudo, acabou aprendendo a respeitá-lo.

O dr. Grana deu a volta na cama dela. Ele e Harriet evitaram trocar olhares, como dois gatos hostis. Examinou-a friamente. Consultou seu prontuário. Depois de um instante perguntou: “Você come muita alface?”.

“Sim”, Harriet disse, embora não fizesse isso.

“Você deixa as folhas de molho em água salgada?”

“Não”, Harriet respondeu assim que percebeu que o *não* era a resposta esperada.

Ele resmungou algo a respeito de disenteria e alface contaminada do México. Após uma pausa meditativa, voltou a pendurar a ficha no pé da cama, estrepitosamente, deu meia-volta e foi embora.

De repente, o telefone tocou. Harriet ignorou o tubo intravenoso no braço e o esticou para pegar o aparelho antes do segundo toque.

“Oi!” Era Hely. Ao fundo, ecos do ginásio. A banda do colegial ensaiava na quadra de basquete, nas cadeiras dobráveis. Harriet escutou um zoológico inteiro de instrumentos sendo afinados. Urros e zumbidos, trinados de clarineta e zurros de trumpete.

“Espere um pouco”, Harriet disse quando ele começou a falar sem parar. “Pare um segundo.” O telefone público no ginásio de esportes da escola, situado numa área de intensa circulação, não era lugar para se travar um diálogo reservado. “Responda apenas sim ou não. Conseguiu pegar?”

“Sim, senhor.” Usava uma voz que não soava como a de James Bond, mas que Harriet reconhecia como sendo a voz de James Bond. “Recuperei o armamento.”

“Jogou onde falei?”

Hely exultou. “Positivo”, respondeu. “Alguma vez já a decepcionei?”

Na pausa curta que se seguiu, Harriet percebeu um ruído no fundo: sussurros e risinhos.

“Hely”, disse, sentando-se assustada, “quem está aí com você?”

“Ninguém”, Hely respondeu depressa demais. Mas ela percebeu a alteração na voz de Hely, como se ele tivesse cutucado alguém com o cotovelo.

Mais murmúrios, outro risinho: *de menina*. A raiva percorreu o corpo de Harriet como uma descarga elétrica.

“Hely”, disse, “acho melhor não deixar ninguém ficar aí perto de você”, falou, apesar dos protestos de Hely. “Escute bem, porque...”

“Ei!” Ele estava *rindo*? “Qual é o seu problema?”

“*Porque*”, Harriet disse, erguendo a voz o quanto ousou, “*suas impressões digitais estão no revólver.*”

Com exceção da banda e dos gritos dos alunos ao fundo, não houve som algum do outro lado da linha.

“Hely?”

Quando ele finalmente falou, sua voz estava trêmula e distante. “Eu... *fora daqui*”, disse, irritado, para quem ria a seu lado. Arrastar de pés. O fone bateu na parede. Hely voltou em seguida.

“Espere um pouco”, disse.

Batida do fone novamente. Harriet esperou. Sussurros nervosos.

“Não, *ocê...*”, alguém disse.

Mais ruído de pés. Harriet esperou. Passadas rápidas, afastando-se. Grito indistinto. Hely, quando voltou, estava sem fôlego.

“Minha nossa”, ele disse num sussurro furioso, “você armou para cima de mim.”

“Para quem você contou?”, ela indagou após uma pausa fria.

“Para ninguém. Quer dizer... só para Greg e Anton. E Jessica.”

*Jessica?*, Harriet pensou. *Jessica Dees?*

“Não esquenta, Harriet.” Ele soava lamuriento. “Não banque a chata. Eu fiz o que você mandou.”

“Não mandei você contar tudo para *Jessica Dees.*”

Hely soltou um suspiro de exasperação.

“A culpa é *sua*. Não deveria ter contado a ninguém. Agora está encrocado, e não posso fazer nada a respeito.”

“Mas...” Hely procurava as palavras. “Isso não é justo!”, disse finalmente. “Não contei para ninguém que foi você!”

“Como assim? O que foi que eu fiz?”

“Sei lá. Qualquer coisa.”

“Por que pensa que fiz alguma coisa?”

“Não vem com essa.”

“Quem foi até a torre com você?”

“Ninguém. Quer dizer...” Hely, desolado, percebeu seu erro tarde demais.

“Ninguém.”

Silêncio.

“Então”, Harriet disse (*Jessica Dees!* Ele ficou maluco?), “é o seu revólver. Não pode nem provar que lhe pedi alguma coisa.”

“Posso, sim!”

“É mesmo? Como?”

“Posso, *sim*”, insistiu por teimosia, mas sem convicção. “E posso mesmo, porque...”

Harriet esperou.

“Porque...”

“Não pode provar droga nenhuma”, Harriet disse. “E suas impressões digitais estão lá, *naquela coisa*. Portanto, acho bom começar a pensar em algo para falar a Jessica, Greg e Anton, se não quiser ir para a prisão e morrer na cadeira elétrica.”

Quando fez a ameaça, Harriet achou que havia confiado demais na credulidade de Hely, mas a julgar pelo silêncio atônito do outro lado da linha, ela fora convincente.

“Sabe, Heal”, disse, com pena do menino, “eu não vou denunciar você.”

“Não vai mesmo?”, ele perguntou, débil.

“Não! Somos apenas nós dois nessa história. Ninguém saberá se você não falar nada.”

“Tem certeza?”

“Claro, basta dizer a Greg e ao resto da turma que você só estava brincando com eles”, Harriet disse, acenando para se despedir da enfermeira Coots, que passava no final de seu turno, enfiando a cabeça pelo vão da porta rapidamente. “Não sei o que contou a eles, mas é só dizer que inventou tudo.”

“E se alguém descobrir?”, Hely disse, desconsolado. “Como é que fica?”

“Quando você foi até a torre, por acaso viu alguém?”

“Não.”

“Viu o carro?”

“Não”, Hely disse, após um momento de hesitação. “Que carro?”

Ótimo, Harriet pensou. Ele evitou a estrada e voltou por trás.

“Que carro, Harriet? Do que você está falando?”

“Nada. Jogou na parte mais funda do rio?”

“Claro. De cima da ponte ferroviária.”

“Isso é ótimo.” Hely correria riscos ao subir lá, mas escolhera um lugar bem deserto. “E ninguém viu? Tem certeza?”

“Não”, ele disse. “Mas podem dragar o rio.” Silêncio. “Minhas digitais.”

Harriet não esclareceu a questão. “Sabe”, disse. Com Hely era preciso repetir exaustivamente a mesma coisa até ele captar o sentido. “Se Jessica e a turma dela não contarem para todo mundo, ninguém sairá procurando nenhum... item.”

Silêncio.

“Então, o que contou a eles exatamente?”

“Não contei a história inteira.”

*Sem dúvida*, Harriet pensou. Hely não conhecia a história inteira.

“Então, o que disse?”

“Foi, basicamente... quer dizer, foi mais ou menos o que saiu no jornal de hoje. A respeito do tiro que Farish Ratliff levou. Eles não disseram

muita coisa, só que o sujeito da carrocinha o encontrou na noite passada, quando procurava um cachorro vira-lata que tinha fugido na direção do ginásio antigo. Bem, deixei de lado a parte da carrocinha. Fiz com que parecesse, bem, você sabe...”

Harriet esperou.

“... um filme de espionagem.”

“Bem, então vamos tornar a história de espionagem melhor ainda”, Harriet sugeriu. “Diga a eles que...”

“Já sei!” Agora ele estava excitado. “Tive uma idéia sensacional. Posso fazer como em *Moscou contra 007*. Sabe a maleta...”

“... que atira e solta gás lacrimogêneo.”

“*Atira e solta gás lacrimogêneo! E o sapato! O sapato!*” Ele falava sobre o sapato do agente Klebb, com uma lâmina embutida na ponta.

“Sei. Isso é legal, Hely, mas...”

“E o soco-inglês de latão, sabe, no Campo de Treinamento, quando ele soca aquele loiro grandão no estômago...”

“Hely, no seu lugar eu evitaria exageros.”

“Nada de exageros. Como se fosse uma história apenas”, Hely sugeriu, animado.

“Certo”, Harriet disse. “Como se fosse uma história.”

“Lawrence Eugene Ratliff?”

O desconhecido deteve Eugene antes que ele chegasse à escada. Era um sujeito grande, cordial, de bigode louro grosso e olhos acinzentados duros, arregalados.

“Aonde vai?”

“Eu...” Eugene olhou para as mãos. Pretendia subir ao quarto da menina mais uma vez, para ver se conseguia arrancar informações dela, mas obviamente não podia revelar isso.

“Importa-se se eu o acompanhar?”

“Claro!” Eugene usou o tom simpático que até o momento não lhe servira de nada naquele dia.

Seus passos ecoavam enquanto percorriam o corredor, passavam pela escada e seguiam até o fim do corredor gelado, aproximando-se da porta que exibia o aviso “Saída”.

Saíram da penumbra anti-séptica para o calor terrível. “Em que posso ajudá-lo?”, Eugene disse, alisando o cabelo para trás com uma das mãos. Sentia-se exausto e tenso depois de passar a noite sentado numa poltrona, e embora estivesse passando muito tempo no hospital ultimamente, o último lugar em que desejava estar agora era sob o sol inclemente da tarde.

O sujeito sentou-se num banco de concreto e com um gesto largo sugeriu que Eugene fizesse o mesmo. “Estou procurando seu irmão Danny.”

Eugene sentou-se a seu lado, mas não disse nada. Já se envolvera o bastante com a lei para saber que a atitude mais sábia — sempre — era não se abrir.

O policial bateu as mãos. “Puxa vida, está quente aqui fora, não está?”, disse. Revirou os bolsos atrás do maço de cigarros e acendeu um, calmamente. “Seu irmão Danny é amigo de um elemento chamado Alphonse de Bienville”, disse, soltando a fumaça pelo canto da boca. “Conhece a figura?”

“Já ouvi falar.” Alphonse era o nome de batismo de Catfish.

“Pelo jeito, sujeito ocupadíssimo.” Depois, em tom de confiança: “Ele anda metido em tudo que acontece por aqui, não é?”.

“Não faço idéia.” Eugene mantinha o mínimo contato possível com Catfish. Os modos irreverentes, descontraídos e indiscretos de Catfish o deixavam profundamente constrangido. Eugene se mantinha calado e tenso na presença dele, sempre se perdia na hora de responder e sentia que Catfish zombava dele pelas costas.

“Onde ele se encaixa no negócio que vocês montaram em casa?”

Eugene sentiu que enrijecia por dentro. Deixou as mãos balançando entre as pernas e tentou manter a postura.

O policial disfarçou um bocejo, depois espreguiçou-se apoiado no encosto do banco. Tinha o hábito irritante de ficar tamborilando com os dedos no estômago, como um homem que acabou de perder peso e quer ter certeza de que a barriga continua pequena.

“Bem, nós já sabemos de tudo, Eugene”, ele disse. “A respeito do esquema que vocês armaram. Temos meia dúzia de policiais na casa de sua avó. Portanto, seja franco comigo e vamos poupar o meu tempo e o seu.”

“Serei honesto com o senhor”, Eugene disse, virando-se para encarar o sujeito. “Não tenho nada a ver com o que ocorria naquele barracão.”

“Então você sabe a respeito do laboratório. Diga onde estão as drogas.”

“Senhor, o senhor sabe mais do que eu, e essa é a pura verdade.”

“Bem, então tem uma coisinha que você vai gostar de saber. Temos um policial ferido lá, por causa de uma das armadilhas espalhadas por ali... Por sorte ele começou a gritar antes que alguém pisasse nas minas e explodisse o lugar todo.”

“Farish tem problemas mentais”, Eugene disse após uma pausa curta, teimosa. O sol batia direto em seus olhos e ele se sentia desconfortável. “Já estive internado.”

“Sei, e também cumpriu pena.”

Ele encarava Eugene com firmeza. “Sei o que está pensando. Entenda uma coisa”, Eugene disse, cruzando e descruzando as pernas seguidamente, “eu tive problemas, admito, mas isso é coisa do passado. Pedi perdão a Deus e paguei minha dívida para com a sociedade. Agora minha vida pertence a Jesus Cristo.”

“Sei, sei.” O policial ficou em silêncio por um momento. “Então me explique uma coisa: onde seu irmão Danny se encaixa nessa história?”

“Ele e Farish saíram juntos de carro ontem de manhã. É tudo o que sei, mais nada.”

“Sua avó disse que eles brigaram.”

“Não diria que brigaram exatamente”, Eugene retrucou, depois de pensar um pouco. Não via razão para tornar as coisas piores do que já estavam para Danny. Se Danny não havia atirado em Farish, teria uma explicação para tudo. Se havia, como Eugene temia, então nada do que Eugene pudesse fazer ou dizer o ajudaria.

“Segundo sua avó, eles quase se atracaram. Danny provocou Farish e o deixou furioso.”

“Não vi nada disso.” Típico de Gum dizer algo do gênero. Farish nunca deixava Gum chegar perto da polícia. Ela era tão parcial em relação aos netos que poderia começar a reclamar de Danny ou de Eugene e acabar denunciando todos, ao mesmo tempo que punha Farish num pedestal.

“Está bem, então.” O policial apagou o cigarro. “Quero deixar uma coisa bem clara, está bem? Estamos tendo uma conversa, não se trata de interrogatório, Eugene. Não pretendo levá-lo à delegacia e detê-lo, a menos que eu tenha um motivo. Fui claro?”

“Sim, senhor”, Eugene disse, desviando rapidamente a vista, após trocar um olhar com o policial. “Sou grato, senhor.”

“Então, aqui entre nós, onde acha que Danny está?”

“Não sei.”

“Pelo que ouvi dizer, vocês eram muito próximos”, o policial insistiu, no mesmo tom confidencial. “Não consigo acreditar que ele foi embora sem lhe dizer nada. Conhece os amigos dele? Contatos fora do estado? Ele não pode ter ido longe assim, a pé. Só se contou com algum tipo de ajuda.”

“O que faz o senhor achar que ele foi embora? Como sabe que ele não está morto ou ferido em algum lugar, como Farish?”

O policial bateu no joelho. “Interessante que tenha mencionado isso, pois Alphonse de Bienville foi detido hoje, para perguntarmos a mesma coisa a ele.”

Eugene ponderou a questão. “Acha que foi Catfish?”

“Como assim?”, o policial perguntou distraidamente.

“Acha que Catfish atirou no meu irmão?”

“Bem.” Por um momento, o policial olhou para o infinito. “Catfish é um empresário dinâmico. Sem dúvida viu a oportunidade de ganhar um dinheiro rápido, tomando conta do negócio de vocês, e pelo jeito pretendia fazer isso mesmo. Mas há um problema, Eugene. Não conseguimos encontrar Danny nem as drogas. E não temos indícios de que Catfish saiba onde estejam. Portanto, voltamos à estaca zero. Por isso contava com uma ajuda sua.”

“Lamento, senhor”, Eugene disse, esfregando a boca. “Não sei como poderia ajudá-lo.”

“Talvez seja o caso de você pensar melhor no assunto, já que estamos falando em homicídio.”

“Homicídio?”, Eugene perguntou, espantado. “Farish está *morto*?” Por um momento, não conseguiu recuperar o fôlego naquele calor. Saíra da área da Terapia Intensiva havia uma hora; deixara Gum e Curtis voltarem sozinhos da lanchonete, depois de tomarem a sopa de legumes e comerem pudim de banana, enquanto ele bebia uma xícara de café.

O policial pareceu surpreso — se a surpresa era verdadeira ou fingida, Eugene não soube dizer.

“Você ainda não sabia?”, perguntou. “Vi que você vinha pelo corredor e pensei...”

Eugene levantou-se e se afastou, dizendo: “Preciso ir lá dentro, ficar com minha avó...”.

“Pode ir, pode ir”, o policial disse, olhando para o outro lado enquanto gesticulava. “Vá em frente, cumpra seu dever.”

Eugene entrou pela porta lateral, parou e esperou um momento. Uma enfermeira que passava atraiu a sua atenção, olhou para ele e balançou a cabeça. De repente, ele começou a correr, fazendo muito barulho com os pés, ultrapassando a enfermeira de olhos arregalados rumo à Terapia Intensiva. Ouviu a voz de Gum antes de vê-la — um lamento seco, agudo,

solitário, que inundou seu coração de dor. Curtis — assustado, sem ar — estava sentado no corredor com um bicho de pelúcia no colo, que não estava lá antes. Uma senhora do Serviço Social, que fora muito gentil quando eles chegaram ao hospital e os levara direto para a Terapia Intensiva, sem burocracia, segurava a mão de Curtis e conversava calmamente com ele. Levantou-se quando viu Eugene. “Pronto, ele chegou”, disse a Curtis. “Não precisa mais se preocupar, querido.” Depois olhou para a porta do outro quarto, dizendo a Eugene: “Sua avó...”.

Eugene foi ao encontro dela de braços abertos. A avó o empurrou e cambaleou pelo corredor, invocando o nome de Farish num tom estranho, agudo, estridente.

A senhora do Serviço Social segurou a manga do dr. Breedlove quando ele estava passando. “Doutor”, disse, apontando para Curtis, que já estava ficando roxo em consequência da dificuldade para respirar. “Ele está sufocando.”

O médico parou por meio segundo e olhou para Curtis. Em seguida, disparou: “Epinefrina”. Uma enfermeira foi providenciar o medicamento. Para outra enfermeira, perguntou, autoritário: “Por que ainda não sedaram a senhora Ratliff?”.

No meio daquela confusão toda — atendentes, injeção no braço de Curtis (“Venha, doçura, com isso você logo vai se sentir melhor”) e um par de enfermeiras que se aproximavam da avó — apareceu o policial novamente.

“Bem”, ele disse, erguendo as palmas das mãos, “faça o que tiver de fazer.”

“Como é?”, Eugene perguntou, olhando em torno.

“Vou esperar você lá fora.” Ele apontou para a saída. “Creio que podemos agilizar tudo se você for até a delegacia comigo. Quando estiver pronto.”

Eugene olhou em volta. Ainda não havia digerido as novidades, era como se estivesse vendo tudo embaçado. A avó se acalmara e seguia pelo

corredor cinza e frio, arrastando os pés, ladeada por duas enfermeiras. Curtis esfregava o braço, e milagrosamente a falta de ar havia passado. Mostrou o bicho de pelúcia a Eugene — um coelho, pelo jeito.

“É meu!”, disse, esfregando os olhos inchados com as costas da mão.

O policial continuava a olhar para Eugene, como se esperasse que ele dissesse alguma coisa.

“Meu irmão menor”, disse, passando a mão pelo rosto. “Ele é retardado. Não posso deixá-lo aqui sozinho.”

“Então leve-o com você”, o policial disse. “Daremos um doce para ele.”

“Querido”, Eugene disse, e quase caiu quando Curtis pulou em cima dele, abraçando-o com força antes de enterrar o rosto úmido na camisa do irmão.

“Amo”, disse com voz entrecortada.

“Eu também amo você, Curtis”, Eugene disse, dando tapinhas desajeitados nas costas dele. “Agora, pare com isso.”

“Eles são uma gracinha, não é?”, o policial disse, indulgente. “Minha irmã tinha um desses, com síndrome de Down. Morreu antes de completar quinze anos, mas nós o amávamos muito, Deus é testemunha. Foi o enterro mais triste da minha vida.”

Eugene emitiu um ruído indistinto. Curtis sofria de inúmeras doenças, algumas muito sérias, e a última coisa em que Eugene queria pensar no momento era nisso. Ele se deu conta de que precisava perguntar a alguém se podia ver o corpo de Farish, passar alguns minutos a sós com ele, fazer uma rápida oração. Farish nunca se importara com seu destino após a morte (nem com seu destino nesta vida, a bem da verdade), mas isso não significava que a graça do perdão lhe tinha sido negada. Afinal de contas, Deus abençoara Farish antes, apesar de tudo. Quando ele deu um tiro na cabeça, após o incidente com a motoniveladora, e os médicos declararam que ele só se mantinha vivo graças aos aparelhos, ele surpreendeu todos ao se levantar feito Lázaro. Quantos homens haviam quase literalmente voltado do mundo dos mortos para se sentar subitamente, no meio dos

aparelhos, e pedir purê de batata? Deus tiraria uma alma da tumba dessa maneira dramática só para condená-la à danação eterna? Se pudesse ver o corpo — com seus próprios olhos — saberia em que condição Farish falecera.

“Quero ver meu irmão antes que o levem daqui”, disse. “Vou procurar o médico.”

O policial balançou a cabeça. Eugene deu meia-volta, mas Curtis — subitamente em pânico — agarrou seu pulso.

“Pode deixá-lo aqui comigo, se quiser”, o policial disse. “Pode deixar que eu tomo conta.”

“Não”, Eugene disse. “Tudo bem. Ele vai comigo.”

O policial olhou para Curtis e balançou a cabeça. “Quando uma coisa dessas acontece, é uma bênção para eles. Não entender nada, quero dizer.”

“Nenhum de nós entende”, Eugene disse.

O remédio que deram a Harriet a deixou sonolenta. Depois de algum tempo, ouviu uma batida na porta: Tatty. “Querida!”, ela gritou, entrando esfuziante. “Como vai minha gracinha?”

Harriet — contente — sentou-se e estendeu os braços. De repente, porém, pensou que estivesse sonhando e que o quarto estava vazio. Tomada pela confusão, esfregou os olhos e tentou disfarçar.

Mas era Tatty mesmo. Ela beijou o rosto de Harriet. “Ela parece ótima, Edith”, disse chorando. “Está alerta.”

“Melhorou bastante”, Edie comentou secamente, colocando um livro sobre a mesa-de-cabeceira de Harriet. “Trouxe isto, achei que lhe faria companhia.”

Harriet recostou o corpo nos travesseiros e ouviu as duas conversarem, suas vozes familiares mescladas numa ininteligível e harmoniosa balbúrdia. Subitamente estava em outro lugar, numa galeria escura, azulada, com uma mobília coberta. Chovia muito.

“Tatty?”, disse, sentando-se no quarto claro. Já era bem mais tarde, naquele dia. O raio de sol na parede oposta se alongara e mudara de posição, descendo até se espalhar no chão, formando uma poça de luz.

Elas haviam partido. Sentia-se atordoada como se tivesse saído da sala escura do cinema na matinê para a claridade ofuscante da tarde. Um livro azul grosso, conhecido, estava sobre a mesa-de-cabeceira: Capitão Scott. Ao vê-lo, animou-se; só para garantir que não estava vendo coisas, estendeu a mão e o tocou. Depois — apesar da dor de cabeça e da tontura — sentou-se na cama com esforço e tentou ler por algum tempo. Enquanto lia, porém, o silêncio do quarto do hospital transformou-se gradualmente numa imobilidade glacial, fantasmagórica. Harriet teve a impressão desagradável de que o livro falava com ela de um modo direto e perturbador. Lia algumas linhas e uma frase se destacava, com seu sentido exacerbado, como se o Capitão Scott se dirigisse a ela diretamente. Tentou, sem sucesso, se convencer de que era absurdo, e logo ficou com tanto medo que teve de deixar o livro de lado.

O dr. Breedlove passou pela porta aberta e parou quando a viu sentada na cama, parecendo assustada e agitada.

“Por que está acordada?”, indagou. Entrou e consultou o prontuário com ar impassível, antes de sair. Em cinco minutos uma enfermeira entrou apressada no quarto com outra seringa hipodérmica na mão.

“Muito bem, vire de costas”, ela disse, rabugenta. Parecia furiosa com Harriet por algum motivo.

Depois que ela saiu, Harriet manteve o rosto pressionado contra o travesseiro. As cobertas eram macias. Os sons se perdiam ao longe, passavam suavemente por sua cabeça. Ela pegou no sono logo, mergulhou no vazio profundo, com a leveza conhecida dos primeiros pesadelos.

“Mas eu não queria chá”, disse uma voz familiar, petulante.

O quarto estava escuro. Havia duas pessoas nele. Uma luz fraca brilhava na auréola atrás da cabeça delas. Depois, para seu desânimo, Harriet ouviu uma voz que não escutava havia muito: a do pai.

“Só tinha chá”, ele retrucou com deferência exagerada, que beirava o sarcasmo. “Além de café e suco.”

“Eu *falei* que você não precisava ir até a lanchonete. Tem uma máquina de Coca no corredor.”

“Não tome, se não quiser.”

Harriet continuou deitada, imóvel, os olhos semicerrados. Sempre que os pais estavam juntos o ambiente se tornava frio, desconfortável, por mais que fossem corteses um com o outro. *Por que vieram aqui?*, ela se perguntou, atarantada. *Preferia que Tatty e Edie tivessem vindo.*

Então, chocada, Harriet se deu conta de que o pai dissera o nome de Danny Ratliff.

“Não foi terrível?”, ele disse. “Só falavam nisso lá na lanchonete.”

“Em quê?”

“Em Danny Ratliff, amigo de Robin, não se lembra dele? Costumava ir lá em casa de vez em quando, brincar no quintal.”

*Amigo?*, Harriet pensou.

Completamente acordada, com o coração disparado de tal modo que só com muito esforço ela evitou a tremedeira, Harriet escutou a conversa de olhos fechados. Ouviu o ruído que o pai fez ao beber um gole de café. Depois, ele prosseguiu: “Foi lá em casa. Depois. Um menino maltrapilho, não se lembra dele? Bateu na porta para dizer que sentia muito não ter ido ao enterro, porque não tinha condução”.

*Isso não é verdade*, Harriet pensou, em pânico. *Eles se odiavam, Ida contou para mim.*

“Ah, claro!”, a mãe respondeu, animada, mas com voz sofrida. “Coitadinho. Eu me lembro dele muito bem. Que coisa horrível, não é?”

“Estranho”, o pai de Harriet disse, suspirando pesadamente. “Parece que foi ontem que ele e Robin brincavam no quintal.”

Harriet ficou rígida de terror.

“Fiquei tão triste”, a mãe de Harriet disse, “quando soube, há algum tempo, que ele andava metido em encrenca.”

“Não surpreende, com uma família daquelas.”

“Bem, nem todos eles são ruins. Encontrei Roy Dial no corredor e ele me falou que um dos irmãos passou aqui para saber de Harriet.”

“É mesmo?” O pai tomou outro gole de café. “E por acaso ele sabia quem ela era?”

“Acho que sim. Provavelmente foi por isso que passou por aqui.”

A conversa enveredou por outros assuntos enquanto Harriet — tomada pelo medo — continuou deitada com a cara no travesseiro, imóvel. Nunca lhe ocorrera que poderia estar errada em suas suspeitas contra Danny Ratliff — totalmente equivocada. E se ele não havia matado Robin, afinal de contas?

Ela não contava com o horror que esse pensamento lhe provocou, como se uma porta tivesse se fechado atrás dela e a deixado trancada. Imediatamente tentou afastar o pensamento da mente. Danny Ratliff era culpado, sabia disso, era um fato; a única explicação que fazia sentido. Ela sabia que Danny cometera o crime, mesmo que mais ninguém soubesse.

Mesmo assim a dúvida voltou inesperadamente, com uma força imensa, e com ela o medo de ter seguido às cegas por um caminho terrível. Tentou se acalmar. Danny Ratliff assassinara Robin; era verdade, só podia ser. Contudo, quando tentava se lembrar exatamente de como descobrira isso as explicações não pareciam mais tão claras quanto antes em sua mente, e lhe escapavam.

Mordeu a bochecha. Por que teve tanta certeza de que havia sido ele? A certa altura, teve total segurança; a explicação *parecia* perfeita, isso era o mais importante. Mas — junto com o gosto horrível em sua boca — um medo novo se aproximou e não mais a abandonaria. Por que tivera tanta certeza? Bem, Ida lhe dissera muitas coisas, mas de repente todos os relatos (as brigas, a bicicleta furtada) não eram mais tão convincentes.

Afinal, Ida também odiava Hely, sem motivo algum. E quando Hely ia brincar em sua casa e eles brigavam, Ida não tomava sempre o partido dela, sem se dar o trabalho de descobrir de quem era a culpa?

Talvez ela tivesse razão. Talvez ele fosse o culpado. Mas como saber com certeza? Nauseada, lembrou-se da mão cerrada para fora da água esverdeada.

*Por que não perguntei?*, ela pensou. *Ele estava bem na minha frente.* Mas ela estava apavorada demais, só pensava em fugir de lá.

“Olhe!”, a mãe de Harriet gritou, levantando-se. “Ela acordou!”

Harriet gelou. Distraíra-se tanto com seus pensamentos que se esquecera de manter os olhos fechados.

“Olhe quem está aqui, Harriet!”

O pai se levantou e foi até a beira da cama. Mesmo no quarto quase escuro Harriet percebeu que ele ganhara muito peso desde que o vira pela última vez.

“Você não vê seu velho pai já faz um bom tempo, não é?”, ele disse. Quando estava de bom humor ele se referia a si como “velho pai”. “Como vai a minha querida?”

Harriet suportou estoicamente o beijo na testa e o beliscão na bochecha — ríspido, dolorido. Era assim a costumeira demonstração de carinho do pai, que Harriet odiava profundamente, pois vinha da mesma mão que costumava esbofeteá-la nos momentos de raiva.

“Está melhor?”, ele perguntou. Fumara charuto, dava para sentir o cheiro. “Você deixou esses médicos todos de quatro, menina!”, ele disse, como se a filha tivesse obtido sucesso nos estudos ou nos esportes.

A mãe de Harriet os rodeava, ansiosa. “Acho que ela não está com vontade de conversar, Dix.”

Vendo o rosto vermelho e gordo do pai, com seus olhos rápidos, observadores, Harriet sentiu uma vontade imensa de perguntar a respeito de Danny Ratliff. Mas teve medo.

“Hã?”, perguntou o pai.

“Eu não disse nada”, Harriet retrucou, e sua voz a surpreendeu, de tão rouca e fraca.

“Não, mas ia dizer”, o pai falou, olhando-a cordialmente. “O que era?”

“Deixe a menina em paz, Dix”, a mãe murmurou.

O pai virou a cabeça rapidamente, sem dizer uma palavra, de um modo que Harriet conhecia muito bem.

“Mas ela está cansada!”

“Eu *sei* que ela está cansada. *Eu* também estou cansado”, o pai de Harriet disse em tom frio e excessivamente educado. “Passei oito horas dirigindo o carro para chegar aqui. E agora não posso nem falar com ela?”

Quando ele finalmente foi embora — as visitas terminavam às nove —, Harriet estava assustada demais para dormir. Ficou sentada na cama, de olhos bem abertos, vigiando a porta, temendo que o pregador retornasse. Uma visita inesperada do pai já era motivo suficiente para deixá-la ansiosa, principalmente com a ameaça recente de mudança para Nashville, mas ele agora era o menor de seus problemas; quem podia dizer o que o pregador seria capaz de fazer, sabendo da morte de Danny Ratliff?

Depois ela pensou no armário de armas e sentiu o peito apertar. O pai não mexia lá todas as vezes que ia para casa. Normalmente, só o abria durante a temporada de caça. Seria muito azar se ele resolvesse mexer lá. Talvez tivesse sido um erro jogar a arma no rio. Se Hely a tivesse escondido no quintal, ela poderia devolvê-la ao armário. Bem, tarde demais.

Ela não imaginou que ele voltasse tão depressa para casa. Mas também ela não havia acertado ninguém com a arma — por algum motivo sempre se esquecia disso — e se Hely estivesse dizendo a verdade, ela estava no fundo do rio a esta altura. Mesmo que o pai abrisse o armário e notasse sua falta, não pensaria que tinha sido ela, certo?

E ainda restava Hely. Ela não lhe contara praticamente nada do que havia acontecido — isso era bom —, mas esperava que ele não pensasse muito nas impressões digitais. Seria capaz de chegar à conclusão de que nada o impedia de delatá-la? Quando compreendesse que era a palavra dela contra a dele, porém, talvez fosse tarde demais.

As pessoas não prestavam atenção, não se importavam, esqueciam depressa. Em pouco tempo qualquer pista que ela tivesse deixado já estaria fria. Foi assim que aconteceu com Robin, certo? As pistas esfriaram. E a idéia sombria de que o assassino de Robin — fosse quem fosse — talvez tivesse pensado a mesma coisa a assustou.

*Mas eu não matei ninguém*, disse a si mesma, olhando para as cobertas. *Ele se afogou sozinho. Eu não podia fazer nada.*

“Como é?”, disse a enfermeira que entrara para conferir o frasco de soro. “Precisa de alguma coisa?”

Harriet sentou-se rigidamente, com os nós dos dedos na boca, olhando para as cobertas brancas, até a enfermeira sair.

Não, ela não havia assassinado ninguém. Mas ele estava morto por sua culpa. E talvez nunca tivesse feito mal algum a Robin.

Pensamentos como esses deixavam Harriet indisposta, e ela se esforçava para pensar em outra coisa. Ela havia feito o que era preciso; bobagem duvidar de si mesma e dos métodos adotados naquela altura. Pensou no pirata Israel Hands flutuando nas águas mornas em torno do *Hispaniola*, e havia algo de um pesadelo esplêndido naqueles rasos heróicos: horror, céus de mentira, delírios. O navio fora perdido; tentara recapturá-lo sozinha. Quase se tornara uma heroína. Mas agora, lamentava, talvez não fosse uma heroína, e sim o oposto.

No final — nos momentos derradeiros, quando os ventos sopravam e fustigavam as paredes da barraca, enquanto uma única vela iluminava aquele continente perdido —, o Capitão Scott narrara num caderno, com dedos entorpecidos, seu fracasso. Sim, ele buscara bravamente o impossível, chegara ao inóspito e inatingido centro do mundo, para nada.

Todos os sonhos haviam fracassado. E ela se deu conta naquele momento de que fora muito triste aquela noite nas geleiras antárticas, com Evans e Tito Oates já perdidos, sob a nevasca gigantesca, com Birdie e o dr. Wilson imóveis nos sacos de dormir, distanciando-se, perdidos nos sonhos com campos verdejantes.

Desanimada, Harriet olhou para o quarto anti-séptico. Sentia um peso enorme nos ombros, uma escuridão. Aprendera coisas que não imaginava que aprenderia, e de certa forma, inesperadamente, entendera a mensagem oculta do Capitão Scott: o sucesso e o malogro eram por vezes a mesma coisa.

Harriet acordou tarde, após um sono atormentado, e viu a bandeja de seu desanimador café-da-manhã: gelatina de frutas, suco de maçã e uma tigela misteriosa de arroz branco cozido. Ela sonhara a noite inteira com o pai parado na beira da cama, opressor, andando de um lado para o outro enquanto brigava com ela por causa de algo que ela havia quebrado, algo que lhe pertencia.

Quando se deu conta de onde estava, sentiu o estômago contraído de medo. Esfregou os olhos, confusa, e sentou-se para pegar a bandeja. Viu Edie na poltrona, ao lado da cama. Ela tomava café — não o da lanchonete do hospital, mas o café que trouxera de casa, na garrafa térmica listada — e lia o jornal matinal.

“Ah, bom que você acordou”, disse. “Sua mãe vai passar aqui logo mais.”

Seus modos eram ríspidos e perfeitamente normais. Harriet tentou afastar a ansiedade. Nada havia mudado desde a noite anterior, certo?

“Precisa tomar seu café-da-manhã”, disse Edie. “Hoje é um grande dia para você, Harriet. Depois que o neurologista a examinar, é possível que receba alta. À tarde.”

Harriet fez um esforço para se recompor. Precisava fingir que estava tudo bem; precisava convencer o neurologista — mesmo às custas de

mentiras — de que não havia nenhum problema. Era vital que permitissem sua volta para casa; precisava concentrar todas as energias em escapar do hospital antes que o pregador voltasse a seu quarto ou que alguém descobrisse o que havia acontecido. O dr. Breedlove mencionara alface contaminada. Ela ia se agarrar a isso, citar o médico se fosse interrogada. Sua salvação seria evitar a qualquer preço que relacionassem sua doença com a torre da caixa-d'água.

Com o máximo de força de vontade, ela afastou os pensamentos ruins e se concentrou na bandeja com o desjejum. Comería o arroz, fingiria que estava tomando café-da-manhã na China. Eis-me aqui, pensou, como Marco Polo, fazendo a refeição matinal com o Kublai Khan. Como não sei usar os pauzinhos, uso o garfo mesmo.

Eddie retomara a leitura do jornal. Harriet olhou de relance para a primeira página — e parou com o garfo a meio caminho da boca. SUSPEITO DE ASSASSINATO ENCONTRADO, dizia a manchete. Na foto, dois homens levantavam pelas axilas um corpo flácido, largado. O cabelo comprido colara nas laterais do rosto branco lívido, que de tão deformado mais parecia uma escultura de cera começando a derreter do que um rosto de verdade: um buraco escuro no lugar da boca, órbitas escuras enormes como as de uma caveira. Apesar de toda a distorção, não havia dúvida: era Danny Ratliff.

Harriet sentou-se na cama, rígida, e virou a cabeça de lado, tentando ler a reportagem. Eddie virou a página e — notando a curiosidade de Harriet e sua cabeça virada — baixou o jornal e disse, agressiva: “Está enjoada? Quer que eu pegue a bacia?”.

“Posso ler o jornal?”

“Claro.” Eddie pegou as histórias em quadrinhos, nas páginas finais, e as entregou a Harriet. E voltou a ler tranqüilamente.

“Estão querendo aumentar os impostos municipais de novo”, comentou. “Não sei o que fazem com tanto dinheiro. Vão começar a construir outra estrada e não terminar nunca, é o que vão fazer de novo.”

Furiosa, Harriet ficou olhando para os quadrinhos, sem vê-los de verdade. SUSPEITO DE ASSASSINATO ENCONTRADO. Se Danny Ratliff era suspeito — foi a palavra usada — isso significava que ele estava vivo, certo?

Fixou novamente os olhos no jornal. Edie o dobrara ao meio, de modo que a primeira página ficou escondida, e passara a fazer as palavras cruzadas.

“Ouvi dizer que Dixon a visitou na noite passada”, ela disse com a frieza que caracterizava sua voz sempre que mencionava o pai de Harriet. “Como foi?”

“Tudo bem.” Harriet — esquecida do café-da-manhã — estava sentada na cama, rígida, tentando ocultar sua agitação. Contudo, sentia que poderia morrer se não visse logo a primeira página do jornal.

*Ele nem sabe meu nome*, tentou se convencer. Pelo menos, achava que ele não sabia. Se o nome da neta tivesse sido mencionado no jornal, Edie não estaria sentada calmamente ali, resolvendo as palavras cruzadas.

*Ele tentou me afogar*, ela pensou. Dificilmente ia sair por aí comentando o caso com tudo mundo.

Finalmente criou coragem e disse: “Edie, quem é o sujeito na primeira página do jornal?”

A fisionomia de Edie não se alterou. Ela virou o jornal. “Ah, esse? Matou alguém. Estava escondido da polícia na velha torre da caixa-d’água e ficou preso lá. Quase morreu afogado. Aposto que ficou contente quando apareceu alguém para salvá-lo.” Ela olhou o jornal por um momento. “Tem um monte de gente dessa família Ratliff que mora do lado de lá do rio”, comentou. “Acho que me lembro de um senhor Ratliff, que trabalhou em Tribulation por algum tempo. Tatty e eu morríamos de medo dele, pois não tinha os dentes da frente.”

“O que fizeram com ele?”, Harriet perguntou.

“Com quem?”

“Com o sujeito da foto.”

“Ele confessou o assassinato do irmão”, disse Edie, retornando às palavras cruzadas. “Já estava sendo procurado por tráfico de drogas. Portanto, suponho que o levaram para a cadeia.”

“Cadeia?” Harriet pensou um pouco. “Disseram isso no jornal?”

“Ah, ele vai sair logo, não se preocupe”, Edie falou, mordaz. “Eles mal botam essa gente na cadeia e já têm de soltar. Por que não toma seu café-da-manhã?”, disse Edie, notando a bandeja intocada no colo de Harriet.

Harriet comeu um pouco de arroz para disfarçar. *Se ele não está morto, então não sou assassina*, pensou. *Não fiz nada. Ou fiz?*

“Isso. Melhor assim. Você precisa se alimentar um pouco antes de fazer os testes ou exames, seja lá o que for”, disse Edie. “Se tirarem sangue, vai ficar tonta.”

Harriet comeu, obediente, com os olhos baixos. Mas sua mente corria de um lado para o outro como um bicho preso na jaula, e de repente um pensamento horrível encheu sua cabeça de medo, a ponto de ela deixar escapar em voz alta: “Ele está doente?”.

“Quem? Ah, o tal rapaz?”, Edie perguntou intrigada, sem tirar os olhos do jornal. “Não acredito nessas histórias de criminosos que ficam *doentes*.”

Alguém bateu subitamente na porta, com força. Harriet pulou na cama, tão assustada que quase derrubou a bandeja.

“Olá, sou o doutor Baxter”, anunciou o homem, estendendo a mão para Edie. Embora fosse jovem — mais moço que o dr. Breedlove —, o cabelo rareava no alto da cabeça; carregava uma maleta médica antiquada que parecia bem pesada. “Sou o neurologista.”

“Ah.” Edie olhou desconfiada para o calçado dele — tênis de corrida, com sola grossa e detalhes em vaqueta azul, como os usados pelos atletas da equipe de atletismo do colegial.

“Estou surpreso, pois aqui não choveu”, o médico disse, abrindo a maleta enorme para apanhar seus instrumentos. “Saí de Jackson de carro de manhã, bem cedo...”

“Bem”, Edie cortou, ríspida, “o senhor é a primeira pessoa por aqui que não nos deixa esperando.” Ela não tirava os olhos do pé dele.

“Quando saí de casa”, o médico prosseguiu, “às seis, havia um alerta de tempestade de trovão na região central do Mississippi. Vocês não acreditariam no quanto chovia por lá.” Ele desenrolou um retângulo de feltro cinza em cima da mesinha de cabeceira, onde posicionou em linha caprichosa uma lanterna, um martelinho prateado e um instrumento preto com mostrador.

“Enfrentei uma tempestade terrível para vir até aqui”, disse. “Houve um momento em que pensei que seria obrigado a voltar para casa.”

“Nossa!”, disse Edie educadamente.

“Por sorte, consegui chegar”, o médico disse. “Nas proximidades de Vaiden a estrada estava tão ruim...”

Ele se virou, observando a expressão de Harriet.

“Meu Deus! Por que está olhando para mim desse jeito? Não vou machucar você.” Ele a estudou por um momento, depois fechou a valise.

“Quer saber?”, disse. “Vou começar fazendo algumas perguntas.” Ele apanhou o prontuário dela no pé da cama e o estudou atentamente. Sua respiração era audível no silêncio reinante.

“Concorda?”, perguntou, olhando para Harriet. “Não tem medo de responder algumas perguntas, tem?”

“Não.”

“Não, *senhor*”, Edie corrigiu, deixando o jornal de lado.

“Ótimo, serão questão muito fáceis”, ele disse, sentando-se na beira da cama. “Você vai torcer para que todas as provas da escola sejam fáceis assim. Qual é seu nome?”

“Harriet Cleve Dufresnes.”

“Certo. Qual sua idade, Harriet?”

“Doze anos e meio.”

“Quando é seu aniversário?”

Ele pediu a Harriet que contasse de dez a um; pediu-lhe que sorrisse e fizesse cara feia; que pusesse a língua para fora; que mantivesse a cabeça firme e acompanhasse seu dedo com os olhos. Harriet seguiu as ordens: mexeu os ombros, tocou o nariz com o dedo, dobrou os joelhos e esticou a perna novamente, sempre mantendo a expressão tranqüila e a respiração pausada.

“Bem, isso é um instrumento para exame do fundo do olho”, o médico disse a Harriet. Ele cheirava a álcool — poderia ser álcool desinfetante, alguma bebida ou mesmo uma loção pós-barba à base de álcool. Harriet não conseguiu distinguir. “Não precisa se preocupar, só vou focalizar uma luz forte no seu nervo ótico, para saber se há alguma pressão em seu cérebro...”

Harriet olhou fixamente para a frente. Um pensamento inquietante veio-lhe à mente: se Danny Ratliff não havia morrido, como impedir Hely de espalhar a história? Quando Hely descobrisse que Danny estava vivo, não daria mais importância às impressões digitais na arma, se sentiria à vontade para fazer o que quisesse, sem medo da cadeira elétrica. E teria vontade de contar o que havia acontecido — disso Harriet tinha certeza. Precisava descobrir um jeito de obrigá-lo a se calar...

O médico não cumpriu a palavra, pois os exames foram se tornando cada vez mais desagradáveis — um palito enfiado na garganta de Harriet, para fazê-la engasgar; cotonete no olho para obrigá-la a piscar; martelada no cotovelo para testar seus reflexos e um alfinete comprido para espetar o corpo dela e testar sua sensibilidade. Edie, de braços cruzados, observava tudo atentamente, plantada ali do lado.

“Você me parece muito jovem para ser médico”, comentou.

O médico não respondeu. Ainda estava entretido com o alfinete. “Sentiu?”, perguntou a Harriet.

Harriet, de olhos fechados, fez caretas quando ele espetou sua testa e depois a face. Pelo menos tinham dado sumiço na arma. Hely não poderia provar que fora até lá apanhá-la por ordem sua. Precisava se convencer

disso. Por piores que as coisas pudessem parecer, ainda seria sua palavra contra a dele.

Mas ele faria inúmeras perguntas. Ia querer saber tudo a respeito — todos os detalhes do que ocorrera na caixa-d'água. O que ela poderia dizer? Que Danny Ratliff escapara, que ela acabou não fazendo o que planejava? Ou pior: que talvez estivesse enganada desde o começo, que não sabia com certeza quem assassinara Robin e que provavelmente jamais saberia?

*Não, pensou com um súbito pânico, isso não basta. Preciso pensar em outra saída.*

“O que foi?”, o médico perguntou. “Machuquei você?”

“Um pouco.”

“Bom sinal”, disse Edie. “Sente dor.”

Talvez — Harriet pensou, olhando para o teto, apertando os lábios com força enquanto o médico passava uma lâmina na sola de seu pé — talvez Danny Ratliff *tivesse* matado Robin. Tudo seria mais fácil nesse caso. Pelo menos, facilitaria o relato a Hely: Danny Ratliff confessara tudo (quem sabe um acidente, ele não tinha a intenção de matá-lo realmente) e pedira perdão a ela. Possibilidades narrativas diversas vicejaram como flores venenosas em torno dela. Poderia alegar que tinha poupado a vida de Danny Ratliff, postando-se acima dele para o gesto largo de misericórdia; poderia dizer que se apiedou do rapaz no final e o deixou lá para que o salvassem.

“Então, não foi assim tão ruim, não é?”, o médico disse, levantando-se.

Harriet perguntou imediatamente: “Agora já posso ir para casa?”.

O médico riu. “Não tão depressa. Preciso conversar com sua avó no corredor por alguns minutos, tudo bem?”

Edie levantou-se. Harriet a ouviu dizer, quando os dois saíam do quarto: “Não é meningite, espero”.

“Não, senhora.”

“Eles lhe contaram a respeito dos vômitos e da diarreia? E da febre?”

Harriet ficou quieta, sentada na cama. Ouvia a conversa do médico no corredor, e embora ansiosa para saber o que diziam a respeito dela, os murmúrios eram tão distantes e baixos que não conseguia ouvir nada. Ficou olhando para as mãos sobre a colcha branca. Danny Ratliff continuava vivo, e embora nunca pudesse ter imaginado isto meia hora atrás, ela estava feliz. Mesmo que significasse que ela falhara, estava contente. Se o que desejava era algo impossível desde o início, pelo menos restava o consolo de que ela, mesmo sabendo que era impossível, tinha seguido em frente e agido.

“Puxa vida”, disse Pem, afastando a cadeira da mesa onde comia uma fatia de torta de creme como café-da-manhã. “Dois dias inteiros preso lá dentro. Coitado. Mesmo tendo assassinado o irmão, foi duro.”

Hely ergueu os olhos e — num esforço quase insuportável — conseguiu ficar de boca fechada.

Pem balançou a cabeça. O cabelo ainda estava molhado do banho. “Ele não sabia nadar. Imagine só. Passar dias inteiros pulando sem parar, tentando manter a cabeça fora d’água. Parece uma história que eu li da Segunda Guerra Mundial, quando um avião foi abatido no Pacífico. Os caras passaram vários dias no mar, e havia *milhões* de tubarões. Ninguém podia dormir, era preciso ficar nadando sem parar, afugentando os tubarões, caso contrário eles atacavam e arrancavam a perna de alguém.” Ele examinou a foto atentamente e deu de ombros. “Coitado. Dois dias inteiros mergulhado naquela água suja, feito um rato num balde. Que lugar mais estúpido para alguém que não sabe nadar se esconder.”

Hely, incapaz de resistir, soltou: “Não foi nada disso que aconteceu”.

“Certo”, disse Pem em tom indulgente. “Até parece que você sabe muita coisa.”

Hely — agitado, mexendo as pernas — esperou que o irmão erguesse os olhos do jornal e fizesse outro comentário.

“Foi Harriet”, ele disse. “Foi ela.”

“Hã?”

“Foi ela. Foi Harriet quem empurrou ele lá dentro.”

Pem o encarou. “Empurrou quem?”, perguntou. “Você quer dizer Danny Ratliff?”

“Isso mesmo. Porque ele matou o irmão dela.”

Pem riu. “Danny Ratliff matou Robin tanto quanto eu”, ele disse, virando a página do jornal. “Estávamos todos na mesma classe, na escola.”

“Foi ele”, Hely insistiu. “Harriet tem provas.”

“É mesmo? Quais?”

“Não sei bem. Muitas coisas. Mas ela pode provar.”

“Claro.”

“Bom”, Hely disse, incapaz de se controlar, “ela o seguiu até lá, depois o perseguiu com uma arma na mão, atirou em Farish Ratliff e obrigou Danny Ratliff a subir até o alto da torre da caixa-d’água e a pular lá dentro.”

Pemberton passou para a página dos quadrinhos no fim do jornal. “Acho que mamãe anda deixando você beber Coca demais.”

“É verdade! Eu juro!”, Hely insistiu, agitado. “Porque...” e se calou, lembrando que não podia contar como sabia de tudo. Olhou para o chão.

“Se ela tinha uma arma”, Pemberton disse, “por que não atirou nos dois e ponto final?” Ele empurrou o prato e olhou para Hely como se o irmão fosse um idiota. “*Como Harriet poderia* obrigar Danny Ratliff, logo ele, a subir na torre? Danny Ratliff é osso duro de roer. Mesmo que ela tivesse uma arma, ele a tomaria em dois segundos. Diacho, ele tomaria uma arma de *mim* em dois segundos. Se pretende contar mentiras, Hely, acho melhor treinar um pouco.”

“Não sei como ela fez”, Hely insistiu, teimoso, olhando para a tigela de cereal matinal, “mas fez. Sei que fez.”

“Leia a reportagem você mesmo”, disse Pem, jogando o jornal para ele. “E veja como você é idiota. Havia drogas escondidas na torre. Os dois

brigaram por causa delas. Encontraram a droga flutuando na água. Por isso eles foram para lá.”

Hely — num esforço gigantesco — permaneceu em silêncio. De repente, desarvorado, percebeu que dissera muito mais do que devia.

“Além disso”, Pemberton falou, “Harriet está internada no hospital. Você sabe disso muito bem, panaca.”

“Bem, e se ela foi até a torre com uma arma?”, Hely disse, furioso. “E se ela brigou com os dois e ficou ferida? E se ela deixou a arma perto da caixa-d’água e pediu que alguém fosse lá...”

“Errado. Harriet foi para o hospital porque ela sofre de epilepsia. *Epilepsia*”, Pemberton disse, batendo com a mão na testa. “Seu burro.”

“Ah, Pem!”, disse a mãe deles na porta. Acabara de secar o cabelo. Usava traje esportivo, para jogar tênis, que mostrava seu bronzeado. “Por que foi contar isso a ele?”

“Eu não sabia que não era para contar”, Pem retrucou, emburrado.

“Eu falei!”

“Desculpa, esqueci.”

Hely, confuso, olhou para os dois.

“É um estigma terrível para uma criança, na escola”, a mãe disse, sentando-se com os dois à mesa. “Será horrível para ela se espalharem. Contudo”, ela disse, pegando o garfo de Pem para comer um pedaço grande da torta que sobrara, “não me surpreendi quando soube, nem seu pai. Explica muitas coisas.”

“O que é epilepsia?”, Hely perguntou, inquieto. “Quer dizer que ela é louca?”

“Não, Minduim”, a mãe apressou-se em dizer, deixando o garfo de lado, “não, não é nada disso. Não fale uma coisa dessas. Quer dizer apenas que ela tem crises de vez em quando. Convulsões. Como...”

“Assim”, disse Pem, imitando um ataque: enrolou a língua, arregalou os olhos e se sacudiu na cadeira.

“Pem! Pare!”

“Allison viu tudo”, Pemberton disse. “Ela falou que durou dez minutos.”

A mãe de Hely — observando a expressão em seu rosto — pegou na mão dele. “Não se preocupe, querido. A epilepsia não é perigosa.”

“A não ser que você esteja dirigindo um carro”, disse Pem. “Ou pilotando um avião.”

A mãe o encarou com severidade — com o máximo de severidade possível, que não era muita.

“Vou para o clube”, disse, levantando-se. “Seu pai disse que vai levá-lo para o ensaio da banda de manhã, Hely. Mas não saia falando a respeito disso com o pessoal da escola. E não se preocupe com Harriet. Ela ficará boa, prometo.”

Assim que a mãe saiu e eles ouviram o carro descer pelo acesso, Pemberton se levantou, foi até a geladeira e começou a vasculhar a prateleira superior. Acabou encontrando o que procurava — uma lata de Sprite.

“Você é um retardado total”, disse, encostado na geladeira, enquanto afastava o cabelo dos olhos. “Só por milagre escapou da classe dos alunos especiais.”

Hely, embora desejasse mais do que tudo no mundo contar a Pemberton a respeito da ida à torre para pegar a arma, ficou de bico fechado e olhou fixamente para a mesa. Telefonaria para Harriet quando voltasse para casa do ensaio da fanfarra. Provavelmente ela não ia poder falar. Mas ele faria perguntas e ela responderia sim ou não.

Pemberton abriu a lata de refrigerante e disse: “Sabe, é constrangedor sair por aí inventando histórias, como você faz. Acha o máximo, mas só faz com que pareça o maior idiota”.

Hely não disse nada. Telefonaria para ela na primeira oportunidade. Se conseguisse uma brecha no ensaio da fanfarra iria até o telefone público e ligaria da escola mesmo. E, assim que ela voltasse para casa e pudessem ficar a sós, no barracão de ferramentas do quintal, ela explicaria a história da arma e como conseguira levar a cabo seu plano — abater Farish Ratliff

a tiros, prender Danny na torre. Ia ser sensacional. A missão terminara, a batalha fora vencida. Ela tinha dado um jeito — impressionante — de fazer exatamente o que havia planejado e se safar no final.

Ele olhou para Pemberton.

“Pode dizer o que quiser”, disse. “Mas ela é um gênio.”

Pem riu. “Claro que é”, disse, dirigindo-se à porta. “Comparada a você.”

## Agradecimentos

Sou grata a Ben Robinson e Allan Slaight pelas informações sobre Houdini e sua vida. Aos drs. Stacey Suecoff e Dwayne Breining por sua pesquisa médica valiosa e abrangente; a Chipp Kid pela atenção extrema e a Matthew Johnson por esclarecer minhas dúvidas a respeito de répteis peçonhentos e carros incrementados do Mississippi. Também gostaria de agradecer a Binky, Gill, Sonny, Bogie, Sheila, Gary, Alexandra, Katie, Holly, Christina, Jenna, Amber, Peter A., Matthew G., Greta, Cheryl, Mark, Bill, Edna, Richard, Jane, Alfred, Marcia, Marshall e Elizabeth, os McGloins, Mamãe e Rebecca, Nannie, Wooster, Alice e Liam, Peter e Stephanie, George e May, Harry e Bruce, Baron e Pongo e Cecil e — acima de tudo — a Neal: eu não teria conseguido sem vocês.



DONNA TARTT nasceu no Mississippi, Estados Unidos. Cursou a Universidade do Mississippi e o Bennington College, em Vermont. Como crítica literária e ensaísta, colaborou com *The New Yorker*, *Harper's* e *The Oxford American*. Aos 28 anos, lançou seu primeiro romance, *A história secreta* (Companhia das Letras, 1995), um sucesso de público e crítica, traduzido em 24 idiomas. A autora vive entre Nova York e Virgínia.

Copyright © 2002 by Donna Tartt  
Tradução publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf,  
uma divisão da Random House, Inc.

*Título original*  
The little friend

*Capa*  
Sílvia Ribeiro

*Foto de capa*  
Kendall McMinimy/Getty Images

*Preparação*  
Maria Cecília Caropreso

*Revisão*  
Otacílio Nunes  
Beatriz de Freitas Moreira

ISBN 978-85-438-0290-9

 Leitura Fácil

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)